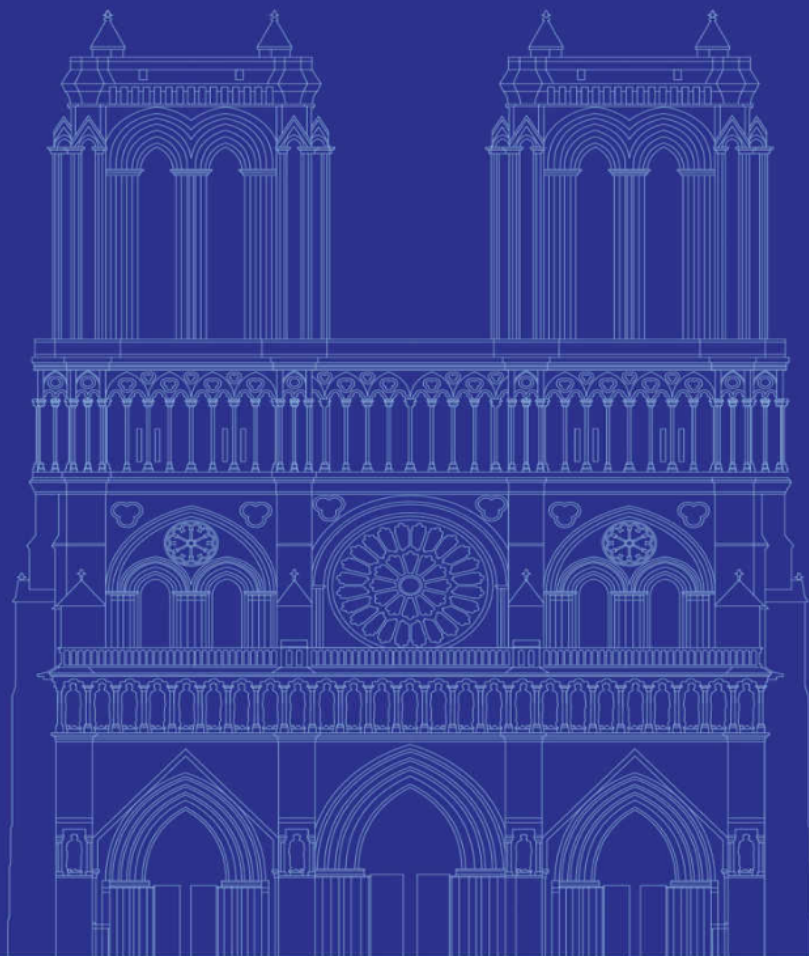




P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

VICTOR HUGO

O corcunda de Notre-Dame

VICTOR
HUGO

O corcunda
de Notre-Dame

Tradução de
EDUARDO BRANDÃO

Prefácio de
JOHN STURROCK



COMPANHIA DAS LETRAS



COMPANHIA DAS LETRAS

O CORCUNDA DE NOTRE-DAME

VICTOR HUGO nasceu em Besançon, na França, em 1802, e passou a infância em Paris. Em 1819, fundou com seus irmãos a revista *Le conservateur Littéraire* e ganhou, no mesmo ano, o concurso da Académie des Jeux Floraux. Aos vinte anos, publicou a reunião de poemas *Odes e poesias diversas*, mas foi o prefácio da peça *Cromwell* que o projetou como o principal nome do romantismo na França. O romance histórico *O corcunda de Notre-Dame* (1831) o levou a ser nomeado membro da Academia Francesa, em 1841. Eleito deputado da Segunda República em 1848, apoiou a candidatura do príncipe Luís Napoleão, porém se exilou quando este chegou ao poder três anos mais tarde, através de um golpe de Estado. Durante o Segundo Império, em oposição a Napoleão, morou em Jersey, Guernsey e Bruxelas. A partir de 1849, Victor Hugo dedicou sua obra à política, à religião e à filosofia. Depois de anos no exílio e de volta à França, foi eleito primeiro para a Assembleia Nacional e, mais tarde, para o Senado. Foi enterrado num caixão humilde no Panthéon, depois de ficar vários dias exposto sob o Arco do Triunfo.

JOHN STURROCK foi escritor, crítico e tradutor. Por mais de vinte anos, fez parte do conselho editorial da *London Review of Books*. É autor de vários livros sobre literatura francesa e latino-americana, estruturalismo e teoria da autobiografia. Foi um dos tradutores da obra de Victor Hugo e Marcel Proust para a Penguin inglesa.

EDUARDO BRANDÃO nasceu no Rio de Janeiro em 1946. Trabalhou como repórter do *Correio da Manhã* entre 1966 e 1968. A partir da década de 1970 dedicou-se à tradução de obras literárias e de ciências humanas (em especial, filosofia e história), assim como de obras voltadas aos leitores infantojuvenis. Traduz principalmente do francês e do espanhol, com predileção pelas literaturas espanhola e hispano-americana contemporâneas. Pela Companhia das Letras traduziu *Amuleto*, 2666, *Putas assassinas*, entre outros livros de Roberto Bolaño; e *Assim começa o mal*, *Os enamoramentos*, *Quando fui mortal*, *O homem sentimental*, *Coração tão branco* e os três volumes de *Seu rosto amanhã*, do madrilenho Javier Marías.

Sumário

Prefácio — John Sturrock

O CORCUNDA DE NOTRE-DAME

Introdução

Nota acrescentada à oitava edição (1832)

LIVRO I

1. A grande sala
2. Pierre Gringoire
3. O senhor cardeal
4. Mestre Jacques Coppenole
5. Quasímodo
6. Esmeralda

LIVRO II

1. De Caribde a Cila
2. A Place de Grève
3. *Besos para golpes*
4. Os inconvenientes de seguir uma mulher bonita à noite pelas ruas
5. Continuação dos inconvenientes
6. A jarra quebrada
7. Uma noite de núpcias

LIVRO III

1. Notre-Dame
2. Paris vista do alto

LIVRO IV

1. As boas almas
2. Claude Frollo
3. *Immanis pecoris custos, immanior ipse*
4. O cachorro e seu dono
5. Continuação de Claude Frollo
6. Impopularidade

LIVRO V

1. *Abbas beati Martini*
2. Isto matará aquilo

LIVRO VI

1. Olhar imparcial sobre a antiga magistratura
2. O buraco dos ratos
3. História de uma torta de levedo de milho
4. Uma lágrima por uma gota d'água
5. Fim da história da torta

LIVRO VII

1. Do perigo de confiar seu segredo a uma cabra
2. Um padre e um filósofo são dois
3. Os sinos
4. Ἀνάγκη
5. Os dois homens vestidos de preto
6. Efeito que seis imprecações ao ar livre podem produzir
7. O monge fantasma
8. Utilidade das janelas que dão para o rio

LIVRO VIII

1. A moeda transformada em folha seca
2. Continuação da moeda transformada em folha seca
3. Fim da moeda transformada em folha seca
4. *Lasciate ogni speranza*
5. A mãe
6. Três corações de homem diferentemente feitos

LIVRO IX

1. Febre
2. Corcunda, caolho, coxo
3. Surdo
4. Argila e cristal
5. A chave da porta vermelha
6. Continuação da chave da porta vermelha

LIVRO X

1. Na Rue des Bernardins, Gringoire tem várias boas ideias seguidas
2. Faça-se marginal
3. Viva a alegria!
4. Um amigo desastrado
5. O retiro onde o sr. Luís da França diz suas orações
6. Espadim a passeio
7. Châteaupers em socorro!

LIVRO XI

1. O sapatinho
2. *La creatura bella bianco vestita* — Dante
3. O casamento de Phoebeus

4. O casamento de Quasímodo

Cronologia

Obras de Victor Hugo

Prefácio

JOHN STURROCK

“Ele comprou um pote de tinta e um enorme xale de tricô cinza, que o cobria dos pés à cabeça, trancafiou as roupas formais para não ficar tentado a sair e entrou no romance como se fosse um presídio. Estava muito triste.” Esse relato encantadoramente doméstico de Victor Hugo que mostra seus preparativos, no outono de 1830, para escrever *O corcunda de Notre-Dame* foi feito por sua esposa, Adèle, que na década de 1860 publicou um livro de memórias de título peculiar (ditado, algumas pessoas insinuam, pelo próprio retratado): *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie* [Victor Hugo recontado por uma testemunha de sua vida]. O comentário sobre a tristeza do marido é um bocado enigmático, pois não era apenas a expectativa da redação que o deprimia: nessa época Hugo também precisava competir pelo afeto da esposa com o escritor e crítico Sainte-Beuve, e em novembro desse ano ele parece ter até oferecido a Adèle, com extrema generosidade, a liberdade de escolher entre os dois. Porém, de uma forma ou de outra, o casamento sobreviveu a essa crise, assim como mais tarde sobreviveu às espetaculares infidelidades dele.

Qualquer que fosse a origem, a tristeza de Hugo passou logo; à medida que o livro começou a progredir, seu otimismo voltou, e Adèle deduziu que o marido estivesse se sentindo melhor ao vê-lo trabalhar com a janela escancarada, protegido do frio outonal pela manta volumosa.

A imagem de Adèle do romancista encarcerado no romance é pitoresca e justificada por dois detalhes da biografia de Hugo: um literário e outro financeiro. Em primeiro lugar, deriva com primor de sua obra de ficção anterior, *O último dia de um condenado*, lançado um ano antes. Trata-se do suposto testemunho de um homem na cela, esperando para ser guilhotinado exatamente na mesma praça de Paris em que Esmeralda é executada em *O corcunda de Notre-Dame*. O livro é escrito como um monólogo e seu objetivo é polêmico, pois a intenção de Hugo era tornar as prisões menos brutais e proscrever a

monstruosidade definitiva da pena capital.

Aqui, então, o prisioneiro é o autor e faz um relato cada vez mais desesperado de suas últimas seis semanas de vida; está ansioso por viver, porém fascinado com sua aniquilação inescapável. Mas a fragilidade do livro está nos deslocamentos que Hugo é forçado a fazer por conta da narração em primeira pessoa, e no fim isso significa que seu herói tem de anotar os pensamentos ao morrer no patíbulo, e por isso deixa o algoz esperando. No tocante à composição de *O corcunda de Notre-Dame*, os termos dessa equação curiosa são invertidos: agora o escritor é o prisioneiro, condenado não à morte, mas a um tempo de reclusão artificial a fim de *não* deixar o editor esperando.

A segunda justificativa da imagem traçada por madame Hugo envolve dinheiro: o manuscrito de *O corcunda de Notre-Dame* estava muito atrasado. Hugo começara a fazer anotações para um romance histórico desse gênero dois anos antes, em 1828, quando leu com afincos os arquivos e os antigos historiadores de Paris — os frutos da pesquisa são incorporados de forma livre e às vezes atabalhoada ao texto do romance finalizado, tornando-o ao mesmo tempo mais convincente como história e menos plausível como ficção. Em novembro de 1828, Hugo vendeu os direitos sobre o primeiro ano do romance ainda não escrito a um editor, Charles Gosselin; o manuscrito seria entregue “por volta de 15 de abril de 1829”.

Mas não foi nesse momento que o autor começou: Hugo logo foi distraído por sua versatilidade incomum como escritor. Mesmo nessa época, quando tinha apenas 26 anos, era autor de uma *œuvre* substancial e variada: poesia lírica, jornalismo literário, duas peças teatrais — sendo o prefácio da primeira, *Cromwell*, o manifesto mais ressoante de um romantismo cabal na literatura francesa — e duas obras de ficção exóticas, *Bug-Jargal* e *Han d'Islande*. O primeiro foi escrito em quinze dias por conta de uma aposta, quando Hugo tinha dezoito anos, e trata-se de uma história agitada do levante negro em San Domingo em 1791; *Han d'Islande*, lançado quando tinha 21 anos, é bem mais característico do Hugo posterior, com ênfase no feroz e no grotesco. Mas o fato de esses dois romances imaturos serem situados um no suntuoso Caribe e o outro na fria Noruega é um indício convincente de que nessa fase Hugo já almejava que sua escrita abarcasse as antinomias do mundo.

Quando devia estar começando *O corcunda de Notre-Dame*, Hugo voltou-se para o teatro e escreveu mais duas peças, *Marion de Lorme* e *Hernani*, ambas dramas históricos que encarnam os conceitos inflexíveis de honra, amor e lealdade. *Marion de Lorme* foi suprimida pela censura, que tinha medo de que o histórico rei da França retratado, Luís XIII, pudesse ser interpretado por plateias atentas como

uma difamação ao desprezado Carlos X. Então Hugo escreveu *Hernani*, peça melancólica em que uma paixão romântica é sufocada pela intolerância da época e das autoridades. Hoje em dia, *Hernani* é celebrada menos por seus méritos dramaturgicos do que por ter sido palco do mais tumultuado dos confrontos públicos entre os clássicos e os românticos de Paris. É indiscutível que a chamada “batalha de *Hernani*” tenha sido um incidente crucial na história estética do século XIX. Aconteceu no próprio teatro, na primeira apresentação da peça, e se perpetuou em jornais, periódicos e críticas. Foi uma espécie de Caso Dreyfus literário, quando o mundo literário tratou de deixar claro se tomava partido do classicismo — defensor do comedimento, do rigor formal e da adesão às convenções predominantes na arte — ou do romantismo — que simbolizava a derrubada desses ideais obsoletos e uma aproximação revigorante da arte com a vida em si. *Hernani* toma o que agora parecem ser liberdades bastante diplomáticas em relação às convenções prevalecentes no drama francês; porém, promovidas de forma agressiva, eram escandalosas o suficiente para polarizar as opiniões e aliciar o apoio turbulento da juventude. Hugo, a quem já se considerava o teórico autorizado de uma ideologia romântica desde o prefácio de *Cromwell*, agora era aclamado por alinhar a prática aos preceitos.

Era compreensível que esses acontecimentos tumultuosos o mantivessem longe do romance planejado. Gosselin, no entanto, investira dinheiro e se tornou insistente. Em junho de 1830, conseguiu que Hugo assinasse um novo contrato: agora, o texto seria entregue até 1º de dezembro daquele ano, e Hugo pagaria a multa de mil francos (um quarto do adiantamento total) para cada semana de atraso. Ele não era rico, tinha quatro filhos e uma esposa no final da gravidez: o incentivo para começar enfim se apresentava.

Ele começou a escrever em 25 de julho, uma escolha de data comicamente desventurada. No dia 27, houve uma revolução nas ruas de Paris, e no dia 28 a esposa deu à luz o quinto filho deles, uma menina, também chamada Adèle. Tanto como pai quanto como pensador político em rápida evolução do monarquismo ultraconservador a uma social-democracia igualitária, Hugo foi distraído pelos acontecimentos. Depois de três dias de insurreição popular — os “três dias gloriosos”, conforme são conhecidos —, Carlos X foi expulso e Luís Filipe, um rei mais constitucional, foi alçado ao trono. Nas palavras de Chateaubriand, que valem ser citadas aqui devido à pertinência, Paris acabara de ver “mais um governo se lançando das torres da Notre-Dame”.

O nascimento de uma filha por si só não bastaria para que Hugo convencesse Gosselin de que precisava prorrogar o prazo, mas uma

revolução, por mais sucinta que fosse, era uma desculpa digna de reflexão. A interrupção fora verdadeira, e a casa de Hugo era tão próxima do combate que as balas atravessavam seu jardim. Hugo renegociou com Gosselin; explicou que perdera anotações essenciais ao transferir seus papéis para um lugar mais seguro e declarou, aproveitando-se da ocasião, que a época era ruim para o cumprimento de contratos literários. “É claro que talvez seja de seu próprio interesse”, disse ao editor, “que o manuscrito não seja entregue tão próximo no tempo da revolução quanto o dia 1º de dezembro.” Tendo ou não contestado esse adiamento ambíguo — é difícil entender por que a mera entrega de um manuscrito seria considerada inoportuna —, Gosselin concedeu mais dois meses a Hugo.

Hugo começou a escrever a sério em 1º de setembro; o romance foi terminado, por incrível que pareça, em 14 ou 15 de janeiro do ano seguinte: um livro de quase 200 mil palavras escrito em quatro meses e meio. Mesmo admitindo-se que as anotações de Hugo estavam prontas e o romance em si já estava esquematizado, foi uma façanha formidável da obstinação. Adèle, que confessa ter um fraco por impor coincidências à cronologia de resto monótona de sua vida conjugal, alega que o romance e a tinta acabaram ao mesmo tempo, e que o enorme manuscrito foi produto de um único pote de tinta. Victor, diz ela, brincava com a ideia de chamar o livro de *O que há em um pote de tinta*.

O corcunda de Notre-Dame foi posto à venda em março de 1831. As resenhas não foram boas, e um ou dois dos companheiros escritores mais exigentes de Hugo foram logo condenando o livro. “Eu cairia em desespero”, declarou Prosper Mérimée, cujos escritos históricos eram muito mais cautelosos do que os de Hugo, “caso fosse esse o tipo de coisa que este século deseja”, enquanto o venerável Goethe reclamava com Eckermann que o romance era muito esquemático e seus personagens pareciam marionetes. Mas o livro fez sucesso com o público, que achava fácil, como sempre achará, engolir as vulgaridades tão repugnantes a gente como Mérimée e Goethe. Nos primeiros dezoito meses depois do lançamento, 3100 exemplares foram vendidos, um bom número, e em 1833 *O corcunda de Notre-Dame* já estava consagrado a ponto de ser invocado pelo grande historiador Michelet, que, assim como Hugo, era muito propenso a enxergar as palavras como contrapeso da alvenaria, e escreveu, em seu *História da França*, que Hugo erigira, “ao lado da antiga catedral, uma catedral tão maciça quanto os alicerces da outra, tão elevada quanto suas torres”.

O corcunda de Notre-Dame foi o livro com que Hugo se tornou famoso na Inglaterra; entre 1833 e 1839, nada menos do que quatro

traduções do livro foram lançadas, sem dúvida uma evidência da popularidade do romance, mas também da desorganização do mercado editorial local. Mesmo antes de ser traduzido pela primeira vez, os leitores britânicos ficaram sabendo de seu sucesso na França, e em 1831, na *Foreign Quarterly Review*, Henry Southern declarou que ao lê-lo a pessoa não ficava “como nos escritos de nosso Horace Smith [cujos romances são uma imitação ruim dos de Scott], subjugado por aglomerados de sabedoria popular tosca e não digerida”, e concluiu, num dos recorrentes e incríveis lugares-comuns do jornalismo literário, que o livro “agradaria ao apetite partilhado pelo nobre e pelo camponês”.

A primeira versão inglesa foi feita por William Hazlitt e publicada em agosto de 1833. Hazlitt, um liberal atuante e inflexível, também escreveu uma introdução enfatizando o antimonarquismo do romance, revelado pelo retrato nada lisonjeiro do malicioso rei Luís XI, e tentou alistar Hugo como membro estrangeiro de sua facção política. Uma segunda tradução foi lançada em outubro, dessa vez sob título pelo qual é geralmente conhecido em outros idiomas que não o francês.¹

No final dos anos 1830 e nas décadas seguintes, Hugo sofreu uma espécie de decadência na Inglaterra à medida que suas crenças sociais e políticas iam se aproximando de um socialismo expresso abertamente — e apesar de ter passado grande parte de seus anos de exílio de Paris, durante o Segundo Império de Luís Napoleão, nas ilhas do Canal. O romancista emergira como um radical afluente subversivo. Nesse romance inicial, a filosofia de Hugo é hesitante ou incompleta; na época de seu mais longo, mais majestoso e melhor romance, *Os miseráveis* (1862), ela já atingira certa paridade com os elementos narrativos, e portanto a história de regeneração, apesar dos muitos obstáculos, do ex-presidiário Jean Valjean é ao mesmo tempo um acontecimento individual, social e até mesmo cósmico, ilustrando as esperanças indomáveis de Hugo para o futuro da raça humana.

Ao final do século XIX, a popularidade de Hugo, quiçá restaurada por sua morte em 1885, era de novo surpreendente. Segundo o diligente K. W. Hooker, em *The Fortunes of Victor Hugo in England* (Nova York, 1938), nada menos do que 36 edições diferentes de *O corcunda de Notre-Dame* foram lançadas na Inglaterra entre 1885 e 1915. Hugo encontrara alguns defensores imponentes dentre os escritores ingleses: Swinburne fazia lisonjas a seus romances, assim como Robert Louis Stevenson, enquanto Kipling, escrevendo muito depois em *Souvenirs of France* a respeito de sua primeira visita a Paris quando criança, em 1878, recorda: “Descobri por minha própria conta a Notre-Dame de Quasímodo. (Acreditava profundamente na fantasmagoria de *O corcunda de Notre-Dame*, inclusive em Esmeralda e sua Djali.)”.

Ao longo de todos esses anos, era razoável que Hugo, cujos romances eram agradáveis e acessíveis, fosse visto no exterior como o romancista francês do século XIX. É no século XX, com a demanda de mais seriedade intelectual e poder de inovação, que ele recua ao segundo escalão dos romancistas franceses, embora continuasse a ser admirado, ainda que muitas vezes de má vontade, como o maior dos poetas líricos do país. Hoje em dia, Stendhal, Balzac e Flaubert é que são considerados, com razão, os romancistas mais importantes, enquanto Hugo, assim como Dickens em certos setores, sofre por ter obviamente escrito para uma audiência popular. Porém, sem sua escrita não haveria “fantasmagoria”, para usar o termo perspicaz de Kipling, e a “fantasmagoria” de *O corcunda de Notre-Dame* ainda permanece forte.

O corcunda de Notre-Dame, desnecessário dizer, é um romance histórico: a ação se passa em 1482, ano anterior à morte de Luís XI da França. Mas de que *tipo* de romance histórico se trata? Sob diversos aspectos, é espantosamente moderno, pois a história que contém é assimilada com mais facilidade pela historiografia contemporânea do que pela historiografia da época de Hugo. Ao contrário da maioria dos romances históricos, inclusive os mais modernos, *O corcunda de Notre-Dame* tem pouco a ver com os acontecimentos mais ruidosos da história documentada, com batalhas, tratados e rixas de dinastias. Aliás, Hugo vai logo nos dizendo, já na segunda frase do romance, que o dia do passado ao qual somos transportados — e ele o data, 6 de janeiro de 1482 — “não é um dia do qual a história tenha guardado lembrança”.

Como romancista, portanto, Hugo não pretende competir com historiadores na interpretação dos grandes acontecimentos ou da possível motivação de figuras históricas; está interessado no que a França ultimamente passou a chamar de “história das mentalidades”, ou o estado de espírito da população em determinado momento histórico. O subtítulo do romance é apenas “1482”, e o desejo de Hugo é nos dar uma noção convincente de como talvez fosse o cotidiano de diversas classes de parisienses naquele ano. Assim, a história de *O corcunda de Notre-Dame* é difusa, revelada em atitudes e tendências representativas: a superstição do populacho, a hierarquia dos mendicantes sem lei, o movimento rumo a uma administração centralizada, a inconstância da justiça etc.; e revelada também no cenário primorosamente reconstruído da vida, seus edifícios, instituições e ritos. A única intervenção de uma história mais ortodoxa é a presença em Paris de emissários flamengos, enviados para tratar

das condições matrimoniais entre o delfim da França e Margarida de Flandres, filha da casa imperial da Áustria. O casamento foi arranjado, mas por fim abandonado alguns anos depois, e mesmo aqui Hugo explora, em vez de apenas registrar os poucos fatos indubitáveis, tais como os nomes dos emissários, Guillaume Rym e Jacques Coppenole, divulgados na mais conhecida das fontes primárias sobre essa época, as *Memórias* de Philippe de Comines; Hugo transforma o antiquado Coppenole num símbolo precoce da social-democracia e da futura eliminação do princípio monárquico da França.

As peculiaridades de *O corcunda de Notre-Dame* ficam nítidas quando a obra é comparada, como se recomenda fazer, a um romance histórico de pouco antes, também ambientado na França do reinado de Luís XI, *Quentin Durward*, de Sir Walter Scott. Sabemos que, como romancista, o impacto de Scott na Europa foi imenso; era considerado, acima de tudo, como o primeiro romancista histórico a ter documentado com inteligência as épocas sobre as quais escrevia e o primeiro a fazer o passado parecer mais exótico do que um mero protótipo do presente. *Quentin Durward* é a história de um jovem escocês inexperiente que chega à França para participar do renomado corpo de arqueiros escoceses do rei. Acaba conquistando a glória e uma noiva aristocrata a serviço da Coroa. A carreira de Durward é intimamente associada à beligerância e às maquinações de Luís XI, bem como ao principal conflito territorial de seu reinado, contra o duque de Borgonha; a história de Scott é de um tipo mais público e agitado do que a de Hugo.

Pois Hugo conhecia bem o romance de Scott, depois de resenhá-lo com certa minúcia quando uma tradução francesa foi publicada em 1823 (feita, curiosamente, pela esposa de Gosselin, o futuro editor de *O corcunda de Notre-Dame*; mais tarde, a tradutora diria ter achado o romance de Hugo inferior ao de Scott). Muito da admiração que Hugo dedica à obra de Scott é do tipo convencional: ele se impressiona com a habilidade de Scott em lidar com igual competência tanto com as classes mais baixas quanto com as mais altas, com “os trapos dos mendicantes e os mantos do rei”, e com a “exatidão ínfima de sua crônica”, uma expressão exagerada que refuta em seguida, listando alguns dos erros históricos mais gritantes do autor escocês. Num gesto cruel, pode-se pensar, também reclama da escolha de Luís XI como rei adequado a um romance, algo que atribui à obtusidade ou à malícia “da Musa Inglesa”.

No entanto, o trecho mais relevante da resenha — um texto muito maduro e seguro para um crítico de apenas 21 anos — é quando Hugo critica Scott pela falta de colorido e ambição, e por negligenciar totalmente o lirismo do passado. Ele mesmo tinha uma noção

diferente e superior acerca das possibilidades da ficção histórica:

Depois do romance pitoresco porém prosaico de Walter Scott, um romance diferente ainda está por ser criado, mais belo e completo aos nossos olhos. É o romance, ao mesmo tempo drama e épico, pitoresco mas poético, real mas ideal, verdadeiro mas grandioso, que encaixará Walter Scott em Homero.

Essa expectativa de tirar o fôlego é condizente com a propaganda que mais tarde Hugo faria do romantismo, e é tão justo como sensato aplicar seus termos à avaliação do próprio *O corcunda de Notre-Dame*. Por mais jovem que fosse em 1823, Hugo sabia que seu desejo era fazer não o mesmo que Scott; e sim *mais*; ele queria incluir num romance histórico elementos que Scott omitira, talvez por relutância, talvez por ignorância. Do mesmo modo, a essência do romantismo de Hugo, assim como a essência de tantos movimentos estéticos reformistas, era a transcendência das convenções artísticas excludentes demais. O romantismo é crítico ao classicismo porque o considera rígido e inadequado em sua representação do mundo; o romantismo exige e tenta propiciar um realismo mais abrangente, mais solto.

Tendo em vista a indisciplina de certos escritos românticos, e os enredos febrilmente operísticos como o de *O corcunda de Notre-Dame*, talvez pareça excêntrico argumentar que as convenções românticas são mais realistas do que as convenções que elas substituíram. Mas é preciso lembrar que realismo não é realidade, é apenas o grau de verossimilhança que os leitores acham aceitável em determinada literatura em determinada época. Comparações com o que de fato acontece na vida não vêm ao caso; as únicas comparações que valem a pena são com as convenções anteriores e as expectativas do público contemporâneo.

Para Hugo, portanto, o romantismo acarreta a expansão da literatura no tocante ao que pode ou não abordar, bem como sua libertação de limites formais e linguísticos obsoletos. Eram poucos os temas, gêneros e estilos que ele se sentia incapaz de praticar. Escreveu em grande quantidade e gostava dos assuntos mais abrangentes: Deus, Satã, Napoleão, Shakespeare, natureza, humanidade, a cidade, guerra, revolução, o oceano. A trama de um romance como *O corcunda de Notre-Dame* é, em certa medida, elaborada para demonstrar sua enorme gama de interesses e habilidades; ele se ocupa de todas as classes sociais: realeza, aristocracia, burgueses, estudantes, clérigos, as classes mais baixas; descreve o interior e o exterior dos edifícios, e prédios de tamanhos e funções diferentes; e como que para desmentir as restrições de um cenário urbano, a certa altura expulsa, de Paris

para a zona rural, o arquiidiácono demente Frollo a fim de mostrar que é tão apto a escrever sobre a natureza quanto sobre cenários urbanos. Muito já foi dito sobre o amor de Hugo à antítese — ricos contra pobres, luz contra trevas, bem contra mal —, mas as antíteses em si são um modo de atingir a completude, pois é entre os extremos, nos cabe supor, que jaz o conjunto da humanidade.

Essa busca por tamanho e completude é o aspecto homérico de Hugo, e é amparada por sua técnica de enumeração, seu pendor para digressões enciclopédicas. Hugo quase não nos poupa de seu conhecimento de mundo especialmente acumulado e seus conteúdos; a vontade de esclarecer é forte. Depois que toca num assunto — assim como faz com a arquitetura em *O corcunda de Notre-Dame* —, gosta de escrever sobre ele da forma mais extensa possível; nesse caso, um histórico envasado, dialético, da arquitetura do passado e do presente, do Oriente e do Ocidente. Em outros romances, esses interlúdios pedagógicos são ainda mais volumosos, incluindo uma visão onisciente da batalha de Waterloo em *Os miseráveis* e uma aula de história natural a respeito do polvo em *Os trabalhadores do mar*.

Entretanto, as proporções de épico não são atingidas pelo simples acúmulo, e precisamos observar outros pontos para especificar o que confere a *O corcunda de Notre-Dame* uma dimensão que falta a um romance como *Quentin Durward*. Sem dúvida, são as ideias que Hugo explora no romance ou, para usar um termo mais prestigioso, sua ideologia. Hugo não era um intelectual e nunca foi confundido com um, pois carecia do distanciamento e da delicadeza que hoje associamos ao título. Mas era um homem de muitas ideias e convicções, e ansiava por impô-las ao máximo de pessoas possível. Vale a pena, portanto, deslindar o que não é sempre óbvio em *O corcunda de Notre-Dame*: o aglomerado de princípios sociais e literários que estão em jogo no romance.

Os primeiros leitores do romance parecem não ter reparado neles, hipnotizados que deviam estar com as fantasias sentimentais do enredo. Hugo se irritou com a cegueira: na introdução que escreveu para a suposta edição “definitiva” de 1832 — um documento esplendidamente pragmático que está nas páginas 35-40 desta tradução —, ele manifesta sua gratidão bastante melancólica aos leitores perspicazes do romance que se deram ao trabalho de buscar algo mais profundo do que a história e, portanto, entenderam que o objetivo de *O corcunda de Notre-Dame* era ser mais do que um divertimento. Algumas das ideias de Hugo são fáceis de achar no texto, e são formuladas de modo franco e detalhado; outras são mais obscuras ou até mesmo tácitas.

Dado o título do romance, o breve registro de suas ideias deve ser

iniciado, é lógico, pela arquitetura. *O corcunda de Notre-Dame* é um livro escrito em louvor, e em certa medida imitação, do estilo de arquitetura gótico. Era um estilo que havia tempos vivia sob uma bruma na França e que precisou do romantismo para se salvar. Hugo não foi o primeiro escritor francês a fazer campanha a favor do gótico; Charles Nodier e Madame de Staël já o defendiam. Contudo, mesmo no final da adolescência ele já tinha consciência da injustiça e parcialidade das preferências arquitetônicas correntes, capazes de aceitar o estilo românico que precedera o gótico e enaltecer o neutro classicismo que por fim o sucedera, mas que só tinham desdém pelo que consideravam a desordem e estranheza do gótico.

O corcunda de Notre-Dame, portanto, pretende em certa medida ser a redenção de uma arquitetura ofuscada. Hugo a redime não apenas com seus aplausos e a atenção que dedica a seus méritos visíveis, mas também ao associá-la ao espírito romântico da época, ao movimento agradável da mente contemporânea rumo a uma maior flexibilidade de pensamento. O estilo gótico, para Hugo, é o do populismo, da aspiração e do capricho. Ele o compara, sempre que possível, ao estilo que o antecedeu no noroeste da Europa, o românico. Hugo julga que o românico, cuja característica definidora é a abóbada redonda, foi um estilo hierárquico e dogmático, a imposição de uma casta superior a uma sociedade imóvel. O gótico, em que a abóbada redonda é substituída por abóbadas pontiagudas ou ogivais, é, pelo contrário, um estilo mais livre, que incentiva a autonomia e a discordância de autoridades.

É também uma arquitetura de eixos verticais em vez de horizontais. Hugo, nas palavras de Nodier, foi logo tomado pela “ogiva maligna” e ao longo de *O corcunda de Notre-Dame* ele dá ênfase aos aspectos pontudos, ascendentes, da arquitetura gótica — os pináculos, campanários, escadarias e lancetas —, bem como à altura da catedral em si. A presença generalizada do gótico forma um consórcio perfeito com a filosofia humanista de Hugo, já que ele considerava a humanidade empenhada numa ascensão longa mas inevitavelmente triunfante da ignorância e do crime rumo a um harmonioso estado de graça na Terra. Hugo prezava o lado arranha-céu do gótico por representar a abertura da mente dos homens a esperanças que lhes foram negadas pela autocracia que ele vê nas entrelinhas do românico, e a catedral de Notre-Dame, iniciada na época românica e terminada na época gótica, é apresentada, de maneira muito razoável, como um monumento à transição de um estilo ao outro e assim, acima de tudo, da transição de um enfoque ao outro. É um empobrecimento do romance supor que o interesse de Hugo pela arquitetura fosse apenas de conhecedor ou antiquário; é preciso ter em mente que ele

interpreta a arquitetura como sinal de uma mudança ideológica bem maior.

Existe algo além do gótico que ele estima e do qual tira proveito: o espaço que concede ao grotesco, como nas gárgulas da catedral de Notre-Dame. Hugo tinha grande solidariedade por uma forma de arte que executara parte de seu próprio plano romântico ao reconhecer que a realidade era composta tanto do belo como do feio e dar ao feio ao menos um papel simbólico para desempenhar no conjunto harmonioso. Isso iria ampliar a arte e ao mesmo tempo popularizá-la, pois Hugo claramente tem razão ao defender que a inclusão de tais motivos é um golpe contra o elitismo dos estilos clássicos.

É aqui que nos deparamos com o paralelo mais significativo de *O corcunda de Notre-Dame*, entre o inanimado e o animado, pois é óbvio que a justaposição arquitetônica da bela e da fera, da rosácea, digamos, com a bica d'água sorridente, é repetida no intercâmbio do romance entre a bela cigana, Esmeralda, e o horrível sineiro, Quasímodo. Hugo se empenha em identificar Quasímodo com o edifício no qual fora recebido como enjeitado e o estabelece como o gênio que o preside. Quasímodo tem seu espaço ali não a despeito de sua deformação física, mas por causa dela, e sua função profissional de tocar os sinos o transforma no agente de sua harmonia.

Quasímodo, assim como todos os personagens principais de Hugo, como o bandido Hernani, ou o ex-presidiário Valjean, ou o marinheiro apaixonado Gillian em *Trabalhadores do mar*, é rejeitado pela sociedade, característica típica dos heróis românticos. Mas Quasímodo é rejeitado pela aparência repugnante; é um pária estético, não político ou psicológico. Sem desejar desmaterializá-lo num símbolo, pode-se dizer que é um apelo a uma estética mais evoluída, capaz de primeiro encontrar espaço para a deformidade e depois prosperar a partir dela. Quasímodo tem aspirações em relação à beleza convencional de Esmeralda e à catedral onde vive, que consegue escalar com agilidade anormal — aptidão que compartilha com Jean Valjean de *Os miseráveis*, que também consegue fazer escaladas ascendentes (jamais descendentes) com uma facilidade desumana; ele é uma alma ignorante munida por Hugo de instintos que são uma promessa de suprema reconciliação social. Tal reconciliação inexistente em *O corcunda de Notre-Dame* porque, ao escrever o romance, as ideias sociais de Hugo ainda não estavam plenamente desenvolvidas; em *Os miseráveis*, a reconciliação entre Valjean e a sociedade é total, até mesmo eufórica.

Mas antes de abordar as posturas políticas e sociais que Hugo insere em *O corcunda de Notre-Dame*, é preciso realçar um último ponto a respeito das questões arquitetônicas do romance, porque,

como a introdução de 1832 deixa bem claro, trata-se de um episódio da campanha de longa data de Hugo contra o vandalismo de seus contemporâneos. Já afirmei que antes de os românticos o defenderem, o estilo gótico estava sob uma bruma, o que seria inofensivo caso essa fosse a história toda; porém, não raro estava sob o risco ainda pior de deterioração, demolição ou restauração filisteia. O espírito gótico precisava ser protegido não só no sentido abstrato, mas também em sua essência, e algumas das polêmicas mais venenosas de Hugo eram dirigidas a seus inimigos — via de regra, assim como hoje, as autoridades municipais. Em suas primeiras viagens pela França, se deparou com exemplos atrozes de edifícios do período gótico e de épocas anteriores sob ameaça, e acabou resumindo seu profundo ressentimento contra a França pela negligência em relação à sua antiga arquitetura num livreto a que deu o nome furioso de *Guerra aos demolidores!* Foi publicado não muito depois de *O corcunda de Notre-Dame*, embora grande parte dele tenha sido escrita anos antes. É uma das atuações mais galhofeiras de Hugo, que ataca os vereadores de Laon, no nordeste da França, os quais falavam em derrubar uma famosa torre nessa cidade ancestral. A prosa de Hugo nesses momentos é de uma agressividade e hostilidade que vale a citação:

Foi necessário o século XIX, as maravilhas do progresso! Uma pena de ganso, arrastada mais ou menos ao acaso numa folha de papel por alguns homens infinitamente insignificantes! A pena infeliz de uma câmara municipal de quinta categoria! Uma pena que aos trancos e barrancos traça os ditames idiotas de um conselho rústico! A pena imperceptível da assembleia liliputiana! Uma pena que comete erros de francês!...

E assim por diante, páginas e páginas de vitupérios.

É bem verdade que a torre caiu, mas a verve de Hugo não foi de todo desperdiçada, pois era nítido que ajudara a alertar pessoas inteligentes para a negligência e a destruição de muitas obras arquitetônicas preciosas. Em 1830, o novo primeiro-ministro, Guizot, formou uma Comissão Histórica das Artes e Monumentos, e Hugo foi membro dela de 1838 a 1848. Mais tarde, Baudelaire escreveu que “foi sua vigorosa instigação que, pelas mãos de arquitetos eruditos e entusiásticos, restaurou nossas catedrais e consolidou nossas antigas memórias de pedra”. A última parte teria agradado Hugo mais do que tudo, coincidente que é com sua defesa notável da arquitetura em *O corcunda de Notre-Dame* como forma de escrita adequada às épocas anteriores à invenção da prensa, e como repositório mais majestoso e

permanente da memória nacional.

As ideias sociais e políticas contidas em *O corcunda de Notre-Dame* eram bastante novas para Hugo na época em que redigiu o romance. No começo da década de 1820, ele era monarquista radical e católico ortodoxo, e a primeira revista literária que fundou, junto com os irmãos, se chamava *Le Conservateur Littéraire*. Mas em setembro de 1830, depois da derrubada de Carlos X, no momento em que começava a escrever *O corcunda de Notre-Dame*, ele registrou em seu diário a própria mudança de opinião política: “Nos últimos dez anos, minha antiga convicção monarquista e católica de 1820 se despedaçou em face da idade e da experiência”. Estava em vias de se tornar tão radical na política quanto era havia anos nas artes, no que ainda hoje parece ser uma compreensão progressista de que os estilos artísticos refletem escolhas sociais e políticas e de que o artista revolucionário é instado a ser um revolucionário tout court.

Pode-se observar que a crença de Hugo na democracia ganha força em *O corcunda de Notre-Dame*, amparada passim por sua adesão a uma arquitetura valiosa pelo populismo. Associa-se sobretudo à figura do comerciante flamengo, Coppenole, um estranho ameaçador e inconveniente à sociedade feudal que Hugo retrata. Coppenole é agressivamente plebeu e muito estimado por seu igualitarismo pelas plebes acovardadas que o testemunham. Coppenole, como seria previsível, é o mestre de cerimônias do grande manifesto cultural popular do romance: o concurso de caretas, espetáculo que faz muito mais sucesso do que o drama popular clássico de Pierre Gringoire. A careta é subversiva tanto do ponto de vista artístico, por ser uma ofensa romântica a uma tradição morta, como social, já que provoca o afastamento ofensivo do representante real na peça teatral, o cardeal de Bourbon. Portanto, não é nenhuma grande surpresa quando, bem mais adiante no livro, o sincero Coppenole avisa ao rei da França que chegará a hora em que o povo governará o país, uma advertência feita, com visível ironia, na Bastilha, cuja invasão em 1789 sempre foi considerada o verdadeiro símbolo da Revolução Francesa.

Hugo se permitiu essa profecia pelo bom motivo de que acreditava na *inevitabilidade* da democracia, seguro de que, quando seu ideal benevolente fosse implantado na mente de um bom número de pessoas, nada poderia impedir sua consumação. Para ele, a Revolução Francesa foi o pivô da história da humanidade, um acontecimento telúrico que podia ser lamentado nos detalhes, mas só seria aceito na íntegra porque era inevitável. “A Revolução”, escreveu em *Noventa e três*, seu último romance, “é uma forma daquele fenômeno imanente que se infiltra em nós vindo de todos os lados e a que chamamos de Necessidade.” Em *O corcunda de Notre-Dame*, embora ainda faltassem

trezentos anos para a Revolução, Luís XI também é mostrado como conivente com aquele acontecimento distante. Suas tentativas de acabar com o poder dos aristocratas feudais e centralizar o governo da França nas próprias mãos são apresentadas por Hugo como a primeira etapa do processo que continuaria com Richelieu no século XVII e terminaria com Mirabeau no fim do século XVIII. Hugo sempre foi um homem com visão de longo alcance, ciente das relações humanas, e os elementos históricos de *O corcunda de Notre-Dame* foram talhados à altura.

O que necessariamente falta ao romance é o principal agente de melhoria social: o esclarecimento. Em vez da mudança política, Hugo acreditava que o mundo seria salvo pela regeneração social, e que essa regeneração só poderia acontecer por meio da educação das massas. Sua fé na educação era bastante utópica. Em seu diário de 1830 — intitulado *Diário de um revolucionário de 1830* —, ele lança um olhar radiante para o dia “[...] em que as sombras enfim desapareçam em todos os lugares, em que todas as cabeças estejam à luz, em que todo mundo governe todo mundo”. Se há uma escolha política subjacente a essa visão dourada, só pode ser o anarquismo, e Hugo volta e meia parece ter partilhado da fé intrigante dos anarquistas de que o fim da ignorância significa o fim dos conflitos sociais.

Em *O corcunda de Notre-Dame*, a luta entre trevas e luz é em grande medida um elemento pictórico, uma amostra do claro-escuro a que Hugo se entrega em cenas como a do ataque noturno à catedral, com seu jogo de preto retinto, das tochas dos mendigos e da fogueira sublime de Quasímodo. Nesse particular, *O corcunda de Notre-Dame* é uma obra de iniciante, a ser corrigida em *Os miseráveis*, em que Valjean troca a noite pelo dia depois de um encontro com um bispo heroicamente altruísta. Valjean, um ex-presidiário, rouba o único objeto valioso do bispo, seus castiçais, mas é salvo de mais uma sentença bárbara no casco do navio quando o bispo dá o testemunho mentiroso de que os castiçais foram um presente seu a Valjean. O simbolismo é facilmente compreensível: o que foi transmitido de um ao outro foi a dádiva preciosa da iluminação. Esse simbolismo é prenunciado em *O corcunda de Notre-Dame* no relato lírico que o arquidiácono Claude Frollo faz de suas experiências com a filosofia hermética. Mas assim como Frollo está condenado apesar de seus feitos intelectuais, as criaturas das trevas, as hierarquias sórdidas do Pátio dos Milagres, são brutalizadas de tal modo que fica impossível voltar atrás. Ainda assim, são apenas ignorantes, não maldosos; para Hugo, as criaturas das trevas são criminosas, isto é, antissociais, portanto sua futura reconciliação com a sociedade pode ser facilmente obtida por meio da eliminação das desigualdades e injustiças que a

cada geração criam novos contingentes de excluídos sociais.

E embora Frollo, ao contrário de Valjean, não seja salvo, ele ainda é uma comprovação da vital equação de poder e conhecimento. Acima de tudo, é um guardião da palavra escrita, um leitor de manuscritos e profeta da futura época da prensa. A doutrina que propõe em seu discurso a Jacques Coictier e ao “Compère Tourangeau” no capítulo “Isto matará aquilo”, de livros substituindo edifícios como documento permanente do pensamento humano, proferido em 1482, é uma profecia exótica; escrito em 1830, é a narrativa retroativa de Hugo sobre a revolução de Gutenberg e uma forte declaração de sua crença no poder da palavra.

O romance inteiro, diz o autor no prefácio, é derivado de uma única inscrição na parede da Notre-Dame. A inscrição era, na opinião dele, uma provocação para que se ressuscitasse o passado e se reinventasse as circunstâncias de seu surgimento. Os romances de Hugo são repletos dessas inscrições, seja na cela de alquimista de Frollo ou na cela de presídio de *O último dia de um condenado*. São relíquias comoventes e poderosas de uma vida humana específica, são provas de que podemos deixar mensagens para a posteridade e de que as palavras sobrevivem aos fatos. Hugo tinha uma fé enorme nas palavras normalmente associadas aos autores franceses: “O tinteiro vai estilhar o canhão” era um lema entusiástico, que se justificava no contexto de Hugo pelo fato inegável de que o tinteiro tinha o tempo a seu favor contra o imediatismo do canhão.

É respeitável que um escritor cultive tamanha crença no poder da escrita, por mais iludido que ele nos possa parecer hoje em dia. No caso de Hugo, essa crença de qualquer modo era garantida pela suposição profética de que ele era o porta-voz da Divina Providência. Seu determinismo, de modo excepcional, era uma filosofia inteiramente otimista, pelo qual, a longo prazo, o aperfeiçoamento moral e social da raça humana estava assegurado.

O corcunda de Notre-Dame termina de forma triste, e sobre ele preside a palavra grega proibida ἀνάγκη, ou fatalidade. Mas o enredo do romance não faz jus a essa inscrição sombria e a seus desastres, que podem ser rastreados a um único defeito, o celibato do padre, Claude Frollo. Se Frollo fosse capaz de agir por instinto e saciar seu desejo, tudo ficaria bem; em última análise, não há nada de pessimista no que ocorre no romance, já que o problema é causado pelo cumprimento das normas de uma sociedade específica, e não é endêmica na estrutura do universo. Para Hugo, a força da natureza é benigna e avassaladora; é exemplificada em *O corcunda de Notre-Dame*, bem como em outros momentos de sua obra, pelo laço inquebrantável entre mãe e filho. Hugo, como Rousseau fizera antes, vê na sociedade

insatisfatória a origem do sofrimento humano e na renegociação preferivelmente pacífica do contrato social o caminho de sua evolução rumo a algo melhor.

Espero que mesmo um resumo tão superficial da ideologia de *O corcunda de Notre-Dame* evite que alguém leia o romance como se fosse meramente pitoresco. Não há dúvida de que *é* pitoresco, pois a força imagética de Hugo é extraordinária. Mas há algo mais além das descrições extensas, não raro líricas, de Paris, sua catedral e seus habitantes, e muito mais do que as dores melodramáticas de seus personagens principais; ele é, em suma, mais substancioso e menos inculto do que a mistura de “esplendor e absurdos” descrita por Tennyson.

1. Em francês o título leva apenas o nome da igreja, *Notre-Dame de Paris*. (N. E.)

O corcunda de Notre-Dame

Introdução

Há alguns anos, quando visitava, ou, melhor dizendo, vasculhava Notre-Dame, o autor deste livro encontrou num canto escuro de uma das torres esta palavra gravada à mão na parede:

ἌΝΑΓΚΗ

Essas maiúsculas gregas, negras de vetustez e profundamente entalhadas na pedra, não sei que signos próprios da caligrafia gótica marcados em suas formas e atitudes, como para revelar que era uma mão da Idade Média que as escrevera ali, e sobretudo o sentido lúgubre e fatal que elas encerram, impressionaram vivamente o autor.

Ele se perguntou, procurou adivinhar qual seria a alma sofrida que não quisera abandonar este mundo sem deixar esse estigma de crime ou de desgraça na face da velha igreja.

Desde então, restauraram ou raspam a parede (já não sei qual), e a inscrição desapareceu. Porque é assim que se age há quase duzentos anos com as maravilhosas igrejas da Idade Média. As mutilações vêm de todos os lados, tanto de dentro como de fora. O padre as restaura, o arquiteto as raspa; depois sobrevém o povo, que as demole.

Assim, além da frágil lembrança que o autor deste livro lhe consagra aqui, não resta mais nada hoje da misteriosa palavra gravada na sombria torre de Notre-Dame, nada do destino desconhecido que ela resumia de modo tão melancólico. O homem que escreveu essa palavra naquela parede se apagou, há vários séculos, dentre as gerações; a palavra, por sua vez, se apagou do muro da igreja, a própria igreja talvez logo se apague da face da Terra.

Foi com base nessa palavra que se fez este livro.

Março de 1831

2. Fatalidade, sina. [Salvo indicação contrária, esta e as demais notas chamadas por número são do tradutor.]

Nota acrescentada à oitava edição

(1832)

Foi por erro que se anunciou esta edição como aumentada com vários capítulos *novos*. O correto deveria ser *inéditos*. De fato, se por novos se entende *recentemente feitos*, os capítulos acrescentados a esta edição não são *novos*. Eles foram escritos ao mesmo tempo que o resto da obra; datam da mesma época e vieram do mesmo pensamento; sempre fizeram parte do manuscrito de *Notre-Dame de Paris*.³ E mais: o autor não compreenderia que fossem acrescentados a posteriori novos desenvolvimentos a uma obra desse gênero. Isso não se faz a bel-prazer. Um romance, segundo ele, nasce de uma maneira de certo modo necessária, com todos os seus capítulos; um drama nasce com todas as suas cenas. Não creiam que haja algo arbitrário no número de partes de que se compõe esse todo, esse misterioso microcosmo chamado de drama ou romance. O enxerto e a solda não funcionam direito em obras dessa natureza, que devem jorrar de um só jato e permanecer assim. Uma vez a coisa feita, não se deve mudar de opinião, não se deve retocá-la mais. Uma vez publicado o livro, uma vez o sexo da obra, viril ou não, reconhecido e proclamado, uma vez que a criança dá seu primeiro grito, ela nasceu, cá está ela, ela é assim, nem pai nem mãe podem mais nada, ela pertence ao ar e ao sol, deixem-na viver ou morrer como ela é. Seu livro é um fracasso? Azar. Não acrescente capítulos a um livro fracassado. É incompleto? Você devia tê-lo completado enquanto o gerava. Sua árvore é atrofiada? Você não a endireitará. Seu romance é tísico? Seu romance não é viável? Você não lhe dará o sopro que falta a ele. Seu drama nasceu coxo? Creia em mim, não lhe ponha uma perna de pau.

O autor tem, portanto, um apreço particular a que o público saiba que os capítulos acrescentados aqui não foram feitos expressamente para esta reimpressão. Se não foram publicados nas edições precedentes do livro, é por uma razão bem simples. Na época em que

Notre-Dame de Paris foi impressa pela primeira vez, a pasta que continha esses três capítulos se extraviou.⁴ Era preciso reescrevê-los ou dispensá-los. O autor considerou que os dois únicos capítulos que tinham alguma importância por sua extensão eram capítulos de arte e história que não comprometiam em nada a substância do drama e do romance; que o público não perceberia seu desaparecimento e que apenas o autor saberia do segredo dessa lacuna. Portanto, ele tomou a decisão de dispensá-los. E depois, se é para confessar tudo, sua preguiça recuou diante da tarefa de reescrever três capítulos perdidos. Teria achado mais fácil escrever um novo romance.

Hoje esses capítulos foram encontrados, e ele aproveitou a primeira ocasião para reintegrá-los a seu lugar.

Eis pois, agora, sua obra completa, tal como ele a sonhou, tal como a fez, boa ou ruim, duradoura ou frágil, mas como ele a quer.

Sem dúvida esses capítulos encontrados terão pouco valor aos olhos das pessoas, aliás muito judiciosas, que buscaram em *Notre-Dame de Paris* apenas o drama, o romance. Mas há, talvez, outros leitores que não acharam inútil estudar o pensamento de estética e filosofia oculto neste livro; que houveram por bem, ao ler *Notre-Dame de Paris*, se comprazer em destrinchar sob o romance algo diferente do romance, e acompanhar — que nos permitam essas expressões um tanto ambiciosas — o sistema do historiador e a finalidade do artista por meio da criação semelhante à do poeta.

É sobretudo para esses leitores que os capítulos acrescentados a esta edição completarão *Notre-Dame de Paris*, admitindo que a obra valha a pena ser completada.

O autor exprime e desenvolve num desses capítulos — sobre a decadência atual da arquitetura e sobre a morte, para ele hoje quase inevitável, dessa arte majestosa — uma opinião infelizmente bem arraigada nele e bem ponderada. Mas sente a necessidade de dizer aqui que deseja vivamente que o futuro prove um dia que ele se engana. Ele sabe que a arte, sob todas as suas formas, pode esperar tudo das novas gerações, cujo gênio ainda em germe ouvimos surgir em nossos ateliês. A semente está na terra, a colheita com certeza será bela. Ele teme apenas que a seiva tenha se retirado desse velho solo da arquitetura, considerada durante tantos séculos o melhor terreno da arte.

No entanto, há hoje entre os jovens artistas tanta vida, tanto vigor e, por assim dizer, tanta predestinação, que, em nossas escolas de arquitetura em particular, a essa altura os professores, que são detestáveis, formam, não apenas sem saber, mas inclusive a pleno contragosto, alunos excelentes, totalmente ao revés daquele oleiro do qual fala Horácio, que ideava ânforas e produzia cântaros. *Currit rota,*

Mas em todo caso, qualquer que seja o futuro da arquitetura e o modo com que nossos jovens arquitetos resolvam um dia a questão de sua arte, enquanto aguardamos os novos monumentos, conservemos os monumentos antigos. Inspiremos, se possível, na nação o amor à arquitetura nacional. É esse, declara o autor, um dos principais objetivos deste livro; é esse um dos principais objetivos de sua vida.

Notre-Dame de Paris talvez tenha aberto algumas perspectivas verdadeiras sobre a arte da Idade Média, sobre essa arte maravilhosa até hoje desconhecida de uns e, o que é ainda pior, desdenhada por outros. Mas o autor está longe de considerar consumada a tarefa que se impôs voluntariamente. Ele já defendeu em mais de uma ocasião a causa de nossa velha arquitetura, já denunciou em voz alta muitas profanações, demolições e impiedades. Ele não se cansará. Ele se empenhou em voltar com frequência a esse tema. Ele voltará. Será tão incansável em defender nossos edifícios históricos quanto nossos iconoclastas de escolas e de academias são obstinados em atacá-los. Porque é uma coisa aflitiva ver em que mãos a arquitetura da Idade Média caiu e de que maneira os gesseiros de hoje tratam a ruína dessa grande arte. É inclusive uma vergonha para nós, homens inteligentes que os vemos agir e nos contentamos em zombar deles. E não falamos aqui apenas do que acontece na província, mas do que se faz em Paris, à nossa porta, sob nossas janelas, na cidade grande, na cidade letrada, na cidade da imprensa, da palavra, do pensamento. Não podemos resistir à necessidade de assinalar, para terminar esta nota, alguns desses atos de vandalismo que todos os dias são projetados, debatidos, iniciados, continuados e levados tranquilamente a cabo diante de nossos olhos, diante dos olhos do público artista de Paris, face a face com a crítica desconcertada por tanta audácia. Acabam de demolir o arcebispado, edifício pobre de gosto, o mal não é grande; mas em conjunto com o arcebispado demoliram o bispado, raro fragmento do século XIV, que o arquiteto demolidor não soube distinguir do resto. Ele arrancou o trigo com o joio; que importa? Fala-se de pôr no chão a admirável capela de Vincennes para fazer com as pedras sei lá que fortificação, de que Daumesnil⁶ no entanto não necessitava. Enquanto reparam a alto custo e restauram o Palácio Bourbon, essa ruína, deixam desabar pelas ventanias do equinócio os magníficos vitrais da Sainte-Chapelle. Há, faz alguns dias, um andaime na torre de Saint-Jacques de la Boucherie; e uma dessas manhãs a picareta entrará em ação. Encontrou-se um pedreiro que construiu uma casinha entre as veneráveis torres do Palácio da Justiça. Encontrou-se outro para castrar Saint-Germain-des-Prés, a abadia feudal de três campanários. Encontrarão outro, não duvide, para derrubar Saint-Germain-

l'Auxerrois. Todos esses pedreiros se pretendem arquitetos, são pagos pela prefeitura ou pela arraia-miúda e usam trajes verdes. Todo o mal que o falso gosto pode fazer ao verdadeiro gosto, eles fazem. No momento em que escrevemos, espetáculo deplorável!, um deles domina as Tulherias e deixa em Philibert Delorme uma cicatriz bem no meio da face; não é, sem dúvida nenhuma, um dos menores escândalos de nosso tempo ver com que desfaçatez a pesada arquitetura desse senhor vem se esparramar numa das mais delicadas fachadas do Renascimento.⁷

Paris, 20 de outubro de 1832

3. É este o título original da obra em francês.

4. Trata-se dos capítulos “Impopularidade” (IV, 6), “*Abbas beati Martini*” (V, 1) e “Isto matará aquilo” (V, 2), que Victor Hugo afirmava ter perdido. Na verdade, ele os suprimiu depois que o editor Gosselin se recusou a publicar uma edição em três volumes — e especialmente por causa do pagamento adicional que teria acompanhado esse acréscimo. Esses capítulos foram acrescentados à chamada edição “definitiva” de 1832, publicada pela editora Renduel. (N. E.)

5. “[Foi uma ânfora que começou a ser modelada;] a roda gira: por que sai um cântaro?”. Horácio, *Arte poética*, 21-2. (N. E.)

6. General francês do Primeiro Império napoleônico e da Restauração bourbônica.

7. Philibert Delorme (1510-70) foi o arquiteto francês que projetou, entre outras grandes obras, o Palácio das Tulherias, a pedido de Catarina de Médici. Faleceu antes de concluir a construção. A cicatriz foi a supressão do terraço de Delorme entre as Tulherias e o Louvre, executada pelo arquiteto Pierre Fontaine (1762-1853).

LIVRO I

A GRANDE SALA

Faz hoje trezentos e quarenta e oito anos, seis meses e dezenove dias que os parisienses acordaram com o barulho de todos os sinos que dobravam no tríplice recinto da Cité, da Universidade e da Cidade.

No entanto, não é um dia do qual a história tenha guardado lembrança, esse 6 de janeiro de 1482. Nada havia de notável no acontecimento que movimentava, desde a manhã, os sinos e os burgueses de Paris. Não era nem um assalto de picardos nem de borguinhões, nem um relicário levado em procissão, nem uma revolta de estudantes na vinha de Laas, nem uma entrada de “nosso mui temido amo, o senhor rei”, nem mesmo um belo enforcamento de ladrões e ladras na Justiça de Paris. Tampouco era a vinda, tão frequente no século XV, de alguma embaixada engalanada e empenachada. Havia apenas dois dias que a última cavalgada desse gênero, a dos embaixadores flamengos encarregados de concluir o casamento do delfim e de Margarida de Flandres, fizera sua entrada em Paris, para grande aborrecimento do cardeal de Bourbon, que, para agradar ao rei, tivera de mostrar-se contente com aquela rústica multidão de burgomestres flamengos e brindá-los, em seu palácio de Bourbon, com uma “mui bela moralidade, sotias e farsa”, enquanto uma chuva fustigante encharcava à sua porta suas magníficas tapeçarias.

No dia 6 de janeiro, o que “punha em emoção todo o popular de Paris”, como diz Jehan de Troyes,⁹ era a dupla solenidade, reunida desde tempos imemoriais, do Dia de Reis e da Festa dos Loucos.¹⁰

Nesse dia devia haver fogueiras na Place de Grève,¹¹ fincamento de mastro engalanado na capela de Braque e mistério¹² no Palácio da Justiça. O grito fora dado na véspera a som de trompa, nas encruzilhadas, pela gente do senhor preboste, trajando belas casacas de chamalote violeta, com grandes cruces brancas no peito.

A multidão de burgueses e burguesas vinha, pois, de todas as partes

desde cedo, casas e lojas fechadas, rumo a um dos três lugares mencionados. Cada qual se decidira, uns pelo mastro, outros pela fogueira, outros pelo mistério. Cumpre dizer, em elogio ao antigo bom senso dos passeantes de Paris, que a maior parte dessa multidão se dirigia à fogueira, que era totalmente adequada à estação, ou ao mistério que devia ser representado na Grande Sala do Palácio, bem coberta e fechada; e que os curiosos coincidiam em deixar o coitado do mastro mal engalanado tiritar sozinho de frio sob o céu de janeiro, no cemitério da capela de Braque.

O povo afluía sobretudo nas avenidas do Palácio da Justiça, pois sabia que os embaixadores flamengos, que haviam chegado dois dias antes, se propunham a assistir à representação do mistério e à eleição do papa dos loucos, que seria feita também na Grande Sala.

Nesse dia não era fácil penetrar na Grande Sala, na época reputada, porém, como o maior recinto coberto do mundo (é verdade que Sauval¹³ ainda não medira a Grande Sala do castelo de Montargis). A praça do Palácio, apinhada de gente, oferecia aos curiosos das janelas o aspecto de um mar, em que cinco ou seis ruas, como embocaduras de rios, despejavam a cada instante novas torrentes de cabeças. As ondas dessa multidão, aumentada sem cessar, batiam nos cantos dos prédios que avançavam aqui e ali, como se fossem promontórios, na bacia irregular da praça. No centro da alta fachada gótica* do Palácio, a grande escadaria subia e descia sem cessar por uma dupla corrente que, depois de ter quebrado sob a escalinata intermediária, se derramava em largas vagas em suas duas inclinações laterais; a grande escadaria, dizia eu, jorrava incessantemente na praça como uma cachoeira num lago. Os gritos, os risos, o pisar desses milhares de pés faziam grande barulho e clamor. De quando em quando esse clamor e esse barulho redobravam; a corrente que empurrava toda essa multidão em direção à grande escadaria refluiu, se perturbava, turbilhonava. Era o empurrão de um arqueiro ou o cavalo de um sargente¹⁴ do prebostado que arremetia para restabelecer a ordem; admirável tradição que o prebostado legou ao condestablado, o condestablado ao marechalado, e o marechalado à nossa gendarmaria de Paris.

Às portas, às janelas, às lucarnas, do alto dos telhados formigavam milhares de figuras burguesas, calmas e honestas, que olhavam para o Palácio e para a multidão e não queriam mais nada; porque muitas pessoas em Paris se contentam com o espetáculo dos espectadores, e já é algo para nós deveras curioso uma muralha atrás da qual acontece alguma coisa.

Se pudesse nos ser dado, a nós, homens de 1830, nos misturar em pensamento a esses parisienses do século XV e entrar com eles,

puxados, acotovelados, derrubados, nessa imensa sala do Palácio, tão estreita no dia 6 de janeiro de 1482, o espetáculo não careceria de interesse nem de charme e teríamos ao nosso redor apenas coisas tão velhas que nos pareceriam novíssimas.

Se o leitor consentir, procuraremos reviver pelo pensamento a impressão que ele sentiria conosco ao transpor o limiar dessa Grande Sala em meio a essa multidão de sobrecota, casaca e cota curta.

Primeiro o zumbido nos ouvidos, a ofuscação nos olhos. Acima de nossa cabeça uma abóbada dupla em ogiva, lambrisada com esculturas de madeira, pintada de azul, ornada com flores de lis douradas; sob nossos pés, um assoalho de mármore branco e preto alternados. A alguns passos de nós, um enorme pilar, depois outro e mais outro; ao todo sete pilares ao comprimento da sala, sustentando no meio de sua largura as bases da abóbada dupla. Em torno dos quatro primeiros pilares, lojas de comerciantes, cintilantes de vidros e bijutérias; ao redor dos três últimos, bancos de carvalho, usados e polidos pelos calções dos litigantes e a toga dos procuradores. Em torno à sala, ao longo da alta muralha, entre as portas, entre as janelas, entre os pilares, a interminável fileira das estátuas de todos os reis da França desde Faramond; os reis ociosos,¹⁵ de braços caídos e olhos baixos; os reis valentes e batalhadores, cabeça e mãos erguidas com audácia para o céu. Depois, nas longas janelas de ogivas, vitrais de mil cores; nas largas saídas da sala, ricas portas finamente esculpidas; e tudo isso — abóbadas, pilares, muralhas, alizares, lambris, portas, estátuas — coberto de alto a baixo com uma esplêndida iluminura azul e ouro, que, já um pouco desbotada na época em que a vemos, quase inteiramente desaparecera sob a poeira e as teias de aranha no ano da graça de 1549, quando Du Breul a admirava ainda, por tradição.

Imaginemos agora essa imensa sala oblonga, iluminada pela luz pálida de um dia de janeiro, invadida por uma multidão variada e barulhenta, que se estende ao longo das paredes e gira em torno dos sete pilares, e já teremos uma ideia confusa do conjunto do quadro cujos curiosos detalhes procuraremos indicar com mais precisão.

É certo que, se Ravailiac não houvesse assassinado Henrique IV, não haveria peças do processo de Ravailiac no cartório do Palácio da Justiça; não haveria cúmplices interessados em fazer as ditas peças desaparecerem; portanto, não haveria incendiários obrigados, na falta de meio melhor, a atear fogo ao cartório para queimar as peças e a atear fogo ao Palácio da Justiça para queimar o cartório; por conseguinte, não teria havido, enfim, incêndio em 1618. O velho palácio ainda estaria de pé, com sua velha Grande Sala, eu poderia dizer ao leitor: vá vê-la, e ambos seríamos assim dispensados, eu de fazer, ele de ler uma descrição fiel do fato. O que prova esta nova

verdade: os grandes acontecimentos têm consequências incalculáveis.

É verdade que seria bem possível, primeiro, que Ravaiillac não tivesse cúmplices; depois, que seus cúmplices, se por acaso cúmplices houvesse, não tivessem nada a ver com o incêndio de 1618. Há duas outras explicações bastante plausíveis. Primeiro, a grande estrela inflamada, com um pé de largura, um côvado de altura, que, como todos sabem, caiu do céu sobre o Palácio no dia 7 de março depois da meia-noite. Segundo, a quadrinha de Théophile:

*Certes, ce fut un triste jeu
Quand à Paris dame Justice,
Pour avoir mangé trop d'épice,
Se mit tout le palais en feu.*¹⁶

O que quer que se pense dessa tripla explicação — política, física, poética — do incêndio do Palácio da Justiça em 1618, o fato infelizmente certo é o incêndio. Resta muito pouca coisa hoje em dia, graças a essa catástrofe, graças sobretudo às diversas restaurações sucessivas que acabaram com o que ela poupava, resta bem pouca coisa dessa primeira morada dos reis da França, desse palácio, irmão mais velho do Louvre, já tão velho na época de Filipe, o Belo, que nele se buscavam vestígios dos magníficos edifícios erguidos pelo rei Roberto¹⁷ e descritos por Helgaudo.¹⁸ Quase tudo desapareceu. Que fim levou a câmara da chancelaria, onde são Luís “consumou seu casamento”? O jardim em que ele ministrava a justiça “vestindo uma cota de chamalote, uma sobrecota de tiritana sem mangas, e de um manto de cendal negro, recostado em tapetes com Joinville”?¹⁹ Onde está a câmara do imperador Sigismundo?²⁰ A de Carlos IV?²¹ A de João Sem-Terra?²² Onde está a escadaria na qual Carlos VI promulgou seu édito de graça? Onde está a laje em que Marcel²³ degolou, em presença do delfim, Robert de Clermont e o marechal da Champagne? O guichê onde foram laceradas as bulas do antipapa Benedito e de onde voltaram os que as haviam trazido, cobertos com a capa e a mitra por derrição e pedindo perdão por toda Paris? E a Grande Sala, com seus dourados, seu azul, suas ogivas, suas estátuas, seus pilares, sua imensa abóbada toda recortada por esculturas? E a câmara dourada? E o leão de pedra que ficava à porta desta, cabeça baixa, cauda entre as pernas, como os leões do trono de Salomão, na atitude humilhada que convém à força diante da justiça? E as belas portas? E os belos vitrais? E as ferragens cinzeladas que desanimavam Biscornette?²⁴ E as delicadas marcenarias de Du Hancy?...²⁵ Que fez o tempo, que fizeram os homens dessas maravilhas? O que nos deram por tudo isso, por toda essa história gaulesa, por toda essa arte gótica?

Os pesados arcos abatidos de De Brosse, esse canhestro arquiteto do portal da igreja de Saint-Gervais,²⁶ isso quanto à arte; e quanto à história, temos as lembranças tagarelas do grosso pilar, ainda ecoando os falatórios de gente como Patru.²⁷

Não é muita coisa. Voltemos à verdadeira Grande Sala do verdadeiro velho Palácio.

As duas extremidades desse gigantesco paralelogramo estavam ocupadas: uma pela famosa mesa de mármore de um só bloco, tão comprida, larga e espessa como nunca se viu, dizem os velhos documentos dos impostos sobre produtos agrários, num estilo que teria dado apetite a Gargântua, “prancha de mármore igual ao mundo”; a outra pela capela onde Luís XI se fizera esculpir de joelhos diante da Virgem e para onde ele mandara transportar, sem se preocupar com deixar dois nichos vazios na fila das estátuas régias, as estátuas de Carlos Magno e de São Luís, dois santos que ele supunha terem forte crédito no céu como reis da França. Essa capela, nova ainda, construída havia apenas seis anos, era toda nesse gosto encantador de arquitetura delicada, de escultura maravilhosa, de fina e profunda cinzeladura que em nosso país marca o fim da era gótica e se perpetua em meados do século XVI nas fantasias feéricas da Renascença. A pequena rosácea vazada, aberta acima do portal, era, em especial, uma obra-prima de tenuidade e graça, dir-se-ia uma estrela de renda.

No meio da sala, diante da grande porta, um estrado de brocado de ouro, encostado na parede, na qual fora feita uma entrada particular por meio de uma janela do corredor da câmara dourada, havia sido construído para os enviados flamengos e as outras altas personagens convidadas para a representação do mistério.

Era em cima dessa mesa de mármore que, segundo o uso, devia ser representado o mistério. Ela tinha sido preparada para isso desde a manhã; sua rica prancha de mármore, toda riscada pelos tacões dos auxiliares de justiça, suportava uma caixa, de estrutura bastante elevada, cuja superfície superior, acessível aos olhos de toda a sala, devia servir de palco, e cujo interior, mascarado por tapeçarias, devia fazer as vezes de vestiário para os personagens da peça. Uma escada, ingenuamente posta do lado de fora, devia estabelecer a comunicação entre a cena e o vestiário e emprestar seus abruptos degraus tanto às entradas como às saídas. Não havia personagem imprevisto, não havia peripécia, reviravolta que não tivesse de subir por essa escada. Inocente e venerável infância da arte e das máquinas!

Quatro sargentos do bailio do Palácio, guardas obrigatórios de todos os prazeres do povo tanto nos dias de festa como nos dias de execução, ficavam de pé nos quatro cantos da mesa de mármore.

Apenas quando soasse a décima segunda badalada do meio-dia no grande relógio do Palácio é que a peça devia começar. Era sem dúvida bem tarde para uma representação teatral; mas fora preciso acertá-la com a hora dos embaixadores.

Ora, toda aquela multidão esperava desde a manhã. Um bom número desses honestos curiosos tiritava desde a madrugada diante do grande degrau do Palácio: alguns chegavam a afirmar ter passado a noite obstruindo a grande porta para terem certeza de ser os primeiros a entrar. A multidão se adensava a todo instante e, como uma água que excede a um nível, começava a subir ao longo das paredes, a se inflar em torno dos pilares, a transbordar por sobre os entablamentos, as cornijas, os apoios das janelas, sobre todas as saliências da arquitetura, sobre todos os relevos da escultura. Também o incômodo, a impaciência, o tédio, a liberdade de um dia de cinismo e loucura, as querelas que irrompiam a cada instante, por causa de um cotovelo pontudo ou de um sapato ferrado, o cansaço de uma longa espera, já davam, bem antes da hora em que os embaixadores deviam chegar, um tom ácido e amargo ao clamor desse povo encerrado, encaixotado, comprimido, pisoteado, sufocado. Só se ouviam queixas e imprecações contra os flamengos, o preboste dos comerciantes, o cardeal de Bourbon, o bailio de Paris, madame Margarida da Áustria, os sargentos, o frio, o calor, o mau tempo, o bispo de Paris, o papa dos loucos, os pilares, as estátuas, aquela porta fechada, aquela janela aberta; tudo isso para grande diversão dos bandos de estudantes e lacaios disseminados na massa, que misturavam a todo esse descontentamento suas impertinências e malícias, e acicatavam a alfinetadas, por assim dizer, o mau humor generalizado.

Havia, entre outros, um grupo desses alegres demônios que, depois de arrombarem as vidraças de uma janela, tinham sentado atrevidos no entablamento e daí mergulhavam sucessivamente seus olhares e suas chalaças no lado de dentro e no lado de fora, na multidão da sala e na multidão da praça. Por seus gestos de paródia, por suas risadas ruidosas, pelos chamados zombeteiros que trocavam de um extremo ao outro da sala com seus colegas, era fácil julgar que esses jovens letrados não compartilhavam o tédio e o cansaço do resto dos assistentes e que sabiam muito bem, para seu prazer particular, extrair do que tinham diante dos olhos um espetáculo que os fazia esperar pacientemente o outro.

— Pela minh'alma, é você, Joannes Frollo de Molendino! — gritava um deles a uma espécie de diabrete louro, de fisionomia bonita e maligna, agarrado nos acantos de um capitel. — Você é muito bem apelidado de Jehan du Moulin,²⁸ pois seus braços e pernas parecem quatro pás ao vento. Há quanto tempo está aqui?

— Pela misericórdia do diabo — respondeu Joannes Frollo —, faz mais de quatro horas, e espero que elas sejam contadas no meu tempo de purgatório. Ouvi os oito chantres do rei da Sicília entoarem o primeiro versículo da missa alta das sete na Sainte-Chapelle.

— Belos chantres! — replicou o outro. — E que têm a voz ainda mais pontuda do que o chapéu! Antes de celebrar uma missa para o senhor são João, o rei deveria ter se informado se o senhor são João gosta do latim salmodiado com o sotaque provençal!

— É para empregar esses malditos chantres do rei da Sicília que ele fez isso! — gritou azedamente uma velha senhora na multidão ao pé da janela. — Pensem bem! Mil libras *parisis*²⁹ por uma missa! E ainda tem mais, sobre o imposto dos peixes de mar do mercado de Paris!

— Paz, velha! — replicou um personagem gordo e grave que tapava o nariz ao lado da vendedora de peixe. — Era preciso celebrar uma boa missa. Ou a senhora queria que o rei ficasse doente?

— Falou bem, sire Gilles Lecornu, mestre peleteiro das vestes do rei! — gritou o pequeno estudante dependurado no capitel.

Uma gargalhada de todos os estudantes acolheu o infeliz nome³⁰ do coitado do peleteiro das vestes do rei.

— Lecornu! Gilles Lecornu! — diziam uns.

— *Cornutus et hirsutus*³¹ — retomava outro.

— Eh! Sem dúvida! — prosseguia o diabrete do capitel. — Estão rindo de quê? Honrado como Gilles Lecornu, irmão do mestre Jehan Lecornu, preboste do solar do rei, filho do mestre Mahiet Lecornu, primeiro porteiro do bosque de Vincennes, todos eles burgueses de Paris, todos eles casados, de pai para filho!

A alegria redobrou. O gordo peleteiro, sem dizer uma só palavra, se esforçava para se furtar aos olhares nele fixados de todos os lados; mas suava e soprava em vão: como uma cunha que se enterra na madeira, os esforços que ele fazia só serviam para fixar mais solidamente em seus vizinhos sua larga face apoplética, roxa de despeito e cólera.

Enfim, um desses, gordo, baixote e venerável como ele, acudiu em seu socorro.

— Abominação! Estudantes que falam assim a um burguês! No meu tempo teriam sido fustigados com um feixe de varas, com o qual teriam sido queimados em seguida.

O bando inteiro explodiu numa risada.

— Eh! Quem canta essas notas? Qual é o corujão desgraçado?

— Ah, eu o reconheci — diz um —: é o mestre Andry Musnier.

— Porque ele é um dos quatro livreiros juramentados da Universidade! — diz o outro.

— Tudo é em quatro nessa biboca — gritou um terceiro —: as quatro nações, as quatro faculdades, as quatro festas, os quatro

procuradores, os quatro eleitores, os quatro livreiros.

— Pois bem — replicou Jehan Frollo —, há que fazer com eles o diabo a quatro.

— Musnier, queimaremos os seus livros.

— Musnier, surraremos o seu laçao.

— Musnier, enxovalharemos a sua mulher.

— A gorducha srta. Oudarde.

— Que é tão fresca e alegre como se fosse viúva.

— O diabo que os carregue! — grunhiu mestre Andry Musnier.

— Mestre Andry — replicou Jehan, sempre dependurado em seu capitel —, cale a boca ou eu caio na sua cabeça!

Mestre Andry ergueu os olhos, pareceu medir por um instante a altura do pilar, o peso do gaiato, multiplicou mentalmente esse peso pelo quadrado da velocidade e se calou.

Jehan, senhor do campo de batalha, prosseguiu triunfante:

— É o que farei, apesar de ser irmão de um arqui-diácono.

— Belos senhores, essa nossa gente da Universidade! Não terem sequer feito respeitar os nossos privilégios num dia como este! Enfim, há mastro e fogueira na Cidade; mistério, papa dos loucos e embaixadores flamengos na Cité; e na Universidade, nada!

— No entanto, a Place Maubert é bem grande! — retomou um dos jovens acantonados no peitoril da janela.

— Abaixo o reitor, os eleitores e os procuradores! — gritou Joannes.

— Tem que se acender uma fogueira esta noite no Champ-Gaillard — prosseguiu o outro — com os livros do mestre Andry.

— E as mesas dos escribas! — disse seu vizinho.

— E as varas dos bedéis!

— E as escarradeiras dos decanos!

— E as escrivatinhas dos procuradores!

— E as arcas dos eleitores!

— E os escabelos do reitor!

— Abaixo! — o pequeno Jehan retomou o bordão. — Abaixo o mestre Andry, os bedéis e os escribas; os teólogos, os médicos e os canonistas; os procuradores, os eleitores e o reitor!

— É o fim do mundo, pois! — murmurou mestre Andry tapando os ouvidos.

— Falando no reitor, ei-lo que vai pela praça — gritou um dos da janela.

Todo mundo se virou para a praça.

— Será mesmo o nosso venerável reitor, o mestre Thibaut? — perguntou Jehan Frollo do Moulin, que, agarrado num pilar do interior, não podia ver o que acontecia lá fora.

— Sim, sim — responderam todos os outros —, é ele sim, mestre Thibaut, o reitor.

Era de fato o reitor, acompanhado de todos os dignitários da Universidade, que iam processionalmente ao encontro da embaixada e atravessavam nesse momento a Place du Palais. Os estudantes, acotovelados na janela, os receberam, ao passar, com sarcasmos e aplausos irônicos. O reitor, que ia à frente dos seus, recebeu a primeira salva; ela foi dura.

— Bom dia, senhor reitor! Eh! Bom dia!

— Como é que esse velho jogador fez para estar aqui? Largou os dados?

— Como ele trota na sua mula! Ela tem as orelhas menos compridas do que ele.

— Eh! Bom dia, senhor reitor Thibaut! *Tybalde aleator!*³² Velho imbecil! Velho jogador!

— Deus que o proteja! Fez muitos seis esta noite?

— Oh, que figura caduca, azulada, sulcada e abatida pelo amor ao jogo e aos dados!

— Aonde vai assim, Thibaut, *Tybalde ad dados*,³³ dando as costas para a Universidade e trotando rumo à Cidade?

— Vai sem dúvida procurar uma residência na rua Thibaut do Dado — gritou Jehan du Moulin.

Todo o bando repetiu a graça com uma voz trovejante e batidas furiosas de palmas.

— Vai procurar uma residência na rua Thibaut do Dado, não é, senhor reitor, jogador da partida do diabo?

Depois foi a vez dos outros dignitários.

— Abaixo os bedéis! Abaixo os *masseiros*!³⁴

— Ei, Robin Poussepain, quem é aquele ali?

— É Gilbert de Suilly, *Gilbertus de Soliaco*, chanceler do Colégio de Autun.

— Olhe, pegue o meu sapato, você está em melhor posição do que eu, e jogue na cara dele.

— *Saturnalitias mittimus ecce nuces.*³⁵

— Abaixo os seis teólogos com as suas sobrepelizes brancas!

— Ah, são teólogos? Pensei que fossem seis gansos brancos dados à cidade pela igreja Sainte-Geneviève, em troca do feudo de Roigny.

— Abaixo os médicos!

— Abaixo as disputas cardeais e chocarreiras!

— A ti o meu chapéu, chanceler de Sainte-Geneviève! Tu me fizeste uma injustiça.

— É verdade, ele deu o meu lugar na nação da Normandia ao pequeno Ascanio Falzaspada, que é da província de Bourges, portanto

italiano.

— É uma injustiça — disseram todos os estudantes. — Abaixo o chanceler de Sainte-Geneviève!

— Eh, mestre Joachim de Ladehors! Eh, Louis Dahuille! Eh, Lambert Hoctement!

— Que o diabo sufoque o procurador da nação da Alemanha!

— E os capelães da Sainte-Chapelle, com as suas túnicas cinza; *cum tunicis gris!*

— *Seu de pellibus gris! fourratis!*³⁶

— Olá, mestres em artes! Todas as belas capas negras! Todas as belas capas vermelhas!

— Isso faz um belo rabo no reitor.

— Dir-se-ia um duque de Veneza indo aos esponsais do mar.

— Olhe, Jehan, os cônegos da igreja de Sainte-Geneviève!

— Ao diabo os cônegos!

— Abade Claude Choart! Dr. Claude Choart! O senhor está procurando Marie la Giffarde?

— Ela está na Rue de Glatigny.³⁷

— Está fazendo a cama do chefe da Guarda Real.

— Ela paga os seus quatro *deniers*; *quator denarios*.

— *Aut unum bombum*.³⁸

— Querem que ela pague vocês conforme a cara?

— Colegas! Mestre Simon Sanguin, eleitor da Picardia, que vem com a sua mulher na garupa.

— *Post equitem sedet atra cura*.³⁹

— Ousado mestre Simon!

— Bom dia, senhor eleitor!

— Boa noite, senhora eleitora!

— Sejam eles felizes por ver tudo isso — dizia, suspirando, Joannes de Molendino, sempre empoleirado nas folhagens de seu capitel.

Entrementes, o livreiro juramentado da Universidade, mestre Andry Musnier, se inclinava ao ouvido do peleteiro das vestes do rei, mestre Gilles Lecornu.

— Estou lhe dizendo, senhor. É o fim do mundo. Nunca se viu semelhantes extravasamentos dos estudantes; são as malditas invenções do século que botam tudo a perder. As artilharias, as serpentinas,⁴⁰ as bombardas e, sobretudo, a impressão, essa outra praga alemã. Não há mais manuscritos, não há mais livros! A impressão mata a biblioteca. É o fim do mundo que aí vem.

— Percebo isso muito bem pelo progresso dos tecidos de veludo — diz o comerciante de peles.

Nesse momento soou o meio-dia.

Ah!... Fez toda a multidão numa só voz.

Os estudantes se calaram. Depois veio um grande rebuliço; um grande movimento de pés e cabeças; uma grande detonação geral de tosses e lenços; todos se prepararam, se posicionaram, se ergueram e se agruparam. Depois um grande silêncio; todos os pescoços ficaram espichados; todas as bocas, abertas; todos os olhares, voltados para a mesa de mármore... nada apareceu ali. Os quatro sargentos do bailio continuavam lá, rígidos e imóveis como quatro estátuas pintadas. Todos os olhos se voltaram para o estrado reservado aos enviados flamengos. A porta continuava fechada e o estrado, vazio. Aquela multidão esperava desde a manhã três coisas: meio-dia, a embaixada de Flandres, o mistério. Só o meio-dia chegara na hora.

Era demais.

Esperaram um, dois, três, cinco minutos, quinze; nada aparecia. O estrado permanecia deserto; o teatro, mudo. Entretanto, à impaciência sucedera a cólera. As palavras irritadas circulavam, ainda em voz baixa, é verdade. “O mistério! O mistério!”, murmuravam surdamente. As cabeças fermentavam. Uma tempestade, que por ora só fazia barulho, pairava na superfície dessa multidão. Foi Jehan du Moulin que produziu a primeira faísca.

— O mistério, e os flamengos que vão para o diabo! — exclamou com toda a força de seus pulmões, contorcendo-se como uma serpente em torno do capitel.

A multidão aplaudiu.

— O mistério — todos repetiram —, e Flandres que vá para todos os diabos!

— Queremos o mistério já — retomou o estudante —, ou sugiro que enforcemos o bailio do Palácio, à guisa de comédia e moralidade.

— Falou bem — gritou o povo. — Iniciemos o enforcamento pelos seus sargentos.

Uma grande aclamação se seguiu. Os quatro pobres coitados começavam a empalidecer e a se entreolhar. A multidão se lançava em direção a eles, e eles já viam a frágil balaustrada de madeira que os separava dela se vergar e se estufar sob a pressão da turba.

O momento era crítico.

— O saco! O saco!⁴¹ — gritava-se de todas as partes.

Nesse instante, a tapeçaria do vestiário que descrevemos acima se ergueu e deu passagem a um personagem cuja simples vista deteve a turba e transformou, como por encanto, sua cólera em curiosidade.

— Silêncio! Silêncio!

O personagem, pouquíssimo seguro e tremendo com todos os seus membros, adiantou-se até a beira da mesa de mármore, com inúmeras reverências, que à medida que ele se aproximava pareciam cada vez

mais genuflexões.

Entretanto, a calma se restabelecera quase por completo. Não restava nada além daquele ligeiro rumor que sempre se desprende do silêncio da multidão.

— Senhores burgueses — disse ele — e senhoras burguesas, devemos ter a honra de declamar e representar diante de sua eminência o senhor cardeal uma mui bela moralidade que tem por nome *O bom juízo da senhora Virgem Maria*. Sou eu que faço Júpiter. Sua eminência acompanha neste momento a mui honorável embaixada do senhor duque da Áustria, a qual está retida, a esta hora, ouvindo a arenga do senhor reitor da Universidade, na Porte Baudets. Assim que o eminentíssimo cardeal chegar, começaremos.

Não há dúvida de que era necessária nada menos do que a intervenção de Júpiter para salvar os quatro infelizes sargentos do bailio do Palácio. Se tivéssemos a felicidade de ter inventado essa história mui verídica e, por conseguinte, de sermos responsáveis por ela diante de nossa senhora, a crítica, não seria contra nós que se poderia invocar nesse momento o preceito clássico: *nec deus intersit*.⁴² De resto, o traje do sr. Júpiter era belíssimo, e não contribuíra pouco para acalmar a multidão, atraindo toda a sua atenção. Júpiter vestia uma couraça coberta de veludo negro, com pregos dourados; na cabeça trazia um elmo ornado de botões dourados; e não fosse o ruído e a grossa barba que cobriam cada qual uma metade de seu rosto, não fosse o rolo de cartão dourado semeado de fitas, bordados e pedrarias e todo erichado de correias de bijuteria que ele trazia na mão e no qual olhos treinados reconheciam facilmente o raio, não fossem seus pés cor de carne e envoltos em tiras, à grega, ele teria podido suportar a comparação, pela severidade de seu porte, com um arqueiro bretão da tropa do sr. de Berry.

8. A moralidade é um drama medieval de inspiração religiosa. Já a sotia é uma sátira de conteúdo político e social.

9. Essas citações entre aspas provêm de *Histoire de Louis le Onzième* (1460-83), ou *Chronique scandaleuse*, de Jehan de Roye. (N. E.)

10. A Festa dos Loucos marcava o início do Carnaval, que na Idade Média durava dois meses.

11. Atual Place de l'Hôtel-de-Ville. Sendo *grève* sinônimo de praia, a praça assim era chamada na Idade Média por se estender até a beira do Sena.

12. Dramatização medieval dos ritos sacramentais católicos ou de trechos da Bíblia.

13. Henri Sauval, *Histoire et recherches des antiquités de la ville de Paris* (meados do século XVII). Trata-se de uma fonte importante de Victor Hugo para *O corcunda de Notre-Dame*. (N. E.)

* A palavra *gótico*, no sentido em que é em geral empregada, é perfeitamente

imprópria, mas perfeitamente consagrada. Nós a aceitamos, pois, e a adotamos, como todo mundo, para caracterizar a arquitetura da segunda metade da Idade Média, aquela de que a ogiva é o princípio e que sucede à arquitetura do primeiro período, de que o arco pleno é o gerador. (N. A.)

14. Funcionário da Justiça encarregado de executar as decisões judiciais.

15. Apelido dado aos últimos reis merovíngios (673 a 751), sucessores de Dagoberto I.

16. “Do destino foi um jogo/ Que fez a Justiça azarenta,/ Por comer muita pimenta,/ Pôr todo o palácio em chamas.” Théophile de Viau.

17. Roberto II, o Piedoso (970-1031).

18. Historiador e religioso da época do rei Roberto. (N. E.)

19. Jean de Joinville (1224-1317), cronista francês e conselheiro de São Luís.

20. Rei dos burgúndios, século VI. (N. E.)

21. Rei da Boêmia, depois imperador (1316-78). (N. E.)

22. Rei da Inglaterra (1167-1216). (N. E.)

23. Étienne Marcel (entre 1302/10-58), preboste dos comerciantes, foi o líder da sublevação de 23 de janeiro de 1358. Robert de Clermont, marechal da Normandia e Jean de Conflans, marechal da Champagne, eram conselheiros do delfim, futuro Carlos V da França.

24. Célebre ferreiro francês.

25. Célebre carpinteiro sob o reinado de Luís XII. (N. E.)

26. De Brosse, arquiteto do século XVII, não projetou a fachada da igreja de Saint-Gervais; esta foi criada por outro arquiteto da época, Clément Métezeau. (N. E.)

27. Olivier Patru, advogado e escritor. (N. E.)

28. Do Moinho. (N. E.)

29. Moeda cunhada em Paris.

30. Lecornu, o corno.

31. Cornudo e peludo. (N. E.)

32. Thibaut, o jogador.

33. Thibaut dos dados.

34. Funcionários que carregavam a *massa*, bastão com castão de metal precioso, e precediam altos dignitários, no caso, os da Universidade.

35. “Eis as nozes que te mandamos para as Saturnais.” Marcial, *Epigramas*, VII, 91. Durante as Saturnais romanas, havia um bombardeio de nozes.

36. Ou forradas de peles cinza.

37. Rua de prostituição.

38. “Ou um peido.”

39. “Atrás do cavaleiro senta-se a negra preocupação.” Horácio, *Odes*, III, I, 40.

40. Peça de artilharia de pequeno calibre e cano longo.

41. O saco que se punha na cabeça dos que seriam enforcados.

42. “Que um deus não intervenha.” Horácio, *Arte poética*, 191-2.

No entanto, enquanto ele arengava, a satisfação e a admiração unanimemente suscitadas por seus trajes se dissipavam ante suas palavras; e quando ele chegou a esta conclusão desastrada, “Assim que o eminentíssimo cardeal chegar, começaremos”, sua voz se perdeu num estrépito de vaias.

— Comecem já! O mistério! O mistério já! — gritava o povo. E ouvia-se acima de todas as vozes a de Johannes de Molendino, que trespassava o rumor como um pífaro num charivari⁴³ de Nîmes: comecem já, gania o estudante.

— Abaixo Júpiter e o cardeal de Bourbon! — vociferavam Robin Poussepain e os outros letrados empoleirados na janela.

— A moralidade já! — repetia a multidão. — Imediatamente! Já! O saco e a corda para os atores e o cardeal!

O coitado do Júpiter, esgazeado, apavorado, pálido sob seu ruço, largou o raio, pegou o elmo na mão; depois cumprimentava e tremia balbuciando:

— Sua eminência... embaixadores... Sra. Margarida de Flandres... — Não sabia o que dizer. No fundo, tinha medo de ser enforcado.

Enforcado pelo populacho por esperar, enforcado pelo cardeal por não ter esperado, via dos dois lados um abismo, isto é, uma força. Por sorte apareceu alguém para tirá-lo da enrascada e assumir a responsabilidade.

Um indivíduo que se mantinha aquém da balaustrada, no espaço livre em torno da mesa de mármore e que ninguém ainda notara, a tal ponto sua comprida e delgada pessoa estava completamente ao abrigo de todo raio visual pelo diâmetro do pilar em que estava encostado; esse indivíduo, dizíamos, grande, magro, pálido, louro, jovem ainda, embora já com rugas na testa e nas faces, de olhos brilhantes e boca sorridente, vestindo uma sarja preta, puída e lustrosa de tão velha, se aproximou da mesa de mármore e fez um sinal ao pobre supliciado.

Mas o outro, atarantado, não enxergava.

O recém-chegado deu um passo a mais:

— Júpiter! — disse ele. — Meu caro Júpiter!

O outro não ouvia.

Enfim o louro alto, impaciente, quase lhe gritou na cara:

— Michel Giborne!

— Quem me chama? — disse Júpiter, como que acordado em sobressalto.

— Eu — respondeu o personagem vestido de preto.

— Ah! — fez Júpiter.

— Comece logo — prosseguiu o outro. — Satisfça os populares; eu me encarrego de acalmar o bailio, que acalmará o senhor cardeal.

Júpiter respirou.

— Senhores burgueses — gritou com toda a força de seus pulmões à multidão, que continuava a vaiá-lo —, vamos começar já.

— Evoé, Júpiter! *Plaudite, cives!*⁴⁴ — gritaram os estudantes.

— Noel! Noel!⁴⁵ — gritou o povo.

Foi um bater de palmas ensurdecador, e, quando Júpiter já voltara para debaixo da tapeçaria, a sala ainda tremia de aclamações.

Enquanto isso, o personagem desconhecido que tão magicamente transformara “a tempestade em bonança”, como diz nosso velho e caro Corneille, tinha modestamente voltado à penumbra do seu pilar e aí teria com certeza permanecido, invisível, imóvel e mudo como antes, não houvesse sido puxado por duas jovens mulheres que, situadas na primeira fila de espectadores, perceberam seu colóquio com Michel Giborne-Júpiter.

— Mestre — disse uma delas fazendo-lhe sinal para que se aproximasse.

— Cale-se, cara Liénarde — disse sua vizinha, bonita, viçosa e elegante, por estar endomingada. — Ele não é um clérigo, é um laico; não se deve chamá-lo de mestre, mas de *messire*.

— *Messire* — disse Liénarde.

O desconhecido se aproximou da balaustrada.

— O que querem de mim, senhoritas? — perguntou solícito.

— Oh, nada! — disse Liénarde, toda confusa. — É a minha vizinha, Gisquette la Gencienne, que deseja lhe falar.

— Eu não — replicou Gisquette, enrubescendo. — A Liénarde é que chamou o senhor de mestre; eu disse a ela que se diz *messire*.

As duas jovens baixavam os olhos. Tudo que o outro queria era entabular uma conversa, e olhava para elas sorridente:

— Vocês então não têm nada a me dizer, senhoritas?

— Oh! Nada, nada — respondeu Gisquette.

— Nada — disse Liénarde.

O jovem louro e alto deu um passo para se retirar; mas as duas curiosas não queriam desistir.

— *Messire* — disse vivamente Gisquette, com a impetuosidade de uma eclusa que se abre ou de uma mulher que toma sua decisão —, com que então, o senhor conhece esse soldado que vai representar o papel da Virgem no mistério?

— O papel de Júpiter, a senhorita quer dizer? — respondeu o anônimo.

— Como ela é boba! Ele mesmo! — disse Liénarde. — O senhor conhece Júpiter, então?

— Michel Giborne? — respondeu o anônimo. — Sim, minha dama.

— Ele tem uma barba imponente! — disse Liénarde.

— Será bonito o que eles vão dizer? — perguntou timidamente Gisquette.

— Lindo, senhorita — respondeu o anônimo sem a menor hesitação.

— Será o quê? — indagou Liénarde.

— *O bom juízo da senhora Virgem*, moralidade, se lhe compraz, senhorita.

— Ah, é diferente — replicou Liénarde.

Um breve silêncio se seguiu. O desconhecido quebrou-o:

— É uma moralidade nova e que ainda não foi apresentada.

— Então não é a mesma que representaram dois anos atrás, no dia da entrada do senhor legado, e em que havia três lindas moças fazendo personagens — disse Gisquette.

— Sereias — disse Liénarde.

— E todas nuas — acrescentou o jovem.

Liénarde baixou os olhos com recato. Gisquette olhou para ela e fez o mesmo. Ele prosseguiu, sorrindo:

— Era algo bem agradável de ver. Hoje é uma moralidade feita especialmente para a senhora princesa de Flandres.

— Vão cantar *bergerettes*?⁴⁶ — perguntou Gisquette.

— Apre! — fez o desconhecido. — Numa moralidade! Não confunda os gêneros. Se fosse uma sotia, seria muito bem-vinda.

— Que pena — replicou Gisquette. — Daquela vez havia na fonte do Ponceau homens e mulheres selvagens que se combatiam e assumiam várias atitudes cantando pequenos motetos e *bergerettes*.

— O que convém para um legado — disse o desconhecido com rudeza — não convém para uma princesa.

— E junto deles — prosseguiu Liénarde — rivalizavam vários instrumentos que produziam grandes melodias.

— E para refrescar os passantes — continuou Gisquette —, a fonte fazia jorrar por três bocas vinho, leite e hipocraz,⁴⁷ que bebia quem

queria.

— E um pouco abaixo do Ponceau — prosseguiu Liénarde —, na Trinité, havia uma paixão com personagens, que não falavam.

— Como me lembro! — exclamou Gisquette. — Deus na cruz e os dois ladrões, à direita e à esquerda.

Aqui as jovens comadres, excitadas com a lembrança da entrada do senhor legado, puseram-se a falar ao mesmo tempo.

— E mais adiante, na Porte aux Peintres, havia outras pessoas vestidas com muito luxo.

— E na fonte Saint-Innocent, aquele caçador que perseguia uma corça em meio a uma barulheira de cães e trompas de caça!

— E no matadouro de Paris, aqueles andaimes que figuravam a Bastilha de Dieppe!

— E quando o legado passou, sabe, Gisquette? Lançaram o assalto, e os ingleses todos tiveram a garganta cortada!

— E na porta do Châtelet⁴⁸ havia belíssimos personagens!

— E na Pont-au-Change, que estava toda atapetada!

— E quando o legado passou, soltaram na ponte mais de duzentas dúzias de todo tipo de pássaros. Foi lindo, Liénarde.

— Será mais bonito hoje — replicou enfim o interlocutor delas, que parecia ouvi-las com impaciência.

— O senhor promete que este mistério vai ser bonito? — perguntou Gisquette.

— Sem dúvida — ele respondeu. Depois acrescentou com certa ênfase: — Senhoritas, sou eu o autor.

— Verdade? — disseram as moças, pasmas.

— Verdade! — respondeu o poeta, ligeiramente empavonado. — Quer dizer, somos dois: Jehan Marchand, que serrou as tábuas e ergueu a estrutura do teatro e o madeirame, e eu, que fiz a peça. Eu me chamo Pierre Gringoire.

O autor do *Cid* não teria dito com maior orgulho: Pierre Corneille.

Nossos leitores puderam observar que já passara certo tempo desde o momento em que Júpiter entrara de volta sob a tapeçaria até o instante em que o autor da nova moralidade se revelou bruscamente para a admiração ingênua de Gisquette e Liénarde. Coisa notável: toda aquela turba, alguns minutos antes tão tumultuosa, esperava agora com mansuetude, confiando no ator; o que prova esta verdade eterna e todo dia ainda confirmada em nossos teatros: o melhor meio de fazer o público esperar com paciência é afirmar-lhe que a função vai começar já.

Todavia, o estudante Joannes não cochilava.

— Eh! — gritou de repente no meio da calma espera que sucedera o tumulto. — Júpiter, senhora Virgem, saltimbancos do diabo! Estão

de zombaria? A peça! A peça! Comecem vocês ou recomeçamos nós!

Mais não foi preciso.

Uma música de instrumentos altos e baixos se fez ouvir do interior do andaime; a tapeçaria se ergueu; quatro personagens díspares e maquiados saíram, subiram a escada abrupta do teatro e, chegando à plataforma superior, se puseram em linha diante do público, a que saudaram com profunda reverência; então a sinfonia se calou. O mistério começava.

Os quatro personagens, depois de terem amplamente colhido em aplausos a paga de seus cumprimentos, atacaram, em meio a um silêncio religioso, um prólogo do qual poupamos de muito bom grado o leitor. De resto, como ainda acontece em nossos dias, o público estava mais atento aos figurinos que eles usavam do que ao papel que representavam; e, a bem da verdade, era justo. Todos os quatro vestiam túnica metade amarela, metade branca, que só se distinguiam entre si pela natureza do tecido; a primeira era de brocado de ouro e prata, a segunda de seda, a terceira de lã, a quarta de pano ordinário. O primeiro dos personagens trazia na mão direita uma espada, o segundo duas chaves de ouro, o terceiro uma balança, o quarto uma enxada; e para ajudar as inteligências preguiçosas que não tivessem enxergado direito através da transparência desses atributos, podia-se ler em letras grandes, bordadas de preto: na parte baixa da túnica de brocado, EU ME CHAMO NOBREZA; na parte baixa da túnica de seda, EU ME CHAMO CLERO; na parte baixa da túnica de lã, EU ME CHAMO MERCADORIA; na parte baixa da túnica de pano, EU ME CHAMO LABOR. O sexo das duas alegorias masculinas era claramente indicado ao espectador judicioso por suas túnicas menos compridas e pelo chapéu que traziam na cabeça, enquanto as duas alegorias femininas, com vestes menos curtas, usavam um capuz.

Seria também preciso muita má vontade para não compreender, através da poesia do prólogo, que o Labor era casado com a Mercadoria, e o Clero com a Nobreza; e que os dois felizes casais possuíam em comum um magnífico delfim de ouro, que pretendiam dar à mais bela. Portanto, corriam o mundo procurando e demandando essa beleza, e, depois de rejeitarem sucessivamente a rainha Golconde, a princesa de Trebizonda, a filha do grão-cã da Tartária etc. etc., Labor e Clero, Nobreza e Mercadoria tinham vindo descansar à mesa de mármore do Palácio da Justiça, proferindo diante da honesta audiência tantas sentenças e máximas quantas se podia então gastar na Faculdade de Artes, nos exames, sofismas, determinanças,⁴⁹ figuras e atos em que os mestres obtinham sua beca de licenciatura.

Tudo isso era de fato muito bonito.

Entretanto, nessa multidão sobre a qual as quatro alegorias derramavam, rivalizando-se, torrentes de metáforas, não havia ouvido mais atento, coração mais palpitante, olhar mais esgazeado, pescoço mais espichado quanto o olhar, o pescoço e o coração do autor, do poeta, do bravo Pierre Gringoire, que não pudera resistir, um instante antes, à alegria de dizer seu nome a duas belas moças. Ele se distanciara alguns passos delas e se postara atrás de seu pilar; e ali, ouvia, via, saboreava. Os benevolentes aplausos que haviam acolhido o início de seu prólogo ainda ecoavam em suas entranhas, e ele estava completamente absorto nessa espécie de contemplação extática com a qual um autor vê suas ideias caírem uma a uma da boca do ator no silêncio de uma vasta audiência. Digno Pierre Gringoire!

Custa-nos dizer, mas esse primeiro êxtase logo foi perturbado. Mal Gringoire aproximara seus lábios dessa taça inebriante de alegria e triunfo, uma gota de amargor veio se misturar a ela.

Um mendigo maltrapilho, que não podia obter seu ganho, perdido que estava no meio da multidão e que sem dúvida não encontrara indenização suficiente nos bolsos de seus vizinhos, imaginara se empoleirar nalgum ponto em evidência para atrair os olhares e as esmolas. Ele se içara, portanto, durante os primeiros versos do prólogo, valendo-se dos pilares do estrado reservado, até a cornija que bordava a balaustrada deste, em sua parte inferior; e sentara ali, solicitando a atenção e a piedade da multidão, com seus andrajos e uma chaga horrorosa que lhe cobria o braço direito. Quanto ao mais, não proferia uma palavra.

O silêncio que ele mantinha deixava o prólogo seguir sem estorvos, e nenhuma desordem sensível teria sobrevivendo se o infortúnio não houvesse querido que o estudante Joannes avistasse, do alto de seu pilar, o mendigo e suas caretas. Um frouxo de riso tomou conta do jovem gaiato, que, sem se preocupar com interromper o espetáculo e perturbar o recolhimento universal, exclamou com galhardia:

— Olhem aquele falso doente que pede esmola!

Quem já atirou uma pedra num laguinho cheio de rãs ou disparou um tiro de fuzil numa revoada de aves pode fazer uma ideia do efeito que essas palavras incongruentes produziram em meio à atenção geral. Gringoire estremeceu, como por um choque elétrico. O prólogo emudeceu, e todas as cabeças se viraram em tumulto para o mendigo, que, longe de se desconcertar, viu nesse incidente uma boa ocasião de coleta e pôs-se a dizer com ar dolente, semicerrando os olhos:

— Caridade, por favor!

— Ah... pela minh'alma — tornou a intervir Joannes —, é o Clopin Trouillefou. Ei, amigo, a sua ferida o incomodava na perna e você a pôs no braço?

Assim falando, ele jogou, com a habilidade de um macaco, um trocado no chapéu de feltro sebento que o mendigo trazia em seu braço doente. O mendigo recebeu, sem reclamar, a esmola e o sarcasmo, e continuou com uma voz queixosa:

— Caridade, por favor!

Esse episódio distraíra consideravelmente a audiência; e um bom número de espectadores, Robin Poussepain e todos os letrados à frente, aplaudiam com vivacidade aquele duo bizarro, que o estudante com sua voz esganiçada e o mendigo com sua salmodia imperturbável acabavam de improvisar em meio ao prólogo.

Gringoire estava muito aborrecido. Recobrado de sua estupefação inicial, ele se empenhava em gritar aos quatro personagens em cena:

— Continuem! Que diabo! Continuem! — sem nem sequer se dignar a lançar um olhar de desdém para os dois perturbadores.

Nesse momento, ele se sentiu puxado pela beira de sua sobreveste; virou-se, não sem certo mau humor, e teve bastante dificuldade para sorrir; e no entanto precisava fazê-lo. Era o bonito braço de Gisquette la Gencienne, que, passando através da balaustrada, solicitava desse modo sua atenção.

— Senhor — disse a moçoila —, eles vão continuar?

— Claro — respondeu Gringoire, chocado com a pergunta.

— Nesse caso, *messire* — ela prosseguiu —, tenha a cortesia de me explicar...

— O que eles vão dizer? — interrompeu Gringoire. — Pois bem, escute!

— Não — disse Gisquette —, o que eles disseram até agora.

Gringoire teve um sobressalto, como um homem de quem tocassem uma ferida em carne viva.

— Peste de menina tola e tapada! — disse entre os dentes.

A partir desse momento, Gisquette se perdeu no espírito dele.

Entretanto, os atores haviam obedecido à sua injunção, e o público, vendo que eles voltavam a falar, voltara a ouvir; não sem ter perdido muitas belezas na espécie de soldagem que se fez entre as duas partes da peça, cortada de modo tão brusco. Gringoire fazia baixinho essa amarga reflexão. No entanto, a tranquilidade se restabelecera pouco a pouco; o estudante se calava, o mendigo contava umas moedas em seu chapéu, e a peça se refizera.

Era na realidade uma bela obra, da qual nos parece que poderíamos muito bem tirar proveito hoje em dia, mediante alguns arranjos. A exposição, um pouco longa e vazia, ou seja, em conformidade com as regras, era simples; e Gringoire, no cândido santuário de seu foro íntimo, admirava a clareza dela. Como podem imaginar, os quatro personagens alegóricos estavam um pouco cansados de ter percorrido

as três partes do mundo, sem conseguir se desfazer convenientemente de seu delfim de ouro. Logo a seguir, o elogio do peixe maravilhoso, com mil alusões delicadas ao jovem noivo de Margarida de Flandres, então tristemente recluso em Amboise, nem de longe imaginando que Labor e Clero, Nobreza e Mercadoria haviam acabado de dar a volta ao mundo por ele. O dito delfim⁵⁰ era jovem, portanto bonito, forte e sobretudo (magnífica origem de todas as virtudes régias!) era filho do Leão da França.⁵¹ Declaro que essa metáfora ousada é admirável e que a história natural do teatro, num dia de alegoria e epitalâmio régio, não se espanta nem um pouco com um delfim filho de um leão. São justamente essas raras e pindáricas mesclas que provam o entusiasmo. Contudo, para fazer também a parte da crítica, o poeta poderia ter desenvolvido essa bela ideia em menos de duzentos versos. É verdade que o mistério devia durar do meio-dia às quatro, conforme a prescrição do senhor preboste, e que é preciso dizer alguma coisa. Aliás, o público ouvia com paciência.

De repente, no meio de uma querela entre a srta. Mercadoria e a sra. Nobreza, no momento em que o mestre Labor pronunciava este esplêndido verso,

Nunca se viu nos bosques animal mais triunfante;

a porta do estrado reservado, que até então ficara fechada de maneira bastante inadequada, se abriu mais inadequadamente ainda; e a voz retumbante do porteiro anunciou com rudeza: “Sua eminência, o monsenhor cardeal de Bourbon”.

43. Barulheira que se fazia na Idade Média, com panelas, apitos etc., para condenar, entre outros casos, o casamento de uma pessoa viúva ou de pessoas com grande diferença de idade.

44. “Aplaudam, cidadãos!”

45. Na Idade Média, grito de júbilo para saudar uma coisa prazerosa.

46. Poesia pastoral do século XV. (N. E.)

47. Bebida preparada com vinho, mel e especiarias.

48. Antiga fortaleza que abrigava o tribunal criminal e uma prisão.

49. Na Idade Média, teses universitárias defendidas sobre várias obras, que serviam de base ao ensino público.

50. Convém lembrar que delfim é, ao mesmo tempo, o nome dado ao herdeiro do trono francês e sinônimo de golfinho.

51. Luís VIII (1187-1226).

Pobre Gringoire! A barulheira de todas as bombas de são João, o disparo de vinte arcabuzes pesados, a detonação da célebre serpentina da torre de Billy, que durante o cerco de Paris do domingo, 29 de setembro de 1465, matou sete borguinhões de uma vez, a explosão de toda a pólvora para canhão armazenada na Porte du Temple teriam dilacerado seus ouvidos de forma menos rude, naquele momento solene e dramático, do que aquelas poucas palavras saídas da boca de um porteiro: “Sua eminência, o monsenhor cardeal de Bourbon”.

Não que Pierre Gringoire temesse o cardeal ou o desprezasse. Ele não tinha nem essa fraqueza nem essa presunção. Verdadeiro eclético, como se diria hoje em dia, Gringoire era desses espíritos elevados e firmes, moderados e calmos, que sempre sabem se manter no meio de tudo (*stare in dimidio rerum*) e são repletos de razão e filosofia liberal, ao mesmo tempo que prestava aos cardeais a devida consideração. Raça preciosa e nunca interrompida de filósofos a que a sabedoria, como uma outra Ariadne, parece ter dado um novelo de fio que eles vão esgotando desde o começo do mundo através do labirinto das coisas humanas. Nós os encontramos em todos os tempos, sempre os mesmos, quer dizer, sempre de acordo com todos os tempos. E sem contar nosso Pierre Gringoire, que os representaria no século XV se conseguíssemos lhe dar a ilustração que ele merece, era certamente o espírito deles que animava o padre Du Breul ao escrever no século XVI estas palavras ingenuamente sublimes, dignas de todos os séculos: “Sou parisiense de nação e *parrhisian* de falar, pois *parrhisia* em grego significa liberdade de falar,⁵² da qual usei inclusive diante dos senhores cardeais, tio e irmão do senhor príncipe de Conti, mas com respeito à sua grandeza e sem ofender ninguém do seu séquito, que é grande”.

Não havia, portanto, nem ódio ao cardeal nem desprezo por sua presença, na impressão desagradável que ela causou em Pierre

Gringoire. Muito pelo contrário; nosso poeta tinha demasiado bom senso e roupa demasiado puída para não atribuir particular importância a que muitas alusões de seu prólogo, em particular a glorificação do delfim, filho do Leão da França, fosse recolhida por um ouvido eminente. Mas não é o interesse que domina na nobre natureza dos poetas. Suponho que a entidade do poeta seja representada pelo número dez; é certo que um químico, analisando-a e exercendo a farmácia, como diz Rabelais, veria que é composta de uma parte de interesse contra nove partes de amor-próprio. Ora, no momento em que nossa porta se abriu para o cardeal, as nove partes de amor-próprio de Gringoire, infladas e tumefeitas ao sopro da admiração popular, estavam num estado de aumento prodigioso, sob o qual desaparecia, como que sufocada, aquela imperceptível molécula de interesse que distinguíamos há pouco na constituição dos poetas; ingrediente precioso, de resto, lastro de realidade e humanidade sem o qual eles não pisariam na Terra. Gringoire se enchia de prazer ao sentir, ver, apalpar, por assim dizer, uma audiência inteira — de pés-rapados, é verdade, mas e daí? — estupefata, petrificada e como que asfixiada diante das incomensuráveis tiradas que surgiam a cada instante de todas as partes de seu epitalâmio. Afirmo que ele mesmo compartilhava da beatitude geral e que, ao contrário de La Fontaine, o qual, quando da representação de sua comédia *Le Florentin*, perguntava: “Quem foi o desastrado que fez esta rapsódia?”,⁵³ Gringoire decerto teria perguntado à pessoa a seu lado: “De quem é esta obra-prima?”. Podemos julgar agora que efeito produziu nele a brusca e intempestiva aparição do cardeal.

O que ele podia temer se realizou, e como! A entrada de sua eminência alvoroçou a plateia. Todas as cabeças se voltaram para o estrado. Foi uma balbúrdia. “O cardeal! O cardeal!”, repetiram todas as bocas. O coitado do prólogo cessou uma segunda vez.

O cardeal parou um momento no limiar do estrado. Enquanto passeava um olhar assaz indiferente pela audiência, o tumulto redobrava. Todos queriam pôr a cabeça acima dos ombros do vizinho.

Era de fato uma alta personalidade, cujo espetáculo valia sem dúvida uma comédia bem diferente. Carlos, o cardeal de Bourbon, arcebispo e conde de Lyon, primado das Gálias, era ligado ao mesmo tempo a Luís XI por parte do irmão deste, Pierre, sr. de Beaujeu — que desposara a filha mais velha do rei —, e a Carlos, o Temerário, por parte de sua mãe, Inês de Borgonha. Ora, o traço dominante, o traço característico e distintivo do caráter do primado das Gálias era o espírito cortesão e a devoção aos poderosos. Podem-se julgar os embaraços sem fim que lhe valera esse duplo parentesco e todos os escolhos temporais entre os quais sua barca espiritual tivera de

navegar, para não se quebrar nem em Luís nem em Carlos, essa Caribde e essa Cila⁵⁴ que haviam devorado o duque de Nemours e o condestável de Saint-Pol. Graças ao céu, ele se saiu bem da travessia e chegou a Roma sem problemas. Mas, embora estivesse no porto, e precisamente por estar no porto, não se lembrava nunca sem inquietação das diversas chances de sua vida política, por tanto tempo alarmada e laboriosa. Por isso ele tinha o costume de dizer que o ano de 1476 havia sido para ele “preto e branco”, entendendo com isso que perdera esse ano sua mãe, a duquesa de Bourbonnais, e seu primo, o duque de Borgonha, e que um luto o consolara do outro.

De resto, era um bom homem; levava uma agradável vida de cardeal, se alegrava com o vinho realengo de Challuau, não odiava Richarde la Garmoise e Thomasse la Saillarde, preferia dar auxílio às jovens bonitas do que às mulheres idosas, e por todas essas razões era de muito agrado do *popular* de Paris. Só andava rodeado por uma pequena corte de bispos e abades de alta linhagem, galantes, licenciosos e farreando se preciso fosse; e mais de uma vez as boas devotas de Saint-Germain-d’Auxerre, ao passarem a noite sob as janelas iluminadas da residência de Bourbon, ficaram escandalizadas ao ouvir as mesmas vozes que lhes haviam cantado as vésperas durante o dia salmodiar ao tilintar das taças o provérbio báquico de Bento XII, o papa que acrescentara uma terceira coroa à tiara: “*Bibamus papaliter*”.⁵⁵

Foi sem dúvida essa popularidade, adquirida a tão justo título, que o preservou, à sua entrada, de uma má acolhida de parte da turba, tão descontente um momento antes e muito pouco disposta a respeitar um cardeal no dia em que ia eleger um papa. Mas os parisienses guardam pouco rancor; e depois, fazendo a representação começar, os bons burgueses haviam prevalecido sobre o cardeal, e esse triunfo lhes bastava. Aliás, o senhor cardeal de Bourbon era um belo homem, trajava uma bela batina encarnada, que vestia com muita graça; vale dizer, que ele tinha a seu favor todas as mulheres e, por conseguinte, a melhor metade da audiência. Com certeza seria injusto e de mau gosto vaia um cardeal por ter se feito esperar, quando este é um belo homem e veste com graça sua batina encarnada.

Ele entrou, portanto, cumprimentou a audiência com aquele sorriso hereditário dos grandes para o povo e se dirigiu a passos lentos para sua poltrona de veludo escarlate, com um ar de quem pensava em outra coisa. Seu séquito, o que hoje chamaríamos de seu estado-maior de bispos e abades, irrompeu atrás dele no estrado, não sem redobrar o tumulto e a curiosidade da plateia. Todos e cada um queriam apontá-los, dizer o nome deles; queriam mostrar que conheciam pelo menos um; aquele é o bispo de Marselha, Alaudet, se não me engano;

aquele é o primaz de Saint-Denis; aquele é Robert de Lespinasse, abade de Saint-Germain-des-Prés, irmão libertino de uma amante de Luís XI. Tudo isso com muitos erros e cacofonias. Quanto aos estudantes, blasfemavam. Era o dia deles, sua festa dos loucos, sua saturnal, a orgia anual dos auxiliares de justiça e dos estudantes. Não havia torpeza que não fosse válida nem coisa sagrada nesse dia. E havia loucas comadres na multidão: Simone Quatrelires, Agnès la Gadine, Robine Piédébou. Isto não era o mínimo que se podia fazer? Xingar à vontade e maldizer um pouco o nome de Deus, em tão lindo dia, em tão boa companhia de gente da igreja e de putas? Eles não deixavam por menos; e no meio do bruaá havia uma tremenda balbúrdia de blasfêmias e enormidades ditas por todas aquelas línguas descontroladas, línguas de auxiliares de justiça e estudantes, contidas o resto do ano pelo temor ao ferro quente de São Luís. Pobre São Luís, como o escarneciam em seu próprio Palácio da Justiça! Cada um deles elegera como alvo, dentre os recém-chegados ao estrado, uma batina preta, ou cinza, ou branca, ou roxa. Quanto a Joannes Frollo de Molendino, na qualidade de irmão de um arquidiácono, era a encarnada que ele atacara com audácia; e cantava a plenos pulmões, fixando seus olhos atrevidos no cardeal: *Cappa repleta mero!*⁵⁶

Todos esses detalhes, que desnudamos aqui para edificação do leitor, eram de tal modo cobertos pelo rumor geral que se apagavam antes de chegar ao estrado reservado; aliás, o cardeal pouco teria se importado com eles, a tal ponto estavam as liberdades desse dia arraigadas nos costumes. Ele tinha, de resto — e sua cara demonstrava essa preocupação —, outra inquietude que o seguia de perto e que entrou quase ao mesmo tempo que ele no estrado: a embaixada de Flandres.

Não que ele fosse um profundo político nem que se afligisse com as possíveis consequências do casamento de madame sua prima, Margarida de Borgonha, com o senhor seu primo, Carlos, delfim de Viena; quanto duraria o entendimento superficial entre o duque da Áustria e o rei da França; como o rei da Inglaterra encararia esse desprezo por sua filha: tudo isso o inquietava pouco e ele festejava, toda noite, o vinho das videiras reais de Chaillot, sem imaginar que alguns frascos desse mesmo vinho (um tanto revisto e corrigido, é verdade, pelo médico Coictier), oferecidos a Eduardo IV pelo cordial Luís XI, livraria um belo dia Luís XI de Eduardo IV. *A mui honrada embaixada do senhor duque da Áustria* não causava no cardeal nenhuma dessas aflições, mas o importunava, por outro lado. Era de fato um pouco duro — e já dissemos uma palavra a esse respeito na segunda página deste livro — ser obrigado a festejar e dar boa acolhida, ele, Carlos de Bourbon, a não sei que burgueses; ele, o

cardeal, a uns escabinos;⁵⁷ ele, francês, alegre conviva, a flamengos bebedores de cerveja; e isso em público. Decerto esse era um dos comportamentos mais ridículos e fastidiosos que ele jamais adotara para agradar ao rei.

Voltou-se, pois, para a porta com a maior afabilidade do mundo (a tal ponto ele se estudava), quando o porteiro anunciou com uma voz sonora: “Os senhores enviados do senhor duque da Áustria”. Inútil dizer que a sala inteira fez o mesmo.

Chegaram então, dois a dois, com uma gravidade que contrastava com o petulante cortejo eclesiástico de Carlos de Bourbon, os quarenta e oito embaixadores de Maximiliano da Áustria, tendo à frente o reverendo padre em Deus, Jehan, abade de Saint-Bertin, chanceler do Tosão de Ouro, e Jacques de Goy, sr. de Auby, alto bailio de Gand. Fez-se na audiência um grande silêncio, acompanhado de risos abafados, para ouvir todos os nomes extravagantes e todas as qualidades burguesas que cada um desses personagens transmitia sem se perturbar ao porteiro, que pronunciava em seguida nomes e qualidades, tudo misturado e estropiado, à turba. Eram mestre Loys Roelof, escabino da cidade de Louvain; *messire* Clays d’Etuelde, escabino de Bruxelas; *messire* Paul de Baeust, sr. de Voirmizelle, presidente de Flandres; mestre Jehan Coleghens, burgomestre da cidade de Antuérpia; mestre George de la Moere, primeiro escabino da *kuere*⁵⁸ da cidade de Gand; mestre Gheldof vander Hage, primeiro escabino dos *parchons*⁵⁹ dessa mesma cidade; e o sr. de Bierbecque, e Jehan Pinnock, e Jehan Dymaerzelle etc. etc. etc., bailios, escabinos, burgomestres; burgomestres, escabinos, bailios; todos rígidos, hirtos, retesados, endomingados de veludos e damascos, encapuchados de veludo preto com grossas borlas de fio dourado do Chipre; boas cabeças flamengas, apesar de tudo, figuras dignas e severas, da família daquelas que Rembrandt faz aparecer tão fortes e graves contra o fundo negro de sua ronda noturna; personagens que traziam, todos, escritos na testa que Maximiliano da Áustria tivera razão de “confiar plenamente”, como diz seu manifesto, “no senso, destemor, experiência, lealdade e sabedoria deles”.

Salvo um, no entanto. Tratava-se de um rosto fino, inteligente, astuto, uma espécie de focinho de macaco e de diplomata, diante do qual o cardeal deu três passos e fez uma profunda reverência, mas que não se chamava mais do que *Guillaume Rym, conselheiro e pensionista da cidade de Gand*.

Poucas pessoas sabiam então quem era Guillaume Rym. Raro gênio que, num tempo de revolução, teria aparecido com brilho na superfície dos acontecimentos, mas que no século XV estava reduzido às cavernosas intrigas e a “viver no trabalho de sapa”, como diz o

duque de Saint-Simon.⁶⁰ De resto, ele era apreciado pelo primeiro “sapador” da Europa; maquinava familiarmente com Luís XI e tinha acesso frequente às ações secretas do rei. Eram coisas ignoradas por aquela multidão que se maravilhava com as cortesias que o cardeal fazia àquela reles figura de bailio flamengo.

52. Du Breul força a etimologia para aproximar da Grécia antiga a suposta liberdade de falar dos parisienses (*parisien/parrhisian* soam parecido). Não é assim. A palavra grega é *παρρησία*, *parrhêsía* — em português, parrésia.

53. A comédia lhe foi erroneamente atribuída, sendo na verdade de Champmeslé.

54. Monstros fabulosos que, na *Odisseia* de Homero, montam guarda ao estreito de Messina, dando cabo dos que ousavam atravessá-lo.

55. “Bebamos papalmente.” Bento XII, papa em Avignon de 1334 a 1342, tinha fama de grande beerrão.

56. “Manto repleto de vinho.”

57. Nos Países Baixos, adjuntos do burgomestre.

58. Colégio de escabinos responsável pela administração, gestão financeira e assuntos penais da cidade.

59. Colégio de escabinos responsável pelas questões de sucessão e de tutela.

60. Saint-Simon (1675-1755): memorialista das intrigas da corte. (N. E.)

MESTRE JACQUES COPPENOLE

Enquanto o pensionista de Gand e a eminência trocavam uma reverência bem baixa e algumas palavras em voz mais baixa ainda, um homem alto, de cara larga e ombros potentes, se apresentava para entrar lado a lado com Guillaume Rym: parecia um dogue junto de uma raposa. Seu chapéu de feltro e seu casaco de couro destoavam em meio aos veludos e sedas que o rodeavam. Supondo que era um cavaliário extraviado, o porteiro o deteve.

— Ei, amigo! Não pode passar.

O homem do casaco de couro repeliu-o com o ombro.

— O que esse engraçadinho quer comigo? — disse com um vozeirão que fez a sala toda ficar atenta àquele estranho colóquio. — Não vê quem eu sou?

— Seu nome? — pediu o porteiro.

— Jacques Coppenole.

— Sua qualidade?

— Negociante de meias, da loja Les Trois Chaînettes, em Gand.

O porteiro recuou. Anunciar escabinos e burgomestres, ainda passa; mas um meheiro, era duro. O cardeal estava numa situação espinhosa. O povo todo ouvia e via. Fazia dois dias que sua eminência se empenhava em lambar as botas daqueles ursos flamengos para torná-los mais apresentáveis em público, e a extravagância era grande. Enquanto isso Guillaume Rym, com seu sorrisinho, se aproximou do porteiro:

— Anuncie mestre Jacques Coppenole, assistente dos escabinos da cidade de Gand — soprou-lhe baixinho.

— Porteiro — repetiu o cardeal em voz alta —, anuncie mestre Jacques Coppenole, assistente dos escabinos da ilustre cidade de Gand.

Foi um erro. Guillaume Rym sozinho teria escamoteado a dificuldade; mas Coppenole ouvira o cardeal.

— Não, cruz de Deus! — exclamou com sua voz trovejante. —

Jacques Coppenole, negociante de meias. Ouviu, porteiro? Nada mais, nada menos. Cruz de Deus! Negociante de meias é bem bonito. O senhor arquiduque mais de uma vez procurou sua luva⁶¹ nas minhas meias.

Os risos e os aplausos ecoaram. Uma chalaça é logo entendida em Paris e, por conseguinte, sempre aplaudida.

Acrescentemos que Coppenole era do povo e que esse público que o rodeava era do povo. Por isso a comunicação entre eles havia sido pronta, elétrica e, por assim dizer, direta. A altiva alteração do meheiro flamengo, humilhando a gente da corte, revolvera em todas as almas plebeias um sentimento de dignidade ainda vago e indistinto no século XV. Era um igual, aquele negociante de meias que acabava de enfrentar o senhor cardeal! Reflexão bem agradável a uns pobres-diabos que estavam acostumados ao respeito e à obediência para com os serviços do bailio do abade de Sainte-Geneviève, caudatário do cardeal.

Coppenole cumprimentou com altivez sua eminência, que devolveu a saudação ao poderoso burguês temido por Luís XI. Depois, enquanto Guillaume Rym, “homem sábio e malicioso”, como diz Philippe de Comines,⁶² seguia os dois com um sorriso de mofa e superioridade ao se dirigirem cada qual ao seu lugar, o cardeal, todo desconcertado e preocupado, Coppenole tranquilo e altaneiro, pensando sem dúvida que no fim das contas seu título de negociante de meias valia tanto quanto outro qualquer e que Maria de Borgonha, mãe daquela Margarida com quem Coppenole se casaria hoje, o temeria menos como cardeal do que como negociante de meias: porque não seria um cardeal que levantaria o povo de Gand contra os favoritos da filha de Carlos, o Temerário; não seria um cardeal que teria fortalecido a multidão com uma palavra contra suas lágrimas e preces quando a princesa de Flandres veio suplicar por eles a seu povo até os pés do cadafalso; enquanto o negociante de meias só precisou erguer seu cotovelo de couro para fazer vossas cabeças caírem, ilustríssimos srs. Guy d’Hymbercourt e chanceler Guillaume Hugonet!

Mas nem tudo acabara para esse pobre cardeal, e ele iria beber até a borra o cálice por estar em tão má companhia.

O leitor talvez não tenha esquecido o atrevido mendigo que viera se agarrar, desde o início do prólogo, nas bordas do estrado cardinalício. A chegada dos ilustres convidados não lhe fizera, em absoluto, desistir e, enquanto prelados e embaixadores se espremiavam, como verdadeiros arenques flamengos, nas estalas da tribuna, ele se pusera à vontade e cruzara audazmente as pernas na arquitrave. A insolência era rara, e ninguém a percebera no primeiro momento, pois a atenção se voltava a outro lugar. Ele, por sua vez, não percebia nada

na sala: balançava a cabeça com uma despreocupação de napolitano, repetindo de quando em quando em meio ao rumor, como que por um costume maquinal: “Caridade, por favor!”. E, claro, ele era em toda a audiência provavelmente o único que não se dignava a voltar a cabeça para a alteração entre Coppenole e o porteiro. Ora, quis o acaso que o mestre meheiro de Gand, com quem o povo já simpatizava tão vivamente e no qual todos os olhos estavam fixados, viesse sentar precisamente na primeira fila do estrado, acima do mendigo; e ninguém ficou mediocrementemente espantado ao ver o embaixador flamengo, tendo inspecionado o gaiato situado sob seus olhos, bater em tom amistoso naquele ombro coberto de farrapos. O mendigo se virou; houve surpresa, reconhecimento, os dois rostos se iluminaram etc.; depois, sem se preocupar nem um pouco com os espectadores, o meheiro e o descarnado puseram-se a conversar em voz baixa, apertando-se as mãos, enquanto os andrajos de Clopin Trouillefou, estendidos sobre o tecido dourado do estrado, causavam o efeito de uma lagarta numa laranja.

A novidade dessa cena singular provocou tal rumor de delírio e alegria na sala que o cardeal não demorou a perceber; inclinou-se um pouco e, do ponto em que estava, podendo apenas entrever de forma muito vaga a ignominiosa casaca de Trouillefou, imaginou naturalmente que o mendigo pedia esmola e, revoltado com a audácia, exclamou:

— Senhor bailio do Palácio, jogue esse gaiato no rio.

— Cruz de Deus, senhor cardeal! — disse Coppenole sem soltar a mão de Clopin. — É um dos meus amigos.

— Noel! Noel! — gritou a multidão. A partir desse momento, mestre Coppenole teve, em Paris como em Gand, “grande crédito junto ao povo; porque gente dessa estatura o tem”, diz Philippe de Comines, “quando é assim desregrada”.

O cardeal mordeu os lábios. Inclinou-se para seu vizinho, o abade de Sainte-Geneviève, e lhe disse a meia-voz:

— Embaixadores engraçados estes que o senhor arquiduque nos envia para nos anunciar madame Margarida!

— Vossa eminência perde suas cortesias com esses porcos flamengos — respondeu o abade. — *Margaritas ante porcos*.

— Diga em vez disso — replicou o cardeal com um sorriso — *porcos ante Margaritam*.

Toda a pequena corte de batina se extasiou com o jogo de palavras;⁶³ o cardeal sentiu-se um pouco aliviado; agora estava quite com Coppenole, também teve sua chalaça aplaudida.

Que nossos leitores que têm a capacidade de generalizar uma imagem e uma ideia, como se diz no estilo de hoje em dia, nos

permitam agora lhes perguntar se imaginam com bastante nitidez o espetáculo que oferecia, no momento em que detemos sua atenção, o vasto paralelogramo da Grande Sala do Palácio. No meio da sala, encostado na parede ocidental, um amplo e magnífico estrado coberto de brocado dourado no qual entram processionalmente, por uma portinha ogival, graves personagens anunciados um a um pela voz estridente do porteiro. Nos primeiros bancos, já muitas figuras veneráveis, com a cabeça coberta de arminho, veludo e escarlate. Em torno do estrado, que permanece silencioso e digno, embaixo, em frente, por toda parte, grande número de pessoas e grande algazarra. Mil olhares do povo para cada rosto do estrado, mil cochichos para cada nome. Sem dúvida o espetáculo é curioso e merecedor da atenção dos espectadores. Mas lá, bem na ponta, o que é aquela espécie de tablado com quatro títeres coloridos em cima e quatro outros embaixo? Quem é, ao lado do tablado, aquele homem de túnica negra e pálida figura? Ai, meu caro leitor, é Pierre Gringoire e seu prólogo.

Nós tínhamos esquecido dele por completo.

Era precisamente o que ele temia.

A partir do momento em que o cardeal entrou, Gringoire não cessara de se agitar para a salvação de seu prólogo. Primeiro, exigira aos atores, que haviam ficado à espera, que continuassem e elevassem a voz; depois, vendo que ninguém ouvia, dissera que parassem; e no quase quarto de hora que a interrupção durava, não cessara de bater o pé, de se desdobrar, de interpelar Gisquette e Liénarde, de incentivar seus vizinhos a pedirem a continuação do prólogo; tudo em vão. Ninguém se mexia, nem o cardeal, nem a embaixada, nem o estrado, único centro desse vasto círculo de raios visuais. É de se crer também, e dizemos isso a contragosto, que o prólogo começava a incomodar ligeiramente o auditório, no momento em que sua eminência viera distrair a atenção de uma maneira tão terrível. Afinal, tanto no estrado como na mesa de mármore, era sempre o mesmo espetáculo: o conflito do Labor e do Clero, da Nobreza e da Mercadoria. E muita gente preferia vê-los simplesmente vivos, respirando, agindo, lado a lado, em carne e osso, naquela embaixada flamenga, naquela corte episcopal, na batina do cardeal, no casaco de Coppenole, a vê-los maquiados, ataviados, falando em versos e por assim dizer empalhados sob as túnicas amarelas e brancas com que Gringoire os vestira.

No entanto, quando nosso poeta viu a calmaria um tanto ou quanto restabelecida, imaginou um stratagemma que teria salvado tudo.

— Senhor — disse, voltando-se para um de seus vizinhos, um bom gorducho de figura impaciente —, e se recomeçássemos?

— O quê? — indagou o vizinho.

— Ora, o mistério! — disse Gringoire.

— Como queira — replicou o vizinho.

Essa meia aprovação bastou a Gringoire que, cuidando ele próprio de seus interesses, começou a gritar, confundindo-se o mais que podia com a multidão:

— Recomecem o mistério! Recomecem!

— Diabo! — fez Joannes de Molendino —, o que eles estão falando lá na ponta? — (Porque Gringoire fazia o barulho de quatro). — Ei, camaradas! O mistério não acabou? Eles querem recomeçar; não está certo.

— Não, não — gritaram todos os estudantes. — Abaixo o mistério! Abaixo!

Mas Gringoire se multiplicava e gritava mais alto ainda:

— Recomecem! Recomecem!

Esses clamores atraíram a atenção do cardeal.

— Senhor bailio do Palácio — disse a um grandalhão de preto a alguns passos dele —, esses gaiatos estão numa pia de água benta para fazerem essa barulheira infernal?

O bailio do Palácio era uma espécie de magistrado anfíbio, um tipo de morcego da ordem judiciária, tendo ao mesmo tempo algo de rato e de ave, de juiz e de soldado.

Ele se aproximou de sua eminência e, não sem muito temer o descontentamento desta, explicou-lhe balbuciando a incoerência popular: que o meio-dia chegara antes de sua eminência e que os atores haviam sido forçados a começar sem esperar sua eminência.

O cardeal soltou uma gargalhada.

— Pela minha fé, o senhor reitor da Universidade deveria ter feito o mesmo. O que acha, mestre Guillaume Rym?

— Monsenhor — respondeu Guillaume Rym —, contentemo-nos por termos escapado de metade desta comédia. Já saímos ganhando.

— Esses tratantes podem continuar a farsa? — perguntou o bailio.

— Continuem, continuem — disse o cardeal. — Para mim, tanto faz. Enquanto isso, vou ler o meu breviário.

O bailio foi até a beira do estrado e gritou, depois de ter mandado fazer silêncio com um gesto de mão:

— Burgueses, campônios e moradores, para satisfazer aos que querem que se recomece, sua eminência ordena que continuem.

As duas partes tiveram de se resignar. Entretanto, o autor e o público guardaram por muito tempo rancor ao cardeal.

Os personagens em cena prosseguiram, pois, sua glosa, e Gringoire teve a esperança de que pelo menos o resto de sua obra seria ouvido. Essa esperança não demorou a se dissipar, como suas outras ilusões; o

silêncio, é verdade, tinha mais ou menos se restabelecido na audiência, mas Gringoire não percebera que, no momento em que o cardeal mandara continuar, o estrado estava longe de se ver cheio e que, depois dos enviados flamengos, haviam aparecido novos personagens que faziam parte do cortejo, cujos nomes e qualidades, anunciados de permeio ao seu diálogo pelo grito intermitente do porteiro, produziam neste um estrago considerável. De fato, imaginem no meio de uma peça de teatro o uivo de um porteiro lançando entre duas rimas, e muitas vezes entre dois hemistíquios, parênteses como estes:

Mestre Jacques Charmolue, procurador do rei no Tribunal Eclesiástico!

Jehan de Harlay, escudeiro, guarda do ofício de cavaleiro da vigilância noturna da cidade de Paris!

Messire Galiot de Genoilhac, cavaleiro, sr. de Brussac, mestre da artilharia do rei!

Mestre Dreux-Raguier, inspetor de águas e florestas do rei, nosso senhor, nas regiões de França, Champagne e Brie!

Messire Louis de Graville, cavaleiro, conselheiro e camareiro do rei, almirante da França, zelador do bosque de Vincennes!

Mestre Denis Le Mercier, guarda da casa dos cegos de Paris! — etc. etc. etc.

A situação se fazia insustentável.

Esse estranho acompanhamento, que tornava difícil seguir a peça, indignava tanto mais Gringoire porque ele não podia deixar de ver que o interesse crescia cada vez mais e que só faltava à sua obra ser ouvida. De fato, era difícil imaginar uma estrutura mais engenhosa e dramática. Os quatro personagens do prólogo se lamentavam em seu mortal embaraço, quando Vênus em pessoa (*vera incessu patuit dea*)⁶⁴ se apresentara a eles, trajando uma bela túnica com o brasão da cidade de Paris. Ela vinha pessoalmente reclamar o delfim prometido à mais bela. Júpiter, cujo raio se ouvia trovejar no vestiário, a apoiava, e a deusa ia vencer, isto é, sem floreios, casar-se com o senhor delfim, quando uma menina, vestida de damasco branco e trazendo na mão uma margarida (diáfana personificação da princesa de Flandres), veio enfrentar Vênus. Reviravolta e peripécia. Depois de uma controvérsia, Vênus, Margarida e os bastidores concordaram em apelar para o bom juízo da santa Virgem. Havia ainda um belo papel, o de dom Pedro, rei da Mesopotâmia; mas com tantas interrupções, era difícil entender para que servia. Todos eles tinham subido pela tal escada.

Mas já não havia jeito: nenhuma dessas belezas era sentida ou compreendida. Com a entrada do cardeal, dir-se-ia que um fio

invisível e mágico subitamente desviara todos os olhares da mesa de mármore para o estrado, da extremidade meridional da sala para o lado ocidental. Nada podia desenfeitiçar o auditório; todos os olhos estavam fixados ali, e os recém-chegados, com seus nomes malditos, suas fisionomias e seus costumes, eram uma diversão contínua. Era desanimador. Salvo Gisquette e Liénarde, que se viravam de tempo em tempo, quando Gringoire as puxava pela manga, salvo o gordo e paciente vizinho, ninguém ouvia, ninguém encarava a pobre moralidade abandonada. Gringoire não via nada além de perfis.

Com aquele amargor ele via ruir, peça por peça, todo o seu arcabouço de glória e poesia! E pensar que esse povo estivera a ponto de se rebelar contra o senhor bailio, impaciente que estava de ouvir sua obra! Agora que a tinham, ninguém dava atenção a ela. Essa mesma representação que começara numa aclamação tão unânime! Eterno fluxo e refluxo da simpatia popular! E pensar que quase enforcaram os sargentos do bailio! O que ele não daria para ainda estar naquela doce hora!

O brutal monólogo do porteiro cessou, no entanto; todo mundo tinha chegado; e Gringoire respirou; os atores continuavam bravamente. Mas não é que mestre Coppenole, o meieiro, se levanta de repente e que Gringoire ouve-o proferir, em meio à atenção universal, esta abominável arenga:

— Senhores burgueses e fidalgos de Paris, não sei, cruz de Deus!, o que estamos fazendo aqui. Vejo ali naquele canto, sobre esse tablado, pessoas que parecem querer se defrontar. Ignoro se é isso que os senhores chamam de *mistério*, mas não é divertido; elas brigam com a língua e nada mais. Faz quinze minutos que espero o primeiro golpe; não vem nada: são uns covardes, que só se arranham com injúrias. Deviam trazer lutadores de Londres ou de Roterdã; e, finalmente, os senhores teriam socos que seriam ouvidos lá na praça! Mas esses aí são de dar dó. Eles deviam nos brindar pelo menos com uma dança mourisca ou alguma outra macaquice! Não é isso que tinham me dito; haviam me prometido uma festa de loucos, com eleição do papa. Também temos o nosso papa dos loucos em Gand; e nisso não ficamos para trás, cruz de Deus!, mas eis como fazemos: a gente se reúne em multidão, como aqui; depois cada qual por sua vez enfia a cabeça num buraco e faz uma careta para os outros; o que fizer a careta mais feia, por aclamação de todos, é eleito papa. Pronto. É muito divertido. Querem que façamos o papa de vocês à moda do meu país? Será menos aborrecido do que escutar esses tagarelas. Se eles quiserem vir fazer a sua careta na lucarna, participarão da brincadeira. O que acham, senhores burgueses? Há aqui uma amostra suficientemente grotesca dos dois sexos para que riamos à flamenga, e temos bastantes

caras feias para esperar uma bela careta.

Gringoire quis responder: a estupefação, a raiva, a indignação lhe tiraram a palavra. Além disso, a moção do meheiro popular foi acolhida com tamanho entusiasmo por aqueles burgueses lisonjeados por terem sido chamados de fidalgos que qualquer resistência era inútil. Só lhe restava deixar-se levar pela torrente. Gringoire escondeu o rosto nas mãos, não tendo a felicidade de possuir um manto para cobrir a cabeça, como o Agamenon de Timante.⁶⁵

61. Perder suas luvas dizia-se antigamente para se referir a uma mulher que perdera a virgindade. Note-se também que em francês, luva (*gant*) e Gand, a cidade de mestre Coppenole, são homófonas.

62. Philippe de Comines (ou Commynes), historiador francês do século XVI. (N. E.)

63. “Margarida aos porcos/ os porcos a Margarida.” Mas *margarita*, em latim, também significa pérola.

64. “Revelou-se uma verdadeira deusa só por seu andar.” Virgílio, *Eneida*, I, 405.

65. Alusão a uma pintura do grego Timante (c. 400 a.C.) em que Agamenon, velado, assiste ao sacrifício de sua filha Ifigênia. (N. E.)

Num piscar de olhos tudo ficou pronto para executar a ideia de Coppenole. Burgueses, estudantes e os funcionários da Justiça puseram mãos à obra. A pequena capela situada em frente à mesa de mármore foi escolhida para o teatro das caretas. Um vidro quebrado da bonita rosácea acima da porta deixou livre um círculo de pedra pelo qual ficou acertado que os concorrentes enfiariam a cabeça. Para alcançá-lo, bastava trepar em duas barricas que haviam pegado sabe lá onde e postas uma em cima da outra de qualquer jeito. Ficou combinado que cada candidato, homem ou mulher (porque podiam eleger uma papisa), para deixar a impressão da careta virgem e inteira, cobriria o rosto e ficaria escondido na capela até o momento de aparecer. Em menos de um instante a capela ficou lotada de concorrentes, atrás dos quais a porta foi fechada.

De seu lugar, Coppenole organizava tudo, dirigia tudo, arranjava tudo. Durante o bruaá, o cardeal, não menos desapontado do que Gringoire, pretextando assuntos a resolver e vésperas a assistir, se retirara com todo o seu séquito, sem que aquela multidão, que sua chegada agitara de modo tão vivaz, se sentisse minimamente tocada por sua partida. Guillaume Rym foi o único a notar a escapada de sua eminência. A atenção popular, como o sol, continuava sua revolução; partindo de um extremo da sala, depois de ter se detido por algum tempo no meio, estava agora no outro extremo. A mesa de mármore, o estrado coberto de brocado haviam tido seu momento; era a vez da capela de Luís XI. O campo agora estava livre para toda loucura. Não havia mais do que os flamengos e a malta.

As caretas começaram. A primeira figura que apareceu na lucarna, com pálpebras viradas mostrando a vermelhidão, uma boca escancarada e uma testa plissada como nossas botas à hussarda do império, fez estourar uma gargalhada tão inextinguível que Homero teria tomado todos aqueles campônios por deuses. Enquanto isso, a

Grande Sala era nada menos do que um Olimpo, e o coitado do Júpiter de Gringoire sabia disso melhor do que ninguém. Uma segunda, uma terceira careta se sucederam, depois outra, depois outra; e sempre os risos e os sapateados de alegria redobravam. Havia nesse espetáculo uma espécie de vertigem particular, um poder de inebriamento e fascinação do qual seria difícil dar uma ideia ao leitor de nossos dias e de nossos salões. Imaginem uma série de rostos que apresentam sucessivamente todas as formas geométricas, do triângulo ao trapézio, do cone ao poliedro; todas as expressões humanas, da cólera à luxúria; todas as idades, das rugas do recém-nascido às rugas da velha moribunda; todas as fantasmagorias religiosas, do fauno a Belzebu; todos os perfis animais, da bocarra ao bico, da cabeça ao focinho. Lembrem-se de todas as carrancas da Pont-Neuf, esses pesadelos petrificados pela mão de Germain Pilon, tomando vida e respiro e vindas uma depois da outra nos encarar com olhos ardentes; todas as máscaras do Carnaval de Veneza se sucedendo em seus binóculos; numa palavra, um caleidoscópio humano.

A orgia se tornava cada vez mais flamenga. Teniers⁶⁶ só daria dela uma ideia bastante imperfeita. Imaginem como bacanal a batalha de Salvator Rosa.⁶⁷ Não havia mais estudantes nem embaixadores, nem burgueses, nem homens, nem mulheres; não havia mais Clopin Trouillefou, Gilles Lecornu, Marie Quatrelivres, Robin Poussepain. Tudo se apagava na licenciosidade comum. A Grande Sala não era mais do que uma vasta fornalha de descaramento e jovialidade em que cada boca era um grito, cada olho um lampejo, cada face uma careta, cada indivíduo uma postura: tudo gritava e urrava. Os rostos estranhos que vinham um depois do outro ranger os dentes na rosácea eram como tochas lançadas no braseiro; e de toda essa multidão efervescente escapava, como o vapor da fornalha, um rumor acre, agudo, acerado, sibilante, como as asas de um mosquito.

— Eh, maldição!

— Olhe essa cara!

— Não vale nada.

— Outro!

— Guillemette Maugerepuis, olhe só esse focinho de touro, só lhe faltam os chifres. Não é seu marido.

— Outro!

— Ventre do papa! Que careta é essa!

— Ei, você está trapaceando. Não vale mostrar a cara.

— Essa danada da Perrette Callebote! Ela é capaz disso.

— Noel! Noel!

— Estou morrendo de rir!

— Aquele ali não consegue passar as orelhas.

Etc. etc.

Mas temos de ser justos com nosso amigo Jehan. Em meio a esse sabá, ainda se podia distingui-lo no alto de seu pilar, como um grumete na gávea. Ele se movimentava com uma fúria incrível. Sua boca estava escancarada e dela escapava um grito que não se ouvia — não que ele fosse coberto pelo clamor geral, por mais intenso que este fosse, mas porque atingia sem dúvida o limite dos agudos perceptíveis, as doze mil vibrações de Sauveur ou as oito mil de Biot.⁶⁸

Quanto a Gringoire, passado o primeiro instante de abatimento, recobrou a compostura. Tinha se endurecido contra a adversidade.

— Continuem! — dissera pela terceira vez a seus atores, máquinas falantes; depois, andando a passos largos diante da mesa de mármore, passavam-lhe pela cabeça fantasias de aparecer por sua vez na lucarna da capela, quando mais não fosse, para ter o prazer de fazer uma careta àquela gente ingrata. “Não, não, isso não seria digno de nós; nada de vingança! Lutemos até o fim”, repetia para si mesmo, “o poder da poesia é grande sobre o povo, eu os reconquistarei. Veremos quem vencerá, as caretas ou as belas-letras.”

Mas ele continuou a ser o único espectador de sua peça.

Estava bem pior do que antes. Ele agora só via dorsos.

Eu me engano. O gorducho paciente, que ele já consultara num momento crítico, permanecia voltado para a cena. Quanto a Gisquette e Liénarde, haviam desertado fazia tempo.

Gringoire sentiu-se tocado no fundo do coração pela fidelidade de seu único espectador. Aproximou-se dele e lhe dirigiu a palavra, sacudindo de leve seu braço; porque o bom homem se apoiara na balaustrada e dormia um pouco.

— Senhor — disse Gringoire —, eu lhe agradeço!

— Senhor — respondeu o gorducho com um bocejo —, por quê?

— Estou vendo o que o aborrece — prosseguiu o poeta —; é toda essa barulheira que o impede de ouvir à vontade. Mas fique tranquilo: seu nome passará para a posteridade. Seu nome, por favor?

— Renauld Château, guarda do selo do Châtelet de Paris, a seu serviço.

— O senhor é aqui o único representante das musas — disse Gringoire.

— O senhor é honesto demais — respondeu o guarda-selos.

— O senhor é o único que ouviu convenientemente toda a peça — replicou Gringoire. — O que pensa dela?

— Eh! — respondeu o gordo magistrado meio acordado. — Bem prazenteira, de fato.

Gringoire teve de se contentar com esse elogio, porque uma trovoadade aplausos, mesclada a uma prodigiosa aclamação, veio

interromper a conversa. O papa dos loucos fora eleito.

— Noel! Noel! Noel! — gritava o povo de todos os lados.

De fato, era uma careta maravilhosa a que resplandecia naquele momento no buraco da rosácea. Depois de todas as figuras pentagonais, hexagonais e heteróclitas que tinham se sucedido àquela lucarna sem realizar o ideal do grotesco construído nas imaginações exaltadas pela orgia, só faltava, para conquistar os sufrágios, a careta sublime que acabava de deslumbrar o povo ali reunido. O próprio mestre Coppenole aplaudiu; e Clopin Trouillefou, que concorrera (e Deus sabe que intensidade de feiura seu rosto podia alcançar), se confessou vencido. Faremos o mesmo. Não tentaremos dar ao leitor uma ideia daquele nariz tetraédrico, daquela boca em ferradura, daquele olhinho esquerdo tapado por uma sobranceira ruiva desgrenhada, enquanto o olho direito desaparecia inteiramente sob uma enorme verruga; daqueles dentes desalinhados, quebrados aqui e ali, como as ameias de uma fortaleza; daquele lábio caloso, no qual um dos dentes penetrava como a defesa de um elefante; daquele queixo fendido; e sobretudo da fisionomia esparramada por isso tudo; daquela mistura de malícia, espanto e tristeza. Concebam, se puderem, esse conjunto.

A aclamação foi unânime; a multidão se precipitou para a capela. Tiraram de lá em triunfo o feliz papa dos loucos. Mas foi então que a surpresa e a admiração chegaram ao auge: a careta era seu rosto.

Ou antes, toda a sua pessoa era uma careta. Uma cabeçorra eriçada de cabelos ruivos, entre os dois ombros uma corcunda enorme cuja contrapartida se fazia sentir na frente; um sistema de coxas e de pernas tão estranhamente desencontradas que só podiam se tocar pelos joelhos e que, vistas de face, pareciam dois crescentes de foices que se juntavam no cabo; pés largos e mãos monstruosas; e, com toda essa deformidade, certo ar de temível vigor, agilidade e coragem; estranha exceção à regra eterna que pretende que a força, como a beleza, resulta da harmonia. Era assim o papa que os loucos acabavam de eleger.

Dir-se-ia um gigante quebrado e mal soldado.

Quando essa espécie de ciclope apareceu no limiar da capela, imóvel, atarracado e quase tão largo quanto alto — “quadrado pela base”, como disse um grande homem —, por seu capote metade vermelho, metade roxo, semeado de campanários prateados, e sobretudo pela perfeição de sua feiura, o populacho o reconheceu na mesma hora e exclamou numa só voz:

— É Quasímodo, o tocador de sinos! É Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame! Quasímodo, o caolho! Quasímodo, o torto! Noel! Noel!

Vê-se que o pobre-diabo tinha apelidos a escolher.

— As mulheres grávidas que tomem cuidado! — gritavam os estudantes.

— Ou as que têm vontade de ficar — reparava Joannes.

As mulheres, de fato, escondiam o rosto.

— Eta macaco horroroso! — dizia uma.

— Tão malvado quanto feio — reparava outra.

— É o diabo — acrescentava uma terceira.

— Tenho o azar de morar perto de Notre-Dame; de noite ouço o corcunda vagar pelas calhas.

— Com os gatos.

— Está sempre nos nossos telhados.

— Ele nos lança maus-olhados pelas chaminés.

— Outra noite, veio fazer careta na minha lucarna. Eu achava que era um homem. Fiquei com um medo!

— Tenho certeza de que ele vai ao sabá. Uma vez deixou uma vassoura na caixa de águas servidas do meu andar.

— Ai, que cara de corcunda mais desagradável!

— Ai, que alma ruim!

— Buá!

Os homens, ao contrário, estavam felizes da vida e aplaudiam.

Quasímodo, objeto do tumulto, continuava sempre à porta da capela, de pé, sombrio e grave, deixando-se admirar.

Um estudante (Robin Poussepain, creio) veio rir na cara dele, e perto demais. Quasímodo se contentou com pegá-lo pela cintura e atirá-lo a dez passos no meio da multidão, sem dizer palavra.

Mestre Coppenole, maravilhado, se aproximou dele.

— Cruz de Deus! Santo Padre! Você tem a mais bela feiura que já vi na vida. Mereceria o papado tanto em Roma como em Paris.

Assim falando, pôs a mão alegremente em seu ombro. Quasímodo não se moveu. Coppenole prosseguiu:

— Você é um gaiato com quem me dá ganas de gandaiar, ainda que me custasse uma moeda nova de doze torneses. O que acha?

Quasímodo não respondeu.

— Cruz de Deus! — exclamou o negociante de meias. — Você é surdo?

Ele de fato era surdo.

No entanto, começava a se impacientar com os modos de Coppenole e se virou de repente para ele, com um ranger de dentes tão formidável que o gigante flamengo recuou como um buldogue diante de um gato.

Formou-se então em torno do personagem um círculo de terror e respeito, que tinha pelo menos quinze passos geométricos de raio. Uma velha senhora explicou a mestre Coppenole que Quasímodo era

surdo.

— Surdo! — disse o meheiro com sua grossa risada flamenga. — Cruz de Deus! É um papa consumado.

— Eh, eu o reconheço! — exclamou Jehan, que finalmente descera de seu capitel para ver Quasímodo mais de perto. — É o sineiro do meu irmão arquidiácono. Bom dia, Quasímodo!

— Diabo de homem! — fez Robin Poussepain, ainda todo contundido com a queda. — Aparece: é corcunda. Anda: é torto. Olha para você: é caolho. Você fala com ele: é surdo. Ah, e o que faz da sua língua esse Polifemo?

— Ele fala quando quer — disse a velha. — Ficou surdo de tanto tocar sinos. Não é mudo.

— Só lhe falta isso — observou Jehan.

— Ele tem um olho a mais — acrescentou Robin Poussepain.

— Não — disse judiciosamente Jehan. — Um caolho é muito mais incompleto do que um cego: ele sabe o que lhe falta.

Entrementes, todos os lacaios, todos os ladrões de bolsa, somados aos estudantes, tinham ido buscar processionalmente no armário dos auxiliares de justiça a tiara de papelão e a ridícula bata do papa dos loucos. Quasímodo deixou que o vestissem sem pestanejar e com uma espécie de docilidade orgulhosa. Depois o fizeram sentar numa maca colorida. Doze oficiais da confraria dos loucos o levantaram em seus ombros; e uma espécie de alegria amarga e desdenhosa veio desabrochar na face morosa do ciclope, quando ele viu a seus pés disformes todas aquelas cabeças de homens bonitos, eretos e bem constituídos. Depois a procissão barulhenta e maltrapilha pôs-se em movimento para, conforme o uso, dar a volta pelo interior das galerias do Palácio, antes da volta pelas ruas e encruzilhadas.

66. David Teniers (1610-90), pintor e gravador flamenco, especialista em cenas populares e de cabaré. (N. E.)

67. Salvator Rosa (1615-73), pintor e gravador italiano, autor de inúmeros quadros representando batalhas. (N. E.)

68. Joseph Sauveur (1653-1717), criador da acústica musical; Jean-Baptiste Biot (1774-1862), físico francês, provavelmente um dos descobridores do ultrassom. (N. E.)

ESMERALDA

Ficamos felizes por termos dado a saber a nossos leitores que durante toda essa cena Gringoire e sua peça tinham aguentado firme. Seus atores, acossados por ele, não haviam interrompido sua comédia, e ele não parara de ouvi-la. Havia se resignado à algazarra e estava determinado a ir até o fim, não perdendo a esperança de que o público voltasse a prestar atenção. Esse vislumbre de esperança se reavivou quando viu Quasímodo, Coppenole e o cortejo ensurdecedor do papa dos loucos saírem barulhentemente da sala. A multidão se precipitou com avidez atrás deles. “Bom”, pensou consigo mesmo, “todos os turbulentos estão indo embora.” Por infortúnio, todos os turbulentos eram o público. Num piscar de olhos a sala ficou vazia.

Na verdade, ainda restavam alguns espectadores, uns esparsos, outros agrupados em volta dos pilares, mulheres, velhos e crianças, fartos do bruaá e do tumulto. Alguns estudantes tinham ficado a cavalo no peitoril das janelas e olhavam para a praça.

“Bom”, pensou Gringoire, “temos aí o número necessário para ouvir o fim do meu mistério. São poucos, mas é um público de elite, um público letrado.”

Ao fim de um instante, uma sinfonia que devia produzir um grande efeito à chegada da santa Virgem não soou. Gringoire se deu conta de que seus músicos haviam sido levados pela procissão do papa dos loucos.

— Pulem essa parte — disse resignado.

Aproximou-se de um grupo de burgueses que lhe deu a impressão de assistir à sua peça. Eis o pedaço de conversa que ele captou.

— Sabe, mestre Cheneteau, o palacete de Navarre, que era do sr. de Nemours?

— Sim, em frente à capela de Braque.

— Pois bem, o fisco acaba de alugá-lo a Guillaume Alixandre, historiador, por seis libras e oito *sols paris* por ano.

— Como os alugueis estão ficando caros!

— Bom! — disse Gringoire consigo mesmo, suspirando. — Os outros estão ouvindo.

— Camaradas — gritou de repente um daqueles jovens gaiatos das janelas —, *Esmeralda, Esmeralda* está na praça!

Essas palavras produziram um efeito mágico. Todos os que permaneciam na sala se precipitaram para as janelas, treparam nas muralhas para ver, repetindo: “*Esmeralda, Esmeralda!*”.

Ao mesmo tempo, ouviu-se do lado de fora um barulho de aplausos estrondosos.

— O que quer dizer *Esmeralda*? — indagou-se Gringoire, juntando as mãos desolado. — Ai, meu Deus, parece que é a vez das janelas agora.

Virou-se para a mesa de mármore e viu que a representação havia sido interrompida. Era precisamente o instante em que Júpiter devia aparecer com seu raio. Ora, Júpiter se mantinha imóvel ao pé do palco.

— Michel Giborne — gritou o poeta irritadíssimo —, o que está fazendo aí? É o seu papel? Suba, ora!

— Ai — fez Júpiter —, um estudante acaba de pegar a escada.

Gringoire olhou. Era a pura verdade. Toda comunicação estava interrompida entre o clímax e o desenlace.

— Safado! — murmurou. — Por que pegou aquela escada?

— Para ver *Esmeralda* — respondeu lastimosamente Júpiter. — Ele disse: “Ah! uma escada que não tem serventia”, e pegou-a.

Era o golpe final. Gringoire o recebeu com resignação.

— O diabo que os carregue! — disse aos atores. — Se eu for pago, vocês também serão.

Então bateu em retirada, cabeça baixa, mas por último, como um general que fez um bom combate.

E, descendo as tortuosas escadas do Palácio:

— Bela turba de asnos e de grosseirões, esses parisienses! — resmungava entre os dentes. — Vêm para ouvir um mistério e nem o escutam! Eles se interessaram por todo mundo, por Clopin Trouillefou, pelo cardeal, por Quasímodo, pelo diabo, mas pela senhora Virgem Maria, não. Se eu soubesse, vocês veriam as Virgens Marias que eu lhes daria, seus enxeridos! E eu, que vim ver rostos e só vi dorsos! Ser poeta e ter o sucesso de um boticário! É verdade que Homero mendigou pelos burgos gregos e que Naso morreu exilado entre os moscovitas. Mas que o diabo me esfole se eu entendo o que eles querem dizer com a *Esmeralda* deles! E, aliás, o que quer dizer essa palavra?⁶⁹ É egípcio!⁷⁰

69. Esmeralda não é palavra francesa nem nome próprio.

70. Era assim chamada a língua dos ciganos.

LIVRO II

A noite chega cedo em janeiro. As ruas já estavam escuras quando Gringoire saiu do Palácio. Essa noite caída lhe agradou; não via a hora de pegar uma ruela escura e deserta para meditar à vontade e para que o filósofo pusesse o primeiro curativo na ferida do poeta. A filosofia era, de resto, seu único refúgio, porque ele não sabia onde se hospedar. Depois do estrondoso aborto de seu intento teatral, ele não ousava voltar para a habitação que ocupava na Rue Grenier-sur-l'Eau, em frente ao porto do feno, pois contara com o que o senhor preboste deveria lhe dar por seu epitalâmio para pagar a mestre Guillaume Doulx-Sire, coletor da taxa do casco em forquilha de Paris,⁷¹ os seis meses de aluguel que lhe devia, ou seja, doze *sols parisis*, doze vezes o valor do que ele possuía no mundo, incluído nisso seu calção, sua camisa e seu gorro. Depois de refletir um instante, abrigado provisoriamente sob o pequeno postigo da prisão do tesoureiro da Sainte-Chapelle, sobre o recanto que elegeria para a noite, tendo todas as pedras do calçamento de Paris à sua escolha, lembrou-se de ter avistado na semana precedente, na Rue de la Savaterie, à porta de um conselheiro do Parlamento, um apoio para montar na mula e ter dito consigo que aquela pedra seria, ocasionalmente, um excelente travesseiro para um mendigo ou um poeta. Agradeceu à Providência por ter lhe enviado essa boa ideia; mas quando se preparava para atravessar a praça do Palácio a fim de alcançar o tortuoso labirinto da Cité, onde serpenteiam todas essas velhas irmãs, as ruas de la Barillerie, de la Vieille-Draperie, de la Savaterie, de la Juiverie etc., ainda de pé hoje com seus prédios de nove andares, ele viu a procissão do papa dos loucos que também saía do Palácio e corria pelo pátio, com grandes gritos, um grande clarão de tochas e seus músicos, os dele, Gringoire. Essa visão reavivou os arranhões em seu amor-próprio; ele fugiu. No amargor de sua desventura dramática, tudo o que lhe recordava a festa do dia o atormentava e fazia sua chaga

sangrar.

Quis pegar a Pont Saint-Michel; umas crianças corriam por essa ponte, aqui e ali, com lanças de fogo e foguetes.

— Malditos sejam os fogos de artifício! — disse Gringoire, e rumou para a Pont-au-Change. Tinham pendurado nas casas da cabeça da ponte três bandeiras representando o rei, o delfim e Margarida de Flandres, e seis bandeirolas em que eram retratados o duque da Áustria, o cardeal de Bourbon e o sr. de Beaujeu, e madame Joana da França, e o senhor bastardo de Bourbon, e sei lá quem mais. O conjunto era iluminado por tochas e a multidão o admirava.

— Feliz pintor Jehan de Fourbeault! — disse Gringoire com um grande suspiro, e deu as costas às bandeiras e bandeirolas. Uma rua se apresentava diante dele; ele achou-a tão escura e abandonada que esperou escapar, nela, de todos os ruídos, bem como de todas as repercussões da festa; enfiou-se por ela. Ao cabo de alguns instantes, seu pé se chocou contra um obstáculo; ele tropeçou e caiu. Era o ramalhete de maio,⁷² que os auxiliares de justiça haviam depositado de manhã à porta de um presidente do Parlamento, em homenagem à solenidade do dia. Gringoire suportou, heroico, esse novo encontro; levantou-se e foi para a beira do rio. Depois de ter deixado para trás a torreta civil e a torre criminal e ido ao longo do grande muro dos jardins do rei, nessa praia não pavimentada em que a lama lhe chegava à altura do tornozelo, alcançou a ponta ocidental da Cité e considerou algum tempo a ilhota do atravessador de vacas, que desapareceu mais tarde sob o cavalo de bronze e a Pont-Neuf. A ilhota lhe aparecia no escuro como uma massa negra além do estreito curso d'água esbranquiçada que a separava da margem. Adivinhava-se nela, pelo brilho de uma luzinha, a espécie de cabana em forma de colmeia em que o barqueiro que fazia a travessia das vacas se abrigava de noite.

“Feliz barqueiro!”, pensou Gringoire. “Você não pensa na glória e não faz epitalâmios! Que lhe importam os reis que se casam e as duquesas de Borgonha? Você não conhece outras margaridas além daquelas que o seu relvado de abril dá de pastagem às suas vacas! E eu, poeta, sou vaiado, e tirito de frio, e devo doze *sous*, e o meu solado é tão transparente que podia servir de vidro para a sua lanterna. Obrigado, barqueiro! A sua cabana repousa a minha vista e me faz esquecer de Paris!”

Foi acordado de seu êxtase quase lírico por um foguete de são João que partiu de repente da feliz cabana. Era o barqueiro das vacas que participava das diversões do dia e soltava um fogo de artifício.

Esse foguete eriçou a epiderme de Gringoire.

— Maldita festa! — exclamou. — Você vai me perseguir por toda

parte? Oh, meu Deus! Até na ilhota do atravessador de vacas!

Depois olhou para o Sena a seus pés, e uma horrível tentação tomou conta dele:

— Oh! — disse ele. — Eu me afogaria de bom grado se a água não estivesse tão fria!

Ocorreu-lhe então uma decisão desesperada. Como não podia escapar do papa dos loucos, das bandeiras de Jehan Fourbeault, dos ramalhetes de maio, dos fogos de artifício e dos foguetes, penetrar com audácia no próprio coração da festa e ir para a Place de Grève.

“Pelo menos”, pensou, “lá eu talvez teria um tição da fogueira para me aquecer e poderia cear alguma migalha dos três grandes brasões de açúcar que devem ter feito no bufê público da cidade.”

71. Essa taxa incidia sobre os animais com dedos “em forquilha”, como os ruminantes, ao entrarem em Paris.

72. Antiga tradição pela qual se plantava uma “árvore de maio” ou se depositava um ramallete de galhos e flores à porta da pessoa que se queria homenagear.

A PLACE DE GRÈVE

Hoje só resta um vestígio quase imperceptível da Place de Grève, como existia então. É a encantadora torreta que ocupa o canto norte da praça e que, já enterrada sob a ignóbil pintura que empasta as vivas arestas de suas esculturas, talvez desapareça em breve, submersa por essa torrente de novas construções que devora tão rápido todas as velhas fachadas de Paris.

As pessoas que, como nós, nunca passam pela Place de Grève sem lançar um olhar de dó e simpatia para essa pobre torreta estrangulada entre duas velhas construções da época de Luís XV podem reconstruir facilmente em seu pensamento o conjunto de edifícios a que ela pertencia e encontrar inteira a velha praça gótica do século XV.

Era, como hoje, um trapézio irregular bordeado, de um lado, pelo cais e, dos três outros, por uma série de casas altas, estreitas e escuras. De dia, podia-se admirar a variedade de seus edifícios, todos esculpido em pedra ou madeira, e já apresentando amostras completas das diversas arquiteturas domésticas da Idade Média, remontando do século XV ao XI, do arco de cruzeiro, que começava a destronar a ogiva, ao arco pleno romano, que fora suplantado pela ogiva e que ainda ocupava, abaixo dela, o primeiro andar dessa antiga casa da Tour-Roland, na esquina da praça com o Sena, do lado da Rue de la Tannerie. De noite, só se distinguia dessa massa de edifícios o rendilhado negro dos tetos que desenrolam em torno da praça seu encadeamento de ângulos agudos. É uma das diferenças radicais entre as cidades de então e as cidades de agora: hoje são as fachadas que dão para as praças e ruas, naquele então eram as empenas. Nos últimos dois séculos as casas se viraram.

No centro do lado oriental da praça, elevava-se uma construção pesada e híbrida formada por três habitações justapostas. Davam a ela três nomes que explicam sua história, sua destinação e sua arquitetura: a Casa do Delfim, porque Carlos V, o delfim, havia

morado nela; a Mercadoria, porque servia de prefeitura; e a Casa dos Pilares (*domus ad piloria*), por causa de uma série de grandes pilares que sustentavam seus três andares. A cidade encontrava ali tudo o que era necessário a uma boa cidade como Paris: uma capela para rezar a Deus; uma sala de audiências para realizá-las e, se necessário, fazer face à gente do rei; e, nos desvãos, um arsenal cheio de artilharia. Porque os burgueses de Paris sabem que não basta, em qualquer conjuntura, rezar e defender as franquias da Cité e sempre têm de reserva num sótão do Hôtel de Ville⁷³ um bom arcabuz enferrujado.

A Grève tinha desde então o aspecto sinistro ainda conservado hoje pela execrável ideia que ela desperta⁷⁴ e o sombrio Hôtel de Ville de Dominique Bocador, que substituiu a Casa dos Pilares. Cumpre dizer que uma força e um pelourinho permanentes, uma justiça e uma escada, como se dizia então, erguidos lado a lado no meio da praça, contribuíam bastante para que se desviassem os olhos dessa praça fatal, onde tantos seres cheios de saúde e de vida agonizaram; onde devia nascer, cinquenta anos depois, aquela *febre de Saint-Vallier*, aquela doença do terror do cadafalso, a mais monstruosa de todas as doenças, por não vir de Deus, mas do homem.

É uma ideia consoladora (diga-se de passagem) pensar que a pena de morte, que há trezentos anos ainda atravancava — com suas rodas de ferro, suas forcas de pedra, toda a sua parafernália de suplícios, permanente e fixada no calçamento — a Grève, Les Halles,⁷⁵ a Place Dauphine, a Croix du Trahoir, o Mercado dos Porcos, o horrendo patíbulo de Montfaucon, a Barrière des Sergents, a Place-aux-Chats, a Porte Saint-Denis, Champeaux, a Porte Baudets, a Porte Saint-Jacques, sem falar das incontáveis escadas dos prebostes, do bispo, dos capítulos, dos abades, dos priores com direito a administrar justiça; sem contar os afogamentos jurídicos no rio Sena; é consolador que hoje, depois de ter perdido ao longo do tempo todas as peças de sua armadura, seu luxo de suplícios, sua penalidade cheias de imaginação e de fantasia, sua tortura para a qual ela refazia a cada cinco anos um leito de couro no Grand-Châtelet, essa velha suserana da sociedade feudal, quase posta fora de nossas leis e cidades, perseguida de código em código, escorraçada de praça em praça, não possua em nossa imensa Paris mais do que um canto desonrado da Grève, mais do que uma miserável guilhotina, furtiva, inquieta, vergonhosa, que sempre parece ter medo de ser pega em flagrante delito, a tal ponto desaparece depressa depois de ter consumado seu feito!

73. Palácio da Cidade, sede da prefeitura.

74. Nessa praça eram realizadas as execuções capitais.

75. O Mercado de Paris.

Quando Pierre Gringoire chegou à Place de Grève, estava transido de frio. Viera pela Pont-aux-Meuniers⁷⁶ para evitar a multidão da Pont-au-Change e as bandeirolas de Jehan Fourbeault; mas as rodas de todos os moinhos do bispo o molharam à sua passagem, e sua roupa estava encharcada; parecia-lhe, além do mais, que o fracasso de sua peça o tornava ainda mais friorento. Por isso ele tratou de se aproximar da fogueira que ardia magnificamente no meio da praça. Mas uma multidão considerável formava um círculo ao redor dela.

— Malditos parisienses — disse consigo mesmo (porque Gringoire, como verdadeiro poeta dramático, era dado aos monólogos) —, agora me tapam o fogo! E no entanto necessito de um cantinho de lareira; os meus sapatos bebem, e todos esses malditos moinhos que choraram sobre mim! Diabo de bispo de Paris com os seus moinhos! Gostaria de saber o que um bispo pode fazer de um moinho, será que ele espera se tornar um bispo moleiro? Se só lhe falta a maldição para tanto, eu a dou, e à sua catedral, e aos seus moinhos! Imaginem se essa gente à toa vai abrir espaço! Pergunto o que estão fazendo aqui! Estão se aquecendo, belo prazer! Vendo uns gravetos arderem, belo espetáculo!

Examinando mais de perto, ele percebeu que o círculo era muito maior do que o necessário para se aquecer à fogueira do rei e que aquela afluência de espectadores não era atraída apenas pela beleza dos gravetos que ardiam.

Num vasto espaço deixado livre entre a multidão e a fogueira, uma jovem dançava.

Se essa jovem era um ser humano, ou uma fada, ou um anjo, é o que Gringoire, por mais filósofo cético e mais poeta irônico que fosse, não foi capaz de determinar num primeiro momento, tão fascinado ficou com aquela deslumbrante visão.

Ela não era grande, mas parecia, pois sua fina cintura se mexia com atrevimento. Tinha cabelos castanhos, mas adivinhava-se que de dia

sua pele devia ter o belo reflexo dourado das andaluzas e das romanas. Seu pezinho também era andaluz, porque estava ao mesmo tempo apertado e à vontade em suas graciosas sapatilhas. Ela dançava, girava, turbilhonava num velho tapete persa jogado com desalinho a seus pés; e cada vez que, girando, sua radiosa figura passava diante de alguém, seus grandes olhos negros lançavam um relâmpago.

Em torno dela, todos os olhares estavam fixos, todas as bocas, abertas; e, de fato, enquanto ela dançava assim, ao zumbido do pandeiro que seus braços roliços e puros erguiam acima de sua cabeça, esbelta, frágil e viva como uma vespa, com sua blusa dourada sem pregas, seu vestido colorido que se inflava, com os ombros nus, as pernas finas que a saia descobria por momentos, seus cabelos negros, os olhos de fogo, era uma criatura sobrenatural.

“Na verdade”, pensou Gringoire, “é uma salamandra, é uma ninfa, é uma deusa, é uma bacante do monte Mênalo!”

Nesse momento, uma das tranças da cabeleira da “salamandra” se soltou e uma moeda de latão que estava presa nela rolou no chão.

— Ah, não! — fez ele. — É uma boêmia.

Toda ilusão desaparecera.

Ela recomeçou a dançar; pegou no chão duas espadas cuja ponta apoiou na testa e fez girar num sentido, enquanto ela rodopiava no outro: era, de fato, uma boêmia. Contudo, por mais desencantado que Gringoire estivesse, o conjunto daquele quadro tinha seu prestígio e sua magia; a fogueira o iluminava com uma luz crua e vermelha que tremia viva no círculo de rostos da multidão, na testa morena da moça, e projetava no fundo da praça um pálido reflexo, misturado com as vacilações de suas sombras, de um lado na velha e encarquilhada fachada da Casa dos Pilares, e do outro no braço de pedra da força.

Dentre os mil rostos que essa luz tingia de escarlate, havia um que parecia mais do que todos os outros absorto na contemplação da dançarina. Era uma figura de homem, austero, calmo e sombrio. Esse homem, cuja roupa era ocultada pela multidão que o cercava, não parecia ter mais de trinta e cinco anos. No entanto era calvo; mal tinha nas têmporas alguns tufos de cabelos já grisalhos; sua testa larga e alta começava a estar sulcada de rugas; mas em seus olhos cavos brilhavam uma juventude extraordinária, uma vida ardente, uma paixão profunda. Ele os mantinha o tempo todo presos à boêmia, e enquanto a louca mocinha de dezesseis anos dançava e rodopiava para o prazer de todos, os devaneios dele pareciam se tornar cada vez mais sombrios. De vez em quando um sorriso e um suspiro se encontravam em seus lábios, mas o sorriso era mais doloroso do que o suspiro.

A mocinha, exausta, parou enfim, e o povo aplaudiu-a com amor.

— Djali — disse a boêmia.

Então Gringoire viu chegar uma linda cabra branca — esperta, viva, lustrada, com chifres dourados, pés dourados e um colar dourado —, que ele ainda não percebera e que até então ficara encolhida num canto do tapete vendo sua dona dançar.

— Djali — disse a dançarina —, agora é a sua vez.

E, sentando-se, apresentou graciosamente à cabra seu pandeiro.

— Djali — continuou ela —, em que mês do ano estamos?

A cabra levantou a pata da frente e bateu uma vez no pandeiro. Estavam de fato no primeiro mês. A multidão aplaudiu.

— Djali — continuou a moça, virando seu pandeiro para o outro lado —, em que dia do mês estamos?

Djali levantou sua patinha dourada e bateu seis vezes no pandeiro.

— Djali — prosseguiu a egípcia,⁷⁷ sempre com um novo movimento do pandeiro —, a que hora do dia estamos?

Djali bateu sete vezes. No mesmo momento o relógio da Casa dos Pilares deu sete horas.

O povo estava maravilhado.

— Tem bruxaria nisso — disse uma voz sinistra na multidão. Era do homem calvo que não tirava os olhos da boêmia.

Ela estremeceu e se desviou. Mas os aplausos irromperam e cobriram a morosa exclamação.

Aliás, apagaram-na tão completamente de seu espírito que ela continuou a interpelar a cabra.

— Djali, como faz o mestre Guichard Grand-Remy, capitão dos pistoleiros⁷⁸ da cidade, na procissão da Candelária?

Djali ergueu-se nas patas traseiras e pôs-se a balir, andando com tão delicada gravidade que o círculo todo de espectadores caiu na gargalhada diante daquela paródia da devoção interesseira do capitão dos pistoleiros.

— Djali — prosseguiu a mocinha, animada com o sucesso crescente —, como prega o mestre Jacques Charmolue, procurador do rei no Tribunal Eclesiástico?

A cabra sentou-se no traseiro e pôs-se a balir, agitando as patas dianteiras de uma maneira tão esquisita que, fora o mau francês e o mau latim, era Jacques Charmolue inteirinho, gesto, sotaque, atitude.

E a multidão aplaudiu mais ainda.

— Sacrilégio! Profanação! — começou a voz do homem calvo.

A boêmia se virou mais uma vez.

— Ah! — fez ela. — É aquele homem mau!

Depois, espichando o lábio inferior mais à frente do superior, fez uma pequena careta que parecia lhe ser familiar, piruetou nos calcanhares e pôs-se a recolher no pandeiro as doações da multidão.

Choviam moedas de todo tipo. De repente, ela passou diante de Gringoire, que enfiou a mão tão desajeitadamente no bolso que ela parou.

— Diabo! — fez o poeta, encontrando no fundo do bolso a realidade, isto é, o vazio. Enquanto isso, a moça estava ali, fitando-o com seus olhos grandes, estendendo o pandeiro e esperando. Gringoire suava grossos pingos.

Se tivesse o Peru⁷⁹ no bolso com certeza o teria dado à dançarina; mas Gringoire não tinha o Peru, e por sinal a América ainda não havia sido descoberta.

Por sorte, um incidente inesperado veio em seu socorro.

— Você não vai embora, gafanhota do Egito? — gritou a voz ácida que partia do canto mais escuro da praça. A moça se voltou, amedrontada. Não era mais a voz do homem calvo; era uma voz de mulher, uma voz devota e má.

De resto, esse grito, que amedrontou a boêmia, alegrou uma meninada que rondava por ali.

— É a reclusa da Tour-Roland — exclamaram com risadas desordenadas —, é a beata que resmunga! Será que não ceou? Vamos levar para ela um resto do bufê da cidade!

Todos saíram disparados para a Casa dos Pilares.

Enquanto isso, Gringoire se aproveitara da confusão da dançarina para sumir. O clamor das crianças lhe lembrou que ele também não havia ceado. Correu portanto para o bufê. Mas os gaiatinhos tinham pernas melhores do que as dele; quando chegou, tinham limpado a mesa. Não sobrava nem mesmo um docinho de cinco *sous* no chão. Não havia no muro mais do que esbeltas flores-de-lis, entremeadas de roseiras, pintadas em 1434 por Mathieu Biterne. Era uma ceia bem magra.

É coisa importuna se deitar sem cear; é coisa menos engraçada ainda não ter ceia e não saber onde deitar. Nesse pé estava Gringoire. Sem pão, sem abrigo. Ele se via premido de todo lado pela necessidade e achava a necessidade bem dura. Fazia tempo que descobrira esta verdade: que Júpiter criou os homens num acesso de misantropia e que, durante toda a vida do sábio, seu destino mantém sua filosofia em estado de sítio. Quanto a ele, nunca vira um bloqueio tão completo; ouvia seu estômago palpitar e achava muito fora de propósito o malvado destino confundir sua filosofia com a fome.

Esse melancólico devaneio o absorvia cada vez mais, quando um canto bizarro, embora cheio de doçura, veio bruscamente arrancá-lo de seus pensamentos. Era a jovem egípcia que cantava.

Sua voz era como sua dança, como sua beleza. Era indefinível e encantadora; tinha algo de puro, sonoro, aéreo, alado, por assim dizer.

Eram contínuos regozijos, melodias, cadências inesperadas; depois frases simples salpicadas de notas aceradas e assobiantes; depois saltos de escala que teriam desconcertado um rouxinol, mas em que a harmonia estava sempre presente; depois suaves ondulações de oitavas que se elevavam e abaixavam como o seio da jovem cantora. Seu lindo rosto seguia com uma mobilidade singular todos os caprichos da canção, desde a inspiração mais desenfreada à mais casta dignidade. Dir-se-ia ora uma louca, ora uma rainha.

A letra que ela cantava era de uma língua ignorada por Gringoire e parecia ser desconhecida por ela mesma, tão pouco a expressão que ela dava ao canto se relacionava com o sentido das palavras. Assim, estes quatro versos em sua boca eram de uma alegria louca:

*Un cofre de gran riqueza
Hallaran dentro un pilar,
Dentro del, nuevas banderas
Con figuras de espantar.*

E um instante depois, com a ênfase que ela dava a esta estância:

*Alarabes de cavallo
Sin poderse menear
Con espadas, y los cuellos,
Ballestas de buen echar.*⁸⁰

Gringoire sentia as lágrimas virem aos seus olhos. No entanto, do canto emanava sobretudo a alegria, e ela parecia cantar como os passarinhos, com serenidade e despreocupação.

A canção da boêmia turvara os devaneios de Gringoire, mas como o cisne turva a água. Ele ouvia com uma espécie de encanto e esquecimento de todas as coisas. Aquele era, depois de várias horas, o primeiro momento em que não se sentiu sofrer.

O momento foi curto.

A mesma voz de mulher que fizera cessar a dança da boêmia veio interromper seu canto.

— Não vai se calar, cigarra do inferno? — ela gritou sempre do mesmo canto escuro da praça.

A pobre *cigarra* parou de supetão. Gringoire tapou os ouvidos.

— Oh! — exclamou. — Maldita serra embotada, que vem quebrar a lira!

Enquanto isso, os outros espectadores murmuravam como ele:

— Ao diabo a beata! — dizia mais de um.

E a velha desmancha-prazeres invisível poderia ter se arrependido de suas agressões à boêmia, se não tivessem sido distraídos naquele exato momento pela procissão do papa dos loucos, que, depois de percorrer várias ruas e encruzilhadas, desembocava na Place de Grève com todas as suas tochas e toda a sua barulheira.

Essa procissão, que nossos leitores viram partir do Palácio, se organizara ao longo da caminhada e recrutara tudo o que havia em Paris em matéria de patifes, ladrões ociosos e vagabundos disponíveis; assim, ela apresentava um aspecto respeitável quando chegou à Grève.

Primeiro vinha o Egito. O duque do Egito à frente, a cavalo, com seus condes a pé, segurando a rédea e o estribo; atrás deles, os egípcios e as egípcias com os filhinhos gritando em seus ombros; todos, duque, condes, arraia-miúda, de andrajos e ouropéis. Depois vinha o reino da gíria, isto é, todos os ladrões da França, escalonados por ordem de dignidade, os menos importantes à frente. Eles desfilavam quatro a quatro, com as diversas insígnias de sua graduação nessa estranha faculdade, a maioria deles aleijada, uns pernetas, outros manetas, as diversas variedades de ladrões e mendigos, falsos estropiados, vagabundos, um elenco de cansar Homero. No centro do conclave dos ladrões solitários e dos arquissequazes,⁸¹ tinha-se dificuldade de distinguir o rei da gíria, o rei dos mendigos, acorado numa pequena charrete puxada por dois cachorrões. Depois do reino da gíria, vinha o império da Galileia. Guillaume Rousseau, imperador do império da Galileia, caminhava majestoso em sua túnica púrpura manchada de vinho, precedido por saltimbancos que lutavam e dançavam danças guerreiras, rodeado por seus pregoeiros, seus sequazes e pelos auxiliares da Câmara de Contas. Vinha enfim o grupo dos auxiliares de justiça, com suas árvores de maio coroadas de flores, suas túnicas negras, sua banda de música digna do sabá e seus círios de cera amarela. No centro dessa multidão, os grão-oficiais da confraria dos loucos levavam nos ombros uma padiola mais sobrecarregada de círios do que o relicário de Saint-Geneviève em tempos de peste; e nessa padiola resplandecia, portando báculo, manto e mitra, o novo papa dos loucos, o sineiro de Notre-Dame, Quasímodo, o Corcunda.

Cada uma das seções dessa procissão grotesca tinha sua banda de música particular. Os egípcios faziam destoar seus balafons⁸² e tamborins africanos. O grupo da gíria, raça muito pouco musical, ainda lançava mão da viola, da trombeta de caça e da gótica *rabebe*⁸³ do século XII. O império da Galileia não era muito mais avançado; mal se distinguia em sua banda alguma miserável rabeça⁸⁴ da infância da arte, ainda aprisionada no *ré-lá-mi*. Mas era em torno do papa dos loucos que se desenvolviam, numa cacofonia magnífica, todas as

riquezas musicais da época. Eram rabeca tenor, rabeca contratenor, rabeca descante, sem contar as flautas e os metais. Que tristeza! Nossos leitores se lembram de que era a orquestra de Gringoire.

É difícil dar uma ideia do grau de plenitude orgulhosa e beata a que o triste e horrendo rosto de Quasímodo chegara no trajeto do Palácio à Grève. Era o primeiro gozo de amor-próprio que ele jamais experimentara. Até então só conhecera a humilhação, o desprezo por sua condição, o nojo por sua pessoa. Assim, por mais surdo que fosse, saboreava como verdadeiro papa as aclamações dessa multidão que ele odiava por se sentir odiado por ela. Que seu povo fosse um amontoado de loucos, estropiados, ladrões, mendigos, que importa? Era mesmo assim um povo, e ele, um soberano. Ele levava a sério todos aqueles aplausos irônicos, todo aquele respeito derrisório a que, devemos dizer, no entanto se mesclava, na multidão, um pouco de medo bem real. Porque o corcunda era robusto; porque o torto era ágil; porque o surdo era corajoso: três qualidades que temperam o ridículo.

De resto, acreditar que o novo papa dos loucos prestasse contas a si mesmo dos sentimentos que experimentava e dos sentimentos que inspirava é algo que estamos longe de crer. O próprio espírito que estava abrigado naquele corpo malogrado tinha necessariamente algo de incompleto e surdo. Por isso, o que ele sentia nesse momento era, para ele, absolutamente vago, indistinto e confuso. Só a alegria vinha à tona, o orgulho dominava. Em torno dessa sombria e infeliz figura, havia um esplendor.

Foi, portanto, com surpresa e temor que viram de repente, no momento em que Quasímodo, naquela meia embriaguez, passava triunfalmente diante da Casa dos Pilares, um homem sair da multidão e lhe arrancar das mãos, com um gesto de cólera, o báculo dourado de madeira, insígnia de seu louco papado.

Esse homem, esse temerário era o personagem da frente calva que, no momento anterior, misturado ao grupo da boêmia, petrificara a pobre moça com suas palavras de ameaça e ódio. Ele vestia o traje eclesiástico. No momento em que saiu da multidão, Gringoire, que não o percebera até o momento, o reconheceu:

— Vejam só! — disse ele, com um grito de espanto. — É meu mestre de Hermes,⁸⁵ dom Claude Frollo, o arqui-diácono! Que diabo ele quer com esse caolho feioso? Ele vai ser devorado.

De fato, um grito de terror se elevou. O formidável Quasímodo pulara da padiola, e as mulheres desviavam os olhos para não vê-lo dilacerar o arqui-diácono.

Ele deu um salto até o padre, fitou-o e caiu de joelhos.

O padre lhe arrancou a tiara, quebrou o báculo, lacerou sua capa de

falsos adornos.

Quasímodo ficou de joelhos, baixou a cabeça e juntou as mãos.

Depois se estabeleceu entre os dois um estranho diálogo de sinais e de gestos, porque nem um nem outro falavam. O padre, de pé, irritado, ameaçador, imperioso; Quasímodo, prosternado, humilde, suplicante. E no entanto não havia dúvida de que Quasímodo poderia ter esmagado o padre com o polegar.

Enfim, o arquidiácono, sacudindo com severidade o potente ombro de Quasímodo, lhe fez sinal para se levantar e segui-lo.

Quasímodo se levantou.

Então a confraria dos loucos, passado o primeiro estupor, quis defender seu papa destronado de modo muito brusco. Os egípcios, os gírios e todo o grupo dos funcionários de justiça vieram ganir em torno do padre.

Quasímodo se postou diante deste, moveu os músculos de seus punhos atléticos e olhou para os assediante com o ranger de dentes de um tigre zangado.

O padre recuperou sua gravidade sombria, fez um sinal a Quasímodo e se retirou em silêncio.

Quasímodo ia à frente dele, espalhando a multidão à sua passagem.

Quando atravessaram o populacho e a praça, a nuvem dos curiosos e dos ociosos quis segui-los. Quasímodo pôs-se então na retaguarda e seguiu o arquidiácono andando de costas, atarracado, raivoso, monstruoso, eriçado, retesando os membros, passando a língua em suas defesas de javali, grunhindo como uma fera e imprimindo imensas oscilações na multidão, com um gesto ou um olhar.

Deixaram os dois se embrenharem numa rua estreita e tenebrosa, aonde ninguém ousou se arriscar atrás deles, pois a simples quimera de Quasímodo rangendo os dentes lhes barrava a entrada.

— Que espantoso! — disse Gringoire. — Mas onde diabos vou conseguir cear?

76. Ponte dos Moleiros.

77. Era outro dos nomes dados aos ciganos ou boêmios.

78. Corpo militar de cavaleiros armados com pistolas.

79. O Eldorado.

80. “Um cofre de grande riqueza/ acharam dentro de um pilar,/ dentro dele, novas bandeiras/ com figuras de espantar.// Árabes a cavalo/ sem poder se menear/ com espadas e, ao colo,/ bestas boas de atirar.”

81. *Archisuppôt*: na hierarquia da mendicância, grau que vinha logo abaixo do rei dos mendigos.

82. Espécie de xilofone típico da África Ocidental.

83. Instrumento de arco e duas cordas.

84. Instrumento de arco e três cordas.

85. Hermes Trismegisto, tido como pai das ciências ocultas.

OS INCONVENIENTES
DE SEGUIR UMA MULHER BONITA
À NOITE PELAS RUAS

Gringoire, por via das dúvidas, pusera-se a seguir a boêmia. Ele a viu pegar, com sua cabra, a Rue de la Coutellerie; ele tomou a Rue de la Coutellerie.

“Por que não?”, dissera consigo.

Gringoire, filósofo conhecedor das ruas de Paris, notara que nada é mais propício aos devaneios do que seguir uma mulher bonita sem saber aonde ela vai. Há nessa abdicação voluntária de seu livre-arbítrio, nessa fantasia que se submete a outra fantasia, a qual nem desconfia disso, um misto de independência fantástica e obediência cega, algo de intermediário entre a escravidão e a liberdade que agradava a Gringoire, espírito essencialmente misto, indeciso e complexo, que apreende todos os extremos, sempre suspenso entre todas as propensões humanas e neutralizando uma com a outra. Ele gostava de se comparar ao túmulo de Maomé, atraído em sentido inverso por duas pedras imantadas e que hesita eternamente entre o alto e o baixo, a abóbada e o piso, a queda e a ascensão, o zênite e o nadir.

Se Gringoire vivesse em nosso tempo, que belo meio ele ocuparia entre o clássico e o romântico!

Mas ele não era primitivo o bastante para viver trezentos anos, e é pena. Sua ausência é um vazio que muito se faz sentir hoje em dia.

De resto, para seguir pelas ruas os passantes (e sobretudo as passantes), o que Gringoire fazia com gosto, não há melhor disposição do que não saber onde dormir.

Ele caminhava, pois, todo pensativo atrás da jovem, que apertava o passo e fazia sua linda cabra trotar, vendo os burgueses voltarem para casa e as tavernas fecharem, únicos estabelecimentos abertos naquele

dia.

“Afinal”, pensava ele devaneando, “ela tem que se alojar em algum lugar; as boêmias têm bom coração. Quem sabe...”

E havia, nos três pontinhos que ele punha em seguida a essa reticência em seu espírito, certas ideias assaz graciosas.

Enquanto isso, ao passar de tempo em tempo pelos últimos grupos de burgueses que fechavam suas portas, ele captava um pedaço de suas conversas, que vinham quebrar o encadeamento de suas risonhas hipóteses.

Ora eram dois velhotes que se aproximavam.

— Mestre Thibaut Fernicle, viu como está frio?

(Gringoire sabia disso desde o início do inverno.)

— Sim, muito, mestre Boniface Disome! Será que vamos ter um inverno como o de três anos atrás, em 80, quando a lenha custava oito *sols* o molho?

— Ora! Não é nada, mestre Thibaut, perto do inverno de 1407, que gelou desde o dia de são Martinho até a Candelária! E com tanto furor que a pena do escrivão do Parlamento congelava, na grande câmara, a cada três palavras, o que interrompeu o registro da justiça.

Mais longe, eram vizinhas à janela com velas que a bruma fazia crepitar.

— O seu marido lhe contou a desgraça, sra. La Boudraque?

— Não. O que foi, sra. Turquant?

— O cavalo do sr. Gilles Godin, notário no Châtelet, que se espantou com os flamengos e a procissão deles e derrubou o mestre Philippot Avrillot, oblato dos celestinos.

— Verdade?

— Pura verdade.

— Um cavalo burguês! É um pouco demais. Se fosse um cavalo de cavalaria, teria sido em boa hora.

E as janelas se fechavam. Mas Gringoire perdera o fio de suas ideias.

Felizmente ele o encontrou depressa e o reatou sem dificuldade, graças à boêmia, graças a Djali, que continuavam andando à sua frente; duas finas, delicadas e encantadoras criaturas, de que admirava os pezinhos, as formas bonitas, as maneiras graciosas, quase as confundindo em sua contemplação; pela inteligência e a amizade, acreditando serem mocinhas as duas; pela ligeireza, a agilidade, a destreza do caminhar, achando serem cabras as duas.

As ruas, entretanto, se tornavam a cada momento mais escuras e desertas. O toque de recolher soara fazia tempo, e começava-se a encontrar só a raros intervalos algum passante na rua, uma luz nas janelas. Gringoire se enfiara, atrás da egípcia, no dédalo inextricável

de ruelas, encruzilhadas e becos em torno do antigo sepulcro dos santos inocentes, que mais parece um novelo de linha enrolado por um gato.

— Estas ruas têm muito pouca lógica! — dizia Gringoire, perdido naqueles mil circuitos que voltavam sem cessar sobre si mesmos, mas em que a moça seguia um caminho que parecia conhecer muito bem, sem hesitar, e a um passo cada vez mais rápido. Quanto a ele, teria ignorado perfeitamente onde estava, se não houvesse percebido de passagem, numa esquina, a massa octogonal do pelourinho do Mercado, cujo topo furado ressaltava com vivacidade seu recorte escuro numa janela ainda iluminada da Rue Verdelet.

Fazia um tempo que Gringoire chamara a atenção da moça; ela havia virado várias vezes a cabeça para ele com inquietação; uma vez até parara de supetão e aproveitara um raio de luz que escapava de uma padaria entreaberta para observá-lo da cabeça aos pés; depois, lançado esse olhar, Gringoire a viu fazer aquele pequeno muxoxo que ele já havia notado, e ela continuara.

Aquele pequeno muxoxo fez Gringoire pensar. Havia, com certeza, desdém e zombaria naquela graciosa careta. Por isso ele começou a baixar a cabeça, a contar as pedras do chão e a seguir a jovem um pouco mais de longe, quando, numa esquina que acabava de lhe fazer perdê-la de vista, ele a ouviu soltar um grito lancinante.

Apressou o passo.

A rua estava tomada pelas trevas. Mas uma estopa embebida em óleo, que ardia numa gaiola de ferro aos pés da santa Virgem daquela esquina, permitiu a Gringoire distinguir a boêmia se debatendo nos braços de dois homens que se esforçavam para abafar seus gritos. A coitada da cabrinha, assustada, baixava os chifres e berrava.

— A nós, senhores da ronda! — gritou Gringoire, avançando com bravura. Um dos homens que segurava a moça virou-se para ele. Era a formidável figura de Quasímodo.

Gringoire não fugiu, mas não deu mais um só passo à frente.

Quasímodo veio até ele, com um tapa jogou-o no chão a quatro passos de distância e penetrou rapidamente na sombra, levando a moça, dobrada num de seus braços como uma echarpe de seda. Seu companheiro o seguia, e a pobre cabra corria atrás deles todos, com seu balido queixoso.

— Assassinos! Assassinos! — gritava a desditada boêmia.

— Alto, miseráveis, e soltem essa devassa! — disse de repente, com voz de trovão, um cavaleiro que desembocou da encruzilhada próxima.

Era um capitão dos arqueiros do rei, armado da cabeça aos pés, espada na mão.

Arrancou a boêmia dos braços de um Quasímodo estupefato, jogou-a atravessada na sela; e no momento em que o temível corcunda, recuperando-se da surpresa, se precipitava sobre ele para reaver sua presa, quinze ou dezesseis arqueiros, que seguiam seu capitão de perto, apareceram empunhando as espadas. Era um esquadrão das tropas do rei que fazia a contrarronda, por ordem de *messire* Robert d'Estouteville, guarda do prebostado de Paris.

Quasímodo foi envolvido, capturado, amarrado; ele rugia, espumava, dava dentadas; e se fosse dia, não há dúvida de que apenas seu rosto, tornado ainda mais horrendo pela cólera, teria posto o esquadrão em fuga. Mas, de noite, ele estava desarmado de sua arma mais temível: sua feiura.

Seu parceiro desaparecera na refrega.

A boêmia se endireitou com galhardia na sela do oficial; apoiou as mãos nos ombros do rapaz e olhou fixo para ele por alguns segundos, como se encantada com sua boa aparência e com o socorro que ele acabava de lhe prestar. Depois, rompendo o silêncio, ela lhe disse, tornando ainda mais doce sua doce voz:

— Como o senhor se chama, senhor gendarme?

— Capitão Phoebus de Châteaupers, a seu serviço, minha bela! — respondeu o oficial, todo empertigado.

— Obrigada — disse ela.

E enquanto o capitão Phoebus torcia seu bigode à borguinhona, ela se deixou escorregar do cavalo, como uma flecha que cai no chão, e fugiu.

Um relâmpago teria sumido menos rápido.

— Pelo umbigo do papa! — disse o capitão, mandando apertarem as correias de Quasímodo —, quisera ter segurado melhor a devassa.

— Pois é, capitão — disse um gendarme —, a avezinha esvoaçou, o morcego ficou.

CONTINUAÇÃO
DOS INCONVENIENTES

Gringoire, atordoado com o tombo, ficara no chão em frente à boa Virgem da esquina. Pouco a pouco, recobrou os sentidos; primeiro, permaneceu alguns minutos flutuando numa espécie de devaneio meio sonolento, que tinha sua doçura e em que as etéreas figuras da boêmia e da cabra se uniam ao peso do punho de Quasímodo. Esse estado durou pouco. Uma viva impressão de frio na parte do corpo que se achava em contato com as pedras do chão despertou-o de repente e fez seu espírito emergir.

— De onde me vem esse frescor? — ele disse a si mesmo bruscamente. Percebeu então que estava quase no meio da valeta da rua. — Diabo de ciclope corcunda! — grunhiu entre os dentes e quis se levantar. Mas estava tonto e dolorido demais: teve de ficar ali mesmo. Fora isso, tinha a mão bem livre; tapou o nariz e se resignou.

“A lama de Paris”, pensou (porque ele acreditava ter certeza de que, decididamente, a valeta seria sua guarida: *Et que faire en un gîte à moins que l'on ne songe?*),⁸⁶ “a lama de Paris é particularmente fedorenta; ela deve encerrar muito de sal volátil e nitroso. De resto, é essa a opinião do mestre Nicolas Flamel e dos herméticos...”⁸⁷

A palavra *herméticos* trouxe de repente a imagem do arquidiácono Claude Frollo à sua mente. Lembrou-se da cena violenta que acabava de entrever, que a boêmia se debatia entre dois homens, que Quasímodo tinha um parceiro; e a figura morosa e altiva do arquidiácono passou de modo confuso por sua lembrança. “Seria estranho!”, pensou. E pôs-se a construir, com esse dado e sobre essa base, o fantástico edifício das hipóteses, esse castelo de cartas dos filósofos. Depois, de repente, voltando mais uma vez à realidade:

— Ah, estou ficando gelado! — exclamou.

Aquela posição, de fato, se tornava cada vez menos suportável. Cada molécula da água da valeta tirava uma molécula de calor que se

irradiava nas costas de Gringoire, e o equilíbrio entre a temperatura de seu corpo e a temperatura da água começava a se estabelecer de uma maneira bem dura.

Um aborrecimento de natureza bastante diversa assaltou-o de repente.

Um grupo de crianças, desses pequenos selvagens maltrapilhos que desde sempre vadiaram por Paris com o nome eterno de *gamins*⁸⁸ e que, quando éramos crianças, também jogaram pedras em todos nós de noite, ao sairmos da escola, porque nossas calças não eram rasgadas, um enxame desses jovens gaiatos corria para a encruzilhada em que jazia Gringoire, com risadas e gritos que pareciam se preocupar pouquíssimo com o sono dos moradores da vizinhança. Eles arrastavam atrás de si um saco informe; e só o barulho de seus tamancos despertaria um morto. Gringoire, que ainda não era totalmente finado, ergueu-se um pouco.

— Olá, Hennequin Dandèche! Olá, Jehan Pincebourde! — eles berravam a plenos pulmões. — O velho Eustache Moubon, o mercador de ferros daqui, acaba de morrer. Estamos com o seu colchão de palha, vamos fazer uma fogueira com ele. Hoje é o dia dos flamengos!

E não é que eles jogaram o colchão bem em cima de Gringoire, junto ao qual tinham chegado sem perceber? Ao mesmo tempo um deles pegou um punhado de palha que foi acender na mecha da boa Virgem.

— Cristo morto! — resmungou Gringoire. — Será que vou sentir calor demais agora?

O momento era crítico. Ele ia ser pego entre o fogo e a água; fez um esforço sobrenatural, um esforço de moedeiro falso que vai ser cozido e tenta escapar. Pôs-se de pé, jogou o colchão nos moleques e fugiu.

— Virgem Santa! — exclamaram os garotos. — O mercador de ferragens voltou!

E fugiram disparados, por sua vez.

O colchão de palha ficou senhor do campo de batalha. Belleforêt, o padre Le Juge e Corrozet garantem que no dia seguinte ele foi recolhido com grande pompa pelo clero do bairro e levado para o tesouro da igreja de Sainte-Opportune, onde o sacristão fez, até 1789, uma bela fonte de renda com o milagre da estátua da Virgem da esquina da Rue Mauconseil, que exorcizara, por sua simples presença, na memorável noite de 6 para 7 de janeiro de 1482, o falecido Eustache Moubon, o qual, por abrigar o diabo, ao morrer escondera maliciosamente sua alma no colchão.

86. “E que fazer numa guarida, senão sonhar?” La Fontaine, “A lebre e as rãs”.

87. Alquimistas.

88. O termo hoje é empregado sem essa conotação, significando garoto, menino.

A JARRA QUEBRADA

Depois de correr em disparada por algum tempo, sem saber para onde, batendo a cabeça em muitas esquinas, saltando muitas valas, atravessando muitas ruelas, muitos becos, muitas encruzilhadas, buscando fuga e passagem através de todos os meandros do velho calçamento de Les Halles, explorando em seu medo pânico o que o belo latim dos atos régios chama de *tota via, cheminum et viaria*,⁸⁹ nosso poeta estancou de repente, primeiro por falta de fôlego, depois, agarrado de certo modo ao gasganete por um dilema que acabava de surgir em seu espírito.

— Parece-me, mestre Pierre Gringoire — disse a si mesmo apoiando o dedo na têmpora —, que o senhor está correndo como um desmiolado. Os moleques tiveram tanto medo do senhor quanto o senhor deles. Parece-me, eu lhe digo, que o senhor ouviu o barulho dos tamancos deles que fugiam para o meridião enquanto o senhor fugia para o setentrião. Ora, de duas uma: ou eles fugiram, e então o colchão, que eles devem ter esquecido em seu terror, é precisamente essa cama hospitaleira atrás da qual o senhor corre desde esta manhã, e que a senhora Virgem lhe envia milagrosamente para recompensá-lo por ter feito em sua homenagem uma moralidade acompanhada de triunfos e momices; ou as crianças não fugiram, e nesse caso atearam fogo ao colchão. É esse justamente o excelente fogo de que o senhor necessita para se rejubilar, secar e aquecer. Em ambos os casos, bom fogo ou boa cama, o colchão é uma dádiva do céu. A abençoada Virgem Maria que fica na esquina da Rue Mauconseil talvez só tenha feito Eustache Moubon morrer para isso, e é uma loucura sua fugir assim desabalado, como um picardo diante de um francês, deixando para trás o que o senhor procura na frente: e o senhor é um tolo!

Ele deu meia-volta e, orientando-se e fuçando, nariz ao vento e ouvidos à espreita, fez o que pôde para encontrar o bendito colchão, mas em vão. Eram só interseções de casas, becos, encruzilhadas, no

meio das quais hesitava e titubeava sem cessar, mais embaraçado e mais envisgado nesse emaranhado de ruelas escuras do que teria sido no dédalo do Hôtel de Tournelles; enfim perdeu a paciência e exclamou em tom solene:

— Malditas sejam as encruzilhadas! O diabo é que as fez à imagem da sua forquilha.

Essa exclamação o aliviou um pouco, e uma espécie de reflexo avermelhado que ele percebeu nesse momento ao fim de uma comprida e estreita ruela terminou de levantar seu moral.

— Deus seja louvado! — disse. — É ali! Lá está o meu colchão pegando fogo. — E, comparando-se ao barqueiro que mergulha na noite: — *Salve, salve, maris stella!* 90 — acrescentou com convicção.

Dirigia ele esse fragmento de litania à santa Virgem ou ao colchão? É o que ignoramos rotundamente.

Mal dera alguns passos na comprida ruela, a qual era em ladeira, não pavimentada e cada vez mais lamacenta e inclinada, notou algo assaz singular. Ela não estava deserta: aqui e ali, em seu comprimento, rastejavam não sei que massas vagas e informes, dirigindo-se todas para a luz que vacilava no fim da rua, como esses insetos que se arrastam à noite de folha de relva em folha de relva em direção à fogueira de um pastor.

Nada torna alguém mais arrojado do que não sentir seu bolso. Gringoire continuou a avançar e logo alcançou a larva que se arrastava mais preguiçosamente atrás das outras. Ao se aproximar, viu que não era ela nada mais que um miserável estropiado que saltitava com as duas mãos como uma aranha ferida que só tem duas patas. No momento em que passou perto dessa espécie de aranha humana, ela elevou até ele uma voz lamentosa:

— *La buona mancia, signor! La buona mancia!* 91

— O diabo que o carregue — disse Gringoire —, e eu com você, se souber o que você quer dizer!

E passou por ele.

Alcançou outra dessas massas ambulantes e examinou-a. Era um mutilado, ao mesmo tempo pernetta e maneta, e tão maneta e pernetta que o sistema complicado de muletas e pernas de pau que o sustentava lhe dava um ar de andaime de pedreiro caminhante. Gringoire, que amava as comparações nobres e clássicas, comparou-o, em pensamento, ao tripé vivo de Vulcano.

Esse tripé vivo cumprimentou-o ao passar, mas detendo seu chapéu à altura do queixo de Gringoire, como um prato de barbeiro, e gritando-lhe no ouvido:

— *Señor caballero, para comprar un pedazo de pan!*

— Parece — disse Gringoire — que esse também fala; mas é uma

língua rude, e ele é mais feliz do que eu, se a compreende. — Depois, batendo na testa com uma súbita transição de ideia: — Aliás, que diabo eles queriam dizer esta manhã com *Esmeralda*?

Quis apressar o passo, mas pela terceira vez alguma coisa obstruiu seu caminho. Essa alguma coisa, ou antes, esse alguém era um cego, um ceguinho com cara de judeu e barbudo, que, remando no espaço à sua volta com um cajado e rebocado por um grande cachorro, lhe disse em tom fanhoso com um forte sotaque húngaro:

— *Facitote caritatem!*⁹²

— Até que enfim — disse Pierre Gringoire — alguém que fala uma língua cristã! Eu tenho que ter uma cara bem esmoreira para que me peçam assim uma caridade no estado de magreza em que se encontra a minha bolsa. Meu amigo — e ele se voltava para o cego —, vendi semana passada a minha última camisa; ou seja, como o senhor só compreende a língua de Cícero: *vendidi hebdomade nuper transita meam ultimam chemisam*.

Dito isso, deu as costas ao cego e seguiu seu caminho. Mas o cego pôs-se a apressar o passo ao mesmo tempo que ele; e eis que o mutilado, eis que o pernetá apareceram a seu lado com grande pressa e grande barulheira de tigelas e muletas no calçamento. Depois, os três se entrechocando no encalço do coitado do Gringoire, puseram-se a cantar sua canção:

— *Caritatem!* — cantava o cego.

— *La buona mancia!* — cantava o estropiado.

E o pernetá apimentava a frase musical repetindo:

— *Un pedazo de pan!*

Gringoire tapou os ouvidos.

— Ó torre de Babel! — exclamou.

Saiu correndo. O cego correu. O pernetá correu. O estropiado correu.

E depois, à medida que penetrava na rua, estropiados, cegos, pernetas pululavam ao seu redor, e manetas, e caolhos, e leprosos com suas chagas, que, uns saindo das casas, outros das ruazinhas adjacentes, mais outros dos respiradouros dos porões, urrando, bramindo, ganindo, todos capengando, todos aos solavancos, se arrojando em direção à luz e espojando-se na lama como lesmas depois da chuva.

Gringoire, sempre seguido por seus três perseguidores e não sabendo bem que fim ia levar aquilo, andava apavorado no meio dos outros, contornando os capengas, passando por cima dos estropiados, os pés enterrados nesse formigueiro de inválidos, como aquele capitão inglês que se atolou numa manada de caranguejos.

Teve a ideia de tentar dar meia-volta. Mas era tarde demais. Toda

aquela legião se cerrara atrás dele, e seus três mendigos o dominavam. Continuou, pois, empurrado ao mesmo tempo por aquele turbilhão incontido, pelo medo e por uma vertigem que lhe fazia de tudo isso uma espécie de sonho horrendo.

Chegou enfim à extremidade da rua. Ela desembocava numa praça imensa, onde mil luzes esparsas vacilavam na bruma confusa da noite. Gringoire disparou para lá, esperando escapar pela velocidade de suas pernas dos três espectros enfermos que tinham se colado a ele.

— *Donde vas, hombre?* — gritou o mutilado, largando suas muletas e correndo atrás dele com as duas melhores pernas que jamais traçaram um passo geométrico nas pedras das ruas de Paris.

Enquanto isso, o estropiado, apoiado em seus pés, cobria a cabeça de Gringoire com sua gamela de ferro, e o cego o encarava com olhos flamejantes.

— Onde estou? — perguntou o poeta aterrorizado.

— No Pátio dos Milagres⁹³ — respondeu um quarto espectro que se aproximara.

— Pela minh'alma — replicou Gringoire —, estou vendo cegos que enxergam e pernetas que correm. Mas onde está o Salvador?

Eles responderam com uma gargalhada sinistra.

O pobre poeta correu os olhos à sua volta. Estava de fato nesse temível Pátio dos Milagres, onde nunca um homem de bem penetrara a uma hora daquelas; círculo mágico em que os oficiais do Châtelet e os sargentos do prebostado que lá se aventuravam desapareciam em migalhas; cidadela dos ladrões, horrenda verruga na face de Paris; esgoto de onde se escapava toda manhã e aonde se voltava para apodrecer toda noite, essa vala de vícios, mendicância e vagabundagem, que sempre inundava as ruas das capitais; colmeia monstruosa para onde voltavam de noite com seu butim todos os zangões da ordem social; asilo mentiroso onde o boêmio, o monge que largou a ordem, o estudante perdido, os marginais de todas as nações, espanhóis, italianos, alemães, de todas as religiões, judeus, cristãos, maometanos, idólatras, cobertos de chagas maquiadas, mendigando de dia, se transfiguravam à noite em marginais; numa palavra, imenso vestiário em que se vestiam e se despiam nessa época todos os atores dessa comédia eterna que o roubo, a prostituição e o assassinato encenam nas ruas de Paris.

Era uma praça vasta, irregular e mal pavimentada, como todas as praças de Paris então. Fogueiras em torno das quais formigavam grupos estranhos brilhavam aqui e ali. Tudo isso ia, vinha, gritava. Ouviam-se risadas agudas, vagidos de crianças, vozes de mulheres. As mãos, as cabeças dessa turba, escuras contra o fundo luminoso, recortavam mil gestos bizarros. Por momentos, no chão, onde

tremulava a claridade das fogueiras misturada a grandes sombras indefinidas, podia-se ver passar um cachorro que parecia um homem, um homem que parecia um cachorro. Os limites das raças e espécies pareciam se apagar nessa cidadela como num pandemônio. Homens, mulheres, bichos, idade, sexo, saúde, doenças, tudo parecia estar em comum entre esse povo; tudo ia junto, misturado, confundido, superposto; cada um participava de tudo.

O alcance vacilante e pobre das fogueiras deixava Gringoire distinguir, através de sua perturbação, tudo ao redor da imensa praça, uma horrenda moldura de velhos casarios cujas fachadas carcomidas, enrugadas, definhadas, cada qual com uma ou duas lucarnas iluminadas, lhe pareciam na sombra enormes cabeças de velhas, dispostas em círculos, monstruosas e carrancudas, que olhavam para aquele sabá piscando os olhos.

Era como um novo mundo, desconhecido, inaudito, disforme, réptil, formigante, fantástico.

Gringoire, cada vez mais apavorado, pego pelos três mendigos como por três tenazes, aturdido por uma multidão de outros rostos que ondulavam e latiam em torno dele; o malfadado Gringoire tentava concentrar sua presença de espírito para se lembrar se era sábado. Mas seus esforços foram vãos; o fio de sua memória e de seu pensamento estava rompido; e duvidando de tudo, flutuando do que via ao que sentia, ele se fazia este insolúvel questionamento:

— Se eu sou, isto é? Se isto é, eu sou?

Nesse momento um grito distinto se elevou no zum-zum do tumulto que o envolvia:

— Vamos levá-lo ao rei! Vamos levá-lo ao rei!

— Santa Virgem! — murmurou Gringoire. — O rei daqui deve ser um bode!

— Ao rei! Ao rei! — repetiram todas as vozes.

Levaram-no. Todos queriam deitar suas garras nele. Mas os três mendigos não largavam sua presa e o arrancavam dos outros gritando: ele é nosso!

O gibão já doente do poeta deu seu último suspiro nessa luta.

Atravessando a horrível praça, sua vertigem se dissipou. Ao fim de alguns passos, o senso de realidade voltara. Ele estava começando a se acostumar à atmosfera do lugar. No primeiro momento, de sua cabeça de poeta, ou talvez, de modo simples e prosaico, de seu estômago vazio se elevava uma fumaça, um vapor, por assim dizer, que, espalhando-se entre os objetos e ele, lhe deixara entrevê-los apenas na bruma incoerente do pesadelo, nessas trevas dos sonhos que fazem tremer todos os contornos, exagerar todas as formas, aglomerarem-se os objetos em grupos desmedidos, dilatando as coisas em quimeras e

os homens em fantasmas. Pouco a pouco sucedeu a essa alucinação um olhar menos alucinado e menos ampliador. O real vinha à tona ao seu redor, batia em seus olhos, em seus pés e demolia peça por peça toda a apavorante poesia pela qual de início se acreditara envolto. Teve de perceber que não caminhava no Estige,⁹⁴ mas na lama; que não estava em meio a demônios, mas a ladrões; que não estava em jogo sua alma, mas, isso sim, sua vida (já que faltava essa preciosa conciliadora que se interpõe tão eficazmente entre o bandido e o homem de bem: a bolsa). Enfim, examinando a orgia com mais detalhes e sangue-frio, ele desceu do sabá ao cabaré.

O Pátio dos Milagres nada mais era, de fato, do que um cabaré, mas um cabaré de celerados, tão vermelho de sangue quanto de vinho.

O espetáculo que se ofereceu a seus olhos, quando sua escolta esfarrapada enfim o depositou ao cabo de sua andança, não era adequado para trazê-lo de volta à poesia, nem mesmo à poesia do inferno. Era mais do que nunca a prosaica e brutal realidade da taverna. Se não estivéssemos no século xv, diríamos que Gringoire havia decaído de Michelangelo a Callot.⁹⁵

Ao redor de uma grande fogueira, que ardia numa grande pedra redonda e penetrava com suas chamas as escoras avermelhadas de um tripé por ora vazio, havia algumas mesas carunchosas postas aqui e ali, ao acaso, sem que nenhum lacaio geômetra se dignasse a ajustar seu paralelismo ou cuidar que, pelo menos, elas não formassem ângulos demasiado inusitados. Nessas mesas reluziam algumas canecas de que o vinho e a cerveja escorriam, e em torno delas se agrupavam inúmeros rostos báquicos, purpúreos de fogo e de vinho. Era um homem barrigudo e de figura jovial que beijava barulhentamente uma mulher da vida, espessa e carnuda. Era uma espécie de falso soldado, um *narquois*, como se dizia na gíria, que tirava assobiando as bandagens de seu falso ferimento e desenferrujava o joelho sadio e vigoroso, enrolado desde a manhã em mil ataduras. De modo inverso, havia um macilento que preparava com celidônia e sangue de boi sua “perna de Deus” para o dia seguinte. Duas mesas adiante, outro mendigo, com seu traje completo de peregrino, soletrava o lamento da Santa Rainha, sem esquecer a salmodia e o anasalado. Em outro lugar, um jovem pedinte aprendia uma lição de epilepsia com um velho que lhe ensinava a arte de espumar mascando um pedaço de sabão. Ao lado, um hidrópico se esvaziava e mandava tapar o nariz de quatro ou cinco ladras, que disputavam na mesma mesa uma criança roubada aquela noite. Circunstâncias essas que, todas, dois séculos depois, “pareceram tão ridículas na corte”, como diz Sauval, “que serviram de passatempo ao rei e de entrada para o balé real de La Nuit, dividido em quatro partes

e dançado no teatro do Petit-Bourbon”. “Nunca”, acrescenta uma testemunha ocular de 1653, “as súbitas metamorfoses do Pátio dos Milagres foram representadas de maneira mais feliz. Benserade nos prepara para tal com versos assaz galantes.”

Gargalhadas estouravam por toda parte, bem como canções obscenas. Cada qual procurava se destacar, comentando e blasfemando sem ouvir o vizinho. As canecas brindavam, e as querelas nasciam no choque das jarras, e as jarras rachadas rasgavam os farrapos.

Um grande cachorro, sentado sobre seu rabo, olhava para a fogueira. Algumas crianças estavam misturadas a essa orgia. A criança roubada, que chorava e berrava. Outra, um menino gordinho de quatro anos, sentado com as pernas pendentes num banco alto demais, com a mesa na altura do queixo, sem falar nada. Um terceiro estendia seriamente na mesa, com seu dedo, o sebo em fusão que escorria de uma vela. Um último, pequenino, acorado na lama, quase perdido num caldeirão que ele raspava com uma telha e do qual tirava um som de fazer Stradivarius desmaiar.

Havia um tonel perto do fogo e um mendigo em cima do tonel. Era o rei em seu trono.

Os três que se apossaram de Gringoire trouxeram-no à frente desse tonel, e toda a bacanal silenciou um momento, salvo o caldeirão habitado pela criança.

Gringoire não ousava respirar nem erguer os olhos.

— *Hombre, quita tu sombrero*⁹⁶ — disse um dos três gaiatos que tinham se apossado dele, e antes que ele compreendesse o que aquelas palavras queriam dizer, o outro pegara seu chapéu. Miserável chapéu, é verdade, mas ainda bom num dia de sol ou de chuva. Gringoire suspirou.

Enquanto isso, do alto de seu barril, o rei lhe dirigiu a palavra.

— Quem é esse mequetrefe?

Gringoire estremeceu. Aquela voz, embora acentuada pela ameaça, lembrou-lhe outra voz que naquela manhã mesma desfechara o primeiro golpe em seu mistério, anasalando no meio do auditório: *Caridade, por favor!* Ergueu a cabeça. Era de fato Clopin Trouillefou.

Clopin Trouillefou, vestido com suas insígnias régias, não tinha um farrapo a mais ou a menos. Sua chaga no braço havia desaparecido. Trazia na mão um desses chicotes com tiras de couro branco de que se serviam então os sargentos para conter a multidão e que eram chamados de *boullayes*. Tinha na cabeça uma espécie de chapéu com um aro e fechado em cima; mas era difícil distinguir se era um barrete como das crianças ou uma coroa de rei, tanto as duas coisas se pareciam.

No entanto Gringoire, sem saber por quê, recuperara alguma esperança ao reconhecer no rei do Pátio dos Milagres o maldito mendigo da Grande Sala.

— Mestre... — balbuciou. — Monsenhor... Sire... Como devo chamá-lo? — disse enfim, chegando ao ponto culminante do seu crescendo e não sabendo mais como subir nem descer.

— Monsenhor, sua majestade ou camarada, me chame como quiser. Mas se apresse. O que tem a dizer em sua defesa?

Em sua defesa!, pensou Gringoire, isso não me agrada. Prosseguiu gaguejando:

— Sou aquele que esta manhã...

— Pelas unhas do diabo! — interrompeu Clopin. — Seu nome, mequetrefe, e nada mais. Escute. Você está diante de três poderosos soberanos: eu, Clopin Trouillefou, rei de Túnis,⁹⁷ sucessor do Grand-Coësre, suserano supremo do reino da gíria; Mathias Hungadi Spicali, duque do Egito e da Boêmia, aquele velho amarelo que você está vendo ali com um trapo em torno da cabeça; Guillaume Rousseau, imperador da Galileia, aquele gordo que não nos ouve e que acaricia uma devassa. Somos os seus juízes. Você entrou no reino da gíria sem ser da gíria, você violou os privilégios da nossa cidade. Você deve ser punido, a não ser que seja *capon*, *franc-mitou* ou *rifodé*, ou seja, na gíria das pessoas de bem, ladrão, mendigo ou vagabundo. Você é uma coisa dessas? Justifique-se; decline os seus títulos.

— Ai, infelizmente não tenho essa honra. Sou o autor...

— Chega! — replicou Trouillefou sem deixá-lo terminar. — Você vai ser enforcado. Coisa bem simples, senhores burgueses honestos! Como vocês tratam os nossos nos seus domínios, nós tratamos os vossos no nosso. A lei que vocês aplicam aos marginais, os marginais aplicam a vocês. Se ela é má, a culpa é de vocês. Temos que ver de vez em quando uma careta de homem de bem acima do colar de cânhamo da força; isso torna a coisa honrada. Vamos, amigo, compartilhe alegremente os seus andrajos com essas senhoritas. Vou mandar enforcá-lo para divertir os marginais, você lhes dará a sua bolsa para beber. Se tem alguma momice a fazer, ali no pilão há um ótimo Deus Pai, de pedra, que roubamos da igreja de Saint-Pierre-aux-Boeufs. Você tem quatro minutos para jogar a sua alma na cara dele.

A arenga era formidável.

— Falou bem, pela minh'alma! Clopin Trouillefou prega como o santo padre papa — exclamou o imperador da Galileia, quebrando sua caneca para calçar a mesa.

— Senhores imperadores e reis — disse Gringoire com sangue-frio (não sei como a firmeza lhe voltara, e ele falava resolutivo) —, os senhores nem imaginam: eu me chamo Pierre Gringoire, sou o poeta

de que representaram esta manhã uma moralidade na Grande Sala do Palácio.

— Ah, é você, mestre! — fez Clopin. — Eu sabia, pela cabeça de Deus! Pois bem, camarada, você ter nos chateado esta manhã é por acaso uma razão para não ser enforcado esta noite?

“Será difícil escapar desta”, pensou Gringoire. No entanto, fez mais uma tentativa.

— Não vejo por quê — disse ele. — Os poetas não são alinhados entre os marginais. Vagabundo, Esopo foi; mendigo, Homero foi; ladrão, Mercúrio era...

Clopin o interrompeu:

— Creio que você quer nos deixar tontos com o seu falatório. Por Deus, deixe a gente te enforcar sem tanto lero-lero.

— Desculpe, senhor rei de Túnis — replicou Gringoire, disputando o terreno pé a pé. — Vale a pena. Um momento! Me ouçam. Vocês não me condenarão sem me ouvir.

Sua voz infeliz estava de fato encoberta pela barulheira que se fazia ao seu redor. O garotinho raspava o caldeirão com mais verve do que nunca; e, para cúmulo, uma velha acabava de pôr no tripé ardente uma frigideira cheia de gordura, que guinchava no fogo, com um barulho igual ao de um bando de garotos que persegue um mascarado.

Enquanto isso, Clopin Trouillefou pareceu conferenciar um instante com o duque do Egito e o imperador da Galileia, o qual estava completamente embriagado. Depois gritou, azedo: silêncio! E como o caldeirão e a frigideira não o ouviam e continuavam seu dueto, deu um pontapé no caldeirão, que rolou dez passos com o menino dentro, um pontapé na panela, cuja gordura se derramou toda no fogo, e subiu gravemente de volta ao trono, sem se preocupar com o choro abafado do menino nem com os resmungos da velha, cujo jantar se ia numa bela chama branca.

Trouillefou fez um sinal, e o duque, o imperador, os arquissequazes e os ladrões solitários vieram se dispor em torno dele formando uma ferradura, cujo centro era ocupado por Gringoire, sempre rudemente agarrado pelo corpo. Era um semicírculo de farrapos, andrajos, bijuterias, forquilhas, machados, pernas bêbadas, fortes braços nus, figuras sórdidas, apagadas e abestalhadas. No meio dessa mesa-redonda dos miseráveis, Clopin Trouillefou, como doge desse senado, como rei dessa vassalagem, como papa desse conclave, dominava, primeiro de toda a altura de seu tonel, depois de não sei que ar altaneiro, feroz e formidável que fazia sua pupila cintilar, e corrigia em seu perfil selvagem o tipo bestial da raça marginal. Dir-se-ia uma cabeça entre os focinhos de um bando de javalis.

— Escute — disse a Gringoire, acariciando seu queixo disforme

com a mão calejada —, não vejo por que você não seria enforcado. É verdade que isso parece repugná-lo; é muito simples; vocês, burgueses, não estão acostumados a sê-lo. Vocês têm uma ideia exagerada da coisa. No fim das contas, nós não lhe queremos mal. Eis um meio para você se safar por enquanto. Quer ser um dos nossos?

Pode-se imaginar o efeito que essa proposta teve em Gringoire, que via sua vida escapar e começava a desistir. Agarrou-se a ela com vigor.

— Claro que quero, e como! — disse.

— Você aceita — prosseguiu Clopin — se alistar entre a gente da punça?

— Da punça, precisamente — respondeu Gringoire.

— Você se reconhece como membro da franca burguesia?⁹⁸ — prosseguiu o rei de Túnis.

— Da franca burguesia.

— Súdito do reino da gíria?

— Do reino da gíria.

— Marginal?

— Marginal.

— De alma?

— De alma.

— Quero observar — prosseguiu o rei — que nem por isso você deixará de ser enforcado.

— Diabo! — disse o poeta.

— Só que — continuou Clopin, imperturbável — você será enforcado mais tarde, com mais cerimônia, às expensas da cidade de Paris, numa bela forca de pedra e por gente honesta. É um consolo.

— Como o senhor diz — respondeu Gringoire.

— Há outras vantagens. Como franco-burguês, você não pagará nem lamas, nem pobres, nem lampiões a que são sujeitos os burgueses de Paris.

— Assim seja — disse o poeta. — Consinto. Sou marginal, gírio, franco-burguês, punquista, tudo o que o senhor quiser; e eu já era tudo isso, senhor rei de Túnis, porque sou filósofo; *et omnia in filosofia, omnes in philosopho continentur*,⁹⁹ como o senhor sabe.

O rei de Túnis franziu o cenho.

— Quem acha que eu sou, amigo? Que gíria de judeu da Hungria você está cantando para nós? Não sei hebraico. Para ser bandido não se pode ser judeu. Eu nem roubo mais, estou acima disso, eu mato. Corta-garganta, sim; corta-bolsa, não.

Gringoire tratou de enfiar uma desculpa por entre essas breves palavras que a cólera ritmava cada vez mais.

— Peça-lhe perdão, monsenhor. Não é hebraico, é latim.

— Estou lhe dizendo — replicou Clopin exaltado — que não sou

judeu e que mandarei enforcá-lo, ventre de sinagoga! Assim como esse mercadorzinho da Judeia que está junto de você e que espero ver pregado um dia numa mesa contando dinheiro, como peça de moeda falsa que ele é!

Falando assim, ele designava com o dedo o judeuzinho húngaro barbudo, que abordara Gringoire com seu *facitote caritatem* e que, não compreendendo outra língua, via com surpresa o mau humor do rei de Túnis extravasar sobre ele.

Por fim monsenhor Clopin se acalmou.

— Seu mequetrefe! — diz ao nosso poeta —, quer ser marginal então?

— Sem dúvida — respondeu o poeta.

— Não basta querer — disse o intratável Clopin. — A boa vontade não bota uma só cebola a mais na sopa e só presta para ir ao paraíso; ora, paraíso e gíria são diferentes. Para ser recebido na gíria você tem de provar que serve para alguma coisa, e para isso você precisa revistar o manequim.

— Revistarei — disse Gringoire —, como o senhor quiser.

Clopin fez um sinal. Alguns gírios se destacaram do círculo e voltaram logo depois. Traziam dois paus terminados em sua extremidade inferior por duas espátulas de madeira, que os fazia ficar facilmente em pé; na extremidade superior dos dois postes adaptaram uma viga transversal, e o todo constituiu uma bela força portátil que Gringoire teve a satisfação de ver ser erguida à sua frente num piscar de olhos. Não faltava nada, nem mesmo a corda que balançava graciosamente sob a trave.

— Aonde querem chegar? — perguntou-se Gringoire com certa inquietação. Um ruído de sinetas que ele ouviu nesse mesmo momento pôs fim à sua ansiedade: era um manequim que os marginais penduravam pelo pescoço na corda, uma espécie de espantalho para aves, vestido de vermelho e tão carregado de guizos e de sininhos que dariam para arrear trinta mulas castelhanas. Essas mil sinetas tremeram por algum tempo com as oscilações da corda, depois cessaram pouco a pouco e por fim se calaram, quando o manequim foi finalmente levado à imobilidade por aquela lei do pêndulo que destronou a clepsidra e a ampulheta.

Então Clopin, indicando a Gringoire um velho banquinho bamboleante, posto sob o manequim:

— Suba nele.

— Diabo! — objetou Gringoire. — Vou quebrar o meu pescoço. O seu banco capenga como um dístico de Martial: tem um pé hexâmetro e um pé pentâmetro.

— Suba — repetiu Clopin.

Gringoire subiu no banquinho e conseguiu, não sem algumas oscilações da cabeça e dos braços, reencontrar seu centro de gravidade.

— Agora — prosseguiu o rei de Túnis —, gire o seu pé direito em torno da sua perna esquerda e erga-se na ponta do pé esquerdo.

— Monsenhor — disse Gringoire —, o senhor faz absoluta questão de que eu quebre algum membro?

Clopin sacudiu a cabeça.

— Escute, amigo, você fala demais. Eis do que se trata, em duas palavras: você vai se erguer na ponta do pé, como eu lhe disse; desse modo você poderá alcançar o bolso do manequim; você revistará o bolso; tirará dele a bolsa que tem dentro; e se fizer tudo isso sem que se ouça o barulho de uma sineta, muito bem, você será marginal. Só teremos então que moê-lo de pancadas por oito dias.

— Ventre de Deus! Não vou me safar! — disse Gringoire. — E se eu fizer as sinetas tocarem?

— Você será enforcado. Entende?

— Não entendo, não — respondeu Gringoire.

— Escute mais uma vez. Você vai revistar o manequim e pegar a bolsa dele; se uma sineta só se mexer nessa operação, você será enforcado. Entende isso?

— Bem — disse Gringoire —, isso eu entendo. E depois?

— Se conseguir tirar a bolsa sem que se ouçam os guizos, você é marginal e será moído de pancadas por oito dias seguidos. Sem dúvida agora você entende.

— Não, monsenhor, não entendo mais. Onde está a minha vantagem? Enforcado num caso, espancado no outro.

— E marginal — replicou Clopin —, e marginal, isso não é nada? É no seu interesse que o espancaremos, para acostumá-lo às pancadas.

— Muitíssimo obrigado — respondeu o poeta.

— Ande, depressa — disse o rei batendo o pé no tonel, que ressoou como um bumbo. — Reviste o manequim e vamos acabar logo com isso. Eu o aviso pela última vez que, se ouvir um só guizo, você vai ficar no lugar do manequim.

O bando de gírios aplaudiu as palavras de Clopin e se postou em círculo ao redor do cadafalso, com uma risada tão implacável que Gringoire viu que ele os divertia demais, para não ter tudo a temer de parte deles. Só lhe restava portanto a esperança, se não a tênue chance de ter sucesso na temível operação que lhe era imposta; ele se decidiu a arriscar, mas não sem antes dirigir uma fervorosa prece ao manequim que ele ia roubar e que seria mais fácil de enternecer do que os marginais. Aquela miríade de sinetas com suas linguinhas de cobre pareciam bocas de víboras abertas, prontas para morder e

sibilar.

— Oh! — dizia ele baixinho —, será possível que a minha vida dependa da menor vibração do menor desses guizos? Ó sinetas — acrescentava de mãos postas —, não toquem; badalos, não badalem; guizos, não guizalhem!

Tentou mais um esforço sobre Trouillefou.

— E se o vento soprar? — perguntou a ele.

— Você será enforcado — respondeu o outro sem hesitar.

Vendo que não havia nem trégua, nem adiamento, nem escapatória possível, tomou valentemente sua decisão; virou o pé direito em torno do pé esquerdo, se ergueu no pé esquerdo e estendeu o braço... Mas, no instante em que tocava o manequim, seu corpo, que não tinha mais do que um pé, balançou no banquinho, que só tinha três; quis maquinalmente se apoiar no manequim, perdeu o equilíbrio e caiu pesado no chão, ensurdecido pela fatal vibração das mil sinetas do manequim, que, cedendo ao impulso de sua mão, descreveu primeiro uma rotação em torno de si mesmo, depois balançou magnânimo entre os dois paus.

— Maldição! — gritou ao cair, e ficou como morto, de cara no chão.

Enquanto isso, ouvia o temível carrilhão acima de sua cabeça e o riso diabólico dos marginais, e a voz de Trouillefou, que dizia:

— Levantem o gaiato e pendurem-no rudemente.

Ele se levantou. Já haviam tirado o manequim para lhe dar lugar.

Os gírios o fizeram subir no banquinho. Clopin foi até ele, passou-lhe a corda no pescoço e, batendo em seu ombro:

— Adeus, amigo! Não poderia mais escapar agora, nem que digerisse as tripas do papa.

A palavra *misericórdia* expirou nos lábios de Gringoire. Passeou seu olhar ao redor; mas nenhuma esperança: todos riam.

— Bellevigne de l'Étoile — disse o rei de Túnis a um enorme marginal que saiu da multidão —, trepe na trave.

Bellevigne de l'Étoile subiu levemente na viga transversal e, ao cabo de um instante, Gringoire, erguendo os olhos, o viu, aterrorizado, de cócoras na trave acima de sua cabeça.

— Agora — prosseguiu Clopin Trouillefou —, assim que eu bater palmas, Andry, o Vermelho, você derrubará o banco com uma joelhada; François Chante-Prune, você se pendurará nos pés do vagabundo; e você, Bellevigne, pulará nas costas dele; e todos os três ao mesmo tempo, entenderam?

Gringoire estremeceu.

— Estão prontos? — perguntou Clopin Trouillefou aos três gírios postados para se precipitar sobre Gringoire. O coitado teve um

momento de horrível espera, enquanto Clopin empurrava tranquilamente na fogueira, com a ponta do pé, alguns raminhos de sarmento que a chama não havia consumido. — Estão prontos? — repetiu, e abriu as mãos para batê-las. Mais um segundo e estaria terminado.

Mas ele parou, como que advertido por uma ideia súbita.

— Um instante — disse. — Estava me esquecendo. É de uso que não enforcemos um homem sem perguntar se há uma mulher que o queira. Camarada! É o seu derradeiro recurso. Ou você esposa uma marginal, ou a corda.

Essa lei boêmia, por mais bizarra que possa parecer ao leitor, ainda hoje está escrita ao longo da antiga legislação inglesa. Vejam as *Burington's Observations*.¹⁰⁰

Gringoire respirou. Era a segunda vez que ele voltava à vida na última meia hora. Por isso não ousava muito ter confiança.

— Olá! — gritou Clopin, subindo de novo em sua barrica. — Olá, mulheres, fêmeas, há entre vocês, da bruxa à sua gata, uma devassa que queira esse devasso? Olá, Colette, la Chamaronne! Élisabeth Trouvain! Simone Jodouyne! Marie Piédebou! Thonne la Longue! Bérarde Fanouel! Michelle Genaille! Claude Rongeoreille! Mathurine Girorou! Isabeau la Thierry! Venham e vejam! Um homem por nada, quem quer?

Gringoire, naquele miserável estado, era sem dúvida pouco apetitoso. As marginais se mostraram muito pouco estimuladas pela proposta. O infeliz as ouviu responder:

— Não, não! Enforcem-no, assim haverá prazer para todas.

Três, no entanto, saíram da multidão e vieram farejá-lo. A primeira era uma gorda de cara quadrada. Examinou atentamente o deplorável gibão do filósofo. A bata estava gasta e mais furada do que uma assadeira de castanhas. A mulher fez uma careta.

— Trapo velho! — resmungou, e dirigindo-se a Gringoire: — Cadê a sua capa?

— Eu a perdi — disse Gringoire.

— O seu chapéu?

— Me tomaram.

— Os seus sapatos?

— Começam a não ter mais sola.

— A sua bolsa?

— Infelizmente — gaguejou Gringoire —, não tenho mais um *denier paris*.

— Deixe que o enforcem e diga obrigado! — replicou a marginal, dando-lhe as costas.

A segunda, velha, negra, enrugada, horrenda, de uma feiura que

desonrava o Pátio dos Milagres, rodou em torno de Gringoire. Ele quase tremia à ideia de que ela o quisesse. Mas ela disse entre os dentes:

— É magro demais.

E se afastou.

A terceira era uma mocinha bastante viçosa e não muito feia.

— Me salve — disse em voz baixa o pobre-diabo.

Ela o considerou por um instante com um ar de piedade, depois baixou os olhos, fez um vinco em sua saia e ficou indecisa. Ele acompanhava com os olhos todos os seus movimentos; era seu último lampejo de esperança.

— Não — disse enfim a moça —, não! O Guillaume Longuejoue bateria em mim.

E se misturou de novo à multidão.

— Camarada — disse Clopin —, você está com azar.

Depois, levantando-se de novo em seu tonel:

— Ninguém se interessa? — gritou imitando a entonação de um leiloeiro, para grande regozijo de todos. — Ninguém se interessa? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! — E virando-se para a força com um sinal da cabeça: — Vendido!

Bellevigne de l'Étoile, Andry, o Vermelho, François Chante-Prune se aproximaram de Gringoire.

Nesse momento um grito se ergueu entre os gírios:

— *Esmeralda! Esmeralda!*

Gringoire estremeceu e virou-se para o lado de onde vinha o clamor. A multidão se abriu e deu passagem a uma figura pura e deslumbrante. Era a boêmia.

— Esmeralda! — fez Gringoire, estupefato, em meio a suas emoções, com a brusca maneira como essa palavra mágica amarrava todas as lembranças de seu dia.

Essa rara criatura parecia exercer até mesmo no Pátio dos Milagres seu império de encanto e de beleza. Gírios de ambos os sexos se alinhavam vagarosamente à sua passagem, e suas figuras brutais se desabrochavam diante do olhar da moça.

Ela se aproximou do condenado com seu passo ligeiro. Sua linda Djali a seguia. Gringoire estava mais morto do que vivo. Ela o considerou um instante em silêncio.

— Vai enforcar esse homem? — indagou a Clopin, séria.

— Sim, irmã — respondeu o rei de Túnis. — A não ser que você o tome como marido.

Ela fez seu bonito muxoxo com o lábio inferior.

— Eu tomo — disse ela.

Gringoire, nesse ponto, acreditou firmemente que estava sonhando

desde aquela manhã e que aquilo era a continuação do sonho.

De fato, a peripécia, embora graciosa, era violenta.

Soltaram o nó corrediço, fizeram o poeta descer do banquinho. Ele teve de sentar, tão viva era sua comoção.

O duque do Egito, sem pronunciar palavra, trouxe uma jarra de argila. A boêmia estendeu-a a Gringoire.

— Jogue-a no chão — disse ela.

E a jarra se quebrou em quatro pedaços.

— Irmão — disse então o duque do Egito impondo-lhes as mãos na testa —, ela é a tua mulher; irmã, ele é o teu marido. Por quatro anos. Ide.

89. “Todas as vias, caminhos e passagens.”

90. “Salve, salve, estrela do mar!”

91. “A boa esmola, senhor! A boa esmola!”

92. “Faça uma caridade!”

93. Espaço onde se juntavam vagabundos, prostitutas, mendigos, ladrões, falsos enfermos... Na Paris da época, situava-se no bairro de Les Halles.

94. Rio do inferno.

95. Jacques Callot (1592-1635), desenhista e gravador francês, celebrizado por suas gravuras sobre *As grandes misérias da guerra* e de cenas e tipos populares.

96. “Homem, tire o chapéu.”

97. Nome dado ao chefe de todos os mendigos da França.

98. A classe dos que são isentos de tributos municipais — os franco-burgueses são os mais pobres.

99 “A filosofia contém tudo; o filósofo, todos.”

100. *Observations on the Statutes*, de Daines Barrington, 1766. (N. E.)

UMA NOITE DE NÚPCIAS

Ao fim de alguns instantes nosso poeta se encontrou num quartinho abobadado em ogiva, bem fechado, bem quente, sentado a uma mesa que parecia esperar a hora de pedir algo a um guarda-comidas suspenso à parede ali junto, tendo uma boa cama em perspectiva e frente a frente com uma bela moça. A aventura parecia obra de encantamento. Ele começava a se achar seriamente um personagem de conto de fadas. De vez em quando lançava olhares à sua volta como para constatar se a carruagem de fogo atrelada com duas quimeras aladas, a qual, e apenas ela, poderia tê-lo transportado tão rápido do Tártaro¹⁰¹ ao paraíso, ainda estava lá. Às vezes também ele cravava obstinado o olhar nos buracos de seu gibão, a fim de se aferrar à realidade e não perder totalmente o contato com ela. Sua razão, jogada nos espaços imaginários, só dependia desse fio.

A jovem não parecia prestar a menor atenção nele; ela ia e vinha, empurrava um banquinho, conversava com sua cabra, fazia seu muxoxo aqui e ali. Enfim veio sentar-se junto à mesa, e Gringoire pôde observá-la à vontade.

Você foi criança, leitor, e talvez seja feliz o bastante para ainda sê-lo. Não é de se acreditar que você não tenha mais de uma ocasião (eu, por minha vez, passei dias inteiros nisso, os melhores de minha vida) seguido de moita em moita, à beira de um riacho vivo, num dia de sol, uma linda libélula verde ou azul, quebrando seu voo em ângulos briosos e beijando a ponta de todos os ramos. Você se lembra com que curiosidade amorosa seu pensamento e seu olhar se colavam àquele pequeno turbilhão que assobiava e zumbia, de asas purpúreas e azuis, no meio do qual pairava uma forma indescritível, velada pela própria rapidez de seu movimento. O ser aéreo que se desenhava confusamente através desse fremir de asas lhe parecia quimérico, imaginário, impossível de se tocar, impossível de se ver. Mas quando enfim a libélula repousava na ponta de um junco e você podia

examinar, contendo a respiração, as longas asas de gaze, o longo vestido esmaltado, os dois globos de cristal, que surpresa você não sentia e que medo de ver a forma se ir mais uma vez como uma sombra e o ser como uma quimera! Lembre-se dessas impressões e entenderá com facilidade o que Gringoire sentia contemplando em sua forma visível e palpável aquela Esmeralda que ele só tinha entrevisto até então através de um turbilhão de dança, canto e tumulto.

Imerso cada vez mais em seu devaneio, eis — dizia-se ele seguindo-a vagamente com os olhos — o que é *Esmeralda*! Uma criatura celeste! Uma dançarina das ruas! Tanto e tão pouco! Ela é que deu o golpe de misericórdia no meu mistério esta manhã, ela que me salvou a vida esta noite. Meu gênio mau! Meu anjo bom! Uma bonita mulher, palavra de honra, que deve me amar loucamente por ter me tomado assim como marido! A propósito — disse a si mesmo, levantando-se de repente com aquele sentimento real que formava a base de seu caráter e de sua filosofia —, não sei direito como isso aconteceu, mas sou marido dela!

Com essa ideia na cabeça e nos olhos, ele se aproximou da jovem de uma maneira tão militar e tão galante que ela recuou.

— O que quer de mim? — disse ela.

— Como pode me perguntar isso, adorável Esmeralda? — respondeu Gringoire com uma voz tão apaixonada que ele mesmo se espantou ao se ouvir falar.

A egípcia arregalou os olhos.

— Não sei o que o senhor quer dizer.

— Ora! — replicou Gringoire, se abrasando cada vez mais e pensando que, no fim das contas, se tratava apenas de uma virtude do Pátio dos Milagres. — Acaso não sou seu, doce amiga? E você não é minha?

E ingenuamente a segurou pela cintura.

A blusa da boêmia deslizou em suas mãos como o vestido de uma enguia. Ela pulou de um extremo ao outro do quarto, abaixou-se e se endireitou com um pequeno punhal na mão, antes que Gringoire tivesse tempo de ver de onde a arma saía; irritada e altiva, os lábios inchados, as narinas abertas, as bochechas vermelhas como pimentão, as pupilas relampejando. Ao mesmo tempo, a cabrita branca se pôs diante dela e apresentou a Gringoire uma frente de combate eriçada com dois belos chifres dourados e pontiagudos. Tudo isso se deu num piscar de olhos.

A libélula se transformava em vespa, disposta a ferroar.

Nosso filósofo ficou atônito, passeando olhares aparvalhados sucessivamente da cabra à jovem.

— Santa Virgem! — disse enfim, quando a surpresa lhe permitiu

falar. — Duas valentonas!

Por sua vez, a boêmia quebrou o silêncio:

— Você é um gaiato bem atrevido!

— Desculpe, senhorita — disse Gringoire sorrindo. — Mas por que então me tomou como marido?

— Era para eu deixar você ser enforcado?

— Quer dizer — replicou o poeta, um pouco desapontado em suas esperanças amorosas — que ao se casar comigo você não teve outra intenção senão me salvar da força?

— E que outra intenção queria que eu tivesse tido?

Gringoire mordeu os lábios.

— Bom — disse ele —, ainda não sou tão triunfante em Cupido quanto imaginava. Mas, nesse caso, para que ter quebrado a coitada da jarra?

Enquanto isso, o punhal de Esmeralda e os chifres da cabra continuavam na defensiva.

— Srta. Esmeralda — disse o poeta —, capitulemos. Não sou escrivão do Châtelet e não vou lhe fazer uma chicana por andar assim com uma adaga em Paris, nas barbas dos decretos e proibições do senhor preboste. A senhorita não ignora, porém, que Noël Lescrivain foi condenado, oito dias atrás, a pagar dez *sous parisis* por portar uma espada. Ora, isso não é comigo; e venho ao fato. Eu lhe dou a minha palavra de que não vou me aproximar da senhorita sem o seu consentimento e permissão; mas me dê o que jantar.

No fundo, Gringoire, como o sr. Despréaux, era “muito pouco voluptuoso”. Ele não era dessa espécie cavaleira e mosqueteira que toma de assalto as moçoilas. Em matéria de amor, como em todas as outras, era propenso às temporizações e aos meios-termos; e um bom jantar, num tête-à-tête amável, lhe parecia, principalmente quando se tem fome, um entreato excelente intercalando o prólogo e o desenlace de uma aventura amorosa.

A egípcia não respondeu. Ela fez seu muxoxo desdenhoso, ergueu a cabeça como um passarinho, depois caiu na gargalhada, e o punhal desapareceu como tinha aparecido, sem que Gringoire pudesse ver onde a abelha escondia o ferrão.

Um momento depois, havia em cima da mesa um pão de centeio, uma fatia de toicinho, algumas maçãs enrugadas e uma jarra de cerveja. Gringoire pôs-se a comer com arrebatamento. Ouvindo o furioso tilintar de seu garfo de ferro e de seu prato de louça, dir-se-ia que todo o seu amor se transformara em apetite.

A mocinha sentada à sua frente o observava em silêncio, visivelmente preocupada com outro pensamento que a levava a sorrir de quando em quando, enquanto sua doce mão acariciava a cabeça

inteligente da cabra molemente presa entre seus joelhos.

Uma vela de cera amarela iluminava essa cena de voracidade e sonho.

Entretanto, aplacados os primeiros balidos de seu estômago, Gringoire sentiu uma falsa vergonha de ver que sobrara apenas uma maçã.

— Não vai comer, srta. Esmeralda?

Ela respondeu com um sinal negativo da cabeça, e seu olhar pensativo foi se fixar na abóbada do quarto.

“Em que diabo ela se concentra?”, pensou Gringoire, olhando para onde ela olhava. “Não pode ser a careta desse anão de pedra esculpido na chave de abóbada que absorve sua atenção. Que diabo! Eu posso suportar a comparação!”

Ergueu a voz:

— Senhorita!

Ela não parecia ouvir.

Repetiu mais alto:

— Srta. Esmeralda! — Em vão. O espírito da jovem estava em outra parte, e a voz de Gringoire não tinha potência suficiente para chamá-la de volta. Felizmente a cabra se intrometeu. Pôs-se a puxar sua dona pela manga com suavidade.

— O que foi, Djali? — disse vivamente a egípcia como que despertada em sobressalto.

— Ela está com fome — disse Gringoire, encantado por puxar a conversa.

Esmeralda pôs-se a esfarelar o pão, cujas migalhas Djali comia com graça na concavidade de sua mão.

De resto, Gringoire não lhe deixou tempo para voltar ao devaneio. Arriscou uma questão delicada.

— A senhorita não me quer então como marido?

A jovem olhou-o fixamente e disse:

— Não.

— Como amante? — retomou Gringoire.

Ela fez seu muxoxo e respondeu:

— Não.

— Como amigo? — prosseguiu Gringoire.

Ela olhou de novo fixamente para ele e disse depois de um instante de reflexão:

— Talvez.

Esse *talvez*, tão caro aos filósofos, encorajou Gringoire.

— Sabe o que é a amizade? — perguntou.

— Sim — respondeu a egípcia —; é ser irmão e irmã; duas almas que se tocam sem se confundir, os dois dedos da mão.

— E o amor? — prosseguiu Gringoire.

— Oh, o amor! — disse ela, e sua voz tremia e seus olhos brilhavam. — É ser dois e ser apenas um. Um homem e uma mulher que se fundem num anjo. É o céu.

A dançarina das ruas era, falando assim, de uma beleza que impressionava singularmente Gringoire, e lhe parecia perfeitamente proporcional à exaltação quase oriental de suas palavras. Seus lábios rosados e puros sorriam de leve; sua fronte cândida e serena às vezes se tornava perturbada por seus pensamentos, como um espelho diante de um hálito; e de seus longos cílios negros baixados escapava uma espécie de luz inefável que dava ao seu perfil essa suavidade ideal que Rafael encontrou mais tarde no ponto de interseção mística da virgindade, da maternidade e da divindade.

Gringoire mesmo assim prosseguiu.

— Como fazer então para agradá-la?

— É preciso ser homem.

— E eu, o que sou então?

— Um homem leva um elmo na cabeça, uma espada na mão e esporas de ouro nos calcanhares.

— Bom — disse Gringoire —, sem cavalo não há amor. Você gosta de alguém?

— Com amor?

— Com amor.

Ela ficou um instante pensativa, depois disse com uma expressão particular:

— Em breve saberei.

— Por que não esta noite? — replicou ternamente o poeta. — Por que não eu?

Ela lhe lançou um olhar grave.

— Só poderei amar um homem capaz de me proteger.

Gringoire corou e deu a coisa por dita. Era evidente que a jovem fazia alusão ao pouco apoio que ele lhe prestara na circunstância crítica em que ela tinha se encontrado duas horas antes. Essa lembrança, apagada por suas outras aventuras da noite, voltou à sua mente. Bateu na testa.

— A propósito, senhorita, eu devia ter começado por isso. Desculpe-me pelas minhas loucas distrações. Como então você fez para escapar das garras de Quasímodo?

Essa pergunta fez a boêmia estremecer.

— Oh! O horrível corcunda! — disse ela, escondendo o rosto nas mãos. E se arrepiava como num frio intenso.

— Horrível mesmo — disse Gringoire, que não abandonava sua ideia. — Mas como conseguiu escapar dele?

Esmeralda sorriu, suspirou e guardou silêncio.

— Sabe por que ele a seguiu? — continuou Gringoire, tentando voltar à sua questão por um desvio.

— Não sei — disse a mocinha. E acrescentou com vivacidade: — Mas você também me seguia: por quê?

— Palavra — respondeu Gringoire —, eu também não sei.

Seguiu-se um silêncio. Gringoire fazia talhos na mesa com sua faca. A jovem sorria e parecia olhar para alguma coisa através da parede. De repente ela se pôs a cantar com uma voz quase não articulada:

Quando las pintadas aves

*Mudas están, y la tierra...*102

Ela se interrompeu bruscamente e pôs-se a acariciar Djali.

— Você tem um lindo bicho — disse Gringoire.

— É minha irmã — ela respondeu.

— Por que a chamam de *Esmeralda*? — perguntou o poeta.

— Sei lá.

— É mesmo?

Ela tirou de entre os seios uma espécie de pequeno saquinho oblongo pendurado em seu pescoço por uma corrente de grãos de cinamomo; esse saquinho exalava um forte cheiro de cânfora. Era coberto de seda verde e trazia em seu centro uma grossa peça de vidro verde, que imitava a esmeralda.

— Talvez seja por causa disso — disse ela.

Gringoire quis pegar o saquinho. Ela recuou.

— Não toque nele, é um amuleto. Você faria mal ao feitiço, ou o feitiço a você.

A curiosidade do poeta estava cada vez mais acesa:

— Quem lhe deu?

Ela pôs um dedo sobre a boca e escondeu o amuleto entre os seios. Ele tentou outras perguntas, mas ela mal respondia.

— O que quer dizer essa expressão, *Esmeralda*?

— Não sei — disse ela.

— A que língua pertence?

— É egípcio, creio eu.

— Eu bem que desconfiava — disse Gringoire. — Você não é da França?

— Sei lá.

— Tem os seus pais?

Ela se pôs a cantar com uma antiga melodia:

Mon père est oiseau,

*Ma mère est oiselle,
Je passe l'eau sans nacelle,
Je passe l'eau sans bateau.
Ma mère est oiselle,
Mon père est oiseau.* 103

— Muito bom — disse Gringoire. — Com que idade você veio para a França?

— Pequeninha.

— E para Paris?

— No ano passado. No momento em que entrávamos pela porta papal, vi fugir nos ares a toutinegra dos juncos; era fim de agosto; eu disse: o inverno vai ser rigoroso.

— E foi — disse Gringoire, encantado com esse começo de conversa. — Eu o passei soprando os meus dedos. Você tem então o dom da profecia?

Ela caiu de volta em seu laconismo:

— Não.

— Aquele homem que vocês chamam de duque do Egito é o chefe da sua tribo?

— É.

— E no entanto foi ele que nos casou — observou timidamente o poeta.

Ela fez seu lindo muxoxo habitual.

— Eu nem sei o seu nome.

— O meu nome? Se quiser, é o seguinte: Pierre Gringoire.

— Conheço um mais bonito.

— Malvada! — replicou o poeta. — Não tem importância, você não vai me irritar. Sabe, talvez você gostasse mais de mim se me conhecesse melhor; e depois você me contou a sua história com tanta confiança, que eu lhe devo um pouco a minha. Você vai saber então que me chamo Pierre Gringoire e que sou filho do tabelião de Gonesse. O meu pai foi enforcado pelos borguinhões e a minha mãe estripada pelos picardos, quando houve o cerco em Paris. Vinte anos atrás. Aos seis, portanto, eu era órfão, tendo como sola para os meus pés as pedras das ruas de Paris. Não sei como atravessei o intervalo dos seis aos dezesseis. Uma vendedora de frutas me dava uma ameixa aqui, um padeiro me atirava uma casca de pão ali. À noite eu era levado pelos cento e vinte arqueiros, que me punham na prisão, e eu encontrava nesta um monte de palha para me deitar. Tudo isso não me impediu de crescer e emagrecer, como está vendo.

“No inverno eu me aquecia ao sol, sob o pórtico do Hôtel de Sens, e achava ridículo que a fogueira de são João fosse reservada para o

verão.

“Aos dezesseis anos quis ter uma profissão. Experimentei tudo. Fui soldado; mas não era suficientemente destemido. Fui monge, mas não era suficientemente devoto e, além disso, bebo pouco. Por desespero, fui ser aprendiz de carpinteiro; mas não era suficientemente forte. Tinha mais jeito para ser mestre-escola; é verdade que não sabia ler; mas isso não é um motivo. Percebi, ao fim de certo tempo, que para tudo me faltava alguma coisa, e vendo que não prestava para nada eu me fiz, pela minha própria vontade, poeta e compositor de rimas. É uma profissão que a gente sempre pode ter quando é vagabundo, e é melhor do que roubar, como me aconselharam alguns jovens soldados amigos meus. Por sorte, encontrei um belo dia dom Claude Frollo, o reverendo arquidiácono de Notre-Dame. Ele se interessou por mim, e é a ele que devo ser hoje um verdadeiro letrado, sabendo o latim desde os Ofícios de Cícero até o Necrológio dos padres celestinos; e não sendo bárbaro nem em escolástica, nem em poética, nem em rítmica, nem mesmo em hermética, essa sabedoria das sabedorias. Eu é que sou o autor do mistério que representaram hoje, com grande triunfo e grande concurso de população, em plena Grande Sala do Palácio. Compus também um livro que terá seiscentas páginas sobre o prodigioso cometa de 1465, que fez um homem enlouquecer. Tenho outros sucessos. Sendo um pouco marceneiro de artilharia, trabalhei na grande Bombarda de Jean Maugue, que, como você sabe, se arreventou na Pont de Charenton no dia em que a experimentaram, matando vinte e quatro curiosos. Está vendo que não sou um mau partido. Sei muitos números agradáveis que ensinarei para a sua cabra; por exemplo, imitar o bispo de Paris, esse maldito fariseu cujos moinhos molham os passantes ao longo da Pont-aux-Meuniers. E, depois, o meu mistério me renderá muita prata em moeda, se me pagarem. Enfim, estou às suas ordens, eu, o meu espírito, a minha ciência e as minhas letras, e pronto para viver com você, senhorita, como bem lhe aprouver: casta ou alegremente; marido e mulher, se achar bom; irmão e irmã, se achar melhor.”

Gringoire se calou, esperando o efeito de sua arenga sobre a jovem. Ela tinha os olhos fixos no chão.

— Phoebus — dizia ela a meia-voz. Depois, voltando-se para o poeta: — Phoebus, o que isso quer dizer?

Gringoire, sem entender bem que relação podia haver entre sua fala e essa pergunta, não se aborreceu por fazer brilhar sua erudição. Respondeu, pavoneando-se:

— É uma palavra latina que quer dizer sol.

— Sol — ela ecoou.

— É o nome de um belo arqueiro, que era um deus¹⁰⁴ —

acrescentou Gringoire.

— Deus! — repetiu a egípcia, e havia em sua voz algo de pensativo e apaixonado.

Nesse momento, um de seus braceletes se soltou e caiu. Gringoire se abaixou com presteza para pegá-lo; quando se levantou, a moça e a cabra tinham desaparecido. Ele ouviu o barulho de um ferrolho. Era uma portinha que sem dúvida se comunicava com um aposento vizinho e que se fechava por fora.

— Será que pelo menos me deixou uma cama? — indagou-se nosso filósofo.

Deu uma volta pelo quarto. O único móvel adequado para o sono era um comprido baú de madeira; e, ainda assim, sua tampa era esculpida, o que proporcionou a Gringoire, quando se deitou nela, uma sensação mais ou menos igual à que sentiria Micrômegas¹⁰⁵ ao se deitar nos Alpes.

— Bom — disse ele se acomodando o melhor que pôde —, tenho que me resignar. Mas que estranha noite de núpcias. É pena, havia nesse casamento com a jarra quebrada algo de ingênuo e antediluviano que me agradava.

101. O inferno na mitologia grega.

102. “Quando as aves coloridas/ estão mudas, e a terra...”

103. “Meu pai é passarinho,/ minha mãe é passarinha,/ atravesso o rio sem bote,/ atravesso o rio sem barco./ Minha mãe é passarinha,/ meu pai é passarinho.”

104. Febo, um dos nomes de Apolo.

105. Herói do conto epônimo de Voltaire (1752), o gigante Micrômegas media mais de quarenta quilômetros. (N. E.)

LIVRO III

NOTRE-DAME

Sem dúvida, ainda hoje a igreja de Notre-Dame de Paris é um majestoso e sublime edifício. No entanto, por mais bela que ela tenha se conservado ao envelhecer, é difícil não suspirar, não se indignar diante das degradações, das mutilações sem número que, simultaneamente, o tempo e os homens fizeram o venerável monumento sofrer, sem respeito a Carlos Magno, que pusera sua primeira pedra, nem por Filipe Augusto, que depositara a última.

Na face dessa velha rainha de nossas catedrais, ao lado de uma ruga sempre encontramos uma cicatriz. *Tempus edax, homo edacior*,¹⁰⁶ o que eu traduziria com muito gosto por: o tempo é cego, o homem é estúpido.

Se resolvêssemos examinar um a um os diversos vestígios de destruição impressos na antiga igreja, a parte do tempo seria a menor, e a pior a dos homens, principalmente *dos homens da arte*. Tenho de dizer homens da arte, pois houve indivíduos que adotaram o título de arquitetos nos últimos dois séculos.

E, primeiro, para não citar mais do que alguns exemplos capitais, há com toda certeza poucas páginas arquitetônicas mais belas do que essa fachada, onde, sucessivamente e ao mesmo tempo, os três portais escavados em ogiva, o cordão bordado e rendilhado dos vinte e oito nichos reais, a imensa rosácea central, ladeada por duas janelas laterais, como o padre pelo diácono e o subdiácono, a alta e frágil galeria de arcadas de trevo que suporta uma pesada plataforma sobre suas finas colunetas, enfim as duas escuras e maciças torres com seu beiral de ardósia; partes harmoniosas de um todo magnífico, superpostas em cinco andares gigantescos, se desenvolvem ao olhar, em grande quantidade e sem desordem, com seus inúmeros detalhes de estatuária, de escultura e de cinzeladura, poderosamente unidos à tranquila grandeza do conjunto; vasta sinfonia de pedra, por assim dizer; obra colossal de um homem e de um povo, ao mesmo tempo

una e complexa como as ilíadas e os romanceiros, de que é irmã; produto prodigioso da cotização de todas as forças de uma época, onde em cada pedra se vê brotar de mil maneiras a fantasia do operário disciplinado pelo gênio do artista; numa palavra, espécie de criação humana poderosa e fecunda como a criação divina de que parece ter roubado o duplo caráter: variedade, eternidade.

E o que dizíamos aqui da fachada, deve-se dizer da igreja inteira; e o que dizemos da igreja catedral de Paris, deve-se dizer de todas as igrejas da cristandade na Idade Média. Tudo se harmoniza nessa arte vinda de si mesma, lógica e bem-proporcionada. Medir o dedo do pé é medir o gigante.

Voltemos à fachada de Notre-Dame, tal como ainda se apresenta hoje, quando vamos piedosamente admirar a grave e poderosa catedral, que aterroriza, ao dizer de seus cronistas: *quae mole sua terrorem incutit spectantibus*.¹⁰⁷

Três coisas importantes faltam hoje a essa fachada: primeiro, a escadaria de onze degraus que a erguia outrora acima do chão; em seguida, a série inferior de estátuas, que ocupavam os nichos dos três portais, e a série superior dos vinte e oito mais antigos reis da França, que guarnecia a galeria do primeiro andar, a partir de Childeberto até Filipe Augusto, tendo na mão “o pomo imperial”.

A escadaria, foi o tempo que a fez desaparecer, elevando por um progresso irresistível e lento o nível do solo da Cité; mas, ao mesmo tempo que devorava um a um, por essa maré montante de Paris, os onze degraus que aumentavam a altura majestosa do edifício, o tempo talvez tenha dado mais à igreja do que lhe tomou, porque foi ele que espalhou pela fachada essa sombria cor dos séculos que faz da velhice dos monumentos a idade de sua beleza.

Mas quem derrubou as duas fileiras de estátuas? Quem deixou os nichos vazios? Quem talhou, bem no meio do portal central, essa ogiva nova e bastarda? Quem ousou enquadrar nele essa insípida e pesada porta de madeira esculpida à Luís XV ao lado dos arabescos de Biscornette? Os homens, os arquitetos, os artistas de nossos dias.

E, se entrarmos no interior do edifício, quem derrubou aquele colosso que era são Cristóvão, proverbial entre as estátuas, tal como a Grande Sala do Palácio entre as grandes salas, ou a flecha de Estrasburgo entre os campanários? E aquelas miríades de estátuas que povoavam todos os intercolúnios da nave e do coro, de joelho, de pé, equestres, homens, mulheres, crianças, reis, bispos, gendarmes, de pedra, mármore, ouro, prata, cobre, cera até, quem as varreu com brutalidade? Não foi o tempo.

E quem substituiu o velho altar gótico, esplendidamente repleto de cinerários e relicários, por esse pesado sarcófago de mármore com

cabecas de anjos e nuvens, o qual parece uma amostra incompleta do Val-de-Grâce¹⁰⁸ ou dos Inválidos? Quem selou tolamente esse pesado anacronismo de pedra no pavimento carolíngio de Hercandus? Não foi Luís XV realizando o voto de Luís XIII?

E quem pôs frios vidros brancos no lugar daqueles vitrais “altos em cor” que faziam hesitar os olhos maravilhados de nossos pais entre a rosa do portal-mor e as ogivas da abside? E o que diria um subchante do século XVI ao ver a linda tinta amarela com que nossos vândalos arcebispos besuntaram sua catedral? Ele se lembraria que essa era a cor com que o carrasco pintava os edifícios celerados; e se lembraria do Hôtel¹⁰⁹ du Petit-Bourbon, também todo envisgado de amarelo pela traição do condestável; “amarelo, afinal de contas, de tão boa qualidade e tão recomendado que mais de um século ainda não lhe pôde fazer perder sua cor”, diz Sauval: ele acreditaria que o lugar santo se tornou infame e fugiria.

E se subirmos na catedral, sem nos deter nas mil barbáries de todo gênero, que fim levou o encantador campanariozinho que se apoiava no ponto de interseção do transepto e que, não menos frágil e ousado do que sua vizinha, a flecha da Sainte-Chapelle (também destruída), penetrava no céu antes das torres, esbelta, aguda, sonora, vazada? Um arquiteto de bom gosto (1787) amputou-a¹¹⁰ e acreditou que bastava mascarar a chaga com um largo emplastro de chumbo que parece uma tampa de panela. Foi assim que a maravilhosa arte da Idade Média foi tratada em quase todos os países, sobretudo na França. Podem-se distinguir em suas ruínas três tipos de lesões, que a ferem em três profundidades: o tempo, primeiro, que insensivelmente desgastou aqui e ali e enferrujou por toda parte sua superfície; depois, as revoluções políticas e religiosas, que, cegas e coléricas por natureza, precipitaram-se em tumulto sobre ela, dilaceraram sua rica roupagem de esculturas e cinzeladuras, furaram suas rosáceas, quebraram seus colares de arabescos e figuras, arrancaram suas estátuas, ora por sua mitra, ora por sua coroa; enfim, os modos, cada vez mais grotescos e idiotas, que, desde os anárquicos e esplêndidos desvios da Renascença, se sucederam na decadência necessária da arquitetura. As modas fizeram mais mal do que as revoluções. Elas trincharam a carne viva, atacaram o arcabouço ósseo da arte; elas cortaram, talharam, desorganizaram, mataram o edifício, tanto na forma como no símbolo, tanto em sua lógica como em sua beleza. E, depois, elas restauraram; pretensão que, pelo menos, nem o tempo nem as revoluções tiveram. Elas ajustaram sem pudor, de acordo com o *bom gosto*, nos ferimentos da arquitetura gótica, seus miseráveis enfeites de um dia, suas faixas de mármore, seus pompons de metal: verdadeira lepra de ovos, volutas, voltas, planejamentos, guirlandas, franjas, chamas de pedra,

nuvens de bronze, amores repletos, querubins gordinhos, que começa a devorar a face da arte no oratório de Catarina de Médici, e a faz expirar, dois séculos depois, atormentada e careteira, na alcova da Dubarry.¹¹¹

Assim, para resumir os pontos que acabamos de indicar, três tipos de estragos desfiguram hoje em dia a arquitetura gótica. Rugas e verrugas na epiderme: é obra do tempo; vias de fato, brutalidades, contusões e fraturas: é obra das revoluções, desde Lutero até Mirabeau;¹¹² mutilações, amputações, deslocamento dos membros, *restaurações*: é o trabalho grego, romano e bárbaro dos professores, em conformidade com Vitrúvio e Vignole.¹¹³ Essa arte magnífica que os vândalos haviam produzido, as academias mataram. Aos séculos, às revoluções, que pelo menos devastam com imparcialidade e grandeza, vieram se somar a nuvem dos arquitetos acadêmicos, patenteados, certificados e juramentados, degradando com o discernimento e a opção do mau gosto; substituindo pelas chicórias de Luís XV os rendilhados góticos, para a maior glória do Partenon. É o coice do asno no leão moribundo. É o velho carvalho que se coroa e que, para cúmulo, é picado, mordido, dilacerado pelas lagartas.

Que distante de nós a época em que Robert Cenalis,¹¹⁴ comparando Notre-Dame de Paris com o célebre templo de Diana em Éfeso,¹¹⁵ “tão louvado pelos antigos pagãos” e que imortalizou Eróstrato, achava a catedral gaulesa a “mais excelente em comprimento, largura, altura e estrutura”!*

Notre-Dame de Paris não é, de resto, o que se pode chamar de monumento completo, definido, classificado. Não é mais uma igreja romana, não é ainda uma igreja gótica. Esse edifício não é um tipo. Notre-Dame de Paris não tem, como a abadia de Tournus, o grave e maciço corpo, a redonda e larga abóbada, a nudez glacial, a majestosa simplicidade dos edifícios que têm o arco pleno como gerador. Ela não é, como a catedral de Bourges, o produto magnífico, leve, multiforme, denso, erigido, florescente da ogiva. Impossível classificá-la nessa antiga família de igrejas escuras, misteriosas, baixas e como que esmagadas pelo arco pleno; quase egípcias, fora o teto; todas hieroglíficas, todas sacerdotais, todas simbólicas; mais carregadas, em seus ornamentos, de losangos e zigue-zagues do que de flores, mais de flores do que de animais, mais de animais do que de homens; obra menos do arquiteto do que do bispo; primeira transformação da arte, toda marcada pela disciplina teocrática e militar que se enraíza no Baixo Império e se detém em Guilherme, o Conquistador. Impossível inserir nossa catedral nessa outra família de igrejas altas, aéreas, ricas em vitrais e esculturas; agudas de formas, ousadas de atitudes; comunais e burguesas, como símbolos políticos; livres, caprichosas,

desenfreadas, como obra de arte; segunda transformação da arquitetura, não mais hieroglífica, imutável e sacerdotal, mas artística, progressiva e popular, que começa no regresso das cruzadas e termina com Luís XI. Notre-Dame de Paris não é de raça pura romana, como as primeiras; nem de raça pura árabe, como as segundas.

É um edifício da transição. O arquiteto saxão acabava de erguer os primeiros pilares da nave quando a ogiva, que estava chegando da cruzada, veio se pôr como conquistadora nesses largos capitéis romanos que deviam suportar apenas arcos plenos. A ogiva, dominante desde então, construiu o resto da igreja. Entretanto, inexperiente e tímida no início, ela se alarga, se amplia, se contém, e ainda não ousa se alongar em flechas e lancetas, como fez mais tarde em tantas catedrais maravilhosas. Dir-se-ia que ela se ressentia da vizinhança dos pesados pilares romanos.

Aliás, o estudo desses edifícios da transição do românico ao gótico é tão precioso quanto o dos tipos puros. Eles exprimem uma nuance da arte, que estaria perdida sem eles. É o enxerto da ogiva no arco pleno.

Notre-Dame de Paris é, em particular, uma curiosa amostra dessa variedade. Cada face, cada pedra do venerável monumento é uma página não só da história do país, mas também da história da ciência e da arte. Assim, para não indicar aqui mais do que os detalhes principais, enquanto a pequena porta vermelha atinge quase os limites das delicadezas góticas do século XV, os pilares da nave, por seu volume e sua gravidade, recuam até a abadia carolíngia de Saint-Germain-des-Prés. Acreditar-se-ia que há seis séculos entre essa porta e esses pilares. Não há quem, inclusive entre os herméticos, não encontre nos símbolos do portal-mor uma síntese satisfatória de sua ciência, da qual a igreja de Saint-Jacques-de-la-Boucherie era um hieróglifo tão completo. Assim, a abadia românica, a igreja filosófica, a arte gótica, a arte saxã, o pesado pilar redondo, que lembra Gregório VII, o simbolismo hermético pelo qual Nicolas Flamel preludiava Lutero, a unidade papal, o cisma, Saint-Germain-des-Prés, Saint-Jacques-de-la-Boucherie, tudo está fundido, combinado, amalgamado em Notre-Dame. Essa igreja central e geratriz é, dentre as igrejas de Paris, uma espécie de quimera; tem a cabeça de uma, os membros daquela, o traseiro de outra, alguma coisa de todas.

Repetimos, essas construções híbridas não são menos interessantes para o artista, o estudioso de antiguidades, o historiador. Elas fazem sentir a que ponto a arquitetura é coisa primitiva, na medida em que demonstram (e também o demonstram os vestígios ciclóticos,¹¹⁶ as pirâmides do Egito, os gigantescos pagodes hindus) que os maiores produtos da arquitetura são menos obras individuais do que sociais;

antes o parto dos povos em trabalho do que o feito de homens geniais; a borra que deixa uma nação; os amontoados que os séculos fazem; o resíduo das evaporações sucessivas da sociedade humana; numa palavra, espécies de formações. Cada torrente do tempo superpõe seu aluvião, cada raça deposita sua camada sobre o monumento, cada indivíduo traz sua pedra. Assim fazem os castores, assim fazem as abelhas, assim fazem os homens. O grande símbolo da arquitetura, Babel, é uma colmeia.

Os grandes edifícios, como as grandes montanhas, são obra dos séculos. Muitas vezes a arte se transforma enquanto eles ainda esperam para ser completados — *pendent opera interrupta*¹¹⁷ —, e são placidamente continuados conforme a arte transformada. A nova arte pega o monumento onde ele se encontra, incrusta-se nele, assimila-o, desenvolve-o à sua guisa e o conclui, se puder. A coisa se consuma sem perturbação, sem esforço, sem reação, de acordo com uma lei natural e tranquila. É um enxerto que sobrevém, uma seiva que circula, uma vegetação que renasce. Claro, tem-se aí material para livros bem grossos e, com frequência, a história universal da humanidade, em suas soldagens sucessivas de diversas artes em várias alturas no mesmo monumento. O homem, o artista, o indivíduo se apagam nessas grandes massas sem nome de autor; a inteligência humana aí se resume e se totaliza. O tempo é o arquiteto, o povo é o pedreiro.

Encarando-se aqui apenas a arquitetura europeia cristã, essa irmã mais moça das grandes obras do Oriente, ela aparece aos olhos como uma imensa formação dividida em três zonas bem definidas que se superpõem: a zona românica,** a zona gótica, a zona da Renascença, que de bom grado chamaríamos com prazer de greco-romana. A camada românica, que é a mais antiga e profunda, é ocupada pelo arco pleno, que reaparece, portado pela coluna grega, na camada moderna e superior da Renascença. A ogiva fica entre ambas. Os edifícios que pertencem apenas a uma das três camadas são perfeitamente distintos, unos e completos. É a abadia de Jumièges, é a catedral de Reims, é a Sainte-Croix de Orléans. Mas as três zonas se mesclam e se amalgamam pelas beiras, como as cores no espectro solar. Daí os monumentos complexos, os edifícios de nuance e de transição. Um é românico nos pés, gótico no meio, greco-romano na cabeça. É que levou seiscentos anos para construí-lo. Essa variedade é rara. O torreão de Étampes é uma amostra disso. Mas os monumentos de duas formações são mais frequentes. É Notre-Dame de Paris, edifício ogival, que penetra com seus primeiros pilares nessa zona românica em que estão mergulhados o portal de Saint-Denis e a nave de Saint-Germain-des-Prés. É a encantadora sala capitular semigótica

de Bocherville, na qual a camada românica vem até a metade do corpo. É a catedral de Rouen, que seria inteiramente gótica, se não se banhasse, pela extremidade da sua flecha central, na zona da Renascença.***

De resto, todas essas nuances, todas essas diferenças só afetam a superfície dos edifícios. A arte é que mudou de pele. A própria constituição da Igreja cristã não é atacada. É sempre a mesma estrutura interna, a mesma disposição lógica das partes. Qualquer que seja o invólucro esculpido e bordado de uma catedral, sempre se encontra debaixo, pelo menos no estado de germe e de rudimento, a basílica romana. Ela se desenvolve eternamente no chão conforme a mesma lei. São imperturbavelmente duas naves que se entrecruzam em cruz e cuja extremidade superior, arredondada em abside, forma o coro; são sempre naves laterais para as procissões internas, para as capelas, espécies de deambulatórios laterais onde a nave principal deságua pelos intercolúnios. Dito isso, o número de capelas, portais, campanários e agulhas se modifica infinitamente, conforme a fantasia do século, do povo, da arte. Provido e assegurado o serviço do culto, a arquitetura faz o que bem lhe parece. Estátuas, vitrais, rosáceas, arabescos, rendilhados, capitéis, baixos-relevos, ela combina todas essas imaginações conforme o logaritmo que lhe convém. Daí a prodigiosa variedade externa desses edifícios, no fundo dos quais reside tanta ordem e unidade. O tronco da árvore é imutável; a vegetação é caprichosa.

106. “O tempo é voraz, o homem mais voraz ainda.” Ovídio, *Metamorfoses*, XV, 234.

107. “Que com sua massa incute o terror nos espectadores.”

108. Igreja parisiense do século XVII, de estilo predominantemente barroco.

109. *Hôtel*, aqui, tem o sentido de palácio, solar.

110. A flecha da catedral foi desmontada a partir de 1786 e reconstruída apenas na metade do século XIX por Viollet-le-Duc. (N. E.)

111. A condessa Du Barry (1743-93) foi a favorita de Luís xv e esteve no centro de inúmeras intrigas da corte. Foi guilhotinada durante a Revolução Francesa. (N. E.)

112. Mirabeau (1749-91) foi um dos personagens essenciais da Revolução Francesa. (N. E.)

113. Vitrúvio (88-26 a.C.) é o autor de *De architectura*; Vignole, arquiteto do século XVI, concluiu os trabalhos da igreja Saint-Pierre de Roma, iniciados por Michelangelo. (N. E.)

114. Bispo de Avranches no século XVI. (N. E.)

115. Uma das sete maravilhas do mundo antigo, o templo foi incendiado em 356 por Eróstrato, com o propósito de entrar assim para a posteridade.

* *Histoire gallicane*, livro II, 3º período, f. 130, p. 1. (N. A.)

116. Isto é, de construções antigas feitas com enormes blocos de pedra, cuja autoria

se atribuía aos ciclopes.

117. “As obras interrompidas ficam pendentes.” Virgílio, *Eneida*, IV, 88.

** A mesma que também se chama, conforme os lugares, os climas e as espécies, lombarda, saxã e bizantina. São quatro arquiteturas irmãs e paralelas, tendo cada qual sua característica particular, mas derivando do mesmo princípio, o arco pleno.

FACIES non omnibus una,

NON diversa tamen, qualem etc.

[A forma não é a mesma em todas,/ tampouco é muito diferente] (N. A.)

*** Essa parte da flecha, que era de madeira, é precisamente a que foi consumida por um raio em 1823. (N. A.)

PARIS VISTA DO ALTO

Acabamos de tentar recompor para o leitor a admirável igreja de Notre-Dame de Paris. Indicamos sumariamente a maioria das belezas que ela tinha no século xv e que lhe faltam hoje. Mas omitimos a principal: a vista de Paris que se descobria então do alto de suas torres.

De fato, era quando, depois de haver tateado por um bom tempo na tenebrosa espiral que penetra na perpendicular a espessa muralha dos campanários, você desembocava enfim, bruscamente, numa das duas altas plataformas inundadas de luz e de ar; era um belo quadro que se desenrolava ao mesmo tempo de todas as partes sob seus olhos; um espetáculo sui generis de que podem facilmente ter ideia aqueles de nossos leitores que tiveram a felicidade de ver uma cidade gótica, inteira, completa, homogênea, como ainda restam algumas: Nuremberg, na Baviera; Vitoria, na Espanha; ou mesmo exemplares menores, contanto que bem conservados: Vitré, na Bretanha; Nordhausen, na Prússia.

A Paris de trezentos e cinquenta anos atrás, a Paris do século xv, já era uma cidade gigante. Nós em geral nos enganamos — nós, parisienses — quanto ao terreno que acreditamos ter ganhado desde então. Paris, desde Luís XI, não cresceu muito mais de um terço. Por certo perdeu muito mais em beleza do que ganhou em grandeza.

Paris nasceu, como se sabe, na velha ilha da Cité, que tem a forma de um berço. A praia dessa ilha foi sua primeira muralha; o Sena, seu primeiro fosso. Paris permaneceu vários séculos no estado de ilha, com duas pontes, uma ao norte, outra ao sul, e duas cabeças de ponte, que eram ao mesmo tempo suas portas e suas fortalezas: o Grand-Châtelet e o Petit-Châtelet, na margem esquerda. Depois, a partir dos reis da primeira raça, apertados demais em sua ilha e não podendo mais se mexer nela, Paris atravessou o rio. Então, além do grande e do pequeno Châtelet, um primeiro recinto de muralhas e torres começou

a comer os campos dos dois lados do Sena. Desse antigo muramento ainda permaneciam no século passado alguns vestígios; hoje só resta a lembrança e, aqui e ali, uma tradição, a Porte Baudets ou Baudoyer, *porta Bagauda*. Pouco a pouco, o fluxo de casas, sempre impellido do coração da cidade para fora, transborda, rói, desgasta e apaga esse recinto. Filipe Augusto lhe faz um novo dique. Ele aprisiona Paris numa série circular de torres grossas, altas e sólidas. Por mais de um século as casas se comprimem, se acumulam e elevam seu nível nessa bacia, como a água num reservatório. Elas começam a ficar profundas; põem um andar em cima do outro; montam umas em cima das outras; brotam em altura como toda seiva comprimida, e todas procuram pôr a cabeça mais alto do que suas vizinhas para ter um pouco de ar. A rua se aprofunda e se estreita cada vez mais; todo espaço se enche e desaparece. As casas pulam enfim o muro de Filipe Augusto e se esparramam alegremente na planície, sem ordem, enviesadas como fugitivas. Lá, elas ganham corpo, fazem jardins nos campos, se acomodam. A partir de 1367, a cidade se expande tanto no subúrbio que é preciso um novo muramento, sobretudo na margem direita. Carlos V o constrói. Mas uma cidade como Paris vive numa enchente perpétua. Apenas cidades assim se tornam capitais. São funis onde vêm dar todas as vertentes geográficas, políticas, morais, intelectuais de um país, todas as inclinações naturais de um povo; poços de civilização, por assim dizer, e também esgotos, onde comércio, indústria, inteligência, população, tudo o que é seiva, tudo o que é vida, tudo o que é alma numa nação se infiltra e se acumula sem cessar, gota a gota, século a século. A muralha de Carlos V tem, portanto, a sorte da muralha de Filipe Augusto. Desde o fim do século XV, ela é pulada, superada, e o subúrbio corre mais longe. No século XVI, ela parece recuar visivelmente e penetra cada vez mais na velha cidade, de tanto que uma cidade nova se adensa do lado de fora. Assim, desde o século XV, para ficarmos aí, Paris já usara os três círculos concêntricos de muralhas, que na época de Juliano, o Apóstata,¹¹⁸ estavam por assim dizer em germe no Grand-Châtelet e no Petit-Châtelet. A poderosa cidade havia arrebatado sucessivamente seus quatro cinturões de muros como uma criança que cresce e rasga suas roupas do ano anterior. Sob Luís XI, viam-se surgir, nesse mar de casas, alguns grupos de torres em ruínas dos antigos recintos, como os picos das colinas numa inundação, como arquipélagos da velha Paris submersa sob o novo.

Desde então Paris ainda se transformou, infelizmente a nosso ver; mas só transpôs um novo muramento, o de Luís XV, essa miserável muralha de lama e escarro, digna do rei que a construiu, digna do poeta que a cantou:

No século XV, Paris ainda era dividida em três cidades totalmente distintas e separadas, tendo cada uma sua fisionomia, sua especialidade, seus usos, costumes, privilégios, sua história: a Cité, a Universidade, a Cidade. A Cité, que ocupava a ilha, era a mais antiga, a menor e a mãe das outras duas, encerrada entre elas (permitam-nos a comparação) como uma velhinha entre duas grandes e bonitas filhas. A Universidade cobria a margem esquerda do Sena, desde a Tournelle até a torre de Nesle, pontos que correspondem, na Paris de hoje, um ao Mercado dos Vinhos, o outro à Monnaie.¹²⁰ Seus muros chanfravam amplamente esse campo em que Juliano havia construído suas termas. A montanha de Sainte-Geneviève se encerrava dentro deles. O ponto culminante dessa curva de muralhas era a porta Papal, isto é, mais ou menos o atual local do Panteão. A Cidade, que era a maior das três partes de Paris, tomava a margem direita. Seu cais, rompido no entanto, ou interrompido, em vários pontos corria ao longo do Sena, da torre de Billy à torre do Bosque, ou seja, do lugar onde hoje é o Grenier d'Abondance¹²¹ ao lugar onde ficam atualmente as Tulherias. Esses quatro pontos, em que o Sena cortava os muros da capital, a Tournelle e a torre de Nesle, à esquerda, a torre de Billy e a torre do Bosque, à direita, eram chamados por excelência de *as quatro torres de Paris*. A Cidade entrava nas terras mais profundamente ainda do que a Universidade. O ponto culminante do muramento da Cidade (o de Carlos V) ficava nas portas Saint-Denis e Saint-Martin, cuja localização não mudou.

Como acabamos de dizer, cada uma dessas três grandes divisões de Paris era uma cidade, mas uma cidade especial demais para ser completa, uma cidade que não podia viver sem as outras duas. Também três aspectos perfeitamente à parte. Na Cité, abundavam as igrejas; na Cidade, os palácios; na Universidade, os colégios. Por desconsiderarmos aqui as originalidades secundárias da velha Paris e os caprichos do direito viário, diremos de um ponto de vista geral, considerando apenas os conjuntos e as massas no caos das jurisdições comunais, que a ilha era do bispo; a margem direita, do preboste dos mercadores; a margem esquerda, do reitor. O preboste de Paris, oficial real, e não municipal, encima o todo. A Cité tinha Notre-Dame; a Cidade, o Louvre e o Hôtel de Ville; a Universidade, a Sorbonne. A Cidade tinha Les Halles; a Cité, o Hôtel-Dieu;¹²² a Universidade, o Pré-aux-Clercs. O delito que os estudantes cometiam na margem esquerda, em seu Pré-aux-Clercs, era julgado na ilha, no Palácio da Justiça, e punia-se na margem direita, em Montfaucon; a não ser que o reitor,

sentindo a Universidade forte e o rei fraco, interviesse, porque era um privilégio dos estudantes ser enforcados em casa.

(A maioria desses privilégios, notemos de passagem, e havia melhores do que esse, tinha sido extorquida do rei por revoltas e motins. É a marcha imemorial: o rei só cede quando o povo arranca. Há uma velha carta que diz a coisa de modo ingênuo, a propósito da fidelidade: *Civibus fidelitas in reges, quae tamen aliquoties seditionibus interrupta, multa peperit privilegia.*)¹²³

No século XV, o Sena banhava cinco ilhas no recinto de Paris: a ilha Louviers, onde havia árvores então e onde não há mais do que madeira; a ilha das Vacas e a ilha Notre-Dame, ambas desertas, salvo um ou outro casebre, ambas feudos do bispo (no século XVII, dessas duas ilhas fez-se uma, em que se ergueram construções e que chamamos de ilha Saint-Louis); enfim, a Cité e, na sua ponta, a ilhota do Atravessador das Vacas, que desapareceu desde então sob o terrapleno da Pont-Neuf. A Cité tinha então cinco pontes: três à direita — a Pont Notre-Dame e a Pont-au-Change, de pedra, a Pont-aux-Meuniers, de madeira; duas à esquerda — a Petit-Pont, de pedra, a Pont Saint-Michel, de madeira, todas repletas de casas. A Universidade tinha seis portas construídas por Filipe Augusto; eram elas, a partir da Tournelle: a Porte Saint-Victor, a Porte Bordelle, a Porte Papale, a Porte Saint-Jacques, a Porte Saint-Michel, a Porte Saint-Germain. A Cidade tinha seis portas construídas por Carlos V; eram elas, a partir da torre de Billy: a Porte Saint-Antoine, a Porte du Temple, a Porte Saint-Martin, a Porte Saint-Denis, a Porte Montmartre, a Porte Saint-Honoré. Todas essas portas eram fortificadas, e belas também, o que não compromete sua força. Um fosso largo, profundo, de forte corrente nas cheias do inverno, lavava o pé das muralhas em volta de Paris; o Sena fornecia a água. De noite as portas eram fechadas, barrava-se o rio nos dois extremos da cidade com grossas correntes de ferro, e Paris dormia tranquila.

Vistos do alto, esses três burgos — a Cité, a Universidade, a Cidade — apresentavam à vista, cada qual, um tricô inextricável de ruas bizarramente misturadas. No entanto, ao primeiro aspecto, reconhecia-se que esses três fragmentos de cidade formavam um só corpo. Logo se viam duas longas ruas paralelas, sem ruptura, sem perturbação, quase em linha reta, que atravessavam ao mesmo tempo as três cidades de um extremo ao outro, do sul ao norte, perpendicularmente ao Sena, ligavam-nas, misturavam-nas, transfundiam, derramavam, transvasavam sem cessar a gente de uma nas muralhas da outra, e de três faziam uma só. A primeira dessas duas ruas ia da Porte Saint-Jacques à Porte Saint-Martin e se chamava Rue Saint-Jacques, na Universidade, Rue de la Juiverie, na Cité, Rue

Saint-Martin, na Cidade; ela atravessava o rio duas vezes, com o nome de Petit-Pont e de Pont Notre-Dame. A segunda, que se chamava Rue de la Harpe na margem esquerda, Rue de la Barillerie na ilha, Rue Saint-Denis na margem direita, Pont Saint-Michel num braço do Sena, Pont-au-Change no outro, e ia da Porte Saint-Michel, na Universidade, à Porte Saint-Denis, na Cidade. Sob tantos nomes diferentes, eram tão só duas ruas, mas as duas ruas mães, as duas ruas geratrizes, as duas artérias de Paris. Todas as outras veias da cidade tríplice vinham beber ou desaguar nelas.

Independente dessas duas ruas principais, diametrais, que penetravam Paris de um lado a outro em sua largura, comuns à capital inteira, a Cidade e a Universidade tinham cada qual sua rua principal, que corria no sentido de seu comprimento, paralelamente ao Sena, e de passagem cortava em ângulo reto as duas ruas *arteriais*. Assim, na Cidade, descia-se em linha reta da Porte Saint-Antoine à Porte Saint-Honoré; na Universidade, da Porte Saint-Victor à Porte Saint-Germain. Essas duas grandes vias, cruzando com as duas primeiras, formavam a tela em que repousava, amarrada e estreitada em todos os sentidos, a rede labiríntica das ruas de Paris. No desenho ininteligível dessa trama distinguiam-se, além disso, examinando-se com atenção, como que dois ramalhetes que se alargavam, um na Universidade, o outro na Cidade, dois feixes de grossas ruas que iam se estendendo das pontes às portas.

Algo desse plano geométrico subsiste ainda hoje.

Agora, sob que aspecto esse conjunto se apresentava visto do alto das torres de Notre-Dame em 1482? É o que vamos procurar dizer.

Para o espectador que chegava ofegante a esse topo, era em primeiro lugar um deslumbramento de tetos, chaminés, ruas, pontes, praças, flechas, campanários. Tudo cativava os olhos ao mesmo tempo, a empena esculpida, o telhado agudo, a torreta suspensa nos cantos das paredes, a pirâmide de pedra do século XI, o obelisco de ardósia do século XV, a torre redonda e nua do torreão, a torre quadrada e bordada da igreja, o grande, o pequeno, o maciço, o aéreo. O olhar se perdia por muito tempo em toda profundidade nesse labirinto, onde não havia nada que não tivesse sua originalidade, sua razão, seu gênio, sua beleza, nada que não viesse da arte, desde a mais simples casa de fachada pintada e esculpida, de madeiramento externo, de porta baixa, de andares inclinados, até o real Louvre, que tinha então uma colunata de torres. Mas eis as principais massas que se distinguiam quando o olho começava a se acostumar a esse tumulto de edifícios.

Primeiro a Cité. A Île de la Cité, como diz Sauval, que no meio de sua miscelânea tem às vezes um bom estilo, “a Île de la Cité é feita

como um grande navio enterrado no lodo e encalhado a fio d'água mais ou menos no meio do Sena". Acabamos de explicar que no século XV esse navio era amarrado às duas margens do rio por cinco pontes. Essa forma de navio também havia impressionado os escribas da heráldica, porque é daí, e não do cerco dos normandos, que vem, segundo Favyn e Pasquier,¹²⁴ o navio que compõe o velho brasão de Paris. Para quem sabe decifrá-lo, o brasão é uma álgebra, o brasão é uma língua. A história inteira da segunda metade da Idade Média está escrita no brasão, assim como a história da primeira metade, no simbolismo das igrejas românicas. São os hieróglifos do feudalismo depois dos da teocracia.

Portanto, a Cité se oferecia aos olhos com sua popa ao levante e sua proa ao poente. Virado para a popa, você tinha diante de si um incontável rebanho de velhos tetos, acima dos quais se arredondava largamente a cabeça de chumbo da Sainte-Chapelle, igual a um lombo de elefante carregado com sua torre. Só que aqui essa torre era a flecha mais ousada, mais trabalhada, mais recortada, da mais fina marcenaria, que já deixou ver o céu através de seu cone de rendilhado. Bem em frente a Notre-Dame, três ruas desembocavam no adro, bela praça de velhas casas. Do lado sul dessa praça se debruçava a fachada enrugada e carrancuda do Hôtel-Dieu,¹²⁵ com seu teto que parece coberto de pústulas e verrugas. Depois, à direita, à esquerda, a oriente, a ocidente, nesse recinto tão estreito porém da Cité, se erguiam os campanários de suas vinte e uma igrejas de todas as datas, todas as formas, todas as dimensões, desde a baixa e carcomida campânula românica de Saint-Denis-du-Pas (*carcer Glaucini*) até as finas agulhas de Saint-Pierre-aux-Bœufs e de Saint-Landry. Nos fundos de Notre-Dame se desenrolavam, ao norte, o claustro com suas galerias góticas; ao sul, o palácio semirromânico do bispo; ao levante, a ponta deserta das terras não cultivadas. Nesse amontoado de casas, o olhar ainda distinguia, por aquelas mitras de pedra vasadas e altas que coroavam então, no próprio teto, as janelas mais elevadas dos palácios, o solar dado pela cidade, sob Carlos VI, a Juvenal dos Ursinos; um pouco mais longe, os barracões asfaltados do mercado Palus; ainda mais além, a abside nova de Saint-Germain-le-Vieux, alongada em 1458 com um pedaço da Rue aux Febves; e depois, aqui e ali, uma encruzilhada entupida de gente; um pelourinho erguido numa esquina; um belo pedaço do calçamento de Filipe Augusto, magnífico lajeado raiado para os pés dos cavalos no meio da via, e tão mal substituído no século XVI pelo miserável empedramento dito *pavé de la ligue*; um pátio deserto com uma dessas diáfanos torretas da escada como se fazia no século XV, como ainda se vê na Rue des Bourdonnais. Enfim, à direita da Sainte-Chapelle, do lado do poente, o Palácio da

Justiça assentava à beira d'água seu grupo de torres. As árvores dos jardins do rei que cobriam a ponta ocidental da Cité mascaravam a ilha do barqueiro. Quanto à água, do alto das torres de Notre-Dame, não se dava para vê-la dos dois lados da Cité: o Sena desaparecia sob as pontes, as pontes sob as casas.

E quando o olhar ia além dessas pontes, cujos tetos esverdeavam a olhos vistos, embolorados antes da hora pelos vapores d'água, se ele se dirigia à esquerda, na direção da Universidade, o primeiro edifício que chamava a atenção era um grosso e baixo ramalhete de torres, o Petit-Châtelet, cujo pórtico escancarado devorava a extremidade da Petit-Pont; depois, se a vista percorria a margem, de levante a poente, da Tournelle à torre de Nesle, aparecia um longo cordão de casas de vigas esculpidas, vidros coloridos, inclinando-se de andar em andar sobre o calçamento, um interminável zigue-zague de empenas burguesas, cortado com frequência pela boca de uma rua e, de tempo em tempo, também pela face ou o cotovelo de um grande solar de pedra, estendendo-se à vontade, pátios e jardins, alas e corpo central, entre essa população de casas aglomeradas e apertadas, como um grão-senhor num monte de camponeses. Havia cinco ou seis desses solares no cais, do Logis¹²⁶ de Lorraine, que compartilhava com os Bernardos o grande recinto vizinho da Tournelle, até o Hôtel de Nesle, cuja torre principal delimitava Paris e cujos três tetos pontiagudos podiam três meses por ano chanfrar com seus triângulos negros o disco escarlate do sol poente.

Esse lado do Sena, de resto, era o menos comercial dos dois; nele, os estudantes faziam mais barulho e eram mais numerosos do que os artesãos, e só havia cais, falando propriamente, da Pont Saint-Michel à torre de Nesle. O resto da beira do Sena era ora uma praia nua, como para lá dos Bernardos, ora um aglomerado de casas que tinham o pé n'água, como entre as duas pontes.

Havia grande tumulto de lavadeiras; elas gritavam, falavam, cantavam da manhã ao anoitecer ao longo da beira, e batiam a roupa com força, como nos dias de hoje. Não é a menor alegria de Paris.

A Universidade formava um bloco à visão. De um lado ao outro, era um todo homogêneo e compacto. Aqueles mil tetos, densos, angulosos, aderentes, compostos quase todos do mesmo elemento geométrico, ofereciam, vistos do alto, o aspecto de uma cristalização da mesma substância. A caprichosa ravina das ruas não cortava esse bloco de casas em fatias muito desproporcionadas. Os quarenta e dois colégios eram disseminados de maneira bastante igual, e havia deles por toda parte. As cumeeiras variadas e divertidas desses belos edifícios eram produto da mesma arte dos simples tetos que elas superavam em altura e, no fim das contas, não eram mais do que uma

elevação ao quadrado ou ao cubo da mesma figura geométrica. Elas, portanto, complicavam o conjunto sem perturbá-lo, completavam-no sem sobrecarregá-lo. A geometria é uma harmonia. Alguns belos palacetes faziam também aqui e ali magníficas saliências sobre os sótãos pitorescos da margem esquerda; o Logis de Nevers, o Logis de Rome, o Logis de Reims, que desapareceram; o Hôtel de Cluny, que ainda subsiste para o consolo do artista e cuja torre se descoroou tão tolamente faz alguns anos. Perto de Cluny, esse palácio romano, de belos arcos dobrados, ficavam as Termas de Juliano. Havia também muitas abadias de uma beleza mais devota, de uma grandeza mais grave do que os solares, mas não menos belas, não menores. As que primeiro despertavam o olhar eram a dos Bernardos, com seus três campanários; Sainte-Geneviève, cuja torre quadrada, que ainda existe, nos faz sentir tanta falta do resto; a Sorbonne, metade colégio, metade mosteiro, de que sobrevive uma nave tão admirável; o belo claustro quadrilateral dos Mathurins; seu vizinho, o claustro de são Bento, dentro de cujas paredes houve tempo de construir um teatro entre a sétima e a oitava edição deste livro; a abadia dos franciscanos com suas três enormes empenas justapostas; e a dos agostinhos, cuja graciosa agulha fazia, depois da torre de Nesle, o segundo rendilhado desse lado de Paris, a partir do ocidente. Os colégios, que são de fato o elo intermediário entre o claustro e o mundo, ficavam no meio da série monumental, entre os palacetes e as abadias, com uma severidade cheia de elegância, uma escultura menos evaporada do que os palácios, uma arquitetura menos séria do que os conventos. Infelizmente não sobra quase nada desses monumentos em que a arte gótica entrecortava, com tanta precisão, a riqueza e a economia. As igrejas (e elas eram numerosas e esplêndidas na Universidade; e se escalonavam, aí também, em todas as eras da arquitetura, desde os arcos plenos de Saint-Julien até as ogivas de Saint-Severin), as igrejas dominavam o todo; e, como uma harmonia a mais nessa massa de harmonias, elas varavam a cada instante o recorte múltiplo das empenas de flechas entalhadas, de campanários vasados, de agulhas finas, cuja linha não era também nada mais do que um magnífico exagero do ângulo agudo dos tetos.

O solo da Universidade era montanhoso. A montanha Sainte-Geneviève fazia nele, a sudeste, uma enorme bolha; e era coisa de se ver, do alto de Notre-Dame, aquela multidão de ruas estreitas e tortuosas (hoje *o país latino*), essas pencas de casas que, espalhadas em todos os sentidos do topo dessa eminência, se precipitavam em desordem e quase a pico em seus flancos até a beira d'água, parecendo umas caírem, outras grimparem, todas se apoiarem umas nas outras. Um fluxo contínuo de mil pontos negros que se entrecruzavam nas

pedras do chão fazia tudo se mover a nossos olhos: era o povo visto assim de cima e de longe.

Enfim, nos intervalos desses tetos, dessas flechas, desses acidentes de incontáveis edifícios que dobravam, torciam e rendilhavam de uma maneira tão bizarra a linha extrema da Universidade, entrevê-se, de espaço em espaço, um grosso lance de muro embolorado, uma espessa torre redonda, uma porta de cidade ameaçada, que representava a fortaleza: era o recinto de Filipe Augusto. Mais além verdejavam os prados, mais além fugiam as estradas, ao longo das quais ainda se arrastavam algumas casas de subúrbio, tanto mais raras quanto mais se distanciavam. Alguns desses subúrbios eram importantes: primeiro, a partir da Tournelle, o burgo Saint-Victor com sua ponte de um arco sobre o Bièvre, sua abadia, onde se lia o epitáfio de Luís, o Gordo, *epitaphium Ludovici Grossi*, e sua igreja de flecha octogonal flanqueada por quatro pequenos campanários do século XI (ainda se vê uma igual em Étampes; até agora não foi derrubada); depois o burgo Saint-Marceau, que já tinha três igrejas e um convento; em seguida, deixando à esquerda o moinho dos Gobelins e suas quatro paredes brancas, se localizavam o Faubourg Saint-Jacques com a bela cruz esculpida de sua encruzilhada; a igreja de Saint-Jacques du Haut-Pas, que então era gótica, pontuda e encantadora; Saint-Magloire, bela nave do século XIV, que Napoleão transformou em paiol de feno; Notre-Dame-des-Champs, onde havia mosaicos bizantinos. Enfim, depois de deixar em pleno campo o mosteiro dos Cartuxos, rico edifício, contemporâneo do Palácio da Justiça, com seus pequenos jardins compartimentados e as ruínas mal frequentadas de Vauvert, o olhar recaía, a ocidente, nas três agulhas românicas de Saint-Germain-des-Prés. O burgo Saint-Germain, já uma grande comuna, fazia quinze ou vinte ruas atrás; o campanário agudo de Saint-Sulpice assinalava um dos cantos do burgo. Bem ao lado, distinguia-se o recinto quadrilátero da Foire Saint-Germain, onde é hoje o mercado; depois, o pelourinho da abadia, bonita torrezinha redonda, bem coberta por um cone de chumbo; a olaria ficava mais longe, e a Rue du Four, que levava ao forno banal; e o moinho em sua colina; o asilo de leprosos, pequena casa isolada e malvista. Mas o que atraía sobretudo o olhar e o fixava por um bom tempo nesse ponto era a própria abadia. É certo que esse mosteiro, que tinha uma grande feição, como igreja e domínio senhorial, esse palácio abacial, onde os bispos de Paris se sentiam felizes de dormir uma noite, esse refeitório, a que o arquiteto dera a aparência, a beleza e a esplêndida rosácea de uma catedral, essa elegante capela da Virgem, esse dormitório monumental, esses vastos jardins, essa grade, essa ponte levadiça, esse invólucro de ameias que entalhava aos olhos a verdura dos prados dos arredores,

esses pátios em que reluziam homens de armas misturados com mantos dourados, tudo isso agrupado e reunido em torno das três altas flechas de arco pleno, bem assentadas numa abside gótica, faziam uma magnífica figura no horizonte.

Quando, enfim, depois de ter longamente considerado a Universidade, voltava-se para a margem direita, para a Cidade, o espetáculo mudava bruscamente de caráter. De fato, a Cidade, muito maior do que a Universidade, também era menos una. Ao primeiro aspecto, via-se que ela se dividia em várias massas singularmente distintas. Primeiro, a levante, nessa parte da cidade que recebe ainda hoje seu nome do pântano¹²⁷ em que Camulogênio atolou César, era um aglomerado de palácios. O quarteirão chegava até a beira do rio. Quatro solares quase grudados, os *hôtels* de Jouy, Sens, Barbeau e o Logis de la Reine, viam no Sena seus telhados de ardósia recortados por esbeltas torrinhas. Esses quatro edifícios ocupavam o espaço que ia da Rue des Nonaindières à abadia dos celestinos, cuja agulha ressaltava com graça sua linha de empenas e ameias. Alguns casebres esverdeados, inclinados para a água em frente a esses suntuosos palacetes, não impediam de ver os belos ângulos de suas fachadas, suas largas janelas quadradas com cruzeiros de pedra, seus pórticos ogivais sobrecarregados de estátuas, as vivas arestas de suas paredes sempre nitidamente cortadas e todos esses encantadores acasos da arquitetura que fazem que a arte gótica pareça recomençar suas combinações a cada monumento. Atrás desses palácios, corria em todas as direções, ora fendida, com paliçada e ameias, como uma cidadela, ora velada por grandes árvores, como uma cartuxa, a muralha imensa e multiforme desse milagroso Hôtel de Saint-Pol, onde o rei da França tinha como hospedar soberbamente vinte e dois príncipes do nível do delfim e do duque de Borgonha, com seus serviçais e seus séquitos, sem contar os grão-senhores, e o imperador quando vinha a Paris, e os leões, que tinham seu solar à parte no *hôtel* real. Digamos aqui que um apartamento de príncipe não se compunha então de menos de onze salas, do quarto de cerimônia ao genuflexório, sem falar nas galerias, nos banhos, nas estufas e outros “lugares supérfluos” com que cada apartamento era dotado; sem falar nos jardins particulares de cada hóspede do rei; sem falar das cozinhas, caves, copas, refeitórios gerais da casa, pátios internos onde havia vinte e dois ateliês gerais, da padaria às adegas; das quadras de mil tipos de jogos, jogo da choca, da pela, da argola; aviários, peixarias, zoos, cavalariças, currais, bibliotecas, arsenais e forjas. Era assim então o palácio de um rei, um Louvre, um Hôtel Saint-Pol. Uma cidade na cidade.

Da torre onde estamos situados, o Hôtel Saint-Pol, quase semioculto

pelos quatro grandes Logis dos quais acabamos de falar, ainda era bastante considerável e maravilhoso de se ver. Distinguiam-se muito bem nele, embora habilmente soldados ao corpo principal por longas galerias de vitrais e colunetas, os três palacetes que Carlos V havia amalgamado a seu palácio: o Hôtel du Petit-Muce, com a balaustrada de rendilhado que orlava graciosamente seu teto; o *hôtel* do abade de Saint-Maur, com o relevo de uma fortaleza, uma torre encorpada, balestreiros, ameias, bastiões de ferro e, acima da larga porta saxã, o escudo do abade entre os dois entalhes da ponte levadiça; o *hôtel* do conde de Étampes, cujo torreão, arruinado no topo, se arredondava aos olhos, rasgado como uma crista de galo; aqui e ali, três ou quatro velhos carvalhos que formavam um tufo, como se fossem enormes couves-flores; folguedos de cisnes nas águas claras dos viveiros, pregueadas de sombra e luz; vários pátios de que se viam os extremos pitorescos; o Hôtel des Lions, com suas ogivas baixas sobre curtos pilares saxões, suas grades de ferro e seu rugido perpétuo; através de todo esse conjunto, a flecha escamada da capela da Ave-Maria; à esquerda, a morada do preboste de Paris, flanqueada por quatro torretas finamente vazadas; no meio, ao fundo, o Hôtel Saint-Pol propriamente dito, com suas fachadas multiplicadas, seus enriquecimentos sucessivos desde Carlos V, as excrescências híbridas com que a fantasia dos arquitetos o vinha carregando havia dois séculos, com todas as absides de suas capelas, todas as empenas de suas galerias, mil cata-ventos aos quatro ventos e suas duas altas torres contíguas, cujo telhado cônico, rodeado de seteiras na base, parecia esses chapéus pontudos de aba levantada.

Continuando a subir os andares desse anfiteatro de palácios desenvolvido ao longe no chão, depois de passar por uma ravina profunda aberta nos tetos da Cidade, a qual marcava a passagem da Rue Saint-Antoine, o olhar chegava ao Logis d'Angoulême, vasta construção de várias épocas em que havia partes novas em folha e muito brancas, que se incorporavam tão bem ao conjunto quanto uma peça vermelha de roupa a um gibão azul. No entanto, o teto singularmente agudo e elevado do palácio moderno, erizado de gárgulas cinzeladas, coberto com lâminas de chumbo onde rolavam em mil arabescos fantásticos reluzentes incrustações de cobre dourado, esse teto tão curiosamente adamascado se elevava com graça do meio das pardas ruínas do antigo edifício, cujas velhas e grossas torres, arqueadas pela idade como barris, desabando de velhice sobre si mesmas e se dilacerando de alto a baixo, pareciam gordos ventres desabotoados. Atrás, erguia-se a floresta de agulhas do Palais des Tournelles. Não havia vista no mundo, nem em Chambord nem em Alhambra, mais mágica, mais aérea, mais prestigiosa do que essa mata

de flechas, de pequenos campanários, chaminés, cata-ventos, espirais, parafusos, lanternas permeadas pela luz que pareciam feitas a punção, pavilhões, torretas em forma de fuso, ou, como se dizia então, *tournelles*, todas de forma, altura ou atitude diversas. Dir-se-ia um gigantesco tabuleiro de pedra.

À direita do Hôtel des Tournelles, esse buquê de enormes torres de um negro de tinta, entrando umas nas outras e, por assim dizer, amarradas por um fosso circular; esse torreão muito mais vazado por seteiras do que por janelas, essa ponte levadiça sempre erguida, essa grade sempre abaixada é a Bastilha. Essas espécies de bicos negros, que saem de entre as ameias e que você confunde de longe com gárgulas, são canhões.

Ao alcance de suas balas redondas, ao pé do formidável edifício, eis a Porte Saint-Antoine, escondida entre as duas torres.

Para lá das Tournelles até a muralha de Carlos V se estendia, com ricos compartimentos de vegetação e flores, um tapete aveludado de plantações e parques reais, no meio dos quais se reconhecia, por seu labirinto de árvores e aleias, o famoso jardim de Dédalo que Luís XI tinha dado a Coictier. O observatório do doutor se elevava acima do dédalo como uma grossa coluna isolada tendo uma casinha como capitel. Fizeram-se nesse local terríveis astrologias.

Aí fica hoje a Place Royale.¹²⁸

Como acabamos de dizer, o bairro de palácios, de que procuramos dar uma ideia ao leitor, indicando porém apenas suas sumidades, preenchia o ângulo que a muralha de Carlos V formava com o Sena a oriente. O centro da Cidade era ocupado por um amontoado de casas populares. Era aí de fato que desembocavam as três pontes da Cité na margem direita, e as pontes trazem primeiro a construção de casas, só depois de palácios. Esse aglomerado de moradias burguesas comprimidas como os alvéolos na colmeia tinha sua beleza. Acontece com os tetos de uma capital o mesmo que com as ondas de um mar: é grandioso. Primeiro as ruas, cruzadas e misturadas, faziam no bloco mil figuras divertidas; em torno do mercado era como uma estrela de mil raios. As ruas Saint-Denis e Saint-Martin, com suas incontáveis ramificações, subiam uma depois da outra como duas grandes árvores que misturam seus galhos; e, depois, linhas tortas, as ruas de la Plâterie e de la Verrerie, de la Tixeranderie etc., serpeavam através do todo. Havia também belos edifícios que furavam a ondulação petrificada desse mar de empenas. À frente da Pont-aux-Changeurs, atrás da qual se via o Sena espumar sob as rodas da Pont-aux-Meuniers, ficava o Châtelet, não mais uma torre românica, como sob Juliano, o Apóstata, mas torre feudal do século XIII, e de uma pedra tão dura que uma picareta não tirava dela em três horas a espessura

de um punho; ficava o rico campanário quadrado de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, com seus ângulos atenuados por esculturas, já admirável, embora não estivesse acabado, no século xv. (Faltavam-lhe em particular esses quatro monstros que, ainda hoje, empoleirados nos cantos de seu teto, parecem quatro esfinges que pedem para a nova Paris adivinhar o enigma da antiga. Rault, o escultor, só os dispôs em 1526, e recebeu vinte francos por seu trabalho.) Ali também se localizavam a Casa dos Pilares, aberta para essa Place de Grève de que já demos uma ideia ao leitor, e as igrejas de Saint-Gervais, que um pórtico *de bom gosto* estragou depois, de Saint-Méry, cujas velhas ogivas ainda eram quase de arco pleno, e de Saint-Jean, cuja magnífica agulha era proverbial; havia vinte outros monumentos que não desdenhavam esconder suas maravilhas no caos de ruas escuras, estreitas e profundas. Acrescente a isso as cruzes de pedra esculpidas, mais prodigadas nas encruzilhadas do que as forcas; o cemitério dos Innocents, de que se percebia ao longe, acima dos tetos, os muros arquetônicos; o pelourinho de Les Halles, cujo topo se via entre duas chaminés da Rue de la Cossonnerie; a escada da Croix-du-Trahoir em sua encruzilhada sempre negra de gente; os casebres circulares da Halle-au-Blé; os pedaços da antiga muralha de Filipe Augusto, que se distinguia aqui e ali, submersa pelas casas, torres roídas pela hera, portas arruinadas, lances de parede desabando e deformados; o cais, com suas milhares de lojas e seus esfoladouros sangrentos; o Sena lotado de embarcações, do Port-au-Foin ao For-l'Évêque, e você terá uma imagem confusa do que era em 1482 o trapézio central da Cidade.

Com esses dois bairros, um de palácios, o outro de casas, o terceiro elemento do aspecto que a Cidade oferecia era uma longa zona de abadias que a margeava em quase todo o seu perímetro, do levante ao poente e, detrás do recinto de fortificações que encerrava Paris, formava uma segunda muralha interna de conventos e capelas. Assim, imediatamente ao lado do parque do Palais des Tournelles, entre a Rue Saint-Antoine e a velha Rue du Temple, havia a abadia de Sainte-Catherine, com sua imensa área de cultivo, que só era delimitada pela muralha de Paris. Entre a velha e a nova Rue du Temple, havia o Temple, sinistro feixe de torres, alto, em pé e isolado no meio de um vasto muramento com ameias. Entre a Rue Neuve du Temple e a Rue Saint-Martin ficava a abadia de Saint-Martin, em meio aos seus jardins, sublime igreja fortificada, cujo cinturão de torres, cuja tiara de campanários cediam em força e esplendor apenas a Saint-Germain-des-Prés. Entre as ruas Saint-Martin e Saint-Denis se desenvolvia o recinto da Trinité. Enfim, entre a Rue Saint-Denis e a Rue Montorgueil, a das Filles-Dieu. Ao lado, distinguiam-se tetos apodrecidos e o recinto de terra batida do Pátio dos Milagres. Era o

único elo profano que se mesclava a essa devota sequência de conventos.

Enfim, o quarto compartimento que se desenhava por si mesmo na aglomeração dos tetos da margem direita, o que ocupava o ângulo ocidental do muramento com a beira d'água, a jusante, era um novo nó de palácios e palacetes estreitado ao pé do Louvre. O velho Louvre de Filipe Augusto, esse edifício desmedido cuja grossa torre juntava vinte e três torres mestras em torno dela, sem contar as torretas, parecia de longe engastado nos tetos góticos do Hôtel d'Alençon e do Petit-Bourbon. Essa hidra de torres, guardiã gigante de Paris, com suas vinte e quatro cabeças sempre eretas, com seus cumes monstruosos, de chumbo ou escamado de ardósias, e todos cintilantes de reflexos metálicos, terminava de maneira surpreendente a configuração da Cidade ao poente.

Assim, um imenso quarteirão, que os romanos chamavam de *insula*,¹²⁹ de casas burguesas, flanqueado à direita e à esquerda por dois blocos de palácios, coroados, um pelo Louvre, outro pelas Tournelles, margeado ao norte por um longo cinturão de abadias e recintos cultivados, o todo amalgamado e fundido ao olhar; sobre esses mil edifícios cujos tetos de telhas e de ardósias recortavam uns sobre os outros tantas cadeias bizarras, os campanários tatuados, gofrados e guilhocados das quarenta e quatro igrejas da margem direita; miríades de ruas atravessando; como limite, de um lado, um recinto de altas muralhas com torres quadradas (a da Universidade era de torres redondas), do outro, o Sena cortado por pontes e carregando inúmeras embarcações, eis a Cidade no século XV.

Além das muralhas, alguns subúrbios se comprimiam nas portas, porém menos numerosos e mais esparsos do que os da Universidade. Havia, atrás da Bastilha, vinte casebres encolhidos em torno das curiosas esculturas da Croix-Faubin e dos arcobotantes da abadia de Saint-Antoine-des-Champs; depois Popincourt, perdido nos trigais; depois a Courtille, alegre aldeia de cabarés; o burgo Saint-Laurent com sua igreja cujo campanário, de longe, parecia se acrescentar às torres pontiagudas da Porte Saint-Martin; o Faubourg Saint-Denis com o vasto recinto de Saint-Ladre; fora da Porte Montmartre, a Grange-Batelière, cingida por muralhas brancas; atrás dela, com suas escarpas de calcário, Montmartre, que tinha então quase tantas igrejas quantos moinhos e que só conservou os moinhos porque a sociedade hoje só pede o pão do corpo. Enfim, além do Louvre, via-se alongar nos prados o Faubourg Saint-Honoré, já bastante considerável então, e verdejar a Petite-Bretagne, e se desenrolar o Mercado dos Porcos, no centro do qual se arredondava o horrível fogão para ferver os moedeiros falsos. Entre a Courtille e Saint-Laurent, seu olhar já havia

notado, no coroamento de uma elevação acorçada nas planícies desertas, uma espécie de edifício que se parecia de longe com uma colunata em ruína de pé num embasamento de terra batida. Não era nem um Partenon nem um templo de Júpiter Olímpico, era Montfaucon.

Agora, se a enumeração de tantos edifícios, por mais sumária que a tenhamos querido fazer, não reduziu a pó no espírito do leitor, à medida que a construíamos, a imagem geral da velha Paris, iremos resumi-la em algumas palavras. No centro, a Île de la Cité parecia por sua forma uma enorme tartaruga, fazendo suas pontes escamadas de telhas sobressaírem como patas de sob sua cinzenta carapaça de tetos. À esquerda, o trapézio monolítico, firme, denso, ericado, da Universidade; à direita, o vasto semicírculo da Cidade, muito mais mesclado de jardins e monumentos. Os três blocos — Cité, Universidade, Cidade — sulcados de ruas sem fim. De través, o Sena, “o Sena nutriz”, como diz o padre Du Breul, obstruído de ilhas, pontes e embarcações. Ao redor, uma planície imensa, remendada por mil tipos de cultivos, coalhada de belas aldeias. À esquerda, Issy, Vanvres, Vaugirard, Montrouge, Gentilly com sua torre redonda e sua torre quadrada etc.; à direita, vinte outras, de Conflans a Ville-l’Évêque. No horizonte, uma borda de colinas dispostas em círculo como a orla da bacia. Enfim, ao longe, a oriente, Vincennes e suas sete torres quadrangulares; ao sul, Bicêtre e suas torretas pontiagudas; a setentrião, a igreja de Saint-Denis e sua agulha; a ocidente, Saint-Cloud e seu torreão. Eis a Paris que viam do alto das torres de Notre-Dame os corvos que viviam em 1482.

Foi, no entanto, dessa cidade que Voltaire disse que “antes de Luís XIV ela possuía apenas quatro belos monumentos”:¹³⁰ o domo da Sorbonne, o Val-de-Grâce, o Louvre moderno e não sei mais qual o quarto, Luxembourg talvez. Felizmente, Voltaire apesar disso fez *Cândido* e é, de todos os homens que se sucederam na longa série da humanidade, quem melhor aproveitou o riso diabólico. Isso prova, aliás, que se pode ser um belo gênio e não entender nada de uma arte que não é a sua. Acaso Molière não acreditava fazer muita honra a Rafael e Michelangelo chamando-os de “esses Mignards¹³¹ de sua época”?

Voltemos a Paris e ao século xv.

Não era então apenas uma bela cidade; era uma cidade homogênea, um produto arquitetônico e histórico da Idade Média, uma crônica de pedra. Era uma cidade formada por duas camadas apenas, a camada românica e a gótica, porque a camada romana havia desaparecido fazia tempo, com exceção das Termas de Juliano, onde ela ainda trespassava a casca espessa da Idade Média. Quanto à camada celta,

não se encontravam mais exemplares, nem mesmo abrindo poços.

Cinquenta anos depois, quando a Renascença veio se mesclar com essa unidade tão severa e, no entanto, tão variada de luxo deslumbrante por suas fantasias e seus sistemas, sua orgia de arcos românicos, de colunas gregas e de embasamentos góticos, sua escultura tão terna e tão ideal, seu gosto particular por arabescos e acantos, seu paganismo arquitetônico contemporâneo de Lutero, Paris talvez fosse mais bela ainda, embora menos harmoniosa ao olhar e ao pensamento. Mas esse esplêndido momento durou pouco, a Renascença não foi imparcial; não se contentou com edificar, quis pôr abaixo: é verdade que necessitava de lugar. Por isso, a Paris gótica só foi completa por um minuto. Mal se acabava Saint-Jacques-de-la-Boucherie, começava a demolição do velho Louvre.

A partir de então, a grande cidade foi se deformando a cada dia. A Paris gótica, sob a qual se apagava a Paris românica, se apagou por sua vez; mas podemos dizer qual Paris a substituiu?

Existe a Paris de Catarina de Médici, nas Tulherias;* a de Henrique II no Hôtel de Ville: dois edifícios de um grande gosto ainda; a Paris de Henrique IV, na Place Royale: fachadas de tijolos com cantos de pedra e telhados de ardósia. Casas tricolores; a Paris de Luís XIII, no Val-de-Grâce: uma arquitetura comprimida e atarracada, abóbadas em alça de cesto, um certo ar barrigudo na coluna e corcunda no domo; a Paris de Luís XIV, nos Inválidos: grande, rico, dourado e frio; a Paris de Luís XV na igreja de Saint-Sulpice: abóbadas, laços de fita, nuvens, *vermicelli* e chicórias, tudo de pedra; a Paris de Luís XVI, no Panteão: São Pedro de Roma mal copiado (o edifício foi assentado com desordem, o que não acertou suas linhas); a Paris da república, na Escola de Medicina: um pobre gosto greco-romano, que se parece com o Coliseu ou com o Partenon, tanto quanto a Constituição do ano III com as leis de Minos;¹³² chama-se a isso, em arquitetura, de *gosto messidor*; a Paris de Napoleão, na Place Vendôme: esta é sublime, uma coluna de bronze feita com canhões; a Paris da restauração, na Bolsa: uma colunata muito branca suportando uma frisa muito lisa: o todo é quadrado e custou vinte milhões.

A cada um desses monumentos característicos se associa, por uma similitude de gosto, maneiras e atitudes, certa quantidade de casas esparsas em diversos bairros e que o olho do conhecedor distingue e data facilmente. Quando se sabe ver, encontra-se o espírito de um século e a fisionomia de um rei até numa aldrava.

A Paris atual não tem, portanto, nenhuma fisionomia geral. É uma coleção de exemplares de vários séculos, e os mais belos desapareceram. A capital só cresce em casas, e que casas! No ritmo que Paris vai, ela se renovará a cada cinquenta anos. E também a

significação histórica de sua arquitetura se apaga todos os dias. Os monumentos se tornam cada vez mais raros e parece que os vemos submergirem pouco a pouco, afogados nas casas. Nossos pais tinham uma Paris de pedra, nossos filhos terão uma Paris de estuque.

Quanto aos monumentos modernos da nova Paris, iremos nos dispensar de bom grado de falar neles. Não é que não os admiremos como convém. A igreja de Sainte-Geneviève do sr. Soufflot¹³³ é certamente o mais bonito bolo de noiva que já se fez de pedra; o palácio da Legião de Honra também é uma obra de confeitaria de grande distinção. O domo da Halle-au-Blé é um boné de jóquei inglês em grande escala. As torres Saint-Sulpice são dois gordos clarinetes, e é uma forma como outra qualquer; o telégrafo, torcido e careteiro, quebra a monotonia de seu telhado. A igreja de Saint-Roch tem um pórtico que só é comparável, por sua magnificência, ao da igreja de Saint-Thomas-d'Aquin. Também tem um calvário em alto-relevo numa cave e um sol de madeira dourada. São coisas absolutamente maravilhosas. A lanterna do labirinto do Jardin des Plantes também é deveras engenhosa. Quanto ao palácio da Bolsa, que é grego por sua colunata, romano pelo arco pleno de suas portas e janelas, renascentista por sua grande abóbada rebaixada, trata-se indubitavelmente de um monumento correto e puro: prova disso é o fato de ser coroado por um ático como só se via em Atenas, bela linha reta graciosamente cortada aqui e ali por canos de estufa. Acrescentemos que, se é de regra que a arquitetura de um edifício deve ser adequada à sua destinação, de tal modo que essa destinação se denuncie de per si pelo simples aspecto do edifício, nunca nos maravilharíamos o bastante com um monumento que pode ser indiferentemente um palácio de rei, uma câmara dos comuns, uma prefeitura, um colégio, um picadeiro de equitação, uma academia, um entreposto, um tribunal, um museu, um quartel, um sepulcro, um templo, um teatro. Enquanto isso, é uma Bolsa. Um monumento deve, além do mais, ser apropriado ao clima. Este é evidentemente construído de maneira específica para nosso céu frio e chuvoso. Tem um telhado quase chato, como no Oriente, o que faz que no inverno, quando neva, seja preciso varrer o telhado, e não há dúvida de que um telhado é feito para ser varrido. Quanto a essa destinação de que falávamos há pouco, ele a cumpre à perfeição; ele é Bolsa na França, como teria sido templo na Grécia. É verdade que o arquiteto teve grande dificuldade para ocultar o mostrador do relógio, que teria destruído a pureza das belas linhas da fachada; mas, em compensação, temos essa colunata que circula em torno do monumento e sob a qual, nos grandes dias de solenidade religiosa, pode se desenvolver majestosamente a procissão dos agentes de câmbio e dos corretores.

Trata-se, sem dúvida, de monumentos soberbos. Acrescentemos a eles uma porção de lindas ruas, divertidas e variadas, como a Rue de Rivoli, e não perco a esperança de que Paris, vista de um balão, venha a apresentar à nossa vista essa riqueza de linhas, essa opulência de detalhes, essa diversidade de aspectos, esse ar grandioso na simplicidade e inesperado na beleza que caracteriza um tabuleiro de damas.

Todavia, por mais admirável que lhe pareça a Paris de hoje em dia, refaça a Paris do século XV, reconstrua-a em seu pensamento; olhe o dia através dessa surpreendente cerca-viva de agulhas, torres e campanários; espalhe no meio da imensa cidade, rasgue na ponta das ilhas, dobre nos arcos das pontes o Sena com suas poças verdes e amarelas, mais cambiante do que um vestido de serpente, destaque nitidamente sobre um horizonte azul o perfil gótico dessa velha Paris; faça seu contorno flutuar numa bruma de inverno que se prende às suas incontáveis chaminés; submerja-o numa noite profunda e olhe o jogo bizarro das trevas e das luzes nesse sombrio labirinto de edifícios; lance neste um luar que o desenho vagamente e faça sair das brumas as grandes cabeças das torres; ou retome essa negra silhueta, reavive com sombra os mil ângulos agudos das flechas e das empenas, e faça-a realçar-se, mais rendada do que uma mandíbula de tubarão, contra o céu de cobre do poente. E depois, compare.

E se quiser receber da velha cidade uma impressão que a moderna não seria capaz de lhe dar, suba numa manhã de festa, ao sol levante da Páscoa ou de Pentecostes, suba em qualquer ponto elevado de onde você domine a capital inteira e assista ao despertar dos carrilhões. Veja, a um sinal vindo do céu, porque é o sol que o dá, essas mil igrejas vibrarem ao mesmo tempo. Primeiro são badaladas esparsas, indo de uma igreja a outra, como quando os músicos avisam que vão começar. Depois, de repente, veja, porque parece que em certos instantes o ouvido também tem sua vista, veja se elevar ao mesmo tempo, de cada campanário, como que uma coluna de som, como que uma fumaça de harmonia. Primeiro, a vibração de cada sino sobe reta, pura e, por assim dizer, isolada das outras no céu esplêndido da manhã; depois, pouco a pouco, crescendo, elas se fundem, se misturam, se apagam uma na outra, elas se amalgamam num magnífico concerto. Não é mais do que uma massa de vibrações sonoras que se desprende sem cessar dos inúmeros campanários, que flutua, ondula, salta, turbilhona sobre a cidade e se prolonga bem além do círculo ensurdecido dessas oscilações. No entanto, esse mar de harmonia não é um caos. Por maior e profundo que seja, ele não perde sua transparência: você vê serpear à parte, nele, cada grupo de notas que escapa dos toques. Você pode acompanhar o diálogo,

sucessivamente grave e estridente, da matraca e do grande sino; você vê as oitavas pularem de um campanário a outro; você as vê se elevarem, aladas, leves e sibilantes do sino de prata, cair quebradas e mancadas do sino de madeira; você admira no meio delas a rica escala que desce e sobe sem cessar os sete sinos de Saint-Eustache; você vê correr através delas notas claras e rápidas, que fazem três ou quatro zigue-zagues luminosos e desmaiam como relâmpagos. Lá é a abadia de Saint-Martin, cantora azeda e rachada; aqui, a voz sinistra e carrancuda da Bastilha; no outro extremo, a grande torre do Louvre, com seu baixo-relevo. O carrilhão real do Palácio da Justiça lança sem cessar de todos os lados trinados resplandecentes, sobre os quais caem em tempos iguais as pesadas badaladas do toque a rebate da torre de Notre-Dame, que as fazem faiscar como a bigorna sob o martelo. Por intervalos, você vê passar sons de toda forma que vêm do dobre triplo de Saint-Germain-des-Prés. Depois, de tempo em tempo, essa massa de barulhos sublimes se entreabre e cede passagem ao stretto¹³⁴ da Ave-Maria, que irrompe e espuma como uma faísca de estrelas. Abaixo, no mais profundo do concerto, você distingue confusamente o canto interior das igrejas que transpira através dos poros vibrantes de suas abóbadas. Decerto, é essa uma ópera que vale a pena ser ouvida. Em geral, o rumor que escapa de Paris durante o dia é a cidade que fala, é a cidade que respira; aqui é a cidade que canta. Preste atenção nesse tutti¹³⁵ dos campanários; esparrame sobre o conjunto o murmúrio de meio milhão de homens, a queixa eterna do rio, os sopros infinitos do vento, o quarteto grave e distante das quatro florestas dispostas nas colinas do horizonte como imensas caixas de órgão; apague aí, como numa meia-tinta, tudo o que o carrilhão central tenha de demasiado rouco e agudo, e diga se conhece no mundo uma coisa mais rica, mais alegre, dourada e deslumbrante do que esse tumulto de sinos e toques; do que essa fornalha de música; do que essas dez mil vozes de bronze cantando ao mesmo tempo em flautas de pedra de trezentos pés de altura; do que essa cidade que não é nada além de uma só orquestra; do que essa sinfonia que faz o barulho de uma tempestade.

* Vimos, com uma dor mesclada de indignação, que se pensava em ampliar, transformar, remodelar, isto é, destruir esse admirável palácio. Os arquitetos de nossos dias têm a mão pesada demais para tocar nessa delicada obra da Renascença. Continuamos a esperar que eles não ousem fazê-lo. Aliás, essa demolição das Tulherias agora não seria apenas uma via de fato brutal com que um vândalo ébrio enrubesceria, seria um ato de traição. As Tulherias não são simplesmente uma obra-prima da arte do século XVI, são uma página da história do século XIX. Esse palácio não é mais do rei, é do povo. Deixemo-lo tal como está. Nossa revolução marcou-o duas vezes na frente. Numa de suas duas fachadas, há balas de 10 de agosto; na outra, balas de 29 de julho. Ele é santo. Paris, 7 de abril de 1831. (N. A.)

118. Imperador e filósofo romano do século IV.
119. “O muro que mura Paris torna Paris murmurante.”
120. A Monnaie (Casa da Moeda), fundada em 864 para cunhar as moedas, é a mais antiga empresa do mundo. Situa-se hoje no Quai de Conti.
121. Celeiro da Abundância: vasto armazém de cereais que abastecia os padeiros. Foi destruído em 1871 pela Comuna de Paris. Ficava onde hoje passa a Rue Mornay, próximo da praça da Bastilha.
122. O mais antigo hospital de Paris (fundado em 651). O atual edifício do hospital data do século XIX.
123. “A fidelidade aos reis, embora às vezes interrompida por sedições, proporcionou aos cidadãos muitos privilégios.”
124. Henry Favyn e Étienne Pasquier, historiadores franceses dos séculos XVI e XVII. (N. E.)
125. O mais antigo asilo de Paris (fundado em 651) para pobres e órfãos. Hoje, é um hospital, datado do século XIX.
126. Solar, palácio.
127. *Marais*, em francês, bairro parisiense que sobrevive ainda em nossos dias.
128. Atual Place des Vosges, onde Victor Hugo morou no nº 6.
129. Ilha em latim.
130. Na introdução de *O século de Luís XIV*. (N. E.)
131. Mignard foi um pintor do século XVII, especialista em retratos lisonjeiros. A citação de Molière é de *La Gloire du Val-de-Grâce* (1669). (N. E.)
132. A Constituição do ano III (1795) instaura o regime do Diretório; a Constituição de Minos (lendário rei de Creta) incorpora o direito no mundo grego. (N. E.)
133. O Panteão.
134. Em música, parte de uma fuga que precede a conclusão. (N. E.)
135. Notação da partitura para indicar que todos os instrumentos devem tocar. (N. E.)

LIVRO IV

Dezesseis anos antes da época em que transcorre essa história, numa bela manhã de quasímodo,¹³⁶ uma criatura viva fora depositada, depois da missa na igreja de Notre-Dame, no estrado de cama chumbado no adro, à esquerda da entrada, em frente a uma grande imagem de são Cristóvão para a qual a figura esculpida em pedra por *messire* Antoine des Essarts, cavaleiro, olhava de joelhos desde 1413, quando resolveram derrubar tanto o santo como o fiel. Era nesse estrado que se costumava expor à caridade pública as crianças encontradas. Quem quisesse as pegava. Em frente ao estrado havia uma bacia de cobre para as esmolas.

A espécie de ser vivo que jazia nessa tábua, na manhã de quasímodo do ano do senhor de 1467, parecia suscitar em alto grau a curiosidade do grupo considerável que se concentrara em torno do estrado. O grupo era formado em grande parte por pessoas do belo sexo, quase todas elas mulheres idosas.

Na primeira fila e mais inclinadas sobre a cama, viam-se quatro delas que, por sua cogula cinzenta, espécie de túnica monástica, adivinhava-se serem de alguma confraria devota. Não vejo por que nossa história não deva transmitir à posteridade os nomes dessas quatro discretas e veneráveis senhoras. Eram Agnès la Herme, Jehanne de la Tarme, Henriette la Gaultière, Gauchère la Violette, todas as quatro viúvas, todas as quatro fiéis da capela Étienne-Haudry, saídas de sua casa com a permissão de sua mestra e em conformidade com os estatutos de Pierre d'Ailly,¹³⁷ para virem ouvir o sermão.

De resto, se essas bravas *haudriettes*¹³⁸ observavam por ora os estatutos de Pierre d'Ailly, com certeza violavam à saciedade os de Michel de Brache¹³⁹ e do cardeal de Pisa, que lhes prescreviam tão desumanamente o silêncio.

— O que é isso, irmã? — dizia Agnès à Gauchère, considerando a pequena criatura exposta, que chorava e se contorcia na cama de

madeira, assustada com tantos olhares.

— O que vai ser de nós — dizia Jehanne —, se é assim que eles fazem crianças agora?

— Não entendo de criança — retomava Agnès —, mas deve ser pecado olhar para esta.

— Não é uma criança, Agnès.

— É um macaco malfeito — observava a Gauchère.

— É um milagre — replicava Henriette la Gaultière.

— Nesse caso — observava Agnès —, é o terceiro desde o domingo do *Laetere*,¹⁴⁰ porque não faz oito dias que tivemos o milagre do caçoísta dos peregrinos, punido divinamente por Nossa Senhora de Aubervilliers, e era o segundo milagre do mês.

— É um verdadeiro monstro de abominação essa suposta criança encontrada — retomava Jehanne.

— Ela berra tanto que deixaria um chanfre surdo — emendava a Gauchère. — Cale a boca, seu berrador!

— E dizer que o bispo de Reims é que enviou esse horror ao bispo de Paris! — acrescentava a Gaultière juntando as mãos.

— Eu imagino — dizia Agnès la Herme — que é um bicho, um animal, produto de um judeu com uma porca; enfim, uma coisa que não é cristã e que deve ser jogada na água ou no fogo.

— Espero que não seja pleiteado por ninguém — tornou a Gaultière.

— Ai, meu Deus — exclamava Agnès —, as coitadas das amas de leite que estão no asilo das crianças encontradas, na parte de baixo da ruela, descendo para o rio, bem ao lado do senhor bispo! Se levassem para elas amamentarem esse monstinho! Eu preferiria dar de mamar a um vampiro.

— Como a Herme é inocente, coitada! — retrucava Jehanne. — A senhora não vê, minha irmã, que esse monstinho tem pelo menos quatro anos e que teria mais apetite por um espeto de assado do que pela sua mama?

De fato, não era um recém-nascido esse “monstinho”. (Nós mesmos teríamos dificuldade de qualificá-lo de outro modo.) Era uma pequena massa angulosa e agitada, aprisionada num saco de pano que levava impresso o monograma de *messire* Guillaume Chartier, então bispo de Paris, com uma cabeça saindo para fora. Essa cabeça era uma coisa bastante disforme; só se via uma floresta de cabelos ruivos, um olho, uma boca e dentes. O olho chorava, a boca berrava e os dentes pareciam pedir para morder. O todo se debatia no saco, para grande assombro da multidão que aumentava e se renovava ao redor sem cessar.

A dama Aloïse de Gondelaurier, uma mulher rica e nobre, de mãos

dadas com uma bonita menina de uns seis anos e que arrastava atrás de si um longo véu preso no chifre de ouro de seu toucado, deteve-se ao passar diante da cama e considerou por um instante a desditada criatura, enquanto sua encantadora filha Fleur-de-Lys de Gondelaurier, toda vestida de seda e veludo, soletrava apontando seu lindo dedinho para a tabuleta presa no estrado: CRIANÇAS ENCONTRADAS.

— Para dizer a verdade — falou a dama, desviando-se enojada —, eu acreditava que só expunham crianças aqui.

Ela virou as costas, jogando na bacia um florim de prata que ressoou entre os vinténs, fazendo as boas mulheres da capela de Étienne-Haudry arregalarem os olhos.

Um momento depois, o grave e sábio Robert Mistricolle, protonotário do rei, passou com um enorme missal debaixo do braço e sua mulher debaixo do outro (*damoiselle* Guillemette la Mairesse), tendo assim a seu lado seus dois reguladores, o espiritual e o temporal.

— Criança encontrada! — disse ele depois de examinar o objeto. — Aparentemente foi achada no parapeito do rio Flegetonte.¹⁴¹

— Só se vê um olho dele — observou *damoiselle* Guillemette —, no outro tem uma verruga.

— Não é uma verruga — replicou mestre Robert Mistricolle —, é um ovo que contém outro demônio igualzinho, o qual porta outro ovinho que contém outro diabo, e assim por diante.

— Como o senhor sabe disso? — perguntou Guillemette la Mairesse.

— Eu sei pertinentemente — respondeu o protonotário.

— Senhor protonotário — perguntou a Gauchère —, o que o senhor prognostica sobre essa suposta criança encontrada?

— As piores desgraças — respondeu Mistricolle.

— Ai, meu Deus! — disse uma velha entre os ouvintes. — Como se não bastasse a considerável pestilência do ano passado e dizerem que os ingleses vão desembarcar em grande número em Harfleur.

— O que não impedirá, talvez, que a rainha venha a Paris no mês de setembro — retrucou outra. — O comércio já anda tão mal...

— Sou da opinião — clamou Jehanne de la Tarme — de que seria melhor, para os camponeses de Paris, que esse mago aí fosse deitado num feixe de galhos em vez de numa tábua.

— Um belo feixe flamejante! — disse Mistricolle.

Havia algum tempo que um jovem padre escutava o raciocínio das *haudriettes* e as sentenças do protonotário. Tratava-se de uma figura severa, com a testa larga e um olhar profundo. Afastou em silêncio a multidão, examinou o *pequeno mago* e estendeu a mão sobre ele. Era

tempo, porque todas as devotas já lambiam os beijos pensando no *belo feixe flamejante*.

— Eu adoto essa criança — disse o padre.

Pegou-a em sua batina e levou-a. A assistência o acompanhou com um olhar apavorado. Um instante depois, ele havia desaparecido pela porta vermelha que levava então da igreja ao claustro.

Quando a primeira surpresa passou, Jehanne de la Tarme se inclinou ao ouvido da Gaultière.

— Eu bem que tinha dito, irmã, que esse jovem clérigo, o sr. Claude Frollo, é um bruxo.

136. Na liturgia católica, o quasímodo ou pascoela é o domingo seguinte ao da Páscoa.

137. Cardeal e escritor influente em seu tempo (1351-1420). (N. E.)

138. Freiras da ordem da Assunção de Nossa Senhora.

139. Eclesiástico que estabeleceu os estatutos do hospital das religiosas *haudriettes*. (N. E.)

140. Quarto domingo da Quaresma.

141. Na mitologia grega, um dos cinco rios do inferno, que representa o fogo.

Com efeito, Claude Frollo não era um personagem vulgar.

Ele pertencia a uma dessas famílias médias que chamavam sem distinção, na linguagem impertinente do século passado, de alta burguesia ou pequena nobreza. Essa família herdara dos irmãos Paclet o feudo de Tirechappe, que dependia do bispo de Paris e cujas vinte e uma casas haviam sido, no século XIII, objeto de vários pleitos perante o tribunal episcopal. Como possessor desse feudo, Claude Frollo era um dos *sete vezes vinte e um* senhores que pretendiam receber censos em Paris e seus subúrbios, e pôde se ver por muito tempo seu nome inscrito nessa condição, entre o Hôtel de Tancarville, pertencente a mestre François Le Rez, e o colégio de Tours, no cartulário depositado na igreja de Saint-Martin-des-Champs.

Claude Frollo fora destinado por seus pais desde a infância ao estado eclesiástico. Tinham lhe ensinado a ler em textos latinos; fora instruído a baixar os olhos e a falar baixo. Criança ainda, seu pai o enclausurara no colégio de Torchi, na Universidade. Foi aí que cresceu sob a égide do missal e do léxicon.

Era por outro lado uma criança triste, grave, séria, que estudava com afinco e aprendia depressa; não soltava gritos no recreio, não se envolvia muito nas bacanais da Rue de Fouarre, não sabia o que era *dare alapas et capillos laniare*¹⁴² e não participara da rebelião de 1463, que os analistas registram gravemente sob o título de “Sexto distúrbio da Universidade”. Raras vezes zombava dos coitados dos alunos de Montaigu por causa das *cappettes*¹⁴³ de que tiravam seu nome ou dos bolsistas do colégio de Dormans por sua tonsura rasa e sua sobreveste tricolor, azul-escuro, azul-claro e roxo, *azurini coloris et bruni*, como diz o diploma do cardeal des Quatre-Couronnes.

Em compensação, ele era assíduo das grandes e pequenas escolas da Rue Saint-Jean-de-Beauvais. O primeiro aluno que o abade de Saint-Pierre-de-Val, no momento de começar sua leitura de direito

canônico, sempre percebia colado em frente à sua cátedra num pilar da escola Saint-Vendregesile era Claude Frollo, armado de sua escrivanhinha portátil, mascando sua pena, rabiscando em seu joelho gasto e, no inverno, soprando os dedos. O primeiro ouvinte que *messire* Milles d'Isliers, doutor em decreto, via chegar toda segunda-feira de manhã, ofegante, à abertura das portas da escola do Chef-Saint-Denis era Claude Frollo. Assim, aos dezesseis anos, o jovem clérigo pôde enfrentar em teologia mística um padre da Igreja; em teologia canônica, um padre dos concílios; em teologia escolástica, um doutor da Sorbonne.

Superada a teologia, ele se precipitou no decreto. Do *Mestre das sentenças* ele caíra nos *Capitulares de Carlos Magno*; e sucessivamente havia devorado, em seu apetite de ciência, uma decretal depois da outra, as de Teodoro, bispo de Hispalis; as de Bouchard, bispo de Worms; as de Yves, bispo de Chartres; depois o decreto de Graciano que sucedeu os capitulares de Carlos Magno; depois a coletânea de Gregório IX; depois a epístola *Super specula* de Honório III. Ele se esclareceu, se familiarizou com esse vasto e tumultuoso período do direito civil e do direito canônico em luta e em trabalho de parto no caos da Idade Média, período que o bispo Teodoro abre em 618 e que o papa Gregório encerra em 1227.

Digerido o decreto, ele se debruçou sobre a medicina, sobre as artes liberais. Estudou a ciência das ervas, a ciência dos unguentos; tornou-se perito nas febres e contusões, nas feridas e nos tumores. Jacques d'Espars o teria graduado médico físico; Richard Hellain,¹⁴⁴ médico-cirurgião. Percorreu igualmente todos os graus da licença, mestrado e doutorado em artes. Estudou línguas — latim, grego, hebraico, então tríplice santuário bem pouco frequentado. Era uma verdadeira febre de adquirir e de entesourar, em matéria de ciência. Aos dezoito anos, as quatro faculdades haviam sido concluídas; parecia ao jovem homem que a vida tinha um objetivo único: saber.

Foi mais ou menos por volta dessa época que o verão excessivo de 1466 deflagrou a grande peste que levou embora mais de quarenta mil criaturas no viscondado de Paris, entre outros, diz Jean de Troyes, “mestre Arnoul, astrólogo do rei, que era um homem de bem, sábio e agradável”. Difundiu-se na Universidade o boato de que a Rue Tirechappe estava particularmente devastada pela doença. Era lá que residiam, no meio de seu feudo, os pais de Claude. O jovem estudante correu alarmado para a casa paterna. Quando entrou, seu pai e sua mãe tinham morrido na véspera. Um irmãozinho que ele tinha, ainda nos cueiros, estava vivo e chorava abandonado em seu berço. Era tudo o que restava a Claude de sua família; o jovem pegou a criança nos braços e saiu pensativo. Até então ele vivera unicamente na ciência;

começava a viver na vida.

Essa catástrofe foi uma crise na existência de Claude. Órfão, filho mais velho, chefe de família aos dezenove anos, ele se sentiu duramente chamado dos sonhos da escola às realidades deste mundo. Então, tomado pela piedade, encheu-se de paixão e devoção por aquela criança, seu irmão; coisa estranha e dura a afeição humana, para ele que por ora só amara os livros.

Essa afeição se desenvolveu a um ponto singular: numa alma tão nova, foi como um primeiro amor. Separado desde a infância dos pais, que ele mal conhecera, enclausurado e como que murado em seus livros, ávido antes de mais nada por estudar e aprender, exclusivamente atento até ali à sua inteligência, que se dilatava na ciência, à sua imaginação, que crescia nas letras, o pobre estudante ainda não tivera tempo de sentir o lugar de seu coração. Esse jovem irmão, sem pai nem mãe, essa criancinha que lhe caía bruscamente do céu nos braços, fez dele um homem novo. Ele percebeu que havia outra coisa no mundo além das especulações da Sorbonne e dos versos de Homero; que o homem necessitava de afetos; que a vida sem ternura e sem amor não passava de uma engrenagem seca, rangente e dilacerante. Imaginou, no entanto, porque estava na idade em que as ilusões ainda são substituídas apenas por ilusões, que as afeições de sangue e de família eram as únicas necessárias e que um irmãozinho a amar bastava para preencher toda uma existência.

Portanto, ele se jogou no amor por seu pequeno Jehan com a paixão de um caráter já profundo, ardente, concentrado. Essa pobre e frágil criatura, linda, loura, rosada e frisada, esse orfãozinho sem outro apoio além de um órfão, mexia com ele até o fundo das entranhas; e, grave pensador que era, pôs-se a refletir sobre Jehan com uma misericórdia infinita. Encheu-se de preocupações e cuidados como se ele fosse uma coisa muito frágil e especial. Foi para o menino mais do que um irmão: tornou-se para ele uma mãe.

O pequeno Jehan havia perdido a mãe quando ainda mamava; Claude o entregou a uma ama de leite. Além do feudo de Tirechappe, ele herdara de seu pai o feudo do Moinho, que dependia da torre quadrada de Gentilly: era um moinho numa colina, perto do castelo de Winchestre (Bicêtre). Havia nele uma moleira que alimentava uma bela criança; não ficava longe da Universidade. Claude levou-lhe pessoalmente seu pequeno Jehan.

Desde então, sentindo que tinha um fardo a carregar, levou a vida muito a sério. Pensar no irmãozinho virou não só sua recreação, mas também a finalidade de seus estudos. Decidiu se consagrar por inteiro a um futuro pelo qual respondia perante Deus e nunca ter outra esposa, outro filho salvo a felicidade e a ventura de seu irmão.

Apegou-se, portanto, mais do que nunca à sua vocação clerical. Seu mérito, sua ciência, sua qualidade de vassalo imediato do bispo de Paris lhe escancaravam as portas da Igreja. Aos vinte anos, por dispensa especial da Santa Sé, era padre e servia, como o mais moço dos capelães de Notre-Dame, o altar a que chamavam, por causa da missa tardia que nele se rezava, *altare pigrorum*.¹⁴⁵

Então, mergulhado mais do que nunca em seus queridos livros, que ele só deixava para correr uma hora até o feudo do Moinho, esse misto de saber e austeridade, tão raro em sua idade, lhe valera prontamente o respeito e a admiração do claustro. Do claustro, sua reputação de sábio chegara ao povo, dentre o qual ele havia adquirido um pouco a fama de feiticeiro, coisa frequente então.

Fora no momento em que, no dia de quasímodo, ele voltava de dizer a missa dos preguiçosos no altar destes, altar que ficava ao lado da porta do coro que levava à nave, à direita, próximo da imagem da Virgem, que sua atenção havia sido despertada pelo grupo de velhas que choramingavam em torno do leito das crianças encontradas.

Foi então que ele se aproximou da infeliz criaturinha tão odiada e ameaçada. Aquele desamparo, aquela deformidade, aquele abandono, a lembrança de seu irmãozinho, a quimera que subitamente veio ter a seu espírito, de que, se ele morresse, seu querido Jehan poderia muito bem, também, ser jogado miseravelmente na tábua das crianças encontradas, tudo isso lhe viera ao mesmo tempo ao coração: uma grande piedade se revolvera em seu íntimo, e ele levou a criança.

Quando tirou a criança do saco, achou-a de fato bem disforme. O pobre diabrete tinha uma verruga no olho esquerdo, a cabeça entre os ombros, a coluna vertebral arqueada, o esterno proeminente, as pernas tortas; mas parecia vivaz; e, muito embora fosse impossível saber que língua ele balbuciava, seu choro anunciava certa força e saúde. A compaixão de Claude cresceu com essa feiura; e ele fez voto, em seu coração, de criar aquela criança por amor a seu irmão, a fim de que, quaisquer que fossem no futuro as faltas do pequeno Jehan, ele teria a seu favor essa caridade feita em sua intenção. Era uma espécie de investimento de boas obras que ele faria por seu jovem irmão; era uma espécie de pé-de-meia de boas ações que queria acumular antecipadamente para o irmão, caso o gaiatinho ficasse um dia desprevenido dessa moeda, a única recebida no pedágio do paraíso.

Batizou então seu irmão adotivo e o chamou de Quasímodo, seja porque quisesse marcar assim o dia em que o encontrara, seja por querer caracterizar com esse nome a que ponto a pobre pequena criatura era incompleta e apenas esboçada. De fato, Quasímodo, caolho, corcunda, torto, não era mais do que um *quase*.

142. “Dar bofetadas e arrancar cabelos.”

143. Capinhas.

144. D’Espars e Hellain são dois médicos do século xv. (N. E.)

145. “Altar dos preguiçosos.”

Ora, em 1482, Quasímodo crescera. Tinha se tornado, havia vários anos, sineiro de Notre-Dame, graças a seu pai adotivo, Claude Frollo, o qual se tornara arqui-diácono de Josas, graças a seu suserano, Louis de Beaumont, o qual se tornara bispo de Paris em 1472, quando da morte de Guillaume Chartier, graças a seu patrono Olivier le Daim, barbeiro do rei Luís XI pela graça de Deus.

Quasímodo era, pois, carrilhonista de Notre-Dame.

Com o tempo, se forjara não sei que vínculo íntimo unindo o sineiro à igreja. Separado para sempre do mundo pela dupla fatalidade do nascimento desconhecido e de sua natureza disforme, aprisionado desde a infância nesse duplo e intransponível círculo, o pobre coitado se acostumara a não ver nada neste mundo além das religiosas muralhas que o haviam acolhido à sua sombra. Notre-Dame havia sido sucessivamente, para ele, conforme crescia e se desenvolvia, o ovo, o ninho, a casa, a pátria, o universo.

E é indubitável que havia uma espécie de harmonia misteriosa e preexistente entre essa criatura e o edifício. Quando, ainda pequenino, se arrastava tortuosamente e aos sobressaltos sob as trevas de suas abóbadas, ele parecia, com sua face humana e seus membros bestiais, o réptil natural desse chão úmido e sombrio no qual a sombra dos capitéis românicos projetava tantas formas bizarras.

Mais tarde, da primeira vez que se agarrou maquinalmente à corda das torres e se pendurou nelas e acionou o sino, isso causou em Claude, seu pai adotivo, o efeito de uma criança cuja língua se solta e que começa a falar.

Assim foi que, pouco a pouco, se desenvolvendo sempre no sentido da catedral, vivendo nela, dormindo nela, não saindo dela quase nunca, sofrendo a todo instante sua pressão misteriosa, ele chegou a se parecer com ela, a se incrustar nela, por assim dizer, a ser parte

integrante dela. Seus ângulos salientes se encaixavam (permitam-nos essa imagem) aos ângulos reentrantes do edifício, e ele parecia ser não só seu morador, mas também seu conteúdo natural. Poder-se-ia quase dizer que ele adquirira a forma daquele, como o caracol assume a forma de sua concha. Era sua morada, seu canto, seu invólucro. Havia entre a velha igreja e ele uma simpatia instintiva tão profunda, tantas afinidades magnéticas, tantas afinidades materiais, que ele de certa forma aderira a ela como a tartaruga a seu casco. A rugosa catedral era sua carapaça.

Inútil advertir o leitor para não levar ao pé da letra as imagens que somos obrigados a empregar aqui para expressar esse acoplamento singular, simétrico, imediato, quase consubstancial, de um homem a um edifício. Inútil igualmente dizer a que ponto ele se familiarizou com toda a catedral, numa convivência tão longa e íntima. Aquela morada lhe era própria. Ela não possuía profundidade que Quasímodo não houvesse penetrado, altura que ele não houvesse escalado. E muitas vezes lhe acontecia trepar na fachada em várias elevações, utilizando apenas as asperezas da escultura. As torres, em cuja superfície externa se via o sineiro se arrastar como uma lagartixa que desliza numa parede a pique, essas duas gêmeas gigantes, tão altas, tão ameaçadoras, tão temíveis, não tinham para ele nem vertigem, nem terror, nem abalos de tontura. Ao vê-las tão suaves sob sua mão, tão fáceis de escalar, dir-se-ia que ele as domesticara. De tanto pular, grimpar, brincar no meio dos abismos da gigantesca catedral, ele se tornara de certo modo macaco e cabrito, como a criança calabresa que nada antes de andar e brinca, pequenininha ainda, com o mar.

De resto, não apenas seu corpo parecia ter se moldado conforme a catedral, mas seu espírito também. Em que estado estava essa alma? Que marcas ela contraiu, que forma adotou sob aquele invólucro nodoso, naquela vida selvagem? Seria difícil determinar. Quasímodo nascera caolho, corcunda, coxo. Foi com grande dificuldade e paciência que Claude Frollo conseguira lhe ensinar a falar. Mas uma fatalidade estava presa à pobre criança encontrada. Sineiro de Notre-Dame aos catorze anos, uma nova doença veio completá-lo: os sinos tinham rompido seus tímpanos, ele ensurdecera. A única porta que a natureza lhe deixara escancarada para o mundo havia se fechado bruscamente para sempre.

Fechando-se, ela interceptou o único raio de alegria e de luz que ainda penetrava na alma de Quasímodo. Essa alma caiu numa noite profunda. A melancolia do miserável se tornou incurável e completa, como sua deformidade. Acrescentemos que a surdez tornou-o, de certo modo, mudo. Porque, para não fazer os outros rirem dele a partir do momento em que se viu surdo, ele se determinou resolutamente a um

silêncio que só rompia quando estava a sós. Ele amarrou voluntariamente aquela língua que Claude Frollo tivera tanta dificuldade de soltar. Daí decorria que, quando a necessidade o obrigava a falar, sua língua era entorpecida, inapta, como uma porta cujos gonzos estão enferrujados.

Se agora tentássemos penetrar na alma de Quasímodo através dessa casca espessa e dura; se pudéssemos sondar as profundezas dessa organização malfeita; se nos fosse dado olhar com um archote detrás desses órgãos sem transparência, explorar o interior tenebroso dessa criatura opaca, elucidar os recantos obscuros, os becos absurdos e lançar de repente uma luz viva na psique agrilhoada no fundo desse antro, encontraríamos sem dúvida a infeliz em alguma atitude pobre, mirrada e raquítica, como aqueles prisioneiros da prisão de Veneza, que envelheciam dobrados em dois numa caixa de pedra baixa e curta demais.

É certo que o espírito se atrofia num corpo defeituoso. Quasímodo mal sentia se mover cegamente dentro de si uma alma feita à sua imagem, as impressões dos objetos sofriam uma refração considerável antes de chegar ao seu pensamento. Seu cérebro era um meio particular: as ideias que o atravessavam saíam todas distorcidas. A reflexão que provinha dessa refração era necessariamente divergente e desviada.

Daí mil ilusões de óptica, mil aberrações de juízo, mil absurdos onde divagava seu pensamento, ora louco, ora idiota.

O primeiro efeito dessa organização fatal era perturbar o olhar que ele lançava nas coisas. Ele não recebia destas quase nenhuma percepção imediata. O mundo exterior lhe parecia muito mais distante do que a nós.

O segundo efeito de sua desgraça era torná-lo mau.

Ele era mau, de fato, porque era selvagem; ele era selvagem porque era feio. Havia uma lógica em sua natureza, como na nossa.

Sua força, tão extraordinariamente desenvolvida, era causa de mais maldade. *Malus puer robustus*,¹⁴⁷ diz Hobbes.

Por sinal, há de se fazer esta justiça a ele: a maldade talvez não lhe fosse inata. Desde seus primeiros passos entre os homens, Quasímodo se sentira e depois se vira achincalhado, degradado, rejeitado. A palavra humana, para ele, era sempre uma zombaria ou uma maldição. Crescendo, só havia encontrado ódio ao seu redor. Ele o contraíra. Ele ganhara a maldade geral. Ele pegara a arma com que o tinham ferido.

Afinal, só a contragosto ele se voltava para o lado dos homens; sua catedral lhe bastava. Ela era povoada de figuras de mármore, reis, santos, bispos, que pelo menos não rebentavam de rir em sua cara e

pousavam nele um olhar tranquilo e benevolente. As outras estátuas, as dos monstros e demônios, não tinham ódio por ele, Quasímodo. Ele se parecia demais com elas para isso. Elas zombavam muito mais dos outros homens. Os santos eram seus amigos e o abençoavam; os monstros eram seus amigos e o guardavam. Por isso ele tinha demoradas confidências com eles. Por isso ele passava às vezes horas inteiras acorrido em frente a uma dessas estátuas conversando solitariamente com ela. Se alguém aparecia, ele fugia como um amante surpreendido em sua serenata.

E a catedral não era apenas, para ele, a sociedade, mas também o universo, mas também toda a natureza. Ele não sonhava com outras árvores que não os vitrais sempre floridos, outra sombra que não a dessas folhagens de pedra que se estendiam carregadas de aves no tufo de capitéis saxões, outras montanhas que não as torres colossais da igreja, outro oceano que não Paris que marulhava a seus pés.

O que ele amava antes de tudo no edifício maternal, o que despertava sua alma e fazia com que ela abrisse suas pobres asas, que ele mantinha tão miseravelmente recolhidas em sua caverna, o que às vezes o tornava feliz eram os sinos. Ele os amava, os acariciava, falava com eles, compreendia-os. Do carrilhão da agulha do cruzeiro ao grande sino do pórtico, tinha ternura por todos. Campanário do cruzeiro, as duas torres eram para ele como três grandes gaiolas, cujos passarinhos, criados por ele, só para ele cantavam. Eram, no entanto, esses mesmos sinos que o haviam ensurdecido; contudo, as mãos costumam amar mais a criança que mais lhe fez sofrer.

É verdade que a voz deles era a única que ele ainda podia ouvir. Por isso, o grande sino era sua bem-amada.¹⁴⁸ Era este que ele preferia nessa família barulhenta que gingava à sua volta, nos dias festivos. Esse grande sino se chamava Marie. Era o único na torre meridional, com sua irmã Jacqueline, sino de menor dimensão, encerrado numa sineira menor do que a de Marie. Essa Jacqueline era chamada pelo mesmo nome da mulher de Jean Montagu, que o dera à igreja; o que não o impedira de ir figurar sem cabeça em Montfaucon.¹⁴⁹ Na segunda torre havia seis outros sinos e, enfim, os seis menores habitavam o campanário sobre o cruzeiro, com o sino de madeira, que só era tocado depois do jantar da quinta-feira absoluta¹⁵⁰ até a manhã da véspera da Páscoa. Quasímodo tinha, portanto, quinze sinos em seu harém; mas o grande Marie era o favorito.

Não dá para imaginar sua alegria nos dias do grande dobre dos sinos. No momento em que o arquidiácono o deixava e lhe dizia “vá”, ele subia a escada espiralada do campanário mais rápido do que outro a teria descido. Entrava ofegante na câmara aérea do grande sino;

considerava-o um momento com recolhimento e amor; depois lhe dirigia docemente a palavra; aflagava-o com a mão, como a um bom cavalo que vai fazer uma longa corrida. Lamentava a trabalhadeira que o sino teria. Depois dessas primeiras carícias, gritava a seus ajudantes, situados no andar interior da torre, para começarem. Estes se penduravam nos cabos, o cabrestante rangia e a enorme cápsula de metal se movimentava lentamente. Quasímodo, palpitante, a acompanhava com o olhar. O primeiro choque do badalo com a parede de bronze arrepiava a estrutura em que ele estava trepado. Quasímodo vibrava com o sino. Uah!, gritava ele com uma gargalhada insensata. Enquanto o movimento do sino grave se acelerava e à medida que percorria um ângulo mais aberto, o olho de Quasímodo também se abria cada vez mais fosfórico e flamejante. Enfim o grande dobre começava; toda a torre tremia; estruturas, telhados, blocos de pedras, tudo ribombava ao mesmo tempo, dos pilotis da fundação¹⁵¹ aos trevos do coroamento. Quasímodo era então tomado por uma tremenda agitação; ele ia e vinha, tremia com a torre da cabeça aos pés. O sino, a toda e furioso, apresentava alternadamente às duas paredes da torre sua bocarra de bronze, de que escapava aquele sopro de tempestades que se ouvia a quatro léguas dali. Quasímodo se postava em frente a essa bocarra aberta; ele se agachava, se levantava com os vaivéns do sino, aspirava aquele sopro fantástico, olhava sucessivamente para a praça profunda que formigava duzentos pés abaixo dele e para a enorme língua de cobre que vinha de segundo em segundo berrar em seu ouvido. Era a única palavra que ele ouvia, o único som que perturbava para ele o silêncio universal. Ele ficava feliz como um passarinho ao sol; seu olhar se tornava extraordinário; ele aguardava a passagem do badalo como a aranha espera a mosca, e num impulso brusco se jogava sobre ele. Então, suspenso acima do abismo, lançado no formidável balanço do sino, ele agarrava o monstro de bronze por suas orelhas, apertava-o entre os joelhos, esporeava-o com os calcanhares e aumentava com todo o choque e o peso de seu corpo a fúria do dobre. Enquanto a torre vacilava, ele gritava e rangia os dentes, os cabelos ruivos se eriçavam, seu peito fazia o ruído de um fole de forja, seu olho lançava chamas, o sino monstruoso relinchava todo ofegante sob ele; e então não era mais nem o grande sino de Notre-Dame nem Quasímodo: era um sonho, um turbilhão, uma tempestade; a vertigem a cavalo no som; um espírito agarrado a um lombo voador; um estranho centauro metade homem, metade sino; uma espécie de horrível Astolfo, levado por um prodigioso hipogrifo¹⁵² de bronze vivo.

A presença desse ser extraordinário fazia circular em toda a catedral não sei que sopro de vida. Parecia que escapava dele, pelo

menos ao dizer das crescentes superstições da turba, uma emanção misteriosa que animava todas as pedras de Notre-Dame e fazia palpitar as entranhas profundas da velha igreja. Bastava que se soubesse que ele estava lá para acreditar ver as mil estátuas das galerias e dos portais viverem e se moverem. E, de fato, a catedral parecia uma criatura dócil e obediente sob sua mão; ela esperava sua vontade para erguer sua voz grossa; ela era possuída e tomada por Quasímodo como por um gênio familiar. Ele parecia fazer o imenso edifício respirar. Estava de fato em toda parte deste, multiplicava-se em todos os pontos do monumento. Ora avistavam apavorados no ponto mais alto de uma das torres um anão esquisito que trepava, serpeava, rastejava de quatro, descia do lado de fora no abismo, pulava de saliência em saliência e ia remexer o ventre de uma górgona esculpida: era Quasímodo enxotando os corvos. Ora topavam, num canto escuro da igreja, com uma espécie de quimera viva, acorada e carrancuda: era Quasímodo pensando. Ora avistavam sob um campanário uma cabeça enorme e uma maçaroça de membros desordenados balançando com furor na ponta de uma corda: era Quasímodo soando as vésperas ou o ângelus. Era frequente, de noite, verem errar uma forma horrorosa na frágil balaustrada rendilhada que coroa as torres e borda o contorno da abside: era de novo o corcunda de Notre-Dame, diziam as vizinhas, toda a igreja adquiria algo de fantástico, de sobrenatural, de horrível; olhos e bocas se abriam aqui e ali; ouviam os cachorros latirem, serpentes e tarascas de pedra que velam dia e noite, o pescoço esticado e a boca aberta em torno da monstruosa catedral. E se fosse uma noite de Natal, enquanto o grande sino, que parecia estertorar, chamava os fiéis para a missa ardente da meia-noite, havia tal atmosfera difundida na sombria fachada que parecia que o portal-mor devorava a multidão e que a rosácea a espiava. E tudo isso vinha de Quasímodo. O Egito o teria tomado pelo deus desse templo; a Idade Média acreditava ser ele seu demônio: ele era sua alma.

A tal ponto que, para os que sabem que Quasímodo existiu, Notre-Dame está hoje deserta, inanimada, morta. Sente-se que alguma coisa desapareceu. Esse corpo imenso está vazio; é um esqueleto; o espírito o abandonou, vemos seu lugar, só isso. É como um crânio em que ainda há buracos para os olhos, mas não há mais olhar.

146. “Guardador de um rebanho de monstros, ele mesmo mais monstruoso ainda.”
Deturpação de uma citação das *Bucólicas*, de Virgílio (V, 44). (N. E.)

147. “A criança robusta é má.”

148. Sino em francês é substantivo feminino: *une cloche*.

149. Montagu foi decapitado no mercado de Paris e teve seu corpo pendurado no patíbulo de Montfaucon.

150. A quinta antes da Páscoa.

151. Hoje se sabe que Notre-Dame não é construída sobre pilotis.

152. Em *Orlando furioso*, poema épico de Ariosto, Astolfo cavalga um hipogrifo (animal mitológico, misto de grifo e cavalo) para chegar à Lua. (N. E.)

O CACHORRO E SEU DONO

Havia, porém, uma criatura humana que Quasímodo excetuava de sua maldade e de seu ódio em relação aos outros e que ele amava tanto — mais, talvez — quanto sua catedral: era Claude Frollo.

A coisa era simples. Claude Frollo o recolhera, adotara, alimentara, educara. Pequenino, era no colo de Claude Frollo que ele tinha o hábito de se refugiar quando os cachorros e as crianças latiam atrás dele. Claude Frollo lhe ensinara a falar, a ler, a escrever. Claude Frollo, enfim, o tornara tocador de sinos. Ora, dar o grande sino em casamento a Quasímodo era dar Julieta a Romeu.

Por isso, o reconhecimento de Quasímodo era profundo, apaixonado, sem limites; e embora o rosto de seu pai adotivo ficasse com frequência brumoso e severo, embora suas palavras fossem habitualmente breves, duras, imperiosas, nunca esse reconhecimento se desmentira um só instante. O arquidiácono tinha em Quasímodo o escravo mais submisso, o laçao mais dócil, o cão mais vigilante. Quando o pobre sineiro ficou surdo, estabeleceu-se entre ele e Claude Frollo uma linguagem de sinais, misteriosa e que só eles entendiam. Desse modo, o arquidiácono era o único ser humano com quem Quasímodo conservou comunicação. Neste mundo, ele só tinha relação com duas coisas: Notre-Dame e Claude Frollo.

Nada era comparável ao domínio do arquidiácono sobre o sineiro, ao apego do sineiro pelo arquidiácono. Teria bastado um sinal de Claude, e a ideia de agradá-lo, para que Quasímodo se precipitasse do alto das torres de Notre-Dame. Era uma coisa notável toda aquela força física, que alcançou em Quasímodo um desenvolvimento tão extraordinário, posta cegamente por ele à disposição de outrem. Sem dúvida havia nisso devoção filial, apego doméstico; havia também fascinação de um espírito por outro espírito. Era uma organização pobre, canhestra e mal-ajambrada que se mantinha de cabeça baixa e olhos suplicantes diante de uma inteligência tão elevada e profunda,

poderosa e superior. Enfim, e acima de tudo, era reconhecimento. Reconhecimento levado a um limite tão extremo que não saberíamos a que compará-lo. Essa virtude não é das que têm seus mais belos exemplos entre os homens. Diremos, portanto, que Quasímodo amava o arqui-diácono como nunca um cachorro, nunca um cavalo, nunca um elefante amou seu dono.

CONTINUAÇÃO DE CLAUDE FROLLO

Em 1482, Quasímodo tinha em torno de vinte anos e Claude Frollo, cerca de trinta e seis. Um crescera, o outro envelhecera.

Claude Frollo não era mais o simples aluno do colégio Torchi; o terno protetor de uma criancinha; o jovem e sonhador filósofo que sabia de muitas coisas e ignorava muitas outras. Era um padre austero, grave, moroso; um encarregado de almas; o senhor arqui-diácono de Josas, o segundo acólito do bispo, tendo em seus braços dois decanatos, o de Monthléry e o de Châteaufort, e cento e setenta e quatro sacerdotes rurais. Era um personagem imponente e sombrio, diante do qual tremiam os coroinhas de túnica branca e de jaqueta, os *machicots*,¹⁵³ os confrades de Santo Agostinho, os clérigos das matinas de Notre-Dame, quando ele passava lentamente sob as altas ogivas do coro, majestoso, pensativo, braços cruzados e a cabeça tão inclinada sobre o peito que de sua face só se via a grande fronte calva.

Dom Claude Frollo, de resto, não abandonara nem a ciência nem a educação de seu jovem irmão, essas duas ocupações de sua vida. Mas, com o tempo, ele tinha posto algum amargor nessas coisas tão doces. Com o tempo, diz Paul Diacre, até o melhor toicinho fica rançoso. O pequeno Jehan Frollo, chamado *du Moulin*¹⁵⁴ por causa do lugar em que havia sido criado, não crescera na direção que Claude quisera lhe imprimir. O irmão mais velho contava com um aluno piedoso, dócil, douto, honrado. Ora, o irmão caçula, como essas jovens árvores que enganam o esforço do jardineiro e se viram obstinadamente para o lado de onde lhe vêm o ar e o sol, o irmão mais moço só crescia e multiplicava, só dava belos galhos frondosos e luxuriantes na direção da preguiça, da ignorância e da devassidão. Era um verdadeiro diabo, muito desordeiro, o que fazia o cenho de dom Claude franzir, mas muito engraçado e sutil, o que fazia o irmão mais velho sorrir. Claude o confiara àquele mesmo colégio de Torchi em que ele havia passado seus primeiros anos no estudo e no recolhimento; e era uma grande

dor para ele que esse santuário outrora edificado com o nome de Frollo se visse scandalizado por esse nome hoje. Passava às vezes em Jehan sermões muito severos e longos, que este ouvia com intrepidez. Afinal, o jovem malandro tinha bom coração, como se vê em todas as comédias. Mas, passado o sermão, ele retomava com a mesma tranquilidade o curso de suas desordens e barbaridades. Ora era um *béjaune* (chamava-se assim aos que acabavam de ingressar na Universidade) que ele tinha maltratado como modo de lhe dar as boas-vindas, tradição preciosa que foi perpetuada com zelo até nossos dias. Ora ele era o cabeça de um bando de estudantes que se precipitaram classicamente para um cabaré, *quasi classico excitati*,¹⁵⁵ depois haviam surrado o taverneiro “com porretadas de ofensas” e alegremente pilhado a taverna até desmantelarem as barricadas de vinho da adega. E, depois, era um belo relatório em latim que o submonitor de Torchi levava piedosamente a dom Claude, com esta dolorosa marginação: *Rixa; prima causa vinum optimum potatum*.¹⁵⁶ Enfim se dizia — horror para uma criança de dezesseis anos — que seus extravasamentos chegavam muitas vezes à Rue de Glatigny.

Por isso tudo, Claude, mortificado e desanimado em suas afeições humanas, tinha se lançado com mais entusiasmo ainda nos braços da ciência, essa irmã que pelo menos não ri na nossa cara e sempre nos paga, ainda que em moeda algumas vezes sem validade, pelos cuidados que lhe foram prestados. Tornou-se pois cada vez mais douto e, ao mesmo tempo, por uma consequência natural, cada vez mais rígido como padre, cada vez mais triste como homem. Há para cada um de nós certos paralelos entre nossa inteligência, nossos modos e nosso caráter que se desenvolvem sem descontinuidade, que só se rompem nas grandes perturbações da vida.

Como Claude Frollo havia percorrido desde sua juventude o círculo quase inteiro dos conhecimentos humanos, positivos, externos e lícitos, para não se deter *ubi defuit orbis*,¹⁵⁷ teve de ir mais longe e buscar outros alimentos à atividade insaciável de sua inteligência. O antigo símbolo da serpente mordendo o rabo convém especialmente à ciência. Parece que Claude Frollo havia passado por isso. Várias pessoas sérias afirmavam que, depois de ter esgotado o lícito do saber humano, ele ousara penetrar no ilícito. Dizia-se que ele havia provado todas as maçãs da árvore da inteligência e, por fome ou desgosto, terminara por morder o fruto proibido. Havia participado, sucessivamente, como viram nossos leitores, das conferências dos teólogos na Sorbonne, das assembleias dos alunos da faculdade de Artes, como Saint-Hilaire, das disputas decretalistas, como Saint-Martin, das congregações dos médicos na pia de água benta de Notre-Dame, *ad cupam Nostrae Dominae*. Todas as iguarias permitidas e

aprovadas, que essas quatro grande cozinhas chamadas de quatro faculdades podiam elaborar e servir a uma inteligência, ele havia devorado, e se saciara antes de sua fome ter sido aplacada. Então cavara mais à frente, mais fundo, sob toda essa ciência fina, material, limitada; ele havia talvez arriscado sua alma e sentado na caverna a essa mesa misteriosa dos alquimistas, astrólogos, herméticos, cuja cabeceira é ocupada na Idade Média por Averróis, Guilherme de Paris e Nicolas Flamel¹⁵⁸ e que se prolonga no Oriente, à luz do candelabro de sete braços, até Salomão, Pitágoras e Zoroastro.¹⁵⁹

Pelo menos era o que se supunha, com ou sem razão.

É certo que o arquidiácono visitava com frequência o cemitério des Saint-Innocents, onde seu pai e sua mãe haviam sido enterrados, é verdade, com outras vítimas da peste de 1466; mas é certo que ele parecia muito menos devoto à cruz da cova destes do que às estranhas figuras de que estava repleto o túmulo de Nicolas Flamel e de Claude Perronne,¹⁶⁰ construído bem ao lado!

É certo que o tinham visto com frequência caminhar pela Rue des Lombards e entrar furtivamente numa casinha que ficava na esquina da Rue des Écrivains com a Rue Marivaux. Era a casa que Nicolas Flamel havia construído, onde morrera por volta de 1417 e que, sempre deserta desde então, já começava a cair em ruínas, de tanto os herméticos e os buscadores da pedra filosofal, de todos os países, terem gasto suas paredes, gravando nelas seus nomes. Alguns vizinhos afirmavam até terem visto uma vez, por um respiro, o arquidiácono Claude cavando, revolvendo e cavoucando a terra nesses dois porões, cujos pilares haviam sido inscritos com um sem-número de versos e hieróglifos pelo próprio Nicolas Flamel. Supunha-se que Flamel havia enterrado a pedra filosofal nesses porões; e os alquimistas, por dois séculos, desde Magistri ao padre Pacífico, só pararam de atormentar o solo da casa quando ela, tão cruelmente rebuscada e revolvida, acabou virando poeira sob os pés deles.

É certo também que o arquidiácono se deixara possuir por uma paixão singular pelo pórtico simbólico de Notre-Dame, essa página de livro de feitiçaria escrita na pedra pelo bispo Guilherme de Paris, o qual sem dúvida foi condenado à danação por ter acrescentado um frontispício tão infernal ao santo poema que o resto do edifício canta eternamente. Ao arquidiácono Claude também se atribuía ter aprofundado o colosso de são Cristóvão e essa comprida e enigmática estátua que se erguia então na entrada do adro e que o povo chamava em suas derrisões de *Monsieur Legris*. Mas o que todo mundo pôde notar foram as intermináveis horas que ele muitas vezes empregava, sentado no parapeito do adro, contemplando as esculturas do portal, examinando ora as virgens loucas com suas lamparinas ao contrário,

ora as virgens sensatas com suas lamparinas direitas; outras vezes, calculando o ângulo do olhar daquele corvo que fica no portal esquerdo e que espia na igreja um ponto misterioso onde está certamente oculta a pedra filosofal, se é que ela não está no porão de Nicolas Flamel. Era, digamos de passagem, um destino singular para a igreja de Notre-Dame nessa época ser amada assim em diferentes graus, e com tamanha devoção, por dois seres tão diferentes quanto Claude e Quasímodo. Amada por um, espécie de meio homem instintivo e selvagem, por sua beleza, por sua estatura, pelas harmonias que emanam de seu magnífico conjunto; amada pelo outro, imaginação sábia e apaixonada, por sua significação, por seu mito, pelo sentido que ela encerra, pelo símbolo esparso nas esculturas de sua fachada como o primeiro texto sob o segundo, num palimpsesto — numa palavra, pelo enigma que ela propõe eternamente à inteligência.

É certo enfim que o arquidiácono se acomodara em uma daquelas duas torres que dá para a Grève, bem ao lado da caixa dos sinos, uma pequena cela secretíssima onde ninguém entrava, nem mesmo o bispo, dizia-se, sem sua permissão. Essa cela havia sido feita outrora quase no topo da torre entre os ninhos de corvo, pelo bispo Hugo de Besançon,* que aí fizera o mal em seu tempo. O que encerrava essa cela ninguém sabia; mas tinham visto com frequência, das praias do Terreno,¹⁶¹ à noite, numa pequena lucarna que ela tinha na parte de trás da torre, aparecer, desaparecer e reaparecer em intervalos curtos e desiguais uma claridade vermelha intermitente, bizarra, que parecia seguir as aspirações ofegantes de um fole e vir mais de uma chama do que de uma luz. Na sombra, a essa altura, aquilo produzia um efeito singular. E as comadres diziam: olhem o arquidiácono ao fole!¹⁶² O inferno ferve lá em cima.

Não havia em tudo isso, no fim das contas, grandes provas de feitiçaria, mas era em todo caso fumaça bastante para se supor o fogo; e o arquidiácono tinha uma fama considerável. Devemos dizer, no entanto, que as ciências do Egito, que a necromancia, que a magia, mesmo a mais branca e inocente, não tinham inimigo mais encarniçado, denunciador mais implacável perante os senhores do tribunal de Notre-Dame. Fosse horror sincero ou jogada do gatuno que grita “pega ladrão”, isso não impedia o arquidiácono de ser considerado pelas doutas cabeças do capítulo como uma alma venturosa no vestibulo do inferno, perdida nos antros da cabala, tateando nas trevas das ciências ocultas. O povo tampouco se enganava: para quem quer que tivesse um tanto de sagacidade, Quasímodo passava pelo demônio, Claude Frollo pelo feiticeiro. Era evidente que o sineiro devia servir ao arquidiácono durante certo tempo, ao fim do qual ele levaria sua alma à guisa de pagamento.

Assim, o arquidiácono, apesar da austeridade excessiva de sua vida, era malvisto pelas boas almas, e não havia devoto tão inexperiente que nele não sentisse o cheiro do mago.

E se, envelhecendo, tinham se formado abismos em sua ciência, estes também haviam se formado em seu coração. É pelo menos o que se tinha razão de crer ao examinar essa figura na qual só se via reluzir sua alma através de uma sombria nuvem. De onde vinha aquela larga fronte calva, aquela cabeça sempre inclinada, aquele peito sempre alteado por suspiros? Que pensamento secreto fazia sorrir sua boca com tanto amargor no mesmo momento que suas sobrancelhas franzidas se aproximavam como dois touros que vão lutar? Por que seu resto de cabelo já era grisalho? Qual era esse fogo interior que às vezes irrompia em seu olhar, a tal ponto que seu olho parecia um buraco feito na parede de um forno?

Esses sintomas de uma violenta preocupação moral haviam adquirido um alto grau de intensidade principalmente na época em que se passa esta história. Mais de uma vez um coroinha tinha fugido, amedrontado por encontrá-lo sozinho na igreja, a tal ponto seu olhar era estranho e brilhante. Mais de uma vez, no coro, na hora dos ofícios, seu vizinho de estala o ouvira misturar ao cantochão *ad omnem tonum*¹⁶³ parênteses ininteligíveis. Mais de uma vez a lavadeira do Terreno, encarregada de “lavar o capítulo”, havia observado, não sem temor, marcas de unhas e de dedos crispados na sobrepeliz do senhor arquidiácono de Josas.

Aliás, sua severidade aumentara e nunca havia sido mais exemplar. Tanto por função como por caráter, ele sempre se mantivera distante das mulheres; parecia odiá-las mais do que tudo. O simples frêmito de um vestido de seda fazia seu capuz cair sobre os olhos. Ele era a tal ponto ávido de austeridade e reserva que, quando a dama de Beaujeu, filha do rei, veio, no mês de dezembro de 1481, visitar o claustro de Notre-Dame, ele se opôs gravemente à sua entrada, lembrando ao bispo o estatuto do Livro Negro, datado da vigília de são Bartolomeu de 1334, que proíbe o acesso ao claustro de toda mulher, “qualquer que seja, velha ou jovem, ama ou camareira”. Com o que o bispo se viu obrigado a lhe citar o decreto do legado Odo, que abre exceção para algumas grandes damas, *aliquae magnates mulieres, quae sine scandalo evitari non possunt*.¹⁶⁴ Mesmo assim, o arquidiácono protestou, objetando que o decreto do legado, o qual remontava a 1207, era cento e vinte e sete anos anterior ao Livro Negro e, por conseguinte, ab-rogado de fato por ele. E se recusara a comparecer diante da princesa.

Percebia-se, além disso, que seu horror às egípcias e às zíngaras parecia aumentar havia algum tempo. Ele solicitara do bispo um edito

que proibisse expressamente as boêmias de virem dançar e tocar pandeiro na Place du Parvis,¹⁶⁵ e compulsava desde havia esse mesmo tempo os arquivos embolorados do tribunal, a fim de reunir os casos de feiticeiros e feiticeiras condenados ao fogo ou à corda por cumplicidade de malefícios com bodes, porcas ou cabras.

153. Oficiante do coro de Notre-Dame, substituto do diácono.

154. Do Moinho.

155. “Como se excitados por trombetas.”

156. “Rixa, causa imediata de muito beber um ótimo vinho.”

157. “Onde termina o círculo.”

158. Averróis foi um filósofo e médico árabe do século XII; Guilherme de Paris (ou Guilherme de Auvergne) foi bispo de Paris de 1228 a 1249 e um filósofo de inspiração platônica; Nicolas Flamel (1330-1418) é o célebre alquimista que, segundo a lenda, descobriu o segredo da pedra filosofal. (N. E.)

159. Salomão, rei de Israel no século X a.C., tradicionalmente considerado o mestre dos templários e maçons; Pitágoras (século VI a.C.) foi um matemático e filósofo grego, criou uma teoria mística dos números; Zoroastro (ou Zaratustra) foi um religioso e místico persa do século VII. (N. E.)

160. Esposa de Nicolas Flamel. (N. E.)

* Hugo II de Bisuncio (1326-32). (N. A.)

161. *Le Terrain* se situava na extremidade da Île de la Cité, atrás de Notre-Dame.

162. O fole era um dos instrumentos que os alquimistas utilizavam em sua tentativa de fabricar ouro.

163. “Em todos os tons.”

164. “Algumas grandes mulheres, que não podem ser evitadas sem causar escândalo.”

165. *Parvis*: adro (pátio externo) da igreja, no caso, Notre-Dame.

IMPOPULARIDADE

O arquidiácono e o sineiro, como já dissemos, eram pouco apreciados pela arraia-miúda e grande dos arredores da catedral. Quando Claude e Quasímodo saíam juntos, o que acontecia com frequência, e quando os viam atravessar, o lacaio seguindo o amo, as ruas frescas, estreitas e escuras do bairro de Notre-Dame, mais de uma palavra feia, mais de um refrão irônico, mais de um gracejo insultuoso os atingia ao passarem, a menos que Claude Frollo, o que acontecia raramente, andasse de cabeça ereta e erguida, mostrando sua fronte severa e quase augusta aos caçoístas surpresos.

Os dois eram em seu bairro como os “poetas” de que fala Regnier:

*Toutes sortes de gens vont après les poètes,
Comme après les hibous vont criant les fauvettes.*¹⁶⁶

Ora era um guri sorrateiro que arriscava a pele e os ossos para ter o prazer inefável de enfiar um alfinete na corcunda de Quasímodo. Ora uma bela jovem, marota e mais atrevida do que deveria, roçava a batina negra do padre, cantando-lhe diante do nariz a canção sardônica: *niche, niche, le diable est pris*.¹⁶⁷ Vez por outra, um grupo sebento de velhas, acoradas no escuro nos degraus de um pórtico, resmungava com estrépito à passagem do arquidiácono e do carrilhoneiro e lhes lançava praguejando estas encorajadoras boas-vindas: “Hum! Eis um que tem a alma feita como o outro tem o corpo!”. Ou era um bando de estudantes e de soldados jogando trilha, que se erguia em massa e os saudava classicamente com alguma vaia em latim: *Eia! Eia! Claudius cum claudo!*¹⁶⁸

Porém, na maioria das vezes, a injúria passava despercebida do padre e do sineiro. Para ouvir todas essas coisas graciosas, Quasímodo era surdo demais e Claude, sonhador demais.

166. “Todo tipo de gente vai atrás dos poetas,/ Como atrás das corujas vão gritando as toutinegras.”

167. “Treta, treta, o diabo foi pego.”

168. “Eia! Eia! Cláudio com o claudicante!”

LIVRO V

A fama de dom Claude tinha se estendido mais longe. Ela lhe valeu, mais ou menos na época em que se recusou a ver madame de Beaujeu, uma visita cuja lembrança guardou por muito tempo.

Era uma noite. Ele acabava de se retirar, depois do ofício, para sua cela canônica do claustro de Notre-Dame. Esta, com exceção talvez de alguns frascos de vidro relegados a um canto e cheios de um pó bastante equívoco que se parecia muito com pólvora de projeção,¹⁷⁰ não oferecia nada de estranho nem de misterioso. Havia, é verdade, aqui e ali algumas inscrições na parede, mas eram puras sentenças de ciência ou de piedade extraídas dos bons autores. O arquidiácono vinha se sentar à luz de uma lamparina de cobre diante de um vasto baú carregado de manuscritos. Apoiara o cotovelo no livro aberto de Honório de Autun, *de Praedestinatione et libero Arbitrio*,¹⁷¹ e folheava com uma reflexão profunda um in-fólio impresso que acabava de trazer, único produto do prelo que sua cela continha. No meio de seu devanear, bateram à porta:

— Quem é? — gritou o sábio no tom gracioso de um cachorrão que vêm incomodar quando está roendo seu osso.

Uma voz respondeu de fora:

— Seu amigo, Jacques Coictier.

Ele foi abrir.

Era de fato o médico do rei, personagem de seus cinquenta anos, cuja fisionomia dura era corrigida apenas por um olhar esperto. Outro homem o acompanhava. Os dois usavam uma longa túnica cor de ardósia forrada com pele de esquilo, fechada e de cinto, com chapéu do mesmo tecido e da mesma cor. As mãos deles desapareciam sob suas mangas, os pés sob as túnicas, os olhos sob os chapéus.

— Deus me ajude! — disse o arquidiácono, fazendo-os entrar. — Não esperava tão honrosa visita a uma hora dessas.

E enquanto falava desse jeito cortês, passeava do médico a seu

acompanhante um olhar inquieto e escrutador.

— Nunca é tarde demais para visitar um sábio tão considerável quanto dom Claude Frollo de Tirechappe — respondeu o dr. Coictier, cujo sotaque da Franche-Comté fazia todas as suas frases se arrastarem com a majestade de uma túnica de cauda.

Começou então entre o arquidiácono e o médico um desses prólogos congratuladores que precediam nessa época, de acordo com o uso, todas as conversas entre pessoas douradas e que não as impediam de se detestar da forma mais cordial do mundo. De resto, o mesmo se dá ainda hoje: toda boca doura é um copo de fel melado.

As felicitações de Claude Frollo a Jacques Coictier diziam respeito sobretudo às numerosas vantagens temporais que o digno médico soubera extrair, no curso de sua carreira tão invejada, de cada doença do rei, ação de uma alquimia melhor e mais certa do que a busca da pedra filosofal.

— Na verdade, sr. dr. Coictier, tive a grande alegria de saber do bispado do vosso sobrinho, o meu reverendo sr. Pierre Versé. Ele não é bispo de Amiens?

— Sim, senhor arquidiácono. É uma graça e misericórdia de Deus.

— Saiba que o senhor estava com um excelente aspecto no dia de Natal, à frente da sua companhia do Tribunal de Contas, senhor presidente!

— Vice-presidente, dom Claude. Infelizmente! E nada mais.

— Como está sua estupenda casa da Rue Saint-André-des-Arcs? É um Louvre. Gosto muito do abricoteiro que está esculpido na porta com este trocadilho que é divertido: À L'ABRI-COTIER.¹⁷²

— Ai, mestre Claude, a construção me custa caro. À medida que a casa se edifica, eu me arruino.

— Oh! O senhor não tem uma renda do cárcere e do bailiado do Palácio, e a renda de todas as casas, ateliês, casebres e vendinhas do recinto? É ordenhar uma bela vaca.

— A minha castelania de Poissy não me rendeu nada este ano.

— Mas os seus pedágios de Triel, de Saint-James, de Saint-Germain-en-Laye continuam bem.

— Cento e vinte libras *parisis*.

— O senhor tem o seu cargo de conselheiro do rei. Isso é fixo.

— Sim, confrade Claude; mas essa maldita senhoria de Poligny, de que se faz tanto caso, não me vale sessenta escudos de ouro, entra ano, sai ano.

Havia nos cumprimentos que dom Claude dirigia a Jacques Coictier aquele tom sardônico, azedo e surdamente trocista, aquele sorriso triste e cruel de um homem superior e infeliz que brinca um instante, por diversão, com a densa prosperidade de um homem vulgar. O outro

não percebia.

— Pela minh'alma — disse enfim Claude, apertando-lhe a mão —, fico contente por vê-lo em tão boa saúde.

— Obrigado, mestre Claude.

— A propósito — exclamou dom Claude —, como vai o seu real enfermo?

— Ele não paga o bastante ao seu médico — respondeu o doutor lançando um olhar de esguelha a seu acompanhante.

— Acha mesmo, compadre Coictier? — disse o acompanhante.

Essas palavras, pronunciadas no tom da surpresa e da repreensão, trouxeram de volta a esse personagem desconhecido a atenção do arqui-diácono, a qual, para dizer a verdade, não se desviara completamente dele um só momento, desde que o estranho transpusera o limiar de sua cela. Foram necessárias, inclusive, as mil razões que ele tinha de bem tratar o dr. Jacques Coictier, todo-poderoso médico do rei Luís XI, para que ele o recebesse assim acompanhado. Por isso sua expressão não teve nada de cordial quando Jacques Coictier lhe disse:

— A propósito, dom Claude, eu lhe trago um confrade que quis vê-lo, sabedor do seu renome.

— O senhor é da ciência? — perguntou o arqui-diácono, fixando no companheiro de Coictier seu olhar penetrante. Não encontrou sob as sobrancelhas do desconhecido um olhar menos penetrante do que o seu. Era, pelo que a fraca claridade da lâmpada permitia julgar, um velhote de seus sessenta anos, de estatura média, que parecia bem doente e alquebrado. Seu perfil, embora de linha bem burguesa, tinha algo de poderoso e severo; sua pupila cintilava sob uma arcada superciliar profunda, como uma luz no fundo de um antro; e sob o chapéu rebatido que lhe caía no nariz sentia-se mover os largos planos da fronte de um gênio.

Ele mesmo se encarregou de responder à pergunta do arqui-diácono:

— Reverendo mestre — disse num tom grave —, o seu renome chegou até a mim e eu quis consultá-lo. Não passo de um pobre fidalgo de província que tira os sapatos antes de entrar na casa dos sábios. O senhor precisa saber o meu nome. Eu me chamo compadre Tourangeau.

“Nome singular para um fidalgo!”, pensou o arqui-diácono. No entanto ele se sentia diante de algo forte e sério. O instinto de sua alta inteligência lhe fazia adivinhar uma não menos alta sob o barrete forrado do compadre Tourangeau e, considerando essa grave figura, o ricto irônico que a presença de Jacques Coictier fizera desbotar em seu rosto moroso se apagou pouco a pouco, como o crepúsculo num horizonte noturno. Tinha se sentado de novo pachorrento e silencioso

em sua grande poltrona, seu cotovelo voltara a seu lugar costumeiro sobre a mesa e sua fronte, na mão. Depois de alguns instantes de meditação, ele fez às duas visitas sinal de sentarem e dirigiu a palavra ao compadre Tourangeau.

— O senhor vem me consultar, mestre, e sobre qual ciência?

— Reverendo — respondeu o compadre Tourangeau —, estou doente, muito doente. Chamam o senhor de grande Esculápio,¹⁷³ e eu vim lhe pedir um conselho de medicina.

— Medicina! — fez o arqui-diácono, sacudindo a cabeça. Pareceu recolher-se um instante e prosseguiu: — Compadre Tourangeau, já que esse é o seu nome, vire a cabeça. O senhor vai encontrar a minha resposta escrita na parede.

O compadre Tourangeau obedeceu e leu acima de sua cabeça esta inscrição gravada na muralha: “A medicina é filha dos sonhos”, Jâmblico.¹⁷⁴

Entretanto, o dr. Jacques Coictier tinha ouvido a pergunta de seu companheiro com um desdém que a resposta de dom Claude redobrava. Ele se inclinou ao ouvido do compadre Tourangeau e lhe disse, bem baixinho para não ser ouvido pelo arqui-diácono:

— Eu lhe avisei que era um louco. O senhor quis vê-lo.

— É que esse louco podia muito bem ter razão, dr. Jacques! — respondeu o compadre no mesmo tom e com um sorriso amargo.

— Como quiser — replicou secamente Coictier. Depois, dirigindo-se ao arqui-diácono: — O senhor é rápido no seu ofício, dom Claude, e Hipócrates tem para o senhor tanta dificuldade quanto uma avelã para um macaco. A medicina, um sonho! Duvido que os farmacêuticos e os médicos deixassem de lapidá-lo se aqui estivessem. Logo o senhor nega a influência dos filtros sobre o sangue, dos unguentos sobre a carne! O senhor nega essa eterna farmácia de flores e de metais a que chamamos mundo, feita de propósito para esse eterno doente a que chamamos homem.

— Não nego — disse friamente dom Claude — nem a farmácia nem o doente. Nego o médico.

— Logo não é verdade — prosseguiu Coictier, acalorado — que a gota seja uma erupção interna, que se cure um ferimento de artilharia pela aplicação de um camundongo assado, que um jovem sangue adequadamente infundido devolva a juventude a veias velhas; não é verdade que dois e dois são quatro e que o emprostótono sucede ao opistótono?¹⁷⁵

O arqui-diácono respondeu sem se alterar:

— Há certas coisas que penso de certa forma.

Coictier ficou rubro de cólera.

— Calma, calma, meu bom Coictier, não nos zanguemos — disse o

compadre Tourangeau. — O senhor arqui-diácono é nosso amigo.

Coictier se acalmou, resmungando a meia-voz:

— Afinal, é um louco!

— Páscoa de Deus, mestre Claude — replicou o compadre Tourangeau depois de um silêncio —, o senhor me incomoda. Eu tinha duas consultas a lhe pedir, uma sobre a minha saúde, outra sobre a minha estrela.

— Senhor — replicou o arqui-diácono —, se é esse o seu pensamento, o senhor poderia perfeitamente não ter se cansado com os degraus da minha escada. Não creio na medicina. Não creio na astrologia.

— É verdade? — fez o compadre, surpreso.

Coictier soltava uma risada forçada:

— Está vendo que ele é louco — disse baixinho ao compadre Tourangeau. — Ele não acredita na astrologia.

— O meio de imaginar — prosseguiu dom Claude — que cada raio de estrela é um fio que se prende à cabeça de um homem!

— E em que o senhor crê, então? — exclamou o compadre Tourangeau.

O arqui-diácono ficou um momento indeciso, depois deixou escapar um sorriso sombrio que parecia desmentir sua resposta:

— *Credo in Deum*.

— *Dominum nostrum*¹⁷⁶ — acrescentou o compadre Tourangeau com um sinal da cruz.

— *Amen* — disse Coictier.

— Reverendo mestre — retomou o compadre —, a minha alma está encantada por lhe ver em tão boa religião. Mas, grande sábio que é, o senhor o é então a ponto de não crer mais na ciência?

— Não — disse o arqui-diácono pegando no braço do compadre Tourangeau, e um brilho de entusiasmo se acendeu em sua apagada pupila —, não, não nego a ciência. Não rastejei tanto tempo de braços e com as unhas na terra através dos incontáveis entroncamentos da caverna sem perceber, longe à minha frente, no fim da obscura galeria, uma luz, uma chama, alguma coisa, sem dúvida o reflexo do deslumbrante laboratório central onde os pacientes e os sábios surpreenderam Deus.

— Enfim — interrompeu Tourangeau —, que coisa o senhor dá por verdadeira e certa?

— A alquimia.

Coictier exclamou:

— Por Deus, dom Claude, a alquimia sem dúvida tem sua razão, mas por que blasfemar contra a medicina e a astrologia?

— Nula, sua ciência do homem! Nula, sua ciência do céu! — disse o

arquidiácono imperiosamente.

— Isso é destratar Epidauro e a Caldeia¹⁷⁷ — replicou o médico com uma risadinha.

— Escute, *messire* Jacques. Isso é dito de boa-fé. Não sou médico do rei, e sua Mmajestade não me deu o jardim de Dédalo para que nele eu observasse as constelações. Não se zangue e me ouça. Que verdade o senhor tirou, não digo da medicina, que é uma coisa louca demais, porém da astrologia? Cite-me as virtudes do bustrofédon¹⁷⁸ vertical, as descobertas do ziruf e do sefirot.¹⁷⁹

— O senhor nega — disse Coictier — a força simpática da clavícula¹⁸⁰ e que a cabala deriva dela?

— Engano, *messire* Jacques! Nenhuma das vossas formas leva à realidade. Já a alquimia tem as suas descobertas. Contesta o senhor resultados como estes? O gelo encerrado sob a terra durante mil anos se transforma em cristal de rocha. O chumbo é o ancestral de todos os metais. Porque o ouro não é um metal, o ouro é a luz. O chumbo só necessita de quatro períodos de duzentos anos cada para passar sucessivamente do estado de chumbo ao de arsênico vermelho, do arsênico vermelho ao estanho, do estanho à prata. Não são fatos? Mas crer na clavícula, na linha cheia e nas estrelas é tão ridículo quanto crer, com os habitantes do Grande Catai,¹⁸¹ que o papa-figo se transforma em toupeira e os grãos de trigo em peixes do gênero da carpa!

— Estudei a hermética — exclamou Coictier — e afirmo...

O fogoso arquidiácono não o deixou concluir.

— E eu estudei medicina, astrologia e hermética. Somente aqui está a verdade! — Falando assim, ele pegava no baú um frasco cheio daquele pó de que falamos acima. — Somente aqui está a luz. Hipócrates é um sonho, Urânia é um sonho, Hermes é um pensamento.¹⁸² O ouro é o sol; fazer ouro é ser Deus. Eis a única ciência. Sondei a medicina e a astrologia, e lhes digo: nula, nula! O corpo humano, trevas! Os astros, trevas!

E deixou-se cair de novo em sua poltrona, numa atitude poderosa e inspirada. O compadre Tourangeau o observava em silêncio. Coictier se esforçava para rir, dava imperceptivelmente de ombros e repetia em voz baixa: que louco!

— E — disse de repente Tourangeau — o fim mirífico, o senhor alcançou? O senhor fez ouro?

— Se houvesse feito isso — respondeu o arquidiácono articulando lentamente suas palavras como um homem que reflete —, o rei da França se chamaria Claude, e não Luís.

O compadre franziu o cenho.

— Que digo? — retomou dom Claude com um sorriso de desdém.

— Que me faria o trono da França quando eu poderia reconstruir o império do Oriente!

— Ainda bem — disse o compadre.

— Oh, pobre louco! — murmurou Coictier.

O arqui-diácono prosseguiu, parecendo só responder agora a seus pensamentos:

— Mas não, ainda rastejo; arranho a face e os joelhos nas pedras da via subterrânea. Entrevejo, não contemplo! Não leio, soletro!

— E quando o senhor souber ler — perguntou o compadre —, fará ouro?

— Quem duvida disso? — replicou o arqui-diácono.

— Nesse caso, Nossa Senhora sabe que tenho grande necessidade de dinheiro, e eu gostaria de aprender a ler nos seus livros. Diga, reverendo mestre, a sua ciência é inimiga ou desagradável a Nossa Senhora?

A essa pergunta do compadre, dom Claude se contentou em responder com uma tranquila altivez:

— De quem sou arqui-diácono?

— É verdade, meu mestre. Pois bem, gostaria de me iniciar? Faça-me soletrar com o senhor.

Claude assumiu a atitude majestosa e pontifical de um Samuel.¹⁸³

— Ancião, seriam necessários mais longos anos do que lhe restam para empreender essa viagem através das coisas misteriosas. A sua cabeça é bem grisalha! Só se sai da caverna de cabelos brancos, mas só se entra de cabelos negros. A ciência sabe muito bem, sozinha, encovar, murchar e ressecar as faces humanas; ela não precisa que a velhice lhe traga rostos todo enrugados. Se, no entanto, o senhor é dominado pela vontade de se entregar na sua idade aos estudos e decifrar o temível alfabeto dos sábios, venha a mim, está bem, eu tentarei. Não direi ao senhor, pobre velho, para ir visitar as câmaras sepulcrais das pirâmides, de que fala o antigo Heródoto, nem a torre de tijolos da Babilônia, nem o imenso santuário de mármore branco do templo indiano de Eklinga. Eu vi tanto quanto o senhor as construções caldeias feitas segundo a forma sagrada do Sikra; também não vi o templo de Salomão, que foi destruído, nem as portas de pedra do sepulcro dos reis de Israel, que estão quebradas. Nós nos contentaremos com fragmentos do livro de Hermes, que temos aqui. Eu lhe explicarei a estátua de são Cristóvão, o símbolo do sementeiro e o dos dois anjos que estão no portal da Sainte-Chapelle, um dos quais tem a mão posta num vaso e a outra numa nuvem.

Aqui, Jacques Coictier, que as réplicas fogosas do arqui-diácono haviam desmontado, subiu de novo na sela e o interrompeu com o tom triunfante de um sábio que se dirige a outro:

— *Erras, amice Claudii.*¹⁸⁴ O símbolo não é o número. O senhor confunde Orfeu com Hermes.

— O senhor é que se engana — replicou o arqui-diácono. — Dédalo¹⁸⁵ é o embasamento, Hermes é o edifício, é o todo. Venha quando quiser — prosseguiu virando-se para Tourangeau —, que lhe mostrarei as parcelas de ouro que ficaram no fundo do cadinho de Nicolas Flamel e o senhor as comparará com o ouro de Guilherme de Paris. Eu lhe ensinarei as virtudes secretas da palavra grega *peristera*.¹⁸⁶ Mas, antes de tudo, eu lhe farei ler uma depois da outra as letras de mármore do alfabeto, as páginas de granito do livro. Iremos do portal do bispo Guilherme e de Saint-Jean-le-Rond, da Sainte-Chapelle, depois à casa de Nicolas Flamel, Rue Marivaux, ao seu túmulo, que fica nos Saints-Innocents, nos seus dois asilos da Rue de Montmorency. Eu lhe farei ler os hieróglifos que cobrem as quatro grossas barras de ferro do portal do asilo Saint-Gervais e da Rue de la Ferronnerie. Soletraremos juntos também as fachadas de Saint-Côme, de Sainte-Geneviève-des-Ardents, de Saint-Martin, de Saint-Jacques-de-la-Boucherie...

Já fazia tempo que Tourangeau, por mais inteligente que fosse seu olhar, parecia não entender dom Claude. Ele o interrompeu:

— Páscoa de Deus! Afinal, o que são os seus livros?

— Aqui está um — disse o arqui-diácono.

Abrindo a janela do aposento, apontou o dedo para a imensa igreja de Notre-Dame, que, recortando contra um céu estrelado a silhueta negra de suas duas torres, de suas costelas de pedra e de seu dorso monstruoso, parecia uma enorme esfinge de duas cabeças sentada no meio da cidade.

O arqui-diácono considerou por algum tempo em silêncio o gigantesco edifício, depois, estendendo com um suspiro sua mão direita para o livro impresso que estava aberto em sua mesa e sua mão esquerda para Notre-Dame, passeando um triste olhar do livro à igreja:

— Ai — disse ele —, isto matará aquilo.

Coictier, que tinha se aproximado do livro com avidez, não pôde se impedir de gritar:

— Ora, o que há de tão temível nisso? GLOSA IN EPISTOLAS D. PAULO.¹⁸⁷ *Norimbergae, Antonius Koburger.* 1474. Não é novidade. É um livro de Pierre Lombard, o mestre das sentenças. Só porque é impresso?

— O senhor disse — respondeu Claude, que parecia absorvido numa profunda meditação e mantinha-se de pé, apoiando seu indicador dobrado no in-fólio saído das famosas impressoras de Nuremberg. Depois acrescentou estas palavras misteriosas: — Ai, ai, as

pequenas coisas levam a melhor sobre as grandes; um dente triunfa sobre uma massa. O rato do Nilo mata o crocodilo, o espadarte mata a baleia, o livro matará o edifício!

O toque de recolher do claustro soou no momento em que o dr. Jacques repetia baixinho a seu companheiro seu eterno refrão: “Ele é louco”. A que seu companheiro respondeu dessa vez: creio que sim.

Era hora em que nenhum estranho podia permanecer no claustro. As duas visitas se retiraram.

— Mestre — disse o compadre Tourangeau se despedindo do arquidiácono —, gosto dos sábios e dos grandes espíritos e tenho pelo senhor uma estima singular. Venha amanhã ao Palais des Tournelles e peça para chamarem o abade de Saint-Martin-de-Tours.

O arquidiácono voltou para casa estupefato, compreendendo enfim que personagem era o compadre Tourangeau e se lembrando desta passagem do cartulário de Saint-Martin-de-Tours: *Abbas beati Martini SCILICET REX FRANCIAE, est conicus de consuetudine et habet parvam prae bendam quam habet sanctus Venantius et debet sedere in sede thesaurarii*.¹⁶⁸

Afirmava-se que desde essa época o arquidiácono tinha frequentes conferências com Luís XI, quando sua majestade vinha a Paris, e que o crédito de dom Claude fazia sombra a Olivier le Daim e a Jacques Coictier, o qual, como de costume, tratava mal o rei.

169. “O abade de Saint-Martin”, ou seja, Luís XI. (N. E.)

170. A utilizada pelos alquimistas para tentar transformar certos metais em ouro.

171. *Sobre a predestinação e o livre-arbítrio*.

172. *L’abricotier*: o abricoteiro; à *l’abri-cotier*: ao abrigo costeiro.

173. Deus da medicina. (N. E.)

174. Filósofo grego neoplatônico do século IV. (N. E.)

175. Espasmos relacionados ao tétano. No emprostótono o corpo retesado se curva para a frente, ao passo que, no opistótono, se curva para trás. (N. E.)

176. “*Credo in Deum, Dominum nostrum*”, creio em Deus, Nosso Senhor.

177. Epidauro, célebre cidade grega, é a pátria de Esculápio, e portanto aqui designa a medicina, enquanto a Caldeia é a pátria da astrologia. (N. E.)

178. Tipo de escrita da Antiguidade.

179. Modos de adivinhação cabalista.

180. Pequena chave, de acordo com o título de uma obra de magia atribuída a Salomão, a *Clavícula*. (N. E.)

181. China.

182. Hipócrates é o pai da medicina; Urânia, a musa da astronomia; Hermes, o pai do ocultismo. (N. E.)

183. Personagem bíblico, profeta e juiz de Israel. (N. E.)

184. “Tu te enganas, amigo Claude.”

185. Dédalo, que construiu o mítico labirinto de Creta, encarna aqui o arquiteto. (N.

E.)

186. O termo significa “pomba” (imagem do Espírito Santo) ou “verbena”. (N. E.)

187. Glosas sobre as epístolas de são Paulo.

188. “O abade de Saint-Martin, ISTO É, O REI DA FRANÇA, é cônego, segundo o costume, tem a pequena prebenda que tem são Venâncio e deve se sentar na sede do tesouro.”

ISTO MATARÁ AQUILO

Nossas leitoras nos perdoem por parar um instante a fim de examinar qual podia ser o pensamento que se escondia sob estas palavras enigmáticas do arquiidiácono: *isto matará aquilo. O livro matará o edifício.*

A nosso ver, esse pensamento tinha duas faces. Era primeiro um pensamento de padre. Era o pavor do sacerdócio diante de um novo agente, a imprensa. Era o temor e o deslumbramento do homem do santuário diante da luminosa prensa de Gutenberg. Eram a cátedra e o manuscrito, a palavra falada e a palavra escrita alarmando-se com a palavra impressa; algo de semelhante ao estupor de um passarinho que visse o anjo Legião abrir seus seis milhões de asas. Era o grito do profeta que já ouvia zumbir e formigar a humanidade emancipada, que via no futuro a inteligência sapor a fé, a opinião destronar a crença, o mundo sacudir Roma. Prognóstico do filósofo que vê o pensamento humano, volatilizado pela imprensa, se evaporar do recipiente teocrático. Terror do soldado que examina o aríete de bronze e que diz: a torre ruirá. Isso significava que uma potência ia suceder outra potência. Isso queria dizer: a imprensa matará a Igreja.

Mas sob esse pensamento, o primeiro e mais simples, sem dúvida, havia a nosso ver outro, mais novo, um corolário do primeiro menos fácil de perceber e mais fácil de contestar, uma vista igualmente filosófica, não mais do padre, apenas, mas do sábio e do artista. Era presságio de que o pensamento humano, mudando de forma, ia mudar o modo de expressão, de que a ideia capital de cada geração não seria mais escrita com a mesma matéria e da mesma maneira, de que o livro de pedra, tão sólido e tão duradouro, ia ceder a vez ao livro de papel, mais sólido e mais duradouro ainda. Sob esse aspecto, a vaga fórmula do arquiidiácono tinha um segundo sentido: ela significava que uma arte ia destronar outra arte. Ela queria dizer: a imprensa matará a arquitetura.

De fato, desde a origem das coisas até o século XV da era cristã inclusive, a arquitetura é o grande livro da humanidade, a expressão principal do homem em seus diversos estados de desenvolvimento, seja como força, seja como inteligência.

Quando a memória das primeiras raças se sentiu sobrecarregada, quando a bagagem de lembranças do gênero humano se tornou tão pesada e confusa que a palavra, nua e volátil, correu o risco de perdê-las no meio do caminho, elas foram transcritas no solo da maneira mais visível, duradoura e natural ao mesmo tempo. Chumbou-se cada tradição sob um monumento.

Os primeiros monumentos foram simples tábuas de pedra “que o ferro não havia tocado”, diz Moisés. A arquitetura começou como toda escrita. Ela foi, primeiro, alfabeto. Plantava-se uma pedra de pé, e era uma letra, e cada letra era um hieróglifo, e em cada hieróglifo repousava um grupo de ideias como o capitel sobre a coluna. Assim fizeram as primeiras raças, em toda parte, no mesmo momento, na superfície do mundo inteiro. Encontramos a “pedra erguida” dos celtas na Sibéria da Ásia, nos pampas da América.

Mais tarde fizeram-se palavras. Superpôs-se a pedra à pedra, acoplaram-se essas sílabas de granito, o verbo tentou algumas combinações. O dólmen e o cromlech celtas, o *tumulus* etrusco, o *galgal* hebreu são palavras. Alguns, sobretudo o *tumulus*, são nomes próprios. Às vezes até, quando se tinha muita pedra e um espaço vasto, escrevia-se uma frase. O imenso amontoado de pedras de Carnac já é uma fórmula inteira.

Enfim fizeram-se livros. As tradições haviam dado à luz símbolos, sob os quais elas desapareciam, como o tronco das árvores sob a folhagem desta; todos esses símbolos, em que a humanidade punha fé, cresciam, multiplicando-se, cruzando-se, complicando-se cada vez mais; os primeiros monumentos não bastavam mais para contê-los, eram excedidos por toda parte; esses monumentos mal exprimiam ainda a tradição primitiva, como eles simples, nua e jacente no solo. O símbolo tinha necessidade de se expandir no edifício. A arquitetura desenvolveu-se então com o pensamento humano, tornou-se gigante de mil cabeças e mil braços, e fixou numa forma eterna, visível, palpável todo esse simbolismo pairante. Enquanto Dédalo, que é a força, media, enquanto Orfeu, que é a inteligência, cantava, o pilar, que é uma letra, a arcada, que é uma sílaba, a pirâmide, que é uma palavra, posta em movimento ao mesmo tempo por uma lei de geometria e por uma lei de poesia, se agrupavam, se combinavam, se amalgamavam, desciam, subiam, se justapunham no chão, se escalonavam no céu, até escreverem, sob o ditado da ideia geral de uma época, esses livros maravilhosos que também eram maravilhosos

edifícios: o pagode de Eklinga, o Ramseion do Egito, o templo de Salomão.

A ideia-mãe, o verbo, não estava apenas no fundo de todos esses edifícios, mas também na forma. O templo de Salomão, por exemplo, não era apenas a capa do livro santo, mas era o próprio livro santo. Em cada um de seus recintos concêntricos os padres podiam ler o verbo traduzido e manifestado aos olhos e seguiam, assim, suas transformações de santuário em santuário, até o apreenderem em seu derradeiro tabernáculo em sua forma mais concreta, que ainda era arquitetura: a arca. Assim, o verbo era encerrado no edifício, mas sua imagem estava sobre seu invólucro, como a figura humana sobre o esquiife de uma múmia.

Não apenas a forma dos edifícios, mas também a localização que eles escolhiam revelavam o pensamento que representavam. Conforme o símbolo a ser expresso fosse gracioso ou sombrio, a Grécia coroava suas montanhas com um templo harmonioso ao olhar, a Índia desventrava as suas para cinzelar aí aqueles disformes pagodes subterrâneos suportados por gigantescas fileiras de elefantes de granito.

Assim, durante os seis mil primeiros anos do mundo, desde o pagode mais imemorial do Industão à catedral de Colônia, a arquitetura foi a grande escrita do gênero humano. E isso é tão verdadeiro que não apenas todo símbolo religioso, mas também todo pensamento humano tem sua página nesse livro imenso e seu monumento.

Toda civilização começa com a teocracia e termina com a democracia. Essa lei da liberdade que sucede a unidade está escrita na arquitetura. Porque, insistamos, não se deve crer que a arte da construção só é poderosa para edificar o templo, para expressar o mito e o simbolismo sacerdotal, para inscrever em hieróglifos nas suas páginas de pedra as tábuas misteriosas da lei. Se assim fosse — como se produz em toda sociedade humana um momento em que o símbolo sagrado se desgasta e se oblitera sob o livre pensamento, em que o homem se furta ao padre, em que a excrescência das filosofias e dos sistemas corrói a face da religião —, a arquitetura não poderia reproduzir esse novo estado do espírito humano, suas folhas, preenchidas na frente; seriam vazias no verso, sua obra seria truncada, seu livro seria incompleto. Mas não.

Tomemos, por exemplo, a Idade Média, onde enxergamos mais claro porque está mais perto de nós. Durante seu primeiro período, enquanto a teocracia organiza a Europa, enquanto o Vaticano une e reclassifica em torno de si os elementos de uma Roma feita com a Roma que jaz desabada em torno do Capitólio, enquanto o

cristianismo vai procurando nos escombros da civilização anterior todos os andares de sociedade e reconstrói com suas ruínas um novo universo hierárquico de que o sacerdócio é a pedra de toque, ouve-se manar primeiro nesse caos, depois se vê pouco a pouco a respiração do cristianismo, sob a mão dos bárbaros surgir do entulho das arquiteturas mortas, grega e romana, essa misteriosa arquitetura românica, irmã das construções teocráticas do Egito e da Índia, emblema inalterável do catolicismo puro, imutável hieróglifo da unidade papal. Todo o pensamento de então é escrito de fato nesse sombrio estilo românico. Nele, sente-se em toda parte a autoridade, o impenetrável, o absoluto, Gregório VII; em toda parte o padre, nunca o homem; em toda parte a casta, nunca o povo. Mas chegam as cruzadas. É um grande movimento popular, e todo grande movimento popular, quaisquer que sejam sua causa e sua finalidade, sempre tem como seu derradeiro precipitado o espírito de liberdade. Novidades vão vir à luz. Abre-se o período tempestuoso das *jacqueries*, das *pragueries* e das Ligas.¹⁸⁹ A autoridade é abalada, a unidade se bifurca. O feudalismo pede para compartilhar com a teocracia, esperando o povo que virá inevitavelmente e que obterá, como sempre, a parte do leão. *Quia nominor leo*.¹⁹⁰ A aristocracia feudal brota sob o sacerdócio; a comuna, sob a aristocracia feudal. A face da Europa mudou. Pois bem, a face da arquitetura também mudou. Como a civilização, ela virou a página, e o novo espírito dos tempos a encontra pronta para escrever sob seu ditado. Ela voltou das cruzadas com a ogiva, assim como as nações voltaram com a liberdade. Então, enquanto Roma se desmembra pouco a pouco, a arquitetura românica morre. O hieróglifo deserta da catedral e vai louvar o torreão para prestigiar o feudalismo. A catedral mesma, esse edifício outrora tão dogmático, invadida agora pela burguesia, pela comuna, pela liberdade, escapa do padre e cai sob o poder do artista. O artista a constrói à sua guisa. Adeus mistério, mito, lei. Eis a fantasia e o capricho. Desde que o padre tenha sua basílica e seu altar, não há o que dizer. As quatro paredes pertencem ao artista. O livro arquitetônico não pertence mais ao sacerdócio, à religião, a Roma; ele é da imaginação, da poesia, do povo. Daí as rápidas e inúmeras transformações dessa arquitetura que só tem três séculos, tão impressionantes depois da imobilidade estagnante da arquitetura românica, que tem seis ou sete. A arte, porém, caminha a passos de gigante. O gênio e a originalidade populares fazem o trabalho que faziam os bispos. Cada raça escreve passando sua linha no livro; ela rasura os velhos hieróglifos românicos no frontispício das catedrais, e mal ainda se vê o dogma aparecer aqui e ali sob o novo símbolo que ela deposita. A roupagem popular mal deixa adivinhar a ossatura religiosa. Não se poderia imaginar as

licenças que os arquitetos tomam então, inclusive em relação à Igreja. São capitéis tricoteados de monges e freiras vergonhosamente acoplados, como na sala das lareiras do Palácio da Justiça de Paris. É a aventura de Noé esculpida *com todas as letras*, como sob o portal-mor de Bourges. É um monge báquico com orelhas de asno e o copo na mão rindo na cara de toda uma comunidade, como na pia de água benta da abadia de Bochartville. Existe nessa época, para o pensamento escrito na pedra, um privilégio de todo comparável à nossa liberdade atual de imprensa. É a liberdade da arquitetura.

Essa liberdade vai bem longe. Algumas vezes um portal, uma fachada, uma igreja inteira tem um sentido simbólico absolutamente estranho ao culto, ou até hostil à Igreja. Já no século XIII, Guilherme de Paris, Nicolas Flamel no século XV, escreveram dessas páginas sediciosas. Saint-Jacques-de-la-Boucherie era toda uma igreja de oposição.

O pensamento então só era livre desse modo; assim, ela só se escrevia por inteiro nesses livros a que chamavam edifícios. Não fosse essa forma de edifício, ele teria sido queimado em praça pública pela mão do carrasco sob a forma de manuscrito, se houvesse sido imprudente o bastante para se arriscar a tanto. Assim, tendo apenas esse caminho para se manifestar, o pensamento se precipitava nele de todas as partes. Daí a imensa quantidade de catedrais que cobriram a Europa, um número tão prodigioso que mal dá para crer, mesmo depois de tê-lo verificado. Todas as forças materiais, todas as forças intelectuais da sociedade convergiam no mesmo ponto: a arquitetura. Dessa maneira, a pretexto de construir igrejas para Deus, a arte se desenvolvia em proporções magníficas.

Então, quem nascia poeta se fazia arquiteto. O gênio espalhado nas massas, comprimido por toda parte sob o feudalismo, como sob uma tartaruga romana de escudos de bronze, só encontrando saída na arquitetura, desembocava nessa arte, e suas ilíadas tomavam a forma de catedrais. Todas as outras artes obedeciam e se disciplinavam sob a arquitetura. Eram os operários da grande obra. O arquiteto, o poeta, o mestre totalizavam em sua pessoa a escultura que cinzelava suas fachadas, a pintura que iluminava seus vitrais, a música que acionava seu sino e soprava em seus órgãos. Não havia, incluindo a pobre poesia propriamente dita, aquela que se obstinava a vegetar nos manuscritos, o que não fosse obrigado, para ser alguma coisa, a vir se inserir no edifício sob a forma de hino ou de *prosa*; o mesmo papel, afinal de contas, que haviam representado as tragédias de Ésquilo nas festas sacerdotais da Grécia, a Gênese no templo de Salomão.

Assim, até Gutenberg, a arquitetura é a escrita principal, a escrita universal. Desse livro granítico começado pelo Oriente, continuado

pela Antiguidade grega e romana, a Idade Média escreveu a última página. De resto, esse fenômeno de uma arquitetura do povo sucedendo a uma arquitetura de casta que acabamos de observar na Idade Média se reproduz, com todo movimento análogo na inteligência humana, nas outras grandes épocas da história. Assim foi, para só enunciar sumariamente aqui uma lei que requereria ser desenvolvida em volumes, no alto Oriente, berço dos tempos primitivos, depois da arquitetura hindu, da arquitetura fenícia, essa mãe opulenta da arquitetura árabe; na Antiguidade, depois da arquitetura egípcia, de que o estilo etrusco e os monumentos ciclópicos não passam de uma variedade, a arquitetura grega, de que o estilo românico é um prolongamento sobrecarregado com o domo cartaginense; nos tempos modernos, depois da arquitetura românica, a arquitetura gótica. E, desdobrando essas três séries, encontraremos nas três irmãs mais velhas, a arquitetura hindu, a arquitetura egípcia e a arquitetura românica, o mesmo símbolo, a saber: a teocracia, a casta, a unidade, o dogma, o mito, Deus; e para as três irmãs mais moças, a arquitetura fenícia, a arquitetura grega e a arquitetura gótica, qualquer que seja, de resto, a diversidade de forma inerente à sua natureza. A mesma significação também, a saber: a liberdade, o povo, o homem.

Quer se chame brâmane, mago ou papa, nas construções hindu, egípcia ou românica, sente-se sempre o sacerdote, o sacerdote e só ele. O mesmo não se dá com as arquiteturas do povo. Elas são mais ricas e menos santas. Na fenícia, sente-se o mercador; na grega, o republicano; na gótica, o burguês.

As características gerais de toda arquitetura teocrática são a imutabilidade, a consagração dos tipos primitivos, a submissão constante de todas as formas do homem e da natureza aos caprichos incompreensíveis do símbolo. São livros tenebrosos que somente os iniciados sabem decifrar. De resto, toda forma, toda deformidade inclusive, tem um sentido que a torna inviolável. Não peça às construções hindu, egípcia, românica que reformem seu desenho ou melhorem sua estatuária. Para elas, todo aperfeiçoamento é impiedade. Nessas arquiteturas, parece que a rigidez do dogma se esparramou na pedra como uma segunda petrificação. As características gerais das construções populares, ao contrário, são a variedade, o progresso, a originalidade, a opulência, o movimento perpétuo. Elas já estão bem desprendidas da religião para pensar em sua beleza, para cuidar desta, para corrigir sem trégua seus adereços de estátuas ou de arabescos. Elas são o século. Elas têm certo quê de humano que misturam sem cessar ao símbolo divino sob o qual ainda se produzem. Daí edifícios penetráveis a toda alma, a toda

inteligência, a toda imaginação, simbólicas ainda, mas fáceis de compreender, como a natureza. Entre a arquitetura teocrática e esta, existe a diferença entre uma língua sagrada e uma língua vulgar, entre o hieróglifo e a arte, entre Salomão e Fídias.

Se resumirmos o que indicamos até aqui de forma muito sumária, negligenciando mil provas e também mil objeções de detalhes, somos levados ao seguinte: a arquitetura foi, até o século XV, o registro principal da humanidade; nesse intervalo não apareceu no mundo um pensamento um pouco complicado que não se tenha feito edifício; toda ideia popular, bem como toda lei religiosa tiveram seus monumentos; o gênero humano, enfim, não pensou nada de importante que não tenha escrito na pedra. E por quê? É que todo pensamento, seja religioso, seja filosófico, tem interesse em se perpetuar; a ideia que sacudiu uma geração quer sacudir outras e deixar suas marcas. Ora, que imortalidade precária a do manuscrito! Como um edifício é um livro muito mais sólido, duradouro e resistente! Para destruir a palavra escrita, bastam uma tocha e um turco.¹⁹¹ Para demolir a palavra construída é necessária uma revolução social, uma revolução terrestre. Os bárbaros passaram sobre o Coliseu; o dilúvio talvez, sobre as pirâmides.

No século XV, tudo muda.

O pensamento humano descobre um meio de se perpetuar não apenas mais duradouro e mais resistente do que a arquitetura, como também mais simples e mais fácil. A arquitetura é destronada. As letras de pedra serão sucedidas pelas letras de chumbo de Gutenberg.

O livro vai matar o edifício.

A invenção da imprensa é o maior acontecimento da história. É a revolução-mãe. É o modo de expressão da humanidade que se renova totalmente, é o pensamento humano que despe uma forma e veste outra, é a completa e definitiva mudança de pele dessa serpente simbólica que, desde Adão, representa a inteligência.

Sob a forma imprensa, o pensamento é mais imperecível do que nunca; ele é volátil, não aprisionável, indestrutível. Ele se mistura com o ar. Na época da arquitetura, ele se fazia montanha e se apossava poderosamente de um século e um lugar. Agora ele se faz bando de pássaros, se espalha aos quatro ventos e ocupa ao mesmo tempo todos os pontos do ar e do espaço.

Repetindo, quem não vê que desse modo ele é muito mais indelével? De sólido que era, torna-se vivaz. Passa da duração à imortalidade. Pode-se demolir uma massa, mas como extirpar a ubiquidade? Se ocorre um dilúvio, a montanha já terá desaparecido há muito sob as águas, mas os pássaros ainda voarão; e se uma só arca flutuar na superfície do cataclismo, eles pousarão nela, vogarão à tona

com ela, assistirão com ela as águas baixarem, e o novo mundo que sairá desse caos verá, ao despertar, planar acima dele, alado e vivo, o pensamento do mundo submerso.

E quando se observa que esse modo de expressão é não apenas o mais conservador, mas também o mais simples, cômodo e praticável para todos, quando se pensa que ele não carrega uma grande bagagem e não movimenta uma pesada parafernália, quando se compara o pensamento obrigado, para se traduzir num edifício, a movimentar quatro ou cinco outras artes e toneladas de ouro, toda uma montanha de pedras, toda uma floresta de madeiramentos, todo um povo de operários, quando o comparamos com o pensamento que se faz livro e ao qual basta um pouco de papel, um pouco de tinta e uma pena, como se espantar que a inteligência humana tenha deixado a arquitetura pela imprensa? Corte bruscamente o leito primitivo de um rio com um canal escavado abaixo do nível deste e o rio desertará de seu leito.

Assim, vejam como a partir da descoberta da imprensa a arquitetura seca pouco a pouco, se atrofia e se desnuda. Como sentimos que a água baixa, que a seiva se vai, que o pensamento dos tempos e dos povos se retira dela! O resfriamento é quase insensível no século XV, a imprensa ainda é muito débil e no máximo rouba da poderosa arquitetura um excedente de vida. Mas desde o século XVI a doença da arquitetura é visível; ela já não exprime essencialmente a sociedade; ela se faz miseravelmente arte clássica; de gaulesa, europeia, indígena, ela se torna grega e romana; de verdadeira e moderna, pseudoantiga. É essa decadência que chamamos de Renascença. Decadência magnífica, no entanto, porque o velho gênio gótico, esse sol que se põe detrás da gigantesca prensa de Mainz,¹⁹² ainda penetra por algum tempo com seus derradeiros raios todo esse amontoado híbrido de arcadas latinas e colunatas coríntias.

É o sol poente que tomamos por uma aurora.

No entanto, a partir do momento em que a arquitetura não é mais do que uma arte como outra qualquer, a partir do momento em que ela não é mais a arte total, a arte soberana, a arte tirana, ela não tem mais a força de reter as outras artes. Estas se emancipam, portanto, quebram o jugo do arquiteto e vão cada qual para o seu lado. Todas e cada uma delas ganham com esse divórcio. O isolamento aumenta tudo. A escultura se torna estatuária, a imagética se torna pintura, o cânone se torna música. Dir-se-ia um império que se desmembra à morte de seu Alexandre e cujas províncias se fazem reinos.

Daí Rafael, Michelangelo, Jean Goujon, Palestrina, esses esplendores do deslumbrante século XVI.

Do mesmo modo que as artes, o pensamento também se emancipa

em toda parte. Os heresiarcas da Idade Média já haviam feito largos entalhes no catolicismo. O século XVI quebra a unidade religiosa. Antes da imprensa, a reforma não teria passado de um cisma, a imprensa fez a revolução. Tire a imprensa, e a heresia perde sua força. Fatal ou providencialmente, Gutenberg é o precursor de Lutero.

Entretanto, quando o sol da Idade Média se põe totalmente, quando o gênio gótico se apaga para sempre no horizonte da arte, a arquitetura vai se esmaecendo, se descolorindo, se apagando cada vez mais. O livro impresso, esse verme que rói o edifício, suga-o e devora-o. Ela se despoja, se desfolha, emagrece a olhos vistos. Ela é mesquinha, é pobre, é nula. Não exprime mais nada, nem mesmo a lembrança da arte de outro tempo. Reduzida a si mesma, abandonada pelas outras artes porque o pensamento humano a abandona, ela convoca operários na falta de artistas. O vidro substitui o vitral. O talhador de pedra sucede o escultor. Adeus toda seiva, toda originalidade, toda vida, toda inteligência. Ela se arrasta, lamentável mendiga de ateliê, de cópia em cópia. Michelangelo, que já no século XVI a sentia sem dúvida morrer, tivera uma derradeira ideia, uma ideia de desespero. Esse Titã da arte empilhara o Panteão sobre o Panteão e fizera a basílica de São Pedro. Grande obra que merecia permanecer única, derradeira originalidade da arquitetura, assinatura de um artista gigante ao pé do colossal registro de pedra que se encerrava. Morto Michelangelo, o que faz essa miserável arquitetura que sobrevivia a si mesma no estado de espectro e sombra? Ela pega a basílica de São Pedro e a decalca e parodia. É uma mania. É uma lástima. Cada século tem sua São Pedro. Londres tem a dela. Petersburgo tem a dela. Paris tem duas ou três. Testamento insignificante, último dislate de uma grande arte decrépita que recai na infância antes de morrer.

Se em vez de monumentos característicos, como esses de que acabamos de falar, examinarmos o aspecto geral da arte dos séculos XVI a XVIII, notaremos os mesmos fenômenos de decrescimento e definhamento. A partir de Francisco II, a forma arquitetônica do edifício se apaga cada vez mais e deixa sobressair a forma geométrica, como a estrutura óssea de um doente emagrecido. As belas linhas da arte cedem a vez às frias e inexoráveis linhas do geômetra. Um edifício não é mais um edifício, é um poliedro. A arquitetura, no entanto, se atormenta para esconder essa nudez, eis o frontão grego que se inscreve no frontão romano e vice-versa. É sempre o Panteão no Partenon, a basílica de São Pedro. Eis as casas de tijolo de Henrique IV com cantos de pedra; a Place Royale, a Place Dauphine. Eis as igrejas de Luís XIII, pesadas, atarracadas, baixas, encolhidas, carregadas com um domo como se fosse uma corcunda. Eis a

arquitetura mazarina, a má imitação italiana das Quatro Nações. Eis os palácios de Luís XV, compridas casernas de cortesãs, rígidas, glaciais, tediosas. Eis enfim Luís XV, com as chicórias e os *vermicelli* e todas as verrugas e todos os fungos que desfiguram essa velha arquitetura caduca, desdentada e coquete. De Francisco II a Luís XV, o mal cresceu em progressão geométrica. A arte não tem mais do que a pele sobre os ossos. Ela agoniza de forma miserável.

Enquanto isso, o que acontece com a imprensa? Toda essa vida que se vai da arquitetura vem para ela. À medida que a arquitetura decai, a imprensa se infla e cresce. Esse capital de forças que o pensamento humano despendia em edifícios, ele despende agora em livros. Assim, desde o século XVI, a imprensa, crescida ao nível da arquitetura decrescente, luta com ela e a mata. No século XVII, ela já é bastante soberana, bastante triunfante, bastante assentada em sua vitória para dar ao mundo a festa de um grande século literário. No século XVIII, ela empunha novamente a velha espada de Lutero, que por muito tempo repousava na corte de Luís XIV, arma com ela Voltaire e corre, tumultuosa, ao ataque contra essa velha Europa de que ela já matou a expressão arquitetônica. No momento em que o século XVIII se acaba, ela destruiu tudo. No século XIX, ela vai reconstruir.

Ora, perguntamos neste momento, qual das duas artes representa de fato nos últimos três séculos o pensamento humano? Qual o traduz? Qual exprime, não apenas suas manias literárias e escolásticas, mas também seu vasto, profundo, universal movimento? Qual se superpõe constantemente, sem ruptura ou lacuna, ao gênero humano que caminha, monstro de mil pés? A arquitetura ou a imprensa?

A imprensa. Não se enganem, a arquitetura morreu, morreu sem regresso, morta pelo livro impresso, morta porque ela dura menos, morta porque custa mais caro. Toda catedral é um bilhão. Imaginem agora que investimento seria necessário para reescrever o livro arquitetônico; para fazer formigar de novo no chão milhares de edifícios; para voltar a essas épocas em que a multidão dos monumentos era tal que, no dizer de uma testemunha ocular, “dir-se-ia que o mundo, se sacudindo, havia jogado fora suas velhas roupas para se cobrir com uma branca vestimenta de igrejas”. *Erat enim ut si mundus, ipse excutiendo semet, rejecta vetustate, candidam ecclesiarum vestem indueret* (Glaber Radulphus).

Um livro é logo feito, custa tão pouco e pode ir tão longe. Como se espantar com que todo o pensamento humano escoe por essa vertente? Não quer dizer que a arquitetura não terá ainda, aqui e ali, um belo monumento, uma obra-prima isolada. Poderemos ter ainda, de vez em quando, sob o reinado da imprensa, uma coluna feita, suponhamos, por todo um exército, com canhões amalgamados, como tínhamos, no

reinado da arquitetura, ilíadas e romanceiros, Mahabharata e Nibelungos, feitos por todo um povo com rapsódias amontoadas e fundidas. O grande acidente de um arquiteto de gênio poderá sobrevir no século XX, como o de Dante no século XIII. Mas a arquitetura não será mais a arte social, a arte coletiva, a arte dominante. O grande poema, o grande edifício, a grande obra da humanidade não será mais construída, será impressa.

Doravante, se a arquitetura se reerguer por acidente, ela não será mais a arte mestra. Ela suportará a lei da literatura, que a recebia dela outrora. As posições respectivas das duas artes serão invertidas. É certo que, na época arquitetônica, os poemas — raros, é verdade — se parecem com monumentos. Na Índia, Vyasa é denso, estranho, impenetrável como um pagode. No Oriente egípcio, a poesia tem, como os edifícios, a grandeza e a tranquilidade das linhas; na Grécia antiga, a beleza, a serenidade, a calma; na Europa cristã, a majestade católica, a ingenuidade popular, a rica e luxuriante vegetação de uma época de renovação. A Bíblia se parece com as pirâmides, a *Ilíada* com o Partenon, Homero com Fídias. Dante, no século XIII, é a última igreja românica; Shakespeare, no século XVI, a última catedral gótica.

Assim, para resumir o que dissemos até aqui de maneira necessariamente incompleta e truncada, o gênero humano tem dois livros, dois registros, dois testamentos: a construção e a imprensa, a Bíblia de pedra e a Bíblia de papel. Sem dúvida, quando se contempla essas duas Bíblias, tão largamente abertas nos séculos, pode-se sentir falta da majestade visível da escrita de granito, esses gigantescos alfabetos formulados em colunatas, pilares, obeliscos, essas espécies de montanhas humanas que cobrem o mundo e o passado desde a pirâmide até o campanário, de Quéops a Estrasburgo. Há que reler o passado nessas páginas de mármore. Há que admirar e folhear sem cessar o livro escrito pela arquitetura; mas não há que negar a grandeza do edifício que a imprensa ergue por sua vez.

Esse edifício é colossal. Não sei que fazedor de estatísticas calculou que, superpondo um ao outro todos os volumes saídos do prelo desde Gutenberg, se preencheria o intervalo da Terra à Lua; mas não é dessa espécie de grandeza que queremos falar. No entanto, quando procuramos recolher em nosso pensamento uma imagem total do conjunto dos produtos da imprensa até nossos dias, esse conjunto não nos aparece acaso como uma imensa construção, apoiada no mundo inteiro, na qual a humanidade trabalha sem parar e cuja cabeça monstruosa se perde nas brumas profundas do futuro? É o formigueiro das inteligências. É a colmeia a que todas as imaginações, essas abelhas douradas, chegam com seu mel. O edifício tem mil andares. Aqui e ali, vemos desembocar em suas rampas as cavernas tenebrosas

da ciência, que se entrecortam em suas entranhas. Em toda parte sobre sua superfície, a arte faz luxuriar aos olhos seus arabescos, suas rosáceas e seus rendilhados. Aí, cada obra individual, por mais caprichosa e isolada que pareça, tem seu lugar e seu realce. A harmonia resulta do todo. Desde a catedral de Shakespeare até a mesquita de Byron, mil pequenos campanários vêm se congestionar sobre essa metrópole do pensamento universal. Em sua base, reescreveram-se alguns antigos títulos da humanidade que a arquitetura não havia registrado. À esquerda da entrada, chumbou-se o velho baixo-relevo em mármore branco de Homero, à direita a Bíblia poliglota ergue suas sete cabeças. A hidra do romancista se erica mais longe, e algumas outras formas híbridas, os Vedas e os Nibelungos. De resto, o prodigioso edifício permanece sempre inacabado. A prensa, essa máquina gigante, que bombeia sem cessar toda a seiva intelectual da sociedade, vomita sem trégua novos materiais para sua obra. O gênero humano inteiro está nos andaimes. Cada espírito é pedreiro. O mais humilde tapa seu buraco ou assenta sua pedra. Rétif de la Bretonne traz seu cesto de calça. Todos os dias uma nova base se ergue. Independentemente do investimento original e individual de cada escritor, há contingentes coletivos. O século XVIII dá a enciclopédia, a revolução dá o *Moniteur*.¹⁹³ Claro, aqui também há uma construção que cresce e se amontoa em espirais sem fim; aqui também há uma confusão de línguas, atividade incessante, labor incansável, concurso encarniçado da humanidade inteira, refúgio prometido à inteligência contra um novo dilúvio, contra uma submersão de bárbaros. É a segunda torre de Babel do gênero humano.

189. *Jacqueries*, levantes camponeses do século XIV; *praguerie*: revolta da nobreza francesa contra Carlos VII em 1440; Liga: liga da nobreza contra Luís XI, no século XV.

190. “Porque me chamo leão”, fábula de Fedro.

191. Atribuía-se erroneamente a um turco o incêndio da biblioteca de Alexandria.

192. Cidade de Gutenberg.

193. Jornal oficial, publicado a partir de 1789.

LIVRO VI

OLHAR IMPARCIAL SOBRE A ANTIGA MAGISTRATURA

Era um personagem felicíssimo, no ano da graça de 1482, o nobre homem Robert d'Estouteville, cavaleiro sr. de Beyne, barão de Ivry e de Saint-Andry, na Marche, conselheiro e camareiro do rei e guarda do prebostado de Paris. Já fazia quase dezessete anos que ele havia recebido do rei, em 7 de novembro de 1465, ano do cometa,* o belo cargo de preboste de Paris, reputado mais como senhoria do que como função, *Dignitas quae cum non exigua potestate politiam concernente, atque praerogativis multis et juribus conjuncta est*,¹⁹⁴ diz Joannes Loemnoeus. Era uma coisa assombrosa, em 1482, ter comissão do rei um fidalgo cujas cartas de instituição remontavam à época do casamento da filha natural de Luís XI com o senhor bastardo de Bourbon.¹⁹⁵ No mesmo dia em que Robert d'Estouteville substituiu Jacques de Villiers no prebostado de Paris, mestre Jehan Dauvet substituiu *messire* Hélye de Thorrettes na primeira presidência do tribunal do Parlamento, Jehan Jouvenel des Ursins suplantava Pierre de Morvilliers na função de chanceler da França, Regnault des Dormans privava Pierre Puy de alcançar o cargo de mestre de requerimentos ordinário do palácio real. Ora, por sobre quantas cabeças a presidência, a chancelaria e o mestrado haviam passado desde que Robert d'Estouteville tinha o prebostado de Paris! Este lhe havia sido *bailiado em guarda*, diziam as cartas patentes; e, claro, ele o guardava bem. Tinha se agarrado a ele, se incorporado a ele, se identificado tão bem com ele que escapara daquela fúria de mudança que Luís XI possuía, rei desconfiado, birrento e trabalhador, que se empenhava em manter, por instituições e revogações frequentes, a elasticidade do poder. E mais: o bravo cavaleiro havia obtido para seu filho a sobrevivência de seu cargo e já fazia dois anos que o nome do nobre homem Jacques d'Estouteville, escudeiro, figurava ao lado do seu no timbre do registro do ordinário do prebostado de Paris. Raro,

por certo, e insígnia de favor! É verdade que Robert d'Estouteville era um bom soldado, que lealmente erguera o pendão contra a *liga do bem público* e que oferecera à rainha um maravilhoso cervo em geleias no dia da entrada desta em Paris no ano de 14... Ele tinha, além disso, a boa amizade de *messire* Tristan L'Hermite, preboste dos marechais do palácio real. Era, portanto, uma doce e agradável existência a de *messire* Robert. Primeiro, ótimos proventos, a que se prendiam, e pendiam como cachos a mais em seu vinhedo, as rendas do cartório civil e criminal do prebostado, mais as rendas civis e criminais dos auditórios de Embas du Châtelet, sem contar um pedagozinho da Pont de Mantes e de Corbeil, e os ganhos do pedágio sobre os legumes de Paris, sobre os medidores de lenha e os medidores de sal. Acrescentem a isso o prazer de se exibir nas cavalcadas da cidade e de fazer sobressair acima das roupas metade vermelha, metade marrom avermelhado dos escabinos e dos funcionários municipais seu belo traje de guerra que vocês podem ainda hoje admirar esculpido em seu túmulo na abadia de Valmont, na Normandia, e seu elmo todo amassado em Monthléry. E, depois, acaso era pouca coisa ter toda a supremacia sobre os *sergents de la douzaine*, o *concierge* e sentinela do Châtelet, os dois auditores do Châtelet, *auditoris Castelleti*, os dezesseis comissários dos dezesseis bairros, o carcereiro do Châtelet, os quatro sargentos enfeudados,¹⁹⁶ os cento e vinte sargentos *à cheval*,¹⁹⁷ os cento e vinte sargentos de vara,¹⁹⁸ o cavaleiro de ronda com sua ronda, sua sub-ronda, sua contrarronda e sua ronda noturna? Era pouca coisa exercer a alta e a baixa justiça, o direito de mandar para o pelourinho, enforcar e arrastar, sem contar a pequena jurisdição em primeira instância (*in prima instantia*, como dizem as cartas), sobre esse viscondado de Paris, tão gloriosamente apanagiado com sete nobres bailiados? Pode-se imaginar algo de mais suave do que pronunciar decisões e julgamentos, como fazia cotidianamente *messire* Robert d'Estouteville, no Grande Châtelet, sob as ogivas largas e rebaixadas de Filipe Augusto? E ir, como ele tinha costume todas as noites, para aquela charmosa casa localizada na Rue Galilée, no recinto do Palais-Royal, herança de sua mulher, madame Ambroise de Loré, descansar do cansaço de ter mandado algum pobre-diabo passar a noite, por sua vez, “naquela pequena cela da Rue de l'Escorcherie, na qual os prebostes e os escabinos de Paris costumavam fazer suas prisões, contendo esta onze pés de comprimento, sete pés e quatro polegadas de largura e onze pés de altura”?**

E não só *messire* Robert d'Estouteville tinha sua justiça particular de preboste e visconde de Paris, mas também tinha parte, olhar e mordida na justiça do rei. Não havia cabeça um pouco erguida que não lhe tivesse passado pelas mãos antes de cair nas do carrasco. Ele é

que foi buscar o sr. de Nemours na Bastilha de Saint-Antoine; para levar à Grève o sr. de Saint-Pol, o qual resistia e protestava, para grande alegria do senhor preboste, que não gostava do senhor condestável.

É mais do que suficiente para ter uma vida feliz e ilustre e para merecer um dia uma página notável nessa interessante história dos prebostes de Paris, em que ficamos sabendo que Oudard de Villeneuve tinha uma casa na Rue des Boucheries, que Guillaume de Hangest comprou a grande e a pequena Saboia, que Guillaume Thiboust deu às religiosas de Sainte-Geneviève suas casas na Rue Clopin, que Hugues Aubriot morava no Hôtel du Porc-Épic, e outros fatos domésticos.

Todavia, com tantos motivos para levar a vida na paciência e na alegria, *messire* Robert d'Estouteville tinha acordado na manhã do dia 7 de janeiro de 1482 carrancudo e de humor massacrante. De onde vinha esse humor? É o que ele mesmo não podia dizer. O céu estaria cinzento? A fivela de seu velho cinturão de Monthléry estaria apertada e sangrava muito militarmente suas gorduras de preboste? Teria visto passar na rua, sob sua janela, uns soldados da Guarda Real caçoando dele, em fila de quatro, gibão sem camisa, chapéu sem fundo, alforje e garrafa de lado? Seria pressentimento das trezentas e setenta e seis libras dezesseis *sols* e oito *deniers* que o futuro rei Carlos VIII devia, no ano seguinte, tirar das rendas do prebostado? O leitor pode escolher; quanto a nós, somos inclinados a crer que ele simplesmente estava de mau humor porque estava de mau humor.

Aliás, era um dia seguinte de festa, dia de tédio para todo mundo e, sobretudo, para o magistrado encarregado de varrer todos os lixos, no sentido próprio e figurado, que uma festa em Paris produz. E depois ele tinha sessão no Grand-Châtelet. Ora, já observamos que os juízes se arranjam em geral de modo a que seu dia de audiência também seja seu dia de mau humor, a fim de ter sempre alguém em quem descarregar comodamente, em nome do rei, a lei e a justiça.

Mas a audiência havia começado sem ele. Seus auxiliares, no civil, no criminal e no particular, faziam seu trabalho, conforme o uso; e desde as oito da manhã, algumas dezenas de burgueses e de burguesas, amontoados e postos num canto escuro do auditório de Embas du Châtelet, entre uma forte barreira de carvalho e a parede, assistiam com beatitude ao espetáculo variado e regozijador da justiça civil e criminal, administrada por mestre Florian Barbedienne, auditor do Châtelet, lugar-tenente do senhor preboste, de forma um tanto caótica e totalmente ao acaso.

A sala era pequena, baixa, abobadada. Uma mesa com flores de lis estava situada no fundo, com uma grande poltrona de carvalho esculpida, que era do preboste, e vazia, e um escabelo à esquerda,

para o auditor, mestre Florian. Mais abaixo ficava o escrivão, escrevinhando. Em frente, o povo; e diante da porta e diante da mesa, vários sargentos do prebostado em casacos de chamalote violeta com cruzes brancas. Dois sargentos do Parloir-aux-Bourgeois, vestindo suas jaquetas do dia de Todos os Santos, vermelho e azul, estavam de guarda em frente a uma porta baixa fechada, que se percebia ao fundo, atrás da mesa. Uma só janela ogival, estreitamente encastrada na espessa muralha, iluminava com a luz pálida de janeiro duas grotescas figuras: o caprichoso demônio de pedra esculpido em mísula na chave de abóbada e o juiz sentado no fundo da sala sobre as flores de lis.

De fato, imagine-se à mesa prebostal, entre duas pilhas de processos, apoiado em seus cotovelos, o pé no rabo de sua túnica de tecido marrom, a cara enfiada em sua pele branca de carneiro, suas sobrancelhas parecendo soltas, vermelho, desagradável, piscando o olho, portando com majestade a gordura de suas bochechas, que se juntavam sob seu queixo, mestre Florian Barbedienne, auditor no Châtelet.

Ora, o auditor era surdo. Pequeno defeito para um auditor. Mesmo assim, mestre Florian julgava sem apelação e de modo muito apropriado. É verdade que basta que o juiz pareça ouvir; e o venerável auditor preenchia tanto melhor essa condição, a única essencial na boa justiça, dado que sua atenção não podia ser desviada por nenhum ruído.

De resto, havia no auditório um implacável fiscal de seus fatos na pessoa de nosso amigo Jehan Frollo du Moulin, aquele pequeno estudante de ontem, aquele pedestre que se encontrava com certeza em qualquer lugar de Paris, menos em frente à cátedra dos professores.

— Olhe — dizia Jehan baixinho a seu companheiro Robin Poussepain, que ria ao lado dele, enquanto comentava as cenas que se desenrolavam diante de seus olhos —, olhe ali a Jehanneton du Buisson. A bela filha do vagabundo do Marché-Neuf!

— Pela minh'alma, o velho a condenou! Não só não tem ouvido como não tem olhos! Quinze *sols* e quatro *deniers parisis* por ter roubado dois terços de rezar o padre-nosso. Caro demais. *Lex duri carminis*.¹⁹⁹

— Quem é aquele? Robin Chief-de-Ville, fabricante de cotas de malha.

— Por ser tido como mestre no seu ofício?

— É a sua moeda de entrada.

— Ei, dois fidalgos entre esses vagabundos! Aiglet des Soins, Hutin de Mailly. Dois escudeiros, *corpus Christi*! Ah, eles jogavam dados.

Quando é que verei aqui o nosso reitor? Cem libras *parisis* de multa em favor do rei! O Barbedienne multa como um surdo, que é o que ele é!

— Quero ser o meu irmão, arquiidiácono, se isso me impedir de jogar; de jogar de dia, de jogar de noite, de viver jogando, de morrer jogando e de jogar a minha alma depois da minha camisa!

— Santa Virgem, quantas mulheres! Uma depois da outra, minhas ovelhinhas! Ambroise Lecuyère! Isabeau la Paynette! Berarde Gironin! Conheço todas elas, por Deus! Multa! Multa! Isso ensinará vocês a usarem cintos dourados! Dez *sols parisis*, coquetes!

— Oh, o velho focinho de juiz, surdo e imbecil! Oh, Florian, o chato! Oh, Barbedienne, o enjoado! Lá está ele na mesa! Ele come o litigante, come o processo, come, mastiga, se empanturra, se entope. Multas, bens não reclamados, despesas, custas, salários, danos e juros, tortura, prisão, masmorra, pelourinho com grilhões, são docinhos de Natal para ele e marzipã de são João! Olhe só o porco!

— Bom! Mais uma mulher apaixonada. Thibaud la Thibaude, nem mais nem menos!

— Por ter saído da Rue Glatigny!

— Quem é aquele? Gieffroy Mabonne, gendarme balestreiro. Ele resmungou o nome do pai.

— Multa para a Thibaude! Multa para o Gieffroy! Multa para os dois! Velho surdo! Deve ter misturado os dois casos! Dez contra um que ele faz a mulher pagar pela blasfêmia e o gendarme pelo amor!

— Atenção, Robin Poussepain! Quem eles vão introduzir? Quantos sargentes! Por Júpiter! Todos os lebréus da matilha estão aqui. Deve ser a maior peça da caçada. Um javali.

— E é mesmo, Robin, é um javali!

— E bonito, ainda por cima!

— Por Hércules! É o nosso príncipe de ontem, o nosso papa dos loucos, o nosso tocador de sinos, o nosso caolho, o nosso corcunda, a nossa careta! É o Quasímodo!

Era nada menos do que ele.

Era Quasímodo, amarrado, atado, enlaçado, manietado e sob boa guarda. O esquadrão de sargentes que o cercava era assistido pelo cavaleiro da ronda em pessoa, portando bordadas as armas da França no peito e as armas da cidade nas costas. Não havia nada, de resto, em Quasímodo, à parte sua deformidade, que pudesse justificar aquele aparato de alabardas e arcabuzes; ele estava sombrio, silencioso e tranquilo. Seu único olho mal lançava de vez em quando para as cordas que o amarravam uma mirada sorrateira e colérica.

Ele passeou esse mesmo olhar ao seu redor, mas tão apagado e adormecido que as mulheres só apontavam para ele a fim de rir.

Enquanto isso, mestre Florian, o auditor, folheava com atenção o dossiê da queixa feita contra Quasímodo, que o escrivão lhe apresentou, e, dada essa olhadela, pareceu se recolher por um instante. Graças a essa precaução que ele sempre tivera o cuidado de tomar na hora de proceder a um interrogatório, ele sabia de antemão os nomes, a qualificação, os delitos do acusado, fazia réplicas previstas a respostas previstas e conseguia se safar de todas as sinuosidades do interrogatório sem dar muita margem a que percebessem sua surdez. O dossiê do processo era para ele o cachorro do cego. Se por acaso acontecesse que sua enfermidade se traísse aqui e ali por alguma invectiva incoerente ou alguma pergunta ininteligível, isso passava por profundidade, para uns, e por imbecilidade, para outros. Em ambos os casos, a honra da magistratura não recebia nenhum arranhão; porque é melhor que um juiz seja tido como imbecil ou profundo do que surdo. Ele punha, portanto, um grande empenho em dissimular sua surdez aos olhos de todos e geralmente conseguia, tão bem que chegara a se iludir a si mesmo. O que, de resto, é mais fácil do que se pensa. Todos os corcundas andam de cabeça erguida, todos os gogos peroram, todos os surdos falam baixo. Quanto a ele, acreditava ter no máximo um ouvido um tanto rebelde. Era a única concessão que ele fez nesse ponto à opinião pública, em seus momentos de franqueza e de exame de consciência.

Tendo pois ruminado bem o caso de Quasímodo, jogou a cabeça para trás e semicerrou os olhos, para maior majestade e imparcialidade, de modo que ele era ao mesmo tempo, nesse momento, surdo e cego. Dupla condição sem a qual não há juiz perfeito. Foi com essa magistral atitude que iniciou o interrogatório.

— Seu nome?

Ora, eis um caso que não havia sido “previsto pela lei”, aquele em que um surdo devia interrogar outro surdo.

Quasímodo, a quem nada dava a saber da pergunta a ele dirigida, continuou a olhar o juiz fixamente e não respondeu. O juiz, surdo e a quem nada dava a saber da surdez do acusado, acreditou que ele respondera, como faziam em geral todos os acusados, e prosseguiu com sua segurança mecânica e estúpida.

— Muito bem. Sua idade?

Quasímodo também não respondeu a essa pergunta. O juiz acreditou-a respondida e continuou:

— Agora sua profissão.

Sempre o mesmo silêncio. O auditório, no entanto, começava a cochichar e a se entreolhar.

— Basta — prosseguiu imperturbável o auditor, quando supôs que o acusado havia consumado sua terceira resposta. — O senhor é

acusado perante nós: *primo*, de distúrbio noturno; *secundo*, de via de fato desonesta contra a pessoa de uma mulher louca, *in praejudicium meretricis*; 200 *tertio*, de rebelião e deslealdade para com os arqueiros da ordenança do rei, nosso amo. Explique-se sobre todos esses pontos. Escrivão, o senhor escreveu o que o acusado disse até aqui?

Diante dessa pergunta desastrada, uma gargalhada se elevou, do escrivão ao auditório, tão violenta, tão louca, tão contagiosa, tão universal que os dois surdos não tiveram como não perceber. Quasímodo se virou erguendo sua corcunda com desdém, enquanto mestre Florian, surpreso como ele e supondo que a risada dos espectadores havia sido provocada por uma réplica irreverente do acusado, tornada visível por ele mediante aquele dar de ombros, interpelou-o com indignação:

— O senhor, seu gaiato, deu uma resposta que mereceria a corda! Sabe com quem está falando?

Essa saída não foi adequada para conter a explosão de comichade geral. Ela pareceu a todos tão heteróclita e tão bizarra que a risada alcançou até os sargentos do Parloir-aux-Bourgeois, espécie de valetes de espadas em que a estupidez era de regra. Somente Quasímodo se manteve sério, pela simples razão de que não entendia nada do que acontecia à sua volta. O juiz, cada vez mais irritado, achou que devia continuar no mesmo tom, esperando assim atingir o acusado com um terror que reagiria sobre o auditório e o traria de volta ao respeito.

— Quer dizer então, mestre perverso e rapineiro que o senhor é, que o senhor se permite faltar com o respeito ao auditor do Châtelet, ao magistrado encarregado da polícia popular de Paris, encarregado de investigar crimes, delitos e malfeitos; de controlar todos os ofícios e proibir o monopólio; de assegurar a manutenção das ruas; de impedir a venda de restos de galinhas, aves de criação e aves selvagens; de mandar medir a lenha e outros tipos de madeira; de purgar a cidade da lama e o ar das doenças contagiosas; de ocupar-se continuamente das coisas públicas, numa palavra, sem paga nem esperança de salário? Sabe que me chamo Florian Barbedienne, lugar-tenente do senhor preboste e, ademais, comissário, investigador, fiscal e examinador com igual poder em prebostado, bailiado, conservação e diversas alçadas?

Não há razão para que um surdo que fala com outro se detenha. Deus sabe onde e quando mestre Florian, lançado assim a todo pano na alta eloquência, teria aportado, se a porta baixa do fundo não tivesse se aberto e dado passagem ao senhor preboste em pessoa.

À sua entrada, mestre Florian não ficou sem palavras, mas girou nos calcanhares e dirigiu bruscamente ao preboste a arenga com que fulminava Quasímodo um momento antes:

— Meu senhor — disse —, requieiro a pena que lhe aprazêrá contra o acusado aqui presente, por grave e espantoso desrespeito à justiça.

E sentou-se sem fôlego, enxugando grossas gotas de suor que caíam de sua testa e ensopavam como lágrimas os pergaminhos esparramados à sua frente. *Messire* Robert d'Estouteville franziu o cenho e fez a Quasímodo um gesto de atenção tão imperioso e significativo que o surdo entendeu alguma coisa.

O preboste lhe dirigiu a palavra com severidade:

— O que foi que você fez para estar aqui, seu mequetrefe?

O pobre-diabo, supondo que o preboste perguntava seu nome, quebrou o silêncio que mantinha habitualmente e respondeu com uma voz rouca e gutural:

— Quasímodo.

A resposta coincidia tão pouco com a pergunta que o frouxo de riso recomeçou a circular, e *messire* Robert exclamou, vermelho de cólera:

— Está zombando de mim também, seu gaiato?

— Sineiro de Notre-Dame — respondeu Quasímodo, acreditando que se tratava de explicar ao juiz quem ele era.

— Sineiro! — replicou o preboste, que tinha acordado de manhã de péssimo humor, como dissemos, de modo que sua fúria nem precisava ser atizada por respostas tão estranhas. — Mandarei fazer nas suas costas um carrilhão de varadas pelas encruzilhadas de Paris. Entendeu, seu mequetrefe?

— Se é a minha idade que o senhor quer saber — disse Quasímodo —, acho que faço vinte anos no dia de são Martinho.

Aquilo era demais; o preboste não pôde suportar.

— Ah! Você achincalha o prebostado, seu miserável! Senhores sargentos de vara, levem esse gaiato para o pelourinho da Grève, sovem-no e torturem-no por uma hora. Ele vai me pagar, cabeça de Deus! E quero que apregoem o presente julgamento, com assistência de quatro trombetas, nas sete castelánias do viscondado de Paris.

O escrivão se pôs a redigir incontinentemente a sentença.

— Ventre de Deus! Isso sim é julgar bem! — exclamou em seu canto o pequeno estudante Jehan Frollo du Moulin.

O preboste se virou e fixou de novo em Quasímodo seus olhos faiscantes.

— Acho que o gaiato disse ventre de Deus! Escrivão, acrescente doze *deniers parisis* de multa por blasfêmia, e que a metade seja destinada às obras de Saint-Eustache. Tenho uma devoção particular por santo Eustáquio.

Em alguns minutos a sentença foi lavrada. Seu teor era simples e breve. O costume do prebostado e do viscondado de Paris ainda não havia sido trabalhado pelo presidente do tribunal, Thibaut Baillet, e

por Roger Barmne, advogado do rei; ele não era obstruído então por essa alta mata de chicanas e trâmites que os dois juristas plantaram no início do século XVI. Tudo era claro, expeditivo, explícito. Ia-se direto ao assunto e logo se percebia no fim de cada vereda, sem mato e sem meandros, a roda, a força ou o pelourinho. Pelo menos sabia-se aonde se ia.

O escrivão apresentou a sentença ao preboste, que apôs seu timbre e saiu para continuar sua passagem pelos auditórios, com uma disposição de espírito que deve ter povoado naquele dia todas as masmorras de Paris. Jehan Frolo e Robin Poussepain riam disfarçadamente. Quasímodo observava tudo com um ar indiferente e surpreso.

Mas o escrivão, na hora em que mestre Florian Barbedienne lia por sua vez a sentença para assiná-la, sentiu-se tomado de piedade pelo pobre-diabo condenado e, na esperança de obter uma diminuição da pena, aproximou-se o mais perto que pôde do ouvido do auditor e lhe disse, apontando para Quasímodo:

— Esse homem é surdo.

Esperava que aquela comunidade de doença despertasse o interesse de mestre Florian a favor do condenado. Mas, primeiro, já observamos que mestre Florian não se incomodava com que percebessem sua surdez. Depois, ele ouvia tão mal que não entendeu uma palavra do que o escrivão lhe disse; mas quis parecer que ouvira e respondeu:

— Ah, ah! É diferente. Eu não sabia disso. Uma hora a mais de pelourinho, nesse caso.

E assinou a sentença assim modificada.

— Bem feito! — disse Robin Poussepain, que guardava certo rancor de Quasímodo. — Isso lhe ensinará a não maltratar as pessoas.

* Esse cometa, contra o qual o papa Calisto, tio de Bórgia, ordenou preces públicas, é o mesmo que reaparecerá em 1835. (N. A.)

194 “Dignidade que é dotada de um poder de polícia não exíguo e de muitas prerrogativas e direitos.”

195. O casamento ocorreu em 1467.

196. Encarregados de zelar pelos direitos do senhor do feudo.

197. Que podiam atuar em todo o reino.

198. Sargentos encarregados de executar as decisões da Justiça.

** Contas do domínio, 1383. (N. A.)

199. “Dura é a letra da lei.”

200. “Em prejuízo de uma meretriz.”

O BURACO DOS RATOS

Que o leitor nos permita levá-lo à Place de Grève, de que saímos ontem com Gringoire para seguir Esmeralda.

São dez da manhã. Tudo na praça recende ao dia seguinte de uma festa. O chão está coberto de detritos; fitas, trapos, penas dos penachos, gotas de cera das tochas, migalhas da comilança pública. Um bom número de burgueses *flanam*, como dizemos, aqui e ali, remexendo com os pés os tições apagados das fogueiras, extasiando-se diante da Casa dos Pilares, à lembrança das belas tapeçarias da véspera e espiando hoje os pregos, derradeiro prazer. Os vendedores de cidra e cerveja rolam sua barrica através dos grupos. Alguns passantes apressados vão e vêm. Os comerciantes conversam e se chamam da porta das lojas. A festa, os embaixadores, Coppenole, o papa dos loucos estão em todas as bocas; cada um querendo escarnecer melhor e rir mais do que o outro. Enquanto isso, quatro sargentos à *cheval*, que acabam de se postar dos quatro lados do pelourinho, já concentraram ao seu redor uma boa porção do *popular*, espalhada pela praça, que se condena à imobilidade e ao tédio, na esperança de uma execução.

Se agora o leitor, depois de contemplar essa cena viva e estridente que é representada em todos os pontos da praça, dirigir seu olhar para essa antiga casa semigótica, semirromânica da Tour Roland, que faz esquina com o cais a poente, poderá notar no canto da fachada um grosso breviário público com ricas iluminuras, protegido da chuva por um pequeno beiral e dos ladrões por uma grade que todavia permite folheá-lo. Ao lado desse breviário, uma estreita lucarna ogival, fechada por duas barras de ferro em cruz, que dá para a praça; única abertura que deixa chegar um pouco de ar e de luz numa pequena cela sem porta, feita no térreo, na espessura do muro da velha casa e repleta de uma paz tanto mais profunda, de um silêncio tanto mais morno por formigar e gritar ao seu redor uma praça pública, a mais

popular e barulhenta de Paris.

Essa cela era célebre em Paris havia quase três séculos, desde que madame Rolande de la Tour-Roland, em sinal de luto por seu pai, morto na cruzada, a fizera escavar na muralha de sua casa a fim de nela se encerrar para sempre, não conservando de seu palácio nada mais do que esse cubículo cuja porta era murada e a lucarna aberta, no inverno como no verão, dando todo o resto aos pobres e a Deus. A desolada *demoiselle* havia de fato esperado vinte anos pela morte nessa tumba antecipada, orando noite e dia pela alma de seu pai, dormindo na cinza, sem ter nem mesmo uma pedra como travesseiro, vestindo um saco preto e vivendo apenas do que a piedade dos passantes depositava na forma de pão e água na beirada de sua lucarna, recebendo assim a caridade depois de tê-la feito. Quando de sua morte, no momento de passar para o outro sepulcro, ela legara perpetuamente este para as mulheres aflitas, mães, viúvas ou filhas, que teriam muito que orar por outrem, ou por elas, e que queriam se enterrar vivas numa grande dor ou penitência. Os pobres de sua época tinham lhe feito um belo funeral de lágrimas e de bênçãos; mas, para grande pesar deles, a piedosa mulher não pôde ser canonizada santa, por falta de apadrinhamentos. Aqueles, dentre estes, que eram um tanto ímpios haviam esperado que a coisa se fizesse mais facilmente no paraíso do que em Roma e simplesmente pediram a Deus pela defunta, na falta do papa. A maioria tinha se contentado em conservar a memória de Rolande como sagrada e fazer relíquias de seus andrajos. A cidade, por sua vez, fundara, em homenagem à *demoiselle*, um breviário público que haviam cerrado perto da lucarna da cela, para que os passantes se detivessem de vez em quando, nem que fosse apenas para rezar, e que a prece fizesse pensar na esmola e para que as pobres reclusas, herdeiras da pequena cripta de madame Rolande, não morressem efetivamente nela de fome e esquecimento.

Não era, de resto, coisa muito rara nas cidades da Idade Média essa espécie de túmulos. Encontrava-se com frequência, na rua mais frequentada, no mercado mais variado e mais ensurdecido, bem no meio, sob os pés dos cavalos, de certo modo sob a roda das carroças, um porão, um poço, uma cabana não murada e gradeada no fundo da qual rezava dia e noite um ser humano, voluntariamente devotado a alguma lamentação eterna, a alguma grande expiação. E todas as reflexões que hoje despertaria em nós esse estranho espetáculo; essa horrenda cela, espécie de elo intermediário entre a casa e a tumba, entre o cemitério e a cidade; esse ser vivo retirado da comunidade humana e contado daí em diante dentre os mortos; essa lâmpada que consome sua derradeira gota de óleo na sombra; esse resto de vida vacilando numa fossa; essa respiração, essa voz, essa prece eterna

numa caixa de pedra; essa face para sempre voltada para o outro mundo, esse olhar já iluminado por outro sol; esse ouvido, colado nas paredes da tumba; essa alma prisioneira nesse corpo, esse corpo prisioneiro nessa masmorra e, sob esse duplo invólucro de carne e de granito, o zumbido, dessa alma sofredora; nada de tudo isso era percebido pela multidão. A piedade pouco racional e pouco sutil desse tempo não via tantas facetas num ato de religião. Ela considerava a coisa em bloco e honrava, venerava, santificava se preciso fosse o sacrifício, mas não analisava os sofrimentos e pouco se apiedava. Ela trazia de tempo em tempo alguma pitaça ao miserável penitente, espiava pelo buraco se ele ainda vivia, ignorava seu nome, sabia apenas desde quantos anos ele havia começado a morrer, e ao estranho que os questionava sobre o esqueleto vivo que apodrecia naquele porão, os vizinhos respondiam apenas, se fosse um homem: “É o recluso”; se fosse uma mulher: “É a reclusa”.

Via-se tudo assim, na época, sem metafísica, sem exagero, sem lente de aumento, a olho nu. O microscópio ainda não havia sido inventado, nem para as coisas da matéria nem para as coisas do espírito.

Aliás, embora as pessoas não se espantassem muito, os exemplos dessa espécie de enclausuramento no seio das cidades eram na verdade frequentes, como dizíamos há pouco. Havia em Paris um bom número dessas celas para orar a Deus e fazer penitência; ficavam quase todas ocupadas. É verdade que o clero não se preocupava em deixá-las vazias, o que implicava indiferença nos crentes, e que punha leprosos nelas quando não havia penitentes. Além da pequena cela da Grève, havia uma em Montfaucon, uma no Charnier des Innocents, outra não sei mais onde, no Logis Clichon, creio eu; outras ainda em muitos lugares em que encontramos o vestígio delas nas tradições, na falta de monumentos. A Universidade também tinha as dela. Na montanha Sainte-Geneviève, uma espécie de Jó da Idade Média cantou durante trinta anos os sete salmos da penitência em cima de uma esterqueira no fundo de uma cisterna, recomeçando quando terminava, salmodiando mais alto de noite, *magna voce per umbras*,²⁰¹ e hoje o estudioso das antiguidades crê ainda ouvir a voz dele ao entrar na rua do *Poço que fala*.

Para nos atermos à cela da Tour-Roland, devemos dizer que ela nunca ficava sem reclusas. Desde a morte de madame Rolande, ela raramente esteve um ano ou dois vazia. Muitas mulheres vinham lá chorar a morte dos parentes, dos amantes, os pecados. A malícia parisiense, que se mete em tudo, mesmo nas coisas que menos lhe dizem respeito, pretendia que se vira por lá poucas viúvas.

Segundo a moda da época, uma legenda latina escrita no muro

indicava ao passante letrado a destinação pia dessa cela. Foi conservado até meados do século XVI o uso de explicar um edifício por uma breve divisa escrita acima da porta. Assim ainda se lê na França, acima da portinhola da prisão da casa senhorial de Tourville: *Sileto et spera*;²⁰² na Irlanda, sob o escudo que encima a porta principal do castelo de Fortescue: *Forte scutum, salus ducum*;²⁰³ na Inglaterra, na entrada principal da hospitaleira mansão dos condes Cowper: *Tuum est*.²⁰⁴ É que então todo edifício era um pensamento.

Como não havia porta na cela murada da Tour-Roland, gravara-se com grossas letras românicas, acima da janela, estas duas palavras:

TU, ORA.

O que fez que o povo, cujo bom senso não vê tanta finesse nas coisas e traduz sem problema *Ludovico Magno* por Porte Saint-Denis, desse a essa cavidade negra, sombria e úmida o nome de *buraco dos ratos*. Explicação menos sublime talvez que a outra; em compensação, mais pitoresca.

201. “Uma voz alta na sombra.” Virgílio, *Eneida*, VI, 619.

202. “Cala-te e espera.”

203. “Forte escudo, saúde dos chefes.”

204. “É tua.”

HISTÓRIA DE UMA TORTA DE LEVEDO DE MILHO

Na época em que se passa a história, a cela da Tour-Roland estava ocupada. Se o leitor deseja saber por quem, é só ouvir a conversa de três bravas comadres que, no momento em que detivemos sua atenção no Buraco dos Ratos, se dirigiam precisamente para o mesmo lado, indo do Châtelet à Grève, margeando o rio.

Duas dessas mulheres estavam vestidas como boas burguesas de Paris. A fina gorjeira branca, a saia de *tiretaine*²⁰⁵ listada de vermelho e azul; suas meias de tricô brancas, de bordas bordadas em cor, bem esticadas na perna; seus calçados quadrados de couro marrom e sola preta e, sobretudo, o chapéu, aquela espécie de chifre de lanterna sobrecarregado de fitas e rendas que as mulheres da Champagne usam ainda hoje, como os granadeiros da guarda imperial russa, anunciavam que elas pertenciam àquela classe de mercadoras ricas que fica entre o que os lacaios chamam de *uma mulher* e do que chamam de *uma dama*. Elas não usavam nem anéis nem cruz de ouro, e era fácil ver que não era por pobreza, mas ingenuamente por medo de ser multadas. A companheira delas estava vestida mais ou menos da mesma maneira, mas havia em sua aparência e em seus modos aquele algo que recende a mulher de tabelião de província. Via-se, pela maneira como sua cintura subia acima das ancas, que fazia tempo não vinha a Paris. Acrescente-se a isso uma gola plissada, nós de fitas nos sapatos, listas da saia horizontais e não verticais, e mil outras enormidades com que o bom gosto se indignava.

As duas primeiras caminhavam com aquele passo particular das parisienses que mostram Paris às provincianas. A provinciana trazia pela mão um menino gordo que segurava na sua uma grande torta.

Lamentamos ter de acrescentar que, haja vista o rigor da estação, ele fazia de sua língua seu lenço.

O menino se fazia arrastar, *non passibus aequis*,²⁰⁶ como diz

Virgílio, e tropeçava a todo instante, com grande gritaria da mãe. É verdade que ele olhava mais para a torta do que para o chão. Sem dúvida algum motivo grave o impedia de mordê-la (a torta), porque ele se contentava em considerá-la ternamente. A mãe devia ter se encarregado de levar a torta: era uma crueldade fazer do bochechudo um Tântalo.

Entretanto as três *damoiselles* (porque o nome de dama era reservado então às mulheres nobres) falavam ao mesmo tempo.

— Apertemos o passo, *damoiselle* Mahiette — dizia à provinciana a mais moça das três, que era também a mais gorda. — Tenho medo de que cheguemos tarde demais. Diziam-nos, no Châtelet, que iam pô-lo logo no pelourinho.

— Ora! Que está dizendo, *damoiselle* Oudarde Musnier? — replicava a outra parisiense. — Ele vai ficar duas horas no pelourinho. Temos tempo. Já viu alguma vez botarem alguém no pelourinho, cara Mahiette?

— Já — disse a provinciana —, em Reims.

— Ora! O que é esse pelourinho de Reims? Uma jaula horrorosa em que só torturam camponeses. Grande coisa!

— Só camponeses? — disse Mahiette. — No mercado de tecidos? Em Reims? Vimos nele criminosos bem bonitos, que tinham matado pai e mãe! Camponeses! O que acha que somos, Gervaise?

É verdade que a provinciana estava a ponto de se zangar pela honra de seu pelourinho. Felizmente, a discreta *damoiselle* Oudarde Musnier desviou a tempo a conversa.

— A propósito, *damoiselle* Mahiette, o que diz dos nossos embaixadores flamengos? Vocês têm bonitos assim em Reims?

— Confesso — respondeu Mahiette — que só Paris vê flamengos como esses.

— Você viu na embaixada o grande embaixador, que é negociante de meias? — perguntou Oudarde.

— Sim — disse Mahiette. — Parece um Saturno.

— E aquele gordo cuja figura se parece com uma barriga nua? — prosseguiu Gervaise. — E aquele pequeno que tem olhinhos bordados por uma pálpebra vermelha, sem cílios e destroçada como uma cabeça de cardo?

— Os cavalos deles é que são bonitos de se ver — disse Oudarde —, vestidos como são à moda do seu país!

— Ah, minha cara — interrompeu a provinciana Mahiette, assumindo por sua vez um ar de superioridade —, o que você diria se houvesse visto, em 61, na sagração de Reims, dezoito anos atrás, os cavalos dos príncipes e da companhia do rei? Arneses e xairéis de todo tipo; uns de tecido de Damasco, fino tecido dourado, forrados com

pele de marta zibelina; outros, de veludo, forrados de caudas de arminho; outros carregados de ourivesaria e de grossas sinetas de ouro e prata! E a finança que isso tudo custou! E as lindas crianças pajens que estavam montadas neles!

— Isso não impede — replicou *damoiselle* Oudarde com rispidez — que os flamengos possuam belos cavalos e que ontem tenham tido uma ceia soberba em casa do senhor preboste dos comerciantes, no Hôtel de Ville, onde lhes serviram confeitos de amêndoa, hipocraz, especiarias e outras singularidades.

— O que disse, minha vizinha! — exclamou Gervaise. — Foi na casa do cardeal, no Petit-Bourbon, que os flamengos cearam.

— Não, senhora. No Hôtel de Ville!

— Nada disso. No Petit-Bourbon.

— Tanto foi no Hôtel de Ville — retrucou Oudarde com aspereza — que o dr. Scourable lhes fez uma arenga em latim, com a qual eles ficaram muito satisfeitos. O meu marido, que é livreiro juramentado, é que me disse.

— Tanto foi no Petit-Bourbon — respondeu Gervaise não menos vivamente — que eis o que o procurador do senhor cardeal lhes ofereceu: doze duplos quartos de hipocraz branco, clarete e tinto; vinte e quatro tiras de uma dourada marzipã dupla de Lyon; igual número de tochas de duas libras a peça; e seis tonéis de vinho de Beaune, branco e clarete, do melhor que encontraram. Espero que isso seja positivo. Soube pelo meu marido, que é funcionário do Parloir-aux-Bourgeois e que fazia esta manhã a comparação entre os embaixadores flamengos e os do Preste João²⁰⁷ e do imperador de Trebizonda, que vieram da Mesopotâmia a Paris, sob o último rei, e que usavam anéis nas orelhas.

— É tão verdade que eles cearam no Hôtel de Ville — replicou Oudarde, pouco impressionada com essa ostentação — que nunca se viu tamanho triunfo de carnes e confeitos de amêndoa.

— Pois eu lhe digo que eles foram servidos por Le Sec, sargente da cidade, no Hôtel du Petit-Bourbon e que é aí que você se engana.

— No Hôtel de Ville, estou dizendo!

— No Petit-Bourbon, minha cara! Tanto que tinham iluminado com vidros mágicos a palavra *Esperança*, que está escrita no portal-mor.

— No Hôtel de Ville, no Hôtel de Ville! Tanto que Husson le Voir tocava flauta!

— Estou lhe dizendo que não!

— Estou lhe dizendo que sim.

— Estou lhe dizendo que não.

A boa gorducha Oudarde se preparava para replicar, e a querela talvez tivesse chegado aos cabelos, se Mahiette não houvesse

exclamado de repente:

— Olhem essas pessoas amontoadas ali na ponte! Há no meio delas alguma coisa para a qual olham.

— Na verdade — disse Gervaise —, estou ouvindo um pandeiro. Acho que é a Esmeralda fazendo as suas momices com a cabra. Depressa, Mahiette! Dobre o passo e arraste o seu menino. Você veio aqui para visitar as curiosidades de Paris. Ontem, viu os flamengos; tem que ver hoje a egípcia.

— A egípcia! — fez Mahiette, dando bruscamente meia-volta e apertando com força o braço do filho. — Deus me livre! Ela roubaria o meu filho! Venha, Eustache!

E saiu correndo pelo cais em direção à Grève, até deixar a ponte bem longe atrás dela. Mas o menino que ela arrastava caiu de joelhos; ela parou resfolegante. Oudarde e Gervaise a alcançaram.

— Essa egípcia, roubar o seu filho! — disse Gervaise. — Uma fantasia bem singular a sua.

Mahiette sacudia a cabeça com olhar pensativo.

— O que é singular — observou Oudarde — é que a beata tem a mesma ideia das egípcias.

— Quem é a beata? — perguntou Mahiette.

— Eh! — fez Oudarde. — A irmã Gudule.

— E quem é a irmã Gudule? — retrucou Mahiette.

— Só mesmo sendo de Reims para não saber disso! — respondeu Oudarde. — É a reclusa do Buraco dos Ratos.

— Como? — perguntou Mahiette. — Essa pobre mulher para a qual estamos levando a torta?

Oudarde fez um sinal de cabeça afirmativo.

— Precisamente. Você vai vê-la daqui a pouco na sua lucarna na Grève. Ela tem a mesma ideia que você desses vagabundos do Egito que tocam pandeiro e dizem a sorte ao público. Não se sabe de onde vem esse horror aos zíngaros e aos egípcios. Mas você, Mahiette, por que sai correndo assim, só de vê-los?

— Oh! — fez Mahiette, segurando com as mãos a cabeça redonda do filho. — Não quero que aconteça comigo o que aconteceu com Paquette la Chantefleurie.

— Ah, está aí uma história que você vai nos contar, minha querida Mahiette — disse Gervaise, segurando-a pelo braço.

— Com prazer — respondeu Mahiette. — Mas só mesmo sendo de Paris para não saber dela! Eu lhes direi, pois, mas não é preciso pararmos para tanto, que Paquette la Chantefleurie era uma bonita moça de dezoito anos quando eu também era, quer dizer, dezoito anos atrás, e que é culpa dela se ela não é hoje como eu, uma gorda e fresca mãe de trinta e seis anos, com um homem e um filho. Aliás, desde a

idade de catorze anos, não tinha mais como! Ela era filha de Guybertaut, menestrel de barcos em Reims, o mesmo que havia se apresentado diante do rei Carlos VII quando da sagração deste, ao descer nosso rio de Vesle, desde Sillery até Muison; que até a sra. Donzela estava no barco. O velho pai morreu quando Paquette ainda era criancinha; assim, ela só tinha a mãe, irmã do sr. Mathieu Pradon, mestre paneleiro e caldeireiro, em Paris, Rue Parin-Carlin, que morreu no ano passado. Estão vendo que ela era moça de família. A mãe era uma mulher simples, por desgraça, e não ensinou nada a Paquette, além de um pouco de passamanaria e outras bugigangas, que não impedia a menina de ficar muito grande e muito pobre. As duas moravam em Reims, na beira do rio, na Rue de Folle-Peine. Notem o seguinte: creio que foi o que levou à desgraça de Paquette. Em 1461, ano da sagração do nosso rei Luís XI, que Deus o guarde, Paquette era tão alegre e bonita que a chamavam em toda parte de la Chantefleurie. Pobre moça! Ela tinha dentes bonitos, gostava de rir só para exhibi-los. Ora, mulher que gosta de rir se encaminha a chorar; os belos dentes levam os belos olhos à perdição. Era essa, pois, a Chantefleurie. Ela e sua mãe ganhavam a vida com dificuldade; haviam decaído bem desde a morte do menestrel; a passamanaria delas não rendia mais do que seis *deniers* por semana, o que não chega nem a dois *liards-à-l'aigle*. Onde estava o tempo em que Guybertaut ganhava doze *sols parisis* com uma canção numa só sagração? Certo inverno — foi nesse mesmo ano de 1461 —, quando as duas não tinham nem achas nem gravetos e em que fazia muito frio, este dera tão belas cores à Chantefleurie que os homens a chamavam de Paquette, que vários a chamaram de Paquerette,²⁰⁸ e ela se perdeu... Eustache, estou vendo você morder essa torta...! Vimos logo que ela estava perdida num domingo em que veio à igreja com uma cruz de ouro no pescoço. Aos catorze anos! Já imaginou? O primeiro foi o jovem visconde de Cormontreuil, que tem o seu campanário a três quartos de légua de Reims; depois *messire* Henri de Triancourt, cavalgador do rei; depois, menos do que isso, Chiart de Beaulion, sargento de armas; depois, descendo sempre, Gueri Aubergeon, criado dos trinchos e saleiros do rei; depois Macé de Frépus, barbeiro do senhor delfim; depois, Thévenin le Moine, cozinheiro do rei; depois, sempre cada vez menos jovem e menos nobre, caiu em Guillaume Racine, menestrel de viela; e em Thierry-de-Mer, lanterneiro. Então, pobre Chantefleurie, ela foi de todos; tinha chegado ao fim do seu tesouro. O que dizem, *mesdemoiselles*? Na sagração, no mesmo ano de 1461, foi ela que fez a cama do chefe da Guarda Real! No mesmo ano!

Mahiette suspirou e enxugou uma lágrima que rolava de seus olhos.

— Está aí uma história que não é muito extraordinária — disse

Gervaise —, e não vejo nisso tudo nem egípcios nem crianças.

— Paciência! — replicou Mahiette. — Criança, vocês vão ver uma. Em 1466, fará dezesseis anos este mês, no dia de santa Paula, Paquette deu à luz uma menina. Coitada, ela teve uma grande alegria: fazia tempo que desejava um filho. Sua mãe, mulher simplória que fechava os olhos para tudo isso, sua mãe havia morrido. Paquette não tinha mais nada a amar neste mundo, mais nada que a amasse. Durante cinco anos, desde que decaíra, era uma pobre criatura, a Chantefleurie. Estava sozinha, sozinha nesta vida, apontada por todos, insultada nas ruas, espancada pelos sargentos, zombada pelos garotos maltrapilhos. E, depois, os vinte anos haviam chegado; e vinte anos é a velhice para as mulheres amorosas. O desregramento começava a não lhe render mais do que a passamanaria: por uma ruga que vinha, um escudo que se ia. O inverno voltava a ser duro para ela, a lenha se fazia novamente rara na sua lareira e o pão na sua cesta de pães. Ela não podia mais trabalhar, pois, ao se tornar voluptuosa, se tornou preguiçosa, e sofria muito mais, porque, tendo se tornado preguiçosa, se tornara voluptuosa. Pelo menos era assim que o senhor cura de Saint-Rémy explica por que essas mulheres sentem mais frio e mais fome do que outras pobres, quando velhas.

— Sim — observou Gervaise. — Mas e os egípcios?

— Um momento, Gervaise — disse Oudarde, cuja atenção era menos impaciente. — O que haveria no fim se tudo estivesse no começo? Continue, Mahiette, por favor. Pobre Chantefleurie!

Mahiette prosseguiu.

— Ela estava pois bem triste, bem miserável e sulcava as faces com as suas lágrimas. Mas na sua vergonha, na sua loucura e no seu abandono, parecia-lhe que ela seria menos envergonhada, menos louca e menos abandonada se houvesse algo no mundo ou alguém que ela pudesse amar ou que pudesse amá-la. Tinha que ser uma criança, pois apenas uma criança podia ser inocente o bastante para tal. Ela havia reconhecido isso depois de ter tentado amar um ladrão, o único homem capaz de querê-la; mas ao fim de algum tempo, percebeu que o ladrão a desprezava. Essas mulheres do amor precisam de um amante ou de um filho para encher o seu coração. Senão se sentem muito infelizes. Não podendo ter amante, ela se voltou toda para o desejo de um filho, e, como não havia deixado de ser piedosa, fez disso a sua eterna prece ao bom Deus. O bom Deus teve piedade dela e lhe deu uma filhinha. Da sua alegria, nem vou falar; foi uma fúria de lágrimas, carícias e beijos. Ela mesma amamentou a filha, lhe fez cueiros com o seu cobertor, o único que tinha na cama, e não sentiu mais nem frio nem fome. Voltou a ficar bonita. Mulher velha faz uma jovem mãe. A galanteria recomeçou: voltaram a ver a Chantefleurie,

ela tornou a encontrar balsas para a sua mercadoria e de todos esses horrores ela fez roupinhas, gorrinhos e babadores, corpetes rendados e bonezinhos de cetim, sem nem sequer sonhar em comprar para si um cobertor... Sr. Eustache, eu já lhe disse para não comer a torta... Com certeza a pequena Agnès (era o nome da criança, nome de batismo, porque nome de família fazia tempo que a Chantefleurie não tinha mais), com certeza essa pequena estava mais envolta em fitas e bordados do que uma *dauphine*²⁰⁹ do Dauphiné! Ela tinha entre outras coisas um par de sapatinhos, que o rei Luís XI decerto não teve iguais! A sua mãe mesma os havia costurado e bordado, ela pusera neles todos os seus requintes de passamanaria e todos os enfeites de um vestido da Virgem. Eram os sapatos cor-de-rosa mais graciosos que já se vira. Eram tão grandes quanto o meu polegar, e só vendo os pezinhos da criança sair para acreditar que puderam entrar. É verdade que esses pezinhos eram tão pequeninos, tão lindos, tão rosados! Mais rosados do que o cetim dos sapatinhos. Quando você tiver filhos, Oudarde, você saberá que nada é mais lindo do que esses pezinhos e essas mãozinhas.

— É o que anseio — disse Oudarde suspirando —, mas espero que seja esse o desejo do sr. Andry Musnier.

— De resto — retomou Mahiette —, não eram só os pés que a filhinha de Paquette possuía de graciosos. Eu a vi quando tinha apenas quatro meses: era um amor! Tinha olhos maiores do que a boca e o mais encantador cabelo, negro e fino, que já encaracolavam. Seria uma bela moça aos dezesseis anos! A sua mãe ficava mais louca por ela cada dia que passava. Acariciava-a, beijava-a, lhe fazia cócegas, lavava-a, vestia, mordia! Perdia a cabeça com ela e agradecia a Deus. Os seus lindos pezinhos rosados, principalmente, eram fonte de um abobamento sem fim, de um delírio de alegria! Estava sempre com os lábios colados a eles e não parava de se espantar com a sua pequenez. Ela os punha nos sapatinhos, tirava, admirava-os, maravilhava-se com eles, olhava a claridade através deles, tinha dó de ensiná-los a andar na sua cama, e teria muito bem passado a vida de joelhos, calçando e descalçando aqueles pezinhos como os de um Menino Jesus.

— A história é bonita e boa — disse a meia-voz Gervaise —, mas onde está o Egito nisso tudo?

— Aqui — replicou Mahiette. — Chegaram um dia em Reims uns cavaleiros bem singulares. Eram mendigos e marginais que andavam na região, conduzidos pelo seu duque e pelos seus condes. Eram morenos, de cabelos todo encaracolados e anéis de prata nas orelhas. As mulheres eram ainda mais feias do que os homens. Tinham o rosto mais escuro e sempre descoberto, uma túnica horrível no corpo, um pano velho tecido com cordas, amarrado no ombro, e a cabeleira em

rabo de cavalo. As crianças, que se deitavam nas suas pernas, teriam assustado um macaco. Um bando de excomungados. Tudo isso vinha em linha reta do Baixo Egito a Reims, via Polônia. O papa os confessara, ao que se dizia, e lhes dera como penitência andar sete anos seguidos mundo afora, sem dormir em camas; por isso eles se chamavam penitentes e fediam. Parece que tinham sido, outrora, sarracenos, o que fazia que acreditassem em Júpiter e reclamassem dez libras *tournois* de todos os arcebispos, bispos e abades de capa e mitra. Uma bula papal é que lhes valia isso. Eles vinham a Reims dizer a sorte em nome do rei de Argel e do imperador da Alemanha. Vocês podem imaginar que não precisou mais para que lhes proibissem a entrada na cidade. Então o bando inteiro acampou perto da porta de Braine, naquele morro em que há um moinho, ao lado dos buracos das antigas minas de cal. E foi em Reims uma correria para vê-los. Eles olhavam a sua mão e diziam profecias maravilhosas; eram capazes de prever a Judas que ele seria papa. Corriam, no entanto, sobre eles terríveis boatos de crianças roubadas, bolsas cortadas e carne humana comida. As pessoas sensatas diziam às loucas: não vão lá, e iam por sua vez às escondidas. Era, portanto, um arrebatamento. O fato é que eles diziam coisas de espantar um cardeal. As mães faziam grande exaltação dos filhos, depois de as egípcias lerem na sua mão toda sorte de milagres escritos em pagão e turco. Uma tinha um imperador, outra um papa, outra um capitão. A coitada da Chantefleurie foi tomada pela curiosidade; quis saber o que tinha e se a sua linda Agnès não seria um dia imperatriz da Armênia ou de outra coisa. Levou-a, pois, às egípcias; e as egípcias admiraram a criança, acariciaram-na, beijaram-na com as suas bocas negras, se maravilharam com a sua mãozinha, ai!, para grande alegria da mãe. Encantaram-se sobretudo com os lindos pezinhos e os lindos sapatinhos. A menina ainda não tinha um ano. Já balbuciava, ria para a mãe loucamente, era gorducha e redonda, e tinha mil encantadores gestinhos dos anjos do paraíso. Ficou assustada com as egípcias e chorou. Mas a sua mãe a beijou mais forte e se foi, encantada com a boa ventura que as adivinhas disseram à sua Agnès. Devia ser uma beleza, uma virtude, uma rainha. Ela voltou portanto para seu desvão na Rue Folle-Peine, toda orgulhosa de levar para lá uma rainha. No dia seguinte, aproveitou um instante que a criança dormia na sua cama (porque se deitava sempre com ela), deixou em silêncio a porta entreaberta e foi correndo contar para uma vizinha da Rue de la Séchesserie que viria o dia em que a sua filha Agnès seria servida à mesa pelo rei da Inglaterra e o arquiduque da Etiópia, e cem outras surpresas. Ao voltar, não ouvindo choro ao subir a escada, disse a si mesma: Bom, ela continua dormindo. Encontrou a porta mais aberta do que a deixara; entrou,

porém, pobre mãe, e correu para a cama... A menina não estava mais lá, o seu lugar estava vazio. Não havia mais nada da criança, salvo um dos seus lindos sapatinhos. Ela se precipitou para fora do quarto, desabalou escada abaixo e pôs-se a dar cabeçadas nas paredes, gritando: “Minha filha! Quem está com a minha filha? Quem pegou a minha filha?”. A rua estava deserta, a casa isolada; ninguém pôde lhe dizer nada. Ela foi pela cidade, procurou em todas as ruas, correu para lá e para cá o dia inteiro, louca, desvairada, terrível, farejando nas portas e nas janelas como uma fera que perdeu os filhotes. Estava arquejante, descabelada, pavorosa de se ver, e tinha nos olhos um fogo que secava as suas lágrimas. Parava os passantes e gritava: “Minha filha! Minha filha! Minha linda filha! Quem devolver a minha filha, eu serei sua criada, a criada do seu cachorro, poderá comer o meu coração, se quiser”. Ela encontrou o senhor cura de Saint-Remy e lhe disse: “Senhor cura, eu lavrarei a terra com as minhas unhas, mas devolva a minha filha!”. Era de cortar o coração, Oudarde; e vi um homem bem duro, mestre Ponce Lacabre, o procurador, que chorava: “Ah! Pobre mãe!”. À noite, voltou para casa. Durante a sua ausência, uma vizinha tinha visto duas egípcias subirem sorrateiramente com um pacote nos braços, descerem depois de fechar a porta e fugirem apressadas. Depois que elas se foram, ouvia-se no quarto de Paquette uma espécie de gritos de criança. A mãe riu às gargalhadas, subiu a escada como se tivesse asas, abriu a porta como um canhão de artilharia e entrou... uma coisa horrível, Oudarde! Em vez da sua adorável Agnès, tão rosada e fresca, que era um dom do bom Deus, uma espécie de monstinho, pavoroso, coxo, caolho, deformado, se arrastava guinchando no chão. Ela tapou os olhos horrorizada. “Oh!”, fez ela, “será que as feiticeiras teriam metamorfoseado a minha filha neste animal horripilante?” Apressaram-se a levar o pequeno pernetá; ele a teria enlouquecido. Era uma criança monstruosa de alguma egípcia dada ao diabo. Parecia ter uns quatro anos e falava uma língua que não era humana: eram palavras impossíveis. A Chantefleurie se atirara ao sapatinho que lhe restava de tudo o que ela havia amado. Ficou tanto tempo imóvel, muda, sem respiração, que parecia estar morta. De repente o seu corpo inteiro estremeceu, ela cobriu a sua relíquia de beijos furiosos e se desfez em soluços, como se o seu coração acabasse de estourar. Garanto que nós todas choraríamos também. Ela dizia: “Oh, minha filhinha, minha linda filhinha! Onde você está?”. Era de torcer as entranhas. Eu ainda choro só de pensar. Nossos filhos, sabem?, são o tutano dos nossos ossos... Meu Eustache querido, você é tão bonito! Se vocês soubessem como ele é bonzinho! Ontem ele me dizia: quero ser gendarme. Oh, meu Eustache, se eu te perdesse! A Chantefleurie se levantou de repente e saiu correndo por

Reims aos gritos: “Para o acampamento dos egípcios! Para o acampamento dos egípcios! Chamem os sargentos para queimar as feiticeiras!”. Os egípcios tinham ido embora. Fazia noite fechada. Não puderam persegui-los. No dia seguinte, num mato entre Gueux e Tilloy, encontraram restos de uma grande fogueira, algumas fitas que tinham pertencido à filha de Paquette, gotas de sangue e cocô de bode. A noite que acabava de passar era precisamente a de um sábado. Ninguém duvidou mais que os egípcios tinham feito o sabá naquele mato e que haviam devorado a criança em companhia de Belzebu, como se pratica entre os maometanos. Quando a Chantefleurie ficou sabendo dessas coisas horríveis, não chorou, mexeu os lábios como se fosse falar, mas não conseguiu. No dia seguinte, os seus cabelos estavam grisalhos. No outro dia, ela havia desaparecido.

— Está aí, de fato, uma história terrível — disse Oudarde —, que faria chorar um borguinhão!

— Não me espanta mais — acrescentou Gervaise — que o medo dos egípcios persegue você tão fortemente!

— E você fez muito bem — disse Oudarde — ao fugir há pouco com o seu Eustache, porque aqueles também eram egípcios da Polônia.

— Não — disse Gervaise. — Falam que eles vêm da Espanha e da Catalunha.

— Catalunha? É possível — respondeu Oudarde. — Polônia, Catalunha, Valônia, sempre confundo essas três províncias. O que é certo é que são egípcios.

— E que certamente têm dentes bastante afiados para comerem criancinhas — acrescentou Gervaise. — Eu não ficaria surpresa se a Esmeralda também comesse um pouco, fazendo a sua boquinha. A sua cabra branca tem números maliciosos demais para que não haja alguma libertinagem nisso.

Mahiette caminhava em silêncio. Estava absorta naquele devaneio que é de certo modo o prolongamento de um relato doloroso e que só para depois de propagar o choque, de batimento em batimento, nas últimas fibras do coração. No entanto Gervaise lhe dirigiu a palavra:

— E podemos saber que fim levou a Chantefleurie?

Mahiette não respondeu. Gervaise perguntou de novo, sacudindo-lhe o braço e chamando-a pelo nome. Mahiette pareceu despertar dos seus pensamentos.

— Que fim levou a Chantefleurie? — disse ela, repetindo maquinalmente as palavras cuja impressão era tão fresca em seus ouvidos. Depois, esforçando-se para dirigir sua atenção ao sentido dessas palavras: — Ah! — exclamou com vivacidade —, nunca se

soube.

Acrescentou, depois de uma pausa:

— Uns dizem que a viram sair de Reims na boca da noite pela porta Fléchembault; outros, ao raiar do dia pela velha porta Basée. Um pobre encontrou sua cruz de ouro pendurada na cruz de pedra no campo onde se faz a feira. Essa joia é que a perdeu, em 1461. Era um presente do belo visconde de Cormontreuil, o seu primeiro amante. Paquette nunca quis se desfazer dela, por mais miserável que tenha sido. Apegava-se a ela como à vida. Por isso, quando vimos o abandono dessa cruz, pensamos todos que ela estava morta. No entanto umas pessoas do Cabaret-les-Vautes dizem tê-la visto passar no caminho de Paris, andando descalça sobre as pedras. Mas nesse caso ela teria saído pela porta de Vesle, e não há acordo quanto a isso tudo. Ou, dizendo melhor, acho que ela saiu de fato pela porta de Vesle, mas saiu deste mundo.

— Não entendi — disse Gervaise.

— O Vesle — respondeu Mahiette com um sorriso melancólico — é o rio.

— Pobre Chantefleurie! — fez Oudarde, se arrepiando. — Afogada!

— Afogada! — repetiu Mahiette. — E quem teria dito ao bom Guybertaut quando ele passava sob a Pont de Tinquieux na correnteza, cantando no seu barco, que um dia a sua querida Paquette também passaria sob essa ponte, mas sem canção e sem barco?

— E o sapatinho? — perguntou Gervaise.

— Desapareceu com a mãe — respondeu Mahiette.

— Pobre sapatinho! — disse Oudarde.

Oudarde, mulher gorda e sensível, teria ficado satisfeita com suspirar acompanhando Mahiette. Mas Gervaise, mais curiosa, não havia esgotado suas perguntas.

— E o monstro? — perguntou de repente a Mahiette.

— Que monstro? — indagou esta.

— O monstrinho egípcio deixado pelas feiticeiras na casa da Chantefleurie em troca da filha. O que vocês fizeram dele? Espero que o tenham afogado também.

— Não, senhora — respondeu Mahiette.

— Como! Queimaram, então? Aliás, é mais justo. Uma criança feiticeira!

— Nem uma coisa nem outra. O senhor arcebispo se interessou pela criança do Egito, exorcizou-a, abençoou-a, tirou-lhe cuidadosamente o diabo do corpo e a enviou a Paris para ser exposta na cama de madeira, em Notre-Dame, como criança encontrada.

— Esses bispos! — fez Gervaise, resmungando. — Por serem sábios não fazem nada como os outros. Eu lhe pergunto, Oudarde, pôr o

diabo entre as crianças encontradas! Porque era com certeza o diabo, esse monstinho. Pois bem, Mahiette, o que fizeram dele em Paris? Espero que nenhuma pessoa caridosa o tenha querido.

— Não sei — respondeu Mahiette. — Foi justamente nessa época que o meu marido comprou o tabelionato de Beru, a duas léguas da cidade, e não nos interessamos mais por essa história; além disso, em frente a Beru ficam os dois morros de Cernay, que nos tiram a vista dos campanários da cidade de Reims.

Enquanto falavam assim, as três dignas burguesas tinham chegado à Place de Grève. Em sua preocupação, elas haviam passado sem parar em frente ao breviário público da Tour-Roland e se dirigiam maquinalmente para o pelourinho em torno do qual a multidão crescia a cada instante. É provável que o espetáculo que atraía nesse momento todos os olhares as tenha feito esquecer completamente o Buraco dos Ratos e a parada que elas tinham se proposto a fazer nele, se o gorducho Eustache, de seis anos, que Mahiette arrastava pela mão, não lhes tivesse bruscamente lembrado esse objetivo:

— Mãe — disse ele, como se algum instinto o avisasse de que o Buraco dos Ratos tinha ficado para trás —, agora posso comer a torta?

Se Eustache tivesse sido mais hábil, quer dizer menos guloso, teria esperado mais, e só na volta, na Universidade, na casa de mestre Andry Musnier, na Rue Madame-la-Valence, quando os dois braços do Sena e as cinco Pontes da Cité estivessem entre o Buraco dos Ratos e a torta, ele teria arriscado esta pergunta tímida: “Mãe, agora posso comer a torta?”.

Essa mesma pergunta, imprudente no momento em que Eustache a fez, despertou a atenção de Mahiette.

— Falando nisso — ela exclamou —, esquecemos da reclusa! Me mostrem então o tal Buraco dos Ratos, para eu lhe levar a torta.

— É para já — disse Oudarde —, é uma caridade.

Não era o que Eustache pensava.

— Minha torta! — disse ele batendo as orelhas nos ombros, o que em semelhante caso é o sinal supremo de descontentamento.

As três mulheres voltaram atrás e, ao chegarem perto da casa da Tour-Roland, Oudarde disse às outras duas:

— Não devemos olhar as três de uma vez para o buraco, a fim de não assustar a beata. Finjam, vocês duas, que estão lendo o *dominus* no breviário, enquanto eu meto o nariz na lucarna; a beata me conhece um pouco. Eu aviso quando puderem vir.

Foi sozinha até a lucarna. No momento em que sua vista penetrou nela, uma profunda piedade se pintou em todos os seus traços e sua alegre e franca fisionomia mudou tão bruscamente de expressão e de cor, como se ela houvesse passado de um raio de sol a um raio de lua;

seus olhos ficaram úmidos, sua boca se contraiu como quando a gente vai chorar. Um momento depois, ela pôs um dedo nos lábios e fez sinal para Mahiette ir ver.

Mahiette foi, comovida, em silêncio e na ponta dos pés, como quando a gente se aproxima do leito de um moribundo.

Era de fato um triste espetáculo o que se oferecia aos olhos das duas mulheres, enquanto olhavam sem se mexer nem respirar pela lucarna gradeada do Buraco dos Ratos.

A cela era estreita, mais larga do que profunda, abobadada em ogiva e, vista em seu interior, parecia muito com o alvéolo de uma grande mitra de bispo. Nas lajes nuas que formavam seu chão, num canto, uma mulher estava sentada, ou antes, agachada. Seu queixo se apoiava nos joelhos, que seus braços cruzados apertavam fortemente contra o peito. Encolhida assim sobre si mesma, vestida com um saco marrom que a envolvia totalmente em largas dobras, seus longos cabelos grisalhos jogados para a frente, caindo sobre o rosto, ao longo das pernas até os pés, ela apresentava à primeira vista apenas uma forma estranha, recortada contra o fundo tenebroso da cela, uma espécie de triângulo escuro, que o raio de luz vindo da lucarna dividia cruamente em duas nuances, uma escura, a outra clareada. Era um desses espectros metade sombra, metade luz, como vemos nos sonhos e na obra extraordinária de Goya, pálidos, imóveis, sinistros, acorados numa tumba ou encostados na grade de um calabouço. Não era nem uma mulher, nem um homem, nem um ser vivo, nem uma forma definida: era uma figura, uma espécie de visão sobre a qual se entrecortavam o real e o fantástico, como a sombra e a luz. Mal se distinguia, sob seus cabelos espalhados até o chão, um perfil emagrecido e severo; mal sua roupa deixava passar a ponta de um pé nu, que se crispava na pedra rígida e gelada. O pouco de forma humana que se entrevia sob essa envoltura de luto causava arrepios.

Essa figura, que se diria chumbada nas lajotas, parecia não ter nem movimento, nem pensamento, nem respiração. Sob aquele fino saco de pano, em janeiro, jazendo num chão de granito, sem fogo, na sombra de um calabouço cujo respiro oblíquo só deixava chegar de fora o vento norte e nunca o sol, ela não parecia sofrer, nem mesmo sentir. Dir-se-ia que se fizera pedra com a masmorra, gelo com a estação do ano. Suas mãos estavam juntas; seus olhos, fixos. À primeira vista, você a tomava por um espectro; à segunda, por uma estátua.

No entanto, por intervalos seus lábios azulados se entreabriam para um sopro e tremiam, mas tão mortos e maquinais quanto as folhas que se afastam ao vento.

No entanto, de seus olhos melancólicos escapava um olhar, um olhar inefável, um olhar profundo, lúgubre, imperturbável,

incessantemente fixado num canto da cela que não se podia ver de fora; um olhar que parecia ligar todos os sombrios pensamentos dessa alma angustiada a algum objeto misterioso.

Era assim a criatura que recebia por seu habitáculo o nome de *reclusa* e por sua vestimenta o nome de *beata*.

As três mulheres, porque Gervaise se reunira a Mahiette e a Oudarde, olhavam pela lucarna. A cabeça delas interceptava a luz fraca da masmorra, sem que a miserável que elas privavam assim da luz parecesse prestar atenção nelas.

— Não vamos perturbá-la — disse Oudarde em voz baixa —, ela está no seu êxtase: ela reza.

No entanto Mahiette considerava com uma ansiedade crescente aquela cabeça macilenta, seca, descabelada, e seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Seria bem singular — ela murmurava.

Passou a cabeça através das barras do respiro e conseguiu fazer seu olhar chegar ao canto a que o olhar da infeliz estava invariavelmente preso.

Quando ela retirou a cabeça da lucarna, seu rosto estava inundado de lágrimas.

— Como vocês chamam esta mulher? — perguntou a Oudarde.

Oudarde respondeu:

— Nós a chamamos de irmã Gudule.

— E eu — replicou Mahiette —, eu a chamo de Paquette la Chantefleurie.

Então, pondo um dedo na boca, fez sinal para que Oudarde, estupefata, enfiasse a cabeça na lucarna e olhasse.

Oudarde olhou e viu, no canto em que o olho da reclusa estava fixo com aquele êxtase sombrio, um sapatinho de cetim cor-de-rosa, bordado com mil lantejoulas douradas e prateadas.

Gervaise olhou depois de Oudarde, e então as três mulheres, considerando a desditada mãe, puseram-se a chorar.

Mas nem seus olhares nem suas lágrimas haviam distraído a reclusa. Suas mãos estavam juntas, seus lábios, mudos, e, para quem sabia sua história, aquele sapatinho assim olhado partia o coração.

As três mulheres ainda não haviam proferido uma só palavra; não ousavam falar, nem em voz baixa. Esse grande silêncio, essa grande dor, esse grande esquecimento, em que tudo havia desaparecido menos uma coisa, lhes causava o efeito de um altar-mor da Páscoa ou do Natal. Elas se calavam, se recolhiam, estavam prestes a se ajoelhar. Parecia-lhes que acabavam de entrar numa igreja no dia das Trevas.

Enfim Gervaise, a mais curiosa das três e, por conseguinte, a menos sensível, tentou fazer a reclusa falar:

— Irmã! Irmã Gudule!

Repetiu três vezes o chamado, erguendo a voz cada vez mais. A reclusa não se mexeu; nem uma palavra, nem um olhar, nem um suspiro, nem um sinal de vida.

Oudarde, por sua vez, com uma voz mais doce e mais acariciante:

— Irmã! — disse ela. — Irmã Gudule!

Mesmo silêncio, mesma imobilidade.

— Uma mulher singular! — exclamou Gervaise. — Não teria se alterado com uma bombarda.

— Talvez esteja surda — disse Oudarde suspirando.

— Talvez cega — acrescentou Gervaise.

— Talvez morta — replicou Mahiette.

É verdade que, se a alma ainda não havia deixado aquele corpo inerte, adormecido, letárgico, pelo menos se retirara e se escondera em profundidades onde as percepções dos órgãos externos não chegavam mais.

— Assim sendo — disse Oudarde —, vamos ter que deixar a torta na lucarna; alguém a pegará. Como fazer para acordá-la?

Eustache, que até esse momento estivera distraído com uma carrocinha puxada por um grande cachorro, que acabava de passar, percebeu de repente que suas três condutoras olhavam para alguma coisa na lucarna, e a curiosidade se apossando dele por sua vez, trepou num pilarete, ergueu-se na ponta dos pés e aplicou seu rosto avermelhado e gorducho contra a abertura, dizendo:

— Mãe, deixe eu ver!

Ouvindo essa voz de criança, clara, fresca, sonora, a reclusa estremeceu. Virou a cabeça com o movimento seco e brusco de uma mola de aço, suas mãos compridas e descarnadas foram afastar os cabelos da testa, e ela fitou o menino com olhos espantados, amargos, desesperados. Esse olhar não passou de um lampejo.

— Oh, meu Deus! — gritou de repente, escondendo a cabeça nos joelhos, e parecia que sua voz rouca rasgava-lhe o peito ao passar. — Pelo menos não me mostre os filhos dos outros.

— Bom dia, senhora — disse o menino com gravidade.

No entanto, esse choque tinha, por assim dizer, despertado a reclusa. Um longo arrepio percorreu todo o seu corpo, da cabeça aos pés; seus dentes bateram, ela ergueu um pouco a cabeça e disse, apertando os cotovelos contra as ancas e segurando os pés nas mãos como para aquecê-los:

— Oh, que frio!

— Pobre mulher! — disse Oudarde com grande dó —, quer um pouco de fogo?

Ela balançou a cabeça, em sinal de recusa.

— Pois bem — Oudarde voltou à carga apresentando-lhe um frasco —, este hipocraz aquecerá você. Beba.

Ela sacudiu de novo a cabeça, olhou para Oudarde fixamente e respondeu:

— Água.

Oudarde insistiu:

— Não, irmã, água não é uma bebida para janeiro. Tem de tomar um pouco de hipocraz e comer esta torta de levedo de milho, que assamos para você.

Ela repeliu a torta que Mahiette lhe apresentava e disse:

— Pão preto.

— Bom — disse Gervaise, tomada por sua vez pela caridade. E, desfazendo sua sobreveste de lã: — Tome uma sobreveste um pouco mais quente do que a sua. Cubra os seus ombros com isso.

Ela recusou, como fizera com o frasco e a torta, e respondeu:

— Um saco.

— Mas você deve ter percebido — replicou a boa Oudarde — que ontem era dia de festa.

— Percebi — disse a reclusa. — Faz dois dias que não tenho mais água na minha jarra.

Acrescentou depois de um silêncio:

— É dia de festa, me esquecem. Fazem muito bem. Por que o mundo pensaria em mim, que não penso nele? Carvão apagado, cinza fria.

E como se cansada de ter falado tanto, deixou a cabeça cair sobre as pernas. A simples e caridosa Oudarde, que acreditou compreender por suas últimas palavras que ela falava do frio, respondeu-lhe ingenuamente:

— Então quer um pouco de fogo?

— Fogo! — disse a beata num tom estranho. — E a senhora faria um pouco também para a pobre pequena que está enterrada faz quinze anos?

Todos os seus membros tremeram, sua fala vibrava, seus olhos brilhavam, ela se pusera de joelhos; estendeu de repente a mão branca e magra para o menino que olhava para ela com um ar espantado:

— Levem esta criança! — exclamou. — A egípcia vai passar!

Então ela caiu de cara contra a terra, e sua testa bateu na laje do chão com o barulho de uma pedra numa pedra. As três mulheres acharam que ela tinha morrido. Um momento depois, porém, ela se mexeu, e elas a viram se arrastar sobre os cotovelos e os joelhos até o canto em que estava o sapatinho. Então elas não ousaram olhar; não a viram mais; no entanto, ouviram mil beijos e mil suspiros, mesclados com gritos dilacerantes e batidas surdas como as de uma cabeça

contra uma muralha; depois, em seguida a uma dessas batidas, tão violenta que as três estremeceram, não ouviram mais nada.

— Será que ela se matou? — disse Gervaise, arriscando-se a enfiar a cabeça no respiro. — Irmã! Irmã Gudule!

— Irmã Gudule! — repetiu Oudarde.

— Ah, meu Deus! Ela não se mexe mais! — tornou Gervaise. — Será que está morta? Gudule! Gudule!

Mahiette, sufocada a ponto de não poder falar, fez um esforço.

— Esperem — disse ela. Depois, debruçando-se na lucarna: — Paquette! — disse. — Paquette la Chantefleurie!

Uma criança que sopra ingenuamente na mecha mal acesa de uma bombinha e a estoura nos olhos não fica mais espantada do que ficou Mahiette, com o efeito desse nome bruscamente lançado na cela da irmã Gudule.

A reclusa estremeceu com todo o seu corpo, levantou-se sobre os pés descalços e pulou para a lucarna com olhos tão flamejantes que Mahiette e Oudarde, e a outra mulher e a criança recuaram até o parapeito do cais.

Enquanto isso a sinistra figura da reclusa aparecia colada à grade do respiro.

— Oh! Oh! — ela gritava com um riso aterrorizante. — É a egípcia que me chama!

Nesse momento, uma cena que se passava no pelourinho deteve seus olhos esgazeados. Sua testa se franziu de horror, ela estendeu para fora do seu cubículo seus braços de esqueleto e exclamou com uma voz que parecia um estertor:

— É você ainda, filha do Egito! É você que me chama, ladra de crianças! Pois bem, maldita seja você! Maldita! Maldita! Maldita!

205. Tecido grosseiro, mescla de lã, linho e algodão.

206. “A passos não iguais.” Virgílio, *Eneida*, II, 724.

207. Mítico imperador cristão da Abissínia.

208. *Paquette*, *paquerette*: margarida.

209. Esposa do senhor do Dauphiné, região da França.

UMA LÁGRIMA POR
UMA GOTA D'ÁGUA

Essas palavras eram, por assim dizer, o ponto de junção de duas cenas que até então tinham se desenvolvido paralelamente no mesmo momento, cada qual em seu teatro particular: uma, que acabamos de ler no Buraco dos Ratos; a outra, que vamos ler na escada do pelourinho. A primeira só tivera por testemunhas as três mulheres com as quais o leitor acaba de travar conhecimento; a segunda tivera por espectadores todo o público que vimos acima se aglomerar na Place de Grève, em torno do pelourinho e da forca.

Essa multidão, para a qual os quatro sargentos que tinham se postado desde as nove da manhã nos quatro cantos do pelourinho haviam feito esperar uma execução tal qual, sem dúvida não um enforcamento, mas uma chibata, uma mutilação das orelhas, alguma coisa enfim, essa multidão tinha crescido tão rápido que os quatro sargentos, abordados de muito perto, tiveram mais de uma vez necessidade de *cerrá-la*, como se dizia então, a grandes chicotadas e ancas de cavalo.

Esse populacho, disciplinado à espera das execuções públicas, não manifestava muita impaciência. Ele se divertia olhando para o pelourinho, espécie de monumento muito simples composto de um cubo de alvenaria de uns dez pés de altura, oco no interior. Uma escada muito rude de pedra bruta conduzia à plataforma superior, em cima da qual se percebia uma roda horizontal de carvalho. Amarrava-se o réu nessa roda, de joelhos e braços atrás das costas. Um eixo de madeira, acionado por um cabrestante escondido no interior da pequena construção, imprimia uma rotação na roda sempre mantida no plano horizontal e apresentava, desse modo, a face do condenado sucessivamente a todos os pontos da praça. É o que se chamava girar um criminoso.

Como se vê, o pelourinho da Grève estava longe de oferecer todas

as recreações do pelourinho de Les Halles. Nada de arquitetônico. Nada de monumental. Nada de telhado com cruz de ferro, nada de lanterna octogonal, nada de frágeis colunetas indo desabrochar na beira do telhado em capitéis de acantos e de flores, nada de gárgulas quiméricas e monstruosas, nada de madeira cinzelada, nada de fina escultura profundamente escavada na pedra.

Havia que se contentar com aquelas quatro superfícies de pedra de cantaria com duas lajes verticais de granito e com uma feia força de pedra, magra e nua, ao lado.

O regalo teria sido pouco para os amantes da arquitetura gótica. É verdade que ninguém era menos interessado por monumentos do que os bravos curiosos da Idade Média e que eles pouco se preocupavam com a beleza de um pelourinho.

O réu chegou enfim amarrado à traseira de uma carroça e, quando foi içado para a plataforma, quando puderam vê-lo de todos os pontos da praça preso com cordas e correias na roda do pelourinho, uma vaia prodigiosa, mesclada de risadas e aclamações, irrompeu na praça. Haviam reconhecido Quasímodo.

Era ele, de fato. O regresso era estranho. Havia sido posto no pelourinho na mesma praça em que na véspera fora saudado, aclamado e conclamado papa e príncipe dos loucos, em cortejo do duque do Egito, do rei de Túnis e do imperador da Galileia. O que há de certo é que não havia um espírito na multidão, nem mesmo ele, sucessivamente triunfante e réu, que realizasse com nitidez essa aproximação em seu pensamento. Gringoire e sua filosofia faltavam a esse espetáculo.

Logo, Michel Noiret, trombeteiro juramentado do rei nosso senhor, mandou os labregos fazerem silêncio e gritou a sentença, obedecendo às ordens do senhor preboste. Depois recuou para trás da carroça com sua gente de libré.

Quasímodo, impassível, nem pestanejava. Toda resistência se tornara impossível para ele pelo que se chamava então, em estilo de chancelaria criminal, *a veemência e a firmeza das amarras*, o que significa dizer que os couros e as correntes deviam estar penetrando sua carne. Por sinal, é uma tradição das masmorras e galés que não se perdeu, e que as algemas ainda conservam preciosamente entre nós, povo civilizado, doce, humano (os trabalhos forçados e a guilhotina entre parênteses).

Ele se deixara levar, empurrar, carregar, içar, amarrar e tornar a amarrar. Não se podia adivinhar nada sobre sua fisionomia, além de um espanto selvagem ou idiota. Sabia-se que era surdo, dir-se-ia que era cego.

Puseram-no de joelhos na prancha circular: ele se deixou pôr.

Tiraram-lhe a camisa e o gibão até a cintura: deixou tirarem. Enrolaram-no com um novo sistema de correias e fivelas: ele se deixou afivelar e amarrar. Só de quando em quando ele soprava com estrépito, como um vitelo cuja cabeça pende e se sacode na beira da carroça do açougueiro.

— Palerma — disse Jehan Frollo du Moulin a seu amigo Robin Poussepain (porque os dois estudantes haviam seguido o réu, como reza o figurino) —, ele entende o que acontece tanto quanto um besouro fechado numa caixa!

Foi um frouxo de riso na multidão quando viram a nu a corcunda de Quasímodo, seu peito de camelo, seus ombros calosos e peludos. Durante toda essa alegria, um homem com a libré da cidade, de baixa estatura e aspecto robusto, subiu na plataforma e foi se postar perto do réu. Seu nome circulou depressa na assistência. Era Pierrat Torterue, torturador juramentado do Châtelet.

Ele começou pousando num canto do pelourinho uma ampolheta preta cuja cápsula superior era cheia de areia vermelha que escorria no recipiente inferior; depois tirou sua sobreveste, e viram empunhado por sua mão direita um chicote fino com compridas correias brancas, luzidias, nodosas, trançadas, armadas com unhas de metal. Com a mão esquerda, ele arregaçava com negligência a camisa em torno do braço direito, até a axila.

Enquanto isso, Jehan Frollo gritava, erguendo a cabeça loura e frisada acima da multidão (para tanto, tinha trepado nos ombros de Robin Poussepain):

— Venham ver, senhores e senhoras! Vai ser flagelado peremptoriamente mestre Quasímodo, o sineiro do meu irmão, o senhor arquiidiácono de Josas, uma esquisita arquitetura oriental, que tem as costas em domo e as pernas em colunas torsas.

E a multidão dava risada, sobretudo as crianças e as mocinhas.

Por fim o torturador bateu o pé. A roda se pôs a girar. Quasímodo balançou sob as amarras. O estupor que se pintou bruscamente em seu rosto disforme fez as gargalhadas dobrarem ao redor.

De repente, no momento em que a roda em sua revolução apresentou a mestre Pierrat o dorso montuoso de Quasímodo, o torturador ergueu o braço; as finas correias assobiaram asperamente no ar como um punhado de cobras e caíram com fúria nos ombros do miserável.

Quasímodo estremeceu bruscamente, como despertado em sobressalto. Começava a entender. Contorceu-se em suas amarras; uma violenta contração de surpresa e de dor decompôs os músculos de sua face; mas ele não soltou um só suspiro. Apenas virou a cabeça para trás, à direita, depois à esquerda, balançando-a como faz um touro

ferroado no flanco por uma mutuca.

Uma segunda chicotada seguiu-se à primeira, depois uma terceira, e mais outra, mais outra, e sempre. A roda não parava de girar nem as chicotadas de chover. Logo o sangue jorrou, viram-no escorrer por mil filetes sobre as espáduas escuras do corcunda; e as delgadas correias, em sua rotação que rasgava o ar, o espalhavam em gotas na multidão.

Quasímodo havia retomado, pelo menos aparentemente, sua impassibilidade inicial. Tentara, primeiro às surdas e sem grande abalo externo, arrebentar as amarras. Viram seu olho se acender, seus músculos se retesarem, seus membros se contraírem e as correias e correntes se esticarem. O esforço era poderoso, prodigioso, desesperado; mas os velhos apetrechos de tortura do prebostado resistiram. Estalaram, mas foi só. Quasímodo cedeu, exausto. O estupor deu lugar, em seus traços, a um sentimento de amargor e a um profundo desencorajamento. Fechou o olho único, deixou a cabeça cair sobre o peito, fez-se de morto.

Depois disso, não se mexeu mais. Nada podia lhe arrancar nenhum movimento. Nem seu sangue, que não parava de escorrer, nem as chicotadas que redobravam de furor, nem a cólera do torturador que se excitava e se embriagava com a execução, nem o ruído das correias, mais aceradas e sibilantes do que patas de mosquito.

Por fim, um oficial de justiça do Châtelet, vestido de preto, montando um cavalo preto, parado desde o início da execução junto da escada, estendeu sua vareta de ébano para a ampulheta. O torturador parou. A roda parou. O olho de Quasímodo se abriu lentamente.

A flagelação havia terminado. Dois lacaios do torturador juramentado lavaram os ombros ensanguentados do réu, esfregaram-nos com não sei que unguento que fechou na hora todas as chagas e jogaram em suas costas uma espécie de canga cortada em forma de casula. Enquanto isso, Pierrat Torterue fazia gotejar no chão as correias vermelhas e empapadas de sangue.

Não estava tudo terminado para Quasímodo. Ainda lhe restava suportar aquela hora de pelourinho que mestre Florian Barbedienne havia tão judiciosamente acrescentado à sentença de *messire* Robert d'Estouteville. Tudo isso para a maior glória do velho jogo de palavras fisiológico e psicológico de Jean de Cumène: *Surdus absurdus*.²¹⁰

Viraram, portanto, a ampulheta e deixaram o corcunda amarrado à prancha para que a justiça fosse feita até o fim.

Na Idade Média, o povo é, na sociedade, o que a criança é na família. Enquanto ele permanecer nesse estado de ignorância inicial, de menoridade moral e intelectual, pode-se dizer dele como da criança: “Essa idade não tem piedade”.²¹¹

Já mostramos que Quasímodo era geralmente odiado por mais de uma boa razão, é verdade. Não devia haver nessa multidão um só espectador que não acreditasse ter do que se queixar do malvado corcunda de Notre-Dame. Havia sido universal a alegria de vê-lo aparecer no pelourinho; e a rude execução que ele acabara de sofrer e a lamentável postura em que ela o deixara, longe de enternecer o populacho, tornara a raiva deste mais malvada ao armá-la com uma ponta de alegria.

Assim, uma vez satisfeita a *vindita pública*, como ainda hoje dizem em seu jargão os homens da lei, foi a vez de mil vinganças particulares. Aqui como na Grande Sala, eram as mulheres principalmente que estouravam. Todas guardavam por ele certo rancor, umas de sua malícia, outras de sua feiura. Estas últimas eram as mais furiosas.

— Oh, máscara do Anticristo! — dizia uma.

— Cavalgador de cabo de vassoura! — berrava outra.

— Que bela careta trágica! — urrava uma terceira. — E quem faria o papa dos loucos, se hoje fosse ontem?

— Muito bom — dizia por sua vez uma velha. — Esta é a careta do pelourinho. Quando será a vez da careta da força?

— Quando você terá a cabeça coberta pelo seu grande sino, a cem pés debaixo da terra, maldito sineiro?

— E é esse diabo que toca o ângelus?

— Oh! O surdo! O caolho! O corcunda! O monstro!

— Uma figura a fazer uma gravidez abortar melhor do que todas as medicinas e fármacos!

E os dois estudantes, Jehan du Moulin e Robin Poussepain, cantavam a todo pulmão o velho refrão popular:

Une hart

Pour le pendard,

Un fagot

*Pour le magot!*²¹²

Mil outras injúrias choviam, e as vaias, e as imprecações, e as risadas, e as pedradas aqui e ali.

Quasímodo era surdo, mas enxergava bem, e a fúria pública estava tão energicamente pintada nos rostos quanto nas palavras. Aliás, as pedradas explicavam as gargalhadas.

Ele aguentou firme, de início. Mas pouco a pouco essa paciência, que tinha resistido firme sob o chicote do torturador, fraquejou e cedeu a todas essas picadas de insetos. O boi das Astúrias, que se incomodou pouco com os ataques do picador, se irrita com os

cachorros e as bandarilhas.

Primeiro passeou lentamente um olhar de ameaça pela multidão. Mas, amarrado como estava, seu olhar foi impotente para espantar essas moscas que mordiam sua chaga. Então ele se agitou nas amarras, e seus sobressaltos furiosos fizeram a velha roda do pelourinho gritar em sua prancha. Com isso, as zombarias e as vaias aumentaram.

Então o miserável, não podendo arrebentar sua coleira de fera acorrentada, ficou novamente tranquilo; só por intervalos um suspiro de raiva levantava todas as cavidades de seu peito. Não havia em seu rosto nem vergonha nem rubor. Ele estava longe demais do estado de sociedade e perto demais do estado de natureza para saber o que é a vergonha. Aliás, nesse ponto de deformidade, a infâmia é coisa sensível? Mas a cólera, o ódio, o desespero faziam baixar lentamente sobre aquele rosto horrendo uma nuvem cada vez mais sombria, cada vez mais carregada de uma eletricidade que eclodia em mil relâmpagos no olho do ciclope.

Mas essa nuvem clareou por um momento ao passar uma mula que atravessava a multidão e trazia um padre. Ao avistar lá longe essa mula e esse padre, o rosto do pobre réu se suavizou. Ao furor que o contraía sucedeu um sorriso estranho, cheio de uma doçura, de uma mansuetude, de uma ternura inefáveis. À medida que o padre se aproximava, esse sorriso se tornava mais nítido, mais distinto, mais radioso. Era como a vinda de um salvador que o infeliz saudava. Todavia, no momento em que a mula chegou perto o bastante do pelourinho para que seu cavaleiro pudesse reconhecer o réu, o padre baixou os olhos, mudou de direção, esporeou a mula, como se tivesse pressa de se livrar de reclamações humilhantes e bem pouco preocupado em ser cumprimentado e reconhecido por um pobre-diabo em semelhante postura.

Esse padre era o arqui-diácono Claude Frollo.

A nuvem voltou a cair mais sombria na frente de Quasímodo. O sorriso ainda se misturou a ela por algum tempo, mas amargo, desanimado, profundamente triste.

O tempo passava. Ele estava ali fazia uma hora e meia, pelo menos, dilacerado, maltratado, escarnecido sem parar e quase lapidado.

De repente agitou-se de novo em seus grilhões com um redobramento de desespero que fez tremer todo o madeirame que o sustentava e, quebrando o silêncio que havia obstinadamente guardado até então, gritou com uma voz rouca e furiosa que mais parecia um latido do que um grito humano e que encobriu o barulho das vaias:

— Água!

Essa exclamação de angústia, longe de comover as compaixões, foi

mais um motivo de distração para o popular parisiense que envolvia a escada e que, há que dizer, pego em massa e como multidão não era então menos cruel e menos boçal do que aquela horrível tribo dos marginais a que já levamos o leitor e que era simplesmente a camada mais inferior do povo. Nem uma voz se ergueu em torno do desgraçado réu, salvo para zombar de sua sede. É verdade que nesse momento ele era mais grotesco e repulsivo do que lamentável, com sua cara arroxeadada e empapada, o olho esgazeado, a boca espumando de cólera e sofrimento, e a língua para fora. Há que dizer ainda que, se se encontrasse na turba uma boa alma caridosa de burguês ou de burguesa que se sentisse tentada a levar um copo d'água para aquela miserável criatura em sofrimento, reinava em torno dos degraus infames do pelourinho tal preconceito vergonhoso e ignominioso que teria bastado para repelir o bom samaritano.

Ao fim de alguns minutos, Quasímodo passeou pela multidão um olhar desesperado e repetiu com uma voz mais pungente ainda:

— Água!

E todos riram.

— Beba isso! — gritava Robin Poussepain, jogando-lhe uma esponja arrastada na vala. — Tome, seu surdo horroroso! Estou em dívida com você.

Uma mulher lhe atirava uma pedra na cabeça:

— Isto é para você aprender a não nos acordar de noite com o seu carrilhão de danado.

— E então, filho — urrava um aleijado fazendo um esforço para alcançá-lo com sua muleta —, ainda vai nos lançar feitiços do alto das torres de Notre-Dame?

— Olhe aqui uma boa tigela para você beber! — dizia um homem atirando-lhe no peito uma jarra quebrada. — Foi você que, só de passar na frente da minha mulher, fez que ela parisse uma criança com duas cabeças!

— E minha gata, um gato de seis patas! — gania uma velha atirando nele uma telha.

— Água! — repetiu pela terceira vez Quasímodo, arquejante.

Nesse momento viu o populacho abrir alas. Uma moça estranhamente vestida saiu da multidão. Estava acompanhada por uma cabrinha branca, de chifres dourados, e levava na mão um pandeiro.

O olho de Quasímodo coruscou. Era a boêmia que ele tentara raptar na noite anterior, cena pela qual sentia confusamente que o castigavam naquele instante; o que de resto não era nem um pouco verdade, pois ele tinha sido punido apenas pela infelicidade de ser surdo e ter sido julgado por um surdo. Não duvidou que ela viesse se

vingar também e maltratá-lo como os outros.

De fato, ele a viu subir rapidamente a escada. A cólera e o despeito o sufocavam. Ele gostaria de poder fazer o pelourinho desmoronar, e se o brilho do seu olho pudesse fulminar, a egípcia teria virado pó antes de chegar à plataforma.

Sem dizer palavra, ela se aproximou do réu que se contorcia em vão para dela escapar e, tirando uma garrafa da cintura, levou-a suavemente aos lábios áridos do miserável.

Então, naquele olho até o momento tão seco e ardente, viram rolar uma grossa lágrima que caiu devagar ao longo desse rosto disforme e por tanto tempo contraído pelo desespero. Talvez fosse a primeira que o infortunado derramara na vida.

Enquanto isso, ele esquecia de beber. A egípcia fez seu muxoxo com impaciência e apoiou, sorrindo, o gargalo na boca dentada de Quasímodo. Ele bebeu a grandes goles. Sua sede era ardente.

Quando acabou, o miserável espichou seus lábios negros, sem dúvida para beijar a mão que acabava de assisti-lo. Mas a moça, que talvez tivesse certa dose de desconfiança e que se lembrava da violenta tentativa da noite, retirou a mão com o gesto apavorado da criança que teme ser mordida por um animal.

Então o pobre surdo fixou nela um olhar cheio de reprovação e de uma tristeza inexprimível.

Em qualquer lugar teria sido um espetáculo comovente aquela bela moça, fresca, pura, encantadora e tão frágil ao mesmo tempo, acorrendo piedosamente a socorrer tanta miséria, deformidade e maldade. Num pelourinho, esse espetáculo era sublime.

Até aquele povo emocionou-se com ele e pôs-se a aplaudir, gritando: Noel! Noel!

Foi nesse momento que a reclusa percebeu, da lucarna do seu buraco, a egípcia no pelourinho e lhe lançou uma impreciação sinistra:

— Maldita sejas tu, filha do Egito! Maldita! Maldita!

210. “O surdo é absurdo.”

211. Citação de La Fontaine, “Os dois pombos”. (N. E.)

212. “Uma corda/ para quem merece a forca,/ Um feixe de lenha/ para o homem feio!”

FIM DA HISTÓRIA DA TORTA

Esmeralda empalideceu e desceu do pelourinho trêmula. A voz da reclusa ainda a perseguiu:

— Desça! Desça! Ladra do Egito, você é que vai subir lá!

— A beata com as suas maluquices — disse o povo murmurando; e nada mais, porque mulheres desse tipo eram temidas, o que as tornava sagradas. Ninguém, então, molestava de bom grado quem rezava dia e noite.

Chegara a hora de levar Quasímodo. Soltaram-no, a multidão se dispersou.

Perto do Grand-Pont, Mahiette, que voltava de lá com as duas amigas, deteve-se bruscamente:

— Aliás, Eustache, o que você fez com a torta?

— Mãe — disse o menino —, enquanto vocês falavam com aquela dama que estava no buraco, apareceu um cachorrão que mordeu a minha torta, então eu comi também.

— Quer dizer que o senhor comeu tudo? — ela replicou.

— Mãe, foi o cachorro. Eu disse a ele, ele não me deu ouvidos. Então eu mordi também, ora!

— Esse menino é terrível — disse a mãe sorrindo e ralhando ao mesmo tempo. — Viu só, Oudarde? Ele já comeu sozinho toda a cerejeira do nosso quintal de Charlerange. Por isso o avô dele disse que ele será capitão. — Se eu pegá-lo fazendo isso de novo, sr. Eustache! Ouviu, seu leãozão?

LIVRO VII

DO PERIGO DE CONFIAR SEU SEGREDO
A UMA CABRA

Várias semanas tinham passado.

Estava-se nos primeiros dias de março. O sol, que Dubartas, o clássico ancestral da perífrase, ainda não havia denominado de *o grão-duque das velas*, nem por isso era menos alegre e radiante. Era um desses dias de primavera que têm tanta doçura e beleza que toda Paris, espalhada nas praças e nos passeios, os festeja como se fossem domingos. Nesses dias de claridade, calor e serenidade, há certa hora, principalmente, em que se tem de ir admirar o portal de Notre-Dame. É o momento em que o sol, já inclinado para o poente, olha quase de frente para a catedral. Seus raios, cada vez mais horizontais, se retiram lentos do pavimento da praça e sobem ao longo da fachada a pique de que ressaltam as mil esculturas em relevo contra sua sombra, enquanto a grande rosa central flameja como um olho de ciclope inflamado com as reverberações da forja.

Era a essa hora.

Em frente à alta catedral, avermelhada pelo poente, no balcão de pedra acima do pórtico de uma rica residência gótica que ficava na esquina da praça com a Rue du Parvis, algumas belas jovens riam e conversavam com toda uma espécie de graça e exaltação. Pelo comprimento do véu, que caía do alto do chapéu pontudo enrolado com pérolas até os calcanhares, pela fineza da camiseta bordada que lhes cobria os ombros, deixando ver, conforme a moda atraente de então, o nascimento de seu belo busto de virgens, pela opulência de suas saias de baixo, mais preciosas ainda do que a sobreveste (refinamento maravilhoso!), pela gaze, pela seda, pelo veludo com que tudo isso era forrado, e principalmente pela brancura das mãos que as atestava ociosas e preguiçosas, era fácil adivinhar nobres e ricas herdeiras. De fato, eram *damoiselle* Fleur-de-Lys de Gondelaurier e suas companheiras, Diane de Christeuil, Amelotte de Montmichel,

Colombe de Gaillefontaine e a pequena de Champchevrier; todas elas filhas de boa casa, reunidas nesse momento na casa da dama viúva de Gondelaurier, por causa do monsenhor de Beaujeu e da madame sua esposa, que deviam vir no mês de abril a Paris e aí escolher acompanhantes de honra para a madame delfina Margarida, quando a fossem receber na Picardia das mãos dos flamengos. Ora, todos os fidalgos de trinta léguas ao redor disputavam esse favor para suas filhas, e um bom número deles já as levava ou enviara a Paris. Elas haviam sido confiadas por seus pais à guarda discreta e venerável de madame Aloïse de Gondelaurier, viúva de um ex-mestre dos balestreiros do rei, recolhida, com sua filha única, em sua casa da Place du Parvis-Notre-Dame, em Paris.

O balcão onde estavam essas moças dava para um quarto ricamente forrado com couro de Flandres de cor fulva, gravado com folhas douradas. As vigas que raiavam paralelamente o teto distraíam os olhos com mil bizarras esculturas, pintadas e douradas. Nos baús cinzelados, esplêndidos esmaltes cintilavam aqui e ali; uma cara de javali de faiança coroava um guarda-louça magnífico, cujos dois degraus anunciavam que a dona da casa era mulher ou viúva de um importante cavaleiro. No fundo, ao lado de uma alta lareira, armoriada e brasonada de alto a baixo, estava sentada numa rica poltrona de veludo vermelho a dama de Gondelaurier, cujos cinquenta e cinco anos apareciam tanto em sua roupa como em seu rosto. Ao lado dela mantinha-se de pé um homem jovem de rosto bastante altivo, embora um tanto vaidoso e fanfarrão, um desses belos rapazes que agrada a todas as mulheres, se bem que os homens graves e fisionomistas dessem de ombros para eles. Esse jovem cavaleiro vestia o brilhante traje de capitão dos arqueiros das tropas do rei, o qual se parece em demasia com o costume de Júpiter, que já pudemos admirar no primeiro livro desta história, para que cansemos o leitor com uma segunda descrição.

As *damoiselles* estavam sentadas, parte no quarto, parte no balcão, umas nos quadrados de veludo de Utrecht com cantoneiras douradas, outras em bancos de carvalho esculpidos com flores e figuras. Cada uma delas tinha no colo uma parte de uma grande tapeçaria a agulha, na qual trabalhavam em comum e que tinha uma ponta caída na esteira que cobria o assoalho.

Elas conversavam com aquela voz cochichante e aqueles risinhos abafados de um conciliábulo de moças no meio das quais há um homem jovem. O jovem cuja presença bastava para ativar todos esses amores-próprios femininos parecia não se preocupar muito com elas; e enquanto as belas moças disputavam sua atenção, ele parecia ocupado sobretudo em brunir, com sua luva de pele de gamo, a fivela de seu

cinturão.

De vez em quando, a velha dama lhe dirigia a palavra em voz baixa e ele lhe respondia como melhor podia com uma espécie de polidez desajeitada e forçada. Pelos sorrisos, pelos pequenos sinais de inteligência de madame Aloïse, pelas piscadelas que ela dava para sua filha, Fleur-de-Lys, falando baixinho com o capitão, era fácil ver que se tratava de um noivado consumado, de um casamento, próximo sem dúvida, entre o mancebo e Fleur-de-Lys. E pela frieza embaraçada do oficial, era fácil ver que, pelo menos de sua parte, não se tratava mais de amor. Todo o seu rosto expressava um pensamento de incômodo e tédio que nossos subtenentes de guarnição traduziriam admiravelmente hoje por: que tarefa do cão!

A boa dama, obstinada com sua filha, como pobre mãe que era, não percebia o pouco entusiasmo do oficial e se desdobrava em lhe fazer notar, baixinho, as perfeições infinitas com as quais Fleur-de-Lys espetava sua agulha ou desenrolava sua meada.

— Olhe, priminho — dizia a ele, puxando-o pela manga para lhe falar no ouvido. — Olhe só, ela se abaixa!

— De fato — respondia o rapaz, e caía de volta em seu silêncio distraído e glacial.

Um instante depois, tinha de se inclinar de novo, e a dama Aloïse lhe dizia:

— Já viu alguma vez pessoa mais agradável e mais alegre do que a sua prometida? Existe moça mais branca e mais loura? Não tem mãos perfeitas? E esse pescoço, não faz suas todas as graças do cisne? Que inveja tenho do senhor em certos momentos! E que felicidade a sua de ser homem, terrível libertino que o senhor é! Não é verdade que a minha Fleur-de-Lys é adoravelmente bela e que o senhor está apaixonado por ela?

— Sem dúvida — respondia ele, enquanto pensava em outra coisa.

— Fale com ela, então — disse de repente madame Aloïse, empurrando-o pelo ombro. — Diga-lhe alguma coisa. O senhor está tímido demais.

Podemos afirmar aos nossos leitores que a timidez não era nem a virtude nem o defeito do capitão. Ele, no entanto, tentou fazer o que lhe pediam.

— Bela prima — disse se aproximando de Fleur-de-Lys —, qual o tema dessa obra de tapeçaria que a senhora confecciona?

— Belo primo — respondeu Fleur-de-Lys, com um tom de despeito —, eu já lhe disse três vezes: é a gruta de Netuno.

Era evidente que Fleur-de-Lys enxergava muito mais do que a mãe nas maneiras frias e distraídas do capitão. Ele sentiu a necessidade de travar uma conversa.

— E para quem é toda essa netunice? — perguntou.

— Para a abadia de Saint-Antoine-des-Champs — disse Fleur-de-Lys sem erguer os olhos.

O capitão pegou um canto da tapeçaria:

— Quem é, minha bela prima, esse gendarme gordo que sopra uma trombeta enchendo as bochechas?

— É Tritão — respondeu ela.

Havia sempre uma entonação meio emburrada nas breves palavras de Fleur-de-Lys. O jovem compreendeu que era indispensável lhe dizer alguma coisa ao pé do ouvido, uma tolice, uma galanteria, qualquer coisa. Inclinou-se pois, mas não pôde encontrar em sua imaginação nada mais terno e mais íntimo do que isto:

— Por que a sua mãe sempre usa uma cota curta armoriada, como as nossas avós do tempo de Carlos VII? Diga a ela pois, bela prima, que não é mais a elegância de hoje e que o gonzo e o loureiro bordados em brasão na sua vestimenta lhe dão o ar de um pano de chaminé andante. Na verdade, não se senta mais assim em cima das insígnias do seu brasão, eu lhe garanto.

Fleur-de-Lys ergueu para ele seus belos olhos cheios de reprovação:

— É tudo o que o senhor tem a me dizer? — disse ela em voz baixa.

Entretanto, a boa dama Aloïse, encantada por vê-los assim inclinados e cochichando, dizia mexendo nos fechos de seu livro de horas:

— Tocante quadro de amor!

O capitão, cada vez mais incomodado, voltou à tapeçaria:

— É de fato um trabalho encantador! — exclamou.

Ouvindo isso, Colombe de Gaillefontaine, outra bela loura de pele branca, com um adamascado azul ao pescoço, arriscou timidamente umas palavras, que dirigiu a Fleur-de-Lys, na esperança de que o belo capitão respondesse:

— Minha cara Gondelaurier, a senhora viu as tapeçarias do Hôtel de la Roche-Guyon?

— Não é o Hôtel onde fica o jardim da roupeira do Louvre? — perguntou rindo Diana de Christeuil, que tinha lindos dentes e por conseguinte ria a qualquer pretexto.

— E onde fica aquela velha torre da antiga muralha de Paris? — acrescentou Amelotte de Montmichel, bonita e viçosa moça de cabelos negros ondulados, que tinha o costume de suspirar como a outra ria, sem saber por quê.

— Minha cara Colombe — interveio a dama Aloïse —, a senhora está falando do palacete que era do sr. de Bacqueville, sob o rei Carlos VI? De fato, há lá soberbas tapeçarias de liça alta.²¹³

— Carlos VI! O rei Carlos VI! — murmurou o jovem capitão,

torcendo o bigode. — Meu Deus! Como a boa dama se lembra das velhas coisas!

Madame de Gondelaurier prosseguia:

— Belas tapeçarias, de fato. Um trabalho tão estimado que é tido como singular.

Nesse momento, Bérangère de Champchevrier, esbelta menina de sete anos, que espiava a praça pelos trevos do balcão, exclamou:

— Olhe, bela madrinha Fleur-de-Lys, a linda dançarina que baila nas pedras do chão e que tamborina em meio aos burgueses!

Com efeito, ouvia-se o frêmito sonoro de um pandeiro.

— Alguma egípcia da Boêmia — disse Fleur-de-Lys, virando-se com displicência para a praça.

— Vamos ver! Vamos ver! — gritaram suas vivas companheiras; e elas correram todas para a beira do balcão, enquanto Fleur-de-Lys, absorta com a frieza de seu noivo, as seguia lentamente, e este, aliviado por esse incidente que cortava uma conversa embaraçosa, voltava ao fundo do cômodo com o ar satisfeito de um soldado revezado no serviço. Era, no entanto, um serviço encantador e amável, o da bela Fleur-de-Lys, e assim lhe parecera outrora. Mas o capitão ficara pouco a pouco blasé; a perspectiva de um casamento próximo o arrefecia cada vez mais, dia após dia. Aliás, ele era de humor inconstante e, será preciso dizer?, de gosto um tanto vulgar. Se bem que nobre de nascimento, ele havia contraído sob o uniforme vários costumes soldadescos. Agradava-lhe a taverna e o que se segue a ela. Só se sentia à vontade entre os palavrões, as galanterias militares, as belezas fáceis e os fáceis sucessos. E no entanto havia recebido de sua família boa educação e bons modos; mas correra mundo jovem demais, jovem demais se aquartelara, e todos os dias o verniz do fidalgo se apagava com o rude roçar de seu cinturão de gendarme. Embora a visitasse de vez em quando, por um resto de respeito humano, ele se sentia duplamente incomodado na casa de Fleur-de-Lys; primeiro porque, de tanto dispersar seu amor em toda sorte de lugares, reservara muito pouco para ela; depois porque, em meio a tantas belas damas rígidas, afetadas e decentes, ele temia o tempo todo que sua boca acostuada com as imprecações de ruptura tomasse freio nos dentes e deixasse escapar uma linguagem de taverna. Imaginem que belo efeito!

De resto, tudo isso se mesclava nele a grandes pretensões de elegância, de vestimenta e fina estampa. Arranjem essas coisas como puderem. Não passo de um historiador.

Ele se mantinha pois, havia um momento, pensando ou não pensando, apoiado em silêncio no alizar esculpido da lareira, quando Fleur-de-Lys, virando-se de repente, lhe dirigiu a palavra. Afinal, a

pobre moçoila só embirrava a contragosto.

— Belo primo, o senhor não falou de uma boêmia que o senhor havia salvado, dois meses atrás, ao fazer a contrarronda noturna, das mãos de uma dúzia de ladrões?

— Creio que sim, bela prima — disse o capitão.

— Pois bem — ela prosseguiu —, talvez seja essa boêmia que está ali no adro, dançando. Venha ver se a reconhece, belo primo Phoebus.

Revelava-se um segredo desejo de conciliação nesse doce convite que ela lhe dirigia para se aproximar e nesse cuidado de chamá-lo pelo nome. O capitão Phoebus de Châteaupers (porque é ele que o leitor tem diante dos olhos desde o início deste capítulo) se aproximou a passos lentos do balcão.

— Olhe — disse Fleur-de-Lys, pousando ternamente a mão no braço de Phoebus. — Está vendo aquela moça que dança no meio da roda? É a sua boêmia?

Phoebus olhou e disse:

— É, eu a reconheço pela cabra.

— Oh, de fato, a linda cabrinha! — disse Amelotte, juntando as mãos de admiração.

— Os chifres dela são mesmo de ouro? — perguntou Bérangère.

Sem sair de sua poltrona, a dama Aloïse tomou a palavra:

— Não é uma dessas boêmias que chegaram no ano passado pela porta Gibard?

— Madame minha mãe — disse docemente Fleur-de-Lys —, essa porta se chama hoje porta do Inferno.

Mademoiselle de Gondelaurier sabia a que ponto o capitão estava chocado com o modo de falar antiquado da mãe. Com efeito, ele começava a zombar dizendo entre os dentes:

— Porta Gibard! Porta Gibard! É para fazer o rei Carlos VI passar!

— Madrinha — exclamou Bérangère, cujos olhos sempre em movimento tinham se erguido de repente para o alto das torres de Notre-Dame. — Quem é aquele homem preto que está lá em cima?

Todas as moças ergueram os olhos. De fato, um homem estava de cotovelos na balaustrada culminante da torre setentrional, que dava para a Grève. Era um padre. Distinguia-se nitidamente seu traje e seu rosto apoiado em ambas as mãos. De resto, ele não se mexia mais do que uma estátua. Seu olhar fixo mergulhava na praça. Era como a imobilidade de um gavião que acaba de descobrir um ninho de pardais e que o espia.

— É o senhor arquidiácono de Josas — disse Fleur-de-Lys.

— A senhora tem bons olhos, para reconhecê-lo daqui! — observou a Gaillefontaine.

— Como ele olha para a dançarina! — disse Diane de Christeuil.

— A egípcia que tome cuidado — disse Fleur-de-Lys. — Porque ele não gosta do Egito.

— É uma pena que esse homem olhe assim para ela — acrescentou Amelotte de Montmichel. — Porque ela dança de modo deslumbrante.

— Belo primo Phoebus — disse de repente Fleur-de-Lys —, já que o senhor conhece essa pequena boêmia, faça-lhe sinal para que suba. Isso nos divertirá.

— Sim, sim! — exclamaram todas as moças aplaudindo.

— Mas é uma loucura — respondeu Phoebus. — Ela sem dúvida esqueceu de mim, e nem sequer sei o seu nome. Mas, como *mesdemoiselles* desejam, vou tentar. — E, debruçando-se na balaustrada do balcão, pôs-se a gritar: — Moça!

A dançarina não tocava o pandeiro nesse momento. Ela virou a cabeça para o ponto de que vinha o chamado, seu olhar brilhante se fixou em Phoebus e ela parou na mesma hora.

— Moça! — repetiu o capitão, e lhe fez com o dedo sinal para vir.

A jovem olhou ainda para ele, depois corou como se uma chama houvesse subido até seus pômulos e, pegando o pandeiro debaixo do braço, se dirigiu, por entre os espectadores surpresos, para a porta da casa de onde Phoebus a chamava; em passos lentos, cambaleante e com o olhar esgazeado de um passarinho que cede ao fascínio de uma cobra.

Um momento depois, a porta de tapeçaria se ergueu e a boêmia apareceu no limiar do quarto, vermelha, atônita, arquejante, seus olhos grandes abaixados, não ousando dar mais um só passo.

Bérangère bateu palmas.

Mas a dançarina permanecia imóvel no limiar da porta. Seu aparecimento havia produzido nesse grupo de moçoilas um efeito singular. É certo que um vago e indistinto desejo de agradar o jovem oficial animava todas elas ao mesmo tempo, que o esplêndido uniforme era o ponto de mira de todo o coquetismo delas e que, desde que ele estava presente, havia entre elas certa rivalidade secreta, surda, que elas mal confessavam a si mesmas, mas que nem por isso deixava de se manifestar a cada instante em seus gestos e palavras. No entanto, como todas elas estavam na mesma medida de beleza, lutavam com armas iguais e cada uma podia esperar a vitória. A chegada da boêmia rompeu bruscamente esse equilíbrio. Ela era de uma beleza tão rara que, no momento em que apareceu na entrada do aposento, pareceu que difundia ali uma espécie de luz que lhe era própria. Nesse cômodo estreito, nessa sombria moldura de tapeçarias e madeiras, ela era incomparavelmente mais bela e radiante do que na praça pública. Era como uma tocha que acabavam de trazer da luz do dia à sombra. As nobres *damoiselles* ficaram deslumbradas sem querer.

Cada uma se sentiu de certo modo ferida em sua beleza. Por isso, a frente de batalha delas (me permitam a expressão) mudou na mesma hora, sem que elas dissessem uma só palavra. Mas elas se entendiam perfeitamente. Os instintos das mulheres se entendem e se respondem mais depressa do que as inteligências dos homens. Acabava de lhes chegar uma inimiga: todas sentiam isso, todas se uniam. Basta uma gota de vinho para avermelhar um copo d'água inteiro; para tingir de certo humor toda uma assembleia de mulheres bonitas basta a vinda de uma mulher mais bonita — sobretudo quando há um homem.

Por isso, a acolhida dada à boêmia foi maravilhosamente glacial. Elas a consideraram de cima a baixo, depois se entreolharam, e tudo foi dito: elas tinham se entendido. Enquanto isso a jovem esperava que falassem com ela, tão emocionada que não ousava erguer as pálpebras.

O capitão foi o primeiro a quebrar o silêncio:

— Palavra de honra — disse ele com seu tom de intrépida fatuidade —, que criatura encantadora! Que acha, bela prima?

Essa observação, que um admirador mais delicado teria feito em voz baixa, não era de natureza a dissipar os ciúmes femininos que se mantinham em observação diante da boêmia.

Fleur-de-Lys respondeu ao capitão com uma melosa afetação de desdém:

— Nada mal.

As outras cochichavam.

Enfim, madame Aloïse, que não era a menos ciumenta, porque o era por sua filha, dirigiu a palavra à dançarina:

— Aproxime-se, menina.

— Aproxime-se, menina! — repetiu com uma dignidade cômica Bérangère, que mal lhe chegava à cintura.

A egípcia foi até a nobre dama.

— Bela criança — disse Phoebus com ênfase, dando por sua vez alguns passos em sua direção —, não sei se tenho a suprema felicidade de ser reconhecido pela senhora.

Ela o interrompeu erguendo para ele um sorriso e um olhar cheios de doçura infinita:

— Oh, sim! — disse ela.

— Ela tem boa memória — observou Fleur-de-Lys.

— Ora, ora — fez Phoebus —, a senhora escapou bem rápido naquela noite. Será que eu lhe meti medo?

— Oh, não! — disse a boêmia.

Havia na entonação com que esse *oh, não!* foi pronunciado depois daquele *oh, sim!* algo de inefável que magoou Fleur-de-Lys.

— A senhora deixou no seu lugar, minha bela — prosseguiu o

capitão cuja língua se soltava ao falar com uma moça das ruas —, um gaiato muito mal-humorado, caolho e corcunda, o sineiro do bispo, creio eu. Me disseram que ele era bastardo de um arquidiácono e diabo de nascimento. Tem um nome divertido: se chama Têmporas, Páscoa Florida, Terça-Feira Gorda, não lembro mais. Um nome de festa com carrilhões, enfim. Ele se dava o direito de raptá-la, como se a senhora fosse feita para sacristães. É demais! Que diabo queria então com a senhora esse corujão? Hein, diga!

— Não sei — ela respondeu.

— Concebe-se tamanha insolência? Um tocador de sinos raptar uma moça, como se fosse um visconde! Um plebeu caçar escondido a caça dos fidalgos! Coisa rara! Em todo caso, pagou caro. Mestre Pierrat Torterue é o mais rude cavalariaço que já escovou um vagabundo. E lhe direi, se isso puder lhe agradar, que o couro do seu sineiro passou galantemente pelas mãos dele.

— Pobre homem! — disse a boêmia, em quem essas palavras reavivavam a lembrança da cena do pelourinho.

O capitão deu uma gargalhada.

— Corno de boi! Está aí uma piedade tão bem aplicada quanto uma pluma no cu de um porco! Quero ser barrigudo como um papa se...

Ele parou na mesma hora.

— Desculpem, senhoras! Acho que deixei escapar uma besteira.

— Por Deus, senhor! — disse a Gaillefontaine.

— Ele fala a língua desta criatura — acrescentou a meia-voz Fleur-de-Lys, cujo despeito crescia de momento em momento. Esse despeito não diminuiu quando ela viu o capitão, encantado com a boêmia e sobretudo consigo mesmo, girar sobre os calcanhares repetindo com uma galanteria ingênua e soldadesca:

— Uma bela moça, pela minh'alma!

— Bem selvagemmente vestida — disse Diane de Christeuil, com seu sorriso de lindos dentes.

Essa reflexão foi um raio de luz para as outras. Fez ver a elas o lado atacável da egípcia: não tendo o que dizer de sua beleza, elas se lançaram contra sua roupa.

— Está aí uma saia curta de dar tremores — acrescentou a Gaillefontaine.

— Minha cara — prosseguiu Fleur-de-Lys com azedume —, a senhora será pega pelos sargentes da guarda do preboste por causa do seu cinto dourado.

— Menina, menina — retomou Christeuil com um sorriso implacável —, se você pusesse honestamente uma manga cobrindo o seu braço, ele seria menos queimado de sol.

Era verdadeiramente um espetáculo digno de um espectador mais

inteligente do que Phoebus ver como essas belas moças, com suas línguas envenenadas e irritadas, serpenteavam, deslizavam e se contorciam em torno da dançarina das ruas; elas eram cruéis e graciosas; elas remexiam, elas fuçavam malignamente na sua pobre e louca vestimenta de lantejoulas e ouropéis. Eram risadas, ironias, humilhações sem fim. Os sarcasmos choviam na egípcia, e a benevolência altiva, e os olhares malvados. Acreditar-se-ia estar vendo umas daquelas jovens damas romanas que se divertiam enfiando alfinetes de ouro no seio de uma bela escrava. Dir-se-ia se tratar de elegantes galgas caçadoras girando, as narinas abertas, os olhos ardentes, em torno de uma pobre gazela dos bosques que o olhar do dono as proíbe de devorar.

O que era, afinal de contas, diante dessas filhas de uma grande casa, uma miserável dançarina de praça pública? Elas não pareciam levar em conta sua presença; e falavam dela, diante dela, a ela mesma, em voz alta, como de uma coisa suja, abjeta e bonita.

A boêmia não era insensível a essas alfinetadas. De tempo em tempo um vermelho de vergonha e um lampejo de cólera inflamavam seus olhos e suas faces; uma palavra desdenhosa parecia hesitar em seus lábios; ela fazia com desprezo aquela pequena careta que o leitor conhece; mas se mantinha imóvel; ela cravava em Phoebus um olhar resignado, triste e doce. Havia também felicidade e ternura nesse olhar. Dir-se-ia que ela se continha, com medo de ser escoraçada.

Quanto a Phoebus, ele ria e tomava o partido da boêmia com um misto de impertinência e de piedade.

— Deixe-as falar, menina! — repetia com frequência, fazendo suas esporas de ouro tilintarem. — De fato, a sua roupa é um pouco extravagante e feroz, mas, moça charmosa como a senhora é, que importância tem isso?

— Meu Deus! — exclamou a loura Gaillefontaine, endireitando seu pescoço de cisne com um sorriso amargo. — Estou vendo que os senhores arqueiros das tropas do rei pegam facilmente fogo diante dos lindos olhos das egípcias.

— Por que não? — disse Phoebus.

A essa resposta, soltada com negligência pelo capitão como uma pedra perdida que nem se vê cair, Colombe deu uma risada, e Diane e Amelotte, e Fleur-de-Lys, a quem veio ao mesmo tempo uma lágrima nos olhos.

A boêmia, que havia baixado os olhos diante das palavras de Colombe de Gaillefontaine, ergueu-os radiantes de alegria e orgulho e fixou-os de novo em Phoebus. Ela era belíssima nesse momento.

A velha dama, que observava a cena, sentia-se ofendida e não entendia.

— Santa Virgem! — gritou de repente. — O que tem aqui que se mexe nas minhas pernas? Ai! Animal horroroso!

Era a cabra que acabava de chegar em busca de sua dona e que, precipitando-se em direção a esta, havia embaraçado seus chifres no monte de pano que as roupas da nobre dama amontoavam sobre os pés quando estava sentada.

Foi uma diversão. A boêmia, sem dizer uma palavra, livrou-a.

— Oh, aí está a cabrinha que tem patas de ouro! — exclamou Bérangère, saltitando de alegria.

A boêmia se agachou e encostou em sua face a cabeça acariciante da cabra. Dir-se-ia que pedia perdão a esta por tê-la deixado desse modo.

Enquanto isso, Diane tinha se inclinado sobre o ouvido de Colombe.

— Ah, meu Deus, como é que não pensei nisso antes? É a boêmia da cabra. Dizem que é feiticeira e que a sua cabra faz momices milagrosas.

— Pois bem — disse Colombe —, a cabra tem que nos divertir também e nos fazer um milagre.

Diane e Colombe se dirigiram com vivacidade à egípcia:

— Menina, mande a sua cabra fazer um milagre.

— Não sei o que a senhora quer dizer — respondeu a dançarina.

— Um milagre, uma magia, enfim uma feitiçaria.

— Não sei nenhum.

E ela se pôs a acariciar seu lindo animal, repetindo: Djali! Djali!

Nesse instante Fleur-de-Lys notou um saquinho de couro bordado pendurado no pescoço da cabra.

— O que é isso? — perguntou à egípcia.

A egípcia ergueu seus grandes olhos para ela e lhe respondeu gravemente:

— É meu segredo.

“Gostaria muito de saber o que é o seu segredo”, pensou Fleur-de-Lys.

Entrementes, a boa dama tinha se levantado com humor.

— Ora essa, boêmia, se nem você nem a sua cabra não têm nada o que dançar para nós, o que estão fazendo aqui?

A boêmia, sem responder, se dirigiu lentamente para a porta. Porém, quanto mais se aproximava dela, mais seu passo ficava lento. Um ímã invencível parecia retê-la. De repente, ela virou seus olhos úmidos de lágrimas para Phoebus e parou.

— Verdadeiro Deus! — exclamou o capitão. — Não se vai embora assim! Volte e dance alguma coisa para nós. Aliás, bela de amor, como você se chama?

— Esmeralda — disse a dançarina sem tirar os olhos dele.

Diante desse nome estranho uma gargalhada irrompeu entre as jovens.

— Que nome horrível para uma *demoiselle* — disse Diane.

— Vocês estão vendo — falou Amelotte — que ela é uma feiticeira.

— Minha cara — exclamou solenemente a dama Aloïse —, os seus pais não pescaram esse nome na pia de água benta do batismo.

Enquanto isso, fazia alguns minutos que, sem que lhe prestassem atenção, Bérangère havia atraído a cabra para um canto do aposento com um marzipã. Num instante, as duas ficaram grandes amigas. A curiosa menina desamarrara o saquinho pendurado no pescoço da cabra, abrira-o e esvaziara na esteira o que ele continha: era um alfabeto, cada letra do qual era inscrita numa pequena pecinha de buxo. Mal esses brinquedos foram espalhados na esteira, a criança viu com surpresa a cabra — era sem dúvida um dos *milagres* dela — puxar certas letras com sua pata de ouro e arrumá-las, empurrando-as suavemente numa ordem particular. Ao cabo de um instante, isso formou uma palavra que a cabra parecia exercitada a escrever, tanto que hesitou pouco para formá-la, e Bérangère gritou de repente, juntando as mãos com admiração:

— Madrinha Fleur-de-Lys, venha ver o que a cabra acaba de fazer!

Fleur-de-Lys correu até lá e estremeceu. As letras dispostas no assoalho formavam esta palavra:

PHOEBUS

— Foi a cabra que escreveu isso? — perguntou com uma voz alterada.

— Sim, madrinha — respondeu Bérangère.

Era impossível duvidar: a menina não sabia escrever.

“É este o segredo!”, pensou Fleur-de-Lys.

Entretanto, ao grito da menina todo mundo tinha acorrido: a mãe, as moças, a boêmia, o oficial.

A boêmia viu a bobagem que a cabra acabara de fazer. Ficou vermelha, depois pálida e pôs-se a tremer como uma culpada diante do capitão, que olhava para ela com um sorriso de satisfação e espanto.

Phoebus!, cochichavam as moças, estupefatas. É o nome do capitão!

— A senhora tem uma memória maravilhosa! — disse Fleur-de-Lys à boêmia petrificada. Depois, rebentando em soluços: — Oh! — balbuciou dolorosamente, escondendo o rosto em suas belas mãos. — É uma maga!

E ouvia uma voz mais amarga ainda lhe dizer do fundo do coração: “É uma rival!”.

Caiu desmaiada.

— Minha filha! Minha filha! — gritou a mãe apavorada. — Vá embora, boêmia do inferno.

Esmeralda juntou num piscar de olhos as malfadadas letras, fez sinal a Djali e saiu por uma porta, enquanto levavam Fleur-de-Lys pela outra.

O capitão Phoebus, ficando a sós, hesitou um momento entre as duas portas. Depois seguiu a boêmia.

213. Aquelas feitas em tear de fios verticais.

UM PADRE E UM FILÓSOFO
SÃO DOIS

O padre que as mocinhas haviam notado no alto da torre setentrional, debruçado sobre a praça e tão atento à dança da boêmia, era de fato o arqui-diácono Claude Frollo.

Nossos leitores não esqueceram a cela misteriosa que o arqui-diácono tinha reservado para si nessa torre. (Não sei, para dizer de passagem, se não é a mesma cujo interior se pode ver ainda hoje por uma pequena lucarna quadrada, aberta ao levante à altura de um homem, na plataforma em que as torres se projetam para o ar: um quartinho, atualmente nu, vazio e degradado, cujas paredes mal revestidas são *ornadas* aqui e ali, a essa altura, com algumas feias gravuras amareladas que representam fachadas de catedrais. Suponho que esse buraco seja habitado concorrentemente pelos morcegos e as aranhas e que por conseguinte se trava aí contra as moscas uma dupla guerra de extermínio.)

Todos os dias, uma hora antes do pôr do sol, o arqui-diácono subia a escada da torre e se encerrava nessa cela, onde passava às vezes noites inteiras. Naquele dia, no momento em que, chegando à porta do reduto, ele enfiava em sua fechadura a pequena chave complicada que levava sempre consigo na bolsinha pendurada de um lado, um ruído de pandeiro e castanholas havia alcançado seu ouvido. O ruído vinha da Place du Parvis. A cela, como já dissemos, só tinha uma lucarna que dava para o topo da igreja. Claude Frollo pegara precipitadamente a chave e, um instante depois, estava no alto da torre, na atitude sombria e recolhida em que as *damoiselles* o haviam percebido.

Ele estava lá, grave, imóvel, absorto num olhar e num pensamento. Toda Paris estava a seus pés, com as mil flechas de seus edifícios e seu horizonte circular de suaves colinas, com seu rio que serpeia sob suas pontes e seu povo que ondula em suas ruas, com a nuvem de suas fumaças, com a cadeia montanhosa de seus tetos que pressiona Notre-

Dame com suas malhas redobradas; mas de toda essa cidade, o arquidiácono só olhava para um ponto do chão: a Place du Parvis; de toda essa pérola, para uma figura: a boêmia.

Seria difícil dizer de que natureza era esse olhar e de onde vinha a chama que dele irrompia. Era um olhar fixo e, no entanto, cheio de perturbação e tumulto. E, pela imobilidade profunda de todo o seu corpo apenas agitado, a intervalos, por um arrepio maquinal, como uma árvore ao vento, pela rigidez de seus cotovelos, mais marmóreo do que a balaustrada em que se apoiava, pelo sorriso petrificado que contraía seu rosto, dir-se-ia que de vivo não havia mais do que os olhos em Claude Frollo.

A boêmia dançava; ela fazia seu pandeiro girar na ponta do dedo e jogava-o no ar dançando sarabandas provençais; ágil, leve, alegre e não sentindo o peso do temível olhar que caía a pique em sua cabeça.

A multidão formigava em volta dela; de quando em quando, um homem trajando uma casaca amarela e vermelha fazia o círculo se formar, depois voltava a se sentar numa cadeira a alguns passos da dançarina e punha a cabeça da cabra em seus joelhos. Esse homem parecia ser o companheiro da boêmia. Claude Frollo, do ponto elevado em que estava, não podia distinguir sua fisionomia.

Desde que o arquidiácono percebeu esse desconhecido, sua atenção pareceu se dividir entre a dançarina e ele, e seu rosto se tornou cada vez mais sombrio. De repente se endireitou e um tremor percorreu todo o seu corpo:

— Quem é esse homem? — disse entre os dentes. — Eu sempre a vi sozinha.

Voltou então a mergulhar sob a abóbada tortuosa da escada em espiral e desceu. Passando pela porta da sineira, que estava entreaberta, viu uma coisa que o impressionou: Quasímodo que, debruçado numa abertura daqueles beirais de ardósia que parecem enormes gelosias, também olhava para a praça. Estava imerso numa contemplação tão profunda que não se deu conta da passagem de seu pai adotivo. Seu olho selvagem tinha uma expressão singular: era um olhar encantado e doce.

— Que estranho! — murmurou Claude Frollo. — Será que é para a egípcia que ele olha assim?

Continuou a descer. Ao cabo de alguns minutos o preocupado arquidiácono saiu na praça pela porta que fica embaixo da torre.

— Que fim levou a boêmia? — disse ele, misturando-se ao grupo de espectadores que o pandeiro havia reunido.

— Não sei — respondeu um de seus vizinhos. — Ela acaba de desaparecer. Creio que foi fazer algum fandango na casa em frente, onde a chamaram.

No lugar da egípcia, nesse mesmo tapete cujos arabescos se apagavam no instante anterior sob o desenho caprichoso de sua dança, o arquidiácono não viu mais do que o homem vermelho e amarelo, que, para ganhar por sua vez algumas moedas, passeava em torno do círculo, os cotovelos na cintura, a cabeça para trás, o rosto vermelho, o pescoço espichado, com uma cadeira entre os dentes. Nessa cadeira ele havia amarrado um gato que uma vizinha emprestara e que reclamava assustado.

— Nossa Senhora! — exclamou o arquidiácono no momento em que o saltimbanco, suando grossas gotas, passou diante dele com sua pirâmide de cadeira e de gato —, o que o mestre Pierre Gringoire está fazendo aqui?

A voz severa do arquidiácono provocou no pobre coitado tamanha comoção que ele perdeu o equilíbrio com todo o seu edifício, e a cadeira e o gato caíram misturados na cabeça dos assistentes, em meio a uma vaia inextinguível.

É provável que mestre Pierre Gringoire (porque era ele mesmo) tivesse uma incômoda conta a liquidar com a vizinha do gato, e todas as faces contundidas e arranhadas que o rodeavam, se não tivesse se apressado a aproveitar do tumulto para se refugiar na igreja, para onde Claude Frollo lhe fizera sinal de segui-lo.

A catedral já estava escura e deserta; as naves laterais estavam tomadas pelas trevas, e as lâmpadas das capelas começavam a se estrelar, de tanto que as abóbadas ficavam escuras. Apenas a grande rosa da fachada, cujas mil cores estavam embebidas de um raio do sol horizontal, reluzia na sombra como uma miscelânea de diamantes e repercutia do outro lado da nave seu espectro ofuscante.

Quando deram alguns passos, dom Claude se encostou num pilar e olhou fixo para Gringoire. Esse olhar não era o que Gringoire temia, envergonhado que estava por ter sido pego por uma pessoa grave e douta naquele traje de saltimbanco. O olhar do padre não tinha nada de zombeteiro e irônico; era sério, tranquilo e penetrante. O arquidiácono foi quem quebrou o silêncio.

— Pois bem, mestre Pierre. O senhor vai me explicar muitas coisas. Primeiro, por que não o vemos vai fazer dois meses e o encontramos na rua, num belo traje, verdade!, metade amarelo, metade vermelho, como uma maçã de Caudebec?

— *Messire* — disse piedosamente Gringoire —, é de fato uma roupa prodigiosa e o senhor me vê mais embaraçado do que um gato com uma cabaça na cabeça. É agir bem mal, eu sinto, expor os senhores sargentos da ronda a dar bordoadas sob essa casaca no úmero de um filósofo pitagórico. Mas que posso fazer, meu reverendo mestre? A culpa é do meu antigo gibão, que me abandonou

covardemente no início do inverno, a pretexto de que se desfazia em farrapos e necessitava ir descansar na cabana do trapeiro. Que fazer? A civilização ainda não chegou ao ponto em que se possa andar nu em pelo, como gostaria o antigo Diógenes. Acrescente a isso que soprava um vento muito frio, e não é no mês de janeiro que se pode tentar com sucesso fazer a humanidade dar esse novo passo. Essa casaca se apresentou, eu a peguei e abandonei a minha velha bata preta, a qual, para um hermético como eu, era muito pouco hermeticamente fechada. Eis-me, pois, nesse traje de histrião, como são Genésio. Que posso fazer? É um eclipse. Apolo não cuidou das porcas de Admetes?

— Belo ofício o que o senhor está exercendo! — replicou o arqui-diácono.

— Admito, meu mestre, que é melhor filosofar e poetizar, soprar a chama no fogão ou recebê-la do céu, do que pôr gato num pedestal. Por isso, quando o senhor me interpelou, fiquei tão abobado quanto um asno diante de uma manivela de espeto. Mas que posso fazer, *messire*? Temos que viver todos os dias, e os mais belos versos alexandrinos não valem, na boca, um pedaço de queijo de Brie. Ora, fiz para a madame Margarida de Flandres o epitalâmio que o senhor sabe, e a cidade não me paga, a pretexto de que ele não era excelente, como se fosse possível fazer por quatro escudos uma tragédia de Sófocles. Eu ia, pois, morrer de fome. Felizmente, eu me descobri forte de mandíbula e disse a essa mandíbula: faça números ousados e de equilíbrio; alimenta-te a ti mesma, *ale te ipsam*. Uma porção de maltrapilhos, que se tornaram meus bons amigos, me ensinou vinte tipos de números hercúleos, e agora eu dou a meus dentes, todas as noites, o que eles ganharam de dia com o suor do meu rosto. Afinal, concedo que é um triste emprego das minhas faculdades intelectuais e que o homem não foi feito para passar a vida tamborilando e mordendo cadeiras. Mas, reverendo mestre, não basta passar a vida, é preciso ganhá-la.

Dom Claude ouvia em silêncio. De repente, seu olho cavo adquiriu tal expressão sagaz e penetrante que Gringoire sentiu-se, por assim dizer, vasculhado até o fundo da alma por esse olhar.

— Muito bem, mestre Pierre. Mas como é que o senhor anda agora em companhia dessa dançarina do Egito?

— Ora! — fez Gringoire. — É que ela é minha mulher e eu sou seu marido.

Os olhos tenebrosos do padre se inflamaram.

— Você fez isso, miserável? — gritou, agarrando com furor o braço de Gringoire. — Você foi tão abandonado assim por Deus para pôr a mão nessa mulher?

— Sobre a minha parte de paraíso, monsenhor — respondeu

Gringoire tremendo com todos os seus membros —, eu lhe juro que não a toquei, se é isso que o incomoda.

— Como é que você fala então de marido e mulher? — perguntou o padre.

Gringoire se apressou a lhe contar da forma mais sucinta possível tudo o que o leitor já sabe, sua aventura no Pátio dos Milagres, seu casamento, a jarra quebrada. Parece de resto que esse casamento ainda não tivera nenhum resultado e que toda noite a boêmia lhe escamoteava sua noite de núpcias, como no primeiro dia.

— É um dissabor — disse ele, terminando —, mas isso se deve a que tive o azar de me casar com uma virgem.

— O que o senhor quer dizer? — perguntou o arquiidiácono, que se acalmara aos poucos com esse relato.

— É difícil explicar — respondeu o poeta. — É uma superstição. A minha mulher é, pelo que me disse um velho ladrão, o que chamamos entre nós de duque do Egito, uma criança encontrada ou perdida, o que é a mesma coisa. Ela traz no pescoço um amuleto que, garantem, lhe fará um dia encontrar seus pais, mas que perderia sua virtude se a moça perdesse a dela. Daí se segue que nós dois permanecemos muito virtuosos.

— Logo — retomou Claude, cuja fronte ficava cada vez menos carregada —, o senhor acha, mestre Pierre, que essa criatura nunca foi tocada por nenhum homem?

— O que quer, dom Claude, que um homem faça a uma superstição? Ela tem isso na cabeça. Estimo que seja, com certeza, uma raridade esse pudor de freira que se conserva ferozmente em meio a essas mulheres boêmias, tão facilmente domesticáveis. Mas ela tem para se proteger três coisas: o duque do Egito, que a tomou sob a sua salvaguarda, contando talvez vendê-la a um chefe de abadia; toda a sua tribo, que tem uma veneração singular por ela, como uma Nossa Senhora; e um pequeno punhal, que essa destemida traz sempre consigo escondido em algum lugar, apesar das ordens do preboste, e que faz aparecer na mão dela quando lhe apertam a cintura. É uma vespa altiva, enfim!

O arquiidiácono crivou Gringoire de perguntas.

A Esmeralda era, ao ver de Gringoire, uma criatura inofensiva e charmosa, bonita, tirante uma careta que lhe era particular, uma moça ingênua e apaixonada, ignorante de tudo e entusiasta de tudo; não sabendo ainda a diferença entre uma mulher e um homem, nem sequer em sonho; ela é assim; louca sobretudo pela dança, o barulho, o ar livre; uma espécie de mulher abelha, de asas invisíveis nos pés e vivendo num turbilhão. Ela devia essa natureza à vida errante que sempre levou. Gringoire chegara a saber que, criancinha, havia

percorrido a Espanha e a Catalunha até a Sicília; ele acreditava inclusive que tinha sido levada pela caravana de zingáros de que fazia parte ao reino de Argel, país situado na Acaia, a qual Acaia toca de um lado a pequena Albânia e a Grécia, do outro o mar das Sicílias, que é o caminho de Constantinopla. Os boêmios, dizia Gringoire, eram vassalos do rei de Argel, em sua qualidade de chefe da nação dos mouros brancos. O certo é que Esmeralda tinha vindo para a França bem jovem ainda, através da Hungria. De todos esses países a jovem trouxera fragmentos de gírias bizarras, cantos e ideias estrangeiras que faziam de seu linguajar algo tão misto quanto seus trajes meio parisienses, meio africanos. De resto, o povo dos bairros que ela frequentava a amava por sua alegria, gentileza, vivacidade, por suas danças e canções. Em toda a cidade, ela só se achava odiada por duas pessoas, de que muitas vezes falava com pavor: a beata da Tour-Roland, uma reclusa maldosa que tinha não se sabe que rancor das egípcias e que amaldiçoava a pobre dançarina cada vez que ela passava em frente à sua lucarna; e um padre que não cruzava nunca com ela sem lhe lançar olhares e palavras que lhe metiam medo. Essa última circunstância perturbou bastante o arquidiácono, sem que Gringoire prestasse muita atenção nessa perturbação, tendo bastado dois meses para que o descuidado poeta esquecesse os detalhes singulares daquela noite em que ele encontrara a egípcia, e a presença do arquidiácono naquilo tudo. Exceto por isso, a pequena dançarina não temia nada: ela não dizia a sorte, o que a punha ao abrigo dos processos de magia tão frequentemente instaurados contra as boêmias. E depois Gringoire lhe valia de irmão, já que não de marido. Afinal de contas, o filósofo suportava com paciência essa espécie de casamento platônico. Era sempre uma moradia e um naco de pão. Todas as manhãs ele partia do antro dos ladrões, quase sempre com a egípcia; ele a ajudava a fazer nas encruzilhadas sua colheita de moedas; todas as noites voltava com ela para sob o mesmo teto, deixava-se trancar em seu cantinho e dormia o sono dos justos. Existência bastante amena, pensando bem, dizia ele, e muito propícia ao devaneio. E depois, em sua alma e consciência, o filósofo não tinha muita certeza de estar perdidamente apaixonado pela boêmia. Era um bichinho encantador, meigo, inteligente, espirituoso, uma cabra adestrada. Nada era mais comum na Idade Média do que esses animais adestrados com que a gente se maravilhava e que frequentemente mandavam seus adestradores para a fogueira. No entanto, as bruxarias da cabra de patas douradas eram malícias bem inocentes. Gringoire as explicou ao arquidiácono, que parecia se interessar muito por esses detalhes. Bastava, na maioria dos casos, apresentar o pandeiro à cabra desse ou daquele jeito, para obter dela a momice desejada. Ela havia

sido adestrada para isso pela boêmia, que tinha para essas finezas um talento tão raro que lhe haviam bastado dois meses para ensinar a cabra a escrever com letras móveis a palavra *Phoebus*.

— *Phoebus!* — disse o padre. — Por que *Phoebus*?

— Não sei — respondeu Gringoire. — Talvez seja uma palavra que ela crê dotada de uma virtude mágica e secreta qualquer. Ela a repete com frequência a meia-voz quando se imagina sozinha.

— Tem certeza — replicou Claude com seu olhar penetrante — de que não passa de uma palavra e de que não passa de um nome?

— Nome de quem? — perguntou o poeta.

— Sei eu? — disse o padre.

— Eis o que imagino, *messire*. Esses boêmios são meio seguidores de Zoroastro e adoram o Sol. Donde *Phoebus*.

— Não me parece tão claro quanto para o senhor, mestre Pierre.

— Em todo caso, pouco me importa. Ela que murmure *Phoebus* à vontade. O certo é que a Djali já gosta de mim quase tanto quanto dela.

— Quem é essa Djali?

— A cabra.

O arquidiácono apoiou o queixo na mão e pareceu sonhar por um momento. De súbito, virou-se bruscamente para Gringoire.

— Você jura que não tocou nela?

— Em quem? — perguntou Gringoire. — Na cabra?

— Não, nessa mulher.

— Na minha mulher? Juro que não.

— E você fica muitas vezes a sós com ela?

— Todas as noites, mais de uma hora.

Dom Claude franziu o cenho.

— Oh-ho! *Solus cum sola non cogitabuntur orare Pater Noster*.²¹⁴

— Pela minh'alma, eu poderia dizer o *Pater* e a *Ave Maria* e o *Credo in Deum pater omnipotentem* sem que ela prestasse mais atenção em mim do que uma galinha numa igreja.

— Jure pelo ventre da sua mãe — repetiu o arquidiácono com violência — que você não tocou nessa criatura com a ponta do dedo.

— Juraria também sobre a cabeça do meu pai, porque as duas coisas têm mais de uma relação. Mas, meu reverendo mestre, permita-me por minha vez uma pergunta.

— Fale, senhor.

— Que importância tem isso para o senhor?

A pálida figura do arquidiácono tornou-se rubra como a bochecha de uma mocinha. Ficou um instante sem responder; depois, com um embaraço visível:

— Escute, mestre Pierre Gringoire. O senhor ainda não está

danado, que eu saiba. Eu me interesso pelo senhor e quero o seu bem. Ora, o menor contato com essa egípcia do demônio faria do senhor um vassalo de Satanás. O senhor sabe que é sempre o corpo que perde a alma. Ai do senhor se se aproximar dessa mulher! É só isso.

— Eu tentei uma vez — disse Gringoire coçando a orelha. — Foi no primeiro dia. Mas me espetei.

— O senhor cometeu esse descaramento, mestre Pierre?

E a frente do padre tornou-se sombria.

— Outra vez — continuou o poeta sorrindo —, olhei antes de me deitar pelo buraco da fechadura e vi a mais deliciosa dama de camisola que já fez chiar a correia de uma cama sob o seu pé nu.

— Vá para o diabo! — gritou o padre com um olhar terrível e, empurrando pelos ombros um Gringoire pasmo, penetrou a passos largos sob as mais escuras arcadas da catedral.

Desde a manhã do pelourinho, os vizinhos de Notre-Dame acreditavam ter notado que o ardor carrilhonesco de Quasímodo tinha arrefecido. Antes eram toques de sino a qualquer pretexto, longas alvoradas que duravam de primas a completas,²¹⁵ dobres de sino da torre para uma grande missa, ricas escalas passeadas nas sinetas para um casamento, para um batismo, e entremeando-se no ar como um bordado de toda sorte de sons encantadores. A velha igreja, toda vibrante e sonora, vivia numa perpétua alegria dos sinos. Sentia-se sem cessar, nela, a presença de um espírito de ruído e capricho que cantava por todas essas bocas de cobre. Agora esse espírito parecia ter desaparecido; a catedral parecia estar melancólica e guardar com gosto o silêncio; as festas e os enterros tinham seu dobre simples, seco e nu, o que o ritual exigia, nada mais; do duplo barulho que faz uma igreja, o órgão dentro, o sino fora, só restava o órgão. Dir-se-ia que não havia mais músicos nos campanários. E no entanto Quasímodo sempre estava lá. Que teria acontecido com ele? Será que a vergonha e o desespero do pelourinho ainda duravam no fundo de seu coração, que as chibatadas do torturador repercutiam sem cessar em sua alma e que a tristeza de um tratamento como esse havia extinto tudo nele, até mesmo sua paixão pelos sinos? Ou será que Maria tinha uma rival no coração do sineiro de Notre-Dame e que o grande sino e suas catorze irmãs eram negligenciados por algo mais amável e mais belo?

Aconteceu que, nesse gracioso ano de 1482, a Anunciação, 25 de março, caiu na terça. Nesse dia, o ar estava tão puro e leve que Quasímodo sentiu voltar algum amor por seus sinos. Ele subiu à torre setentrional, enquanto lá embaixo o sacristão escancarava as portas da igreja, as quais eram, então, enormes painéis de forte madeira forrada de couro, bordadas com pregos de ferro dourado e emolduradas por esculturas “mui artificialmente elaboradas”.

Chegando à alta caixa do sino, Quasímodo considerou por algum

tempo com um triste meneio da cabeça as seis campanas, como se gemesse por algo estranho que se interpusera, em seu coração, entre elas e ele. Mas quando as pôs em movimento; quando sentiu essa penca de sinos mexer em sua mão; quando viu, porque não ouvia, a oitava palpitante subir e descer nessa escala sonora como um passarinho que salta de galho em galho; quando o diabo Música, esse demônio que sacode um feixe coruscante de strettis, trinados e arpejos, se apossou do pobre surdo, ele voltou a ser feliz, esqueceu tudo, e seu coração que se dilatava fez seu rosto se alegrar.

Ele ia e vinha, batia as mãos, corria de uma corda a outra, animava os seis cantores com a voz e o gesto, como um maestro que esporeia virtuosos inteligentes.

— Vá — dizia ele —, vá, Gabrielle, derrame todo o seu som na praça, hoje é dia festivo. — Thibauld, nada de preguiça, você está ralentando; vamos, vamos, por acaso você está enferrujado, seu vagabundo? — Isso! Depressa! Depressa! Não quero que se veja o batente. Torne-os todos surdos como eu. — Isso, Thibauld, com bravura! — Guillaume! Guillaume! Você é o maior de todos, e Pasquier é o menor, e Pasquier soa melhor. Aposto que os que ouvem ouvem-no melhor do que a você. — Muito bem! muito bem, minha Gabrielle, forte! Mais forte! — Ei, o que vocês dois estão fazendo aí em cima, seus pardais? Não vejo vocês fazerem o menor ruído. — O que são esses bicos de cobre que parecem bocejar quando têm que cantar? Trabalhando, gente! É a Anunciação! Faz um lindo sol, há que fazer um belo carrilhão. — Pobre Guillaume! Está sem fôlego, meu grandão?

Ele estava todo dedicado a incentivar seus sinos que saltavam todos os seis, cada um se esforçando mais do que o outro, e que sacudiam suas ancas luzentes como uma barulhenta junta de mulas espanholas aguilhoadas aqui e ali pelas invectivas do muleiro.

De repente, deixando seu olhar cair entre as largas escamas de ardósia que cobrem a certa altura o muro a pique do campanário, ele viu na praça uma mocinha estranhamente vestida que parava e estendia no chão um tapete em que uma cabrinha vinha se postar; e um grupo de espectadores que se arredondava à sua volta. Essa visão mudou de repente o curso de suas ideias e congelou seu entusiasmo musical como um sopro de ar congela uma resina em fusão. Parou, deu as costas para o carrilhão e se agachou atrás do beiral de ardósia, fixando na dançarina aquele olhar sonhador, terno e doce que já espantara uma vez o arquidiácono. Nisso os sinos esquecidos se extinguíram bruscamente, todos ao mesmo tempo, para grande desapontamento dos amantes de seu dobre, os quais ouviam de boa-fé o carrilhão na Pont-au-Change e se foram estupefatos como um cão a

quem mostraram um osso e deram uma pedra.

215. Na liturgia, primeira e última horas do ofício divino.

Aconteceu que, numa bela manhã desse mesmo mês de março, creio que era sábado 29, dia de santo Eustáquio, nosso jovem amigo, o estudante Jehan Frollo du Moulin, percebeu ao se vestir que suas bragas, as quais continham sua bolsa, não faziam nenhum som metálico.

— Pobre bolsa! — disse, tirando-a do bolso. — O quê! Nem uma moedinha! Como os dados, as canecas de cerveja e Vênus a estriparam cruelmente! Como você está vazia, rugosa e flácida! Você se parece com a garganta de uma fúria! Eu vos peço, *messer* Cícero e *messer* Sêneca, dos quais vejo exemplares endurecidos espalhados no chão, que me adianta saber, melhor do que um chefe das Moedas ou um judeu da Pont-aux-Changeurs, que um escudo de ouro com a coroa vale trinta e cinco *unzains* de vinte e cinco *sous* e oito *deniers parisis* cada e que um escudo com o crescente vale trinta e seis *unzains* de vinte e seis *sous* e seis *deniers tournois* cada, se não tenho um miserável *liard* preto a arriscar no duplo seis? Oh, cônsul Cícero! Não é uma calamidade de que a gente possa se safar com perífrases, com uns *quemadmodum* e *verumenimvero*!

Vestiu-se com tristeza. Um pensamento lhe ocorrera enquanto amarrava as botinas, mas de início o repeliu; no entanto o pensamento voltou, e ele pôs seu colete ao contrário, sinal evidente de um violento embate interno. Por fim, atirou com rudeza o boné no chão e exclamou:

— Azar! Seja como puder! Vou à casa do meu irmão! Levarei um sermão, mas levarei um escudo.

Então enfiou precipitadamente a casaca de mangas forradas, pegou o boné e saiu desesperado.

Desceu a Rue de la Harpe em direção à Cité. Passando em frente à Rue de la Huchette, o cheiro daqueles admiráveis espetos que aí giravam incessantemente veio fazer cócegas em seu aparelho olfativo,

e ele lançou um olhar apaixonado à ciclópica rotisseria que um dia arrancou do franciscano Calatagirone esta patética exclamação: *Veramente, queste rotisserie sono cosa stupenda!*²¹⁶ Mas Jehan não tinha como pagar um almoço e se enfiou, com um profundo suspiro, sob a porta do Petit-Châtelet, esse enorme trevo duplo de torres maciças que guardava a entrada da Cité.

Não se deu sequer o tempo de jogar uma pedra, ao passar, como era de uso, na miserável estátua desse Périnet Leclerc que havia entregado a Paris de Carlos VI aos ingleses, crime que sua effigie, com a face esmagada pelas pedras e suja de lama, expiou durante três séculos na esquina das ruas de la Harpe e de Bussy, como se num pelourinho eterno.

Atravessada a Petit-Pont, passando a nova Rue Sainte-Geneviève, Jehan de Molendino se encontrou diante de Notre-Dame. Então sua indecisão voltou a tomar conta dele e ele passeou por alguns instantes em torno da estátua de Legris, repetindo-se com angústia: o sermão é certo, o escudo é duvidoso!

Deteve um sacristão que saía do claustro.

— Onde está o senhor arquiidiácono de Josas?

— Creio que está no seu esconderijo da torre — disse o sacristão —, e não o aconselho a ir lá importuná-lo, a não ser que o senhor venha da parte de alguém como o papa ou o senhor rei.

Jehan bateu palmas.

— Diabo! Está aí uma magnífica ocasião para ver o tal quartinho das feitiçarias!

Determinado por essa reflexão, penetrou resolutamente pela portinha negra e pôs-se a subir a escada que leva aos andares superiores da torre. — Vou ver! — dizia a si mesmo enquanto subia. — Pelos colhões da Santa Virgem! Deve ser curiosa essa cela que o meu reverendo irmão esconde como se fossem as suas partes íntimas. Dizem que acende nela cozinhas infernais e que cozinha em fogo forte a pedra filosofal. Bom Deus! Eu me interesso pela pedra filosofal tanto quanto por uma pedra qualquer, e preferiria encontrar no seu fogão um omelete de ovos de Páscoa com toicinho do que a maior pedra filosofal do mundo.

Chegando à galeria das colunetas, respirou fundo por um instante e blasfemou contra a interminável escada por não sei quantos milhões de carroças de diabos; em seguida retomou sua ascensão pela estreita porta da torre setentrional, hoje proibida ao público. Alguns momentos depois de passar pela caixa dos sinos, encontrou um pequeno patamar construído num recuo lateral e, sob a abóbada, uma porta ogival baixa, cuja enorme fechadura e cuja poderosa armadura de ferro, uma seteira, aberta em frente na parede circular da escada,

lhe permitiu observar. As pessoas que tivessem hoje a curiosidade de visitar essa porta a reconheceriam por esta inscrição, gravada em letras brancas na muralha negra: ADORO CORALIE. 1823, ASSINADO UGÈNE. “Assinado” está no texto.

— Ufa! — fez o estudante. — Na certa é aqui.

A chave estava na fechadura. A porta estava entreaberta. Ele a empurrou com cuidado e passou a cabeça pela abertura.

O leitor com certeza folheou a admirável obra de Rembrandt, esse Shakespeare da pintura. Entre tantas maravilhosas gravuras, há em particular uma água-forte que representa, pelo que se supõe, o dr. Fausto e que é impossível contemplar sem deslumbramento. É uma cela sombria; no meio fica uma mesa carregada de objetos hediondos: cabeças de morto, esferas, alambiques, compassos, pergaminhos hieroglíficos. O doutor está diante dessa mesa, vestindo um grosso casaco forrado e com seu boné igualmente forrado enfiado até as sobrancelhas. Só dá para ver metade de seu corpo. Está meio levantado de sua imensa poltrona; seus punhos crispados se apoiam na mesa, e ele considera com curiosidade e terror um grande círculo luminoso, formado por letras mágicas, que brilha na parede do fundo como o espectro solar no quarto escuro. Esse sol cabalístico parece tremer ao olhar e enche a cela fosca de seu esplendor misterioso. É horrível e belo.

Algo de bastante parecido com a cela de Fausto se ofereceu à vista de Jehan, quando ele arriscou enfiar a cabeça pela porta entreaberta. Era, como ela, um reduto sombrio e mal iluminado. Havia também uma grande poltrona e uma grande mesa, compassos, alambiques, esqueletos de animais pendurados no teto, uma esfera rodando no chão, cabeças de cavalo misturadas com bocais onde tremiam folhas de ouro, cabeças de mortos postas em velinos matizados de figuras e caracteres diversos, grandes manuscritos empilhados e abertos, sem dó para com os cantos frágeis do pergaminho; enfim, todos os lixos da ciência e, em toda parte, esse pandemônio de poeira e teias de aranha; mas não havia círculos de letras luminosas, não havia doutor em êxtase, contemplando a flamejante visão, como a águia olha para seu sol.

No entanto a cela não estava deserta. Um homem estava sentado na poltrona, debruçado sobre a mesa. Jehan, para quem ele dava as costas, só podia ver seus ombros e a parte de trás de seu crânio; mas não teve dificuldade de reconhecer aquela cabeça calva, na qual a natureza havia feito uma tonsura eterna, como se houvesse querido marcar, por esse símbolo externo, a irresistível vocação clerical do arquidiácono.

Jehan reconheceu seu irmão, portanto; mas a porta se abria tão

devagarinho que nada avisara dom Claude de sua presença. O curioso estudante aproveitou para examinar à vontade a cela, por alguns instantes. Um largo fogão, que ele não havia percebido de início, estava à esquerda da poltrona, abaixo da lucarna. O raio de luz que penetrava por essa abertura atravessava uma teia de aranha redonda que inscrevia com gosto sua rosácea delicada na ogiva da lucarna, no centro da qual o inseto arquiteto se mantinha imóvel como o cubo dessa roda de rendilhado. No fogão estavam acumulados em desordem toda sorte de vasos, frascos de argila, retortas de vidro, balões de ensaio de carvão. Jehan observou, suspirando, que não havia uma só panela. “Que bela bateria de cozinha!”, pensou.

Por sinal, não havia fogo no fogão, e parecia até que ele não era aceso fazia tempo. Uma máscara de vidro, que Jehan notou entre os utensílios de alquimia e que servia sem dúvida para preservar o rosto do arquidiácono quando ele elaborava alguma substância temível, estava num canto, coberta de poeira e como que esquecida. A seu lado jazia um fole não menos empoeirado, cuja folha superior trazia esta legenda, incrustada em letras de cobre: SPIRA, SPERA.²¹⁷

Outras legendas estavam escritas em grande número nas paredes, à moda dos herméticos; umas traçadas com tinta, outras gravadas com uma ponta de metal. De resto, letras góticas, letras hebraicas, letras gregas e letras romanas, tudo misturado; as inscrições se combinavam ao acaso, estas sobre aquelas, as mais frescas apagando as mais velhas, e todas se entremeando umas nas outras como os galhos de um arbusto, como as lanças de um combate. Era, de fato, uma confusa mistura de todas as filosofias, de todos os devaneios, de todas as sabedorias humanas. Havia as que, aqui e ali, brilhavam sobre as outras como uma bandeira entre os ferros de lanças. Era, na maior parte do tempo, uma breve divisa latina ou grega, como a Idade Média formulava tão bem: *Unde? Inde? — Homini homini monstrum — Astra, castra, nomen, numen — μέγα βιβλίον μέγα χαχόν — Sapere aude — Flat ubi vult*²¹⁸ etc.; às vezes uma palavra desprovida de qualquer sentido aparente: *αναγχοφλγία*, que talvez ocultasse uma alusão amarga ao regime do claustro; às vezes, enfim, uma simples máxima de disciplina clerical formulada num hexâmetro regulamentar: *Coelestem dominum, terrestrem dicito domnum*.²¹⁹ Havia também em diversas passagens fórmulas mágicas hebraicas, e tudo aquilo era perpassado a qualquer pretexto por estrelas, figuras de homens ou de animais e triângulos que se cruzavam, o que contribuía muito para fazer a parede rabiscada da cela com uma folha de papel na qual um macaco teria passeado uma pena carregada de tinta.

O conjunto da cela, de resto, apresentava um aspecto geral de abandono e deterioração; e o mau estado dos utensílios deixava supor

que o mestre fazia tempo já se distraía de seu trabalho por outras preocupações.

Esse mestre, entretanto, debruçado sobre um vasto manuscrito ornado de pinturas bizarras, parecia atormentado por uma ideia que vinha se misturar sem cessar às suas meditações. Pelo menos foi o que Jehan julgou, ao ouvi-lo exclamar com as intermitências pensativas de um sonhador que sonha em voz alta:

— Sim, Manu diz e Zoroastro ensinava isso! O Sol nasce do fogo, a Lua, do Sol; o fogo é a alma do grande todo; os seus átomos elementares se espalham e fluem sem cessar no mundo por correntes infinitas! Nos pontos em que essas correntes se entrecortam no céu, elas produzem a luz; nos seus pontos de interseção na Terra, produzem o outro. — A luz, o outro; mesma coisa! — Fogo no estado concreto. — A diferença entre o visível e o palpável, o fluido e o sólido para a mesma substância, o vapor d'água e o gelo, nada mais que isso. — Não são sonhos, é a lei geral da natureza. — Mas como fazer para obter da ciência o segredo dessa lei geral? O quê! Esta luz que inunda minha mão é ouro! Esses mesmos átomos dilatados de acordo com certa lei, trata-se somente de condensá-los de acordo com certa outra lei. — Como fazer? — Alguns imaginaram esconder um raio de sol. — Averróis —, sim, foi Averróis —, Averróis enterrou um deles debaixo do primeiro pilar esquerdo do santuário do Corão, na grande mesquita de Córdoba; mas só se poderá abrir a cova para ver se a operação teve sucesso daqui a oito mil anos.

— Diabo — disse Jehan consigo mesmo —, quanto tempo para esperar um escudo.

— Outros pensaram — continuou o arquiidiácono sonhador — que era melhor agir sobre um raio de Sirius. Mas é bem difícil ter esse raio puro, por causa da presença simultânea das outras estrelas que vêm se misturar a ele. Flamel estima que é mais simples agir sobre o fogo terrestre. — Flamel! Que nome predestinado, *Flamma!* — Sim, o fogo. Eis tudo. — O diamante está no carvão, o ouro está no fogo. — Mas como tirá-lo daí? Magistri afirma que há certos nomes de mulher de um encanto tão doce e tão misterioso que basta pronunciá-los durante a operação... — Leiamos o que diz Manu: “Onde as mulheres são honradas, as divindades se rejubilam; onde elas são desprezadas, é inútil orar a Deus. A boca de uma mulher é constantemente pura; é uma água corrente, é um raio de sol. O nome de uma mulher deve ser agradável, doce, imaginário; terminar com vogais longas e se parecer com palavras de bênçãos”. — Sim, o sábio tem razão; de fato, Maria, Sofia, Esmeral... — Danação! Sempre esse pensamento!

E fechou o livro com violência.

Passou a mão na testa, como para escorraçar a ideia que o

obcecava; depois pegou na mesa um prego e um martelinho cujo cabo era curiosamente pintado com letras cabalísticas.

— De um tempo para cá — disse com um sorriso amargo —, fracasso em todas as minhas experiências! A ideia fixa me possui e faz murchar o meu cérebro como um trevo de fogo. Não fui capaz nem mesmo de encontrar o segredo de Cassiodoro, cuja lâmpada ardia sem mecha e sem óleo. Coisa simples, no entanto.

— Peste — disse Jehan em suas barbas.

— Basta portanto — continuou o padre — um só pensamento miserável para tornar um homem fraco e louco! Oh! Como Claude Pernelle ria de mim, ela mesma que não foi capaz de afastar por um só instante Nicolas Flamel da busca da grande obra! Como! Empunho o martelo mágico de Zéchiélé!²²⁰ A cada martelada que o temível rabino dava, no fundo da sua cela, neste prego, com este martelo, o inimigo dele, que ele havia condenado, mesmo que estivesse a duas mil léguas, se enfiava um côvado na terra, que o devorava. O próprio rei da França, por ter uma noite batido inconsideradamente na porta do taumaturgo, entrou no seu chão empedrado de Paris até os joelhos. Isso aconteceu não faz três séculos. Pois bem, tenho o martelo e o prego, e não são ferramentas mais formidáveis nas minhas mãos do que uma marreta nas mãos de um cuateleiro. No entanto, trata-se apenas de encontrar a palavra mágica que Zéchiélé pronunciava ao martelar seu prego.

“Bagatela!”, pensou Jehan.

— Vejamos, experimentemos — prosseguiu vivamente o arquidiácono. — Se eu tiver êxito, verei a centelha azul jorrar da cabeça do prego. — Emen-Hétan! Emen-Hétan! — Não é isso. — Sigéani! Sigéani! — Que este prego abra a tumba de quem tiver o nome de Phoebus! — Maldição! sempre, ainda, eternamente a mesma ideia!

E jogou longe o martelo, com raiva. Depois se enfiou tanto na poltrona e na mesa que Jehan o perdeu de vista atrás do enorme espaldar. Durante alguns minutos, só viu seu punho convulsivo crispado sobre um livro. De repente, dom Claude se levantou, pegou um compasso e gravou em silêncio na parede em letras capitais esta palavra grega:

‘ANÁΓKH

— Meu irmão está louco — disse Jehan de si para si. — Teria sido bem mais simples escrever *Fatum*. Nem todo mundo é obrigado a saber grego.

O arquidiácono veio sentar-se em sua poltrona e pôs a cabeça nas

mãos, como faz um doente cuja testa está pesada e ardente.

O estudante observava seu irmão com surpresa. Ele, que expunha seu coração ao ar livre, que não observava lei no mundo que não fosse a boa lei da natureza, que deixava suas paixões escoarem por suas inclinações e em quem o lago das grandes emoções estava sempre seco de tanto nele abrir cada manhã novos escoadouros; ele não sabia com que fúria esse mar das paixões humanas fermenta e ferve quando lhe recusam toda saída, como ele se acumula, como se incha, como transborda, como rasga o coração, como rebenta em soluços internos e surdas convulsões, até romper seus diques e cavar seu leito. A aparência austera e glacial de Claude Frollo, essa superfície de virtude escarpada e inacessível, sempre enganara Jehan. O alegre estudante jamais imaginara que havia lava ardente, furiosa e profunda sob a frente de neve do Etna.

Não sabemos se ele se deu subitamente conta dessas ideias; mas por mais cabeça de vento que fosse, compreendeu que vira o que não devia ter visto, que acabava de surpreender a alma de seu irmão mais velho numa de suas atitudes mais secretas e que não devia deixar que Claude percebesse isso. Vendo que o arqui-diácono havia caído em sua imobilidade primeira, ele retirou a cabeça com cautela e fez um barulho de passos atrás da porta, como alguém que chega e que avisa sua chegada.

— Entre! — gritou o arqui-diácono de dentro da cela. — Estava à sua espera. Deixei de propósito a chave na fechadura. Entre, mestre Jacques.

O estudante entrou com ousadia. O arqui-diácono, que essa visita incomodava muito num lugar como aquele, estremeceu em sua poltrona.

— O quê! É o senhor, Jehan?

— Não deixa de ser um J — disse o estudante com o rosto vermelho, atrevido e alegre.

O rosto de dom Claude havia retomado sua expressão severa.

— O que veio fazer aqui?

— Meu irmão — respondeu o estudante se esforçando para exibir uma cara decente, piedosa e modesta e girando seu barrete nas mãos com um ar de inocência —, vinha lhe pedir...

— O quê?

— Um pouco de moral, de que necessito muito.

Jehan não ousou acrescentar em voz alta: e um pouco de dinheiro, de que necessito muito mais. Este último membro de sua frase permaneceu inédito.

— Senhor — disse o arqui-diácono num tom frio —, estou muito descontente consigo.

— Ai! — suspirou o estudante.

Dom Claude fez sua poltrona descrever um quarto de círculo e olhou fixamente para Jehan.

— Fico muito contente em vê-lo.

Era um exórdio temível. Jehan se preparou para um rude choque.

— Jehan, todos os dias me fazem queixas do senhor. O que é esse bate-bate em que o senhor contundiu com uma cacetada o pequeno visconde Albert de Ramonchamp?

— Oh, grande coisa! — fez Jehan. — Um pajem que se divertia sujando os estudantes com respingos ao fazer o seu cavalo galopar nas poças de lama!

— Quem é — prosseguiu o arqui-diácono — esse Mahiet Fargel, cuja túnica o senhor rasgou? *Tunicam dechiraverunt*, diz a queixa.

— Ora! Um estudante de Montaigu, sabe?

— A queixa diz *tunicam* e não *cappettam*. O senhor não sabe latim? Jehan não respondeu.

— Sim! — prosseguiu o padre sacudindo a cabeça. — Eis em que pé estão os estudos e as letras agora! A língua latina mal é ouvida, a siríaca, desconhecida, a grega, tão odiosa que não é considerado ignorância dos mais doutos saltar uma palavra grega sem a ler, e dizer: *Graecum est, non legitur*.²²¹

O estudante ergueu decididamente os olhos.

— Senhor meu irmão, gostaria que eu lhe explicasse em bom francês esta palavra grega que está escrita ali na parede?

— Que palavra?

— Ἀνάγκη.

Um leve rubor veio se espalhar nas bochechas redondas do arqui-diácono, como a nuvem de fumaça que anuncia ao exterior as comoções secretas de um vulcão. O estudante mal percebeu.

— Pois bem, Jehan — balbuciou o irmão mais velho com esforço —, o que essa palavra quer dizer?

— FATALIDADE.

Dom Claude voltou a ficar pálido, e o estudante prosseguiu, des preocupado:

— E essa palavra que está abaixo, gravada pela mesma mão, ἀναγνεία, significa impureza. Está vendo que sei grego.

O arqui-diácono permanecia em silêncio. Essa lição de grego o fizera ficar sonhador. O pequeno Jehan, que tinha todas as finezas de um garoto mimado, julgou o momento favorável para ousar o pedido. Adotou, pois, uma voz extremamente suave e começou.

— Meu bom irmão, será que o senhor me odeia a ponto de me fazer cara feia por algumas bofetadas e sopapos dados nuns garotos e fedelhos, *quibusdam marmosetis*?²²² Está vendo, bom irmão Claude,

que sei latim?

Mas toda essa acariciante hipocrisia não teve o efeito costumeiro sobre o severo irmão mais velho. Cérbero não mordeu o bolinho de mel.²²³ A fronte do arquidiácono não se desfez de uma só ruga.

— Onde quer chegar? — indagou num tom seco.

— Bem, é o seguinte! — respondeu corajosamente Jehan. — Preciso de dinheiro.

Diante dessa declaração descarada, a fisionomia do arquidiácono assumiu uma expressão plenamente pedagógica e fraterna.

— O senhor sabe, sr. Jehan, que o nosso feudo de Tirechappe rende apenas, somando o censo e a renda das vinte e uma casas, trinta e nove libras, onze *sous* e seis *deniers parisis*. É mais da metade do que na época dos irmãos Paclet, mas não é muito.

— Preciso de dinheiro — disse estoicamente Jehan.

— O senhor sabe que o Tribunal Eclesiástico decidiu que nossas vinte e uma casas pertenciam plenamente ao bispado e que só poderíamos comprar essa homenagem pagando ao reverendo bispo dois marcos de prata dourada valendo seis libras *parisis*. Ora, esses dois marcos eu ainda não pude ganhá-los. O senhor sabe.

— Eu sei que preciso de dinheiro — repetiu Jehan pela terceira vez.

— E o que quer fazer com ele?

Essa pergunta fez brilhar uma luz de esperança nos olhos de Jehan. Ele recobrou sua cara meiga e melosa.

— Escute, caro irmão Claude, eu não me dirigiria ao senhor com má intenção. Não se trata de me exhibir nas tavernas com o seu dinheiro e passear pelas ruas de Paris montado num cavalo com xairel de brocado de ouro e acompanhado pelo meu laçao, *cum meo laquasio*. Não, meu irmão, é para uma boa obra.

— Que boa obra? — indagou dom Claude um tanto surpreso.

— Dois amigos meus gostariam de comprar um enxoval para o filho de uma pobre viúva *haudriette*. É uma caridade. Vai custar três florins, e eu queria contribuir com o meu.

— Como se chamam os seus dois amigos?

— Pierre l'Assomeur e Baptiste Croque-Oison.²²⁴

— Hum — fez o arquidiácono. — Nomes que estão para uma boa obra assim como uma bombarda para um altar-mor.

É verdade que Jehan havia escolhido mal seus dois nomes de amigos. Sentiu isso tarde demais.

— E depois — prosseguiu o sagaz Claude —, o que é um enxoval que deve custar três florins, e isso para o filho de uma *haudriette*? Desde quando as viúvas *haudriettes* têm crianças só de cueiros?

Jehan quebrou o gelo mais uma vez.

— Está bem, está bem. Preciso de dinheiro para ir esta noite ver

Isabeau la Thierrye no Val-d'Amour.

— Miserável, impuro! — exclamou o padre.

— Ἀναγνεία — disse Jehan.

Essa citação, que o estudante tomava de empréstimo, talvez com malícia, da parede da cela, teve sobre o padre um efeito singular. Ele mordeu os lábios, e sua cólera se extinguiu no rubor.

— Vá embora — disse então a Jehan. — Espero uma pessoa.

O estudante tentou mais um esforço.

— Irmão Claude, me dê pelo menos um *parisis* de nada para comer.

— Em que ponto está das decretais de Graciano? — perguntou dom Claude.

— Perdi os meus cadernos.

— Em que ponto está das humanidades latinas?

— Roubaram o meu exemplar de Horácio.

— Em que ponto está de Aristóteles?

— Pela minha fé, irmão, que padre da igreja é aquele que diz que os erros dos heréticos tiveram como refúgio, em todos os tempos, o mato ralo da metafísica de Aristóteles? Dane-se Aristóteles! Não quero dilacerar a minha religião com a sua metafísica.

— Jovem — replicou o arqui-diácono —, havia na última entrada do rei um fidalgo chamado Philippe de Comines, que trazia bordado no xairol do cavalo a sua divisa, sobre a qual aconselho o senhor a meditar: *Qui non laborat non manducet*.²²⁵

O estudante ficou silencioso um instante, dedo no ouvido, olhar fixo no chão e cara zangada. De repente virou-se para Claude com a viva presteza de um passarinho.

— Quer dizer, bom irmão, que o senhor me recusa um *sous parisis* para eu comprar um pedaço de pão numa padaria?

— *Qui non laborat non manducet*.

A essa resposta do inflexível arqui-diácono, Jehan escondeu a cabeça nas mãos, como uma mulher que soluça, e exclamou com uma expressão de desespero:

— O τοτοτοτοτοϊ!

— O que isso quer dizer, senhor? — perguntou Claude, surpreso com essa maluquice.

— Como assim! — fez o estudante, erguendo para Claude seus olhos atrevidos nos quais enfiava os punhos para dar a eles a vermelhidão das lágrimas. — É grego! É um anapesto de Ésquilo que exprime perfeitamente a dor.

E aqui soltou uma gargalhada tão bufona e violenta que fez o arqui-diácono sorrir. Era culpa de Claude, na verdade: por que ele mimara tanto aquele rapaz?

— Oh, bom irmão Claude — prosseguiu Jehan, encorajado por esse

sorriso —, veja os meus borzeguins furados. Há coturno mais trágico no mundo do que botinas cuja sola bota a língua para fora?

O arqui-diácono havia prontamente voltado à sua severidade inicial.

— Eu lhe mandarei botinas novas, mas dinheiro não.

— Só um pobre *parisis*, irmão — continuou o suplicante Jehan. — Aprenderei Graciano de cor, acreditarei no bom Deus, serei um verdadeiro Pitágoras de ciência e virtude. Mas um *parisis* de nada, por favor! Ou deseje que a fome me morda com a sua bocarra, que está aí, escancarada diante de mim, mais negra, mais fétida, mais profunda do que um Tártaro ou o nariz de um monge?

Dom Claude sacudiu a cabeça enrugada.

— *Qui non laborat...*

Jehan não o deixou acabar.

— Pois bem — gritou —, dane-se! Viva a alegria! Eu vou me meter nas tavernas, vou brigar, vou quebrar copos e ver as mulheres!

E, com isso, jogou seu boné na parede e estalou os dedos como castanholas.

O arqui-diácono olhou para ele com um ar sombrio.

— Jehan, o senhor não tem alma.

— Nesse caso, segundo Epicuro, me falta algo, alguma coisa que não tem nome.

— Jehan, o senhor tem que pensar seriamente em se corrigir.

— Ah! — fez o estudante olhando alternadamente para o irmão e para os alambiques do forno —, tudo é pontudo aqui, as ideias e as garrafas!

— Jehan, o senhor está numa ladeira escorregadia. Sabe aonde vai?

— Ao cabaré — disse Jehan.

— O cabaré leva ao pelourinho.

— É uma lanterna como outra qualquer, e foi talvez com ela que Diógenes encontrou o seu homem.

— O pelourinho leva à força.

— A força é uma balança que tem um homem numa ponta e a Terra na outra. É lindo ser homem.

— A força leva ao inferno.

— É uma grande fogueira.

— Jehan, Jehan, o fim será ruim.

— O começo terá sido bom.

Nesse momento um ruído de passos se fez ouvir na escada.

— Silêncio! — disse o arqui-diácono, pondo um dedo na boca. — É o mestre Jacques. Escute, Jehan — acrescentou em voz baixa —, trate de não falar nunca no que viu e ouviu aqui. Esconda-se depressa debaixo desse forno e não sopra.

O estudante se encolheu sob o forno. Ali lhe acudiu uma ideia.

— Aliás, irmão Claude, um florim para que eu não sobre.
— Silêncio! Prometo lhe dar.
— Tem que me dar.
— Pegue! — disse o arquidiácono, atirando-lhe com raiva sua bolsa. Jehan tornou a se meter debaixo do forno, e a porta se abriu.

216 “Essas rotisseries são mesmo uma coisa estupenda!”

217. “Sobre, espere.” Os alquimistas “sopravam” para tentar transmutar os metais em ouro.

218. “De onde? Desse lugar? — O homem é um monstro para o homem. — Astros, fortalezas, nome, divindade. — Grande livro, grande mal. — Ouse saber. — Sopra [o espírito] onde quiser.”

219. “Chamem de *dominum* o senhor celeste, de *domnum* o senhor terrestre.”

220. Rabino do século XIII. (N. E.)

221. “É grego, não se lê.”

222. “Nuns garotos quaisquer.”

223. Na *Eneida* de Virgílio, Cérbero, o cão de três cabeças guardião dos Infernos, foi tentado por um bolinho de mel dado por Sibila para que deixasse passar Eneias. (N. E.)

224. Pierre Carniceiro e Baptiste Mata-Gansinho.

225. “Quem não trabalha, não come.” Ou, mais popularmente: quem não trabuca, não manduca.

OS DOIS HOMENS VESTIDOS
DE PRETO

O personagem que entrou tinha uma túnica negra e a cara sombria. O que impressionou ao primeiro olhar nosso amigo Jehan (que, como se imagina, tinha se arranjado em seu canto de maneira a ver e ouvir tudo a seu bel-prazer) foi a perfeita tristeza da roupa e do rosto do recém-chegado. Havia, no entanto, certa doçura disseminada nessa figura, mas uma doçura de gato ou de juiz, uma doçura melosa. Era bem grisalho, enrugado, beirava os sessenta, piscava os olhos, tinha a sobrelanceira branca, a beijaola pendente e mãos grandes. Quando Jehan viu que não passava disso, quer dizer, sem dúvida um médico ou magistrado e que aquele homem tinha o nariz muito longe da boca, sinal de burrice, tornou a se encolher em seu buraco, desesperado por ter de passar um tempo indefinido em tão incômoda postura e em tão má companhia.

O arquidiácono não tinha nem sequer se levantado para esse personagem. Fizera-lhe sinal para sentar numa banquetta perto da porta e, passados alguns momentos de um silêncio que parecia continuar uma meditação anterior, lhe dissera com certa condescendência:

— Bom dia, mestre Jacques.

— Salve, mestre — respondera o homem de preto.

Havia nas duas maneiras como foram pronunciados, por um, aquele *mestre Jacques*, pelo outro aquele *mestre* por excelência, a diferença entre o meu senhor e o senhor, entre *domine* e *domne*. Era evidentemente o trato do doutor e do discípulo.

— E então — retomou o arquidiácono depois de um novo silêncio que mestre Jacques tratou de não perturbar —, teve sucesso?

— Infelizmente, meu mestre — disse o outro com um sorriso triste —, continuo soprando. Cinzas, tanto quanto eu quiser. Mas nem uma centelha de ouro.

Dom Claude fez um gesto de impaciência.

— Não estou falando disso, mestre Jacques Charmolue, mas do processo do seu mago. Não o chama de Marc Cenaine? O ecônomo do Tribunal de Contas? Ele confessou a sua magia? Teve sucesso na causa?

— Infelizmente não — respondeu mestre Jacques, sempre com seu sorriso triste. — Esse consolo não temos. O homem é uma pedra; nós o ferveremos no mercado dos porcos e ele não dirá coisa alguma. Enquanto isso não poupamos nada para chegar à verdade. Ele já está todo desmantelado, aplicamos todas as ervas de são João, como diz o velho cômico Plauto: “*Advorsum stimulos, crucesque, compedesque, Nervos, catenas, carceres, numellas, pedicas, boias*”.²²⁶ Nada adianta; esse homem é terrível. Gasto o meu latim com ele.

— Não encontrou nada de novo na casa dele?

— Sim — disse mestre Jacques, remexendo na bolsa —, este pergaminho. Tem palavras que não compreendemos. O senhor advogado criminal, Philippe Lheulier, sabe no entanto um pouco de hebraico, que aprendeu no caso dos judeus da Rue Kantersten, em Bruxelas.

Assim falando, mestre Jacques desenrolava um pergaminho.

— Me dê aqui — disse o arqui-diácono. E, correndo os olhos pelo documento: — Pura magia, mestre Jacques! — exclamou. — *Emen-Hétan!* é o grito das estriges quando chegam ao sabá. *Per ipsum, et cum ipsum, et in ipso!*²²⁷ é o comando para prender o diabo de volta no inferno. *Hax, pax, max!*, isso é medicina: uma fórmula contra a mordida de cães raivosos. Mestre Jacques, o senhor é procurador do rei no Tribunal Eclesiástico: este pergaminho é abominável.

— Torturaremos o homem de novo. Eis ainda — acrescentou mestre Jacques, remexendo de novo em sua sacola — o que encontramos na casa de Marc Cenaine.

Era um vaso de família, como os que cobriam o forno de dom Claude.

— Ah! — fez o arqui-diácono. — Um cadinho de alquimia.

— Confesso — tornou mestre Jacques com seu sorriso tímido e canhestro — que o experimentei no forno, mas tive tão pouca sorte quanto com o meu.

O arqui-diácono pôs-se a examinar o vaso.

— O que está gravado no cadinho dele? *Och! Och!*, a palavra que repele as pulgas. Esse Marc Cenaine é ignorante! É claro que o senhor não fará ouro com isso! Só serve mesmo para o senhor pôr na sua alcova no verão!

— Já que estamos falando de erros — disse o procurador do rei —, acabo de estudar o portal daqui de baixo antes de subir. Vossa

Reverência tem certeza de que a abertura da obra de física está figurada, nele, do lado do Hôtel-Dieu e que, nas sete figuras nuas que estão aos pés de Nossa Senhora, a que tem asas nos calcanhares é Mercúrio?

— Sim — respondeu o padre. — É Agostinho Nypho que escreve isso, aquele doutor italiano que tinha um demônio barbudo, o qual lhe ensinava todas as coisas. Aliás, vamos descer, e lhe explicarei isso com base no texto.

— Obrigado, meu mestre — disse Charmolue, inclinando-se até o chão. — Ah, ia esquecendo! Quando o senhor quer que eu mande apreender a pequena maga?

— Que maga?

— Aquela boêmia que o senhor sabe e que vem todos os dias bailar no adro, apesar da proibição do Tribunal Eclesiástico. Ela tem uma cabra possuída que tem os cornos do diabo, que lê, escreve, que sabe matemática como Picatrix²²⁸ e que bastaria para mandar enforcar toda a Boêmia. O processo está prontinho; logo será iniciado. Uma bonita criatura, pela minh'alma, essa dançarina! Os mais belos olhos negros! Duas granadas do Egito. Quando começamos?

O arqui-diácono estava excessivamente pálido.

— Eu lhe direi — balbuciou com uma voz apenas articulada. Depois prosseguiu com esforço: — Ocupe-se de Marc Cenaine.

— Fique sossegado — disse Charmolue, sorrindo. — Vou mandar amarrá-lo de novo na cama de couro assim que eu voltar. Mas é um diabo de homem: ele cansa o próprio Pierre Torterue, que tem mãos mais grossas do que as minhas. Como diz o bom Plauto, *Nudus vincitus, centum pondo, es quando pendes per pedes*.²²⁹ A tortura do guincho! É o que temos de melhor. Ele passará por ela.

Dom Claude parecia imerso numa sombria distração. Virou-se para Charmolue.

— Mestre Pierrat... Mestre Jacques, quero dizer, ocupe-se de Marc Cenaine!

— Sim, sim, dom Claude! Pobre homem! Terá sofrido como Mummol.²³⁰ Também que ideia, ir ao sabá! Um ecônomo do Tribunal de Contas, que deveria conhecer o texto de Carlos Magno, *Stryga vel masca*!²³¹ Quanto à pequena... Esmeralda, como a chamam, aguardarei suas ordens. Ah, ao passar sob o portal explique-me também o que quer dizer o jardineiro pintado na parede que vemos ao entrar na igreja. Não é o Semeador?... Mestre, em que está pensando?

Dom Claude, absorto em si mesmo, não ouvia mais. Charmolue, seguindo a direção de seu olhar, viu que ele se fixara maquinalmente na grande teia de aranha que atapetava a lucarna. Nesse momento uma mosca estonteada, que buscava o sol de março, veio se jogar

através dessa rede e nela se emaranhou. Com o abalo de sua teia, a enorme aranha fez um movimento brusco para fora de sua cela central, depois de um pulo se precipitou sobre a mosca, que dobrou em dois com suas antenas dianteiras, enquanto sua tromba hedionda vasculhava a cabeça dela.

— Pobre mosca — disse o procurador do rei perante o Tribunal Eclesiástico, erguendo a mão para salvá-la. O arqui-diácono, como que despertado em sobressalto, reteve seu braço com uma violência convulsiva.

— Mestre Jacques — gritou —, deixe agir a fatalidade.

O procurador se voltou, assustado; parecia-lhe que uma tenaz de ferro tinha pegado seu braço. O olhar do padre estava fixo, esgazeados, flamejante, e permanecia preso ao pequeno e horrível grupo da mosca e da aranha.

— Ó sim! — continuou o padre com uma voz que se diria vir de suas entranhas. — Eis um símbolo de tudo. Ela voa, está feliz, acaba de nascer; busca a primavera, o ar livre, a liberdade. Ó sim! Mas se choca contra a rosácea fatal, e a aranha sai, a aranha hedionda! Pobre dançarina! Pobre mosca predestinada! Mestre Jacques, deixe acontecer! É a fatalidade!... Ai, Claude, tu és a aranha. Claude, tu és a mosca também! Tu voavas em direção à ciência, à luz, ao sol, tu tinhas a única preocupação de alcançar o ar livre, o grande dia da verdade eterna; mas precipitando-te para a lucarna ofuscante que dá para o outro mundo, para o mundo da claridade, da inteligência e da ciência, mosca cega, doutor insensato, tu não viste essa sutil teia de aranha estendida pelo destino entre a luz e ti, tu te lançaste nela impulsivamente, pobre louco, e agora te debates, a cabeça quebrada e as asas arrancadas, entre as antenas de ferro da fatalidade! Mestre Jacques! Mestre Jacques! Deixe a aranha agir!

— Garanto ao senhor — disse Charmolue, que olhava para ele sem compreender — que não tocarei nela. Mas largue o meu braço, mestre, por favor! O senhor tem uma mão de tenaz.

O arqui-diácono não ouvia.

— Ó insensato! — prosseguiu sem tirar a lucarna dos olhos. — E se tivesses podido romper essa teia temível com as tuas asas de mosca, crês que terias sido capaz de alcançar a luz? Ai, aquele vidro que está mais longe, aquele obstáculo transparente, aquela muralha de cristal mais dura do que o bronze, que separa todas as filosofias da verdade, como tu a terias atravessado? Ó vaidade da ciência! Quantos sábios vêm de bem longe esvoaçando quebrar nela a cabeça! Quantos sistemas misturados se chocam zumbindo diante deste vidro eterno!

Calou-se. Essas últimas ideias, que o haviam levado por si mesmo à ciência, pareciam tê-lo acalmado. Jacques Charmolue o fez voltar

plenamente à sensação de realidade dirigindo-lhe esta pergunta:

— E então, meu mestre, quando virá me ajudar a fazer ouro? Anseio por ter logo sucesso.

O arquidiácono sacudiu a cabeça com um sorriso amargo:

— Mestre Jacques, leia Michel Psellus, *Dialogus de energia et operatione daemonum*.²³² O que fazemos não é totalmente inocente.

— Fale mais baixo, mestre! Eu sei — disse Charmolue. — Mas quando a gente é apenas procurador do rei no Tribunal Eclesiástico, a trinta e dois escudos *tournois* por ano, tem que fazer um pouco de hermética. Só que falemos mais baixo.

Nesse momento um barulho de mandíbula e de mastigação que partia de sob o forno veio atingir o ouvido inquieto de Charmolue.

— O que é isso? — perguntou.

Era o estudante, que, muito incômodo e entediado em seu esconderijo, tinha conseguido encontrar aí uma velha crosta de pão e um triângulo de queijo mofado, e se pusera a comer ambos sem a menor cerimônia, à guisa de consolo e de almoço. Como tinha muita fome, fazia muito barulho e acentuava fortemente cada bocado, o que despertara e alarmara o procurador.

— É meu gato — disse vivamente o arquidiácono —, se regalando ali embaixo com algum rato.

A explicação satisfaz Charmolue.

— De fato, mestre — respondeu com um sorriso respeitoso —, todos os grandes filósofos tiveram o seu bicho familiar. O senhor sabe o que Sêrvio diz: *Nullus enim locus sine genio est*.²³³

Entretanto dom Claude, que temia alguma nova cena de Jehan, recordou a seu digno discípulo que eles tinham algumas figuras do portal a estudar juntos, e os dois saíram da cela, para grande *ufa!* do estudante, que começava a temer seriamente que seu joelho ficasse marcado por seu joelho.

226. “Contra agulhões, ferros candentes, torturas, grilhões,/ Argolas, correntes, cárceres, troncos, adobas, golilhas.” Plauto, *Asinaria*, 549-50.

227. “Por ele, com ele, nele.”

228. Astrólogo árabe do século XII, suposto autor de um tratado de magia. (N. E.)

229. “Amarrado nu, pesas cem libras quando pendurado pelos pés.” Plauto, *Asinaria*, 301.

230. Grão-senhor empalado no século VI, sob as ordens de Fredegunda, rainha consorte de Quilperico I. (N. E.)

231. “Feiticeira ou espectro.”

232. *Diálogo sobre a energia e a operação dos demônios*.

233. “Não há um só lugar sem seu gênio guardião”, Virgílio, *Eneida*, V, 83.

EFEITO QUE SEIS IMPRECAÇÕES
AO AR LIVRE PODEM PRODUZIR

— *Te Deum laudamus!*²³⁴ — exclamou mestre Jehan saindo do seu buraco. — Lá se foram duas corujas. Och! Och! Hax! Pax! Max! As pulgas! Os cães raivosos! O diabo! Estou cheio da conversa deles! A minha cabeça retine como um campanário. Queijo mofado, ainda por cima! Bom! Vamos descer, peguemos a bolsa do irmão mais velho e convertamos todas essas moedas em garrafas.

Deu uma olhada de ternura e admiração dentro da preciosa bolsa, arrumou sua roupa, esfregou as botinas, tirou o pó de suas pobres mangas escurecidas pelas cinzas, assobiou uma melodia, fez uma pirueta, examinou se não sobrava alguma coisa a pegar na cela, catou no forno aqui e ali algum amuleto de vidro, bons para dar de presente a Isabeau la Thierrye, por fim puxou a porta que seu irmão havia deixado aberta por uma derradeira indulgência, e que por sua vez ele deixou aberta por uma derradeira malícia, e desceu a escada circular saltitando como um passarinho.

No meio das trevas da escada, esbarrou numa coisa que se encolheu resmungando; pensou que era Quasímodo, e isso lhe pareceu tão engraçado que desceu o resto da escada segurando as costelas de tanto rir. Desembocando na praça, ainda ria.

Bateu o pé ao se encontrar no chão.

— Oh, bom e honrado chão de Paris! — disse. — Maldita escada de tirar o fôlego dos anjos da escada de Jacó! O que eu tinha na cabeça para me enfiar nessa verruma de pedra que fura o céu, e tudo isso para comer um queijo bolorento e para ver os sinos de Paris por uma lucarna!

Deu alguns passos e avistou os dois corujões, a saber, dom Claude e mestre Jacques Charmolue, em contemplação diante de uma escultura do portal. Aproximou-se deles na ponta dos pés e ouviu o arquidiácono dizendo baixinho a Charmolue:

— Foi Guilherme de Paris que mandou gravar um Jó nesta pedra cor de lápis-lazúli, dourada nas beiras. Jó representa a pedra filosofal, que também deve ser posta à prova e martirizada para se tornar perfeita, como diz Raimundo Lúlio: *Sub conservatione formæ specificæ salva anima*.²³⁵

— Para mim isso não tem o menor interesse — disse Jehan. — Eu é que tenho a bolsa.

Nesse momento ouviu uma voz forte e sonora articular atrás de si uma série formidável de imprecações:

— Sangue de Deus! Ventre de Deus! Bom Deus! Corpo de Deus! Umbigo de Belzebu! Por todos os papas! Chifres e trovões!

— Pela minh'alma — exclamou Jehan —, só pode ser o meu amigo, o capitão Phoebus!

Esse nome de Phoebus chegou aos ouvidos do arquidiácono no momento em que ele explicava ao procurador do rei o dragão que esconde seu rabo num banho de onde sai fumaça e uma cabeça de rei. Dom Claude estremeceu, interrompeu-se, para grande estupor de Charmolue, virou-se e viu seu irmão Jehan abordar um oficial grandalhão na porta do Logis Gondelaurier.

Era de fato o senhor capitão Phoebus de Châteaupers. Estava encostado no canto da casa de sua noiva e blasfemava como um pagão.

— Pela minha fé, capitão Phoebus — disse Jehan pegando a mão dele —, o senhor pragueja com uma verve admirável.

— Chifres e trovões! — respondeu o capitão.

— Chifres e trovões para o senhor! — replicou o estudante. — Ora essa, gentil capitão, de onde lhe vem esse extravasamento de belas palavras?

— Desculpe, bom camarada Jehan — exclamou Phoebus sacudindo-lhe a mão —, cavalo disparado não estaca de repente. Ora, eu praguejava a galope. Venho da casa dessas pudicas e, quando saio, sempre tenho a garganta cheia de imprecações; tenho que soltá-las, senão sufocaria, ventre e trovões!

— Quer vir beber comigo? — perguntou o estudante.

Essa proposta acalmou o capitão.

— Querer eu quero, só que não tenho dinheiro.

— Mas eu tenho!

— Ora! Quero ver!

Jehan abriu a bolsa aos olhos do capitão, com majestade e simplicidade. Enquanto isso, o arquidiácono, que abandonara um Charmolue boquiaberto, viera até eles e se detivera a alguns passos, observando os dois sem que eles o percebessem, a tal ponto os absorvia a contemplação da bolsa.

Phoebus exclamou:

— Uma bolsa no seu bolso, Jehan, é a lua num balde d'água! A gente a vê dentro dele, mas ela não está lá. Só há a sua sombra! Por Deus, aposto que são pedras!

Jehan respondeu friamente:

— Pois são pedras com que empedro o meu sovaco.

E, sem acrescentar palavra esvaziou a bolsa num pilarete vizinho, com o ar de um romano salvando a pátria.

— Verdadeiro Deus! — grunhiu Phoebus —, moedas de todo tipo! É deslumbrante!

Jehan permanecia digno e impassível. Alguns *liards* haviam rolado na lama; o capitão, em seu entusiasmo, se abaixou para catá-los. Jehan o reteve:

— Apre, capitão Phoebus de Châteaupers!

Phoebus contou as moedas e, voltando-se com solenidade para Jehan:

— Sabe, Jehan, são vinte e três *sous parisis*! Quem o senhor depenou esta noite, na Rue Coupe-Gueule?

Jehan jogou para trás sua cabeça loura e cacheada e disse, semicerrando os olhos desdenhosos:

— Tenho um irmão arquidiácono e imbecil.

— Chifre de Deus — exclamou Phoebus —, que homem digno!

— Vamos beber — disse Jehan.

— Aonde iremos? — indagou Phoebus. — Ao La Pomme d'Ève?²³⁶

— Não, capitão, vamos ao La Vieille-Science.

— Dane-se a velha ciência, Jehan! O vinho é melhor no La Pomme d'Ève e, depois, ao lado da porta tem uma vinha ao sol que me alegra quando bebo.

— Está bem, seja a Eva e sua maçã — disse o estudante; e, tomando o braço de Phoebus: — Aliás, caro capitão, o senhor falou há pouco da Rue Coupe-Gueule. É falar muito errado; não se é mais tão bárbaro assim hoje em dia. Diz-se Rue Coupe-Gorge.²³⁷

Os dois amigos puseram-se a caminho do La Pomme d'Ève. Inútil dizer que antes tinham catado o dinheiro e que o arquidiácono os seguia.

O arquidiácono os seguia, sombrio e furioso. Seria aquele o Phoebus cujo nome maldito, desde sua conversa com Gringoire, se misturava a todos os seus pensamentos? Não sabia, mas afinal era um Phoebus, e esse nome mágico bastava para que o arquidiácono seguisse sorrateiramente os dois despreocupados companheiros, ouvindo suas palavras e observando seus menores gestos com uma ansiedade atenta. De resto, nada era mais fácil do que ouvir tudo o que eles diziam, tão alto falavam, nada preocupados em pôr os

passantes um pouco a par de suas confidências. Falavam de duelos, mulheres, jarras de vinho, loucuras.

Na virada de uma rua, o barulho de um pandeiro chegou até eles, vindo de uma encruzilhada vizinha. Dom Claude ouviu o oficial dizer ao estudante:

— Trovões! Apertemos o passo.

— Por quê, Phoebus?

— Temo que a boêmia me veja.

— Que boêmia?

— A garota que tem uma cabra.

— A Esmeralda?

— Ela mesma, Jehan. Sempre esqueço o diabo do seu nome. Depressa, ela me reconheceria. Não quero que essa moça me aborde na rua.

— O senhor a conhece, Phoebus?

Aqui o arqui-diácono viu Phoebus dar uma risada, se inclinar no ouvido de Jehan e lhe dizer algumas palavras baixinho; depois Phoebus soltou uma gargalhada e sacudiu a cabeça com um ar triunfante.

— Verdade? — disse Jehan.

— Pela minh'alma! — disse Phoebus.

— Esta noite?

— Esta noite.

— Tem certeza de que ela irá?

— Está louco, Jehan? Por acaso a gente duvida dessas coisas?

— Capitão Phoebus, o senhor é um gendarme feliz!

O arqui-diácono ouviu toda essa conversa. Seus dentes bateram; um arrepio, visível aos olhos, percorreu todo o seu corpo. Ele parou um momento, apoiou-se num pilarete como um bêbado, depois continuou na pista dos dois alegres gaiatos.

No momento em que os alcançou, eles haviam mudado de conversa. Ouviu-os cantar a plenos pulmões o velho refrão:

Les enfants des Petits-Carreaux

*Se font pendre comme des veaux!*²³⁸

234. “A ti, ó Deus, louvamos!”

235. “Conservada sob sua forma específica, a alma está salva.”

236. A maçã de Eva.

237. Coupe-Gueule, corta goela; Coupe-Gorge, corta garganta.

238. “As crianças dos Petits-Carreaux [rua de Paris]/ São enforcadas como vitelos!”

O MONGE FANTASMA

O ilustre cabaré La Pomme d'Ève ficava na Universidade, na esquina das ruas de la Rondelle e du Bâtonnier. Era uma sala no térreo, vasta e de teto baixo, com uma abóbada cujo assento central se apoiava num grosso pilar de madeira pintado de amarelo, mesas por toda parte, luzidias jarras de estanho penduradas na parede, sempre muitos beverões, mulheres em profusão, uma vidraça que dava para a rua, uma videira na porta e, acima dessa porta, uma berrante placa de lata, decorada com uma maçã e uma mulher, enferrujada pela chuva e girando ao vento num espeto de ferro. Essa espécie de cata-vento que olhava para o chão era o letreiro da casa.

Caía a noite; a encruzilhada estava escura; o cabaré cheio de velas flamejava ao longe como uma forja na penumbra; ouvia-se o ruído dos copos, das comilanças, das imprecações, que escapavam pelos vidros quebrados.

Através da bruma, que o calor da sala espalhava na vidraça da fachada, viam-se formigar centenas de figuras confusas e, de vez em quando, uma gargalhada sonora se destacava. Os transeuntes que iam cuidar de seus assuntos passavam, sem olhar, por essa vidraça tumultuosa. Somente, por intervalos, algum garotinho maltrapilho se erguia na ponta dos pés até o apoio da fachada e lançava no cabaré o deboche com que então se perseguia os bêbados: *Aux Houls, saouls, saouls, saouls!*²³⁹

Um homem, no entanto, passeava imperturbável em frente à barulhenta taverna, olhando para dentro sem cessar e não se afastando mais do que uma sentinela de sua guarita. Tinha um capote até o nariz. Esse capote, ele acabava de comprar no brechó próximo do La Pomme d'Ève, sem dúvida para se proteger do frio do entardecer de maio, talvez para esconder sua vestimenta. De vez em quando, ele parava em frente à vidraça embaçada de caixilhos de chumbo, ouvia, olhava, batia o pé.

Enfim a porta do cabaré se abriu. Era o que ele parecia esperar. Dois bebedores saíram. O raio de luz que escapava da porta empurpura por um instante suas figuras joviais. O homem do capote foi se pôr em observação sob um pórtico do outro lado da rua.

— Chifres e trovões! — disse um dos dois bebedores. — Vão dar sete horas. É a hora do meu encontro.

— Estou lhe dizendo — repetia seu companheiro com a língua pastosa — que não moro na Rue des Mauvaises-Paroles, *indignus qui inter mala verba habitat*.²⁴⁰ Moro na Rue Jean-Pain-Mollet, *in vico Johannis-Pain-Mollet*. O senhor é mais cornudo do que um unicórnio, se diz o contrário. Todo mundo sabe que quem monta uma vez num urso nunca mais tem medo; mas o senhor parece guloso de prazeres, como Saint-Jacques-de-l'Hôpital.

— Jehan, meu amigo, o senhor está bêbado — dizia o outro.

O outro respondeu trôpego:

— Como lhe agrada dizer isso, Phoebus. Mas está provado que Platão tinha o perfil de um cão de caça.

O leitor sem dúvida já reconheceu nossos dois bravos amigos, o capitão e o estudante. Parece que o homem que os espreitava na sombra também os reconheceu, porque seguia a passos lentos todos os zigue-zagues que o estudante fazia o capitão dar, o qual, bebedor mais aguerrido, conservara todo o seu sangue-frio. Ouvindo-os atentamente, o homem do capote pôde captar por inteiro a interessante conversa que se segue:

— Por Baco, trate de andar em linha reta, senhor bacharel! Sabe que tenho de me despedir. São sete horas. Vou me encontrar com uma mulher.

— Então me deixe, ora! Estou vendo estrelas e lanças de fogo. O senhor é como o castelo de Dampmartin, que morre de rir.

— Pelas verrugas da minha avó, Jehan, isso é ser insensato por demais. A propósito, Jehan, sobrou-lhe algum dinheiro?

— Senhor reitor, não tem erro: a pequena carniceria, *parva carniceria*.

— Jehan, meu amigo Jehan, o senhor sabe que marquei encontro com aquela garota no extremo da Pont Saint-Michel, que não posso levá-la à casa da Falourdel, a alcoviteira da ponte, e que terei de pagar o quarto. A velha bandalha de bigodes brancos não me dará crédito. Jehan! Por favor! Não me diga que bebemos toda a bolsa do padre! Será que não nos resta mais um só *parisis*?

— A consciência de ter bem dispendido as outras horas é um justo e saboroso condimento de mesa.

— Ventre e tripas! Chega de falatório! Me diga, Jehan do diabo, sobra-lhe alguma moeda? Me dê uma, bom Deus, ou vou revistá-lo,

mesmo que você seja leproso como Jó e sarnento como César!

— Senhor, a Rue Galiache é uma rua que tem uma ponta na Rue de la Verrerie e a outra na Rue de la Tirexanderie.

— Sim, sim, meu bom amigo Jehan, meu pobre camarada. A Rue Galiache é formidável, formidabilíssima. Mas, em nome dos céus, volte a si. Preciso apenas de um *sous paris*, e para as sete horas.

— Silêncio na roda e atenção ao refrão:

*Quand les rats mangeront les cas,
Le roi sera seigneur d'Arras;
Quand la mer qui est grande et lée
Sera à la Saint-Jean gelée,
On verra, par dessus la glace,
Sortir ceux d'Arras de leur place.*²⁴¹

— Pois bem, estudante do Anticristo, espero que você seja estrangulado com as tripas da sua avó! — exclamou Phoebus, e empurrou com prudência o estudante embriagado, o qual deslizou encostado no muro e caiu molemente no chão pavimentado por Filipe Augusto. Por um resto dessa piedade fraterna que nunca abandona o coração de um bebedor, Phoebus rolou Jehan com o pé até um desses travesseiros de pobre que a Providência mantém prontos no canto de todos os pilaretes de Paris e que os ricos estigmatizam desdenhosamente com o nome de *montes de lixo*. O capitão arrumou a cabeça de Jehan num plano inclinado de talos de repolho, e no mesmo instante o estudante pôs-se a roncar com uma magnífica sonoridade de barítono. No entanto nem todo rancor estava extinto no coração do capitão. — Azar o seu se a carroça do diabo levar você ao passar! — disse para o pobre auxiliar judiciário adormecido, e se afastou.

O homem do capote, que não havia cessado de segui-lo, parou um momento diante do estudante que ali jazia, como se uma indecisão o agitasse; depois, dando um suspiro profundo, se afastou também, no enalço do capitão.

Como eles, deixaremos Jehan dormir sob o olhar benevolente das estrelas e os seguiremos também, se assim comprover ao leitor.

Desembocando na Rue Saint-André-des-Arcs, o capitão Phoebus notou que alguém o seguia. Viu, desviando por acaso os olhos, uma espécie de sombra que rastejava atrás dele ao longo das paredes. Ele parou, ela parou; ele continuou, a sombra continuou. Isso o inquietou muito pouco. “Ora”, disse consigo, “não tenho um *sou* que seja.”

Em frente à fachada do Collège d'Autun ele fez alta. Foi nesse colégio que ele havia esboçado o que chamava de seus estudos e, por um costume de estudante birrento que lhe restara, nunca passava pela

fachada sem fazer a estátua do cardeal Pierre Bernard, esculpida à direita do portal, sofrer a espécie de afronta de que se queixa tão amargamente Priapo na sátira de Horácio *Olim truncus eram ficulnus*.²⁴² Tinha se empenhado tanto em fazê-lo que a inscrição *Eduensis episcopus*²⁴³ estava quase apagada. Deteve-se, portanto, em frente à estátua, como de costume. A rua estava totalmente deserta. No momento em que amarrava com displicência suas braguilhas, natureza ao vento, viu a sombra se aproximar a passos lentos, tão lentos que teve tempo à vontade para observar que essa sombra tinha um capote e um chapéu. Chegando perto dele, a sombra parou e ficou mais imóvel do que a estátua do cardeal Bertrand. Enquanto isso, ela fixava em Phoebus dois olhos cheios desse brilho vago que sai à noite da pupila de um gato.

O capitão era destemido e teria se preocupado muito pouco com um ladrão de estoque em punho. Mas aquela estátua que andava, aquele homem petrificado o gelaram. Corriam então pelo mundo certas histórias do monge fantasma, que rondava à noite as ruas de Paris e que lhe vieram confusamente à memória. Ficou alguns minutos estupefato e rompeu enfim o silêncio, esforçando-se para rir.

— Se o senhor é um ladrão, como espero, produz em mim o efeito de uma garça que ataca uma casca de noz. Sou filho de uma família arruinada, meu caro. Dirija-se aqui ao lado. Na capela deste colégio tem madeira da verdadeira cruz, que está com a prataria.

A mão da sombra saiu de sob o capote e se abateu sobre o braço de Phoebus com o peso de uma garra de águia. Ao mesmo tempo, o homem falou:

— Capitão Phoebus de Châteaupers!

— Como diabos o senhor sabe o meu nome? — indagou Phoebus.

— Não é só o seu nome que eu sei — replicou o homem de capote com sua voz de sepulcro. — O senhor tem um encontro esta noite.

— Tenho! — respondeu Phoebus, estupefato.

— Às sete.

— Daqui a quinze minutos.

— Na casa da Falourdel.

— Precisamente.

— A alcoviteira da Pont Saint-Michel.

— De Saint-Michel-Archange, como diz o pai-nosso.

— Ímpio! — grunhiu o espectro. — Com uma mulher?

— *Confiteor*.²⁴⁴

— Que se chama...

— Esmeralda — disse Phoebus alegremente. Toda a sua despreocupação lhe voltara aos poucos.

A esse nome, a garra do homem sacudiu com furor o braço de

Phoebus.

— Capitão Phoebus de Châteaupers, você está mentindo.

Quem tivesse podido ver nesse momento o rosto inflamado do capitão, o pulo que ele deu para trás, tão violento que se livrou da tenaz que o agarrara, a expressão altiva com que levou a mão à guarda de sua espada e, diante dessa cólera, a morna imobilidade do homem do capote, quem houvesse visto essa cena teria ficado apavorado. Parecia o combate de dom Juan com a estátua.

— Cristo e Satanás! — gritou o capitão. — Está aí uma palavra que ataca raramente os ouvidos de um Châteaupers! Você não ousaria repeti-la!

— Você está mentindo! — disse a sombra friamente.

O capitão rangeu os dentes. Monge fantasma, espectro, superstições, tinha esquecido tudo naquele momento. Só via um homem e um insulto.

— Ah, assim é que eu gosto! — balbuciou com uma voz sufocada pela raiva. Sacou a espada; depois, gaguejando, porque a raiva faz tremer como o medo: — Aqui! Já! Eia! As espadas! As espadas! Sangue nas pedras do chão.

Mas o outro não se mexia. Quando viu seu adversário em guarda e pronto para se pôr em posição de combate:

— Capitão Phoebus — disse, e sua voz soava com amargor —, está se esquecendo do seu encontro.

Os arroubos dos homens como Phoebus são como sopas de leite: uma só gota de água fria aplaca sua ebulição. Essa simples palavra fez baixar a espada que cintilava no punho do capitão.

— Capitão — prosseguiu o homem —, amanhã, depois de amanhã, daqui a um mês, daqui a dez anos, o senhor me encontrará pronto para lhe cortar a garganta; mas primeiro vá ao seu encontro.

— De fato — disse Phoebus, como se procurasse se acertar consigo mesmo —, uma espada e uma moça são duas coisas encantadoras para se ter um encontro marcado, mas não vejo por que perderei um por causa do outro quando posso ter os dois.

Enfiou a espada de volta na bainha.

— Vá ao seu encontro — repetiu o desconhecido.

— Senhor — respondeu Phoebus um tanto embaraçado —, muito obrigado pela sua cortesia. De fato, amanhã sempre estará a tempo para talharmos e furarmos o nosso gibão de papai Adão²⁴⁵ com as nossas espadas. Eu lhe serei grato por me permitir passar mais um quarto de hora agradável. Esperava fazê-lo cair na vala e ainda chegar a tempo para a bela, tanto mais que é de bom alvitre fazer as mulheres esperarem um pouco num caso assim. Mas o senhor me parece ser um homem galhardo, e é mais seguro adiar o nosso embate

para amanhã. Vou, portanto, ao meu encontro; é às sete, como o senhor sabe. — A essa altura, Phoebus coçou a orelha. — Ah! Chifre de Deus! Ia me esquecendo! Não tenho um *sous* para o aluguel da espelunca, e a bruxa velha vai querer ser paga adiantado. Ela desconfia de mim.

— Aqui tem com que pagar.

Phoebus sentiu a mão fria do desconhecido pôr na sua uma grande moeda. Não pôde se impedir de pegar aquele dinheiro e apertar aquela mão.

— Verdadeiro Deus! — exclamou. — O senhor é uma boa pessoa.

— Com uma condição — disse o homem. — Prove-me que errei e que o senhor dizia a verdade. Esconda-me em algum canto para que eu possa ver se essa mulher é mesmo aquela de quem o senhor disse o nome.

— Oh! — fez Phoebus —, para mim não há inconveniente. Pegaremos o quarto de Santa Marta: o senhor poderá ver à vontade do canil ao lado.

— Vamos então — disse a sombra.

— A seu serviço — disse o capitão. — Não sei se o senhor não é *messer* Diabolus em pessoa, mas sejamos bons amigos esta noite, amanhã eu lhe pagarei todas as minhas dívidas, da bolsa e da espada.

Tornaram a caminhar rapidamente. Ao cabo de alguns minutos, o barulho do rio lhes anunciou que estavam na Pont Saint-Michel, então cheia de imóveis.

— Primeiro vou introduzir o senhor — disse Phoebus a seu companheiro —, depois irei buscar a bela que deve me esperar perto do Petit-Châtelet.

O companheiro não respondeu nada; desde que caminhavam lado a lado ele não dissera uma só palavra. Phoebus parou diante de uma porta baixa e bateu rudemente; uma luz apareceu nas frestas da porta.

— Quem está aí? — gritou uma voz desdentada.

— Corpo de Deus! Cabeça de Deus! Ventre de Deus! — respondeu o capitão.

A porta se abriu no mesmo instante e deixou os que chegavam ver uma velha mulher e um velho lampião que tremiam, ambos. A velha estava vergada, vestia andrajos, a cabeça balançando com dois olhinhos, coberta por um trapo, toda enrugada, nas mãos, no rosto, no pescoço; seus lábios entravam em suas gengivas e ela tinha em torno da boca pincéis de pelos brancos que lhe davam a cara simiesca de um gato. O interior da espelunca não era menos degradado do que ela: eram paredes de cré, vigas negras no teto, uma lareira desmantelada, teias de aranha em todos os cantos; no meio, um rebanho bamboleante de mesas e de bancos capengas, uma criança imunda nas

cinzas e, no fundo, uma escada de mão que levava a um alçapão no teto. Penetrando nesse antro, o misterioso companheiro de Phoebus levantou o capote até os olhos. Enquanto isso, o capitão, praguejando como um sarraceno, apressou-se a “fazer num escudo reluzir o sol”, como diz nosso admirável Réigner.

— O quarto de Santa Marta — disse ele.

A velha o tratou de meu senhor e trancou o escudo numa gaveta. Era a moeda que o homem do capote preto tinha dado a Phoebus. Enquanto ela lhe dava as costas, o garotinho cabeludo e maltrapilho que brincava nas cinzas se aproximou ligeiro da gaveta, pegou o escudo e pôs no lugar deste uma folha seca que tinha arrancado de uma acha.

A velha fez aos dois fidalgos, como os chamava, sinal para segui-la e subiu a escada à frente deles. Chegando ao andar superior, ela pôs a lâmpada em cima de um cofre, e Phoebus, como frequentador da casa que era, abriu uma porta que dava para um quartinho escuro.

— Entre aí, meu caro — disse a seu companheiro.

O homem do capote obedeceu sem dizer palavra; a porta se fechou atrás dele; ele ouviu Phoebus passar o ferrolho e um instante depois descer a escada com a velha. A luz havia desaparecido.

239. “Aos *houls*, bêbados, bêbados, bêbados!” Os *houls* são uma poderosa tribo de Bander-Abbas, entre os golfos Pérsico e de Omã.

240. “Rua das palavras feias, indigno quem mora nas palavras feias.”

241. “Quando os ratos comerem fezes,/ O rei será senhor de Arras;/ Quando o mar, que é grande e vasto,/ em são João estiver gelado,/ Ver-se-á por cima do gelo/ Os de Arras deixarem seu lugar.”

242. “Outrora eu era um tronco de figueira.” Horácio, *Sátiras*, I, 8.

243. “Bispo de Autun.”

244. “Confesso.”

245. A carne, entenda-se.

UTILIDADE DAS JANELAS QUE DÃO PARA O RIO

Claude Frollo (pois supomos que o leitor, mais inteligente do que Phoebus, não viu em toda essa aventura outro monge fantasma que não fosse o arquidiácono), Claude Frollo tateou por alguns instantes o reduto tenebroso em que o capitão o trancara. Era um desses recantos que os arquitetos às vezes reservam no ponto de junção entre o teto e a parede de apoio. O corte vertical desse canil, como Phoebus o designara tão bem, daria um triângulo. De resto, não havia nem janela nem lucarna, e o plano inclinado do teto impedia que se ficasse em pé ali dentro. Claude se agachou, portanto, na poeira e na calça que se esmagavam sob seus pés; sua cabeça estava em fogo; e fuçando ao redor de si com as mãos encontrou no chão um pedaço de vidro quebrado, que ele apoiou na testa e cujo frescor o aliviou um pouco.

O que acontecia nesse momento na alma obscura do arquidiácono? Só ele e Deus puderam saber.

De acordo com que ordem fatal ele dispunha em seu pensamento Esmeralda, Phoebus, Jacques Charmolue, seu irmão mais moço tão amado, abandonado por ele na lama, sua batina de arquidiácono, sua reputação talvez, arrastada no antro da Falourdel, todas essas imagens, todas essas aventuras? Eu não saberia dizer. Mas é certo que essas ideias formavam em seu espírito um todo horrível.

Ele esperava havia quinze minutos; parecia-lhe ter envelhecido um século. De repente ouviu estalar a madeira da escada de mão; alguém subia. O alçapão tornou a se abrir; uma luz reapareceu. Havia na porta carcomida de seu cubículo uma fresta larga o bastante: colou nela seu rosto. Dessa maneira podia ver tudo o que acontecia no quarto vizinho. A velha com cara de gato foi a primeira a sair do alçapão, lampião na mão; depois Phoebus, torcendo o bigode, depois uma terceira pessoa, a bela e graciosa figura, Esmeralda. O padre a viu sair da terra como uma deslumbrante aparição. Claude estremeceu, uma

nuvem se estendeu em seus olhos, suas artérias bateram com força, tudo zumbia ao seu redor; não viu nem ouviu mais nada.

Quando voltou a si, Phoebus e Esmeralda estavam a sós, sentados no baú de madeira ao lado do lampião, que ressaltava aos olhos do arquidiácono essas duas jovens figuras e uma cama miserável no fundo da mansarda.

Ao lado da cama havia uma janela cuja vidraça, afundada como uma teia de aranha sobre a qual a chuva havia caído, deixava ver, através das malhas rompidas, um canto do céu e a lua deitada ao longe num edredom de molas nuas.

A moça estava ruborizada, atônita, palpitante. Seus compridos cílios abaixados sombreavam suas faces purpúreas. O oficial, para o qual ela não ousava erguer os olhos, estava radiante. De forma maquinal, e com um gesto encantadoramente desajeitado, ela traçava com a ponta do dedo no banco linhas incoerentes e olhava para o dedo. Não dava para enxergar seu pé: a cabrinha estava deitada em cima dele.

O capitão estava vestido muito galantemente; tinha no pescoço e nos punhos tufos de passamanarias, grande elegância de então.

Dom Claude só com muita dificuldade conseguiu entender o que eles diziam, através do zumbido de seu sangue que lhe fervia nas têmporas.

(Coisa bastante banal uma conversa amorosa. É um *eu vos amo* perpétuo. Frase musical bem nua e bastante insípida para os indiferentes que ouvem, quando não é ornamentada por algum floreio; mas Claude não ouvia com indiferença.)

— Oh! — dizia a moça sem erguer os olhos —, não me despreze, sr. Phoebus. Sinto que o que fiz é errado.

— Desprezá-la, bela criança? — respondia o oficial com um ar de galanteria superior e distinta —, desprezá-la, cabeça de Deus? E por quê?

— Por tê-lo seguido.

— Quanto a isso, minha bela, nós não nos entendemos, eu não deveria desprezá-la, mas odiá-la.

A moça fitou-o com pavor:

— Me odiar! O que foi que eu fiz?

— Por ter se feito tanto de rogada.

— Ai! — fez ela. — É que eu quebrei uma promessa. Não tornarei a encontrar os meus pais. O amuleto perderá a sua virtude. Mas que importância tem? Para que necessito de pai e mãe agora?

Falando assim, ela fixava no capitão seus grandes olhos negros úmidos de alegria e ternura.

— Que o diabo me carregue se eu a compreendo! — exclamou

Phoebus.

Esmeralda ficou um instante em silêncio, depois uma lágrima escorreu de seus olhos, um suspiro de seus lábios, e ela disse:

— Oh, meu senhor, eu vos amo!

Havia em torno da jovem tal perfume de castidade, tal charme de virtude, que Phoebus não se sentia completamente à vontade junto dela. Mas sua fala o estimulou.

— A senhora me ama! — disse ele com arroubo, e lançou seu braço em torno da cintura da egípcia. Era a oportunidade que aguardava.

O padre viu aquilo e experimentou com a ponta do dedo um punhal que ele mantinha escondido no peito.

— Phoebus — prosseguiu a boêmia, tirando suavemente de sua cintura as mãos tenazes do capitão —, o senhor é bom, é generoso, é belo; o senhor me salvou, a mim, que não passo de uma pobre criança perdida na Boêmia. Faz tempo que sonho com um oficial que me salva a vida. Era com o senhor que eu sonhava antes de conhecê-lo, meu Phoebus; o meu sonho tinha uma bela libré como a do senhor, um ar grandioso, uma espada; o senhor se chama Phoebus, é um belo nome, gosto do seu nome, gosto da sua espada. Saque a sua espada, Phoebus, para que eu a veja.

— Criança! — disse o capitão, e desembainhou sua espada sorrindo.

A egípcia observou o punho, a lâmina, examinou com adorável curiosidade o monograma da guarda e beijou a espada, lhe dizendo:

— Você é a espada de um bravo. Eu amo o meu capitão.

Phoebus aproveitou também a ocasião para depositar em seu belo pescoço inclinado um beijo, que fez a jovem se endireitar, escarlate como uma cereja. O padre rangeu os dentes nas trevas.

— Phoebus — tornou a egípcia —, deixe-me falar com o senhor. Ande um pouco, quero vê-lo de corpo inteiro e ouvir soar as suas esporas. Como o senhor é bonito!

O capitão se levantou para agradá-la, ralhando com um sorriso de satisfação:

— Como a senhora é criança! A propósito, encanto, já me viu fardado de gala?

— Infelizmente não! — ela respondeu.

— Isso sim é bonito!

Phoebus veio sentar perto dela, muito mais perto porém do que antes.

— Escute, minha cara...

A egípcia lhe deu uns tapinhas na boca com sua linda mão, com uma infantilidade cheia de paixão, graça e alegria.

— Não, não, não vou ouvi-lo. O senhor me ama? Quero que me

digas se me ama.

— Se eu a amo, anjo da minha vida! — exclamou o capitão se ajoelhando um pouco. — O meu corpo, o meu sangue, a minha alma, tudo é seu, tudo é para você. Eu a amo e nunca amei ninguém senão você.

O capitão havia repetido tantas vezes essa frase em tantas conjunturas semelhantes que a soltou de um só fôlego, sem um só lapso de memória. A essa declaração apaixonada, a egípcia ergueu para o teto imundo, que fazia as vezes de céu, um olhar cheio de felicidade angelical.

— Oh! — ela murmurou. — Eis o momento em que eu deveria morrer! — Phoebus achou “o momento” bom para lhe roubar um novo beijo, que foi torturar em seu canto o miserável arquidiácono.

— Morrer! — exclamou o capitão apaixonado. — O que a senhora está dizendo, lindo anjo? É hora de viver, ou Júpiter não passa de um traquinas! Morrer no começo de uma coisa tão doce! Chifre de boi, que pilhéria!

— Não é isso!

— Escute, minha bela Similar... Esmenarda... Desculpe! Mas a senhora tem um nome tão prodigiosamente sarraceno que não consigo pronunciá-lo direito. É um embaraço que me detém na hora.

— Meu Deus! — fez a pobre moça. — E eu que achava o meu nome bonito pela sua singularidade! Mas já que ele lhe desagrada, gostaria de me chamar Goton.

— Ah, não choremos por tão pouco, minha graciosa. É um nome com que preciso me acostumar, só isso. Assim que eu o souber de cor, sairá por si só. Ouça, pois, minha querida Similar: eu a adoro apaixonadamente. Eu a amo de verdade, chega a parecer um milagre. Sei de uma garota que morre de raiva por causa disso...

A moça enciumada o interrompeu:

— Quem?

— Que importância tem para nós? — disse Phoebus. — A senhora me ama?

— Oh! — fez ela.

— Bom, isso já basta. Logo verá como eu a amo também. Quero que esse grande diabo do Netuno me fure com o seu tridente se eu não lhe fizer a criatura mais feliz do mundo. Teremos uma casinha bonita em algum lugar. Mandarei os meus arqueiros desfilar sob a sua janela. Eles vão todos a cavalo e ridicularizam os do capitão Mignon. Têm toda sorte de armas, inclusive colubrinhas. Eu a levarei às grandes passagens em revista dos parisienses na granja de Rully. É magnífico. Oitenta mil homens armados; trinta mil arneses brancos, cotas de malha e couraças; as sessenta e sete bandeiras de ofícios; os

estandartes do Parlamento, do Tribunal de Contas, do tesouro dos generais, dos ajudantes da Moeda; enfim, uma parafernália dos diabos! Eu a levarei para ver os leões do palácio do rei, leões são feras. Todas as mulheres gostam disso.

Fazia alguns instantes que a moça, absorta em seus encantadores pensamentos, sonhava ao som da voz dele sem escutar o sentido das suas palavras.

— Oh, a senhora será feliz! — continuou o capitão, e ao mesmo tempo desafiou suavemente o cinto da egípcia.

— O que está fazendo? — disse ela, enérgica.

Essa *via de fato* a arrancara de seus devaneios.

— Nada — respondeu Phoebus. — Eu só dizia que vai ter de tirar essa roupa de folia e de esquina, quando estiver morando comigo.

— Quando eu estiver morando com você, meu Phoebus! — disse ternamente a jovem.

Voltou a ficar pensativa e silenciosa.

O capitão, encorajado por sua candura, pegou-a pela cintura sem que ela resistisse e pôs-se, sem fazer barulho, a desamarrar os laços da blusa da coitada e moveu tão vigorosamente seu corpete que o padre, ofegante, viu sair da gaze o belo ombro nu da boêmia, redondo e moreno, como a lua que se ergue na bruma do horizonte.

A moça deixou Phoebus agir. Não parecia se dar conta. O olhar ousado do capitão faiscava.

De repente ela se virou para ele:

— Phoebus — disse com uma expressão infinita de amor —, instrua-me na sua religião.

— Minha religião! — exclamou o capitão rebentando de rir. — Eu, instruir a senhora na minha religião! Chifres e trovões! O que quer fazer com a minha religião?

— É para nos casarmos — ela respondeu.

A fisionomia do capitão tomou uma expressão mista de surpresa, desprezo, despreocupação e paixão libertina.

— Ora! — disse ele. — E vamos nos casar?

A boêmia ficou pálida e deixou a cabeça cair tristemente sobre o peito.

— Bela amorosa — retomou Phoebus, afetuoso —, que maluquices são essas? Grande coisa o casamento. Por acaso amamos menos por não ter cuspidito latim na lojinha de um padre?

Falando assim com sua voz mais doce, ele chegava bem perto da egípcia, suas mãos acariciantes recuperaram o lugar em torno daquela cintura tão fina e maleável, seus olhos se acendiam cada vez mais e tudo anunciava que o sr. Phoebus alcançava evidentemente um desses momentos em que o próprio Júpiter faz tantas besteiras que o bom

Homero é obrigado a chamar uma nuvem para socorrê-lo.

Dom Claude, entretanto, via tudo. A porta era feita de tábuas podres que deixavam entre elas largas passagens para seu olhar de ave de rapina. Esse padre de pele morena e de ombros largos, até então condenado à austera virgindade do claustro, se arrepiava e fervia diante dessa cena de amor, de noite e de volúpia. A jovem e bela mulher, entregue em desordem àquele ardente rapaz, fazia escorrer chumbo derretido em suas veias. Ocorriam nele movimentos extraordinários: seus olhos penetravam com um ciúme lascivo em todos aqueles fechos desfeitos. Quem tivesse podido ver naquele momento o rosto do infeliz colado nas tábuas carcomidas teria pensado que via a cara do tigre espiando do fundo de uma jaula um chagal devorando uma gazela. Suas pupilas coruscavam como uma vela através das frestas da porta.

De repente Phoebus tirou com um gesto rápido o corpete da egípcia. A coitada da moça, que tinha ficado pálida e sonhadora, despertou como num sobressalto; afastou-se bruscamente do ousado oficial e, lançando um olhar a seu torso e a seus ombros nus, enrubescida e confusa, e muda de vergonha, cruzou os braços sobre os seios para escondê-los. Sem a chama que abrasava suas faces, de vê-la assim silenciosa e imóvel, pensaríamos numa estátua do Pudor. Seus olhos permaneciam baixos.

Mas o gesto do capitão pusera a descoberto o amuleto misterioso que ela trazia ao pescoço.

— O que é isso? — perguntou, aproveitando o pretexto para se aproximar da bela criatura que ele acabava de assustar.

— Não toque! — ela respondeu vivamente. — É o meu guardião. É ele que me fará reencontrar a minha família se eu continuar digna dela. Oh, me deixe, senhor capitão! Minha mãe! Minha pobre mãe! Minha mãe, onde você está? Me socorra! Por favor, sr. Phoebus! Devolva o meu corpete!

Phoebus recuou e disse com um tom frio:

— Oh, mademoiselle, estou vendo que não me ama!

— Eu não o amo? — exclamou a pobre infeliz e ao mesmo tempo se pendurou no capitão e o fez sentar ao lado dela. — Não o amo, meu Phoebus? O que você está dizendo, seu malvado, para rasgar o meu coração? Oh, ande! Me tome, me tome toda! Faça o que quiser de mim, eu sou sua. Que me importa o amuleto! Que me importa a minha mãe! É você que é a minha mãe, já que o amo! Phoebus, meu Phoebus bem-amado, você está me vendo? Sou eu, olhe para mim; é essa pequena que você aceita não repelir, que vem ela mesma buscá-lo. Minha alma, minha vida, meu corpo, minha pessoa, tudo isso é seu, meu capitão. Pois bem, não! Não nos casemos, se isso o aborrece;

e depois, o que é que eu sou? Uma miserável moça da rua, enquanto você, meu Phoebus, você é um fidalgo. Bela coisa! Uma dançarina se casar com um oficial! Eu estava louca. Não, Phoebus, não. Eu serei a sua amante, a sua diversão, o seu prazer, quando você quiser, uma moça que será sua. Sou feita só para isso, maculada, desprezada, desonrada, que importa! Amada. Serei a mais orgulhosa e mais feliz das mulheres. E quando eu ficar velha e feia, Phoebus, quando não for mais boa para amá-lo, meu senhor, o senhor ainda me aceitará para servi-lo. Outras bordarão as suas echarpes; eu, a criada, cuidarei delas. O senhor me deixará arear as suas esporas, escovar a sua casaca, limpar as suas botas de montaria. Não é, meu Phoebus, que o senhor terá essa piedade? Enquanto isso, me possua! Tome, Phoebus, tudo isso lhe pertence, somente me ame! Nós, egípcias, só precisamos disto, do ar e do amor.

Assim falando, ela lançava seus braços em torno do pescoço do oficial; olhava-o de alto a baixo, suplicante e com um belo sorriso todo em lágrimas. Seu peito delicado roçava no gibão de tecido rústico e bordados ásperos. Ela contorcia contra os joelhos dele seu belo corpo seminu. O capitão, inebriado, colou seus lábios ardentes naqueles belos ombros africanos. A jovem, olhos perdidos no teto, inclinada para trás, estremecia toda palpitante sob esse beijo.

De repente, acima da cabeça de Phoebus ela viu outra cabeça; uma cara lívida, verde, convulsiva, com um olhar de danado; junto dessa cara havia uma mão que brandia um punhal. Era a fisionomia e a mão do padre; ele havia quebrado a porta e estava ali. Phoebus não podia vê-lo. A jovem permaneceu imóvel, gelada, muda diante da aterradora aparição, como uma pomba que ergueria a cabeça no momento em que o gavião olha para seu ninho com seus olhos redondos.

Não pôde nem mesmo soltar um grito. Viu o punhal se abater sobre Phoebus e se levantar fumegante.

— Maldição! — disse Phoebus, e tombou.

Ela desmaiou.

No momento em que seus olhos se fechavam, em que todo sentimento se dispersava nela, acreditou sentir imprimir-se em seus lábios um toque de fogo, um beijo mais ardente do que o ferro em brasa do carrasco.

Quando voltou a si, estava rodeada de soldados da ronda noturna, levavam o capitão banhado em sangue, o padre havia desaparecido; a janela do fundo do quarto, que dava para o rio, estava escancarada; pegavam um capote que acreditavam pertencer ao oficial, e ela ouvia ao seu redor:

— É uma feiticeira, que apunhalou um capitão.

LIVRO VIII

A MOEDA TRANSFORMADA
EM FOLHA SECA

Gringoire e todo o Pátio dos Milagres estavam numa mortal inquietude. Não se sabia, havia mais de um mês, que fim levara Esmeralda, o que contristava muito o duque do Egito e seus amigos marginais, nem que fim levara sua cabra, o que redobrava a dor de Gringoire. Uma noite, a egípcia desaparecera e desde então não dera mais sinal de vida. Todas as buscas haviam sido inúteis. Alguns mendigos implicantes diziam a Gringoire que a tinham encontrado naquela noite nos arredores da Pont Saint-Michel, andando com um oficial; mas esse marido à moda da Boêmia era um filósofo incrédulo e, aliás, sabia melhor do que ninguém a que ponto sua mulher era virgem. Pudera julgar que pudor inexpugnável resultava das virtudes combinadas do amuleto e da egípcia, e matematicamente calculara a resistência dessa castidade à segunda potência. Estava, portanto, tranquilo desse lado.

Por isso não se podia se explicar esse desaparecimento. Era uma tristeza profunda. Teria até emagrecido, se isso fosse possível. Havia esquecido tudo, até seus gostos literários, até sua grande obra *De figuris regularibus et irregularibus*,²⁴⁶ que contava imprimir com o primeiro dinheiro que ganhasse. (Porque ele não parava de falar de impressão, desde que vira o *Didascalon* de Hugo de São Vítor impresso com os célebres tipos de Vindelinus de Spira.)

Um dia em que passava tristemente em frente à Tournelle criminal, percebeu uma multidão diante de uma das portas do Palácio da Justiça.

— O que está acontecendo? — perguntou a um rapaz que saía.

— Não sei, senhor — respondeu o rapaz. — Dizem que estão julgando uma mulher que assassinou um gendarme. Como parece que tem feitiçaria metida nisso, o bispo e o Tribunal Eclesiástico intervieram na causa, e meu irmão, que é o arqui-diácono de Josas,

passa aí a sua vida. Ora, eu queria falar com ele, mas não pude me aproximar devido à multidão, o que me deixa muito contrariado, porque preciso de dinheiro.

— Ai, senhor — disse Gringoire —, gostaria de poder lhe emprestar, mas se os meus calções estão furados não é pelas moedas de escudo.

Não ousou dizer ao jovem que conhecia seu irmão arquidiácono, a quem não havia mais procurado desde a cena da igreja; negligência que o embaraçava.

O estudante seguiu seu caminho, e Gringoire pôs-se a seguir a multidão que subia as escadas da Grande Câmara. Considerava que não havia nada como o espetáculo de um processo criminal para dissipar a melancolia, a tal ponto são os juízes, em geral, de uma burrice divertidíssima. O povo, a que ele se misturara, andava e se acotovelava em silêncio. Depois de um lento e insípido arrastar de pés ao longo do corredor escuro, que serpenteava no palácio como o canal intestinal do velho edifício, chegou perto de uma porta baixa que dava para uma sala, a qual sua estatura elevada permitiu explorar por cima das cabeças ondulantes da multidão.

A sala era vasta e escura, o que a fazia parecer mais vasta ainda. A noite caía; as compridas janelas ogivais deixavam penetrar apenas um pálido raio que se extinguia antes de alcançar a abóbada, enorme treliça de vigas esculpidas, cujas mil figuras pareciam remexer confusamente na sombra. Já havia várias velas acesas aqui e ali nas mesas e lançando sua luz na cabeça dos escrivães submersos no papelório. A parte anterior da sala era ocupada pela multidão; à direita e à esquerda havia homens de toga sentados às mesas; ao fundo, num estrado, uma porção de juízes cujas últimas fileiras se perdiam nas trevas; faces imóveis e sinistras. As paredes eram coalhadas de um sem-número de flores de lis. Distinguia-se vagamente um grande cristo acima dos juízes e, por toda parte, lanças e alabardas na ponta das quais a luz das velas punha chispas de fogo.

— Senhor — perguntou Gringoire a um dos vizinhos —, o que são todas aquelas pessoas dispostas ali como prelados em concílio?

— Senhor — disse o vizinho —, são os conselheiros da Grande Câmara à direita e os conselheiros das investigações à esquerda; os mestres de túnica preta e os *messires* de túnica vermelha.

— Ali, acima deles — indagou novamente Gringoire —, quem é aquele gordo avermelhado que sua?

— É o senhor presidente.

— E aqueles carneiros atrás dele? — prosseguiu Gringoire, o qual, como já dissemos, não gostava da magistratura, o que decorria talvez do rancor que guardava pelo Palácio da Justiça desde sua desventura

dramática.

— Esses senhores são os mestres das investigações do Palácio do rei.

— E em frente dele, aquele javali?

— É o senhor escrivão do Tribunal do Parlamento.

— E à direita, aquele crocodilo?

— Mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei.

— E à esquerda, aquele gato preto gordo?

— Mestre Jacques Charmolue, procurador do rei no Tribunal Eclesiástico, com os senhores do tribunal.

— E o que faz toda essa gente aí, senhor? — perguntou Gringoire.

— Julgam.

— Julgam quem? Não estou vendo acusado.

— É uma mulher, senhor. Não dá para vê-la. Ela nos dá as costas e está escondida de nós pela multidão. Olhe, ela está ali onde o senhor vê um grupo de alabardeiros.

— Quem é essa mulher? — perguntou Gringoire. — Sabe o nome dela?

— Não, senhor. Acabo de chegar. Suponho apenas que seja um caso de bruxaria, porque o Tribunal Eclesiástico assiste ao processo.

— Bom! — fez o filósofo. — Vamos ver toda essa gente de toga comer carne humana. É um espetáculo como outro qualquer.

— Senhor — observou o vizinho —, não acha que o mestre Jacques Charmolue tem um ar bem doce?

— Hum! — respondeu Gringoire. — Eu desconfio de uma doçura que tem narinas apertadas e lábios finos.

Aqui os vizinhos impuseram silêncio aos dois. Ouvia-se um depoimento importante.

— Meus senhores — dizia no meio da sala uma velha cujo rosto desaparecia sob suas vestimentas e que parecia um amontoado de andrajos caminhante. — Meus senhores, a coisa é tão verdadeira como é verdade que sou eu a Falourdel, estabelecida há quarenta anos na Pont Saint-Michel e que paga pontualmente rendas, impostos e censos, a porta em frente da casa de Tassin-Caillart, o tintureiro, que fica do lado a montante das águas. Uma pobre velha, atualmente, uma bela mulher outrora, meus senhores! Diziam-me faz alguns dias: Falourdel, não fie tanto assim à noite na sua roda de fiar: o diabo gosta de pentear com os seus chifres a roca das velhas. É verdade que o monge fantasma, que no ano passado estava nas bandas do Temple, ronda agora a Cité. Falourdel, cuidado para que ele não bata à sua porta. Uma noite, eu fiava a minha roca; batem na minha porta. Perguntei quem era. Blasfemam. Eu abro. Dois homens entram. Um de preto com um belo oficial. Só se via os olhos do de preto, duas brasas. Todo

o resto era capote e chapéu. Eis que eles me dizem: “O quarto de Santa Marta”. É o meu quarto de cima, meus senhores, o mais limpo. Eles me dão um escudo. Tranco o escudo na minha gaveta e digo: vai servir para eu comprar tripas no esfoladouro da Gloriette. Subimos. Chegando ao quarto de cima, enquanto eu virava as costas, o homem de preto desapareceu. Aquilo me assombrou um pouco. O oficial, que era belo como um grão-senhor, desceu comigo. Saiu. O tempo que levei para fiar um quarto de meada, ele entra com uma bela jovem, uma boneca que teria brilhado como um sol se estivesse penteada. Trazia com ela um bode, um grande bode, preto ou branco, não me lembro mais. Aquilo me fez pensar. A jovem não me diz respeito, mas o bode!... Não gosto desse bicho, eles têm barba e chifres. Parecem homens. E depois, tem cheiro de sábado.²⁴⁷ Mas não digo nada. Tinha ganhado o meu escudo. É justo, não é, senhor juiz? Faço a moça e o capitão subirem para o quarto de cima e os deixo a sós, quer dizer, com o bode. Desço e volto a fiar. Devo lhes dizer que a minha casa tem um andar térreo e um primeiro andar, que dá fundos para o rio, como as outras casas da ponte, e a janela do térreo e a do primeiro se abrem para as águas. Bom, eu estava fiando. Não sei por quê, pensava no monge fantasma que o bode tinha me trazido de volta à cabeça, e além do mais a bela moça estava vestida de maneira um tanto selvagem. De repente, ouço um grito lá em cima, alguma coisa cair no chão e a janela se abrir. Corro para a minha, que fica embaixo, e vejo passar diante dos meus olhos uma massa negra que cai na água. Era um fantasma vestido de padre. Era noite de lua. Eu o enxerguei muito bem. Nadava para os lados da Cité. Então, tremendo, eu chamo a ronda. Os senhores da ronda entram, e no primeiro momento, não sabendo de que se tratava e como estavam meio tocados, batem em mim. Expliquei a eles. Subimos, e o que é que encontramos? O meu pobre quarto todo ensanguentado, o capitão estirado com um punhal no pescoço, a moça se fazendo de morta e o bode todo assustado. “Bom”, disse eu, “vou levar mais de quinze dias lavando o assoalho. Vou ter que raspar, vai ser terrível.” Levaram o oficial, pobre rapaz, e a moça toda desarrumada. Espere. O pior é que, no dia seguinte, quando quis pegar o escudo para comprar as tripas, encontrei uma folha seca no lugar da moeda.

A velha se calou. Um murmúrio de horror circulou entre a audiência.

— Esse fantasma, esse bode, tudo isso recende a magia — disse um vizinho de Gringoire.

— E essa folha seca! — acrescentou outro.

— Não há dúvida — interveio um terceiro —, é uma feiticeira que tem trato com o monge fantasma para roubar oficiais.

O próprio Gringoire não estava longe de considerar todo esse conjunto assustador e verossímil.

— Mulher Falourdel — disse o senhor presidente com majestade —, não tem mais nada a dizer à justiça?

— Não, meu senhor — respondeu a velha —, salvo que no relatório trataram a minha casa de pardieiro torto e fedorento, o que é falar de modo ultrajante. As casas da ponte não têm boa aparência porque há muita gente lá; no entanto, os açougueiros não deixam de ali morar, e eles são ricos e casados com belas mulheres, muito limpas.

O magistrado que dera a Gringoire a impressão de um crocodilo se levantou.

— Paz! — disse ele. — Rogo-lhes, senhores, que não percam de vista que encontraram um punhal com a acusada. Mulher Falourdel, a senhora trouxe a tal folha em que se transformou o escudo que o demônio lhe dera?

— Sim, meu senhor — ela respondeu. — Eu a encontrei. Aqui está.

Um oficial de justiça transmitiu a folha morta ao crocodilo, que fez um sinal de cabeça lúgubre e passou-a ao presidente, que a remeteu ao procurador do rei no Tribunal Eclesiástico, de modo que ela deu a volta pela sala.

— É uma folha de bétula — disse mestre Jacques Charmolue. — Nova prova da magia.

Um conselheiro tomou a palavra:

— Testemunha, dois homens subiram ao mesmo tempo na sua casa. O homem de preto, que a senhora viu, primeiro desaparecer, depois nadar no Sena com trajes de padre, e o oficial. Qual dos dois lhe deu o escudo?

A velha refletiu um momento e disse:

— O oficial.

Um rumor percorreu a multidão.

“Ah!”, pensou Gringoire, “isso abala a minha convicção.”

Mas mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei, voltou a intervir.

— Lembro aos senhores que, no depoimento tomado à cabeceira do seu leito, o oficial assassinado declarou que, no instante em que o homem de negro havia se aproximado dele, tivera vagamente o pensamento de que poderia muito bem ser o monge fantasma, acrescentando que o fantasma o pressionara vivamente a ir se juntar à acusada; e à observação dele, capitão, de que estava sem dinheiro, lhe dera o escudo com que o dito oficial pagou a Falourdel. Logo, o escudo é uma moeda do inferno.

Essa observação concludente pareceu dissipar todas as dúvidas de Gringoire e dos outros céticos da audiência.

— Os senhores têm os dossiês dos autos — acrescentou o advogado do rei, sentando-se. — Podem consultar o dito por Phoebus de Châteaupers.

Ao ouvir esse nome a acusada se levantou; sua cabeça ficou acima da multidão. Apavorado, Gringoire reconheceu Esmeralda.

Ela estava pálida; seus cabelos, outrora tão graciosamente trançados e ornados com purpurina, caíam em desalinho; seus lábios estavam azulados, seus olhos cavos assustavam. Infelizmente!

— Phoebus! — disse ela desvairada. — Onde ele está? Ó senhores! Antes de me matarem, digam-me por favor se ele ainda vive!

— Cale-se, mulher — respondeu o presidente. — Isso não é da nossa conta.

— Oh, por piedade, digam-me se está vivo! — ela insistiu, juntando suas belas mãos emagrecidas. E ouvia-se suas correntes chocalharem ao longo de sua túnica.

— Pois bem — disse secamente o advogado do rei —, ele está morrendo. Ficou satisfeita?

A infeliz caiu de novo na sua cadeira, sem voz, sem lágrimas, branca como uma figura de cera.

O presidente se inclinou para um homem a seus pés, que tinha um boné dourado e uma túnica negra, uma corrente no pescoço e uma vara na mão.

— Bedel, introduza a segunda acusada.

Todos os olhos se viraram para uma pequena porta que se abriu e, para grande palpitação de Gringoire, deu passagem a uma bonita cabra de chifres e pés dourados. O elegante animal se deteve um instante no limiar, espichando o pescoço como se, treinada na ponta de um rochedo, tivesse sob os olhos um imenso horizonte. De repente ela avistou a boêmia e, saltando por cima da mesa e da cabeça de um escrivão, em dois pulos chegou ao seu colo; depois rolou graciosamente sobre os pés de sua dona, solicitando uma palavra ou uma carícia. Mas a acusada permaneceu imóvel, e a pobre Djali não ganhou nem mesmo um olhar.

— Epa! É o bicho ruim de que eu falava — disse a velha Falourdel.

— Reconheço muito bem os dois.

Jacques Charmolue interveio:

— Por favor, senhores, procederemos ao interrogatório da cabra.

Era ela, de fato, a segunda acusada. Nada mais comum, na época, do que um processo de bruxaria movido contra um animal. Encontrase, entre outros, nas contas do prebostado relativas a 1466 um curioso detalhe das custas do processo de Gillet-Soulart e de sua porca, *executados por seus deméritos em Corbeil*. Tudo está aí, o custo das fossas para botar a porca, as quinhentas achas de lenha buscadas no

porto de Morsant, a jarra de vinho e o pão, última refeição do réu, fraternamente compartilhada pelo carrasco, até os onze dias de guarda e de alimentação da porca, a oito *deniers parisis* cada. Às vezes chegava-se mais longe até que aos animais. As capitulares de Carmos Magno e de Louis I infligiam graves penas aos fantasmas inflamados que se permitiam aparecer no ar.

Entrementes, o procurador no Tribunal Eclesiástico exclamara:

— Se o demônio que possui esta cabra e que resistiu a todos os exorcismos persistir nos seus malefícios, se ele amedrontar o tribunal, nós o avisamos que seremos forçados a requerer contra ele a força ou a fogueira.

Gringoire suou frio. Charmolue pegou numa mesa o pandeiro da boêmia e, apresentando-o de certa maneira à cabra, perguntou:

— Que horas são?

A cabra olhou para ele com um olhar inteligente, ergueu a pata dourada e bateu sete vezes. Eram de fato sete horas. Um movimento de terror percorreu a multidão. Gringoire não foi capaz de suportar.

— Ela está perdida! — gritou. — Estão vendo que ela não sabe o que faz.

— Silêncio, mal-educados do fundo da sala! — disse o bedel com azedume.

Jacques Charmolue, com a ajuda das manobras do pandeiro, fez a cabra executar vários outros números, sobre a data do dia, o mês do ano etc., de que o leitor já foi testemunha. E, por uma ilusão de óptica típica dos debates judiciais, os mesmos espectadores que talvez tenham aplaudido mais de uma vez numa encruzilhada as inocentes malícias de Djali, ficaram apavorados com elas debaixo das abóbadas do Palácio da Justiça. A cabra com certeza era o diabo.

Bem pior ainda foi quando, tendo o procurador do rei esvaziado no chão certo saco de couro cheio de letras móveis, que Djali trazia ao pescoço, viram a cabra extrair, com a pata, do alfabeto espalhado o nome fatal: *Phoebus*. Os sortilégios de que o capitão fora vítima pareceram irresistivelmente demonstrados e, aos olhos de todos, a boêmia, essa deslumbrante dançarina que havia tantas vezes encantado os passantes com sua graça, passou a não ser mais do que uma terrível feiticeira.

De resto, ela não dava nenhum sinal de vida; nem as graciosas evoluções de Djali, nem as ameaças da procuradoria, nem as surdas imprecações da audiência, nada mais chegava ao seu pensamento.

Foi preciso, para despertá-la, que um sargento a sacudisse sem dó nem piedade e que o presidente elevasse solenemente a voz:

— Moça, a senhora é da raça boêmia, dada aos malefícios. A senhora, em cumplicidade com a cabra enfeitiçada implicada no

processo, na noite de 29 de março último, feriu e apunhalou, em acordo com as potências das trevas, com ajuda de encantos e práticas, um capitão dos arqueiros do rei, Phoebus de Châteaupers. A senhora persiste em negar?

— Que horror! — gritou a jovem escondendo o rosto nas mãos. — Meu Phoebus! Oh, que inferno!

— Persiste em negar? — indagou friamente o presidente.

— Sim, nego! — disse ela com uma voz tremenda; tinha se levantado, seus olhos faiscavam.

O presidente continuou sem pausa:

— Então como explica os fatos que a inculpam?

Ela respondeu com uma voz entrecortada:

— Eu já disse. Não sei. Foi um padre, um padre que não conheço, um padre infernal que me persegue!

— Isso mesmo — tornou o juiz —, o monge fantasma.

— Oh, meus senhores, tenham dó! Eu não passo de uma pobre moça...

— Do Egito — disse o juiz.

Mestre Jacques Charmolue tomou a palavra com doçura:

— Dada a obstinação dolorosa da acusada, eu requeiro a aplicação da tortura.

— Concedido — disse o presidente.

Todo o corpo da coitada estremeceu. Ela se levantou, porém, à ordem dos alabardeiros e caminhou com passo firme, precedida por Charmolue e pelos padres do Tribunal Eclesiástico, entre duas fileiras de alabardas, em direção a uma porta que se abriu de súbito e tornou a se fechar atrás dela, o que provocou no triste Gringoire o efeito de uma bocarra horrível que vinha devorá-la.

Quando ela desapareceu, ouviu-se um balido queixoso. Era a cabrinha que chorava.

A audiência foi suspensa. Tendo um conselheiro observado que aqueles senhores estavam cansados e que seria muito demorado esperar até o fim da tortura, o presidente respondeu que um magistrado deve saber se sacrificar ao seu dever.

— A aborrecida e desagradável gaiata — disse um velho juiz — ainda por cima se entrega à tortura antes que tenhamos ceado!

246. “Sobre as figuras regulares e irregulares.”

247. Isto é, do sabá das feiticeiras.

CONTINUAÇÃO DA MOEDA TRANSFORMADA EM FOLHA SECA

Depois de alguns degraus subidos e descidos em corredores tão escuros que eram iluminados com lampiões em pleno dia, Esmeralda, sempre cercada por seu lúgubre cortejo, foi empurrada pelos sargentos do Palácio para dentro de um quarto sinistro. Esse quarto, de forma redonda, ocupava o térreo de uma dessas grossas torres que ainda furam, em nosso século, a camada de edifícios modernos com que a nova Paris cobriu a Paris antiga. Não há janelas nesse buraco; a única abertura é a entrada, baixa e fechada por uma enorme porta de ferro. No entanto, não faltava claridade. Havia um pequeno forno construído na espessura da parede; um lume forte estava aceso nele e enchia o antro com suas reverberações rubras, e privava de toda iluminação uma miserável vela posta num canto. A grade de ferro que servia para fechar o forno, erguida nesse momento, só deixava ver, no orifício do respiro que flamejava contra a parede tenebrosa, a extremidade inferior de suas barras, como uma fileira de dentes negros, agudos e espaçados; o que fazia a fornalha parecer uma dessas bocas de dragão que soltam labaredas nas lendas. À luz que dela escapava, a prisioneira viu em torno do quarto pavorosos instrumentos cujo uso ela não entendia. No meio jazia um colchão de couro posto quase no chão, acima do qual pendia uma correia com fivela, presa num anel de cobre que um monstro de focinho achatado, esculpido na chave de abóbada, mordida. Tenazes, pinças, compridos ferros de charrua entulhavam o interior do forno e se avermelhavam, em desordem, na brasa. A sangrenta luz da fornalha só iluminava, em todo o quarto, uma miscelânea de coisas horríveis.

Esse Tártaro se chamava simplesmente *quarto de tortura*.

Na cama estava sentado com desleixo Pierrat Torterue, o torturador juramentado. Seus auxiliares, dois gnomos de cara quadrada, avental de couro, calças de pano ordinário, remexiam a ferragem sobre os carvões.

A pobre moça bem que tentou juntar sua coragem; penetrando nesse quarto, sentiu horror.

Os sargentos do bailio do Palácio se puseram de um lado; os padres do tribunal, do outro. Um escrivão, uma escrivaninha portátil e uma mesa estavam num canto. Mestre Jacques Charmolue se aproximou da egípcia com um sorriso bem doce.

— Minha querida criança — disse —, a senhora persiste em negar?

— Sim — ela respondeu com uma voz já apagada.

— Nesse caso — prosseguiu Charmolue —, será bem doloroso para nós torturá-la com mais empenho do que gostaríamos. Queira sentar-se nessa cama. Mestre Pierrat, ceda o lugar à mademoiselle e feche a porta.

Pierrat levantou-se com um grunhido.

— Se eu fechar a porta — murmurou —, o fogo vai se apagar.

— Então, meu caro — replicou Charmolue —, deixe-a aberta.

Mas Esmeralda permanecia de pé. Aquela cama de couro, onde tinham se contorcido tantos miseráveis, lhe metia medo. O terror congelava o tutano de seus ossos; ela estava ali, apavorada e bestificada. A um sinal de Charmolue, os dois auxiliares a agarraram e sentaram na cama. Não a machucaram; mas quando esses homens a tocaram, quando aquele couro a tocou, sentiu todo o seu sangue refluir para o coração. Lançou um olhar perdido ao redor do quarto. Pareceu-lhe ver se mexerem e se encaminharem até ela, para trepar pelo seu corpo e mordê-la e pinçá-la, todas aquelas ferramentas disformes da tortura, que eram, dentre os instrumentos de todo tipo que ela vira até então, o que são os morcegos, as centopeias e as aranhas entre os insetos e as aves.

— Onde está o médico? — indagou Charmolue.

— Aqui — respondeu uma túnica negra que ela ainda não tinha percebido.

— Mademoiselle — retomou a voz aveludada do procurador do Tribunal Eclesiástico —, pela terceira vez, a senhora persiste em negar os fatos de que é acusada?

Dessa vez, ela só pôde fazer um sinal da cabeça. Faltou-lhe a voz.

— A senhora persiste! — disse Jacques Charmolue. — Então fico desesperado, mas tenho que cumprir com o dever do meu ofício.

— Senhor procurador do rei — disse bruscamente Pierrat —, por onde vamos começar?

Charmolue hesitou um instante com a careta ambígua de um poeta que busca uma rima.

— Pelo *brodequin*²⁴⁸ — respondeu enfim.

A infortunada sentiu-se tão profundamente abandonada por Deus e pelos homens que sua cabeça caiu sobre o peito como uma coisa

inerte, sem força própria.

O torturador e o médico se aproximaram dela juntos. Ao mesmo tempo os dois auxiliares puseram-se a remexer em seu hediondo arsenal. Ao estalar dessa pavorosa ferragem, a pobre moça estremeceu como uma rã morta que alguém galvaniza.

— Oh! — ela murmurou, tão baixo que ninguém a ouviu. — Oh, meu Phoeбус!

Depois voltou a mergulhar em sua imobilidade e em seu silêncio marmóreo. Esse espetáculo teria dilacerado qualquer outro coração que não o dos juizes. Dir-se-ia uma pobre alma pecadora torturada por Satanás sob a entrada escarlate do inferno. O miserável corpo a que ia se aferrar aquele aterrador formigueiro de serras, rodas e cavaletes, o ser que iam manipular aquelas ásperas mãos de carrascos e de tenazes era então aquela doce, branca e frágil criatura, pobre grão de milho que a justiça humana entregava para ser moído pelas pavorosas mós da tortura!

Enquanto isso, as mãos calosas dos auxiliares de Pierrat Torterue haviam brutalmente desnudado aquela perna encantadora e aquele pezinho que tantas vezes tinham maravilhado os passantes por sua delicadeza e beleza nas esquinas de Paris.

— Que pena! — disse o torturador entre os dentes, considerando aquelas formas tão graciosas e delicadas.

Se o arquiidiácono estivesse presente com certeza teria se lembrado, nesse momento, de seu símbolo da aranha e da mosca. Logo a pobre coitada viu, através de uma nuvem que se espalhou sobre seus olhos, se aproximar o *brodequin*, logo ela viu seus pés encaixados entre as tábuas com seus parafusos desaparecer no pavoroso aparelho. Então o terror lhe deu força:

— Tirem isso! — ela gritou com arrebatamento. E endireitando-se, toda descabelada: — Piedade!

Saltou fora da cama para se lançar aos pés do procurador do rei, mas sua perna estava presa no pesado bloco de carvalho e ferragens e ela caiu em cima do *brodequin*, mais alquebrada do que uma abelha com chumbo nas asas.

A um sinal de Charmolue puseram-na de volta na cama, e duas grossas mãos sujeitaram à sua fina cintura a correia que pendia da abóbada.

— Pela última vez, a senhora confessa os fatos da causa? — perguntou Charmolue com sua imperturbável benignidade.

— Sou inocente.

— Então, mademoiselle, como explica as circunstâncias da sua acusação?

— Infelizmente, meu senhor, eu não sei.

— A senhora nega, portanto?

— Tudo!

— Mãos à obra — disse Charmolue a Pierrat.

Pierrat girou a manivela, o *brodequin* apertou e a infeliz soltou um desses gritos horríveis que não têm ortografia em nenhuma língua humana.

— Pare — disse Charmolue a Pierrat. — A senhora confessa? — perguntou à egípcia.

— Tudo! — gritou a miserável moça. — Eu confesso! Eu confesso! Piedade!

Ela não havia calculado suas forças ao enfrentar a tortura. Pobre mocinha cuja vida até então fora tão alegre, tão suave, tão doce, a primeira dor a vencera.

— A humanidade me obriga a lhe dizer — observou o procurador do rei —, que ao confessar é a morte que a senhora deve esperar.

— Eu a espero — disse ela.

Esmeralda deixou-se cair na cama de couro, morrendo, dobrada em dois, deixando-se pendurar na correia afivelada em seu peito.

— Levante-se, minha bela, sustente-se um pouco — disse mestre Pierrat erguendo-a. — A senhora parece o carneiro de ouro que está no pescoço do sr. de Borgonha.

Jacques Charmolue elevou a voz.

— Escrivão, escreva! Jovem boêmia, a senhora confessa a sua participação nos ágapes, sabás e malefícios do inferno, com os espíritos do mal, as corocas e as feiticeiras? Responda.

— Sim — disse ela, tão baixo que a palavra se perdia em seu sopro.

— Confessa ter visto o carneiro que Belzebu faz aparecer nas nuvens para chamar ao sabá e que só é visto pelos bruxos?

— Sim.

— Confessa ter adorado as cabeças de Baphomet, esses abomináveis ídolos dos templários?

— Sim.

— Ter tido relação habitual com o diabo na forma de uma cabra familiar, anexada ao processo?

— Sim.

— Confessa e reconhece enfim ter assassinado um capitão chamado Phoebus de Châteaupers, com ajuda do demônio e do espectro vulgarmente chamado monge fantasma na noite de 29 de março último?

Ela ergueu para o magistrado seus grandes olhos fixos e respondeu como que maquinalmente, sem convulsão ou tremor:

— Sim.

Era evidente que tudo nela estava quebrado.

— Escreva, escrevão — disse Charmolue. E, dirigindo-se aos torturadores: — Soltem a prisioneira e levem-na para a audiência.

Quando a prisioneira foi “descalçada”, o procurador do Tribunal Eclesiástico examinou seu pé ainda entorpecido pela dor.

— Ora — fez ele —, não machucou muito! A senhora gritou a tempo. Ainda poderia dançar, ó bela! — Depois se virou para seus acólitos do tribunal: — Eis enfim a justiça esclarecida! Isso alivia, senhores! Mademoiselle prestará seu testemunho de que agimos com toda a brandura possível.

248. Tortura que consistia em apertar fortemente as pernas e os pés do réu com um aparelho feito de tábuas com parafusos de ferro.

FIM DA MOEDA TRANSFORMADA
EM FOLHA SECA

Quando ela voltou, pálida e mancando, para a sala de audiência, um murmúrio geral de prazer a acolheu. Por parte do auditório, era aquele sentimento de impaciência satisfeita que sentimos no teatro, ao expirar o último entreato da comédia, quando o pano de boca se levanta e o fim vai começar. Por parte dos juízes, era a esperança de irem logo cear. A cabrinha também baliu de alegria. Quis correr para a sua dona, mas tinham-na amarrado ao banco.

A noite caíra por completo. As velas, cuja quantidade não havia sido aumentada, lançavam tão pouca luz que não se viam as paredes da sala. As trevas envolviam todos os objetos numa espécie de bruma. Algumas faces apáticas de juízes mal sobressaíam desta. Diante deles, no extremo da comprida sala, via-se um vago ponto de brancura se destacar sobre o fundo escuro. Era a acusada.

Ela tinha se arrastado até seu lugar. Quando Charmolue se instalou magistralmente no seu, sentou-se, depois se levantou e disse, sem deixar aparecer demasiada vaidade por seu sucesso:

— A acusada confessou tudo.

— Moça boêmia — disse o presidente —, a senhora confessou todos os seus feitos de magia, prostituição e assassinato exercidos contra Phoebus de Châteaupers?

Seu coração se apertou. Ouviu-se que ela soluçava no escuro.

— Tudo o que os senhores quiserem — ela respondeu fragilmente —, mas me matem depressa.

— Senhor procurador do rei junto ao Tribunal Eclesiástico — disse o presidente —, a câmara está pronta para ouvi-lo nas suas requisições.

Mestre Charmolue exibiu um caderno assustador e pôs-se a ler com abundância de gestos e a entoação exagerada da advocacia uma oração em latim em que todas as provas do processo se construíam em

cima de perífrases ciceronianas, acompanhadas por citações de Plauto, seu cômico predileto. Lamentamos não poder oferecer a nossos leitores essa notável peça. O orador a proferia com uma veemência maravilhosa. Não havia acabado o exórdio, e o suor já lhe saía da testa e os olhos, das órbitas. De repente, bem no meio de um período, ele se interrompeu, e seu olhar, em geral bastante doce e inclusive bem tolo, tornou-se fulminante.

— Senhores! — exclamou (dessa vez em francês, porque não estava no caderno). — Satanás está tão envolvido neste caso que está assistindo aos nossos debates e zombando de sua majestade. Olhem!

Assim falando ele designava com a mão a cabrinha que, vendo Charmolue gesticular, acreditara ser adequado fazer o mesmo e tinha se sentado reproduzindo o melhor que podia, com suas patas dianteiras e sua cabeça barbuda, a patética pantomima do procurador do rei no Tribunal Eclesiástico. Era, se o leitor se lembra, um de seus mais delicados talentos. Esse incidente, essa última “prova” produziu um grande efeito. Amarraram as patas da cabra, e o procurador do rei retomou o fio de sua eloquência. Foi demoradíssimo, mas a peroração era admirável. Eis a última frase; acrescente a ela a voz rouca e o gesto exausto de mestre Charmolue.

— *Ideo, Domini, coram stryga demonstrata, crimine patente, intentione criminis existente, in nomine sanctæ Ecclesiæ Nostræ-Dominæ parisiensis quæ est in saisina habendi omnimodam altam et bassam justitiam in illa hac intemerata Civitatis insula, tenore præsentium declaramus nos requirere, primo, aliquamdam pecuniari indemnitatem; secundo, amendationem honorabilem ante portaliū maximum Nostræ-Dominæ, ecclesiæ cathedralis; tertio, sententiam in virtute cujus ista stryga cum sua capella, seu in trivio vulgariter dicto a Grève, seu in insula exeunte in fluvio Secanæ, juxtà pointam jardini regalis, executatæ sint!*²⁴⁹

Pôs o chapéu e sentou-se.

— *Eheu! bassa latinitas!*²⁵⁰ — suspirou Gringoire desconsolado.

Outro homem de toga preta se levantou perto da acusada: era seu advogado. Os juízes, em jejum, começaram a murmurar.

— Advogado, seja breve — disse o presidente.

— Senhor presidente — respondeu o advogado —, já que a minha defendida confessou o crime, não tenho mais do que uma palavra a dizer aos senhores. Eis um texto da lei sálica: “Se uma bruxa comeu um homem e está convencida disso, pagará uma multa de oito mil *deniers*, que perfazem duzentos *sous* de ouro”. Peço à câmara para condenar a minha cliente à multa.

— Texto ab-rogado — disse o advogado extraordinário do rei.

— *Nego* — replicou o advogado.

— Ao voto! — disse um conselheiro. — O crime é patente e já é

tarde.

Votaram sem sair da sala. Os juízes votaram com o gorro: estavam com pressa. Via-se a cabeça coberta deles se descobrir uma depois da outra na sombra, ao ouvirem a questão lúgubre que lhes dirigia baixinho o presidente. A pobre acusada parecia olhar para eles, mas seus olhos turvos não viam mais.

Depois o escrivão se pôs a escrever; em seguida passou ao presidente um longo pergaminho. Então a infeliz ouviu o povo se mexer, as lanças se entrechocarem e uma voz glacial que dizia:

— Moça boêmia, no dia em que bem aprouver ao rei, nosso senhor, à hora do meio-dia, a senhora será levada numa carroça, em mangas de camisa, descalça, corda no pescoço, até o portal-mor de Notre-Dame e aí fará um pedido de desculpas com uma tocha de cera pesando duas libras na mão e então será levada à Place de Grève, onde será enforcada e estrangulada no cadafalso da Cidade; e essa sua cabra igualmente; e pagará ao Tribunal Eclesiástico três *lions* de ouro, como reparação pelos crimes, pela senhora cometidos e pela senhora confessados, de feitiçaria, magia, luxúria e assassinato da pessoa do *sieur* Phoebus de Châteaupers. Que Deus receba a sua alma!

— Oh, isso é um sonho! — murmurou ela e sentiu umas mãos rudes a levarem.

249. Em latim capenga: “Portanto, senhores, em presença de uma feiticeira comprovada, patente o crime, existente a intenção do crime, em nome da santa Igreja de Nossa Senhora de Paris que está investida de todos os modos de justiça, alta e baixa, nesta inviolável ilha da Cité, declaramos, por determinação dos presentes, requerer, primeiro, uma indenização pecuniária; segundo, um pedido de desculpa diante do portal-mor da catedral de Notre-Dame; terceiro, uma sentença em virtude da qual esta feiticeira com sua cabra, ou na praça vulgarmente chamada da Grève, ou à saída da ilha do rio Sena, junto da ponta do jardim real, sejam executadas!”.

250. “Eta! latim ruim!”

Na Idade Média, quando um edifício estava completo, havia quase tanto dele dentro da terra como fora dela. A não ser que fossem edificadas sobre pilotis, como Notre-Dame, um palácio, uma fortaleza, uma igreja sempre tinham um fundo duplo. Nas catedrais, era de certo modo outra catedral subterrânea, baixa, escura, misteriosa, cega e muda, sob a nave superior, que transbordava de luz e retinia de órgãos e sinos dia e noite; às vezes era um sepulcro. Nos palácios, nas bastilhas, era uma prisão, às vezes também um sepulcro, às vezes as duas coisas juntas. Essas poderosas construções, cujo modo de formação e “vegetação” explicamos em outro lugar, não tinham simplesmente fundações, mas, por assim dizer, raízes que iam se ramificando no solo em câmaras, em galerias, em escadas, como a construção de cima. Assim, igrejas, palácios, bastilhas tinham terra até a metade do corpo. Os porões de um edifício eram outro edifício em que se descia em vez de subir e que aplicava seus andares subterrâneos sob a pilha de andares superiores do monumento, como essas florestas e essas montanhas que se jogam na água espelhante de um lago abaixo das florestas e das montanhas da beira.

Na bastilha de Saint-Antoine, no Palácio da Justiça de Paris, no Louvre, esses edifícios subterrâneos eram prisões. Os andares dessas prisões, enterrando-se no solo, iam se estreitando e escurecendo. Eram zonas em que se escalonavam as nuances do horror. Dante não pôde encontrar nada melhor para o seu inferno. Esses funis de masmorras geralmente levavam a calabouços com fundo de cuba onde Dante pôs Satanás, onde a sociedade punha o condenado à morte. Uma vez uma miserável existência enterrada aí, adeus à luz, ao ar, à vida, a *ogni speranza*; ela só saía de lá para a forca ou a fogueira. Às vezes apodrecia lá mesmo: a justiça humana chamava isso de “esquecer”. Entre os homens e ele, o condenado sentia pesar em sua cabeça um empilhamento de pedras e de carcereiros; e a prisão inteira, a maciça

bastilha não era mais do que uma enorme fechadura complicada que o encadeava fora do mundo vivo.

Foi num fundo de cuba desse tipo, nos “esquecedouros” cavados por são Luís, no *in pace*²⁵² da Tournelle que, sem dúvida por medo de evasão, haviam depositado Esmeralda condenada à força, com o colossal Palácio da Justiça em cima de sua cabeça. Pobre mosca que não teria podido mexer a menor das pedras desse edifício!

Claro, a Providência e a sociedade haviam sido igualmente injustas, um tal luxo de desgraça e tortura não era necessário para quebrar tão frágil criatura.

Ela ali estava, perdida nas trevas, sepultada, enterrada, murada. Quem tivesse podido vê-la nesse estado, depois de tê-la visto rir e dançar ao sol, teria estremecido. Fria como a noite, fria como a morte, não havia mais um sopro de ar em seus cabelos, um ruído humano em seus ouvidos, uma luz do dia em seus olhos; quebrada em dois, esmagada por correntes, agachada, perto de uma jarra e um pão, num pouco de palha na poça d'água que se formava sob ela pelo gotejar da masmorra, sem movimento, quase sem respirar, ela nem sequer sofria mais. Phoebus, o sol, o meio-dia, o ar livre, as ruas de Paris, as danças aplaudidas, as doces conversas de amor com o oficial; depois o padre, a alcoviteira, o punhal, o sangue, a tortura, a força; tudo isso tornava a passar vezes seguidas por seu espírito, ora como uma visão cantante e dourada, ora como um pesadelo disforme; mas não era mais do que uma luta horrível e vaga que se perdia nas trevas, ou que uma música distante que tocavam lá em cima, na Terra, e que não se ouvia mais na profundidade em que a infeliz havia caído. Desde que estava ali, ela não ficava desperta nem dormia. Nesse infortúnio, nessa masmorra, ela não podia distinguir a vigília do sono, o sonho da realidade, do mesmo modo que não distinguia o dia da noite. Tudo isso se misturava, quebrado, flutuante, difundido confusamente em seu pensamento. Ela não sentia mais, não sabia mais, não pensava mais; no máximo, sonhava. Nunca uma criatura viva havia adentrado tanto o nada.

Assim entorpecida, gelada, petrificada, ela mal havia notado, duas ou três vezes, o barulho de um alçapão que se abria em algum lugar acima dela, sem nem sequer deixar passar um pouco de luz, e pelo qual uma mão lhe jogara um pedaço de pão preto. Era, no entanto, a única comunicação que restava com os homens, a visita periódica do carcereiro. Uma só coisa ainda ocupava maquinalmente seu ouvido: acima de sua cabeça, a umidade se filtrava através das pedras emboloradas da abóbada, e a intervalos iguais uma gota d'água se soltava desta. Ela ouvia aparvalhada o barulho que essa gota d'água fazia ao cair na poça junto de si.

A gota d'água caindo nessa poça era o único movimento que ainda havia em torno dela, o único relógio que marcava o tempo, o único barulho que chegava até ela de todo o barulho que se fazia na superfície da terra.

Para dizer tudo, ela sentia também, de tempo em tempo, nessa cloaca de lama e trevas, algo de frio que lhe passava aqui e ali no pé ou nos braços, e se arrepiava.

Há quanto tempo estava ali? Não sabia. Ela guardava a lembrança de uma sentença de morte pronunciada em algum lugar contra alguém, depois que a tinham levado, a ela, e que ela acordara na noite e no silêncio, gelada. Arrastara-se sobre as mãos; então uns anéis de ferro tinham lhe cortado o tornozelo e umas correntes haviam soado. Tinha reconhecido que tudo era muralha ao seu redor, que havia abaixo dela uma laje coberta d'água e uma braçada de palha. Mas nem lampião nem respiro. Então ela sentara na palha e às vezes, para mudar de postura, no último degrau de uma escada de pedra que havia em sua masmorra. Por um instante ela havia tentado contar os negros minutos que a gota d'água media, mas logo esse triste trabalho de um cérebro doente se rompera por si mesmo em sua cabeça, deixando-a no estupor.

Um dia, enfim, ou uma noite (porque meia-noite e meio-dia tinham a mesma cor naquele sepulcro), ela ouviu acima de si um barulho mais forte do que aquele que o homem do alçapão fazia ao lhe trazer seu pão e sua jarra d'água. Esmeralda ergueu a cabeça e viu um raio avermelhado passar pelas frestas da espécie de porta ou de alçapão feita na abóbada do *in pace*. Ao mesmo tempo, a pesada fechadura gritou, o alçapão ranguu em seus gonzos enferrujados, girou, e ela viu uma lanterna, uma mão e a parte inferior do corpo de dois homens, por ser baixa demais a porta para que ela pudesse perceber suas cabeças. A luz a feriu com tanta força que ela fechou os olhos.

Quando tornou a abri-los, a porta estava novamente fechada, o lampião estava pousado num degrau da escada, um homem sozinho estava de pé à sua frente. Uma túnica negra lhe caía até os pés, uma máscara da mesma cor ocultava seu rosto. Não se via nada de sua pessoa, nem sua face, nem suas mãos. Era um longo sudário negro que se mantinha de pé e sob o qual se sentia alguma coisa se mexer. Ela olhou fixamente por alguns minutos para essa espécie de espectro. Enquanto isso, nem ela nem ele falavam. Dir-se-ia duas estátuas se confrontando. Duas coisas somente pareciam viver naquela cova: a mecha da lanterna, que fervilhava por causa da umidade da atmosfera, e a gota d'água da abóbada, que cortava essa crepitação irregular com seu pingar monótono e fazia tremer a luz da lanterna em reflexos concêntricos na água oleosa da poça.

Enfim a prisioneira quebrou o silêncio:

— Quem é o senhor?

— Um padre.

A palavra, a entonação, o som de voz a fizeram estremecer.

O padre prosseguiu, articulando surdamente:

— Está preparada?

— Para quê?

— Para morrer.

— Oh! — ela fez. — Vai ser em breve?

— Amanhã.

Sua cabeça, que tinha se erguido com alegria, tornou a cair sobre o peito.

— Ainda é muito tempo! — murmurou ela. — Que mal faria a eles se fosse hoje?

— A senhora é tão infeliz assim? — perguntou o padre depois de um silêncio.

— Estou com muito frio — ela respondeu.

Pegou os pés com as mãos, gesto habitual dos infelizes que sentem frio e que já vimos a reclusa da Tour-Roland fazer, e seus dentes matraqueavam.

O padre, de sob seu capuz, pareceu passear os olhos na masmorra.

— Sem luz! Sem fogo! Na água! É horrível!

— Sim — ela respondeu, com o ar espantado que a desgraça lhe dera. — O dia é para todo mundo. Por que só me dão a noite?

— Sabe por que está aqui? — retomou o padre depois de um novo silêncio.

— Acho que já soube — disse ela passando os dedos magros nas sobrançelas, como para ajudar sua memória —, mas não sei mais.

De repente ela desatou a chorar como uma criança.

— Queria sair daqui, senhor. Estou com frio, com medo e tem uns bichos que sobem pelo meu corpo.

— Pois bem, siga-me.

Falando assim, o padre pegou-a pelo braço. A pobre coitada estava gelada até as entranhas. No entanto, essa mão lhe causou uma impressão de frio.

— Oh — ela murmurou —, é a mão gelada da morte! Quem é o senhor, então?

O padre ergueu seu capuz; ela espiou. Era aquele rosto sinistro que a perseguia faz tempo, aquela cabeça de demônio que lhe aparecera na casa da Falourdel acima da cabeça adorada de seu Phoebus, aquele olho que ela vira brilhar pela última vez perto de um punhal.

Essa aparição, sempre tão fatal para ela e que a levava de desgraça em desgraça até o suplício, tirou-a de seu torpor. Pareceu-lhe que a

espécie de véu que tinha se adensado sobre a sua memória se rasgava. Todos os detalhes de sua lúgubre aventura, desde a cena noturna da casa da Falourdel até sua condenação na Tournelle, lhe voltaram ao mesmo tempo à mente, não vagos e confusos, como até então, mas distintos, crus, cortantes, palpitações, terríveis. Essas lembranças, semiapagadas e quase eliminadas pelo excesso de sofrimento, a sombria figura que ela tinha diante de si reavivou, do mesmo modo que a proximidade do fogo realça, fresquinhas no papel branco, as letras invisíveis traçadas com tinta simpática. Pareceu-lhe que todas as chagas de seu coração tornavam a se abrir e sangravam ao mesmo tempo.

— Ah! — ela gritou, tapando os olhos com a mão e tremendo convulsivamente. — É o padre!

Depois deixou cair seus braços desalentados e ficou sentada, cabeça baixa, olhos fixos no chão, muda e continuando a tremer.

O padre olhava para ela com o olho de um gavião que por muito tempo planou em círculo no alto do céu, em torno de uma pobre cotovia escondida no trigal, que por um bom tempo encurtou em silêncio os círculos formidáveis de seu voo e que de repente se precipitou sobre a presa como um raio e a agarrou, palpitante, com suas garras.

Ela se pôs a murmurar baixinho:

— Acabe! Acabe! O golpe derradeiro!

E enfiava a cabeça, com terror, entre os ombros, como a ovelha que aguarda a pancada da maça do açougueiro.

— Eu a horrorizo, então? — disse ele por fim. Ela não respondeu.

Seus lábios se contraíram como se ela sorrisse.

— Sim — disse ela —, o carrasco zomba do condenado. Faz meses que ele me persegue, me ameaça, me apavora! Sem ele, meu Deus, como eu era feliz! Foi ele que me lançou neste abismo! Ó céu! Foi ele que matou... foi ele que o matou! Meu Phoebus!

Nessa altura, rompendo em soluços e erguendo os olhos para o padre:

— Oh, miserável! Quem é o senhor? Que mal eu lhe fiz? O senhor me odeia tanto assim? Ai, o que tem contra mim?

— Eu a amo! — gritou o padre.

Suas lágrimas pararam subitamente, ela o fitou com um olhar de idiota. Ele havia caído de joelhos e a devorava com um olhar inflamado.

— Você ouviu? Eu a amo! — gritou de novo.

— Que amor! — disse a infeliz estremeecendo.

Ele replicou:

— O amor de um danado.

Os dois ficaram alguns minutos em silêncio, esmagados pelo peso de suas emoções, ele insensato, ela abobada.

— Escute — disse enfim o padre, e uma calma singular voltara a ele —, você vai saber tudo. Vou lhe dizer o que até aqui mal ousei dizer a mim mesmo, quando interrogava furtivamente minha consciência nessas horas profundas da noite em que há tantas trevas que parece que Deus não nos enxerga mais. Escute. Antes de encontrá-la, mocinha, eu era feliz.

— E eu! — ela suspirou fracamente.

— Não me interrompa. Sim, eu era feliz; acreditava sê-lo, em todo caso. Eu era puro, tinha a alma cheia de uma claridade límpida. Não havia cabeça que se erguesse mais orgulhosa e mais radiosa do que a minha. Os padres me consultavam sobre a castidade; os doutores, sobre a doutrina. Sim, a ciência era tudo para mim, era uma irmã, e uma irmã me bastava. Não é que com a idade tivessem me vindo outras ideias. Mais de uma vez a minha carne tinha se perturbado à passagem de uma forma de mulher. Essa força do sexo e do sangue do homem que, louco adolescente, eu havia acreditado ter sufocado por toda a vida, tinha mais de uma vez levantado convulsivamente a corrente dos votos de ferro que me selam, miserável, às frias pedras do altar. Mas o jejum, a prece, o estudo, as macerações do claustro haviam feito a alma mestra do corpo. E eu evitava as mulheres. Aliás, era só eu abrir um livro para que todas as impuras fumaças do meu cérebro se dissipassem diante do esplendor da ciência. Em poucos minutos eu sentia fugir ao longe as coisas consistentes da Terra e me via calmo, ofuscado e sereno perante o brilho tranquilo da verdade eterna. Tanto que o demônio só enviou para me atacar vagas sombras de mulheres que passavam esparsas aos meus olhos, na igreja, nas ruas, nos prados, e que mal voltavam nos meus sonhos: eu o venci com facilidade. Ai, se não me coube a vitória, a culpa é de Deus que não fez o homem e o demônio com forças iguais. Escute. Um dia...

Aqui o padre se deteve, e a prisioneira ouviu saírem de seu peito suspiros que faziam um barulho de estertor, de dilaceramento.

Ele continuou:

— Um dia, eu estava debruçado na janela da minha cela. Que livro mesmo eu lia? Oh, tudo isso turbilhona na minha cabeça... Eu lia. A janela dava para uma praça. Ouço um barulho de tambor e música. Aborrecido por ser perturbado assim nos meus devaneios, olhei para a praça. O que vi, havia outros que também viam, e, no entanto, não era um espetáculo feito para olhos humanos. Ali, no centro da praça, ao meio-dia, um grande sol, uma criatura dançava. Uma criatura tão bela que Deus a teria preferido à Virgem e a teria escolhido por mãe, e teria desejado nascer dela, se ela existisse quando se fez homem! Seus

olhos eram negros e esplêndidos; no meio da sua cabeleira negra alguns cabelos, que o sol penetrava, alouravam como fios de ouro. Seus pés desapareciam no seu movimento como os raios de uma roda que gira rapidamente. Ao redor da sua cabeça, nas suas tranças negras, havia plaquetas de metal que espumavam ao sol e faziam na sua cabeça uma coroa de estrelas. Seu vestido, coalhado de lantejoulas, cintilava, azul e pontilhado com mil faíscas como uma noite de verão. Seus braços leves e morenos se atavam e desatavam em torno da cintura como duas echarpes. A forma do seu corpo era de surpreendente beleza. Oh, a esplendorosa figura que se destacava como uma coisa luminosa na própria luz do sol! Ai! Moça, era você... Surpreso, inebriado, encantado, eu me deixava olhar você. E a olhava tanto que de repente arrepiei-me de medo: senti que o destino tomava conta de mim.

O padre, oprimido, parou mais um momento. Depois continuou:

— Já meio fascinado, tentei me agarrar a algo e me reter na minha queda. Lembrei-me das emboscadas que Satanás já me armara. A criatura que estava diante dos meus olhos tinha essa beleza sobre-humana que só pode vir do céu ou do inferno. Não era uma simples mulher feita com um pouco da nossa terra, e pobremente iluminada interiormente pelo vacilante raio de uma alma de mulher. Era um anjo! Mas de trevas. Mas de chama, e não de luz. No momento em que eu pensava isso, vi perto de você uma cabra, um bicho de sabá, que olhava rindo para mim. O sol do meio-dia lhe fazia chifres de fogo. Entrevi então a armadilha do demônio e não tive mais dúvidas de que você vinha do inferno e para a minha perdição. Acreditei nisso.

Aqui o padre encarou a prisioneira e acrescentou friamente:

— E ainda acredito. Mas o encanto agia pouco a pouco; a sua dança rodopiava no meu cérebro; eu sentia o misterioso malefício se consumir em mim. Tudo o que devia estar desperto adormecia na minha alma. E como os que morrem na neve, eu sentia prazer em deixar vir esse sono. De repente você se pôs a cantar. O que podia fazer, eu, pobre miserável? O seu canto era ainda mais encantador do que a sua dança. Quis fugir. Impossível. Eu estava pregado, enraizado no chão. Parecia-me que o mármore das lajes tinha subido até meus joelhos. Tive que ficar até o fim. Os meus pés estavam gelados, a minha cabeça fervilhava. Enfim, você talvez tenha tido dó de mim, parou de dançar, desapareceu. O reflexo da deslumbrante visão, a vibração da música encantadora se dissiparam aos poucos nos meus olhos e ouvidos. Então caí num canto da janela, mais rígido e mais fraco do que uma estátua descolada do seu pedestal. O sino das vésperas me despertou. Ergui-me; fugi; mas, ai!, havia em mim algo caído que não podia se reerguer, algo acontecido de que eu não podia

fugir.

Fez mais uma pausa e prosseguiu:

— Sim, a partir daquele dia, houve em mim um homem que eu não conhecia. Quis me valer de todos os meus remédios: o claustro, o altar, o trabalho, os livros. Loucuras! Oh, como a ciência soa vazia quando a gente bate em desespero contra ela uma cabeça cheia de paixões! Sabe, mocinha, o que eu via sempre entre o livro e eu? Você, sua sombra, a imagem da aparição luminosa que havia um dia atravessado o espaço diante de mim. Mas essa imagem não tinha mais a mesma cor; ela era escura, fúnebre, tenebrosa, como o círculo negro que persegue por longo tempo a vista do imprudente que olhou fixamente para o sol.

“Não podendo me livrar dela, ouvindo sempre sua canção zumbir na minha cabeça, vendo sempre os seus pés dançarem em cima do meu breviário, sentindo sempre de noite, em sonho, a sua forma se inserir sob a minha carne, quis revê-la, tocá-la, saber quem você era, ver se eu voltaria a encontrá-la igualzinha à sua imagem ideal que tinha ficado em mim, quebrar quem sabe o meu sonho com a realidade. Em todo caso, eu esperava que uma nova impressão apagasse a primeira, e a primeira se tornara insuportável para mim. Procurei por você e encontrei-a. Desgraça! Quando a vi duas vezes, quis vê-la mil, quis vê-la sempre. Então — como parar nesse declive do inferno? —, então eu não me pertenci mais. A outra ponta do fio que o demônio me prendera nas asas, ele amarrara no seu pé. Tornei-me vago e errante como você. Eu a esperava sob os pórticos, eu a espiava na esquina das ruas, a espreitava do alto da minha torre. Toda noite, eu voltava de novo a mim mesmo, mais encantado, mais desesperado, mais enfeitiçado, mais perdido!

“Fiquei sabendo quem você era: egípcia, boêmia, cigana, zíngara. Como duvidar da magia? Escute. Eu esperei que um processo me livraria do seu encanto. Uma feiticeira havia encantado Bruno de Asti;²⁵³ ele mandou queimá-la e sarou. Eu sabia. Quis experimentar o remédio. Primeiro tentei proibir que você se apresentasse no adro de Notre-Dame, esperando esquecê-la se você não voltasse mais. Você não levou em conta. Voltou. Depois tive a ideia de raptá-la. Uma noite tentei. Éramos dois. Já pegáramos você quando esse miserável oficial apareceu. Ele a libertou. Começava assim a sua desgraça, a minha e a dele. Enfim, não sabendo mais o que fazer e o que seria de mim, eu a denunciei ao Tribunal Eclesiástico. Pensei que sararia, como Bruno de Asti. Pensei também, confusamente, que um processo a entregaria a mim; que numa prisão eu a dominaria e submeteria; que aí você não poderia me escapar; que você me possuía havia bastante tempo para que eu também a possuísse por minha vez. Quando a gente faz o mal,

tem que fazer todo o mal. É demência parar no meio do monstruoso! A extremidade do crime tem delírios de alegria. Nela, um padre e uma feiticeira podem se fundir em delícias na braçada de palha de uma masmorra!

“Eu a denunciei, portanto. Foi então que a aterrorizei nos meus encontros. O complô que eu tramava contra você, a tempestade que eu amontoava acima da sua cabeça escapava de mim em ameaças e relâmpagos. Mas eu ainda hesitava. O meu projeto tinha lados aterradores que me faziam recuar.

“Talvez eu renunciasse; talvez a minha hedionda ideia se ressecasse no meu cérebro, sem dar o seu fruto. Eu acreditava, no entanto, que dependeria sempre de mim dar seguimento ou interromper esse processo. Mas toda ideia má é inexorável e quer se tornar um fato; porém, onde eu me acreditava onipotente, a fatalidade era mais poderosa do que eu. Ai, infelizmente foi ela que a pegou e a entregou à engrenagem terrível da máquina que eu havia tenebrosamente construído! Escute. Estou chegando ao fim.

“Um dia, de outro lindo sol, vejo passar diante de mim um homem que pronuncia seu nome, que ri e tem a luxúria nos olhos. Danação! Segui-o. O resto você sabe.”

Calou-se. A moça só foi capaz de encontrar uma palavra:

— Oh, meu Phoebus!

— Esse nome não! — disse o padre agarrando-lhe o braço com violência. — Não pronuncie esse nome! Oh, miseráveis que somos, foi esse nome que nos perdeu! Ou melhor, todos nós nos perdemos, uns aos outros, pelo inexplicável jogo da fatalidade! Você sofre, não é? Sente frio, o escuro a cega, a masmorra a envolve; mas talvez você ainda tenha alguma luz no seu íntimo, quando mais não fosse seu amor infantil por esse homem vazio que brincava com o seu coração! Já eu carrego a masmorra dentro de mim; dentro de mim é inverno, gelo, desespero; tenho a escuridão na alma. Sabe você tudo o que sofri? Assisti ao seu processo. Estava sentado no banco do Tribunal Eclesiástico. Sim, debaixo de um daqueles capuzes de padre havia as contorções de um danado. Quando a trouxeram, eu estava lá; quando a interrogaram, eu estava lá... Covil de lobos! Era esse o meu crime, era a minha força que eu via se erguer lentamente acima da sua cabeça. A cada testemunho, a cada prova, a cada arrazoadado, eu estava lá, pude contar cada um dos seus passos na via dolorosa; eu ainda estava lá quando aquele bicho feroz... Oh! Eu não havia previsto a tortura! Escute. Eu a segui até o quarto de dor. Eu a vi ser despida e manejada, seminua, pelas mãos infames do torturador. Vi o seu pé, esse pé em que eu gostaria, em troca de um império, de depositar um só beijo e morrer; esse pé sob o qual eu sentiria com tantas delícias a

minha cabeça ser esmagada, eu vi ser encerrado no horrível *brodequin* que faz dos membros de um ser vivo uma lama sangrenta. Oh, miserável! Enquanto eu via isso, eu tinha sob o meu sudário um punhal com o qual eu lavrava o meu peito. Ao grito que você deu, eu o enfiei na minha carne; a um segundo grito, ele me entrava no coração! Olhe. Acho que ainda sangra.

Ele abriu a batina. Seu peito estava de fato rasgado como por uma garra de tigre e tinha, no flanco, um ferimento bastante largo e mal cicatrizado.

A prisioneira recuou horrorizada.

— Oh, mocinha — disse o padre —, tenha pena de mim! Você se acha infeliz: aí, você não sabe o que é a infelicidade. Oh, amar uma mulher! Ser padre! Ser odiado! Amá-la com todos os furores da alma; sentir-se capaz de dar pelo menor dos sorrisos dela o seu sangue, as suas entranhas, o seu renome, a sua salvação, a imortalidade e a eternidade, essa vida e a outra; lamentar não ser rei, gênio, imperador, arcanjo, Deus, para pôr um escravo maior aos pés dela; apertá-la noite e dia nos seus sonhos e pensamentos; e vê-la apaixonada por um uniforme de soldado! E não ter a lhe oferecer nada além de uma batina suja de padre, de que ela terá medo e nojo! Estar presente, com o seu ciúme e a sua raiva, enquanto ela prodigaliza a um miserável fanfarrão imbecil tesouros de amor e de beleza! Ver esse corpo, cuja forma me queima, esse seio que tem tanta doçura, essa carne palpitar e se avermelhar sob os beijos de outro! Ó céu! Amar o seu pé, o seu braço, o seu ombro, sonhar com as suas veias azuladas, a sua pele morena, até se contorcer noites inteiras nas pedras da cela e ver levar à tortura todas as carícias com que sonhamos para ela! Ter conseguido somente deitá-la na cama de couro! Oh, são essas as verdadeiras tenazes enrubescidas no fogo do inferno! Oh! Bem-aventurado o que é serrado entre duas tábuas e esquartejado com quatro cavalos! Acaso você sabe o que é esse suplício que lhe fazem sofrer durante longas noites, as suas artérias que fervem, o seu coração que explode, a sua cabeça que se arrebenta, os seus dentes que mordem as suas mãos; torturadores encarniçados que a giram sem cessar, como sobre uma grelha ardente, como num pensamento de amor, ciúme e desespero! Mocinha, piedade! Um momento de trégua! Um pouco de cinza nessa brasa! Enxugue, eu te conjuro, o suor que escorre em grossas gotas da minha testa! Criança! Me torture com uma mão, mas me acaricie com a outra! Tenha dó, moça! Tenha dó de mim!

O padre rolava na água das lajotas e martelava o crânio nos cantos dos degraus de pedra. A moça o ouvia e observava. Quando ele se calou, exausto e ofegante, ela repetiu a meia-voz:

— Oh, meu Phoebus!

O padre se arrastou para ela de joelhos.

— Eu lhe imploro — gritou —, se você tem entranhas, não me rejeite! Oh! Eu a amo! Sou um miserável! Quando você diz esse nome, infeliz, é como se triturasse com os dentes todas as fibras do meu coração! Piedade! Se você vem do inferno, vou para ele com você. Fiz tudo para isso. O inferno em que você estará é o meu paraíso; a sua visão é mais encantadora que a de Deus. Oh, diga! Você não me quer? No dia em que uma mulher repelisse um amor igual, eu teria achado que as montanhas se moveriam. Oh, se você quisesse! Oh, como poderíamos ser felizes! Fugiríamos... eu faria você fugir... iríamos para algum lugar, buscaríamos o canto da Terra em que há o sol mais belo, mais árvores, mais céu azul. Nós nos amaríamos, derramaríamos as nossas almas uma na outra e teríamos uma sede inextinguível de nós mesmos, que aplacaríamos em comum e sem cessar nessa taça de inesgotável amor!

Ela o interrompeu com um riso tremendo e estrondoso.

— Olhe, padre! Tem sangue nas suas unhas!

O padre ficou uns instantes como que petrificado, o olhar fixo na mão.

— Pois bem! — replicou enfim com uma doçura estranha. — Me ultraje, zombe de mim, cubra-me de injúrias! Mas venha, venha. Apressemos-nos. É para amanhã, eu lhe disse. A força da Grève, sabe? Está sempre pronta. É horrível, ver você ir naquela carroça! Oh! Piedade! Eu nunca havia sentido como agora até que ponto a amava. Oh! Siga-me! Você terá tempo para aprender a me amar depois que eu salvar a sua vida. Mas venha. Amanhã! Amanhã! A força! O seu suplício! Oh! Salve-se! Me poupe.

Pegou-a pelo braço, estava ausente, quis arrastá-la.

A moça fixou nele seu olhar.

— Que fim levou o meu Phoebus?

— Ah! — fez o padre, soltando o braço da moça. — Você não tem piedade!

— Que fim levou o meu Phoebus? — ela repetiu com frieza.

— Morreu! — gritou o padre.

— Morreu! — disse ela, sempre glacial e imóvel. — Então por que me fala em viver?

Ele não a ouvia.

— Oh, sim — dizia como se falasse consigo mesmo —, deve estar bem morto! A lâmina penetrou fundo. Creio que toquei o seu coração com a ponta. Oh! Eu tinha a minha vida posta naquele punhal!

A moça se lançou sobre ele como uma tigresa furiosa e o empurrou pelos degraus da escada com uma força sobrenatural.

— Vá embora, monstro! Vá embora, assassino! Deixe-me morrer!

Que o sangue de nós dois marque a sua testa com uma mancha eterna!
Ser sua, padre, nunca! Nunca nada nos reunirá, nem mesmo o inferno!
Vá, maldito! Nunca!

O padre havia tropeçado na escada. Solto em silêncio seus pés das pregas da túnica, pegou a lanterna e pôs-se a subir devagar os degraus que levavam à porta; abriu a porta e saiu. De repente, a moça viu sua cabeça reaparecer; ela tinha uma expressão pavorosa, e ele gritou, com um estertor de raiva e desespero:

— Eu lhe disse que ele morreu!

Ela caiu de cara no chão e não se ouviu, na masmorra, outro ruído além do suspiro da gota d'água que fazia palpar a poça nas trevas.

251. “[Vós que entraís] abandonai toda a esperança.” Sentença gravada na porta do Inferno na *Divina comédia* de Dante (*Inferno*, III, 9). (N. E.)

252. “Em paz”, masmorra em que eram enterrados perpetuamente os acusados de grandes crimes.

253. Bruno de Asti (c. 1045-1123), teólogo italiano. (N. E.)

Não creio que haja nada no mundo mais alegre do que as ideias que despertam no coração de uma mãe ao ver o sapatinho do filho, sobretudo se é o sapatinho de festa, dos domingos, do batismo; o sapatinho bordado até sob a sola; um sapatinho com o qual a criança ainda não deu nenhum passo. Esse sapatinho tem tanta graça e pequenez, é tão impossível, para ele, caminhar, que é para a mãe como se ela visse seu filho. Ela sorri para ele, beija-o, fala com ele; ela se pergunta se é mesmo possível um pé ser tão pequeno; e, se a criança está ausente, basta-lhe o lindo sapatinho para lhe pôr diante dos olhos a doce e frágil criatura. Ela crê vê-lo, ela o vê, inteirinho, vivo, alegre, com suas mãos delicadas, sua cabeça redonda, seus lábios puros, seus olhos serenos, cujo branco é azul. Se é inverno, ele está ali, rasteja no tapete, escala laboriosamente um banquinho, e a mãe treme se ele se aproxima do fogo. Se é verão, ele se arrasta no pátio, no jardim, arranca o mato entre as pedras, olha com ingenuidade para os grandes cachorros, os grandes cavalos, sem medo, brinca com as conchas, com as flores, e provoca a reclamação do jardineiro, que encontra areia nas platibandas e terra nas aleias. Tudo ri, tudo brilha, tudo brinca à sua volta, como ele, até o sopro de ar e o raio de sol, que se divertem à vontade nos cachos desgrehados de seus cabelos. O sapatinho mostra tudo isso à mãe e faz seu coração derreter, como o fogo derrete a cera.

Mas quando a criança é perdida, essas milhares de imagens de alegria, encanto, ternura, que se aglomeram em torno do sapatinho, se tornam coisas horríveis. O bonito sapatinho bordado não é mais do que um instrumento de tortura que tritura eternamente o coração da mãe. É sempre a mesma fibra que vibra, a fibra mais profunda e mais sensível; mas em lugar de um anjo que a acaricia, é um demônio que a belisca.

Uma manhã, quando o sol de maio se erguia num desses céus azul-

escuros que Garofalo gosta de pôr em suas descensões da cruz, a reclusa da Tour-Roland ouviu um barulho de rodas, cavalos e ferragens na Place de Grève. Despertou um pouco com ele, prendeu os cabelos por cima das orelhas, para ensurdecer, e pôs-se a contemplar de joelhos o objeto inanimado que ela adorava assim havia quinze anos. Esse sapatinho, como já dissemos, era para ela o universo. Seu pensamento estava preso nele e só devia sair quando da sua morte. O que ela havia lançado ao céu de imprecações amargas, de queixas comoventes, de preces e soluços, a propósito desse encantador entretenimento de cetim rosa, só o sombrio buraco da Tour-Roland soube. Nunca maior desespero havia sido depositado numa coisa tão delicada e graciosa. Naquela manhã, parecia que sua dor escapava mais violenta ainda do que de costume; e ouvia-se do lado de fora seu lamento, numa voz alta e monótona que machucava o coração.

— Oh, minha filha — dizia ela —, minha filha! Minha querida criancinha, não a verei mais, então? Acabou-se? Sempre me parece que isso aconteceu ontem! Meu Deus, meu Deus, para tomá-la tão depressa de mim, melhor teria sido não dá-la. O senhor não sabe então que os nossos filhos vivem sempre no nosso ventre e que uma mãe que perdeu o seu não crê mais em Deus? Ah, que desgraçada eu sou por ter saído naquele dia! Senhor! Senhor! Para tirá-la de mim desse modo, é que o senhor nunca me viu com ela, quando eu a aquecia toda feliz ao meu fogo, quando ela ria para mim ao mamar, quando eu fazia os seus pezinhos subirem pelo meu peito até os meus lábios! Oh, se o senhor tivesse visto isso, meu Deus, teria piedade da minha alegria, não teria tirado de mim o único amor que me restava no coração! Era eu uma criatura tão miserável, Senhor, que o senhor nem podia olhar para mim antes de me condenar? Ai! Aqui está o sapatinho; o pé, onde está? Onde está o resto? Onde está a criança? Minha filha, minha filha! O que fizeram de você? Senhor, devolva-a a mim. Os meus joelhos se esfolaram rogando ao Senhor quinze anos a fio, meu Deus! Isso não basta? Devolva-a a mim, um dia, uma hora, um minuto; um minuto, Senhor! E me jogue em seguida para o demônio por toda a eternidade! Oh! Se eu soubesse onde se arrasta um pedaço da vossa túnica, eu me agarraria a ele com as minhas mãos e o senhor teria que me devolver a minha filha! O seu lindo pezinho! Será que o senhor não tem dó? Como pode condenar uma pobre mãe a esse suplício de quinze anos? Boa Virgem! Boa Virgem do céu! Meu Menino Jesus só meu, tiraram-na de mim, roubaram-na, comeram-na sobre as urzes, beberam o seu sangue, mastigaram os seus ossos! Boa Virgem, tenha piedade de mim. Minha filha! Preciso da minha filha! Que me importa que ela esteja no paraíso? Não quero o vosso anjo, quero a minha criança! Sou uma leoa, quero a minha filhota! Oh! Eu

me contorcerei na terra e quebrarei pedra com a minha testa, eu me danarei, eu vos amaldiçoarei, Senhor, se o senhor ficar com a minha criança! O senhor vê muito bem que tenho os braços mordidos, Senhor! Será que o bom Deus não tem piedade? Oh! Me dê somente sal e pão preto, contanto que eu tenha a minha filha e que ela me aqueça como um sol! Ai! Deus, meu senhor, não passo de uma vil pecadora, mas a minha filha me tornaria devota. Eu estava repleta de religião por amor a ela; e eu vos via, Senhor, através do sorriso dela como através de uma abertura no céu. Oh, boa Virgem! Faça que eu possa somente uma vez, mais uma vez, uma só, calçar esse sapatinho no seu lindo pé rosado, e eu morrerei, boa Virgem, vos abençoando! Ah! Quinze anos! Ela seria grande agora! Pobre criança! O quê! Então é mesmo verdade que não a verei mais, nem mesmo no céu! Porque eu não irei para lá. Oh, que miséria! E pensar que está aqui o seu sapatinho e que ele é tudo!

A infeliz tinha se atirado sobre esse sapatinho, seu consolo e seu desespero havia tantos anos, e suas entranhas se dilaceravam em soluços como no primeiro dia. Porque para uma mãe que perdeu seu filho é sempre o primeiro dia. Essa dor não envelhece. Por mais que os trajes de luto se desgastem e sejam lavados, o coração permanece negro.

Nesse momento, vozes frescas e alegres de criança passaram em frente à cela. Todas as vezes que alguma criança estimulava seus olhos ou ouvidos, a pobre mãe se precipitava para o canto mais escuro de seu sepulcro, e dir-se-ia que ela tentava enfiar sua cabeça na pedra para não ouvi-la. Dessa vez, ao contrário, ela se ergueu como que em sobressalto e escutou com avidez. Um dos garotinhos acabava de dizer:

— É que vão enforcar uma egípcia hoje.

Com o brusco sobressalto daquela aranha que vimos se atirar sobre uma mosca quando sua teia tremeu, ela correu à sua lucarna, que dava, como se sabe, para a Place de Grève. De fato, havia uma escada posta perto da forca permanente, e o verdugo ajustava as correntes enferrujadas pela chuva. Havia uma aglomeração ao redor.

O grupo risonho das crianças já estava longe. A beata buscou com os olhos um passante que ela pudesse interrogar. Avistou, ao lado de sua cela, um padre que parecia ler o breviário público, mas que estava muito menos interessado no livro do que na forca, à qual lançava de quando em quando um sombrio e feroz olhar. Ela reconheceu o senhor arqui-diácono de Josas, um santo homem.

— Padre, quem vão enforcar? — ela perguntou.

O padre olhou para ela mas não respondeu; ela repetiu a pergunta. Então ele disse:

— Não sei.

— Havia umas crianças que diziam que era uma egípcia — insistiu a reclusa.

— Acho que sim — disse o padre.

Então Paquette la Chantefleurie soltou uma gargalhada de hiena.

— Minha irmã — disse o arquidiácono —, a senhora odeia tanto assim as egípcias?

— Se as odeio? — exclamou a reclusa. — Elas são umas bruxas, ladras de criança! Elas devoraram a minha filhinha, a minha criança. A minha única criança! Não tenho mais coração, elas o comeram!

Era assustadora. O padre olhava para ela com frieza.

— Tem uma que odeio mais do que todas e que amaldiçoei — prosseguiu. — É uma jovem, que tem a idade que a minha filha teria se a mãe dela não houvesse comido a minha filha. Cada vez que passa pela minha cela, essa jovem víbora mexe com o meu sangue!

— Pois bem, minha irmã, rejubile-se — disse o padre, glacial como uma estátua de sepulcro. — É essa que a senhora vai ver morrer.

Sua cabeça caiu sobre o peito, e ele se afastou lentamente.

A reclusa contorceu-se de alegria.

— Eu tinha predito que ela subiria aí! Obrigada, padre! — gritou.

E ela se pôs a andar a passos largos em frente às barras da lucarna, descabelada, o olhar flamejante, batendo o ombro na parede, com o ar feroz de uma loba enjaulada que tem fome há tempo e que sente a hora da alimentação se aproximar.

TRÊS CORAÇÕES DE HOMEM DIFERENTEMENTE FEITOS

Phoebus, no entanto, não havia morrido. Homens dessa espécie têm vida dura. Quando mestre Philippe Lheulier, advogado extraordinário do rei, disse à pobre Esmeralda “ele está morrendo”, era por equívoco ou de brincadeira. Quando o arqui-diácono havia repetido para a condenada “ele morreu”, o fato é que ele não sabia, mas acreditava que sim, contava que sim, não duvidava que sim, esperava que sim. Teria sido duro demais dar à mulher que ele amava boas notícias de seu rival. Todo homem em seu lugar teria feito o mesmo.

Não que o ferimento de Phoebus não fosse grave, mas tinha sido menor do que o arqui-diácono se gabava. O físico a que os soldados da ronda o haviam levado temera oito dias por sua vida e até lhe dissera isso em latim. Todavia, a juventude havia prevalecido; e, coisa que acontece com frequência, não obstante os prognósticos e diagnósticos, a natureza se divertira salvando o doente nas barbas do médico. Foi enquanto ainda jazia no catre do físico que ele passou pelos primeiros interrogatórios de Philippe Lheulier e dos investigadores do Tribunal Eclesiástico, o que o aborrecera bastante. Assim, uma bela manhã, sentindo-se melhor, ele havia deixado suas esporas de ouro em pagamento ao boticário e tinha escapulado. Isso, de resto, não trouxera nenhum embaraço à instrução do caso. A Justiça de então se preocupava muito pouco com a nitidez e a limpeza de um processo criminal. Contanto que o acusado fosse enforcado, era tudo o que ela precisava. Ora, os juízes tinham provas bastantes contra Esmeralda. Haviam acreditado que Phoebus morreria e ponto-final.

Phoebus, por sua vez, não havia cometido uma grande fuga. Tinha simplesmente ido se juntar à sua companhia no quartel de La Queue-en-Brie, na Île-de-France, a algumas paradas de posta de Paris.

Afinal, não lhe agradava nem um pouco comparecer em pessoa a esse processo. Sentia vagamente que faria um papel ridículo. No fundo, não sabia bem o que pensar de todo o caso. Indevoto e

supersticioso como todo soldado que é apenas soldado, quando ele se questionava sobre essa aventura não estava seguro quanto à cabra, quanto ao modo bizarro como havia conhecido Esmeralda, quanto à maneira não menos estranha como ela lhe deixara adivinhar seu amor, quanto a ela ser egípcia, quanto ao monge fantasma. Ele entrevia nessa história muito mais magia do que amor, provavelmente uma feiticeira, talvez o diabo; uma comédia enfim, ou, para falar a linguagem de então, um mistério muito desagradável em que ele desempenhava um papel bastante canhestro, o papel dos golpes e das risadas. O capitão estava bastante envergonhado, sentia essa espécie de vergonha que nosso La Fontaine definiu tão admiravelmente:

Honteux comme un renard qu'une poule aurait pris. 254

Aliás, ele esperava que o caso não fizesse barulho, que seu nome, estando ele ausente, mal fosse pronunciado e, em todo caso, não ecoaria fora da sala de audiências da Tournelle. Nisso ele não se enganava, não existia então a *Gazeta dos Tribunais* e, como não passava semana que não houvesse um moedeiro falso cozinhado, ou uma feiticeira enforcada, ou um herético queimado numa das inúmeras *justiças* de Paris, as pessoas estavam tão acostumadas a ver em todas as encruzilhadas a velha Têmis feudal, de braços nus e mangas arregaçadas, fazer seu ofício nas forcas e pelourinhos que quase não davam atenção a ela. A gente daquela época mal sabia o nome do réu que passava na esquina, e o populacho no máximo se regalava com esse prato grosseiro. Uma execução era um incidente costumeiro da via pública, como o forno do padeiro ou a matança do carnicheiro. O carrasco não era mais do que uma espécie de açougueiro um pouco mais sombrio do que um outro.

Assim, Phoebus deixou assaz prontamente seu espírito em paz no que concerne à encantadora Esmeralda, ou Similar, como ele dizia, à punhalada da boêmia ou do monge fantasma (pouco lhe importava) e ao desenlace do processo. Mas, assim que seu coração ficou vacante sob esse aspecto, a imagem de Fleur-de-Lys lhe voltou. O coração do capitão Phoebus, como a física de então, tinha horror ao vazio.

De resto, La Queue-en-Brie era um lugar bastante insípido, uma aldeia de ferreiros e de vaqueiras de mãos rachadas, um comprido cordão de casebres e choças beirando a estrada dos dois lados por cerca de meia légua: uma *queue*,²⁵⁵ enfim.

Fleur-de-Lys havia sido sua penúltima paixão, uma moça bonita, um dote encantador. Portanto, um belo dia, já completamente curado e supondo que passados dois meses o caso da boêmia devia estar terminado e esquecido, o apaixonado cavaleiro chegou enfim à porta

do Logis Gondelaurier.

Não prestou atenção numa multidão bastante numerosa que se amontoava na Place du Parvis, diante do portal de Notre-Dame; lembrou-se de que estavam no mês de maio e supôs que se tratava de alguma procissão, algum Pentecostes, alguma festa; amarrou seu cavalo no anel do pórtico e subiu alegremente à casa da bela noiva.

Ela estava sozinha com a mãe.

Fleur-de-Lys continuava a ter pesando no peito a cena da feiticeira, sua cabra, seu alfabeto maldito, e as longas ausências de Phoebus. Mas, quando viu entrar seu capitão achou-o com uma cara tão boa, uma casaca tão nova, um boldrié tão lustroso e um ar tão apaixonado que se ruborizou de prazer. A nobre *damoiselle* também estava mais encantadora do que nunca. Seus magníficos cabelos louros apresentavam tranças cativantes, ela estava toda vestida desse azul-celeste que cai tão bem nas brancas, coquetismo que Colombe lhe ensinara, e tinha os olhos afogados naquele langor amoroso que lhes cai melhor ainda.

Phoebus, que não tinha visto nada em matéria de beleza desde as rameiras de La Queue-en-Brie, ficou inebriado com Fleur-de-Lys, o que deu ao nosso oficial uns modos tão ardentes e galantes que os dois logo fizeram as pazes. A própria madame de Gondelaurier, sempre maternalmente sentada em sua grande poltrona, não teve força para manifestar seu mau humor. Quanto às recriminações de Fleur-de-Lys, elas expiraram em ternos arrulhos.

A jovem estava sentada perto da janela, sempre bordando sua gruta de Netuno. O capitão se apoiava no encosto da cadeira da moça, e ela lhe dirigia a meia-voz suas reclamações acarinhantes.

— Que fim o senhor levou nestes dois meses, seu malvado?

— Eu juro — respondeu Phoebus, um pouco incomodado com a pergunta — que você é linda de fazer um arcebispo sonhar.

Ela não podia se impedir de sorrir.

— Está bem, está bem, senhor. Deixe para lá a minha beleza e me responda. Bela beleza mesmo.

— Pois bem, cara prima, fui chamado a me aquartelar.

— Onde isso, por favor, e por que não veio se despedir?

— Em La Queue-en-Brie.

Phoebus ficou encantado com que a primeira pergunta o ajudasse a evitar a segunda.

— Mas é pertinho, senhor. Como não ter vindo me ver uma só vez?

Aqui Phoebus ficou seriamente embaraçado.

— É que... o serviço... e depois, charmosa prima, fiquei doente.

— Doente! — ela repetiu assustada.

— É... ferido.

— Ferido!

A pobre moça estava transtornada.

— Oh! Não se assuste com isso — disse Phoebus, displicente —, não foi nada. Uma querela, um golpe de espada... que importância tem para você?

— Que importância tem? — exclamou Fleur-de-Lys erguendo seus belos olhos cheios de lágrimas. — Oh, o senhor não diz o que pensa ao dizer isso. Que golpe de espada foi esse? Quero saber tudo.

— Pois bem, cara bela, tive uma desavença com Mahé Fédy, sabe? O tenente de Saint-Germain-en-Laye; e nos descosturamos algumas polegadas de pele. Só isso.

O mentiroso capitão sabia muito bem que um caso de honra sempre valoriza um homem aos olhos de uma mulher. De fato, Fleur-de-Lys o encarava toda comovida de medo, prazer e admiração. Mas não estava totalmente tranquilizada.

— Oxalá você esteja mesmo completamente curado, meu Phoebus! — disse ela. — Não conheço esse Mahé Fédy, mas é um homem mau. E de onde vem essa querela?

Aqui Phoebus, cuja imaginação era muito pouco criativa, começou a não saber mais como se safar de sua façanha.

— Oh, sei lá! Uma coisa à toa, um cavalo, uma palavra... Bela prima — exclamou para mudar de assunto —, o que é esse barulho no Parvis?

Ele se aproximou da janela.

— Oh, meu Deus, bela prima, quanta gente na praça!

— Não sei direito — disse Fleur-de-Lys. — Parece que uma feiticeira vai pedir desculpas esta manhã diante da igreja e ser enforcada depois.

Como achava que o caso de Esmeralda já havia sido resolvido, o capitão mal reagiu às palavras de Fleur-de-Lys. Mas fez uma ou duas perguntas a ela.

— Como se chama essa feiticeira?

— Não sei — ela respondeu.

— E o que disseram que ela fez?

Fleur-de-Lys encolheu mais uma vez os ombros brancos.

— Não sei.

— Oh! Meu deus Jesus! — exclamou a mãe. — Há tantos feiticeiros hoje em dia que os queimam, creio eu, sem saber o seu nome. É como querer saber o nome de cada nuvem do céu. Mas podemos ficar tranquilos. Afinal o bom Deus tem o seu registro. — Aqui a venerável dama se levantou e foi até a janela. — Senhor! — fez ela. — Tem razão, Phoebus. Uma grande aglomeração popular. Tem gente, bendito seja Deus, até nos telhados. Sabe, Phoebus? Isso me lembra os

meus bons tempos. A entrada do rei Carlos VII, quando havia tanta gente também. Não sei mais em que ano. Quando eu lhe falo disso, não é?, lhe faz o efeito de uma coisa de velha, mas para mim são coisas de jovem. Oh! Era um povo bem mais bonito do que hoje. Havia gente até nos matacões da Porte Saint-Antoine. O rei trazia a rainha na garupa, e depois de suas altezas vinham todas as damas na garupa de todos os senhores. Eu me lembro que riam alto, porque ao lado de Amanyon de Garlande, que era bem breve de estatura, havia sire Matefelon, um cavaleiro de estatura gigante, que matara ingleses aos montes. Era bem bonito. Uma procissão de todos os fidalgos da França, com suas auriflamas que avermelhavam os olhos. Havia os que portavam galhardete e os que traziam bandeira. O que sei eu? Sire de Calan, galhardete. Jean de Châteaumorant, bandeira; sire de Coucy, bandeira, e mais tecido do que qualquer dos outros, exceto o duque de Bourbon. Ai! Que coisa triste pensar que tudo isso existiu e que não restou mais nada!

Os dois apaixonados não ouviam a respeitável viúva. Phoebus tinha voltado a se apoiar no encosto da cadeira da noiva; lugar encantador de onde seu olhar libertino se enfiava em todas as aberturas da gola de Fleur-de-Lys. Essa gola se abria tão apropriadamente e lhe deixava ver tantas coisas deliciosas e adivinhar tantas outras que Phoebus, deslumbrado com essa pele com reflexos de cetim, dizia a si mesmo: “Como se pode amar outra pele que não seja tão branca?”. Os dois se mantinham em silêncio. A moça de tempo em tempo erguia para ele olhos encantados e doces, e o cabelo dos dois se misturava num raio do sol primaveril.

— Phoebus — disse de repente Fleur-de-Lys em voz baixa —, devemos nos casar dentro de três meses; jure que nunca amou outra mulher que não eu.

— Eu juro, belo anjo! — respondeu Phoebus, e seu olhar apaixonado se somava, para convencer Fleur-de-Lys, ao tom sincero de sua voz. Ele talvez acreditasse mesmo em si nesse momento.

Enquanto isso, a boa mãe, encantada em ver os noivos em tão perfeito entendimento, acabava de sair do aposento para cuidar de algum detalhe doméstico. Phoebus percebeu isso, e essa solidão encorajou tanto o aventureiro capitão que lhe vieram ao cérebro ideias bem estranhas. Fleur-de-Lys o amava; ele era noivo dela; ela estava a sós com ele; seu velho gosto por ela despertara, não em todo o seu frescor, mas em todo o seu ardor; afinal, não é um grande crime comer um pouco do próprio trigo antes de colhê-lo. Não sei se esses pensamentos lhe passaram pela cabeça, mas o que é certo é que Fleur-de-Lys ficou de repente assustada com a expressão do olhar dele. Ela correu os olhos ao redor e não viu mais sua mãe.

— Meu Deus! — disse ruborizada e inquieta. — Que calor!

— De fato, acho que não está longe do meio-dia — respondeu Phoebus. — O sol incomoda. É melhor fechar as cortinas.

— Não, não — gritou a pobre moça —, ao contrário, eu preciso de ar!

E como uma gazela que sente o bafo da matilha, ela se levantou, correu para a janela, abriu-a e se precipitou para o balcão.

Phoebus, bastante contrariado, a seguiu.

A Place do Parvis Notre-Dame, para a qual dava o balcão, como sabemos, apresentava nesse momento um espetáculo sinistro e singular que fez mudar bruscamente de natureza o susto da tímida Fleur-de-Lys.

Uma multidão imensa, que refluía para todas as ruas adjacentes, abarrotava a praça propriamente dita. A pequena muralha da altura de um parapeito que cercava o adro não teria bastado para mantê-lo desimpedido, se não fosse duplicada com uma sebe espessa de lanceiros e de arcabuzeiros, colubrina em punho. Graças a essa barreira de lanças e arcabuzes, o adro estava vazio. A entrada era guardada por uma tropa de alabardeiros com as armas do bispo. As largas portas da igreja estavam fechadas, o que contrastava com as inúmeras janelas da praça, as quais, abertas até nas empenas, deixavam ver milhares de cabeças atonetadas como as pilhas de balas de canhão num parque de artilharia.

A superfície dessa multidão era cinzenta, suja e terrosa. O espetáculo que ela esperava era evidentemente dos que têm o privilégio de extrair e convocar o que há de mais imundo na população. Nada mais hediondo que o barulho que escapava desse formigar de chapéus amarelos e de cabelos sórdidos. Nessa multidão, havia mais risos do que gritos, mais mulheres do que homens.

De vez em quando uma voz azeda e vibrante atravessava o rumor geral.

— *Ohé, Mahiet Baliffre! Quem vão enforcar?*

— Imbecil! Aqui é o pedido de perdão em mangas de camisa! O bom Deus vai tossir latim na cara dela! Isso sempre se faz aqui ao meio-dia. Se é a força que você quer, vá à Grève.

— Vou depois.

— Ei, la Boucanbry? É verdade que ela recusou um confessor?

— Parece que sim, la Bechaigne.

— Viu só? Que pagã!

— Senhor, é o uso. O bailio do Palácio tem que entregar o marginal totalmente julgado para a execução. Se for um laico, ao preboste de Paris; se for um clérigo, ao tribunal do episcopado.

— Muito obrigado, senhor.

— Oh, Meu Deus! — dizia Fleur-de-Lys. — Pobre criatura!

Esse pensamento enchia de dor o olhar que ela passeava pelo populacho. O capitão, muito mais interessado nela do que naquele amontoado de ralé, acariciava amorosamente sua cintura por trás. Ela se virou suplicante e sorridente.

— Por favor, me deixe, Phoebus! Se a minha mãe entrasse, veria a sua mão.

Nesse momento, meio-dia soou lentamente no relógio de Notre-Dame. Um murmúrio de satisfação irrompeu na turba. A derradeira vibração da décima segunda batida mal se extinguia quando todas as cabeças se moveram como ondas numa ventania, e um imenso clamor se ergueu do chão, das janelas e dos telhados:

— Lá vem ela!

Fleur-de-Lys pôs a mão nos olhos para não vê-la.

— Meu encanto — lhe disse Phoebus —, quer entrar?

— Não — ela respondeu, e seus olhos, que ela acabava de fechar por medo, ela tornou a abrir por curiosidade.

Uma carroça, puxada por um forte cavalo de tiro normando e cercada por cavaleiros de uniforme roxo com cruzeiros brancos, acabava de desembocar na praça pela Rue Saint-Pierre-aux-Bœufs. Os sargentos da ronda lhe abriam passagem a cacetadas em meio ao povo. Ao lado da carroça cavalgavam alguns oficiais de justiça e de polícia, reconhecíveis por seus trajes negros e sua maneira desajeitada de sentar na sela. Mestre Jacques Charmolue desfilava à frente deles. No veículo fatal ia sentada uma mocinha, os braços amarrados nas costas, sem padre a seu lado. Ela estava de camisa, seus cabelos compridos (a moda então era só cortá-los ao pé da forca) caíam esparsos sobre o busto e os ombros semidescobertos.

Através dessa ondulante cabeleira, mais luzidia do que uma plumagem de corvo, via-se torcer-se e formar um nó uma grossa corda cinzenta e rugosa que esfolava suas frágeis clavículas e se enrolava em torno do encantador pescoço da pobre moça como uma minhoca numa flor. Sob essa corda brilhava um pequeno amuleto ornado de miçangas verdes, que sem dúvida tinham lhe permitido usar porque não se recusa mais nada aos que vão morrer. Os espectadores postados

nas janelas podiam perceber no fundo da carroça suas pernas nuas que ela tentava esconder debaixo de si, como num derradeiro instinto de mulher. A seus pés havia uma pequena cabra amarrada. A condenada retinha com os dentes sua camisa mal atada. Dir-se-ia que ela sofria mais em seu infortúnio por ser entregue desse modo, quase nua, a todos os olhos. Mas não é por tremores assim que o pudor é feito.

— Jesus! — disse vivamente Fleur-de-Lys ao capitão. — Olhe, belo primo, é aquela vil boêmia da cabra.

Falando assim, ela se virou para Phoebus. Ele tinha os olhos fixos na carroça. Estava muito pálido.

— Que boêmia da cabra? — balbuciou ele.

— Como! — replicou Fleur-de-Lys. — Será que o senhor não se lembra?

Phoebus a interrompeu:

— Não sei o que a senhora quer dizer.

Ele deu um passo para entrar na casa; mas Fleur-de-Lys, cujo ciúme, outrora tão vivamente espicaçado por essa mesma egípcia, acabava de despertar, lançou-lhe um olhar cheio de penetração e desconfiança. Ela se lembrava de modo vago, nesse momento, de ter ouvido falar num capitão envolvido no processo dessa feiticeira.

— O que o senhor tem? — perguntou ela a Phoebus. — Parece que essa mulher o perturbou.

Phoebus se esforçou para caçoar:

— Eu? Nem um pouquinho! Essa é boa!

— Então fique — replicou ela, imperiosa — e vamos ver até o fim.

O desastrado capitão teve de ficar. O que o tranquilizava um pouco é que a condenada não desviava o olhar do assoalho da carroça. Era sem sombra de dúvida Esmeralda. Nesse último degrau do opróbrio e do infortúnio, ela permanecia linda; seus grandes olhos negros pareciam ainda maiores por causa do empobrecimento de suas faces; seu perfil lívido era puro e sublime. Ela se parecia com o que havia sido tanto quanto uma virgem de Masaccio se parece com uma virgem de Rafael: mais fraca, mais esguia, mais magra.

De resto, não havia nada nela que de certo modo não se abalasse e que, exceto por seu pudor, ela não deixasse ir-se a esmo, a tal ponto havia sido profundamente destroçada pelo estupor e o desespero. Seu corpo se movia a cada sacudida da carroça, como uma coisa morta ou quebrada; seu olhar era melancólico e louco. Via-se ainda uma lágrima em seus olhos, mas imóvel e, por assim dizer, gelada.

Enquanto isso, a lúgubre cavalgada havia atravessado a multidão em meio aos gritos de alegria e às atitudes curiosas. Devemos dizer todavia, para sermos historiadores fiéis, que a vendo assim tão bela e tão arrasada, muitos — e dos mais duros — tinham se enchido de

piedade. A carroça havia entrado no adro de Notre-Dame.

Diante do portal central, ela parou. A escolta se dispôs desordenadamente dos dois lados. A multidão fez silêncio e, no meio desse silêncio cheio de solenidade e ansiedade, as duas folhas da porta principal giraram, como por si mesmas, sobre seus gonzos, que rangeram com um ruído de píforo. Então se viu em todo o seu comprimento a profunda igreja, escura, de luto, apenas iluminada por alguns círios que cintilavam ao longe no altar-mor, aberta como uma boca de caverna no meio da praça ofuscante de luz. Lá no fundo, na sombra da abside, entrevia-se uma gigantesca cruz de prata, contra um pano negro que caía da abóbada ao chão. Toda a nave estava deserta. Mas dava para ver, movendo-se em confusão, algumas cabeças de padres nas estalas distantes do coro e, no momento em que a porta principal se abriu, escapou da igreja um canto grave, brilhante e monótono que lançava como por rajadas sobre a cabeça da condenada fragmentos de lúgubres salmos.

Non timebo millia Populi circumdantis me: exsurge Domine; salvum me fac, Deus!

... Salvum me fac, Deus, quoniam intraverunt aquae usque ad animam meam.

*... Infixus sum in limo profundí; et non est substantia.*²⁵⁶

Ao mesmo tempo, outra voz, isolada do couro, entoava no degrau do altar-mor este melancólico ofertório:

*Qui verbum me audit, et credit ei qui misit me, habet vitam æternam et in iudicium non venit; sed transit a morte in vitam.*²⁵⁷

Esse canto, que alguns velhotes perdidos em suas trevas cantavam de longe sobre essa bela criatura, cheia de juventude e vida, acariciada pelo ar tépido da primavera, inundada de sol, era a missa dos mortos.

O povo escutava com recolhimento.

A infeliz, apavorada, parecia perder sua vista e seu pensamento nas escuras entranhas da igreja. Seus lábios brancos se mexiam como se rezassem, e quando o auxiliar do carrasco se aproximou dela para ajudá-la a descer da carroça, ele a ouviu repetir em voz baixa este nome: Phœbus.

Soltaram-lhe as mãos, fizeram-na descer acompanhada de sua cabra que também haviam desamarrado e que balia de alegria por se sentir livre; e fizeram-na andar descalça nas duras pedras do chão até o pé

dos degraus do portal. A corda que ela tinha no pescoço se arrastava atrás dela. Parecia uma cobra que a seguia.

Então o canto se interrompeu na igreja; uma grande cruz de ouro e uma fila de círios se puseram em movimento na penumbra. Ouviu-se soar a alabarda dos suíços em suas cores vivas e, alguns momentos depois, uma longa procissão de padres de casula e padres de dalmática, que vinha gravemente, salmodiando, em direção à condenada, se estendeu à sua vista e aos olhos da multidão. Mas seu olhar se deteve naquele que caminhava à frente, imediatamente depois dos que portavam a cruz:

— Oh! — fez ela baixinho, se arrepiando. — É ele novamente, o padre!

Era de fato o arqui-diácono. Ele tinha à sua esquerda o subchante e à sua direita o chantre armado do bastão de seu ofício. Ele avançava, a cabeça jogada para trás, os olhos fixos e abertos, cantando com uma voz forte:

De ventri inferi clamavi, et exaudisti vocem meam,

*Et projecisti me in profundum in corde maris, et flumen circumdedit me.*²⁵⁸

No momento em que ele apareceu à luz do dia sob o alto portal em ogiva, envolto num vasto manto de prata com uma cruz negra na barra, estava tão pálido que mais de um pensou, na multidão, que era um daqueles bispos de mármore, ajoelhados nas pedras sepulcrais do coro, que tinha se levantado e vinha receber no limiar da tumba aquela que ia morrer.

Ela, não menos pálida e não menos estátua, mal tinha percebido que haviam posto em sua mão um pesado círio de cera amarela aceso; não tinha ouvido a voz esganiçada do escrivão lendo o fatal teor do pedido de perdão; quando lhe disseram para responder *amém*, ela havia respondido *amém*. Foi preciso, para lhe devolver alguma vida e alguma força, que visse o padre fazer aos que a vigiavam sinal para se afastarem e se adiantar sozinho até ela.

Então ela sentiu seu sangue ferver na cabeça e um resto de indignação se acendeu nessa alma já entorpecida e fria.

O arqui-diácono se aproximou dela lentamente; mesmo nessa extremidade, ela o viu passear por sua nudez um olhar faiscante de luxúria, ciúme e desejo. Depois lhe disse em voz alta:

— Mocinha, pedistes a Deus perdão por vossos erros e vossas faltas? — Inclinou-se para seu ouvido e acrescentou (os espectadores acreditavam que ele recebia a última confissão): — Você me aceita? Ainda posso salvá-la!

Ela olhou fixo para ele:

— Vá embora, demônio! Ou eu o denuncio.

Ele se pôs a sorrir, era um sorriso horrível:

— Não acreditarão. Você apenas acrescentará um escândalo a um crime. Responda rápido: você me aceita?

— O que você fez com o meu Phoebus?

— Ele morreu! — disse o padre.

Nesse momento, o miserável arquidiácono ergueu a cabeça maquinalmente e viu do outro lado da praça, no balcão da residência Gondelaurier, o capitão de pé junto de Fleur-de-Lys. Ele cambaleou, passou a mão pelos olhos, olhou de novo, murmurou uma maldição, e todos os seus traços se contraíram com violência.

— Pois bem! Morra! — disse entre os dentes. — Ninguém a terá. — Então, erguendo a mão sobre a egípcia, exclamou com uma voz fúnebre: — *I nunc, anima anceps, et sit tibi Deus misericors!*²⁵⁹

Era a temível fórmula com que se tinha o costume de encerrar essas cerimônias sombrias. Era o sinal combinado do padre para o carrasco.

O povo se ajoelhou.

Kyrie Eleison,²⁶⁰ disseram os padres, que haviam ficado sob a ogiva do portal.

Kyrie Eleison, repetiu a multidão com esse murmúrio que corre acima de todas as cabeças como o ruído de um mar agitado.

Amém, disse o arquidiácono.

Deu as costas à condenada, sua cabeça tornou a cair sobre o peito, suas mãos se cruzaram, ele se juntou ao seu cortejo de padres e um instante depois o viram desaparecer, com a cruz, os círios e os mantos, sob os arcos brumosos da catedral; e sua voz sonora se extinguiu aos poucos no coro, cantando este versículo de desespero:

*Omnes gurgites tui et fluctus tui super me transierunt!*²⁶¹

Ao mesmo tempo, o tilintar intermitente da haste ferrada das alabardas dos suíços, que morria pouco a pouco sob os intercolúnios da nave, fazia o efeito de um martelo de relógio soando a hora derradeira da condenada.

Entrementes, as portas de Notre-Dame haviam permanecido abertas, deixando ver a igreja vazia, desolada, de luto, sem círios e sem vozes.

A condenada permanecia imóvel em seu lugar, esperando que dispusessem dela. Foi preciso que um dos sargentos avisasse mestre Charmolue, que durante toda essa cena se pusera a estudar o baixo-relevo do grande portal — que representa, para alguns, o sacrifício de Abraão, para outros, a operação filosofal, sendo o sol figurado pelo

anjo, o fogo pelo feixe de lenha, o artesanato por Abraão.

Tiveram muita dificuldade para arrancá-lo dessa contemplação, mas ele finalmente se virou e, a um sinal que fez, dois homens de amarelo, os auxiliares do carrasco, se aproximaram da egípcia para amarrar suas mãos.

A infeliz, no momento de subir de volta na carroça fatal e de se encaminhar para a sua derradeira estação, foi presa talvez de alguma dilacerante saudade da vida. Ergueu os olhos vermelhos e secos para o céu, para o sol, para as nuvens prateadas, cortadas aqui e ali por trapézios e triângulos azuis; depois baixou-os ao seu redor, para o chão, a multidão, as casas... De repente, enquanto o homem de amarelo lhe atava os cotovelos, soltou um grito terrível, um grito de alegria. Naquele balcão, na esquina da praça, acabava de avistá-lo: seu amigo, seu senhor, Phoebus, a outra aparição de sua vida! O juiz havia mentido! O padre havia mentido! Era ele mesmo, disso não podia duvidar; ele estava ali, belo, vivo, vestindo seu uniforme deslumbrante, uma pluma na cabeça, a espada de lado!

— Phoebus! — ela gritou. — Meu Phoebus!

Ela quis estender para ele seus braços trêmulos de amor e alegria, mas eles estavam amarrados. Ela viu então o capitão franzir o cenho, uma bela moça que se apoiava nele fitá-lo com um lábio desdenhoso e olhos irritados; depois Phoebus pronunciou algumas palavras que não chegaram até ela, e os dois sumiram de repente detrás da vidraça do balcão, que se fechou.

— Phoebus! — ela gritou vivamente perturbada. — Será que você acredita?

Um pensamento monstruoso acabava de lhe aparecer. Ela se lembrava que havia sido condenada pelo assassinato de Phoebus de Châteaupers.

Esmeralda suportara tudo até então. Mas este último golpe foi rude demais. Ela caiu sem movimento no chão.

— Vamos! — disse Charmolue. — Ponham-na na carroça e acabemos com isso!

Ninguém ainda havia notado, na galeria das estátuas de reis, esculpida logo acima das ogivas do portal, um espectador estranho que examinava tudo, até então, com tal impassibilidade, com um pescoço tão espichado, com um rosto tão disforme que, não fosse seu traje vermelho e roxo, poderia ter sido tomado por um daqueles monstros de pedra por cuja boca desaguam, há seiscentos anos, as compridas goteiras da catedral. Esse espectador não perdera nada do que se passara desde o meio-dia diante do portal de Notre-Dame. E desde os primeiros instantes, sem que ninguém pensasse em observá-lo, ele havia fortemente amarrado a uma das colunetas da galeria uma

grossa corda com nós, cuja ponta se arrastava embaixo, no patamar da entrada. Feito isso, ele se pusera a espiar tranquilo e a assobiar de tempo em tempo, quando um melro passava à sua frente. De repente, no momento em que os auxiliares do algoz se dispunham a executar a ordem fleumática de Charmolue, ele passou por cima da balaustrada da galeria, agarrou a corda com os pés, os joelhos e as mãos, depois viram-no descer pela fachada como uma gota de chuva que escorre ao longo de uma vidraça, correr em direção aos dois carrascos com a velocidade de um gato caído de um telhado, derrubá-los com seus punhos enormes, agarrar a egípcia com uma mão, como uma menina sua boneca e, de um só impulso, voltar para a igreja, erguendo a moça acima da cabeça e gritando com uma voz formidável: Asilo!²⁶²

Aquilo se fez com tamanha rapidez que, se tivesse acontecido à noite, teria sido possível ver tudo à luz de um só relâmpago.

— Asilo! Asilo! — repetiu a multidão, e dez mil palmas fizeram o olho único de Quasímodo cintilar de alegria e orgulho.

Esse choque fez a condenada voltar a si. Ergueu a pálpebra, olhou para Quasímodo, depois tornou a fechá-la subitamente, como que amedrontada com seu salvador.

Charmolue ficou estupefato, bem como os carrascos e toda a escolta. De fato, no recinto de Notre-Dame a condenada era inviolável. A catedral era um lugar de refúgio. Toda justiça humana expirava à sua porta.

Quasímodo tinha se detido no portal-mor. Seus pés largos pareciam tão sólidos no chão da igreja quanto os pesados pilares românicos. Sua cabeçorra cabeluda se afundava nos ombros como a dos leões, que também têm uma juba e não têm pescoço. Ele segurava a jovem toda palpitante, suspensa em suas mãos calejadas, como uma roupagem branca; mas a carregava com tanta precaução que parecia temer quebrá-la ou fazê-la perder seu viço e sua beleza. Era como se ele sentisse que se tratava de uma coisa delicada, refinada e preciosa, feita para outras mãos que não as suas. Por instantes parecia não ousar tocá-la, nem mesmo com a respiração. Depois, de repente, ele a apertava em seus braços, contra seu peito anguloso, como se fosse seu bem, seu tesouro, como teria feito a mãe dessa criança. Seu olho de gnomo, abaixado sobre ela, a inundava de ternura, dor e piedade, e se erguia de súbito cheio de centelhas. Então as mulheres riam e choravam, a multidão sapateava de entusiasmo, porque nesse momento Quasímodo tinha verdadeiramente sua beleza. Ele era belo, ele, esse órfão, essa criança encontrada, esse refugo, ele se sentia augusto e forte, encarava essa sociedade de que era banido e na qual intervinha tão poderosamente, essa justiça humana da qual ele tomara a presa, todos aqueles tigres forçados a mastigar em vão, aqueles

esbirros, aqueles juízes, aqueles carrascos, toda aquela força do rei que ele acabava de quebrar, ele, ínfimo, com a força de Deus.

E era uma coisa comovente essa proteção vinda de um ser tão disforme a um ser tão infeliz, essa condenada à morte salva por Quasímodo. Eram as duas misérias extremas da natureza e da sociedade que se tocavam e se ajudavam.

No entanto, depois de alguns minutos de triunfo, Quasímodo se enfiara bruscamente na igreja com seu fardo. O povo, amante de qualquer façanha, o buscava com os olhos, na sombria nave, lamentando ter ele se furtado tão depressa às suas aclamações. De repente, viram-no reaparecer numa das extremidades da galeria dos reis da França; ele a atravessou correndo como um insensato, erguendo sua conquista nos braços e gritando: Asilo! A multidão explodiu novamente em aplausos. Percorrida a galeria, ele tornou a mergulhar no interior da igreja. Um momento depois ele reapareceu na plataforma superior, a egípcia sempre em seus braços, sempre correndo loucamente, sempre gritando: Asilo! E a multidão aplaudia. Enfim, fez uma terceira aparição no alto da torre do bordão;²⁶³ daí ele pareceu mostrar com orgulho para toda a cidade aquela que ele salvara, e sua voz troante, aquela voz que se ouvia tão raramente e que ele nunca ouvia, repetiu três vezes com frenesi, até as nuvens: Asilo! Asilo! Asilo!

— Noel! Noel! — gritava o povo por sua vez, e essa imensa aclamação ia surpreender na outra margem a multidão da Grève e a reclusa, que continuava esperando, olhos fixos na forca.

254. “Envergonhado como uma raposa pega por uma galinha.” La Fontaine, “A raposa e a cegonha”.

255. Cauda.

256. “Eu não temia as milhares de pessoas que me cercavam: levanta-te, Senhor; salva-me, Deus!” (Sl 3,7) “... Salva-me, Deus, que as águas penetraram até minha alma./ Afundado estou no limo profundo; e não há onde me apoiar” (Sl 69,2-3).

257. “Quem ouve minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não será condenado, mas passou da morte para a vida” (Jo 5,24).

258. “Do ventre do inferno clamei, e tu ouviste minha voz,/ e me projetaste nas profundezas, no coração do mar, e as águas me cercaram” (Jn 2,3-4).

259. “Vai agora, alma irresoluta, e que Deus seja misericordioso para contigo!”

260. “Senhor, tende piedade.” (N. E.)

261. “Todas as tuas voragens e as tuas ondas têm passado por cima de mim!” (Jn 2,4).

262. O direito de asilo numa igreja era um costume bastante respeitado na época.

263. O sino de som mais grave.

LIVRO IX

Claude Frollo não estava mais na igreja de Notre-Dame quando seu filho adotivo cortava tão bruscamente o nó fatal em que o infeliz arqui-diácono prendera a egípcia e a si mesmo. Ao voltar para a sacristia, ele arrancara a alva, o manto e a estola, jogara tudo nas mãos do sacristão estupefato, escapara pela porta oculta do claustro, mandara um barqueiro do Terreno transportá-lo para a margem esquerda do Sena e se metera pelas ruas enladeiradas da Universidade, não sabendo aonde ia, encontrando a cada passo bandos de homens e de mulheres que se apressavam alegremente a ir em direção à Pont Saint-Michel na esperança de “ainda chegar a tempo” de ver a feiticeira ser enforcada, pálido, perdido, mais perturbado, cego e feroz do que uma ave noturna solta e perseguida por uma tropa de crianças em pleno dia. Não sabia mais onde estava, o que pensava, se sonhava. Ia, andava, corria, pegando qualquer rua ao acaso, não escolhendo, apenas sempre impelido para a frente pela Grève, pela horrível Grève que ele sentia confusamente atrás de si.

Passou pela montanha Sainte-Geneviève e saiu enfim da cidade pela Porte Saint-Victor. Continuou a fugir, enquanto pôde ver, virando-se, o recinto de torres da Universidade e as raras casas do subúrbio; mas quando enfim uma elevação do terreno lhe escondeu por inteiro essa odiosa Paris, quando pôde se acreditar a cem léguas, nos campos, num deserto, ele parou e lhe pareceu que respirava.

Então ideias pavorosas se amontoaram em sua mente. Tornou a enxergar com clareza em sua alma e se arrepiou. Pensou naquela moça infeliz que o havia arruinado e que ele arruinara. Passeou um olhar esgazeado pela tortuosa via dupla que a fatalidade fizera seus dois destinos seguirem, até o ponto de interseção em que ela implacavelmente os quebrara um contra o outro. Pensou na loucura de seus votos eternos, no ilusório da castidade, da ciência, da religião, da virtude, da inutilidade de Deus. Mergulhou o quanto pôde nos maus

pensamentos e, à medida que mergulhava, mais sentia desatar em si mesmo a risada de Satanás.

E escavando assim sua alma, quando viu que vasto espaço a natureza havia preparado nela para as paixões, riu mais amargamente ainda. Remexeu no fundo de seu coração todo o seu ódio, toda a sua maldade; e reconheceu, com o frio olhar de um médico que examina um doente, que esse ódio, que essa maldade não passavam de amor vicioso; que o amor, essa fonte de toda virtude no homem, se transformava em coisas horríveis num coração de padre e que um homem constituído como ele, fazendo-se padre, fazia-se demônio. Então riu horrendamente e de repente empalideceu de novo, ao considerar o lado mais sinistro de sua fatal paixão, desse amor corrosivo, venenoso, odiento, implacável, que só levava ao cadafalso, para uma, e ao inferno, para o outro: ela condenada, ele danado.

Depois o riso lhe voltou, ao pensar que Phoebus estava vivo; que afinal de contas o capitão vivia, estava alegre e contente, tinha casacas mais lindas do que nunca e uma nova amante que ele levava para ver a antiga ser enforcada. Seu riso redobrou quando refletiu que, dos seres vivos cuja morte ele desejara, a egípcia, a única criatura que ele não odiou, era a única que ele vitimara.

Então, seu pensamento passou do capitão ao povo, e lhe veio uma inveja de uma espécie inédita. Pensou que o povo também, o povo inteiro, tivera diante dos olhos a mulher que ele amava, de camisa, quase nua. Torceu os braços ao pensar que essa mulher, cuja forma entrevista na penumbra somente por ele teria sido a felicidade suprema, havia sido entregue em pleno dia, em pleno meio-dia a todo um povo, vestida como para uma noite de volúpia. Ele chorou de raiva sobre todos esses mistérios de amor profanados, maculados, desnudados, infamados para sempre. Chorou de raiva ao imaginar quantos olhares imundos haviam se regozijado com aquela camisa mal atada; e que aquela bela moça, aquele lírio virgem, aquela taça de pudor e delícias de que ele só ousaria aproximar seus lábios tremendo acabava de ser transformada numa espécie de gamela pública em que a mais vil população de Paris, os ladrões, os mendigos, os lacaios, tinham vindo beber em comum um prazer desavergonhado, impuro e depravado.

E quando ele tentava formar uma ideia da felicidade que poderia ter experimentado na Terra se ela não fosse boêmia e ele não fosse padre, se Phoebus não houvesse existido e se ela o tivesse amado; quando ele imaginava que uma vida de serenidade e de amor teria sido possível também para ele, que havia naquele mesmo momento, aqui e ali na Terra, casais felizes, perdidos em longas conversas sob as laranjeiras, à beira dos riachos, na presença de um sol poente, de uma

noite estrelada; e que, se Deus houvesse querido, ele teria podido formar com ela um desses casais abençoados, seu coração se derreteria em ternura e desespero.

Oh! Ela! É ela! Era essa ideia fixa que voltava sem cessar, que o torturava, que lhe mordida o cérebro e lhe rasgava as entranhas. Ele não se lamentava de nada, não se arrependia; tudo o que havia feito, estava disposto a refazer; preferia vê-la nas mãos do carrasco do que nos braços do capitão. Mas ele sofria; ele sofria tanto que, por instantes, arrancava punhados de cabelo para ver se não embranqueciam.

Houve um momento, entre outros, em que lhe veio à mente que era talvez o minuto no qual a hedionda corrente que ele vira de manhã apertava seu nó de ferro em torno daquele pescoço tão frágil e gracioso. Esse pensamento fez jorrar suor de todos os seus poros.

Houve outro momento em que, rindo diabolicamente consigo mesmo, ele imaginou ao mesmo tempo Esmeralda, como ele a vira no primeiro dia, viva, despreocupada, alegre, vestida, dançante, alada, harmoniosa, e a Esmeralda do último dia, em mangas de camisa, corda no pescoço, subindo lentamente com os pés descalços a escada angulosa da forca; imaginou esse duplo quadro de tal modo que deu um berro terrível.

Enquanto esse furacão de desespero sacudia, quebrava, arrancava, curvava, desenraizava tudo em sua alma, ele olhou a natureza à sua volta. A seus pés, umas galinhas ciscavam no mato, os escaravelhos esmaltados corriam para o sol; acima de sua cabeça alguns grupos de nuvens cinzentas sarapintadas fugiam num céu azul; no horizonte, a flecha da abadia de Saint-Victor furava a curva do morro com seu obelisco de ardósia; e o moleiro da colina de Copeaux via, assobiando, as pás trabalhadoras de seu moinho girarem. Toda essa vida ativa, organizada, tranquila, reproduzida à sua volta de mil formas, lhe fez mal. Tornou a fugir.

Correu assim através dos campos até o anoitecer. Essa fuga da natureza, da vida, de si mesmo, do homem, de Deus, de tudo, durou o dia inteiro. Às vezes ele se jogava de cara no chão e arrancava com as unhas o trigo jovem. Às vezes parava na rua deserta de uma aldeia; e seus pensamentos eram tão insuportáveis que ele agarrava a cabeça com as mãos e tentava arrancá-la dos ombros para quebrá-la no calçamento.

Na hora em que o sol declinava, ele se examinou novamente e se descobriu quase louco. A tempestade que durava em si desde o instante em que perdera a esperança e a vontade de salvar a egípcia, essa tempestade não havia deixado em sua consciência uma só ideia sadia, um só pensamento em pé. Sua razão jazia nela quase

inteiramente destruída. Não havia mais que duas imagens distintas em seu espírito: Esmeralda e a força; todo o resto era escuridão. Essas duas imagens aproximadas lhe apresentavam um conjunto aterrador; e quanto mais fixava nelas o que lhe restava de atenção e de pensamento, mais ele as via crescer, numa progressão fantástica, uma em graça, em charme, em beleza, em luz, a outra em horror; de sorte que, no fim, Esmeralda lhe aparecia como uma estrela, e a força como um enorme braço descarnado.

Uma coisa notável é que durante toda essa tortura não lhe veio a ideia séria de morrer. O miserável era assim. Ele se apegava à vida. Talvez visse realmente o inferno por trás de tudo.

Enquanto isso, o dia continuava a declinar. O ser vivo que ainda existia nele pensou confusamente na volta. Ele se acreditava longe de Paris, mas, orientando-se, percebeu que havia apenas contornado o recinto da Universidade. A flecha de Saint-Sulpice e as três altas agulhas de Saint-Germain-des-Prés iam além do horizonte ao seu redor. Dirigiu-se para esse lado. Quando ouviu o “quem vem lá” dos homens de armas do abade em torno da circunvalação ameaçada de Saint-Germain, ele desviou, pegou uma trilha que se ofereceu a ele entre o moinho, a abadia e a enfermaria do burgo, e ao cabo de alguns instantes se encontrou nos limites do Pré-aux-Clercs. Esse prado era célebre pelos tumultos que aí se produziam noite e dia; era a *hidra* dos pobres monges de Saint-Germain: *Quod monachis Santi-Germani pratensis hydra fuit, clericis nova semper dissidiorum capita suscitandibus*.²⁶⁴ O arquiidiácono temeu encontrar alguém; ele tinha medo de todo rosto humano; acabara de evitar a Universidade, o burgo Saint-Germain; queria entrar nas ruas somente o mais tarde possível. Atravessou o Pré-aux-Clercs, pegou a trilha deserta que o separava do Dieu-Neuf e chegou enfim à beira d’água. Aí dom Claude encontrou um barqueiro que, por alguns *deniers parisis*, subiu o Sena até a ponta da Cité e o depositou nessa língua de terra abandonada onde o leitor já viu Gringoire sonhar e que se prolongava além dos jardins do rei, em paralelo à ilha do atravessador de vacas.

O balanço monótono do barco e o marulhar da água haviam de certo modo entorpecido o infeliz Claude. Quando o barqueiro se afastou, ele ficou de pé na praia, aturdido, olhando para a frente e percebendo os objetos apenas através das oscilações ampliadoras, que de tudo faziam, para ele, uma espécie de fantasmagoria. Não é raro o cansaço de uma grande dor produzir na mente esse efeito.

O sol se pusera atrás da alta torre de Nesle. Era o instante do crepúsculo. O céu estava branco, a água do rio estava branca. Entre essas duas brancuras, a margem esquerda do Sena, na qual ele tinha os olhos fitos, projetava sua massa escura e, estreitada cada vez mais pela

perspectiva, se internava nas brumas do horizonte como uma flecha negra. Era carregada de casas, de que só se distinguia a silhueta escura, vivamente realçada em trevas contra o fundo claro do céu e da água. Aqui e ali, as janelas começavam a cintilar como furos de brasa. Esse imenso obelisco negro assim isolado entre as duas faixas brancas, do céu e do rio, bem largo nesse ponto, causou em dom Claude um efeito singular, comparável ao que experimentaria um homem que, deitado de costas no chão, ao pé do campanário de Estrasburgo, veria a enorme agulha se enfiar acima de sua cabeça nas penumbras do crepúsculo. Só que aqui era Claude que estava de pé e o obelisco que estava deitado; mas como o rio, refletindo o céu, prolongava o abismo abaixo dele, o imenso promontório parecia arremeter-se no vazio com tanta ousadia quanto qualquer flecha de catedral; e a impressão era a mesma. Essa impressão tinha inclusive isto de estranho e de mais profundo: era o campanário de Estrasburgo, mas o campanário de Estrasburgo com duas léguas de altura; algo inaudito, gigantesco, incomensurável; um edifício como nenhum olho humano jamais viu; uma torre de Babel. As chaminés das casas, as ameias das muralhas, as empenas talhadas dos telhados, a flecha dos Agostinhos, a torre de Nesle, todas essas saliências que lascavam o perfil do colossal obelisco aumentavam a ilusão, fazendo-se parecer estranhamente, ao olhar, com os recortes de uma escultura densa e fantástica. Claude, no estado de alucinação em que se encontrava, acreditou ver, ver com seus próprios olhos vivos, o campanário do inferno; as mil luzes espalhadas por toda a altura da assustadora torre lhe pareciam ser os pórticos da imensa fornalha interior; as vozes e os rumores que dela escapavam eram como gritos, como estertores. Então ele teve medo, tapou os ouvidos com as mãos para não mais ouvir, deu as costas para não mais ver e se afastou a passos largos da aterradora visão.

Mas a visão estava nele.

Quanto enveredou pelas ruas, os passantes, que se acotovelavam às luzes das lojas, lhe causavam o efeito de uma eterna ida e vinda de espectros ao seu redor. Ele ouvia barulhos estranhos; fantasias extraordinárias lhe perturbavam a mente. Não via nem as casas, nem o chão, nem as carroças, nem os homens e as mulheres; mas um caos de objetos indeterminados que se fundiam uns aos outros pelas beiradas. Na esquina da Rue de la Barillerie havia um armazém cujo toldo era, de acordo com o uso imemorial, guarnecido em seu contorno com esses arcos de folha de flandres em que se pendura um círculo de velas de madeira, que se entrechocam ao vento estalando como castanholas. Ele acreditou ouvir se entrechocar na sombra o feixe de esqueletos de Montfaucon.

— Oh — murmurou —, o vento da noite os joga uns contra os

outros e mistura o barulho das suas correntes com o barulho dos seus ossos! Ela talvez esteja lá, entre eles!

Perdido, não sabia aonde ia. Ao fim de alguns passos, encontrou-se na Pont Saint-Michel. Havia uma luz na janela de um andar térreo. Ele se aproximou. Através de uma vidraça rachada, enxergou uma sala sórdida, que despertou uma lembrança confusa em sua mente. Nessa sala, mal iluminada por um lampião fraco, havia um jovem louro e viçoso, de figura alegre, que beijava, com grandes gargalhadas, uma jovem vestida de maneira bem desavergonhada; e, perto do lampião, havia uma velha que fiava e cantava com uma voz trêmula. Como o jovem nem sempre ria, a canção da velha chegava fragmentada ao padre; era algo ininteligível e horroroso.

Grève, aboye, Grève, grouille!

File, file, ma quenouille

File sa corde au bourreau

Qui siffle dans le préau.

Grève, aboye, Grève, grouille!

La belle corde de chanvre!

Semez d'Issy jusqu'à Vanvre

Du chanvre et non pas de blé.

Le voleur n'a pas volé

La belle corde de chanvre.

Grève, grouille, Grève, aboye!

Pour voir la fille de joie

Pendre au gibet chassieux,

Les fenêtres sont des yeux.

*Grève, grouille, Grève, aboye!*²⁶⁵

Nisso, o jovem ria e acariciava a moça. A velha era a Falourdel; a moça era uma mulher pública; o rapaz era seu irmão Jehan.

Continuou espiando. Tanto fazia esse espetáculo ou outro qualquer.

Viu Jehan ir até uma janela que ficava no fundo da sala, abri-la, dar uma olhada na direção do cais, onde brilhavam ao longe mil encruzilhadas iluminadas, e ouviu-o dizer fechando a janela:

— Pela minh'alma! Não é que se faz noite? Os burgueses acendem as suas velas e o bom Deus, as suas estrelas.

Depois Jehan veio até a alcoviteira e quebrou uma garrafa que estava em cima da mesa, exclamando:

— Já vazia, corpo de Deus! E não tenho mais dinheiro! Isabeau,

minha amiga, só ficarei contente com Júpiter quando ele transformar os teus dois bicos de peito brancos em duas garrafas escuras, onde mamarei vinho de Beaune dia e noite.

Essa bela piada fez a prostituta rir, e Jehan saiu.

Dom Claude mal teve tempo de se jogar no chão para não ser encontrado, visto e reconhecido por seu irmão. Felizmente a rua era escura e o estudante estava embriagado. No entanto, avistou o arquidiácono deitado na lama da rua.

— Oh! Oh! — fez. — Este aí teve um dia alegre.

Com o pé remexeu dom Claude, que continha a respiração.

— Completamente bêbado — falou. — Uma verdadeira sanguessuga arrancada de um tonel. É calvo — acrescentou se abaixando —; é um velho! *Fortunate senex!*²⁶⁶

Depois, dom Claude ouviu-o se afastar, dizendo:

— Dá na mesma: a razão é uma bela coisa, e o meu irmão arquidiácono é bem feliz por ser sábio e ter dinheiro.

O arquidiácono então se levantou e correu, de um só fôlego, até Notre-Dame, cujas torres enormes via surgir no escuro acima das casas.

No instante em que chegou ofegante à Place du Parvis, recuou e não ousou erguer os olhos para o funesto edifício.

— Oh — disse em voz baixa —, então é verdade que tal coisa aconteceu aqui, hoje, esta mesma manhã?

Mas arriscou-se a entrar na igreja. A fachada estava escura; o céu, atrás, coruscava de estrelas. O crescente da lua, que acabava de alçar voo no horizonte, estava detido naquele momento no topo da torre direita e parecia ter se empoleirado, como uma ave luminosa, na beira da balaustrada recortada por trevos escuros.

A porta do claustro estava fechada; mas o arquidiácono sempre trazia consigo a chave da torre onde ficava seu laboratório. Serviu-se dela para entrar na igreja.

Encontrou a igreja numa escuridão e num silêncio cavernoso. Pelas grandes sombras que caíam de todas as partes em largas abas, reconheceu que as tapeçarias da cerimônia da manhã ainda não haviam sido tiradas. A grande cruz de prata cintilava no fundo das trevas, salpicada por alguns pontos faiscantes, como a Via Láctea dessa noite de sepulcro. As compridas janelas do coro mostravam acima do panejamento negro a extremidade superior de suas ogivas, cujos vitrais, atravessados por um raio de lua, não tinham mais do que as cores duvidosas da noite, uma espécie de violeta, branco e azul, cujo tom só encontramos na face dos mortos. O arquidiácono, percebendo em torno do coro essas pálidas pontas de ogivas, acreditou ver mitras de bispos danados. Fechou os olhos e, quando tornou a

abri-los, acreditou se tratar de um círculo de rostos pálidos que olhavam para ele.

Pôs-se a fugir igreja afora. Pareceu-lhe então que a igreja também se abalava, se mexia, se animava, vivia; que cada grossa coluna se tornava uma pata enorme que batia no chão com sua larga espátula de pedra e que a gigantesca catedral não era mais do que uma espécie de elefante prodigioso, que resfolegava e andava tendo seus pilares por pés, suas duas torres por trombas e o imenso lençol negro por xairel.

Assim, a febre ou a loucura haviam chegado a tal grau de intensidade que o mundo exterior, para o infeliz, não era mais do que uma espécie de Apocalipse, visível, palpável, aterrorizante.

Por um instante sentiu-se aliviado. Metendo-se sob as naves laterais, percebeu, atrás de um maciço de pilares, uma luz avermelhada. Correu para lá como se para uma estrela. Era o pobre lampião que iluminava noite e dia o breviário público de Notre-Dame, sob sua grade de ferro. Lançou-se avidamente sobre esse santo livro na esperança de nele encontrar algum consolo ou algum encorajamento. O livro estava aberto naquele trecho de Jó pelo qual seus olhos fixos passaram: “Então um espírito passou diante da minha face, e ouvi um pequeno sussurro, e os pelos da minha carne se arrepiaram”.

A essa leitura lúgubre, ele sentiu o que experimenta o cego ao ser espetado pelo bastão que pegou. Seus joelhos lhe faltaram e ele caiu no chão, pensando naquela que havia morrido durante o dia. Sentia passar e desembocar em seu cérebro tantas fumaças monstruosas que lhe parecia que sua cabeça tinha se tornado uma das chaminés do inferno.

Parece que ele ficou um bom tempo nessa atitude, não pensando mais, abismado e passivo sob a mão do demônio. Enfim, alguma força lhe voltou; ele pensou em ir se refugiar na torre, perto de seu fiel Quasímodo. Levantou-se; e, como tinha medo, pegou a lâmpada do breviário para iluminar seu caminho. Era um sacrilégio, mas ele já não levava em conta tão pouca coisa.

Subiu lentamente a escada das torres, tomado pelo secreto medo de que a luz misteriosa de sua lâmpada, subindo tão tarde de barbacã em barbacã até o alto do campanário, devia propagar nos raros passantes do adro.

De repente sentiu um frescor em seu rosto e se encontrou sob a porta da galeria mais alta. O ar era frio; o céu carregava nuvens, cujas largas lâminas brancas se estendiam umas sobre as outras esmagando-se pelos ângulos e figuravam um descongelamento de rio no inverno. O crescente da lua, encajado no meio das nuvens, parecia um navio celeste pego nesses gelos do ar.

Baixou a vista e contemplou um instante, entre a grade de

colunetas que une as duas torres, ao longe, através de uma gaze de bruma e fumaça, a multidão silenciosa dos telhados de Paris, agudos, incontáveis, comprimidos e pequenos como as ondas de um mar tranquilo numa noite de verão.

A lua lançava uma luz fraca, que dava ao céu e à terra uma cor de cinzas.

Nesse momento o relógio elevou sua voz fina e rachada. Meia-noite soou. O padre pensou no meio-dia: eram as doze horas que voltavam.

— Oh! — disse a si mesmo baixinho. — Ela deve estar fria agora!

De repente uma rajada de vento apagou sua lâmpada e quase ao mesmo tempo ele viu aparecer, no ângulo oposto da torre uma sombra, uma brancura, uma forma, uma mulher. Estremeceu. Ao lado dessa mulher havia uma pequena cabra, que misturava seu balido ao último balido do relógio.

Teve força para observá-la. Era ela.

Ela estava pálida, estava sombria. Seus cabelos caíam-lhe nos ombros como de manhã; porém não tinha mais a corda no pescoço, as mãos atadas: ela estava livre, estava morta.

Estava vestida de branco e tinha um véu branco na cabeça.

Vinha em sua direção, lentamente, olhando para o céu. A cabra sobrenatural a seguia. Ele se sentia de pedra e pesado demais para fugir. A cada passo para a frente que ela dava, ele dava um para trás, e isso era tudo. Entrou assim sob a abóbada escura da escada. Estava gelado à ideia de que ela também entrasse ali; se ela assim fizesse, ele morreria de terror.

Ela chegou de fato em frente à porta da escada, deteve-se alguns instantes, olhou fixamente na sombra, mas sem parecer enxergar o padre, e passou. Ela lhe pareceu maior do que quando vivia; ele viu a lua através de seu vestido branco; ouviu sua respiração.

Quando ela passou, ele se pôs a descer a escada, com a lentidão que vira no espectro, acreditando-se espectro ele mesmo, desvairado, os cabelos eriçados, sua lâmpada sempre apagada na mão; e enquanto descia os degraus em espiral, ouvia distintamente em seu ouvido uma voz que ria e repetia: “... um espírito passou diante da minha face, e ouvi um pequeno sussurro, e os pelos da minha carne se arrepiaram”.

264. “Porque para os monges de Saint-Germain-des-Prés foi uma hidra, sempre reerguendo sua cabeça às querelas entre os clérigos.”

265. “A Grève berra, a Grève fervilha!/ Fia, fia, minha roca/ Fia a corda do carrasco/ Que assobia no pátio./ A Grève berra, a Grève fervilha!// A bela corda de cânhamo!/ Semeiem de Issy a Vanves/ Cânhamo e não trigo./ O ladrão não roubou/ A bela corda de cânhamo.// A Grève fervilha, a Grève berra!/ Para ver a prostituta/

Pendurada na força imunda,/ As janelas são como olhos./ A Grève fervilha, a Grève berra!”

266. “Velho afortunado!” Virgílio, *Bucólicas*, I, 46.

Toda cidade da Idade Média, até Luís XII, toda cidade da França tinha seus locais de asilo. Esses locais de asilo, no meio do dilúvio de leis penais e jurisdições bárbaras que inundavam a Cité, eram espécies de ilhas que se elevavam acima do nível da justiça humana. Todo criminoso que nelas acostava era salvo. Havia num subúrbio quase tantos locais de asilo quantos locais patibulares. Era o abuso da impunidade ao lado do abuso dos suplícios, duas coisas ruins que tentavam se corrigir uma pela outra. Os palácios do rei, os solares dos príncipes e, principalmente, as igrejas tinham direito de asilo. Algumas vezes, de uma cidade inteira que precisava ser repovoada se fazia um local de refúgio. Luís XI fez de Paris asilo em 1467.

Uma vez posto o pé no asilo, o criminoso era sagrado; mas ele tinha de evitar sair: um passo fora do santuário, caía de volta no turbilhão. A roda, a forca, a polé montavam guarda ao redor do lugar de refúgio e espreitavam sem cessar sua presa, como os tubarões ao redor do navio. Viram-se condenados que envelheciam assim, num claustro, na escada de um palácio, nos cultivos de uma abadia, sob um pórtico de igreja; desse modo, o asilo era uma prisão como outra qualquer. Acontecia, às vezes, que um decreto solene do Parlamento violava o refúgio e restituía o condenado ao carrasco; mas era coisa rara. Os Parlamentos tinham medo dos bispos, e quando os dois se estranhavam, a toga não levava vantagem sobre a batina. Às vezes, no entanto, como no caso dos assassinos de Petit-Jean, carrasco de Paris, e no de Emery Rousseau, assassino de Jean Valleret, a Justiça pulava por cima da Igreja e passava à execução das sentenças; mas, à parte um decreto do Parlamento, aí de quem violasse à mão armada um local de asilo! Sabe-se qual foi a morte de Robert de Clermont, marechal da França, e de Jean de Châlons, marechal de Champagne; e, no entanto, se tratava apenas de um certo Perrin Marc, empregado de um cambista, um miserável assassino; mas os dois marechais

havia quebrado as portas de Saint-Méry. Aí estava a enormidade.

Havia em torno dos refúgios um tal respeito que, ao dizer da tradição, ele às vezes se estendia até aos animais. Aymoin conta que tendo um cervo, caçado por Dagoberto, se refugiado perto do túmulo de São Dionísio, a matilha estancou na hora, latindo.

As igrejas tinham geralmente um pequeno aposento preparado para receber os suplicantes. Em 1407, Nicolas Flamel construiu para eles, sob as abóbadas de Saint-Jacques-de-la-Boucherie, um quarto que lhe custou quatro libras, seis *sols* e dezesseis *deniers parisis*.

Em Notre-Dame, tratava-se de uma cela nos desvãos das naves laterais sob os arcobotantes, dando para o claustro, precisamente no lugar em que a mulher do atual zelador das torres fez um jardim, que está para os jardins suspensos da Babilônia o que uma alface está para uma palmeira, o que uma porteira está para Semíramis.

Foi aí que, depois de sua corrida desenfreada e triunfal pelas torres e galerias, Quasímodo depositara Esmeralda. Enquanto durou essa corrida a jovem não pudera recobrar os sentidos, meio desacordada, meio desperta, não sentindo mais nada, salvo que subia no ar, flutuava, voava, que algo a arrebatava acima da terra. De vez em quando, ela ouvia o riso estrondoso, a voz ruidosa de Quasímodo em seu ouvido; entreabria os olhos; então abaixo dela via confusamente Paris marchetada com seus milhares de telhados de ardósias e telhas como um mosaico vermelho e azul, e acima de sua cabeça a cara assustadora e alegre de Quasímodo. Então suas pálpebras tornavam a baixar; ela acreditava que tudo tinha acabado, que havia enfim sido executada durante seu desmaio e que o disforme espírito que presidira ao seu destino a pegara de volta e a carregava consigo. Ela não ousava olhar para ele e deixava-se levar.

Mas quando o sineiro descabelado e ofegante a depositou na cela do refúgio, quando ela sentiu suas mãos grossas desamarrar suavemente a corda que lhe mortificava os braços, ela experimentou essa espécie de choque que desperta em sobressalto os passageiros de um navio que atraca no meio de uma noite escura. Seus pensamentos também despertaram e lhe vieram um a um. Ela viu que estava em Notre-Dame; ela se lembrou de ter sido arrancada das mãos do carrasco; que Phoebus estava vivo, que Phoebus não a amava mais; e, quando essas duas ideias, uma das quais difundia tanto amargor sobre a outra, se apresentaram juntas à pobre condenada, ela se voltou para Quasímodo, que estava de pé à sua frente e lhe metia medo, e disse:

— Por que o senhor me salvou?

Ele a fitou com ansiedade, como que procurando adivinhar o que ela lhe dizia. Ela repetiu a pergunta. Então ele lhe dirigiu um olhar profundamente triste e fugiu.

Ela ficou espantada.

Alguns instantes depois, ele voltou, trazendo um pacote que lançou aos pés dela. Eram roupas que umas mulheres caridosas haviam depositado para ela na entrada da igreja. Então ela baixou os olhos sobre si mesma, se viu quase nua e enrubesceu. A vida voltava.

Quasímodo pareceu experimentar algo desse pudor. Velou seu olhar com sua manzorra e se afastou mais uma vez, mas a passos lentos.

Ela se apressou a se vestir. Era uma túnica branca com um véu branco. Um hábito de noviça do Hôtel-Dieu.

Mal terminava de se vestir, quando viu Quasímodo voltar. Ele trazia uma cesta debaixo de um braço e um colchão, do outro. Havia na cesta uma garrafa, pão e algumas provisões. Pôs a cesta no chão e lhe disse:

— Coma. — Estendeu o colchão no piso e lhe disse: — Durma.

Era sua própria refeição, seu próprio colchão que o sineiro tinha ido buscar.

A egípcia ergueu os olhos para lhe agradecer; mas não pôde articular uma só palavra. O pobre-diabo era verdadeiramente horrível. Ela baixou a cabeça com um estremecimento de temor.

Então ele lhe disse:

— Eu lhe meto medo. Sou muito feio, não é? Não olhe para mim, apenas me escute. De dia, a senhora fica aqui; de noite, pode passear por toda a igreja. Mas não saia da igreja nem de dia nem de noite. Estaria perdida. Matariam a senhora, e eu morreria.

Comovida, ergueu a cabeça para lhe responder. Ele havia desaparecido. Ela se viu sozinha, pensando nas palavras singulares desse ser quase monstruoso e impressionada com o som de sua voz, que era tão rouca e no entanto tão doce.

Depois examinou sua cela. Era um quarto de uns seis pés quadrados, com uma pequena lucarna e uma porta no plano ligeiramente inclinado do teto de pedras chatas. Várias gárgulas figurando animais pareciam se inclinar em torno dela e espichar o pescoço a fim de vê-la pela lucarna. Na beirada de seu telhado, ela avistava o topo de milhares de chaminés que faziam subir sob seus olhos as fumaças de todas as lareiras de Paris. Triste espetáculo para a pobre egípcia, criança encontrada, condenada à morte, infeliz criatura, sem pátria, sem família, sem lar.

No momento em que a ideia de seu isolamento lhe aparecia assim, mais pungente do que nunca, ela sentiu uma cabeça aveludada e barbuda se esfregar em suas mãos, em seu colo. Estremeceu (tudo a amedrontava agora) e olhou para ela. Era a coitada da cabrinha, a ágil Djali, que tinha escapado atrás dela no momento em que Quasímodo

havia dispersado a brigada de Charmolue e que se desmanchava em carícias a seus pés, fazia quase uma hora, sem conseguir obter um só olhar. A egípcia cobriu-a de beijos:

— Oh, Djali — dizia ela —, como a esqueci? Você continua pensando em mim, então? Oh, você não é ingrata, você não!

No mesmo instante, como se uma mão invisível houvesse levantado o peso que comprimia as lágrimas em seu coração havia tanto tempo, ela se pôs a chorar; e, à medida que suas lágrimas escorriam, ela sentia ir embora com elas o que havia de mais azedo e amargo em sua dor.

Terminado o dia, ela achou a noite tão bela, a lua tão doce, que deu uma volta pela galeria que envolve a igreja. Sentiu algum alívio, tanto a terra lhe pareceu calma, vista daquela altura.

Na manhã seguinte, ela percebeu ao acordar que havia dormido. Essa coisa singular a surpreendeu. Fazia tanto tempo que ela estava desacostumada ao sono. Um alegre raio de sol levante entrava por sua lucarna e vinha atingir seu rosto. Ao mesmo tempo que o sol, ela viu nessa lucarna um objeto que a assustou, a infeliz figura de Quasímodo. Involuntariamente fechou os olhos, mas em vão; ela acreditava ver através de sua pálpebra rosada aquela máscara de gnomo, caolho e desdentado. Então, mantendo sempre seus olhos fechados, ela ouviu uma voz rude que dizia com suavidade:

— Não tenha medo. Sou seu amigo. Tinha vindo vê-la dormir. Isso não a machuca, não é? Que eu venha vê-la dormir? O que é que tem eu estar aqui quando a senhora está com os olhos fechados? Agora vou embora. Olhe, eu fiquei atrás da parede. Pode abrir os olhos.

Havia algo de mais queixoso ainda do que essas palavras: era o tom em que elas eram pronunciadas. A egípcia, comovida, abriu os olhos. Ele de fato não estava mais à lucarna. Ela foi até essa lucarna e viu o pobre corcunda encolhido num canto de parede, numa atitude dolorosa e resignada. Ela fez um esforço para superar a repugnância que ele lhe inspirava.

— Venha — ela lhe disse docemente.

Ao ver o movimento dos lábios da egípcia, Quasímodo achou que ela o expulsava; então ele se levantou e se retirou mancando, devagar, cabeça baixa, sem nem sequer ousar erguer para a jovem seu olhar cheio de desespero.

— Pode vir — ela gritou.

Mas ele continuava se afastando. Então ela saiu às carreiras da sua cela, correu até ele e segurou seu braço. Sentindo-se tocado por ela, Quasímodo tremeu com todos os seus membros. Ergueu seu olho suplicante e, vendo que ela o trazia para perto de si, todo o seu rosto se irradiou de alegria e ternura. Ela quis fazê-lo entrar em sua cela;

mas ele se obstinou a ficar na porta.

— Não, não — disse ele —, o corujão não entra no ninho da cotovia.

Então ela se agachou graciosamente em sua cama com a cabra adormecida a seus pés. Os dois ficaram alguns instantes imóveis, observando em silêncio, ele tanta graça, ela tanta feiura. A cada momento, ela descobria em Quasímodo algumas deformidades mais. Seu olhar passeava de seus joelhos tortos às costas corcundas, das costas corcundas ao olho único. Ela não podia compreender que um ser tão desastrosamente esboçado existisse. No entanto havia em tudo isso tanta tristeza e doçura disseminada que ela começava a se acostumar.

Ele quebrou primeiro o silêncio.

— A senhora queria então dizer para eu voltar?

Ela fez um sinal de cabeça afirmativo, dizendo:

— Sim.

Ele compreendeu o sinal de cabeça.

— É que — disse ele como que hesitando em concluir — ... sou surdo.

— Pobre homem! — exclamou a boêmia com uma expressão de piedade benévola.

Ele se pôs a sorrir dolorosamente.

— Está achando que era tudo o que me faltava, não é? Sim, sou surdo. É assim que sou feito. É horrível, não é? A senhora é tão bonita!

Havia no tom do miserável um sentimento tão profundo de sua miséria que ela não teve a força de dizer uma palavra. Aliás, ele não a teria ouvido. Ele prosseguiu:

— Nunca vi a minha feiura como agora. Quando eu me comparo à senhora, tenho dó de mim, pobre monstro infeliz que sou! Devo lhe causar o efeito de um bicho, não? A senhora é um raio de sol, uma gota de orvalho, um canto de passarinho! Eu sou uma coisa hedionda, nem homem nem animal, um não sei quê mais duro, mais pisado e mais disforme do que uma pedra!

Então ele se pôs a rir, e esse riso era o que há de mais dilacerador no mundo. Ele continuou:

— Sim, sou surdo, mas a senhora falará comigo por gestos, por sinais. Tenho um mestre que conversa comigo desse modo. E, depois, saberei bem depressa a sua vontade pelo movimento dos seus lábios, pelo seu olhar.

— Bom! — fez ela sorrindo. — Diga por que me salvou.

Ele olhou atentamente para Esmeralda enquanto ela falava.

— Entendi — ele respondeu. — A senhora me pergunta por que a salvei. A senhora esqueceu um miserável que tentou raptá-la uma

noite, um miserável que no dia seguinte a senhora socorreu naquele infame pelourinho. Uma gota d'água e um pouco de piedade, o que é mais do que pagarei com a minha vida. A senhora esqueceu esse miserável; já ele se lembrou.

Ela escutava com um enternecimento profundo. Uma lágrima rolava no olho do sineiro, mas não escorreu. Ele pareceu considerar um ponto de honra devorá-la.

— Escute — prosseguiu ele, quando não temeu mais que a lágrima escapasse —, temos aqui torres bem altas. Um homem que caísse delas morreria antes de chegar ao chão; quando quiser que eu caia, não precisará dizer palavra, um olhar bastará.

Ele então se levantou. Esse ser bizarro, por mais infeliz que fosse a boêmia, ainda despertava alguma compaixão nela. Ela lhe fez sinal para ficar.

— Não, não — disse ele —, não devo ficar muito tempo. Não fico à vontade. É por piedade que a senhora não desvia os seus olhos. Vou para um lugar de onde eu a verei sem que a senhora me veja: será melhor.

Tirou do bolso um pequeno apito de metal.

— Tome — disse —, quando precisar de mim, quando quiser que eu venha, quando não tiver muito horror de mim, apite com isto. Este barulho eu ouço.

Pôs o apito no chão e fugiu.

Os dias se sucederam.

A paz voltava pouco a pouco à alma de Esmeralda. O excesso de dor, como o excesso de alegria, é uma coisa violenta que dura pouco. O coração do homem não pode ficar muito tempo num extremo. A boêmia havia sofrido tanto que não lhe restava mais que o espanto.

Com a segurança, a esperança lhe voltara. Ela estava fora da sociedade, fora da vida, mas sentia vagamente que talvez não fosse impossível tornar a entrar nela. Estava como uma morta que teria uma chave de seu túmulo de reserva.

Ela sentia se afastarem pouco a pouco as imagens terríveis que a tinham obcecado por tanto tempo. Todos os fantasmas hediondos, Pierrat Torterue, Jacques Charmolue se apagavam em sua mente, todos, o próprio padre.

E, depois, Phoebus vivia; ela tinha certeza, ela o vira. A vida de Phoebus era tudo. Depois da série de comoções fatais que haviam feito tudo vir abaixo, ela encontrara uma só coisa de pé em sua alma, um só sentimento: seu amor pelo capitão. É que o amor é como uma árvore, cresce por si mesmo, lança profundamente suas raízes em todo o nosso ser e muitas vezes continua a verdejar num coração em ruínas.

E o que há de inexplicável é que quanto mais essa paixão é cega, mais ela é tenaz. Ela nunca é mais sólida do que quando não tem razão.

Sem dúvida Esmeralda não pensava no capitão sem amargor. Sem dúvida era horrível que ele também tivesse sido enganado, tivesse acreditado no impossível, tivesse podido entender que a punhalada viera daquela que teria dado mil vidas por ele. Mas, enfim, não devia ficar muito zangada com ele: afinal ela não confessara *seu crime*? Não cedera, fraca mulher, à tortura? A culpa era toda dela. Ela deveria ter deixado lhe arrancarem as unhas em vez dessa palavra. Enfim, se ela revisse Phoebus uma só vez, um só minuto, seria preciso apenas uma

palavra, um olhar, para desfazer seu engano, para trazê-lo de volta. Disso ela não duvidava. Ela também ficava confusa quanto a muitas coisas singulares, quanto ao acaso da presença de Phoebus no dia do pedido de perdão, quanto à moça com quem ele estava. Era sem dúvida a irmã dele. Explicação insensata, mas que a contentava, porque precisava crer que Phoebus continuava a amá-la e que amava só a ela. Ele não lhe jurara isso? Que precisava de mais, ingênua e crédula como era? E, depois, nesse caso as aparências não eram muito mais contra ela do que contra ele? Ela esperava, pois. Ela tinha esperança.

Acrescentemos que a igreja, essa vasta igreja, que a envolvia por toda parte, que a guardava, que a salvava, era ela mesma um soberano calmante. As linhas solenes dessa arquitetura, a atitude religiosa de todos os objetos que rodeavam a moça, os pensamentos piedosos e serenos que se desprendiam, por assim dizer, de todos os poros dessa pedra agiam sobre Esmeralda sem que ela soubesse. O edifício tinha também ruídos de tamanha bênção e de tamanha majestade que aliviavam essa alma doente. O canto monótono dos oficiantes, as respostas do povo aos padres, às vezes inarticuladas, o harmonioso estremecimento dos vitrais, o órgão estrondoso como cem trombetas, os três campanários zumbindo como colmeias de grandes abelhas, toda essa orquestra acima da qual saltava uma escala gigantesca ascendendo e descendendo sem cessar de uma multidão a um campanário, ensurdeciam sua memória, sua imaginação, sua dor. Os sinos, principalmente, a acalentavam. Era como um magnetismo poderoso que esses vastos aparelhos espalhavam sobre ela em imensas vagas.

Assim, cada sol levante a encontrava mais acalmada, respirando melhor, menos pálida. À medida que suas chagas internas cicatrizavam, sua graça e sua beleza refloresciam em seu rosto, porém mais recolhidas e repousadas. Seu antigo temperamento também voltava, e até algo de sua alegria, seu gracioso muxoxo, seu amor pela cabra, seu gosto de cantar, seu pudor. Ela tomava o cuidado de se vestir de manhã no canto de seu quartinho, com medo de que algum morador dos desvãos vizinhos a visse pela lucarna.

Quando o pensamento em Phoebus lhe dava tempo, a egípcia às vezes pensava em Quasímodo. Era o único vínculo, a única relação, a única comunicação que lhe restava com os homens, com os vivos. Coitada! Ela estava mais fora do mundo do que Quasímodo. Ela não compreendia o estranho amigo que o acaso lhe dera. Ela se recriminava com frequência por não ter um reconhecimento que lhe fechasse os olhos, mas decididamente não conseguia se acostumar ao pobre sineiro. Era feio demais.

Ela havia deixado no chão o apito que ele lhe dera. Isso não impediu Quasímodo de reaparecer de vez em quando nos primeiros dias. Ela fazia o possível para não se esquivar com demasiada repugnância quando ele vinha lhe trazer a cesta de provisões ou a jarra d'água, mas ele percebia sempre o menor movimento desse gênero, e então ia embora tristemente.

Uma vez, ele apareceu no momento em que ela acariciava Djali. Ficou alguns instantes pensativo diante daquele grupo gracioso formado pela cabra e a egípcia e, por fim, disse sacudindo sua cabeça pesada e malfeita:

— A minha desgraça é que ainda me pareço demais com um homem. Gostaria de ser totalmente um bicho, como esta cabra.

Ela ergueu para ele um olhar surpreso.

Ele respondeu a esse olhar:

— Oh! Eu sei muito bem por quê.

E se foi.

Outra vez, ele se apresentou à porta da cela (onde nunca entrava) no momento em que Esmeralda cantava uma velha balada espanhola, cuja letra não entendia mas que havia ficado em seu ouvido porque as boêmias a tinham ninado com ela quando criancinha. Ao ver aquela feia figura que aparecia bruscamente no meio de sua canção, a moça se interrompeu com um gesto de pavor involuntário. O infeliz sineiro caiu de joelhos no umbral da porta e juntou, com um ar suplicante, suas grossas mãos informes.

— Oh! — disse ele cheio de dor. — Eu lhe suplico, continue e não me escorrace.

Ela não quis afligi-lo e, toda trêmula, retomou sua romança. Aos poucos, porém, seu pavor se dissipou e ela se entregou por inteiro à impressão da melodia melancólica e lenta que cantava. Ele continuava de joelhos, as mãos postas, como em prece, atento, mal respirando, seu olhar fixo nas pupilas brilhantes da boêmia. Dir-se-ia que ele ouvia a canção nos olhos dela.

Outra vez, ele veio a ela com um ar desajeitado e tímido.

— Escute — disse com esforço —, tenho uma coisa a lhe dizer.

Ela fez sinal de que ouvia. Então ele se pôs a suspirar, entreabriu os lábios, pareceu um momento prestes a falar, depois olhou para ela, fez um movimento de cabeça negativo e se retirou lentamente, a testa na mão, deixando a egípcia estupefata.

Entre os personagens grotescos esculpidos na parede, havia um por quem Quasímodo tinha um afeto particular e com o qual parecia muitas vezes trocar olhares fraternos. Uma vez a egípcia ouviu-o dizer:

— Oh, por que não sou de pedra como você?!

Um dia, enfim, uma manhã, Esmeralda tinha avançado até a beira

do telhado e espiava a praça acima da cobertura aguda da igreja de Saint-Jean-le-Rond. Quasímodo estava ali, atrás dela. Ele se postava assim por conta própria, a fim de poupar o mais possível à moça o desprazer de vê-lo. De repente a boêmia estremeceu, uma lágrima e um raio de alegria brilharam ao mesmo tempo em seus olhos, ela se ajoelhou à beira do telhado e estendeu angustiada os braços para a praça, gritando:

— Phoebus! Venha! Venha! Uma palavra, só uma palavra, em nome do céu! Phoebus! Phoebus!

Sua voz, seu rosto, seu gesto, toda a sua pessoa tinham a expressão dilacerante de um naufrago que faz o sinal de socorro para o alegre navio que passa ao longe num raio de sol do horizonte.

Quasímodo se debruçou sobre a praça e viu que o objeto dessa terna e delirante prece era um rapaz, um capitão, um belo cavaleiro reluzente de armas e adornos, que passava caracoleando ao fundo da praça e cumprimentava com a pluma uma bela dama que sorria em seu balcão. De resto, o oficial não ouvia a infeliz que o chamava: estava longe demais.

Mas o pobre surdo ouvia. Um suspiro profundo ergueu seu peito; ele se virou; seu coração estava cheio de todas as lágrimas que ele devorava; seus punhos convulsivos se chocaram contra sua cabeça e, quando ele os retirou, tinha em cada mão um punhado de cabelos ruivos.

A egípcia não prestava nenhuma atenção nele. Ele dizia em voz baixa, rangendo os dentes:

— Danação! É assim que é preciso ser! Basta apenas ser bonito por fora!

Enquanto isso, ela tinha ficado de joelhos e gritava com uma agitação extraordinária:

— Oh, ele desce do cavalo! Vai entrar naquela casa! Phoebus! Não está me ouvindo! Phoebus! Como é malvada essa mulher por falar com ele ao mesmo tempo que eu! Phoebus! Phoebus!

O surdo olhava para ela. Compreendia aquela pantomima. O olho do pobre sineiro se enchia de lágrimas mas ele não deixava escorrer nenhuma. De repente, ele a puxou suavemente pela beira da manga. Ela se virou. Ele tinha assumido um ar tranquilo; disse a ela:

— Quer que eu vá buscá-lo?

Ela soltou um grito de alegria.

— Oh! Ande! Vá! Corra! Depressa! Aquele capitão! Aquele capitão! Traga-o para mim! Eu o amarei!

Ela beijava os joelhos dele. Quasímodo não pôde se impedir de sacudir a cabeça dolorosamente.

— Vou trazê-lo — disse com uma voz fraca.

Depois virou a cabeça e precipitou-se a passos largos sob a escada, sufocado de soluços.

Quando chegou à praça, não viu mais nada além do belo cavalo amarrado à porta do Logis Gondelaurier: o capitão acabava de entrar. Ergueu o olho para o telhado da igreja. Esmeralda continuava no mesmo lugar, na mesma postura. Ele lhe fez um triste sinal com a cabeça; depois se encostou num pilar do pórtico Gondelaurier, determinado a esperar o capitão sair.

Era, no Logis Gondelaurier, um desses dias de gala que precedem as núpcias. Quasímodo viu entrar muita gente e não viu ninguém sair. De vez em quando olhava para o telhado: como ele, a egípcia não se mexia. Um cavaleiro veio desamarrar o cavalo e o levou para o estábulo da residência.

O dia inteiro se passou assim, Quasímodo no pilar, Esmeralda no telhado, Phoebus sem dúvida aos pés de Fleur-de-Lys.

Enfim caiu a noite; uma noite sem lua, uma noite escura. Quasímodo fixava em vão seu olhar em Esmeralda; logo não havia mais que uma brancura no crepúsculo; depois nada. Tudo se apagou, tudo estava negro.

Quasímodo viu se iluminarem, de alto a baixo da fachada, as janelas do Logis Gondelaurier; viu se acenderem, uma depois da outra, as outras janelas da praça; viu também se apagar a última delas, pois ficou a noite inteira em seu posto. O oficial não saía. Quando os últimos passantes voltaram para casa, quando todas as janelas das outras casas se apagaram, Quasímodo ficou totalmente só, totalmente à sombra. Não havia então luminária no adro de Notre-Dame.

No entanto, as janelas do Logis Gondelaurier tinham ficado acesas, mesmo depois da meia-noite. Quasímodo, imóvel e atento, via passar nos vitrais de mil cores uma multidão de sombras vivas e dançantes. Se não fosse surdo, à medida que o rumor da Paris adormecida se extinguiu, teria ouvido cada vez mais distintamente, no interior do Logis Gondelaurier, um ruído de festa, risos e música.

Por volta de uma da manhã, os convidados começaram a se retirar. Quasímodo, envolto em trevas, via-os passar sob o pórtico iluminado por tochas. Nenhum era o capitão.

Estava cheio de pensamentos tristes; por instantes, olhava para cima, como os que se entediam. Grandes nuvens negras, pesadas, rasgadas, furadas, pendiam como redes de crepe sob o cimbrequilado da noite. Dir-se-ia teias de aranha na abóbada do céu.

Num desses momentos, ele viu de súbito se abrir misteriosamente a janela de sacada do balcão cuja balaustrada de pedra se recortava acima de sua cabeça. A frágil porta de vidro deu passagem a duas pessoas atrás das quais ela se fechou sem fazer barulho: eram um

homem e uma mulher. Não foi sem dificuldade que Quasímodo conseguiu reconhecer no homem o belo capitão, na mulher a jovem dama que ele vira de manhã desejar boas-vindas ao oficial, do alto daquele mesmo balcão. A praça estava perfeitamente escura, e a dupla cortina carmesim, que havia descido atrás da porta no momento em que esta se fechava, não deixava chegar ao balcão a luz do aposento.

O rapaz e a moça, pelo que podia julgar nosso surdo que não ouvia uma só das palavras deles, pareciam se entregar a um terno tête-à-tête. Dir-se-ia que a jovem havia permitido que o oficial lhe fizesse um cinto de seu braço e resistia suavemente a um beijo.

Quasímodo assistia de baixo essa cena tanto mais graciosa por não estar feita para ser vista. Contemplava aquela felicidade, aquela beleza, com amargor. Apesar de tudo, a natureza não era muda no pobre coitado, e sua coluna vertebral, por mais torta que fosse, não era menos fremente do que qualquer outra. Ele pensava na miserável parte que a Providência lhe reservara; que a mulher, o amor, a volúpia passariam eternamente diante de seus olhos e que ele nada faria além de ver a felicidade dos outros. No entanto, o que mais o machucava naquele espetáculo, o que somava a indignação ao seu despeito era pensar como sofreria a egípcia se o visse. É verdade que a noite era bem escura, que Esmeralda, se houvesse permanecido em seu lugar (disso ele não duvidava), estava longe demais, e que ele mesmo mal podia distinguir os namorados no balcão. Isso o consolava.

Enquanto isso, o encontro dos dois se tornava cada vez mais animado. A jovem dama parecia suplicar ao oficial que não lhe pedisse nada mais. Quasímodo só distinguia de tudo isso as belas mãos juntas, os sorrisos mesclados de lágrimas, os olhares da jovem erguidos para as estrelas, os olhos do capitão ardentemente postos nela.

Felizmente, porque a moça começava a lutar apenas debilmente, a porta do balcão se abriu de súbito, uma velha dama apareceu: a bela pareceu confusa, o oficial fez uma cara contrariada e os três entraram.

Um momento depois, um cavalo batia os cascos sob o pórtico, e o brilhante oficial, envolto em seu capote de noite, passou rapidamente por Quasímodo.

O sineiro deixou-o virar a esquina, depois saiu correndo atrás dele com sua agilidade de macaco, gritando:

— Ei! Capitão!

O capitão parou.

— O que esse vagabundo quer comigo? — disse ao avistar no escuro aquela espécie de figura desancada que corria mancando em sua direção.

Quasímodo, entretanto, havia chegado até ele e segurado

ousadamente a rédea de seu cavalo:

— Siga-me, capitão; tem alguém que deseja lhe falar.

— Chifre de Maomé! — grunhiu Phoebus. — Está aí uma ave descabelada que me parece ter visto em algum lugar. Alto lá, mestre! Quer fazer o favor de largar a rédea do meu cavalo?

— Capitão — respondeu o surdo. — O senhor não me pergunta quem?

— Eu lhe disse para largar o meu cavalo — replicou Phoebus impaciente. — O que quer esse gaiato que se pendura na testeira do meu corcel? Está confundindo o meu cavalo com uma força?

Quasímodo, longe de soltar a rédea do cavalo, se dispunha a fazê-lo voltar atrás. Incapaz de explicar a resistência do capitão, apressou-se a lhe dizer:

— Venha, capitão; é uma mulher que o espera. — E acrescentou com esforço: — Uma mulher que o ama.

— Seu mequetrefe — disse o capitão —, eu lá sou obrigado a ir ver todas as mulheres que me amam, ou assim dizem? E se por acaso ela se parecer com você, seu cara de coruja? Vá dizer àquela que o enviou que vou me casar e que ela vá para o diabo!

— Escute! — bradou Quasímodo, acreditando que venceria com uma palavra a hesitação do outro. — Venha, meu senhor! É a egípcia que o senhor conhece!

Essa palavra causou de fato uma grande impressão em Phoebus, mas não a que o surdo esperava. O leitor se lembra de que nosso galante oficial tinha se retirado com Fleur-de-Lys alguns momentos antes que Quasímodo salvasse a condenada das mãos de Charmolue. Desde então, em todas as suas visitas ao Logis Gondelaurier ele tinha evitado falar dessa mulher cuja lembrança, no fim das contas, lhe era penosa; e, por sua vez, Fleur-de-Lys não havia considerado político lhe dizer que a egípcia estava viva. Phoebus acreditava, portanto, que a pobre “Similar” estava morta, e que já fazia um ou dois meses disso. Acrescentemos que havia alguns instantes que o capitão pensava na escuridão profunda da noite, na feiura sobrenatural, na voz sepulcral do estranho mensageiro, que meia-noite havia passado, que a rua estava deserta como na noite em que o monge fantasma o abordara e que seu cavalo bufava olhando para Quasímodo.

— A egípcia! — ele exclamou, quase assustado. — Ora essa, você vem do outro mundo?

Levou a mão ao cabo da adaga.

— Rápido, rápido — disse o surdo procurando conduzir o cavalo —, por aqui.

Phoebus lhe assestou um vigoroso pontapé no peito.

O olho de Quasímodo faiscou. Fez um movimento para se atirar em

cima do capitão. Depois disse, enrijecendo-se:

— Oh, como o senhor é feliz por ter alguém que o ama! — Ele salientou a palavra *alguém* e, soltando a rédea do cavalo: — Vá embora!

Phoebus esporeou seu cavalo, blasfemando. Quasímodo o viu enfiar-se nas brumas da rua.

— Oh — dizia baixinho o pobre surdo —, recusar isso!

Entrou de volta em Notre-Dame, acendeu sua lanterna e subiu na torre. Como havia pensado, a boêmia continuava no mesmo lugar. Assim que o avistou, correu até ele.

— Sozinho! — exclamou juntando dolorosamente suas belas mãos.

— Não consegui encontrá-lo — disse Quasímodo com frieza.

— Devia ter esperado a noite inteira — ela replicou exaltada.

Ele viu seu gesto de cólera e compreendeu a recriminação.

— Vigiarei melhor da próxima vez — disse, baixando a cabeça.

— Vá embora! — disse ela.

Deixou-a. Ela estava zangada com ele. Preferiu ser maltratado por ela a afligi-la. Guardou toda a dor para si.

A partir desse dia, a egípcia não o viu mais. Ele parou de ir à sua cela. No máximo, ela entrevia às vezes no topo de uma torre a figura do sineiro olhando melancólico para ela. Mal ela o percebia, porém, ele sumia.

Devemos dizer que pouco a afligia essa ausência voluntária do pobre corcunda. No fundo do coração, ela lhe era reconhecida. Aliás, Quasímodo não tinha ilusões a esse respeito.

Ela não o via mais, no entanto sentia a presença de um gênio bom à sua volta. Suas provisões eram renovadas por uma mão invisível enquanto ela dormia. Uma manhã ela encontrou em sua janela uma gaiola de passarinho. Havia acima de sua cela uma escultura que lhe metia medo. Ela atestara isso mais de uma vez em presença de Quasímodo. Uma manhã (porque todas essas coisas se faziam de noite), ela não a viu mais, tinham-na quebrado. Quem havia grimpado até aquela escultura devia ter arriscado a vida.

Às vezes, de noite, ela ouvia uma voz, escondida sob os para-ventos do campanário, cantar como para adormecê-la uma canção triste e bizarra. Eram versos sem rima, como um surdo pode fazer.

*Não olhe a figura,
Mocinha, olhe o coração.*

*O coração de um belo rapaz muitas vezes é disforme.
Há corações em que o amor não se conserva.*

*Mocinha, o pinheiro não é bonito,
Não é bonito como o álamo,
Mas guarda sua folhagem no inverno.
Ai, para que dizer isso?
O que não é belo não tem razão de ser;
A beleza só ama a beleza,*

*A primavera dá as costas ao inverno.
A beleza é perfeita,
A beleza pode tudo,
A beleza é a única coisa que não existe pela metade.*

*O corvo só voa de dia.
A coruja só voa de noite,
A cegonha voa de noite e de dia.*

Certa manhã ela viu em sua janela, ao despertar, dois vasos cheios de flores. Um era um vaso de cristal lindíssimo e brilhante, mas rachado. Havia deixado escapar a água com que fora enchido e as flores que continha estavam murchas. O outro era um pote de argila, grosseiro e comum mas que havia conservado toda a sua água e cujas flores permaneciam frescas e vermelhas.

Não sei se foi intencional, mas Esmeralda pegou o buquê murcho e levou-o o dia todo em seu peito.

Nesse dia, ela não ouviu a voz da torre cantar.

Não se preocupou muito. Passava os dias acariciando Djali, espiando a porta do Logis Gondelaurier, falando baixinho de Phoebus e jogando migalhas de pão para as andorinhas.

Quanto ao mais, ela havia parado de ver, de ouvir Quasímodo. O pobre sineiro parecia ter sumido da igreja. Uma noite, porém, como não dormia e sonhava com seu belo capitão, ela ouviu suspirarem perto de sua cela. Apavorada, ela se levantou e viu ao luar uma massa informe deitada de través em frente à sua porta. Era Quasímodo, que dormia ali, no chão de pedra.

A CHAVE DA PORTA VERMELHA

Entremettes, a voz pública havia feito o arquidiácono saber de que maneira milagrosa a egípcia fora salva. Quando foi informado disso, não soube o que sentia. Tinha se afeito à ideia da morte de Esmeralda. Por isso, estava tranquilo: havia tocado o fundo da dor possível. O coração humano (dom Claude meditara sobre essas matérias) só pode conter certa quantidade de desespero. Quando a esponja está embebida, o mar pode passar por cima sem fazer entrar nela uma só lágrima mais.

Ora, Esmeralda morta, a esponja estava embebida, tudo havia sido dito para dom Claude nesta terra. Mas senti-la viva, e Phoebus também, eram as torturas que recomeçavam, os abalos, as alternativas, a vida. E Claude estava cansado disso tudo.

Quando ficou a par dessa notícia, trancou-se em sua cela do claustro. Não compareceu nem às conferências capitulares nem aos ofícios. Fechou sua porta para todos, inclusive para o bispo. Ficou murado desse modo várias semanas. Acreditaram-no doente. E de fato estava.

O que fazia assim encerrado? Com que pensamentos o infortunado se debatia? Entregava-se a uma derradeira luta com sua temível paixão? Arquitetava um derradeiro plano de morte para ela e de perdição para ele?

Seu Jehan, seu irmão querido, sua criança mimada, veio uma vez até sua porta, bateu, blasfemou, suplicou, se nomeou mil vezes. Claude não abriu.

Passava dias inteiros com o rosto colado nos vidros de sua janela. Dessa janela, situada no claustro, via o quartinho de Esmeralda; via ela mesma frequentemente, com sua cabra, às vezes com Quasímodo. Notava os cuidados do surdo, suas obediências, suas maneiras delicadas e submissas com a egípcia. Lembrava-se, pois tinha boa memória, e a memória é a torturadora dos ciumentos; lembrava-se do

olhar singular do sineiro para a dançarina certo anoitecer. Perguntava-se que motivo pudera levar Quasímodo a salvá-la. Foi testemunha de mil pequenas cenas entre a boêmia e o surdo, cuja pantomima, vista de longe e comentada por sua paixão, lhe pareceu muito terna. Desconfiava da singularidade das mulheres. Sentiu então despertar em si um ciúme que nunca havia esperado, um ciúme que o fazia corar de vergonha e indignação. “Vá lá o capitão, mas este!” Tal pensamento o atormentava.

Suas noites eram pavorosas. Desde que sabia a egípcia viva, as frias ideias de espectro e de tumba que o haviam obcecado um dia inteiro tinham se dissipado, e a carne voltava a aguilhoá-lo. Ele se contorcia em sua cama por sentir a jovem de cabelos negros tão perto dele.

Toda noite, sua imaginação delirante lhe representava Esmeralda em todas as atitudes que mais haviam feito suas veias ferverem. Ele a via deitada sobre o capitão apunhalado, olhos fechados, seu belo busto nu coberto pelo sangue de Phoebus, naquele momento de delícia em que o arquidiácono imprimira em seus lábios pálidos aquele beijo cujo ardor a infeliz, embora semimorta, havia sentido. Ele a revia despida pelas mãos selvagens dos torturadores, deixando-se desnudar e encaixar seu pé, sua perna fina e redonda, seu joelho ágil e branco, no *brodequin* de parafusos de ferro. Ainda via aquele joelho de marfim, que ficara fora do horrível aparelho de Torterue. Imaginava, enfim, a mocinha de camisa, corda no pescoço, ombros nus, pés nus, quase nua, como ele a tinha visto no último dia. Essas imagens de volúpia faziam seus punhos se crisparem e correr um arrepio ao longo de suas vértebras.

Uma noite entre outras, elas esquentaram tão cruelmente em suas artérias seu sangue de virgem e de padre que ele mordeu o travesseiro, pulou da cama, jogou uma sobrepeliz por cima da camisa e saiu da cela, lâmpada na mão, seminu, aterrorizado, olhos em fogo.

Ele sabia onde encontrar a chave da porta vermelha que fazia a comunicação do claustro com a igreja, e tinha sempre consigo, como sabemos, uma chave da escada das torres.

CONTINUAÇÃO DA CHAVE
DA PORTA VERMELHA

Naquela noite, Esmeralda tinha adormecido em seu quartinho, cheia de esquecimento, esperança e doces pensamentos. Dormia havia algum tempo, sonhando como sempre com Phoebus, quando lhe pareceu ouvir um barulho perto de si. Ela tinha sono leve e inquieto, um sono de passarinho; qualquer coisa a acordava. Abriu os olhos. A noite estava muito escura. Mesmo assim viu na lucarna uma figura que olhava para ela; uma lâmpada iluminava essa aparição. No momento em que se viu percebida por Esmeralda, a figura apagou a lâmpada com um sopro. Mas a jovem tivera tempo de entrevê-lo; suas pálpebras se fecharam de terror.

— Oh! — fez ela com uma voz apagada. — O padre!

Toda a sua desgraça voltou à tona como num relâmpago. Ela se deixou cair na cama, gelada.

Um instante depois sentiu ao longo do corpo um contato que a fez tremer de tal modo que ela se ergueu desperta e furiosa sobre as nádegas.

O padre acabava de se esgueirar para junto dela. Ele a envolvia com os braços.

Ela quis gritar, mas não pôde.

— Vá embora, monstro! Vá embora, assassino! — disse ela com uma voz trêmula e baixa, de tanta cólera e pavor.

— Piedade! Piedade! — murmurou o padre, imprimindo seus lábios nos ombros dela.

Agarrou com as mãos aquela cabeça calva pelo resto de cabelos que tinha e se esforçou para afastar seus beijos como se fossem mordidas.

— Piedade! — repetia o infortunado. — Se você soubesse o que é o meu amor por você! É fogo, chumbo derretido, mil facas no meu coração!

Ele segurou os dois braços dela com uma força sobre-humana,

louca.

— Me largue — disse ela — ou cuspo na sua cara!

Ele a largou.

— Me avilte, bata em mim, seja má! Faça o que bem entender! Mas, piedade, me ame!

Ela então bateu nele com um furor de criança. Enrijecia suas belas mãos para machucar o rosto dele.

— Vá embora, demônio!

— Me ame! Me ame! Piedade! — gritava o pobre padre rolando sobre ela e respondendo a seus golpes com carícias.

De repente, ela o sentiu mais forte do que ela.

— Vamos acabar com isso! — disse ele rangendo os dentes.

Ela estava subjugada, palpitante, quebrada, em seus braços, à discrição dele. Sentia uma mão lasciva se perder nela. Fez um derradeiro esforço e pôs-se a gritar:

— Socorro! A mim! Um vampiro! Um vampiro!

Ninguém acudia. Só Djali estava acordada e balia angustiada.

— Cale a boca! — dizia o padre, ofegante.

De repente, debatendo-se, rastejando pelo chão, a mão da egípcia encontrou uma coisa fria e metálica. Era o apito de Quasímodo. Ela o agarrou com uma convulsão de esperança, levou-o aos lábios e soprou com tudo o que lhe restava de força. O apito emitiu um som claro, agudo, penetrante.

— O que é isso? — perguntou o padre.

Quase no mesmo instante, ele sentiu-se agarrar por um braço vigoroso; a cela estava às escuras. Não pôde distinguir nitidamente quem o segurava assim, mas ouviu uns dentes baterem de raiva, e havia luz bastante esparsa no escuro para que ele visse brilhar acima de sua cabeça a lâmina larga de um facão.

O padre acreditou perceber a forma de Quasímodo. Supôs que só podia ser ele. Lembrou-se de ter tropeçado, ao entrar, num volume que estava estendido de través do lado de fora da porta. No entanto, como o recém-chegado não proferia uma palavra, não sabia em que acreditar. Atirou-se no braço que empunhava o facão, gritando:

— Quasímodo! — Esquecia nesse momento de apuro que Quasímodo era surdo.

Num piscar de olhos, o padre foi derrubado e sentiu um joelho de chumbo se apoiar em seu peito. Pela forma angulosa desse joelho, reconheceu Quasímodo; mas que fazer? Como por sua vez ser reconhecido por ele? A noite tornava o surdo cego.

Estava perdido. A moça, sem dó nem piedade, como uma tigresa irritada, não intervinha para salvá-lo. O facão se aproximava de sua cabeça; o momento era crítico. De repente, seu adversário pareceu

presa da hesitação.

— Sangue nela, não! — disse com uma voz surda.

Era de fato a voz de Quasímodo.

Então o padre sentiu a mão grossa que o arrastava pelo pé para fora da cela; era ali que iria morrer. Felizmente para ele, a lua acabava de se levantar havia alguns instantes.

Quando atravessaram a porta do quartinho, um raio pálido caiu sobre a figura do padre. Quasímodo, encarou-o, foi tomado de um tremor, soltou o padre, recuou.

A egípcia, que tinha avançado até o limiar da cela, viu com surpresa os papéis se inverterem bruscamente. Agora era o padre que ameaçava, Quasímodo que suplicava.

O padre, que cumulava o surdo com gestos de cólera e recriminação, fez violentamente sinal para que ele se retirasse.

O surdo baixou a cabeça, depois foi se ajoelhar diante da porta da egípcia.

— Meu senhor — disse ele com uma voz grave e resignada —, o senhor fará depois o que quiser, mas antes me mate.

Falando assim, ele oferecia ao padre seu facão. O padre, fora de si, precipitou-se para o facão. Mas a moça foi mais rápida do que ele; arrancou a faca das mãos de Quasímodo e soltou uma gargalhada furiosa.

— Aproxime-se! — disse ao padre.

Ela segurava a lâmina no alto. O padre ficou indeciso. Ela certamente o esfaquearia.

— Você não ousaria mais se aproximar, seu covarde! — gritou para ele. Depois acrescentou com uma expressão implacável e, sabendo bem que ela ia furar com mil ferros em brasa o coração do padre: — Ah, eu sei que o Phoebus não está morto!

O padre derrubou Quasímodo no chão com um pontapé e mergulhou fervendo de raiva sob a abóbada da escada.

Quando ele partiu, Quasímodo pegou o apito que acabava de salvar a egípcia.

— Estava se enferrujando — disse devolvendo-o a ela. Depois deixou-a a sós.

A moça, perturbada com essa cena violenta, caiu esgotada na cama e pôs-se a chorar convulsivamente. Seu horizonte voltava a ficar sinistro.

Por seu lado, o padre voltava às apalpadelas para sua cela.

Estava consumado. Dom Claude tinha ciúmes de Quasímodo!

Ele repetiu com um ar pensativo esta frase fatal:

— Ninguém a terá!

LIVRO X

NA RUE DES BERNARDINS,
GRINGOIRE TEM VÁRIAS BOAS
IDEIAS SEGUIDAS

Desde que vira como todo esse caso evoluía e que, decididamente, haveria corda, força e outras coisas desagradáveis para as personagens principais dessa comédia, Pierre Gringoire não tinha mais querido se envolver nela. Os marginais, entre os quais ele permanecera, considerando que no fim das contas eram a melhor companhia de Paris, os marginais haviam continuado a se interessar pela egípcia. Ele achara isso muito simples da parte de gente que, como ela, não tinha outra perspectiva além de Charmolue e Torterue e que, como ele, não cavalgava nas regiões imaginárias entre as duas asas de Pégaso. Havia sabido, pelas conversas deles, que sua esposa da jarra quebrada se refugiara em Notre-Dame e estava muito feliz com isso. Mas não tinha nem sequer a tentação de ir vê-la. Pensava às vezes na cabrinha, e só. Quanto ao mais, de dia fazia o impossível para viver e de noite elucubrava um arrazoado contra o bispo de Paris, porque se lembrava de ter sido alagado pelas rodas de seus moinhos e lhe guardava rancor. Cuidava também de comentar a bela obra de Baudry le Rouge, bispo de Noyon e de Tournay, *De Cupa Petrum*,²⁶⁷ o que lhe dera um gosto violento pela arquitetura, inclinação que havia substituído em seu coração sua paixão pelo hermetismo, da qual, aliás, não passava de um corolário natural, pois há um vínculo íntimo entre a hermética e a construção. Gringoire passara do amor por uma ideia ao amor pela forma dessa ideia.

Um dia, ele tinha parado perto de Saint-Germain-l'Auxerrois, na esquina da uma residência que chamavam de For l'Évêque, que ficava em frente ao que chamavam de For-le-Roi. Nesse For l'Évêque havia uma encantadora capela do século XIV cujos fundos davam para a rua. Gringoire examinava devotamente as esculturas externas. Estava num

desses momentos de deleite egoísta, exclusivo, supremo, em que o artista vê no mundo somente a arte e vê o mundo na arte.

De súbito, ele sente uma mão pousar gravemente em seu ombro. Ele se vira. Era seu velho amigo, seu ex-mestre, o senhor arquidiácono.

Ficou estupefato. Fazia tempo que ele não via o arquidiácono, e dom Claude era um desses homens solenes e apaixonados cujo encontro sempre abala o equilíbrio de um filósofo cético.

O arquidiácono guardou alguns instantes de silêncio, durante o qual Gringoire teve tempo de observá-lo. Encontrou dom Claude bem mudado: pálido como uma manhã de inverno, os olhos cavos, os cabelos quase brancos. Foi o padre quem quebrou enfim o silêncio, dizendo num tom sereno mas glacial:

— Como vai, mestre Pierre?

— Minha saúde? — respondeu Gringoire. — Eh! Eh! Posso dizer isso e aquilo. Mas o conjunto é bom. Não exagero em nada. O senhor conhece, mestre, o segredo de estar bem, segundo Hipócrates, *id est: cibi, potus, somni, venus, omnia moderata sint*.²⁶⁸

— Não tem então nenhuma preocupação, mestre Pierre? — replicou o arquidiácono olhando fixo para Gringoire.

— Pela minha fé, não!

— E o que está fazendo agora?

— Como vê, mestre, examino a talhadura destas pedras e a maneira como é cinzelado este baixo-relevo.

O padre se pôs a sorrir, com aquele sorriso amargo que eleva apenas uma das extremidades da boca.

— E isso o distrai?

— É o paraíso! — exclamou Gringoire. E, debruçando-se sobre as esculturas com a fisionomia fascinada de um demonstrador de fenômenos vivos: — O senhor não acha, por exemplo, essa metamorfose de baixo-relevo executada com muita perícia, graça e paciência? Olhe essa coluneta. Em torno de que capitel o senhor viu folhas mais tenras e mais bem acariciadas com o cinzel? Aqui, três esculturas de vulto de Jean Maillevin. Não são as mais belas obras desse grande gênio. No entanto, a ingenuidade, a doçura dos rostos, a alegria das atitudes e dos panejamentos, e essa graça inexplicável que se mistura a todos os defeitos, tornam as figuras bem alegres e bem delicadas, talvez até demais. Não acha divertido?

— Muito! — disse o padre.

— E se o senhor visse o interior da capela! — prosseguiu o poeta com seu entusiasmo mais tagarela. — Esculturas por toda parte. É copioso como o pó da terra! A abside é de estilo bem devoto e tão particular que nunca vi nada igual em outro lugar!

Dom Claude interrompeu:

— O senhor é feliz então?

Gringoire respondeu com ardor:

— Palavra de honra que sim! Primeiro, amei mulheres, depois animais. Agora amo pedras. É tão divertido quanto os bichos e as mulheres, e é menos pérfido.

O padre levou a mão à testa. Era seu gesto costumeiro.

— É verdade.

— Venha ver — disse Gringoire —, temos prazeres. — Ele pegou o braço do padre, que se deixava conduzir, e o fez entrar sob a torreta da escada do For-l'Évêque. — Eis uma escada! Cada vez que a vejo fico feliz. É a escada de estilo mais simples e mais raro de Paris. Todos os degraus são talhados por baixo. Sua beleza e simplicidade consistem em que o piso dos degraus, de cerca de um pé, é entrelaçado, engravado, encaixado, encadeado, encastrado, entretalhado um no outro, e eles se entremordem de uma maneira verdadeiramente firme e delicada!

— E o senhor não deseja nada?

— Não.

— E não sente falta de nada?

— Nem falta nem desejo. Arranji a minha vida.

— O que os homens arranjam — disse Claude —, as coisas desarranjam.

— Eu sou um filósofo pirrônico — respondeu Gringoire — e mantenho tudo em equilíbrio.

— E como ganha a vida?

— Ainda faço aqui e ali epopeias e tragédias; no entanto, o que mais me rende é a indústria que o senhor conhece, mestre: portar pirâmides de cadeiras com os meus dentes.

— Um ofício grosseiro para um filósofo.

— É equilíbrio também — disse Gringoire. — Quando a gente tem um pensamento, a gente o encontra em tudo.

— Eu sei — respondeu o arqui-diácono.

Depois de um silêncio, o padre prosseguiu:

— No entanto o senhor é bastante miserável.

— Miserável, sim; infeliz, não.

Nesse momento, um barulho de cavalos se fez ouvir e nossos dois interlocutores viram desfilar no fim da rua uma companhia de arqueiros do rei, as lanças eretas, o oficial à frente. A cavalcada era brilhante e ressoava no calçamento.

— O senhor olha tanto para aquele oficial! — disse Gringoire ao arqui-diácono.

— É que creio reconhecê-lo.

— Como o senhor o chama?

— Creio — disse Claude — que ele se chama Phoebus de Châteaupers.

— Phoebus! Nome curioso! Também há um Phoebus que é conde de Foix. Lembro-me de ter conhecido uma moça que só invocava Phoebus.

— Venha — disse o padre. — Tenho uma coisa a lhe dizer.

Desde a passagem dessa tropa, certa agitação transparecia sob a aparência glacial do arquidiácono. Ele foi andando. Gringoire o seguia, acostumado a obedecê-lo, como todos os que tinham se aproximado um dia desse homem cheio de superioridade. Chegaram em silêncio à Rue des Bernardins, que estava bastante deserta. Dom Claude se deteve aí.

— O que o senhor tem a me dizer, mestre? — perguntou-lhe Gringoire.

— O senhor não acha — respondeu o arquidiácono com um ar de profunda reflexão — que o traje desses cavaleiros que acabamos de ver é mais bonito do que o seu e o meu?

Gringoire sacudiu a cabeça.

— Pela minha fé, prefiro o meu saio amarelo e vermelho a essas escamas de ferro e aço. Belo prazer, o de fazer andando o mesmo barulho do Quai de la Ferraille num terremoto!

— Logo, Gringoire, o senhor nunca invejou esses belos rapazes de casacas de guerra?

— Inveja do quê, senhor arquidiácono? Da armadura, da disciplina deles? Mais valem a filosofia e a independência em farrapos. Prefiro ser cabeça de mosca a ser rabo de leão.

— Isso é singular — disse o padre sonhador. — Uma bela farda é bonita, porém.

Gringoire, vendo-o pensativo, afastou-se dele para ir admirar o pórtico de uma casa vizinha. Voltou batendo palmas.

— Se o senhor estivesse menos interessado nos belos trajes da gente de guerra, senhor arquidiácono, eu lhe rogaria que fosse ver aquela porta. Eu sempre falei que a casa do *sieur* Aubry tem a entrada mais soberba do mundo.

— Pierre Gringoire — disse o arquidiácono —, o que o senhor fez daquela dançarinazinha egípcia?

— A Esmeralda? O senhor muda bruscamente de conversa.

— Ela não era sua mulher?

— Era, graças a uma jarra quebrada. Era para ficarmos casados quatro anos. A propósito — acrescentou Gringoire, olhando para o arquidiácono com um ar meio irônico —, o senhor ainda pensa nela?

— E o senhor, não pensa mais?

— Pouco. Tenho tantas coisas... Meu Deus, como a cabrinha era linda.

— Essa boêmia não tinha salvado a sua vida?

— Por Deus, é verdade.

— Então, que fim ela levou? O que fez dela?

— O senhor não sabe? Parece que a enforcaram.

— Acha?

— Não tenho certeza. Quando vi que queriam enforcar as pessoas, caí fora.

— É tudo o que o senhor sabe?

— Espere. Me disseram que ela tinha se refugiado em Notre-Dame e que lá estaria segura, e fico muito contente com isso, mas não pude descobrir se a cabra tinha se salvado com ela. E é tudo o que sei.

— Vai ficar sabendo mais — gritou dom Claude, e sua voz, até então baixa, lenta e quase surda, tinha se tornado tonitruante. — Ela está mesmo refugiada em Notre-Dame. Mas em três dias a justiça a pegará de volta e ela será enforcada na Grève. Há um decreto do Parlamento.

— Isso é preocupante.

O padre, num piscar de olhos, ficou novamente frio e calmo.

— E quem, diabos — prosseguiu o poeta —, se comprouve em solicitar um decreto de reintegração? Não poderia ter deixado o Parlamento sossegado? Que importância tem que uma pobre moça se abrigue sob os arcobotantes de Notre-Dame, junto dos ninhos de andorinha?

— Há muitos satanases no mundo — respondeu o arqui-diácono.

— Isso está ficando diabolicamente inapropriado — observou Gringoire.

O arqui-diácono continuou depois de um silêncio:

— Com que então ela salvou a sua vida?

— Dos meus amigos marginais. Pouco mais, pouco menos, eu estava enforcado. Eles ficariam chateados com isso, hoje em dia.

— Não vai fazer nada por ela?

— Bem que gostaria, dom Claude, mas eu iria me envolver numa encrenca daquelas!

— E daí?

— E daí? O senhor é engraçado, meu mestre! Tenho duas grandes obras iniciadas.

O padre bateu na testa. Apesar da calma que afetava, de vez em quando um gesto violento revelava suas convulsões internas.

— Como salvá-la?

Gringoire lhe disse:

— Meu mestre, vou lhe responder: *Il padelt*, o que quer dizer em

turco: Deus é nossa esperança.

— Como salvá-la? — repetiu Claude, sonhador.

Gringoire, por sua vez, bateu na testa.

— Escute, meu mestre, tenho imaginação; vou encontrar expedientes para o senhor. E se pedíssemos a mercê do rei?

— A Luís XI? A mercê?

— Por que não?

— Vá pegar o osso do tigre!

Gringoire tratou de procurar novas soluções.

— Bom, então ouça. Quer que eu dirija às matronas uma petição declarando que a moça está grávida?

Isso fez a pupila vazia do padre coruscar.

— Grávida! Seu gaiato, você sabe de alguma coisa?

Gringoire ficou assustado como a cara do padre. Apressou-se a dizer:

— Oh, eu não! O nosso casamento foi um verdadeiro *forismaritagium*.²⁶⁹ Eu fiquei mesmo de fora. Mas em todo caso a gente obteria uma suspensão da pena.

— Loucura! Infâmia! Cale a boca!

— O senhor não devia se zangar — resmungou Gringoire. — A gente consegue uma suspensão; isso não faz mal a ninguém e faz as matronas, que são umas pobres mulheres, ganharem quarenta *deniers paris*.

O padre não o escutava.

— Mas ela tem que sair de lá — ele murmurou. — A decisão vai ser executada dentro de três dias! Aliás, não haveria decisão. Esse Quasímodo! As mulheres têm gostos bem depravados! — Ergueu a voz: — Mestre Pierre, pensei bem; só há um meio de salvação para ela.

— Qual? Eu não vejo nenhum.

— Escute, mestre Pierre, lembre-se de que o senhor lhe deve a vida. Vou lhe dizer francamente a minha ideia. A igreja é vigiada dia e noite; só deixam sair os que viram entrar. O senhor pode entrar, portanto. O senhor virá. Eu o levarei a ela. O senhor trocará de roupa com ela. Ela pegará o seu gibão; o senhor, a saia dela.

— Até aqui, tudo bem — observou o filósofo. — E depois?

— E depois? Ela sairá com as suas roupas; o senhor ficará com as dela. Talvez o enforcuem, mas ela será salva.

Gringoire coçou a orelha com um ar muito sério.

— Olhe — disse ele —, está aí uma ideia que nunca teria me ocorrido.

Diante da proposta inesperada de dom Claude, a fisionomia aberta e benigna do poeta tinha se nublado bruscamente, como uma risonha

paisagem da Itália quando sobrevém um vento inconveniente que joga uma nuvem contra o sol.

— E então, Gringoire, o que diz desse expediente?

— Eu digo, meu mestre, que não me enforcarão talvez, mas que me enforcarão sem dúvida nenhuma.

— Isso não nos diz respeito.

— Peste! — fez Gringoire.

— Ela lhe salvou a vida. É uma dívida que o senhor paga.

— Há muitas outras que não pago.

— Mestre Pierre, é absolutamente necessário.

O arquidiácono falava em tom autoritário.

— Escute, dom Claude — respondeu o poeta, consternado. — O senhor gosta dessa ideia, pois está equivocado. Não vejo por que eu me faria enforcar em lugar de outro.

— O que o senhor tem que o prende assim à vida?

— Ah, mil razões!

— Quais, por favor?

— Quais? O ar, o céu, a manhã, a noite, o luar, os meus bons amigos marginais, as nossas brincadeiras com as libertinas, as belas arquiteturas de Paris a estudar, três grandes livros a fazer, um dos quais contra o bispo e os seus moinhos; sei lá! Anaxágoras dizia estar no mundo para admirar o sol. E, depois, tenho a felicidade de passar todos os meus dias, da manhã à noite, com um homem genial, que sou eu, e isso é agradabilíssimo.

— A sua cabeça só presta para fazer um chocalho! — resmungou o arquidiácono. — Vamos, fale, essa vida que você leva, tão encantadora, quem foi que a conservou? A quem você deve respirar este ar, ver este céu e ainda poder distrair o seu espírito de cotovia com bobagens e maluquices? Não fosse ela, onde você estaria? Você quer então que ela morra, ela, graças a quem você está vivo? Que ela morra, essa criatura, bela, doce, adorável, necessária à luz do mundo, mais divina do que Deus; enquanto você, semissábio e semilouco, vão esboço de alguma coisa, espécie de vegetal que acredita andar e que acredita pensar, você continuará a viver com a vida que roubou dela, tão inútil quanto uma vela em pleno meio-dia? Vamos, um pouco de piedade, Gringoire! Seja generoso por sua vez; foi ela que começou.

O padre era veemente. Gringoire ouviu-o de início com um ar indeterminado, depois se enterneceu e acabou fazendo uma careta trágica que fez seu rosto pálido se parecer com o de um recém-chegado que está com cólica.

— O senhor é patético! — disse, enxugando uma lágrima. — Pois bem, vou pensar. Ideia engraçada essa que o senhor teve. Mas — prosseguiu depois de um silêncio — quem sabe? Pode ser que não me

enforcuem. Nem todo mundo que fica noivo se casa. Quando me encontrarem no quartinho, tão grotescamente vestido, de saia e touca, talvez caiam na gargalhada. E, depois, se me enforcarem, pois bem, a corda é uma morte como outra qualquer, ou, melhor dizendo, não é uma morte como outra qualquer. É uma morte digna do sábio que oscilou toda a sua vida, uma morte que não é nem carne nem peixe, como o espírito do verdadeiro cético, uma morte marcada pelo pirronismo e a hesitação, que fica a meio caminho do céu e da terra, que nos deixa suspensos. É uma morte de filósofo, e eu talvez fosse predestinado a ela. É magnífico morrer como se viveu.

O padre interrompeu-o:

— Combinado?

— O que é a morte, pensando bem? — continuou Gringoire com exaltação. — Um mau momento, um pedágio, a passagem de pouca coisa a nada. Tendo alguém perguntado a Cércidas de Megalópolis se ele morreria de bom grado, por que não?, ele respondeu; porque depois da minha morte, verei estes grandes homens: Pitágoras, entre os filósofos; Hecateu, entre os historiadores; Homero, entre os poetas; Olímpio, entre os músicos.

O arqui-diácono lhe estendeu a mão.

— Feito, então? O senhor virá amanhã.

Esse gesto trouxe Gringoire de volta à realidade.

— Ah, pela minha fé, não! — disse com o tom de um homem que acaba de acordar. — Ser enforcado! Isso é absurdo demais! Não quero!

— Adeus então! — E o arqui-diácono acrescentou entre os dentes: — Volto a encontrá-lo!

“Não quero que esse diabo de homem me encontre”, pensou Gringoire, e correu atrás de dom Claude.

— Escute, senhor arqui-diácono, nada de maus humores entre velhos amigos! O senhor se interessa por essa moça, quero dizer, pela minha mulher, ótimo. O senhor imaginou um estratagema para fazê-la sair sã e salva de Notre-Dame, mas o seu expediente é extremamente desagradável para mim. Se eu tivesse outro... Saiba que acabo de ter, neste instante, uma inspiração luminosa. Se eu tivesse uma ideia para tirá-la desse embaraço, o que o senhor diria? Não lhe bastaria? É absolutamente necessário que eu seja enforcado para que o senhor fique contente?

O padre arrancava de impaciência os botões de sua batina.

— Torrente de palavras! Qual é o seu expediente?

— Sim — disse Gringoire falando consigo mesmo e tocando o nariz com o indicador em sinal de meditação —, é isso. Os marginais são boa gente. A tribo do Egito a ama! Eles se sublevarão à primeira palavra! Nada mais fácil! Uma mãozinha! Cobertos pelo tumulto, vai

ser fácil resgatá-la. Amanhã à noite... Eles ficarão entusiasmados.

— O expediente! Fale! — disse o padre sacudindo-o.

Gringoire voltou-se majestosamente para ele:

— Me deixe em paz! Não vê que estou compondo? — Refletiu mais um instante, depois pôs-se a aplaudir sua ideia, gritando: — Admirável! Sucesso garantido!

— O expediente! — insistiu Claude, furibundo. Gringoire estava radiante.

— Venha, vou lhe contar baixinho. É um contragolpe verdadeiramente brilhante e que nos safa a todos nós. Por Deus! Há que convir que não sou um imbecil! — Interrompeu-se: — Ah! A cabrinha está com a moça?

— Está. O diabo que o carregue!

— É que eles a teriam enforcado também, não é?

— E eu com isso?

— Sim, eles a enforcariam. Afinal, enforcaram uma porca no mês passado. O carrasco gosta disso: depois ele come o bicho. Enforcar a minha linda Djali! Pobre cordeirinha!

— Maldição! — exclamou dom Claude. — Carrasco é você. Que meio de salvação você descobriu, seu gaiato? Será que vamos ter que extrair a fórceps a sua ideia?

— Calma, mestre! É o seguinte.

Gringoire inclinou-se ao ouvido do arqui-diácono e lhe falou baixinho, lançando um olhar inquieto de uma ponta a outra da rua, onde no entanto não passava ninguém. Quando terminou, dom Claude lhe apertou a mão e lhe disse friamente:

— Está bem. Até amanhã.

— Até amanhã — repetiu Gringoire. E enquanto o arqui-diácono se afastava de um lado, ele se foi pelo outro dizendo a si mesmo, a meia-voz: — Está aí uma bela causa, sr. Pierre Gringoire. E não é por ser pequenos que nos amedrontaremos com uma grande empreitada. Bitão²⁷⁰ carregou um touro enorme nos ombros; as lavandiscas, as toutinegras e os cartaxos atravessam o oceano.

267. “Sobre a talhadura das pedras.”

268. “A saber: comida, bebida, sono, amor, tudo com moderação.”

269. Na Idade Média, casamento entre um servo e uma mulher de fora de sua senhoria ou de condição diferente da sua. Para poder contrair matrimônio, o servo devia ser autorizado por seu senhor e lhe pagar uma taxa.

270. Bitão é mencionado na *História* de Heródoto (XXXI): Cléobis e Bitão, filhos gêmeos de Cídipe, se sacrificaram pela deusa Hera. (N. E.)

FAÇA-SE MARGINAL

O arquiidiácono, voltando ao claustro, encontrou à porta de sua cela seu irmão Jehan du Moulin, que o esperava e que, para suportar o tédio da espera, havia desenhado na parede com carvão um perfil do irmão mais velho, enriquecido por um nariz descomunal.

Dom Claude mal olhou para o irmão; tinha outros pensamentos. Aquele alegre rosto de vadio, cuja luz havia tantas vezes serenado o sombrio semblante do padre, se mostrava agora impotente para dissipar a bruma que se espessava cada dia mais naquela alma corrupta, mefítica e estagnante.

— Meu irmão — disse timidamente Jehan —, vim vê-lo.

O arquiidiácono nem ergueu os olhos para ele.

— E?

— Meu irmão — continuou o hipócrita —, o senhor é tão bom para mim e me dá tão bons conselhos que sempre volto ao senhor.

— E daí?

— Ai, meu irmão, é que o senhor tinha razão quando me dizia: Jehan! Jehan! *Cessat doctorum doctrina, discipulorum disciplina.*²⁷¹ Jehan, seja sério, Jehan seja douto. Jehan, não pernoite fora do colégio sem motivo legítimo e licença do mestre. Jehan, não bata nos picardos: *noli, Joannes, verberare Picardos*. Não apodreça como um asno iletrado, *quasi asinus illiteratus*, na palha da escola. Jehan, deixe-se ser punido à discrição do seu mestre. Jehan, vá todas as noites à capela e cante uma antífona com versículo e oração à gloriosa senhora Virgem Maria. Ah, como eram excelentes conselhos!

— E que mais?

— Meu irmão, o senhor está vendo um culpado, um criminoso, um miserável, um libertino, um homem revoltante! Meu caro irmão, Jehan fez dos seus conselhos palha e esterco a pisotear. Fui bem castigado, e o bom Deus é extraordinariamente justo. Enquanto eu tive dinheiro, fiz comilanças, extravagâncias e vida airada. Oh, como o

desregramento, tão encantador pela frente, é feio e carrancudo por trás! Agora não tenho mais um *sou*; vendi meu lençol, minha camisa e minha toalha: acabou-se a vida airada! A bonita vela se apagou e agora só tenho a feia mecha de sebo que solta fumaça no meu nariz. As mulheres zombam de mim. Bebo água. Sou atormentado pelos remorsos e pelos credores.

— E o resto? — fez o arqui-diácono.

— Ai, querido irmão, eu bem que gostaria de abraçar uma vida melhor. Venho ao senhor cheio de contrição. Sou penitente. Eu me confesso. Bato no peito com fortes socos. O senhor tem razão de querer que eu me torne um dia licenciado e submonitor do colégio de Torchì. Sinto atualmente uma vocação magnífica para tal. Mas não tenho mais tinta, tenho que comprar; não tenho mais penas, tenho que comprar; não tenho mais papel, não tenho mais livros, tenho que comprar. Para tanto preciso de um pouco de finanças e venho ao senhor, meu irmão, com o coração cheio de contrição.

— É tudo?

— Sim — disse o estudante. — Um pouco de dinheiro.

— Não tenho.

O estudante disse então com um ar decidido e resoluto, ao mesmo tempo:

— Pois bem, meu irmão, me aborrece ter de lhe dizer que me fazem belas ofertas e propostas. O senhor não quer me dar dinheiro? Não? Nesse caso, vou virar marginal.

Ao pronunciar essa palavra monstruosa, ele fez uma cara de Ajax esperando ver um raio cair em sua cabeça.

O arqui-diácono lhe disse com frieza:

— Faça-se marginal.

Jehan saudou-o profundamente e desceu a escada do claustro assobiando.

No momento em que passava pelo pátio do claustro, sob a janela da cela do irmão, ouviu essa janela se abrir, ergueu o nariz e viu passar pela abertura a cabeça severa do arqui-diácono.

— Vá para o diabo! — dizia dom Claude. — Este é o último dinheiro que você terá de mim.

Ao mesmo tempo, o padre jogou para Jehan uma bolsa que fez um grande galo na testa do estudante e com o a qual Jehan se foi a um só tempo zangado e contente, como um cachorro que apedrejassem com ossos.

VIVA A ALEGRIA!

O leitor talvez não tenha esquecido que uma parte do Pátio dos Milagres era delimitada pelo velho muro do recinto da cidade, do qual um bom número de torres já começava, desde essa época, a cair em ruínas. Uma dessas torres se convertera em local de prazeres pelos marginais. Havia um cabaré no porão, e o resto nos andares superiores. Essa torre era o ponto mais vivo e, por conseguinte, mais horroroso da choldra. Era uma espécie de colmeia monstruosa que aí zumbia dia e noite. De noite, quando todo o excedente da mendicância dormia, quando não havia mais uma só janela iluminada nas fachadas terrosas da praça, quando não se ouvia mais sair um só grito daquelas incontáveis casas, daquelas formigueiras de ladrões, de mulheres e de crianças roubadas ou bastardas. Sempre se reconhecia a alegre torre pelo barulho que fazia, pela luz escarlate que, brilhando ao mesmo tempo nos respiradouros dos porões, nas janelas, nas fissuras das paredes rachadas, escapava por assim dizer de todos os seus poros.

O porão era, portanto, o cabaré. Descia-se a ele por uma porta e uma escada tão abrupta quanto um alexandrino clássico. Acima da porta havia, à guisa de letreiro, maravilhosas pinceladas representando chãos novos e frangos mortos, com este trocadilho embaixo: *Aux sonneurs pour les trépassés*.²⁷²

Certa noite, no momento em que o toque de recolher soava em todos os campanários de Paris, os sargentos da ronda, se tivessem entrado no temível porão, teriam podido notar que se fazia na taverna dos marginais mais tumulto ainda do que de costume, que se bebia mais e se blasfemava melhor. Do lado de fora, havia na praça uma porção de grupos que conversavam em voz baixa, como quando se trama um grande plano, e aqui e ali um gaiato acorçado que afiava uma assustadora lâmina de ferro numa pedra do calçamento.

Enquanto isso, na própria taverna, o vinho e o jogo eram um

escape tão poderoso às ideias que ocupavam a choldra naquela noite que teria sido difícil adivinhar, pelas palavras dos bebedores, de que se tratava. Mas eles tinham um ar mais alegre do que de costume, e já se via reluzir algumas armas entre as pernas, um serpete, um machado, uma espada ou o cão de um velho arcabuz.

A sala, de formato redondo, era vasta; mas as mesas eram tão juntas e os bebedores tão numerosos que tudo o que a taverna continha, homens, mulheres, bancos, canecas de cerveja, uns que bebiam, outros que dormiam, outros mais que jogavam, os saudáveis, os estropiados, pareciam apinhados indiscriminadamente, com tanta ordem e harmonia quanto um monte de conchas de ostras. Havia algumas lamparinas de sebo acesas nas mesas; mas a verdadeira luminária da taverna, o que fazia no cabaré o papel do lustre numa sala de ópera, era o fogo. Esse porão era tão úmido que nunca deixavam a lareira se apagar, inclusive em pleno verão; uma imensa lareira esculpida, toda eriçada de pesados suportes e de acessórios de cozinha, com um desses fogos fortes que misturam lenha e turfa que, de noite, nas ruas das aldeias, realçam tão rubro nas paredes em frente o espectro das janelas das forjas. Um homem de aspecto vil, todo circunspecto sentado nas cinzas, fazia girar diante das brasas um espeto carregado de carnes.

Qualquer que fosse a confusão, depois da primeira olhada dava para distinguir nessa multidão três grupos principais, que se comprimiam em torno de três personagens que o leitor já conhece. Um desses personagens, usando bizarramente vários adornos orientais, era Mathias Hungadi Spicali, duque do Egito e da Boêmia. O vagabundo estava sentado em cima de uma mesa, pernas cruzadas, dedo erguido, e prodigalizava em voz alta sua ciência em magia branca e negra para um sem-número de bocas abertas que o rodeavam. Outra turba se adensava em torno de nosso velho amigo, o valente rei de Túnis, armado até os dentes. Clopin Trouillefou, com uma cara muito séria e voz baixa, controlava a pilhagem de um enorme tonel cheio de armas, largamente arrebitado diante dele, do qual extravasavam aos montes machados, espadas, capacetes, ferros de lanças e de piques, flechas, como as maçãs e uvas de uma cornucópia. Cada um pegava naquele amontoado um capacete, um estoque, uma adaga de punho em cruz. As próprias crianças se armavam, e havia até pernetas que, de armadura e couraça, passavam entre as pernas dos bebedores como se fossem enormes escaravelhos.

Enfim um terceiro auditório, o mais barulhento, jovial e numeroso, atopetava os bancos e as mesas em meio aos quais perorava e blasfemava uma voz aflautada, que escapava de sob uma pesada armadura completa, do capacete às esporas. O indivíduo que tinha

aparafusado essa panóplia no corpo desaparecia tanto sob o traje de guerra que de sua pessoa não se via mais do que um nariz atrevido, vermelho, arrebitado, um anel de cabelos louros, uma boca rosada e olhos ousados. Trazia a cintura cheia de adagas e punhais, uma grande espada do lado, uma arbaleta enferrujada à sua esquerda e um vasto jarro de vinho à sua frente, sem contar, à sua direita, uma espessa mulher mal-ajambrada. Todas as bocas ao redor dele riam, praguejavam e bebiam.

Acrescentem-se vinte grupos secundários, as mulheres e os homens que serviam correndo com jarros na cabeça, os jogadores acorados em frente às bolinhas de gude, ao jogo de trilha, aos dados, ao apaixonante jogo do *tringlet*, as querelas num canto, os beijos noutro, e se terá uma ideia desse conjunto, sobre o qual vacilava a claridade de um fogo alto, que fazia dançar nas paredes do cabaré mil sombras desmedidas e grotescas.

Quanto ao barulho, era o interior de um sino tocando a toda força.

O ruído da chuva de gordura chiando na bandeja da grelha enchia com seu guincho contínuo os intervalos desses mil diálogos, que se cruzavam de um extremo a outro da sala.

Havia entre essa barulheira, no fundo da taverna, no banco da chaminé, um filósofo que meditava, os pés nas cinzas e os olhos nos tições. Era Pierre Gringoire.

— Vamos, rápido! Depressa, armem-se! Vamos nos pôr em movimento em uma hora! — dizia Clopin Trouillefou a seus gírios.

Uma moça cantarolava:

*Boa noite, papai, boa noite mamãe,
Os últimos a se ir, que cubram o fogo.*

Dois jogadores de carta brigavam:

— Valete! — gritava o mais avermelhado dos dois, mostrando o punho ao outro. — Vou marcá-lo com paus. Você vai poder substituir o valete de paus no baralho do senhor rei.

— Ufa! — berrava um normando, reconhecível por sua voz anasalada. — A gente está apertado aqui como os santos da capela de Caillouville!

— Filhos — dizia à sua audiência o duque do Egito, falando em falso —, as feiticeiras da França vão ao sabá sem vassoura, nem gordura nem montaria, somente com algumas palavras mágicas. As feiticeiras da Itália têm sempre um bode que as espera à porta. Todas têm a obrigação de sair pela chaminé.

A voz do jovem gaiato armado da cabeça aos pés dominava o bruaá.

— Noel! Noel! — gritava ele. — As minhas primeiras armas hoje! Marginal! Sou marginal, ventre de Cristo! Sirvam-me a beber! Meus amigos, eu me chamo Jehan Frollo du Moulin e sou fidalgo. Sou da opinião de que, se Deus fosse homem de armas, ele se faria saqueador. Irmãos, vamos fazer uma bela expedição. Somos valentes. Sitiar a igreja, arrombar as portas, tirar de lá a bela moça, salvá-la dos juízes, salvá-la dos padres, dismantelar o claustro, queimar o bispo no bispado, faremos isso em menos tempo do que um burgomestre precisa para tomar uma colherada de sopa. A nossa causa é justa, saquearemos Notre-Dame e tudo estará dito. Enforcaremos Quasímodo. Conhecem Quasímodo, *mesdemoiselles*? Já o viram se esbaforir no sino num dia de Pentecostes? Corno do Padre! É lindo! Parece o diabo a cavalo num lobisomem. Meus amigos, escutem, sou marginal do fundo do coração, sou gírio de alma, nasci ladrão. Fui riquíssimo e comi o meu bem. A minha mãe queria me fazer oficial, o meu pai subdiácono, a minha tia conselheiro das investigações, a minha avó protonotário do rei, a minha tia-avó tesoureiro laico; mas eu me fiz marginal. Disse isso ao meu pai, que cuspiu a sua maldição na minha cara, à minha mãe, e a velhinha se pôs a chorar e a babar como aquela acha naquela grelha. Viva a alegria! Sou um verdadeiro pilantra! Taverneira, minha amiga, mais vinho! Ainda tenho com que pagar. Não quero mais vinho de Suresnes. Ele entristece a minha goela. Eu preferia, corno de boi!, gargarejar com uma cesta!

A turba aplaudia com gargalhadas; e vendo que o tumulto redobrava ao seu redor, o estudante exclamou:

— Oh, que lindo barulho! *Populi debacchantis, populosa debacchatio!*
273

Pôs-se então a cantar, os olhos afogados no êxtase, com a voz de um cônego que entoia as vésperas:

— *Quæ cantica! Quæ organa! Quæ cantilenæ! Quæ melodiæ hic sine fine decantatur! Sonante melliflua hymnorum organa, suavissima angelorum melodia, cantica canticorum mira!*274 — Interrompeu-se. — Ei, cabareteira do diabo, a minha ceia!

Fez-se um momento de quase silêncio durante o qual se elevou por sua vez a voz azeda do duque do Egito, informando aos seus boêmios:

— A doninha se chama Aduine; a raposa, Pata Azul ou Corredora dos Bosques; o lobo, Pata Cinza ou Pata Dourada; o urso, Velho ou Vovô. O boné de um gnomo o torna invisível e faz ver as coisas invisíveis. Todo sapo que vai ser batizado deve ser vestido de veludo vermelho ou preto, com uma sineta no pescoço e uma sineta nos pés. O padrinho segura a cabeça, a madrinha, o traseiro. O demônio Sidragasum é que tem o poder de fazer as mulheres dançarem nuas.

— Pela missa! — interrompeu Jehan —, eu queria ser o demônio

Sidragasum!

Enquanto isso os outros marginais continuavam a se armar cochichando no outro extremo do cabaré.

— Coitada da Esmeralda! — dizia um boêmio. — Ela é nossa irmã. Temos que tirá-la de lá.

— Ela continua em Notre-Dame? — emendava um mercador com cara de judeu.

— Continua, por Deus!

— Pois bem, camaradas! — exclamava o mercador. — A Notre-Dame! Melhor ainda ter na capela dos santos Féréol e Ferrution duas estátuas, uma de são João Batista, a outra de santo Antônio, todas de ouro, pesando juntas dezessete marcos de ouro e quinze *estelins*, e os pedestais de prata dourada, dezessete marcos e cinco onças. Sei disso: sou ourives.

Aqui serviram a Jehan sua ceia. Ele exclamou, se espichando sobre o busto da moça a seu lado:

— Por são Voulte-de-Lucques,²⁷⁵ que o povo chama de são Goguelu, sinto-me perfeitamente feliz. Tenho aqui à minha frente um imbecil que olha para mim com a cara imberbe de um arquiduque. Aqui à minha esquerda há um que tem os dentes tão compridos que lhe escondem o queixo. E, depois, sou como o marechal de Gié no cerco de Pontoise, tenho a mão direita apoiada num mamilo. Ventre de Maomé! Camarada, você parece um mercador de bolas do jogo de pela e acaba de sentar perto de mim! Sou nobre, amigo. A mercadoria é incompatível com a nobreza. Saia daqui. Olá, vocês! Não briguem! Como, Baptiste Croque-Oison, você que tem um nariz tão bonito, vai arriscá-lo contra os punhos enormes desse grosseirão! Imbecil! *Non cuiquam datum est habere nasum.*²⁷⁶ Você é verdadeiramente divina, Jacqueline Ronge-Oreille! Pena que não tenha cabelo. Olá, eu me chamo Jehan Frollo, e o meu irmão é arquidiácono. O diabo que o carregue! Tudo o que digo a vocês é a pura verdade. Fazendo-me marginal, renunciei com prazer à metade de uma casa situada no paraíso, que o meu irmão tinha me prometido. *Dimidiam domum in paradiso.*²⁷⁷ Cito o texto. Tenho um feudo na Rue Tirechappe, e todas as mulheres são apaixonadas por mim. Isso é tão verdade como é verdade que santo Elói era um excelente ourives e que os cinco ofícios da boa cidade de Paris são os curtumeiros, os curtidores de peles, os surradores de couro, os fazedores de bolsas e os coureiros, e que são Lourenço foi queimado com cascas de ovos. Juro, camaradas, “*que só beberei pimenta/ Durante um ano, se estiver mentindo*”. Minha flor, temos luar, hoje. Olhe ali, pelo respiradouro do porão, como o vento amarrota as nuvens! Assim eu faço com o seu bustiê. Meninas! Limpem o nariz das crianças e as velas. Cristo e Maomé! Que é isso

que estou comendo, por Júpiter! Eh! Cafetina! Os cabelos que não encontramos na cabeça das tuas bandalhas, encontramos nos teus omeletes. Ei, velha, adoro omeletes carecas! Que o diabo achate o seu nariz! Belo hotel de Belzebu, onde as bandalhas se penteiam com garfos!

Dito isso, quebrou seu prato no chão e pôs-se a cantar a pleno pulmão:

*E eu não tenho,
Pelo sangue de Deus!,
Nem fé, nem lei,
Nem fogo, nem lar,
Nem rei,
Nem Deus!*

Enquanto isso, Clopin Trouillefou havia terminado sua distribuição de armas. Ele se aproximou de Gringoire, que parecia submerso num profundo devaneio, os pés numa grelha.

— Amigo Pierre — disse o rei de Túnis —, em que diabo você está pensando?

Gringoire virou-se para ele com um sorriso melancólico:

— Amo o fogo, meu caro senhor. Não pela razão trivial de que ele aquece os nossos pés ou cozinha a nossa sopa, mas porque tem chispas. Às vezes passo horas vendo as chispas. Descubro mil coisas nessas estrelas que salpicam o fundo negro da lareira. Aquelas estrelas ali também são mundos.

— Raios, se te entendo! — disse o marginal. — Sabe que horas são?

— Não — respondeu Gringoire.

Clopin se aproximou então do duque do Egito.

— Camarada Mathias, o quarto de hora não é bom. Dizem que o rei Luís XI está em Paris.

— Mais uma razão para tirar nossa irmã das garras dele — respondeu o velho boêmio.

— Você fala como homem que é, Mathias — disse o rei de Túnis. — Aliás, nós faremos a coisa bem rápido. Não há resistência a temer na igreja. Os cônegos são lebres e nós estamos em força. A gente do Parlamento ficará embasbacada amanhã, quando vierem buscá-la. Tripas do papa! Não quero que enforcem a linda moça.

Clopin saiu do cabaré.

Enquanto isso, Jehan exclamava com uma voz rouca:

— Eu bebo, eu como, eu estou bêbado, eu sou Júpiter! Eh, Pierre Matador, se você olhar mais uma vez para mim desse jeito, vou desempoeirar o seu nariz com uns piparotes.

Por seu lado, Gringoire, arrancado de suas meditações, se pusera a considerar a fogosa e ruidosa cena que o rodeava murmurando entre os dentes: *Luxuriosa res vinum et tumultuosa ebrietas.*²⁷⁸ Ai, como tenho razão de não beber e como são Bento diz excelentemente: *Vinum apostatare facit etiam sapientes.*²⁷⁹

Nesse momento Clopin entrou e gritou com uma voz trovejante:

— Meia-noite!

A essa palavra, que fez o efeito de um toque de montar dado a um regimento que fizera alta, todos os marginais, homens, mulheres e crianças se precipitaram em tumulto para fora da taverna, com um grande estrépito de armas e ferros.

A lua tinha se encoberto.

O Pátio dos Milagres estava totalmente às escuras. Não havia uma só luz. Mas nem por isso estava deserto. Distinguia-se nele uma multidão de homens e mulheres que se falavam baixinho. Ouvia-se o zunindo deles e via-se reluzir nas trevas todo tipo de armas. Clopin subiu numa pedra grande.

— Em fila, gíria! Em fila, Egito! Em fila, Galileia!

Fez-se um movimento na sombra. A imensa multidão pareceu se formar em coluna. Passados alguns minutos, o rei de Túnis elevou de novo a voz:

— Agora silêncio para atravessar Paris! A senha é: *espadim a passeio!* Só vamos acender as tochas em Notre-Dame! Em marcha!

Dez minutos depois, os cavaleiros da ronda fugiam apavorados diante de uma longa procissão de homens negros e silenciosos que desciam para a Pont-au-Change através das ruas tortuosas que penetram em todo sentido o maciço bairro dos mercados.

272. Literalmente: “Às moedas para os mortos”. Foneticamente também pode ser traduzido por “Contra moedas, frangos no espeto”.

273. “Bebedeira do povo, populoso desenfreamento!”

274. “Que cânticos! Que instrumentos! Que cantigas! Que melodias sem fim se cantam aqui! Soam como mel os instrumentos dos hinos, suavíssima melodia dos anjos, os cânticos mais admiráveis de todos os cânticos!” Santo Agostinho, *Manual*, I, 6.

275. O vulto santo de Lucca é um enorme e legendário crucifixo de madeira, muito cultuado na região. Encontra-se na catedral de São Martinho, nessa cidade italiana.

276. “Não é dado a qualquer um ter um nariz.”

277. “A metade de uma casa no paraíso.”

278. “O vinho é coisa luxuriosa e tumultuosa a embriaguez.” (Pr 20,1)

279. “O vinho faz até os sábios apostatarem.” (Regra de são Bento)

UM AMIGO DESASTRADO

Naquela noite, Quasímodo não dormia. Estava acabando de fazer sua última ronda na igreja. Não havia notado, no momento em que fechava as portas, que o arquidiácono passara perto dele e mostrara algum humor ao vê-lo passar ferrolho e cadeado com cuidado na enorme armação de ferro, que dava aos largos batentes a solidez de uma muralha. Dom Claude parecia ainda mais preocupado que de costume. De resto, desde a aventura noturna da cela, ele maltratava constantemente Quasímodo; no entanto, por mais que o ultrajasse e às vezes até batesse nele, nada abalava a submissão, a paciência, a devotada resignação do fiel sineiro. Do arquidiácono ele suportava tudo, injúrias, ameaças, pancadas, sem murmurar um protesto, sem soltar uma queixa que fosse. No máximo o seguia com os olhos, inquieto, quando dom Claude subia a escada da torre, mas o arquidiácono se absteria, por conta própria, de aparecer novamente diante dos olhos da egípcia.

Naquela noite, portanto, depois de ter dado uma olhada em seus pobres sinos tão negligenciados — na Marie, na Thibaud —, Quasímodo havia subido até o topo da torre setentrional e aí, pousando nos chumbos da torre setentrional sua lanterna bem fechada, se pusera a contemplar Paris. A noite, como já dissemos, estava bastante escura. Paris que, por assim dizer, não era iluminada nessa época, apresentava aos olhos uma mescla confusa de massas escuras, cortada aqui e ali pela curva esbranquiçada do Sena. Quasímodo só via luz numa janela de um edifício distante, cujo vago e sombrio perfil se delineava bem acima dos telhados, lá para os lados da Porte Saint-Antoine. Lá também havia alguém velando.

Deixando pairar nesse horizonte de bruma e de noite seu olhar único, o sineiro sentia dentro de si uma inexprimível inquietação. Fazia dias que estava de sobreaviso. Via sem cessar rondar em torno da igreja homens de cara sinistra que não tiravam os olhos do asilo da

jovem. Pressupunha que talvez estivesse sendo armado um complô contra a infeliz refugiada. Imaginava que havia um ódio popular contra ela, como havia contra ele, e que era bem possível que logo acontecesse alguma coisa. Por isso ele ficava em seu campanário, de atalaia, *rêvant dans son réservoir*,²⁸⁰ como diz Rabelais, os olhos postos sucessivamente na cela e em Paris, montando guarda como um bom cachorro, com mil desconfianças no espírito.

De repente, enquanto ele escrutava a grande cidade com aquele olho que a natureza, por uma espécie de compensação, havia feito tão penetrante que podia quase suprir a falta dos outros órgãos que careciam a Quasímodo, pareceu-lhe que a silhueta do cais da Vieille-Pelleterie tinha algo de singular, que havia um movimento nesse ponto, que a linha do parapeito destacada em negro na brancura da água não era reta e tranquila como a dos outros cais, mas ondulava ao olhar como as ondas de um rio ou como as cabeças de uma multidão em marcha.

Aquilo lhe pareceu estranho. Redobrou a atenção. O movimento parecia vir em direção à Cité. Nenhuma luz, aliás. Durou algum tempo no cais; depois passou pouco a pouco, como se o que acontecia entrasse no interior da ilha; depois parou por completo, e a linha do cais voltou a ficar reta e imóvel.

No momento em que Quasímodo se esgotava em conjecturas, achou que o movimento reaparecia na Rue du Parvis, que se prolonga na Cité perpendicularmente à fachada de Notre-Dame. Enfim, por mais densa que fosse a escuridão, ele viu uma cabeça de coluna desembocar por essa rua e num instante se espalhar na praça uma multidão da qual não se podia distinguir nada nas trevas, a não ser que era uma multidão.

Esse espetáculo tinha seu terror. É provável que essa procissão singular, que parecia tão interessada em se esconder sob uma profunda escuridão, guardasse um silêncio igualmente profundo. Mas um barulho qualquer devia escapar, nem que fosse o dos passos. Contudo, esse barulho não chegava ao nosso surdo, e essa grande multidão de que se via com dificuldade alguma coisa e da qual não se ouvia nada, agitando-se e andando porém tão perto dele, lhe causava o efeito de uma turba de mortos, muda, impalpável, perdida numa fumaça. Parecia-lhe ver avançar em sua direção um nevoeiro repleto de homens, ver se moverem sombras na sombra.

Então seus temores voltaram, a ideia de uma tentativa contra a egípcia se apresentou ao seu espírito. Ele sentiu confusamente que se aproximava de uma situação violenta. Nesse momento crítico, aconselhou-se consigo mesmo, raciocinando de forma melhor e mais pronta do que se esperaria de um cérebro tão mal organizado. Devia

acordar a egípcia? Fazê-la fugir? Por onde? As ruas estavam cercadas, a igreja estava acuada contra o rio. Não havia barco! Não havia saída! Só havia uma solução: ser morto na entrada de Notre-Dame, resistir pelo menos até que viesse um socorro, se é que vinha, e não perturbar o sono de Esmeralda. A infeliz seria de qualquer modo acordada cedo demais para morrer. Tomada essa decisão, pôs-se a examinar o *inimigo* com mais tranquilidade.

A multidão parecia aumentar a cada instante no adro. Mas ele supunha que ela devia fazer muito pouco barulho, porque as janelas das ruas e da praça continuavam fechadas. De repente uma luz brilhou e num instante sete ou oito tochas acesas passaram sobre as cabeças, sacudindo na sombra seus tufos de chamas. Quasímodo viu então distintamente ondular no adro um aterrorizante bando de homens e mulheres em farrapos, armados de foices, lanças, serpetes, alabardas, cujas milhares de pontas faiscavam. Aqui e ali forçados negros punham chifres naquelas faces hediondas. Ele se lembrou vagamente desse populacho, acreditou reconhecer todas as cabeças que o haviam saudado, alguns meses antes, como papa dos loucos. Um homem, que empunhava uma tocha numa mão e um chicote na outra, subiu num pilarete e pareceu discursar. Ao mesmo tempo, o estranho exército fez algumas evoluções, como se tomasse posição em torno da igreja. Quasímodo pegou sua lanterna e desceu para a plataforma entre as torres a fim de ver de mais perto e planejar a maneira de se defender.

Tendo chegado diante do alto portal de Notre-Dame, Clopin Trouillefou havia de fato alinhado sua tropa. Embora não esperasse nenhuma resistência, queria, como general prudente, conservar uma ordem que lhe permitisse enfrentar, se preciso, um ataque súbito da ronda ou dos arqueiros. Havia, assim, posicionado sua brigada de tal modo que, vista de cima e de longe, dir-se-ia o triângulo romano da batalha de Ecnome, a “cabeça de porco” de Alexandre Magno ou a célebre cunha de Gustavo Adolfo. A base do triângulo se apoiava no fundo da praça, de maneira a barrar a Rue du Parvis; um dos lados dava para o Hôtel-Dieu, o outro para a Rue Saint-Pierre-aux-Bœufs. Clopin Trouillefou se pusera no topo do triângulo, com o duque do Egito, nosso amigo Jehan e os mendigos mais ousados.

Não era coisa muito rara nas cidades da Idade Média uma empreitada como a que os marginais tentavam nesse momento contra Notre-Dame. O que hoje chamamos de polícia não existia então. Nas cidades populosas, nas capitais principalmente, não havia poder central, um regulador. O feudalismo havia construído essas grandes comunas de forma bizarra. Uma cidade era um conjunto de mil senhorias, que a dividiam em compartimentos de todas as formas e de todos os tamanhos. Daí mil polícias contraditórias, ou seja, nenhuma

polícia. Em Paris, por exemplo, independente dos cento e quarenta e um senhores com pretensão a receber censo, havia vinte e cinco que pretendiam ter direitos à justiça e a receber censo, desde o bispo de Paris, que tinha cento e cinco ruas, até o prior de Notre-Dame-des-Champs, que tinha quatro. Todos esses justiceiros feudais reconheciam apenas nominalmente a autoridade suserana do rei. Todos tinham direitos viários. Todos estavam em casa. Luís XI, esse incansável operário que começou tão largamente a demolição do edifício feudal, continuado por Richelieu e por Luís XIV, em benefício da realeza, e terminado por Mirabeau, em benefício do povo; Luís XI bem que havia tentado arrebentar essa rede de senhorias que cobria Paris, lançando violentamente, bem ou mal, duas ou três ordens de polícia geral. Assim, em 1465, ordenou-se aos habitantes que, caída a noite, iluminassem com velas suas janelas e trancassem seus cães, sob pena de enforcamento; no mesmo ano, ordenou-se fechar as ruas à noite com correntes de ferro e proibiu-se portar adagas ou armas ofensivas nas ruas nesse horário. Mas em pouco tempo essas tentativas de legislação comunal caíram em desuso. Os burgueses deixaram o vento apagar suas velas nas janelas e seus cachorros vagarem; as correntes de ferro só foram postas durante o estado de sítio; a proibição de portar adagas não trouxe outras mudanças, senão o nome da Rue Coupe-Gueule para Rue Coupe-Gorge,²⁸¹ o que é um progresso evidente. O velho arcabouço das jurisdições feudais permaneceu de pé: imenso amontoado de bailiados e senhorias, cruzando-se na cidade, se atrapalhando, se emaranhando, se enredando de través, se recortando mutuamente; inútil cipoal de rondas, de sub-rondas e de contrarrondas, através do qual passavam à mão armada o banditismo, a rapina e a sedição. Não era, portanto, nessa desordem, um acontecimento inédito esses golpes de uma parte do populacho contra um palácio, um palacete, uma casa, nos bairros mais povoados. Na maioria das ocasiões, os moradores não se metiam no assunto, a não ser que a pilhagem chegasse à casa deles. Tapavam os ouvidos aos tiros de mosquete, fechavam as janelas, barricavam suas portas, deixavam o debate se esvaziar, com ou sem a ronda, e no dia seguinte se dizia em Paris: “Esta noite, Étienne Barbette teve a porta arrombada; o marechal de Clermont foi preso” etc. Por isso, não só as moradas reais, como o Louvre, o Palácio, a Bastilha, as Tournelles, mas as residências simplesmente senhoriais, o Petit-Bourbon, o Hôtel de Sens, o Hôtel d’Angoulême etc. tinham suas seteiras nos muros e seus barbacãs acima das portas. As igrejas eram guardadas por sua santidade. Algumas, porém, entre as quais não figurava Notre-Dame, eram fortificadas. O abade de Saint-Germain-des-Prés era ameaado como um barão e havia em sua residência mais cobre gasto em

bombardas do que em sinos. Ainda se via sua fortaleza em 1610. Hoje resta apenas sua igreja.

Voltemos a Notre-Dame.

Quando as primeiras disposições foram terminadas (e devemos dizer, em homenagem à disciplina dos marginais, que as ordens de Clopin foram executadas em silêncio e com admirável precisão), o digno chefe do bando subiu no parapeito do adro e ergueu a voz rouca e zangada. Manteve-se virado para Notre-Dame e agitava sua tocha cuja luz, atormentada pelo vento e velada a todo instante por sua própria fumaça, fazia aparecer e desaparecer a avermelhada fachada da igreja.

— A ti, Louis de Beaumont, bispo de Paris, conselheiro do tribunal do Parlamento, eu, Clopin Trouillefou, rei de Túnis, rei dos mendigos, príncipe da gíria, bispo dos loucos, eu digo: nossa irmã, falsamente condenada por magia, se refugiou na tua igreja. Tu lhe deves asilo e salvaguarda. Ora, o tribunal do Parlamento quer pegá-la de volta, e tu consentes; de modo que ela seria enforcada amanhã na Grève, se Deus e os marginais não estivessem aqui. Portanto, viemos a ti, bispo. Se a tua igreja é sagrada, a nossa irmã também é; se a nossa irmã não é sagrada, a tua igreja também não é. É por isso que nós te intimamos a nos devolver a moça, se quiser salvar a tua igreja, ou levaremos a moça e saquearemos a tua igreja. O que será bom. Em fé do que, finco aqui a minha bandeira, e que Deus te guarde, bispo de Paris!

Quasímodo não pôde, infelizmente, ouvir essas palavras pronunciadas com uma espécie de majestade sombria e selvagem. Um marginal apresentou a bandeira a Clopin, que a fincou solenemente entre duas pedras do chão. Era um forçado de cujos dentes pendia, sangrando, um quarto de carniça.

Feito isso, o rei de Túnis se virou e passeou os olhos por sua armada, feroz multidão em que os olhares brilhavam quase tanto quanto as lanças. Depois de uma pausa de um instante:

— Em frente, filhos — gritou. — Ao trabalho, marreteiros!

Trinta homens robustos, de membros fortes, cara de serralheiros, saíram da multidão com martelos, torqueses e barras de ferro nos ombros. Dirigiram-se para a porta principal da igreja, subiram a escada e logo se viram de cócoras sob a ogiva, trabalhando a porta com torqueses e alavancas. Uma multidão de marginais os seguiu para ajudá-los ou espiá-los. Os onze degraus do portal estavam tomados por eles.

Mas a porta aguentava firme.

— Diabo, ela é dura e cabeçuda! — dizia um.

— Ela é velha e tem cartilagens endurecidas como chifre — dizia outro.

— Coragem, camaradas! — insistia Clopin. — Aposto a minha cabeça contra uma pantufa que vocês abrirão a porta, pegarão a moça e despirão o altar-mor antes que um sacristão acorde. Olhem, acho que a fechadura está se quebrando.

Clopin foi interrompido por um estrondo assustador que se fez nesse momento atrás dele. Virou-se. Uma enorme viga acabava de cair do céu, havia esmagado uma dúzia de marginais na escadaria da igreja e quicava nas pedras do chão com o estrépito de uma peça de canhão, quebrando aqui e ali pernas na multidão de maltrapilhos que se afastavam com gritos de pavor. Num piscar de olhos o recinto estreito do adro ficou vazio. Os marreteiros, embora protegidos pelos profundos vãos do portal, abandonaram a porta, e o próprio Clopin recuou até uma distância respeitosa da igreja.

— Escapei por pouco! — gritava Jehan. — Cheguei a sentir o vento dela, cabeça de boi! Mas o Pierre Matador está morto!

Impossível dizer que surpresa mista de medo caiu com aquela viga sobre os marginais. Eles ficaram alguns minutos com os olhos fixos no ar, mais consternados com aquele pedaço de madeira do que com vinte mil arqueiros do rei.

— Satanás! — grunhiu o duque do Egito. — Está parecendo magia!

— Foi a lua que jogou esse pau — disse Andry le Rouge.

— E olhem — frisou François Chante-Prune — que dizem que a lua é amiga da Virgem!

— Mil papas! — exclamou Clopin. — Vocês são uns imbecis! — Mas ele não sabia explicar a queda da tora.

No entanto, não se distinguia nada na fachada, no topo da qual a claridade das tochas não chegava. A pesada tora jazia no meio do adro, e ouviam-se os gemidos dos coitados que haviam recebido o primeiro choque e que tinham o ventre cortado em dois no ângulo dos degraus de pedra.

O rei de Túnis, passado o primeiro espanto, encontrou enfim uma explicação que pareceu plausível a seus companheiros.

— Fuça de Deus! Será que os cônegos se defendem? Então ao saque! Ao saque!

— Ao saque! — repetiu a turba com um hurra furioso. E fez-se uma descarga de arbaletas e de arcabuzes na fachada da igreja.

A essa detonação, os pacíficos moradores das casas circunvizinhas despertaram; viram-se várias janelas se abrir, e gorros de dormir e mãos segurando velas apareceram nas janelas.

— Atirem nas janelas — gritou Clopin. As janelas se fecharam no mesmo instante, e os pobres burgueses, que mal tiveram tempo de lançar uma olhadela temerosa naquela cena de lampejos e tumultos, foram suar de medo junto de suas mulheres, perguntando-se se o sabá

agora era realizado no adro de Notre-Dame ou se havia assalto de borguinhões, como em 1464. Então os maridos pensavam no roubo, as mulheres no estupro, e todos tremiam.

— Ao saque! — repetiam os gírios, mas não ousavam se aproximar. Olhavam para a igreja; olhavam para a tora. A tora não se mexia, o edifício conservava seu ar calmo e deserto; mas alguma coisa gelava os marginais.

— Mãos à obra, marreteiros! — gritou Trouillefou. — Arrombem a porta.

Ninguém deu um só passo.

— Barba e ventre! — exclamou Clopin. — Estes homens têm medo de uma viga.

Um velho marreteiro lhe dirigiu a palavra.

— Capitão, não é a viga que nos preocupa, é a porta, que é reforçada com barras de ferro. As torqueses não podem nada com elas.

— O que precisaríamos então para arrombar? — perguntou Clopin.

— Ah, precisaríamos de um aríete.

O rei de Túnis correu bravamente até a formidável tora e pôs o pé nela.

— Aqui está um — gritou —, os cônegos é que mandaram para vocês. — E fazendo uma saudação zombeteira para o lado da igreja: — Obrigado, cônegos!

Essa fanfarronada fez efeito, o feitiço da tora fora quebrado. Os marginais retomaram a coragem; logo a pesada viga, erguida como uma pena por duzentos braços vigorosos, veio se lançar com fúria contra a porta principal, que já haviam tentado abalar. Ao ver assim, na semipenumbra, que as raras tochas dos marginais difundiam na praça, a comprida tora carregada por essa multidão de homens que a precipitavam correndo contra a igreja, acreditar-se-ia ver uma monstruosa besta de mil pés atacando de cabeça baixa a gigante de pedra.

Ao choque da viga, a porta semimetálica ressoou como um imenso tambor; ela não se arrebentou, mas a catedral inteira estremeceu, e ouviu-se as profundas cavidades do edifício grunhirem. No mesmo instante, uma chuva de pedras grossas começou a cair do alto da fachada sobre os atacantes.

— Diabo! — gritou Jehan. — Será que as torres varejam as suas balaustradas na nossa cabeça?

Mas o impulso estava dado, o rei de Túnis servia de exemplo. Decididamente, era o bispo que se defendia, e eles bateram na porta com mais furor ainda, apesar das pedras que estouravam crânios a torto e a direito.

É notável que essas pedras caíam todas uma a uma; mas se seguiam

de perto. Os gírios sentiam sempre duas de uma vez, uma nas pernas, uma na cabeça. Poucos não tinham sido atingidos, e já uma larga camada de mortos e feridos sangrava e palpitava sob os pés dos atacantes que, furiosos agora, se renovavam sem cessar. A longa viga continuava a golpear a porta a intervalos regulares, como o badalo de um sino, e as pedras a chover, e a porta a mugir.

O leitor já deve ter sem dúvida adivinhado que essa resistência inesperada, que havia exasperado os marginais, vinha de Quasímodo.

Infelizmente o acaso tinha ajudado o corajoso surdo.

Quando ele havia descido até a plataforma entre as torres, as ideias estavam confusas em sua cabeça. Ele correria alguns minutos ao longo da galeria, indo e vindo, como louco, vendo de cima a massa compacta de marginais pronta para avançar sobre a igreja, pedindo ao diabo ou a Deus para salvar a egípcia. Tivera a ideia de subir no campanário meridional e soar a rebate; mas antes que pudesse pôr o sino em movimento, antes que a voz grossa de Marie pudesse lançar um só clamor, a porta da igreja não teria dez vezes o tempo de ser arrombada? Era precisamente o instante em que os marreteiros avançavam para ela com suas ferramentas. Que fazer?

De repente, ele se lembrou que os pedreiros haviam trabalhado de dia para reparar a parede, a estrutura e o telhado da torre meridional. Foi como uma centelha. A parede era de pedra, o telhado de chumbo, a estrutura de madeira. (Essa estrutura prodigiosa, tão densa que a chamavam de *floresta*.)

Quasímodo correu para a torre. As câmaras inferiores estavam, de fato, cheias de materiais. Havia pilhas de pedras, rolos de folha de chumbo, feixes de ripas, fortes vigas já entalhadas pela serra, montes de entulho. Um arsenal completo.

O tempo urgia. Marretas e talhadeiras trabalhavam embaixo. Com uma força que a sensação de perigo decuplicava, ele levantou uma das vigas, a mais pesada, a mais comprida; passou-a pela lucarna; depois, segurando-a do lado de fora da torre, a fez deslizar no canto da balaustrada que rodeia a plataforma e a largou sobre o abismo. A enorme peça de madeira, nessa queda de cento e sessenta pés, raspando a parede, quebrando as esculturas, girou várias vezes sobre si mesma como uma vela de moinho que voasse sozinha através do espaço. Enfim, bateu no chão, o horrível grito se elevou e a negra viga, quicando no chão, parecia uma cobra pulando.

Quasímodo viu os marginais se espalharem ao cair a tora, como as cinzas ao sopro de uma criança. Aproveitou o susto deles e, enquanto eles fixavam um olhar supersticioso na maça caída do céu e arrancavam os olhos dos santos de pedra do portal com uma descarga de flechas e chumbo grosso, Quasímodo empilhava em silêncio

entulho, pedras, blocos de cantaria e até mesmo as sacolas de ferramentas dos pedreiros na borda da balaustrada, de onde a viga já tinha sido lançada.

Assim, desde que se puseram a golpear a porta maior, a chuva de blocos começou a cair e lhes pareceu que a igreja se demolia a si mesma sobre a cabeça deles.

Quem tivesse podido ver Quasímodo naquele momento teria ficado apavorado. Independente dos projéteis que havia empilhado na balaustrada, ele amontoara uma porção de pedras na própria plataforma. Assim que os blocos de cantaria amontoados na beirada externa se esgotaram, ele passou a esse monte. Então se abaixava, se levantava, se abaixava e se levantava de novo, com uma atividade incrível. Sua cabeçorra de gnomo se inclinava por cima da balaustrada, depois uma pedra enorme caía, depois outra, depois outra. De vez em quando ele acompanhava a bela pedra com o olhar e quando ela matava bem, ele fazia: hum!

Mas os maltrapilhos não desanimavam. Já mais de vinte vezes a espessa porta contra a qual eles se obstinavam havia tremido sob o peso de seu aríete de carvalho, multiplicada pela força de cem homens. Os painéis rachavam, as cinzeladuras voavam em pedaços, os gonzos, a cada abalo, saltavam sobressaltados em seus pinos, as tábuas rebentavam, a madeira caía em pó triturado entre as nervuras de ferro. Felizmente para Quasímodo, havia mais ferro do que madeira.

Ele sentia, no entanto, que a grande porta vacilava. Embora não ouvisse, cada golpe de aríete repercutia nas cavernas da igreja e nas entranhas dele. Quasímodo via do alto os marginais, cheios de triunfo e de raiva, mostrar o punho para a tenebrosa fachada; e sentia inveja, pela egípcia e por ele, das corujas que fugiam voando acima de sua cabeça.

Sua chuva de pedras de cantaria não bastava para rechaçar os atacantes.

Nesse momento de angústia, ele notou, um pouco abaixo da balaustrada de onde esmagava os gírios, duas compridas gárgulas de pedra que desaguavam imediatamente acima da porta principal. O orifício interno dessas gárgulas dava para o piso da plataforma. Teve uma ideia: foi correndo buscar o feixe de lenha em seu quartinho de sineiro, pôs sobre o feixe várias ripas e vários rolos de chumbo, munições que ainda não havia usado, e, tendo disposto cuidadosamente essa lenha em frente ao buraco das duas gárgulas, acendeu-a com o fogo de seu lampião.

Enquanto isso, como as pedras não caíam mais, os marginais haviam cessado de olhar para cima. Ofegantes como uma malta que força o javali em seu covil, eles se comprimiam em grande desordem

em torno da porta, toda deformada pelo aríete, mas ainda de pé. Aguardavam com um tremor o golpe final, o golpe que ia arrombá-la. Disputavam para ver quem ficava mais perto para serem os primeiros a correr quando ela se abrisse, para dentro dessa opulenta catedral, vasto reservatório onde tinham vindo se amontoar as riquezas de três séculos. Eles lembravam uns aos outros, com rugidos de alegria e de apetite, as belas cruzes de prata, os belos mantos de brocado, as belas tumbas de vermeil, as grandes magnificências do coro, as festas deslumbrantes, os Natais coruscantes de chamas, as Páscoas brilhantes de sol, todas aquelas solenidades esplêndidas em que cofres, castiçais, cibórios, tabernáculos, relicários avultavam os altares com uma crosta de ouro e diamantes. Claro, nesse belo momento, ladrões e estropiados, arquissequazes e falsas vítimas de incêndios pensavam muito menos na libertação da egípcia do que na pilhagem de Notre-Dame. Acreditaríamos inclusive, de muito bom grado, que para boa parte deles Esmeralda não passava de um pretexto, se é que ladrões precisavam de pretexto.

De repente, no momento em que se agrupavam para um derradeiro esforço do aríete, cada um contendo a respiração e enrijecendo seus músculos de modo a dar toda a sua força ao golpe decisivo, um urro, mais aterrorizante ainda do que aquele que havia irrompido e espirado sob a tora, se elevou do meio deles. Os que não gritavam, os que ainda viviam, olharam: dois jatos de chumbo derretido caíam do alto do edifício sobre a parte mais densa da massa humana. Esse mar de homens acabava de ir ao chão sob o metal fervente que havia feito, nos dois pontos em que caía, dois buracos negros e fumegantes na multidão, como faria a água quente na neve. Viam-se moribundos calcinados se agitarem e mugirem de dor. Em torno desses dois jatos principais, havia gotas dessa chuva horrível que se espalhavam sobre os assaltantes e entravam nos crânios como verrumas de chama. Era um fogo pesado que crivava aqueles miseráveis de mil granizos.

O clamor foi dilacerante. Eles fugiram em desordem, jogando a tora em cima dos cadáveres, tanto os mais ousados como os mais tímidos, e o adro se viu vazio pela segunda vez.

Todos os olhos estavam erguidos para o alto da igreja. O que eles viam era extraordinário. No topo da galeria mais elevada, mais alto do que a rosácea central, havia um grande fogaréu desordenado e furioso de que o vento levava por instantes uma chama na fumaça. Abaixo dessa chama, abaixo da escura balaustrada de trevos em brasa, duas gárgulas em forma de focinho de monstros vomitavam sem cessar essa chuva ardente que destacava seu corrimento prateado contra as trevas da fachada inferior. À medida que se aproximavam do solo, os dois jatos de chumbo líquido se ampliavam em buquês, como a água que

jorra dos mil furos de um regador. Acima da chama, as enormes torres — de cada uma das quais se viam duas faces cruas e distintas, uma toda negra, a outra toda vermelha — pareciam maiores ainda por toda a imensidão de sombra que projetavam até o céu. Suas incontáveis esculturas de diabos e dragões adquiriam um aspecto lúgubre. A claridade inquieta da chama as fazia se moverem ao olhar. Havia *guivres*²⁸² que pareciam rir, gárgulas que davam a impressão de latir; salamandras que sopravam no fogo, tarascas que espirravam na fumaça. E entre esses monstros assim despertados de seu sono de pedra por aquela chama, por aquele barulho, havia um que andava e que se via de quando em quando passar na testa ardente da fogueira como um morcego diante de uma vela.

Sem dúvida, esse farol estranho ia despertar ao longe o lenhador das colinas de Bicêtre, espantado ao ver vacilar em seu mato a sombra gigantesca das torres de Notre-Dame.

Fez-se entre os marginais um silêncio aterrorizado, durante o qual só se ouviram os gritos de alarme dos cônegos encerrados em seu claustro e mais inquietos do que os cavalos de um estábulo pegando fogo, o ruído furtivo das janelas rapidamente abertas e mais rapidamente fechadas, a movimentação interna das casas e do Hôtel-Dieu, o vento na chama, o derradeiro estertor dos moribundos e o crepitar contínuo da chuva de chumbo nas pedras do chão.

Enquanto isso, os principais marginais tinham se retirado sob o pórtico do Logis Gondelaurier, reunindo-se em conselho. O duque do Egito, sentado num pilarete, contemplava com um temor religioso a fogueira fantasmagórica que resplandecia a duzentos pés de altura. Clopin Trouillefou mordida seus punhos grossos com raiva.

— Impossível entrar! — murmurava entre os dentes.

— Uma velha maga, esta igreja! — resmungava o velho boêmio Mathias Hungadi Spicali.

— Pelos bigodes do papa — acrescentava um trocista grisalho que havia servido o Exército —, gárgulas de igreja que cospem chumbo derretido melhor do que as barbacãs de Lectoure!

— Estão vendo aquele demônio que passa e torna a passar diante do fogo? — exclamava o duque do Egito.

— Por Deus — disse Clopin —, é o danado do sineiro, é Quasímodo!

O boêmio sacudia a cabeça:

— Já eu digo que é o espírito Sabnac, o grande marquês, o demônio das fortificações. Tem a forma de um soldado armado, uma cabeça de leão. Às vezes ele monta um cavalo hediondo. Transforma os homens em pedras, com que constrói torres. Comanda cinquenta legiões. É ele, eu o reconheço. Às vezes veste uma bela túnica

dourada, ornada à maneira dos turcos.

— Onde está Bellevigne de l'Étoile? — perguntou Clopin.

— Morreu — respondeu uma bandida.

Andry le Rouge soltava uma risada idiota:

— Notre-Dame dá trabalho ao Hôtel-Dieu — dizia ele.

— Não há mesmo meio de arrombar essa porta? — exclamou o rei de Túnis batendo o pé.

O duque do Egito lhe mostrou tristemente dois regatos de chumbo fervendo que não cessavam de riscar a negra fachada, como compridos fusos de fósforo.

— Já se viu igrejas que se defendiam assim — ele observou suspirando. — Santa Sofia, de Constantinopla, há quarenta anos, jogou por terra três vezes o crescente de Maomé sacudindo os seus domos, que são as suas cabeças. Guilherme de Paris, que construiu esta, era mago.

— Quer dizer que temos de ir deploravelmente embora como reles lacaios? — disse Clopin. — Abandonar aí a nossa irmã, que esses lobos de sobrepeliz enforçarão amanhã!

— E a sacristia, onde tem ouro para encher muitas charretes? — acrescentou um marginal cujo nome lamentamos não saber.

— Pelas barbas de Maomé! — gritou Trouillefou.

— Tentemos mais uma vez — tornou o marginal.

Mathias Hungadi sacudiu a cabeça:

— Não entraremos pela porta. Temos que encontrar o defeito da armadura da velha maga. Um buraco, uma porta falsa, uma juntura qualquer.

— Quem vem comigo? — perguntou Clopin. — Vou voltar lá. A propósito, que fim levou aquele estudantezinho, Jehan, que estava tão encouraçado?

— Na certa morreu — respondeu alguém. — Não se ouvem mais as suas risadas.

O rei de Túnis franziu o cenho.

— Azar. Havia um grande coração debaixo daquelas ferragens. E o mestre Pierre Gringoire?

— Capitão Clopin — disse Andry le Rouge —, ele se esquivou quando ainda estávamos na Pont-aux-Changeurs.

Clopin bateu o pé.

— Fuça de Deus! Ele é que nos empurra para cá e nos deixa aqui plantados bem no meio da labuta! Tagarela covarde que usa uma pantufa como chapéu!

— Capitão Clopin — gritou Andry le Rouge, que olhava para a Rue du Parvis —, lá vem o seu estudantezinho.

— Plutão seja louvado! — disse Clopin. — Mas que diabo ele vem

puxando?

Era de fato Jehan que acorria tão depressa quanto lhe permitiam seus pesados trajes de paladino e uma escada comprida que arrastava bravamente pelo chão, mais ofegante do que uma formiga carregando um talo de relva vinte vezes mais comprido do que ela.

— Vitória! *Te Deum!* — gritava o estudante. — Está aqui a escada dos descarregadores do porto Saint-Landry.

Clopin se aproximou dele:

— Corno de Deus! O que você quer fazer com essa escada, criança?

— Consegui! — respondeu Jehan arquejando. — Eu sabia onde ela estava. Sob o telheiro da casa do tenente. Tem lá uma moça que conheço e que me acha lindo como um Cupido. Eu me servi dela para conseguir a escada, e consegui a escada, por Maomé! A coitada da moça veio me abrir só de camisa.

— Está bem — disse Clopin —, mas o que você quer fazer com essa escada?

Jehan olhou para ele com um ar esperto e capaz, e estalou os dedos como se fossem castanholas. Ele era sublime naquele momento. Tinha na cabeça um desses capacetes sobrecarregados do século XV que assustavam o inimigo com suas cimeiras quiméricas. O dele era erigido por dez bicos de ferro, de sorte que Jehan poderia disputar o temível epíteto de *δεχέμβολος*²⁸³ com o navio homérico de Nestor.

— O que quero fazer, augusto rei de Túnis? Está vendo aquela fileira de estátuas com cara de imbecis, ali, acima dos três portais?

— Estou. E daí?

— É a galeria dos reis da França.

— E eu com isso? — disse Clopin.

— Espere! No fim dessa galeria tem uma porta que só fica fechada a trinco; com esta escada, subo até lá e estou dentro da igreja.

— Garoto, deixe eu subir primeiro.

— Não senhor, camarada, a escada é minha. Venha, o senhor será o segundo.

— Que Belzebu te estrangule! — disse o enfezado Clopin. — Não quero estar depois de ninguém.

— Então, Clopin, arranje uma escada!

Jehan saiu correndo pela praça, puxando a escada e gritando:

— A mim, meus filhos!

Num instante, a escada foi erguida e apoiada na balaustrada da galeria inferior acima de um dos portais laterais. A multidão de marginais, soltando grandes aclamações, se comprimiu ao pé da escada para subir. Mas Jehan manteve seu direito e foi o primeiro a pôr o pé nos degraus. O trajeto era bastante longo. A galeria dos reis da França está hoje a cerca de sessenta pés acima do chão. Os onze

degraus da entrada a deixavam ainda mais acima. Jehan subia devagar, bastante atrapalhado por sua pesada armadura, com uma mão agarrando a escada e com a outra, sua arbaleta. Quando chegou ao meio da escada, lançou um olhar melancólico para os pobres gírios mortos, que coalhavam a escadaria.

— Ai — disse ele —, aí está um amontoado de cadáveres digno do quinto canto da *Ilíada*! — Depois continuou a subir. Os marginais o seguiam. Havia um em cada degrau. Quem visse se elevar ondulando na sombra aquela linha de dorsos encouraçados pensaria numa serpente de escamas de aço, que se erguia contra a igreja. Jehan, que era o cabeça e assobiava, completava a ilusão.

O estudante alcançou, enfim, o balcão da galeria e passou lestamente por cima da borda deste, em meio aos aplausos de toda a bandidagem. Assenhorando-se assim da cidadela, deu um grito de alegria e de repente parou petrificado. Acabava de perceber, atrás de uma estátua do rei, Quasímodo escondido nas trevas, com o olho faiscando.

Antes que um segundo assediante pudesse pôr o pé na galeria, o formidável corcunda saltou até o topo da escada, agarrou, sem pronunciar palavra, a ponta dos dois montantes com suas mãos poderosas, levantou-os, afastou-os da parede, sacudiu um instante, em meio aos clamores de angústia, escada comprida e dobrável cheia de marginais de alto a baixo e, subitamente, com uma força sobre-humana, jogou essa penca de homens na praça. Houve um instante em que os mais determinados palpitaram. A escada lançada para trás ficou um momento reta e de pé e pareceu hesitar, depois oscilou, então de repente, descrevendo um assustador arco de círculo de oitenta pés de raio, caiu no chão com sua carga de bandidos mais rápido do que uma ponte levadiça cujas correntes se arrebetam. Ouviu-se uma imensa imprecação, depois tudo se extinguiu e alguns pobres mutilados se retiraram rastejando de sob a montoeira de mortos.

Um rumor de dor e cólera se sucedeu, entre os sitiantes, aos primeiros gritos de triunfo. Quasímodo, impassível, os cotovelos apoiados na balaustrada, espiava. Parecia um velho rei cabeludo à sua janela.

Jehan Frollo, por sua vez, estava numa posição crítica. Ele se encontrava na galeria com o temível sineiro, sozinho, separado de seus companheiros por uma parede vertical de oitenta pés. Enquanto Quasímodo lidava com a escada, o estudante havia corrido até a porta falsa que acreditava aberta; não estava. O surdo, ao entrar na galeria, a trancara. Jehan, então, tinha se escondido atrás de um rei de pedra, não ousando respirar e fixando no monstruoso corcunda uma cara

ateorizada, como aquele homem que, fazendo a corte à mulher do vigia de um zoológico, foi certa noite a um encontro amoroso, se enganou de muro em sua escalada e se encontrou bruscamente cara a cara com um urso-branco.

Nos primeiros momentos, o surdo não se deu conta dele; mas por fim virou a cabeça e se endireitou na mesma hora. Acabava de perceber o estudante.

Jehan se preparou para um rude ataque, mas o surdo permaneceu imóvel; só que estava virado para o estudante, a quem fitava.

— Ho! Ho! — fez Jehan. — Por que você me olha com esse olho caolho e melancólico?

E, assim falando, o jovem gaiato preparava às escondidas sua arbaleta.

— Quasímodo! — gritou. — Vou mudar o seu nome; agora vai ser chamado de cego.

Disparou, a flecha empenada assobiou e foi se cravar no braço esquerdo do corcunda. Quasímodo se incomodou tanto quanto o rei Faramond se incomodaria com um arranhãozinho. Levou a mão à flecha, arrancou-a do braço e a quebrou tranquilamente contra o joelho grosso; depois jogou no chão, ou, melhor dizendo, deixou cair os dois pedaços. Mas Jehan não teve tempo de disparar pela segunda vez. Quebrada a flecha, Quasímodo bufou bruscamente, saltou como um gafanhoto e caiu em cima do estudante, cuja armadura se achatou contra a parede.

Então, nessa penumbra onde pairava a luz das tochas, entreviu-se uma coisa terrível.

Quasímodo havia pegado com a mão esquerda os braços de Jehan, que nem se debatia, a tal ponto se sentia perdido. Com a direita, o surdo soltava uma depois da outra, em silêncio, todas as peças da sua armadura, a espada, os punhais, o capacete, a couraça, os braços. Dir-se-ia um macaco descascando uma noz. Quasímodo jogava a seus pés, pedaço por pedaço, a casca de ferro do estudante.

Quando este se viu desarmado, despido, fraco e nu naquelas mãos temíveis, não tentou falar com aquele surdo, mas pôs-se a rir com atrevimento na cara dele e a cantar, com sua intrépida despreocupação de criança de dezesseis anos, a canção então popular:

*Está bem-vestida
A cidade de Cambrai.
Marafin a saqueou.*

Não terminou. Viram Quasímodo de pé no parapeito da galeria, que com uma só mão segurava o estudante pelos pés, fazendo-o girar sobre

o abismo como uma funda; depois se ouviu um barulho, como o de uma caixa óssea que se espatifa contra uma parede, e viu-se cair uma coisa que parou a um terço da queda, numa saliência da arquitetura. Era um corpo morto que ficou preso ali, dobrado em dois, a espinha quebrada, o crânio vazio.

Um grito de horror se ergueu entre os marginais.

— Vingança! — gritou Clopin.

— Ao saque! — respondeu a multidão.

— Assaltar! Assaltar!

Ouviu-se um urro prodigioso, em que se misturavam todas as línguas, todos os dialetos, todos os sotaques. A morte do pobre estudante produziu um ardor furioso na multidão. A vergonha se apossou dela, e a cólera de ter sido por tanto tempo mantida em xeque diante de uma igreja por um corcunda. A raiva encontrou escadas, multiplicou as tochas, e, passados alguns minutos, Quasímodo, desorientado, viu aquela formidável formigueira humana subir por todas as partes para tomar Notre-Dame de assalto. Os que não tinham escadas traziam cordas com nós; os que não tinham cordas garimpavam pelos relevos das esculturas. Penduravam-se uns nos trapos dos outros. Não havia meio de resistir a essa maré ascendente de caras assustadoras; o furor fazia essas figuras ferozes rutilarem; suas testas terrosas estavam banhadas de suor; seus olhos relampejavam; todas essas caretas, todas essas feiuras atacavam Quasímodo. Dir-se-ia que alguma outra igreja enviara ao assalto de Notre-Dame suas górgonas, seus dogues, seus dragões, seus demônios, suas mais fantásticas esculturas. Era como uma camada de monstros vivos sobre os monstros de pedra da fachada.

Entrementes, a praça havia sido estrelada por mil tochas. Essa cena desordenada, até então escondida na escuridão, tinha se abrasado subitamente de luz. O adro resplandecia e lançava um fulgor no céu; a fogueira acesa na alta plataforma continuava ardendo e iluminava ao longe a cidade. A enorme silhueta das duas torres, desenvolvida ao longe nos telhados de Paris, fazia nessa claridade um largo chanfro de sombra. A cidade parecia ter se sensibilizado. Distantes toques a rebate se queixavam. Os marginais urravam, ofegavam, imprecavam, subiam; e Quasímodo, impotente contra tantos inimigos, aflito pela egípcia, vendo as faces furiosas se aproximarem cada vez mais de sua galeria, pedia um milagre do céu e torcia os braços de desespero.

280. “Sonhando em seu sonhadouro.”

281. Cf. nota 237.

282. Animal mitológico com corpo de serpente, asas de morcego e patas de porco.

283. “Com dez esporas.”

O RETIRO ONDE O SR. LUÍS DA FRANÇA DIZ SUAS ORAÇÕES

O leitor talvez não tenha esquecido que um momento antes de perceber o bando noturno dos marginais, Quasímodo, inspecionando Paris do alto de seu campanário, só via brilhar uma luz, que estrelava uma vidraça no andar mais elevado de um alto e escuro edifício, ao lado da Porte Saint-Antoine. Esse edifício era a Bastilha. Essa estrela era a vela de Luís XI.

De fato, o rei Luís XI estava em Paris havia dois dias. Ele devia partir dois dias depois para sua cidadela de Montilz-lez-Tours. Sempre fazia apenas raras e curtas aparições em sua boa cidade de Paris, não sentindo ao redor dele suficientes armadilhas, cadafalsos e arqueiros escoceses.

Ele tinha vindo, naquele dia, dormir na Bastilha. O grande quarto de cinco toesas quadradas²⁸⁴ que ele tinha no Louvre, com sua grande lareira ornada com as efígies de doze grandes animais e treze grandes profetas, e sua grande cama de onze pés por doze,²⁸⁵ não lhe agradavam muito. Ele se perdia nessas grandezas; esse bom rei burguês gostava mais da Bastilha, com um quartinho e um catre. E depois a Bastilha era mais forte do que o Louvre.

Esse “quartinho”, que o rei tinha reservado para si na célebre prisão de Estado, ainda era bastante vasto e ocupava o andar mais alto de uma torreta erigida no torreão. Era um reduto arredondado, atapetado com esteiras de palha luzidia, tendo no teto vigas realçadas com flores de lis de estanho dourado com espaços de cor entre elas; as paredes eram lambrisadas com ricas madeiras pontilhadas com rosetas de estanho branco e pintadas de belo verde feito de pigmento de ouro e anil.

Só tinha uma janela, uma longa ogiva treliçada com fio de latão e barras de ferro, escurecida com belos vidros coloridos com as armas do rei e da rainha, de vinte e dois *sols* cada.

Só havia uma entrada, uma porta moderna, de arco baixo,

guarnecida de uma tapeçaria do lado de dentro e, de fora, com um desses pórticos de madeira da Irlanda, frágeis edifícios de marcenaria curiosamente lavrada, que ainda se viam em quantidade nas velhas habitações cento e cinquenta anos atrás. “Embora desfigurem e estorvem o lugar”, diz Sauval com desespero, “nossos anciãos no entanto não querem se desfazer deles e os conservam a despeito de todos.”

Não se encontrava nesse quarto nada que mobiliasse os aposentos comuns, nem bancos de madeira, nem cavaletes, nem bancos estofados, nem escabelos comuns em forma de caixa, nem belos escabelos com pés e contrapés, de quatro *sols* cada. Só se via uma magnífica cadeira dobrável de braço: a madeira era pintada de rosas sobre fundo vermelho, o assento era de couro avermelhado, guarnecido de longas franjas de seda e com um sem-número de tachas de ouro. A solidão dessa cadeira mostrava que uma só pessoa tinha o direito de se sentar no quarto. Ao lado da cadeira e perto da janela, havia uma mesa coberta por um tapete com figuras de pássaros. Em cima dessa mesa, um tinteiro manchado de tinta, alguns pergaminhos, algumas penas e um copo de prata cinzelada. Um pouco mais longe, um pequeno fogareiro; um genuflexório de veludo carmesim, realçado com bossas de ouro. Enfim, no fundo, um leito simples, de adamascado amarelo e encarnado, sem bijuterias nem passamanaria; as franjas, simples. É essa cama, famosa por ter levado o sono ou a insônia a Luís XI, que ainda podia se contemplar, faz duzentos anos, na casa de um conselheiro de Estado, onde foi vista pela velha madame Pilou, célebre no Cyrus sob os nomes de Arcidie e de *A moral viva*.²⁸⁶

Assim era o quarto que chamavam de “o retiro onde o sr. Luís da França diz suas orações”.

No momento em que aí introduzimos o leitor, esse quarto estava bastante escuro. O toque de recolher tinha soado uma hora antes, era noite e só havia uma vacilante vela de cera pousada na mesa para clarear cinco personagens diversamente agrupados no quarto.

O primeiro em que recaía a luz era um senhor soberbamente vestido com calções e um gibão escarlata com listas prateadas e uma casaca de tecido dourado com desenhos negros, com enchimentos que iam dos ombros aos antebraços. Esse esplêndido traje, em que a luz brincava, parecia ter um glacê de chamas em todas as suas dobras. O homem que o usava trazia no peito suas armas bordadas em cores vivas: uma asna acompanhada em ponta por um gamo passante. O escudo tinha à direita um ramo de oliveira, à esquerda um chifre de gamo. Esse homem trazia à cintura uma rica adaga cujo punho, em vermeil, era cinzelado em forma de cimeira e arrematado por uma coroa condal. Ele tinha um ar malvado, uma cara orgulhosa e a cabeça

erguida. Ao primeiro olhar, via-se em seu rosto a arrogância; ao segundo, a astúcia.

Mantinha a cabeça nua, um longo documento na mão, de pé atrás da cadeira de braços na qual estava sentado, o corpo desgraciosamente dobrado em dois, um joelho a cavalo no outro, o cotovelo na mesa, um personagem muito mal-ajambrado. De fato, imaginem num opulento assento de couro de Córdoba duas patelas viradas para dentro, duas coxas magras pobremente vestidas com um tricô de lã preta, o torso envolto numa sobreveste de algodão com um forro em que se via menos pelo do que couro; enfim, para coroar, um velho chapéu ensebado do mais ordinário pano preto, bordado com um cordão circular com figuras de chumbo. Era tudo que, com um barrete sujo que mal deixava passar um fio de cabelo, se distinguia do personagem sentado. Sua cabeça estava tão curvada sobre o peito que não se percebia nada de seu rosto coberto de sombra, a não ser a ponta do nariz, sobre o qual incidia um raio de luz e que devia ser comprido. Pela magreza de sua mão enrugada adivinhava-se um ancião. Era Luís XI.

A alguma distância atrás dele, conversavam em voz baixa dois homens vestidos à flamenga, que não estavam suficientemente perdidos na sombra para que alguém que houvesse assistido à representação do mistério de Gringoire não os reconhecesse como dois dos principais enviados flamengos, Guillaume Rym, o sagaz pensionário de Gand, e Jacques Coppenole, o popular negociante de meias. Lembrem-se de que esses dois homens estavam ligados à política secreta de Luís XI.

Enfim, bem no fundo, perto da porta, mantinha-se de pé na penumbra, imóvel como uma estátua, um homem vigoroso, de membros maciços, com atavios militares, casaca armoriada, cuja face quadrada, com olhos à flor do rosto, era fendida por uma imensa boca; suas orelhas se escondiam sob dois largos para-ventos de cabelos lisos, sem testa, lembrando ao mesmo tempo o cachorro e o tigre.

Todos estavam com a cabeça nua, menos o rei.

O senhor que estava perto do monarca lia para ele uma espécie de longa memória que sua majestade parecia ouvir com atenção. Os dois flamengos cochichavam.

— Cruz de Deus! — resmungava Coppenole. — Estou cansado de ficar em pé; será que não tem uma cadeira aqui?

Rym respondia por um gesto negativo, acompanhado de um sorriso discreto.

— Cruz de Deus! — repetia Coppenole, todo infeliz por ser obrigado a baixar assim a voz. — Que vontade me dá sentar no chão, de pernas cruzadas, como meheiro que sou e como faço na minha loja.

— Nem pense nisso, mestre Jacques!

— É, mestre Guillaume! Aqui a gente só pode ficar em cima dos pés!

— Ou de joelhos — disse Rym.

Nesse momento a voz do rei se elevou. Eles se calaram.

— Cinquenta *sols* a roupa dos nossos lacaios, e doze libras os mantos dos funcionários da nossa coroa! É isso! Derramem ouro às toneladas! Está louco, Olivier?

Falando assim, o ancião erguia a cabeça. Via-se reluzir em seu pescoço as conchas de ouro do colar de são Miguel. A vela clareava em cheio seu perfil descarnado e moroso. Ele arrancou o papel das mãos do outro.

— Vocês nos arruínam! — gritou, passeando os olhos cavos no caderno. — O que é isso tudo? Que necessidade temos de uma casa tão prodigiosa? Dois capelães a dez libras por mês cada um, e um clérigo de capela a cem *sols*! Um criado de quarto a noventa libras por ano! Quatro criados de cozinha a cento e vinte libras por ano cada! Um assador, um sopeiro, um molheiro, um cozinheiro, um encarregado das armaduras, dois cuidadores de cavalos de tiro a dez libras por mês cada! Dois mirmidões a oito libras! Um cavaliço e seus dois ajudantes a vinte e quatro libras por mês! Um carregador, um confeitoiro, um padeiro, dois carroceiros, cada um a sessenta libras por ano! E o ferreiro, cento e vinte libras! E o mestre da câmara dos nossos dinheiros, duzentas libras! E o controlador, quinhentas! E sei lá o que mais! É uma fúria! A remuneração dos nossos domésticos põe a França sob saque! Todos os tesouros do Louvre derreterão com tal ritmo de despesa! Teremos que vender a nossa louça! E no ano que vem, se Deus e Nossa Senhora (aqui ele ergueu o chapéu) nos derem vida, beberemos as nossas tisanas num pote de estanho!

Dizendo isso, ele lançou um olhar para o seu caneco de prata que cintilava em cima da mesa. Tossiu e prosseguiu:

— Mestre Olivier, os príncipes que reinam nas grandes senhorias, como reis e imperadores, não devem deixar criar a suntuosidade nas suas casas; porque a partir delas, esse fogo se espalha pela província. Logo, mestre Olivier, considere isso por dito. A nossa despesa aumenta todos os anos. A coisa não nos agrada. Como, Páscoa de Deus!, até 1479 ela não passou das trinta e seis mil libras; em 80, ela atingiu quarenta e três mil, seiscentas e dezenove libras (tenho as cifras na cabeça); em 81, setenta mil, seiscentas e oitenta libras; e este ano, pela fé do meu corpo, ela alcançará oitenta mil libras! Dobrou em quatro anos! Monstruoso! — Deteve-se, resfolegante, depois continuou com exaltação: — Só vejo ao meu redor pessoas que engordam com a minha magreza! Vocês me chupam escudos por todos os poros!

Todos guardavam silêncio. Era uma dessas raivas que a gente deixa acontecer. Ele continuou:

— É como esse pedido em latim da senhoria da França para que restabeleçamos o que eles chamam de os grandes gravames da Coroa! Gravames, de fato! Gravames que agravam! Ah, senhores! Vocês dizem que não somos rei, por reinarmos *dapifero nullo, buticulario nullo*.²⁸⁷ Nós lhes mostraremos, Páscoa de Deus, se não somos um rei!

Aqui ele sorriu com a sensação de sua força; seu mau humor se atenuou e ele se voltou para os flamengos:

— Está vendo, compadre Guillaume? O grão-*pannetier*,²⁸⁸ o grão-escação, o grão-camareiro, o grão-senescal não valem o mais simples criado. Lembre-se disso, compadre Coppenole. Eles não servem para nada. De ficarem assim inúteis em torno do rei, eles me fazem o efeito dos quatro evangelistas que rodeiam o marcador do grande relógio de Paris e que Philippe Brille acaba de restaurar. São dourados, mas não marcam a hora; e a agulha pode prescindir deles. — Ficou pensativo por um momento e acrescentou, sacudindo sua velha cabeça: — Ho! Ho! Por Nossa Senhora, não sou Philippe Brille e não restaurarei os grandes vassalos. Continue, Olivier.

O personagem que ele designava por esse nome pegou o caderno de suas mãos e voltou a ler em voz alta:

— A Adam Tenon, encarregado da guarda dos selos do prebostado de Paris: para a prata, a confecção e a gravura desses selos devido a que os outros precedentes, por sua antiguidade e caducidade, não podiam mais servir de forma adequada. Doze libras *parisis*. A Guillaume Frère, a soma de quatro libras e quatro *sols parisis*, por seu trabalho e despesas por ter nutrido e alimentado os pombos dos dois pombais do Hôtel des Tournelles durante o mês de janeiro, fevereiro e março deste ano e que, para tanto, deu sete sesteiros de sevada. A um franciscano, por ter confessado um criminoso, quatro *sols parisis*.

O rei ouvia em silêncio. De vez em quando tossia; levava então o caneco ao lábio e bebia um gole, fazendo uma careta.

— Este ano, foram dados, por ordem da justiça a som de trompa, pelos cruzamentos de Paris cinquenta e seis gritos. Conta a pagar. Por ter revirado e procurado em certos lugares, tanto em Paris quanto alhures, finança que diziam estar escondida, mas não encontrado nada: quarenta e cinco libras *parisis*.

— Enterrar um escudo para desenterrar um *sou*! — disse o rei.

— ... Por ter reparado no Hôtel des Tournelles seis painéis de vidro branco no lugar em que fica a jaula de ferro, treze *sols*. Por ter feito e entregado, por ordem do rei, no dia dos monstros, quatro escudos com as armas de dito senhor, coroados com chapéus de rosas ao redor, seis libras. Por duas mangas novas para o velho gibão do rei, vinte *sols*.

Por uma caixa de gordura para engraxar as botas do rei, quinze *deniers*. Uma pocilga nova para alojar os leitões pretos do rei, trinta libras *parisis*. Vários tabiques, tábuas e alçapões feitos para encerrar os leões no Hôtel Saint-Paul, vinte e duas libras.

— Animais caros, esses — disse Luís XI. — Não tem importância: é uma bela magnificência de rei. Há um grande leão ruivo que amo pelas suas gentilezas. O senhor o viu, mestre Guillaume? Os príncipes têm que ter esses animais miríficos. Para nós, reis, os nossos cães devem ser leões, e os nossos gatos, tigres. O grande é digno de uma coroa. Na época dos pagãos de Júpiter, quando o povo oferecia às igrejas cem bois e cem ovelhas, os imperadores davam cem leões e cem águias. Era feroz e belíssimo. Os reis da França sempre tiveram esses rugidos em volta do seu trono. No entanto, essa justiça não de me fazer, eu gasto ainda menos dinheiro do que eles e tenho uma maior modéstia de leões, ursos, elefantes e leopardos... Continue, Mestre Olivier. Queríamos dizer isso a nossos amigos flamengos.

Gillaume Rym se inclinou profundamente, enquanto Coppenole, com seu ar carrancudo, parecia um desses ursos de que falava sua majestade. O rei não prestou atenção. Acabava de molhar os lábios no caneco e cuspiu a beberagem exclamando:

— Puah! A horrível tisana!

O leitor continuou:

— Para alimentação de um vagabundo pedestre trancafiado há seis meses no quartinho do esfoladouro, enquanto se espera saber o que fazer dele: seis libras e quatro *sols*.

— Que história é essa? — interrompeu o rei. — Alimentar quem deve ser enforcado! Páscoa de Deus, não darei mais um só *sol* para esse alimento. Olivier, entenda-se a respeito com o sr. d'Estouteville, e ainda hoje faça os preparativos das núpcias do galante com uma força. Prossiga.

Olivier fez uma marca com o polegar no artigo do *vagabundo pedestre* e continuou.

— A Henriet Cousin, mestre verdugo da justiça de Paris, a soma de sessenta *sols parisis*, soma estabelecida e ordenada pelo senhor preboste de Paris, por ter comprado, por ordem do dito senhor preboste, uma grande espada de lâmina, servindo para executar e decapitar as pessoas que a justiça condena por seus deméritos, e esta guarnecida de bainha e de tudo o que lhe cabe; e igualmente mandou restaurar e vestir a velha espada, que tinha se quebrado e embotado justificando *messire* Luís de Luxemburgo, como mais plenamente se pode evidenciar...

O rei interrompeu:

— Basta! Ordeno a soma com todo o meu coração. Para essas

despesas eu não olho. Nunca lamentei esse gasto. Prossiga.

— Por ter feito uma grande jaula...

— Ah! — fez o rei, segurando com ambas as mãos os braços de sua cadeira. — Eu sabia que tinha vindo a esta Bastilha por alguma coisa. Espere, mestre Olivier. Quero ver eu mesmo a gaiola. O senhor lerá o custo para mim enquanto eu a examino. Senhores flamengos, venham ver, é curioso.

Então se levantou, apoiou-se no braço de seu interlocutor, fez àquela espécie de mudo que se mantinha de pé em frente à porta sinal para precedê-lo, aos dois flamengos para segui-lo, e saiu do quarto.

O grupo real se engrossou, à porta do retiro, com homens de armas pesados de ferros e esbeltos pajens que portavam tochas. Caminhou por algum tempo no interior do sombrio torreão, vazado por escadas e corredores inclusive na espessura das muralhas. O capitão da Bastilha ia à frente e mandava abrir as portinholas diante do velho rei, doente e arqueado, que tossia ao caminhar.

A cada portinhola, todas as cabeças eram obrigadas a se abaixar, salvo a do ancião vergado pela idade. — Hum — dizia ele entre suas gengivas, porque não tinha mais um só dente —, já estamos perto da porta do sepulcro. Porta baixa, passante curvado!

Enfim, depois de terem atravessado uma derradeira portinhola, tão estorvada de fechaduras que levaram quinze minutos para abri-la, entraram numa alta e vasta sala em ogiva, no centro da qual se distinguia, à luz das tochas, um grande cubo maciço de alvenaria, ferro e madeira. O interior era oco. Era uma dessas célebres jaulas para prisioneiros de Estado que chamavam de *filhinhas do rei*. Havia nas paredes duas ou três pequenas janelas tão densamente treliçadas com espessas barras de ferro que nem se viam os vidros. A porta era uma grande laje de pedra chata, como a dos túmulos; dessas portas que servem apenas para entrar. Só que aqui, o morto era um vivo.

O rei se pôs a caminhar lentamente em torno do pequeno edifício examinando-o com cuidado, enquanto mestre Olivier, que o seguia, lia em voz alta a memória:

— Por ter feito uma grande jaula de madeira de vigas grossas, travessas e frechais, com nove pés de comprimento por oito de largura, e de altura de sete pés entre dois pisos, alisada e consolidada com grossas barras de ferro, a qual foi assentada numa câmara situada numa das torres da Bastide Saint-Antoine, nessa jaula está posto e detido, por ordem do rei nosso senhor, um prisioneiro que habitava precedentemente uma velha jaula caduca e decrépita. Já foram empregadas na jaula, dita jaula nova, noventa e seis vigas horizontais e cinquenta e duas vigas verticais, dez frechais de três toesas de comprimento; e foram empregados dezenove carpinteiros para

esquadriar, trabalhar e cortar toda a dita madeira no pátio da Bastide durante vinte dias...

— Belos miolos de carvalho — disse o rei, batendo com o punho na madeira.

— ... Entraram nesta jaula — prosseguiu o outro — duzentas e vinte grossas travessas de ferro de nove pés e de oito, as demais de tamanho médio, com as arruelas, ferragens e peças necessárias a essas travessas; pesando, todo o dito ferro, 3735 libras; além de oito cantoneiras de ferro servindo para firmar a dita jaula, com os grampos e pregos, pesando juntos duzentas e dezoito libras de ferro, sem contar o ferro das treliças das janelas do quarto em que a jaula foi posta, as barras de ferro da porta do quarto e outras coisas...

— Quanto ferro para conter a ligeireza de um espírito — disse o rei.

— ... Tudo isso custou trezentas e dezessete libras, cinco *sols* e sete *deniers*.

— Páscoa de Deus! — exclamou o rei.

A essa imprecação, que era a favorita de Luís XI, pareceu que alguém acordava dentro da jaula; ouviram-se correntes raspando ruidosamente no assoalho e elevou-se uma voz fraca, que parecia sair da tumba:

— Sire, sire, sua graça! — Não dava para ver quem falava assim.

— Trezentas e dezessete libras, cinco *sols* e sete *deniers*! — repetiu Luís XI.

A voz lamentosa que havia saído da jaula tinha gelado todos os assistentes, inclusive mestre Olivier. Somente o rei dava a impressão de não a ter ouvido. A uma ordem sua, mestre Olivier deu seguimento à leitura, e sua majestade continuou friamente a inspeção da jaula.

— ... Além disso, pagou-se a um pedreiro que fez os buracos para pôr as grades das janelas e o piso do quarto em que fica a jaula, pois o piso não teria podido suportar essa jaula, por causa do seu peso, vinte e sete libras e catorze *sols paris*is...

A voz recomeçou a gemer.

— A sua graça, sire! Juro que foi o senhor cardeal de Angers que cometeu a traição, e não eu.²⁸⁹

— O pedreiro é rude! — disse o rei. — Continue, Olivier.

Olivier continuou:

— ... A um marceneiro, por janelas, camas, cadeira higiênica e outras coisas, vinte libras e dois *sols paris*is...

A voz também continuava.

— Ai, sire, o senhor não me escuta? Eu juro que não fui eu que escrevi aquela coisa para monsenhor de Guyenne,²⁹⁰ e sim o senhor cardeal Balue!

— O marceneiro é caro — observou o rei. — É tudo?

— Não, sire. ... A um vidraceiro, pelos vidros do mesmo quarto, quarenta e seis *sols* e oito *deniers paris*.

— Agracie-me, sire! Não basta terem dado todos os meus bens aos meus juizes, a minha louça ao sr. de Torcy, a minha biblioteca a mestre Pierre Doriolle, a minha tapeçaria ao governador do Roussillon? Sou inocente. Faz catorze anos que tiritto numa gaiola de ferro. Agracie-me, sire! O senhor será recompensado por isso no céu.

— Mestre Olivier — disse o rei —, o total?

— Trezentas e sessenta e sete libras, oito *sols* e três *deniers paris*.

— Nossa Senhora! — gritou o rei. — Que jaula ultrajosa!

Arrancou o caderno das mãos de mestre Olivier e pôs-se a contar ele próprio, nos dedos, examinando alternadamente o papel e a jaula. Enquanto isso, ouvia-se o prisioneiro soluçar. Aquilo na sombra era lúgubre, e os rostos se entreolhavam empalidecendo.

— Catorze anos, sire! Faz catorze anos! Desde o mês de abril de 1469. Em nome da santa mãe de Deus, sire, ouça-me! O senhor desfrutou durante todo esse tempo do calor do sol. Eu, franzino, nunca mais verei a luz do dia? Graça, sire! Seja misericordioso. A clemência é uma bela virtude real, que rompe as correntes da cólera. Vossa majestade acredita que na hora da morte é um grande contentamento para um rei não ter deixado nenhuma ofensa impune? Aliás, sire, não traí vossa majestade; foi o sr. de Angers. E tenho no pé uma corrente bem mais pesada do que devia ser. Eh, sire, tenha piedade de mim!

— Olivier — disse o rei sacudindo a cabeça —, estou percebendo que contam o *muid* de gesso a vinte *sols*, quando não vale mais do que doze. Refaça este documento.

Deu as costas para a jaula e se dispôs a sair do quarto. O miserável prisioneiro, ao notar o distanciamento das tochas e do barulho, julgou que o rei ia embora. — Sire, sire! — gritou desesperado. A porta tornou a se fechar. Não viu mais nada, e só ouvia a voz rouca do carcereiro que lhe cantava no ouvido esta canção:

Mestre Jean Balue

Perdeu a vista

De seus bispados.

O sr. de Verdun

Não tem mais nenhum:

Foram todos despachados.

O rei subia de volta, em silêncio, para o seu retiro, e seu cortejo o seguia, aterrorizado pelos últimos gemidos do condenado. De repente, sua majestade virou-se para o governador da Bastilha:

— Aliás — disse ela —, não havia alguém naquela jaula?

— Por Deus, sire! — respondeu o governador, estupefato com a pergunta.

— Quem?

— O senhor bispo de Verdun.

O rei sabia disso melhor do que ninguém. Mas era uma mania.

— Ah! — fez ele com o ar ingênuo de pensar nisso pela primeira vez. — Guillaume de Harancourt, amigo do senhor cardeal Balue. Um bom diabo de bispo.

Passados alguns instantes, a porta do retiro se abria, depois se fechava atrás dos cinco personagens que o leitor viu no início deste capítulo e que haviam retomado seus lugares, suas conversas a meia-voz e suas atitudes.

Durante a ausência do rei, haviam posto em sua mesa alguns despachos, cujo lacre ele mesmo quebrou. Em seguida, pôs-se a lê-los prontamente, um depois do outro, fez um sinal a mestre Olivier, que parecia exercer junto a ele a função de ministro, para que pegasse uma pena e, sem lhe revelar o conteúdo dos despachos, começou a lhe ditar em voz baixa as respostas, que aquele escrevia incomodamente ajoelhado diante da mesa.

Guillaume Rym observava.

O rei falava tão baixo que os flamengos não ouviam nada do ditado, a não ser alguns fragmentos isolados e pouco inteligíveis, como:

— ... Manter os locais férteis pelo comércio, os estéreis pelas manufaturas... — Mostrar aos senhores ingleses as nossas quatro bombardas, a Londres, a Brabant, a Bourg-en-Bresse, a Saint-Omer.... — A artilharia é a razão pela qual a guerra se faz hoje mais judiciosamente... — Ao sr. de Bressuire, nosso amigo... — Os exércitos não podem ser mantidos sem os tributos... etc.

Uma vez ele ergueu a voz:

— Páscoa de Deus! O senhor rei da Sicília lacra as suas cartas com cera amarela, como um rei da França. Talvez tenhamos cometido o erro de lhe permitir. O meu primo por aliança, de Borgonha, não concedia brasões com campo de gules.²⁹¹ A grandeza das casas é assegurada na integridade das prerrogativas. Note isso, compadre Olivier.

Novamente:

— Oh-oh! — fez. — Que mensagem grande! O que o nosso irmão imperador nos reclama? — E, percorrendo com os olhos a missiva, interrompendo a leitura com interjeições: — Claro! As Alemanhas são tão grandes e poderosas que mal dá para crer. Mas não esqueçamos o velho provérbio: o mais belo condado é Flandres; o mais belo ducado,

Milão; o mais belo reino, a França. Não é, senhores flamengos?

Dessa vez Coppenole se inclinou com Guillaume Rym. O patriotismo do meheiro fora lisonjeado.

Um último despacho fez Luís XI franzir o cenho.

— O que é isso? — exclamou. — Queixas e reclamações contra as nossas guarnições da Picardia! Olivier, escreva imediatamente ao senhor marechal de Rouault. — Diz-se que a disciplina está se relaxando. Que os gendarmes dos ordenanças, os nobres convocados, os francos arqueiros, os suíços fazem males infinitos à gente de lá. Que o homem de guerra, não se contentando com os bens que encontra na casa dos lavradores, obriga-os, batendo neles com porretes e partasanas, a ir buscar na cidade vinho, peixe, especiarias e outras coisas excessivas. Que o senhor rei sabe disso. Que entendemos preservar o nosso povo dos inconvenientes, furtos e pilhagens. Que é essa a nossa vontade, por Nossa Senhora! Que além disso não nos agrada que nenhum menestrel, barbeiro ou lacaios de guerra se vista como príncipe, de veludo, seda e anéis de ouro. Que essas vaidades são odiosas a Deus. Que nos contentamos, nós, que somos fidalgos, com um gibão de pano de dezesseis *sols* a alna²⁹² de Paris. Que os senhores valetes de armas podem muito bem se rebaixar a isso também. Faça saber e ordene. Ao sr. de Rouault, nosso amigo. Bem.

Ditou essa carta em voz alta, com um tom firme e aos arrancos. No momento em que terminava, a porta se abriu e deu passagem a um novo personagem, que se precipitou apavorado para dentro do quarto, gritando:

— Sire! Sire! Há uma sedição popular em Paris!

A grave figura de Luís XI se contraiu; mas o que houve de visível em sua emoção passou como um relâmpago. Ele se conteve e disse com uma severidade tranquila:

— Compadre Jacques, o senhor entrou de um modo bem brusco!

— Sire! Sire! Há uma revolta! — repetiu compadre Jacques arquejante.

O rei, que tinha se levantado, agarrou rudemente o braço do outro e lhe disse ao ouvido, de modo a ser escutado apenas por ele, com uma cólera concentrada e um olhar oblíquo para os flamengos:

— Cale a boca ou fale baixo!

O recém-chegado compreendeu e se pôs a fazer baixinho uma narrativa apavorada que o rei ouvia com calma, enquanto Guillaume Rym chamava a atenção de Coppenole para o rosto e a roupa do recém-vindo, seu capuz forrado, *caputia fourrata*, seu epitógio curto, *epitogia curta*, sua túnica de veludo negro, que anunciava um presidente do Tribunal de Contas.

Assim que esse personagem deu ao rei algumas explicações, Luís XI

exclamou, dando uma gargalhada:

— Ora, ora, fale em voz alta, compadre Coictier! O que tem o senhor para falar tão baixo assim? Nossa Senhora sabe que não temos nada escondido para os nossos bons amigos flamengos.

— Mas, sire...

— Fale em voz alta!

O “compadre Coictier” ficou mudo de surpresa.

— Então — insistiu o rei —, fale, senhor. Há uma forte emoção dos moradores na nossa boa cidade de Paris?

— Sim, sire.

— E que se dirige, diz o senhor, contra o senhor bailio do Palácio da Justiça?

— Parece — disse o “compadre”, que ainda balbuciava, tonto com a brusca e inexplicável mudança que acabava de se operar nos pensamentos do rei.

Luís XI prosseguiu:

— Onde a ronda encontrou a multidão?

— Caminhando da Grande Truanderie para a Pont-aux-Changeurs. Eu mesmo a encontrei, quando vinha para cá obedecer às ordens de sua majestade. Ouvi gente gritando: abaixo o bailio do Palácio!

— Que queixas eles têm contra o bailio?

— Ah! — fez o compadre Jacques. — Que ele é senhor deles.

— Verdade?

— Sim, sire. São vagabundos do Pátio dos Milagres. Faz tempo que se queixam do bailio, de que são vassalos. Eles não querem reconhecê-lo nem como justiceiro nem como zelador da sua área.

— Sim, sim! — tornou o rei com um sorriso de satisfação, que ele se esforçava em vão para disfarçar.

— Em todas as suas petições ao Parlamento — prosseguiu o compadre Jacques —, eles pretendem ter somente dois amos: vossa majestade e o Deus deles, que, creio eu, é o diabo.

— Cáspite! — fez o rei.

Ele esfregava as mãos, ria daquele riso interior que faz o rosto ficar radiante; não conseguia dissimular sua alegria, apesar de por instantes tentar se recompor. Ninguém entendia o que se passava, nem mesmo “mestre Olivier”. Ficou um momento silencioso, com um ar pensativo mas contente.

— Estão em força? — indagou bruscamente.

— Sim, com certeza, sire — respondeu o compadre Jacques.

— Quantos?

— Pelo menos seis mil.

O rei não pôde se impedir de dizer:

— Bom! — Tornou a indagar: — Estão armados?

— Com foices, lanças, arcabuzes, picaretas. Todo tipo de armas violentas.

O rei não pareceu nem um pouco preocupado com esse arsenal. O compadre Jacques achou que devia acrescentar:

— Se vossa majestade não enviar prontamente socorro ao bailio, ele está perdido.

— Enviaremos — disse o rei, com um falso ar sério. — Está bem. Claro que enviaremos. O senhor bailio é nosso amigo. Seis mil! São uns gaiatos determinados. A ousadia é maravilhosa e estamos muito coléricos com ela. Mas temos pouca gente esta noite à nossa volta. Amanhã de manhã ainda estará em tempo.

O compadre Jacques exclamou:

— Já, sire! Haverá vinte vezes tempo para o bailiado ser saqueado, a senhoria violada, o bailio enforcado. Por Deus, sire, envie antes de amanhã de manhã.

O rei encarou-o.

— Eu lhe disse amanhã de manhã.

Era um desses olhares a que a gente não replica.

Depois de um silêncio, Luís XI elevou de novo a voz:

— Meu compadre Jacques, o senhor deve saber. Qual era.... — Ele se corrigiu: — Qual é a jurisdição feudal do bailio?

— Sire, o bailio do Palácio tem a Rue de la Calandre até a Rue de l'Herberie, a Place Saint-Michel e os lugares vulgarmente chamados Les Mureaux, sito perto da igreja de Notre-Dame-des-Champs — aqui Luís XI levantou a borda do chapéu —, cujos Hôtels são em número de treze, mais o Pátio dos Milagres, mais a Enfermaria chamada Banlieue, mais toda a rua que vai dessa Enfermaria e termina na porta Saint-Jacques. Desses diversos lugares ele é viário, alto, médio e baixo justiceiro, pleno senhor.

— Sei! — fez o rei coçando a orelha esquerda com a mão direita. — Um bom pedaço da minha cidade. Ah, o senhor bailio era rei disso tudo!

Dessa vez ele não se corrigiu. Continuou sonhador e como que falando consigo mesmo:

— Muito bem, senhor bailio! O senhor tem entre os dentes um belo pedaço da nossa Paris. — De repente explodiu: — Páscoa de Deus! Que gente é essa que se pretende funcionários da justiça, senhores e amos na nossa cidade? Que tem o seu pedágio em toda parte? A sua justiça e o seu carrasco em cada esquina entre o nosso povo? De maneira que, tal como o grego acreditava ser tantos deuses quanto havia de fontes e o persa tantos quantas estrelas ele via, o francês conta tantos reis quantas forcas enxerga. Por Deus! Isso é ruim, e essa confusão me desagrada. Gostaria de saber se é graça de Deus haver em

Paris outro viário além do rei, outra justiça além do nosso Parlamento, outro imperador que não nós neste império! Pela fé da minh'alma! Vai ter de chegar o dia em que não haverá na França mais do que um rei, mais do que um senhor, mais do que um juiz, mais do que um algoz, como não há no paraíso mais do que um Deus!

Levantou outra vez seu gorro e continuou sonhando, com o ar e o tom de um caçador que açula e solta sua matilha.

— Bom, meu povo! Abata bravamente esses falsos senhores! Faça o seu trabalho. Eia! Eia! Pilhe-os, enforque-os, saqueie-os!... Ah, vocês querem ser reis, senhores? Vá, povo, vá!

Aqui ele se interrompeu bruscamente, mordeu os lábios, como para agarrar seu pensamento que escapara um pouco, fixou sucessivamente seus olhos penetrantes em cada um dos cinco personagens que o rodeavam e, de repente, pegando o chapéu com ambas as mãos e encarando-o, disse a este:

— Oh, eu te queimaria, se soubesses o que passa pela minha cabeça! — Depois, passeando de novo em torno de si o olhar atento e inquieto da raposa que entra sorratamente em sua toca: — Não importa! Acudiremos o senhor bailio. Por infortúnio, temos poucas tropas aqui, neste momento, contra tantos populares. Há que esperar até amanhã. Restauraremos a ordem na Cité e enforcaremos cruamente todos os que forem pegos.

— A propósito, sire — disse o compadre Coictier —, esqueci de dizer que no primeiro distúrbio, a ronda prendeu dois retardatários do bando. Se vossa majestade quiser ver esses homens, eles estão aqui.

— Se quero vê-los! — gritou o rei. — E como! Páscoa de Deus! E você esquece uma coisa destas! Corra você, Olivier, vá buscá-los!

Mestre Olivier saiu e voltou um momento depois com os dois prisioneiros, cercados por arqueiros da guarda. O primeiro tinha uma cara idiota, ébria e espantada. Vestia andrajos e andava dobrando o joelho e arrastando o pé; o segundo era uma figura pálida e sorridente, que o leitor já conhece.

O rei os examinou por um instante sem dizer nada; depois, dirigindo-se bruscamente ao primeiro:

— Como você se chama?

— Gieffroy Pincebourde.

— Seu ofício?

— Marginal.

— O que você ia fazer nessa danada sedição?

O marginal olhou para o rei, balançando os braços com um ar abestalhado. Era uma dessas cabeças de má conformação, em que a inteligência está quase tanto à vontade quanto a luz sob o apagador de vela.

— Não sei — disse ele. — Iam, eu ia.

— Vocês não iam atacar e saquear ultrajosamente vosso senhor, o bailio do Palácio?

— Sei que iam pegar alguma coisa na casa de alguém. Só isso.

Um soldado mostrou ao rei um serpete que haviam encontrado com o marginal.

— Reconhece esta arma? — perguntou o rei.

— Sim, é o meu serpete; sou viticultor.

— E reconhece este homem como seu companheiro? — acrescentou Luís XI, designando o outro prisioneiro.

— Não. Não conheço.

— Basta — disse o rei. E, fazendo com o dedo um sinal ao personagem silencioso, imóvel perto da porta, para o qual já chamamos a atenção do leitor: — Compadre Tristan, um homem para o senhor.

Tristan-l'Hermite se inclinou. Deu uma ordem em voz baixa aos dois arqueiros, que levaram o coitado do marginal.

Enquanto isso, o rei havia se aproximado do segundo prisioneiro, que suava em bicas.

— Seu nome?

— Sire, Pierre Gringoire.

— Seu ofício?

— Filósofo, sire.

— Como você se permite, seu gaiato, ir atacar o nosso amigo bailio do Palácio e o que tem a dizer dessa emoção popular?

— Sire, eu não participava dela.

— Ora essa, seu pândego, você não foi apreendido pela ronda nessa má companhia?

— Não, sire, há um engano. É uma fatalidade. Escrevo tragédias. Sire, suplico que vossa majestade me ouça. Sou poeta. É a melancolia da gente da minha profissão andar de noite pelas ruas. Eu passava por lá, esta noite. É um grande acaso. Me detiveram por engano; sou inocente quanto a essa tempestade civil, vossa majestade vê que o marginal não me reconheceu. Conjuro vossa majestade...

— Cale a boca! — disse o rei entre dois goles de tisana. — Você nos estoura a cabeça.

Tristan-l'Hermite se adiantou e, apontando para Gringoire:

— Sire, podemos enforcar este também?

Era a primeira palavra que ele proferia.

— Pff! — fez negligentemente o rei. — Não vejo inconvenientes.

— Já eu vejo muitos! — disse Gringoire.

Nosso filósofo estava nesse momento mais verde do que uma azeitona. Viu pela cara fria e indiferente do rei que não tinha outro

recurso senão apelar para algo de patético, e se atirou aos pés de Luís XI exclamando com uma gesticulação desesperada:

— Sire, digne-se vossa majestade me ouvir! Sire, não troveje por tão pouca coisa como eu! O grande raio de Deus não bombardeia uma alface. Sire, o senhor é um augusto monarca poderoso: tenha piedade de um pobre homem honesto, que seria mais incapaz de atizar uma revolta do que uma pedra de gelo faiscar. Graciosíssimo sire, a complacência é uma virtude de leão e de rei. Ai, o rigor só aterroriza os espíritos; as lufadas impetuosas da brisa não seriam capazes de tirar o casaco do passante: o sol, lançando os seus raios pouco a pouco, o aquece de tal sorte que o fará ficar em mangas de camisa. Sire, o senhor é o sol. Eu lhe afianço, meu soberano amo e senhor, não sou um marginal, ladrão e depravado. A revolta e as bandidagens não fazem parte dos acessórios de Apolo. Não seria eu a me precipitar nessas nuvens que arrebetam em barulhos de sedições. Sou um fiel vassalo de vossa majestade. O mesmo apego que o marido tem pela honra da sua mulher, o mesmo reconhecimento que tem o filho pelo amor do seu pai, um bom vassalo deve ter pela glória do seu rei; ele deve se consumir zelando pela casa do seu amo, servindo-o cada vez melhor. Qualquer outra paixão que o arrebatasse não passaria de furor. Eis, sire, as minhas máximas de Estado. Logo não me julgue sedicioso e saqueador pela minha roupa puída nos cotovelos. Se o senhor me agraciara, sire, eu a gastaria nos joelhos pedindo a Deus, de noite e de manhã, pelo senhor. Ai, não sou muito rico, é verdade. Sou até um pouco pobre. Mas nem por isso pervertido. Não é culpa minha. Todos sabem que as grandes riquezas não se obtêm com as belas-letas e que os mais dedicados aos bons livros nem sempre têm um bom fogo no inverno. A advocacia fica sozinha com todo o grão e deixa apenas a palha para as outras profissões científicas. Há quarenta excelentes provérbios sobre o casaco furado dos filósofos. Oh, sire! A clemência é a única luz capaz de iluminar o interior de uma grande alma. A clemência carrega a chama à frente de todas as outras virtudes. Sem ela, são cegos que buscam Deus às escuras. A misericórdia, que é a mesma coisa que a clemência, gera o amor dos súditos, que é o mais poderoso corpo de guarda da pessoa do príncipe. Que importa ao senhor, majestade, que a todos deixa ofuscados, que haja um pobre homem a mais na terra? Um pobre e inocente filósofo, patinhando nas trevas da calamidade, com o bolso vazio que ressoa sobre o seu ventre inane? Aliás, sire, eu sou um letrado. Os grandes reis consideram uma pérola na sua coroa proteger as letras. Hércules não desprezava o título de Musageta.²⁹³ Matias Corvino²⁹⁴ apadrinhava Jean de Monroyal, ornamento das matemáticas. Ora, enforcar os letrados é péssima maneira de proteger as letras. Que mancha para Alexandre, se

ele mandasse enforcar Aristóteles! Não seria uma pequena pinta no rosto da sua reputação para embelezá-lo, mas uma feia úlcera a desfigurá-lo. Sire! Escrevi um oportuno epitalâmio para mademoiselle de Flandres e para o meu senhor, o mui augusto delfim. Isso não é um estopim de rebelião. Vossa majestade vê que não sou um mau aluno, que estudei excelentemente e que tenho muita eloquência natural. Faça-me mercê, sire. Fazendo-a, fará uma ação galante a Nossa Senhora, e eu lhe juro que estou apavorado diante da ideia de ser enforcado!

Assim falando, o desconsolado Gringoire beijava as pantufas do rei, e Guillaume Rym dizia baixinho a Coppenole:

— Ele faz bem em se arrastar pelo chão. Os reis são como o Júpiter de Creta: só têm ouvidos nos pés.

E, sem se preocupar com o Júpiter de Creta, o negociante de meias respondia com um pesado sorriso, os olhos fixos em Gringoire:

— Oh, que lindo isso! Parece que estou ouvindo o chanceler Hugonet me pedir mercê.

Quando por fim terminou, sem fôlego, Gringoire ergueu a cabeça tremendo para o rei, que raspava com a unha uma mancha que suas meias tinham no joelho; depois sua majestade pôs-se a beber do caneco de tisana. De resto, ele não dizia uma palavra, e esse silêncio torturava Gringoire. O rei por fim olhou para ele:

— Que tremendo chorão! — falou. Depois, virando-se para Tristan-l'Hermite: — Ora, solte-o!

Gringoire caiu de traseiro no chão, apavorado de alegria.

— Está livre! — grunhiu Tristan. — Vossa majestade quer que eu o retenha um pouco numa jaula?

— Compadre — replicou Luís XI —, acha que é para aves raras assim que mandamos fazer gaiolas de trezentas e sessenta e sete libras, oito *sous* e três *deniers*? Solte incontinentemente esse pândego — Luís XI tinha afeição por essa palavra, que fazia com Páscoa de Deus o fundo de sua jovialidade — e ponha-o para fora com um empurrão.

— Ufa! — exclamou Gringoire. — Este sim é um grande rei!

E com medo de uma contraordem, correu para a porta, que Tristan lhe abriu com muita má vontade. Os soldados saíram com ele empurrando-o com grandes socos, o que Gringoire suportou como verdadeiro filósofo estoico que era.

O bom humor do rei, desde que a revolta contra o bailio lhe fora anunciada, transparecia em tudo. Essa clemência inusitada não era um sinal à toa. Tristan-l'Hermite, em seu canto, tinha a cara amarrotada de um dogue que viu e não levou.

O rei, no entanto, tamborilava alegremente com os dedos no braço da cadeira a marcha de Pont-Audemer. Era um príncipe dissimulado,

mas que sabia esconder muito melhor suas dores do que suas alegrias. Essas manifestações externas de alegria diante de toda boa-nova às vezes iam longe: assim foi quando da morte de Carlos, o Temerário, a ponto de prometer balaustradas de prata à igreja de Saint-Martin-des-Tours; quando de sua ascensão ao trono, a ponto de esquecer de ordenar as exéquias de seu pai.

— Eh, sire! — exclamou de repente Jacques Coictier. — Que fim levou a crise aguda de doença devido à qual o senhor mandou me chamar?

— Oh! — fez o rei. — Eu de fato sofro muito, meu compadre. Tenho ouvido sibilante e ancinhos de fogo que raspam o meu peito.

Coictier pegou a mão do rei e pôs-se a tatear o pulso com uma expressão competente.

— Olhe, Coppenole — dizia Rym em voz baixa. — Ali está ele entre Coictier e Tristan. É toda a sua corte. Um médico para ele, um carrasco para os outros.

Tateando o pulso do rei, Coictier tinha um ar cada vez mais alarmado. Luís XI olhava para ele com certa ansiedade. Coictier ficava visivelmente mais sombrio. O bom homem não tinha outra renda além da má saúde do rei. Portanto, explorava-a o melhor que podia.

— Oh-oh! — murmurou enfim. — É grave mesmo.

— Não é? — fez o rei, inquieto.

— *Pulsus creber, anhelans, crepitans, irregularis*²⁹⁵ — continuou o médico.

— Páscoa de Deus!

— Em menos de três dias pode levar embora um homem.

— Nossa Senhora! — exclamou o rei. — E o remédio, compadre?

— Estou pensando, sire.

Pediu para Luís XI mostrar a língua, sacudiu a cabeça, fez uma careta e bem no meio dessas macaquices:

— Por Deus, sire — disse ele de repente —, devo lhe contar que há uma receita vacante das regalias e que tenho um sobrinho.

— Eu dou a minha receita ao seu sobrinho, compadre Jacques — respondeu o rei. — Mas tire esse fogo do meu peito.

— Já que vossa majestade é tão clemente — disse o médico —, não se recusará a me ajudar um pouco na construção da minha casa da Rue Saint-André-des-Arcs.

— Eh! — fez o rei.

— Estou a cabo das minhas finanças — prosseguiu o doutor —, e seria uma pena que a casa não tivesse telhado. Não por causa da casa, que é simples e bem burguesa, mas pelas pinturas de Jehan Fourbault, que alegram o lambri. Tem uma Diana parecendo voar, mas tão excelente, tão terna, tão delicada, de uma ação tão ingênua, a cabeça

tão bem penteada e coroadada com um crescente, a carne tão branca, que dá tentação aos que a olham com demasiada curiosidade. Há também uma Ceres. É mais uma bela divindade. Está sentada nuns feixes de trigo e tem na cabeça uma galante guirlanda de espigas, entrelaçadas com salsifis e flores. Não há nada mais amoroso do que os olhos dela, de mais redondo do que suas pernas, de mais nobre do que seu ar, de mais bem drapeado do que sua saia. É uma das belezas mais inocentes e mais perfeitas que o pincel já produziu.

— Carrasco! — resmungou Luís XI. — Onde quer chegar?

— Preciso de um telhado sobre essas pinturas, sire, e embora seja pouca coisa, não tenho mais dinheiro.

— Quanto é o seu telhado?

— Bom... um telhado de cobre historiado e dourado, duas mil libras no máximo.

— Ah! Assassino! — gritou o rei. — Não me arranca um dente sem querer um diamante!

— Tenho o meu telhado? — perguntou Coictier.

— Sim! E vá para o diabo, mas me cure.

Jacques Coictier se inclinou profundamente e disse:

— Sire, é um repercutivo que o salvará. Aplicaremos nas costas o grande defensivo, composto de cerato, bolo-armênio, clara de ovo, azeite e vinagre. O senhor continuará com a tisana e respondemos por vossa majestade.

Uma vela que brilha não atrai uma mutuca apenas. Mestre Olivier, ao ver o rei tão cheio de liberalidade e acreditando que o momento era propício, se aproximou por sua vez:

— Sire...

— O que é desta vez? — indagou Luís XI.

— Sire, vossa majestade sabe que o mestre Simon Radin morreu.

— E daí?

— É que ele era conselheiro do rei para a justiça do tesouro.

— E daí?

— Sire, o cargo está vacante.

Assim falando, a figura ativa de mestre Olivier havia trocado a expressão arrogante pela expressão baixa. É a única alteração que tem uma cara de cortesão. O rei encarou-o bem de frente e disse num tom seco:

— Entendo. — Prosseguiu: — Mestre Olivier, o marechal Boucicaut dizia: só há dom de rei, só há pescador no mar. Vejo que o senhor é da opinião de Boucicaut. Agora, ouça isto. Temos boa memória. Em 68, nós o fizemos criado da nossa câmara; em 69, guarda do bastião da Pont de Saint-Cloud, com cem libras *tournois* de rendimento (o senhor queria *parisis*). Em novembro de 73, por cartas dadas a Gergeaule, nós

o instituimos *concierge* do bosque de Vincennes, no lugar de Gilbert Acle, escudeiro; em 75, juiz da floresta de Rouvray-lez-Saint-Cloud, no lugar de Jacques Le Maire; em 78, nós lhe concedemos graciosamente, por cartas patentes seladas com duplo selo de cera verde, uma renda de dez libras *parisis*, para o senhor e sua mulher, na praça dos mercadores, sita na escola de Saint-Germain; em 79, nós o fizemos administrador da floresta de Senart, no lugar do pobre Jehan Daiz; depois capitão do castelo de Loches; depois governador de Saint-Quentin; depois capitão da Pont de Meulan, pelo que o senhor se fez chamar de conde. Dos cinco *sols* de multa que todo barbeiro paga em dia festivo, três são para o senhor, e nós ficamos com o resto. Bem que quisemos trocar seu nome de *o Mau*, que parecia demais com a sua cara. Em 74, nós lhe outorgamos, para grande desprazer da nossa nobreza, o brasão de mil cores que lhe fazem um peito de pavão. Páscoa de Deus, o senhor não estará bêbado? A pescaria já não é bastante boa e milagrosa? E não teme o senhor que um salmão a mais faça a sua canoa virar? O orgulho o perderá, meu compadre. O orgulho é sempre seguido pela ruína e a vergonha. Considere isso e cale-se.

Essas palavras, pronunciadas com severidade, fizeram a insolência voltar à fisionomia despeitada de mestre Olivier.

— Bom — ele murmurou quase em voz alta —, vê-se que o rei está doente hoje. Ele dá tudo ao médico.

Luís XI, longe de se irritar com essa afronta, prosseguiu com certa candura:

— Olhe, eu esquecia que o fiz meu embaixador em Gand junto a madame Marie. Sim, senhores — acrescentou o rei virando-se para os flamengos —, ele foi embaixador. Então, meu compadre — prosseguiu dirigindo-se a mestre Olivier —, não nos zanguemos, somos velhos amigos. Bem, já se faz tarde. Terminamos o nosso trabalho. Barbeie-me.

Nossos leitores sem dúvida não esperaram até aqui para reconhecer em mestre Olivier aquele Fígaro terrível que a Providência, essa grande fazedora de dramas, misturou tão artisticamente à longa e sangrenta comédia de Luís XI. Não é aqui que empreenderemos desenvolver essa figura singular. Esse barbeiro do rei tinha três nomes. Na corte, chamavam-no polidamente de Olivier, o Gamo; entre o povo, Olivier, o Diabo. Ele se chamava por seu verdadeiro nome, Olivier, o Mau.

Olivier, o Mau, ficou imóvel, portanto, fazendo birra para o rei e olhando para Jacques Coictier de través.

— Sim, sim, o médico! — dizia entre os dentes.

— Eh, sim, o médico! — replicou Luís XI com uma pachorra

singular. — O médico tem mais crédito do que você. É simples. Ele nos domina por todo o corpo, e você só pelo queixo. Vá, meu pobre barbeiro, tudo se arranjará. O que você diria e qual seria o seu cargo, se eu fosse um rei como Childerico, que tinha como gesto segurar a barba com a mão? Vamos, meu compadre, faça o seu ofício, me barbeie. Vá buscar o que precisa.

Vendo que o rei havia optado por rir e que não havia meio de irritá-lo, Olivier saiu resmungando para executar as ordens.

O rei se levantou, se aproximou da janela e, de repente, abrindo-a com uma agitação extraordinária:

— Oh, sim! — exclamou batendo palmas. — Uma vermelhidão no céu da Cité! É o bailio que pega fogo. Só pode ser isso. Ah, meu bom povo, você enfim me ajuda a derrubar as senhorias! — Então, voltando-se para os flamengos: — Senhores, venham ver isso. Não é um fogo que avermelha?

Os dois flamengos se aproximaram.

— Um grande fogo — disse Guillaume Rym.

— Ho! — acrescentou Coppenole, cujos olhos faiscaram de repente. — Isso me lembra a queima da casa do sr. de Hymbercourt. Deve haver uma grande revolta por lá.

— O senhor acha, mestre Coppenole?

E o olhar de Luís XI era quase tão alegre quanto o do meieiro. Não é verdade que será difícil resistir a ela?

— Cruz de Deus, sire! Vossa majestade destroçará ali várias companhias de homens de guerra.

— Ah! Eu! É diferente — retorquiu o rei. — Se eu quisesse...

O meieiro respondeu com ousadia:

— Se essa revolta é o que suponho, não adiantaria nada o senhor querer, sire.

— Compadre — disse Luís XI —, com duas companhias da minha ordenança e uns tiros de serpentina, levamos facilmente a melhor sobre um populacho de vassalos.

O negociante de meias, apesar dos sinais que Guillaume Rym lhe fazia, parecia determinado a enfrentar o rei:

— Sire, os suíços também eram vassalos, o senhor duque de Borgonha era um grande fidalgo e desprezava essa canalha. Na batalha de Grandson, sire, ele gritava: gente dos canhões, fogo nesses vilões! E imprecava por são Jorge. Mas o magistrado Scharnackthal se lançou sobre o belo duque com a sua clava e o seu povo e, no encontro com os campônios, o luzidio exército borguinhão, com as suas peles de búfalo e tudo, se arreventou como uma vidraça ao choque de uma pedra. Muitos cavaleiros foram mortos por vagabundos; e encontraram o sr. de Château-Guyon, o maior senhor

da Borgonha, morto com o seu enorme cavalo ruço num pequeno prado do charco.

— Amigo — replicou o rei —, o senhor fala de uma batalha. Aqui se trata de uma rebelião. E eu a liquidarei quando me aprouver franzir o cenho.

O outro replicou com indiferença:

— Pode ser, sire. Nesse caso, é que a hora do povo não soou.

Guillaume Rym achou-se no dever de intervir:

— Mestre Coppenole, o senhor está falando com um poderoso rei.

— Eu sei — respondeu gravemente o meheiro.

— Deixe-o falar, sr. Rym, meu amigo — disse o rei. — Gosto dessa franqueza. O meu pai, Carlos VII, dizia que a verdade era doente. Já eu creio que ela estava morta e que não havia encontrado confessor. *Messire* Coppenole mostra que eu me enganava. — E, pousando familiarmente a mão no ombro de Coppenole: — O senhor dizia, mestre Jacques...

— Eu digo, sire, que o senhor talvez tenha razão, que a hora do povo não soou no seu reino.

Luís XI fitou-o com seu olhar penetrante.

— E quando virá essa hora, mestre?

— O senhor ouvirá quando ela soar.

— Em que relógio, por favor?

Coppenole, com sua postura tranquila e rústica, fez o rei se aproximar da janela.

— Escute, sire, aqui onde estamos há um torreão, um campanário, canhões, burgueses, soldados. Quando o campanário soar, quando os canhões roncarem, quando o torreão for abaixo com uma barulheira tremenda, quando burgueses e soldados urrarem e se matarem, é a hora que soará.

O rosto de Luís XI se tornou sombrio e sonhador. Ficou um instante em silêncio, depois deu uns tapinhas suaves na espessa muralha do torreão, como se acariciasse a anca de um cavalo.

— Oh, não! — disse. — Não é que você não virá abaixo tão facilmente assim, minha boa Bastilha? — E, virando-se com um gesto brusco para o ousado flamengo: — O senhor já viu uma revolta, mestre Jacques?

— Já fiz uma — disse o meheiro.

— Como faz o senhor para realizar uma revolta? — indagou o rei.

— Ah — respondeu Coppenole —, não é difícil. Há várias formas. Primeiro as pessoas da cidade têm que estar descontentes. Não é coisa rara. Depois, há o caráter dos habitantes. Os de Gand são dados à revolta. Eles sempre amam o filho do príncipe, o príncipe nunca. Pois bem, uma manhã, digamos, entram na minha loja e me dizem: sr.

Coppenole, é isto, é aquilo, a *damoiselle* de Flandres quer salvar os seus ministros, o grão-bailio dobra o pedágio sobre os legumes, ou algo assim. Qualquer coisa. Eu largo o trabalho, saio da minha loja, vou para a rua e grito: ao saque! Sempre tem por ali um tonel arreventado. Subo nele e digo em voz alta as primeiras palavras que me ocorrem, o que tenho no coração; e quando se é do povo, sire, sempre se tem algo no coração. Então as pessoas se aglomeram, gritam, tocam o sino a rebate, armam os moradores com o desarmamento dos soldados, a gente do mercado se junta a elas e avante! Sempre será assim enquanto houver senhores nas senhorias, burgueses nos burgos e camponeses no campo.

— E contra quem vocês se rebelam assim? — perguntou o rei. — Contra os seus bailios? Contra os seus senhores?

— Às vezes, depende. Contra o duque também, às vezes.

Luís XI foi se sentar e disse com um sorriso:

— Ah, aqui eles ainda se voltam apenas contra os bailios!

Nesse instante, Olivier, o Gamo, entrou no cômodo. Vinha seguido de dois pajens que traziam as roupas do rei; mas o que chamou a atenção de Luís XI é que ele estava, além disso, acompanhado do preboste de Paris e do cavaleiro da ronda, os quais pareciam consternados. O rancoroso barbeiro também estava com um ar consternado, mas contente por baixo deste. Foi ele que tomou a palavra:

— Sire, peço perdão a vossa majestade pela calamitosa notícia que trago a ela.

O rei, virando-se vivamente, esfolou a esteira do chão com os pés da sua cadeira:

— De que se trata?

— Sire — prosseguiu Olivier, o Gamo, com a cara malvada de um homem que se rejubila por ter um choque violento a anunciar —, não é contra o bailio do Palácio que se volta essa sedição popular.

— Contra quem, então?

— Contra o senhor, sire.

O velho rei se levantou e, ereto como um rapazola:

— Explique-se, Olivier, explique-se! E segure bem a sua cabeça, meu compadre, porque eu juro pela cruz de Saint-Lo que, se você estiver mentindo, a espada que cortou o pescoço do sr. de Luxemburgo não está tão embotada que não possa cortar o seu!

O juramento era formidável. Luís XI só havia jurado duas vezes na vida pela cruz de Saint-Lo. Olivier abriu a boca para responder:

— Sire...

— Ponha-se de joelhos! — interrompeu o rei com violência. — Tristan, vigie este homem!

Olivier se pôs de joelhos e disse friamente:

— Sire, uma feiticeira foi condenada à morte pelo vosso tribunal do Parlamento. Ela se refugiou em Notre-Dame. O povo quer pegá-la viva à força. O senhor preboste e o senhor cavaleiro da ronda, que vêm da rebelião, estão aqui para me desmentir se não for verdade. É Notre-Dame que o povo assedia.

— Cáspite! — disse o rei em voz baixa, pálido e trêmulo de cólera. — Notre-Dame! Eles assediam a catedral de Notre-Dame, minha boa ama! Levante-se, Olivier. Você tem razão. Eu lhe dou o cargo de Simon Radin. Você tem razão. É a mim que atacam. A feiticeira está sob a salvaguarda da igreja. E eu que acreditava que se tratava do bailio! É contra mim!

Então, rejuvenescido pelo furor, ele se pôs a andar a passos largos. Não ria mais, era terrível, ia e vinha; a raposa se transformara em hiena. Parecia sufocado a ponto de não poder falar; seus lábios se moviam e seus punhos descarnados se crispavam. De repente ele ergueu de novo a cabeça, seus olhos cavos pareceram cheios de luz e sua voz troou como um clarim:

— Mão de ferro, Tristan! Mão de ferro contra esses safados! Vá, Tristan, meu amigo! Mate! Mate!

Passada essa erupção, voltou a sentar-se e disse com uma raiva fria e concentrada:

— Aqui, Tristan! Há perto de nós, nesta bastilha, as cinquenta lanças do visconde de Gif, o que faz trezentos cavalos: disponha delas. Há também a companhia dos arqueiros da nossa tropa do sr. de Châteaupers: disponha dela. O senhor é preboste dos marechais,²⁹⁶ tem a gente do seu prebostado: disponha dela. No Hôtel Saint-Pol, encontrará quarenta arqueiros da nova guarda do senhor delfim: disponha deles. E além disso o senhor vai correr a Notre-Dame. Ah, senhores moradores de Paris, vocês se lançam contra a Coroa da França, contra a santidade de Notre-Dame e a paz desta república! Extermine, Tristan! Extermine! E que não escape nenhum, a não ser para ir para Montfaucon.²⁹⁷

Tristan se inclinou:

— Está bem, sire. — E acrescentou depois de um silêncio: — E o que farei da feiticeira?

— Ah, a feiticeira! — disse ele. — Sr. d'Estouteville, o que o povo queria fazer com ela?

— Sire — respondeu o preboste de Paris —, imagino que, como o povo quer tirá-la do seu asilo de Notre-Dame, é que essa impunidade o ofende e ele quer enforcá-la.

O rei pareceu refletir profundamente; depois, dirigindo-se a Tristan-l'Hermite:

— Pois bem, meu compadre, extermine o povo e enforque a feiticeira.

— É isso — disse baixinho Rym a Coppenole —, punir o povo por querer fazer o que ele quer.

— Entendido, sire — respondeu Tristan. — Se a feiticeira ainda estiver em Notre-Dame, devo pegá-la apesar do asilo?

— Páscoa de Deus, o asilo! — fez o rei coçando a orelha. — Apesar dele, essa mulher tem que ser enforcada.

Aqui, como que tomado por uma ideia súbita, ele se pôs de joelhos diante da sua cadeira, tirou o chapéu, pousou-o no assento e, olhando devotamente para um dos amuletos de chumbo que usava:

— Oh, Nossa Senhora de Paris, minha graciosa padroeira, perdoe-me! — disse. — Só farei isso desta vez. Tenho que punir essa criminosa. Asseguro-lhe, senhora Virgem, minha boa ama, que é uma feiticeira que não é digna da vossa amável proteção. A senhora sabe, senhora, que muitos príncipes piedosíssimos passaram por cima do privilégio das igrejas pela glória de Deus e pela necessidade do Estado. São Hugo, bispo da Inglaterra, permitiu que o rei Eduardo capturasse um mago na sua igreja. São Luís da França, meu amo, transgrediu pelo mesmo motivo a igreja do senhor são Paulo; e o sr. Afonso, filho do rei de Jerusalém, a própria igreja do Santo Sepulcro. Perdoe-me então por esta vez, Nossa Senhora de Paris. Não farei mais isso, e lhe darei uma bela estátua de prata, igual à que dei no ano passado a Nossa Senhora de Écouys. Amém. — Fez o sinal da cruz, se levantou, pôs o chapéu e disse a Tristan: — Seja diligente, meu compadre; leve o sr. de Châteaupers consigo. Mande tocar a rebate. Esmague o populacho. Enforque a feiticeira. Tenho dito. E entendo que a aplicação da execução seja feita pelo senhor. Venha me prestar contas. Olivier, não vou me deitar esta noite. Ande, venha me barbear.

Tristan-l'Hermite se inclinou e saiu. Então o rei, despedindo-se com um gesto Rym e Coppenole:

— Deus os guarde, senhores flamengos, meus bons amigos. Vão descansar um pouco. A noite avança e estamos mais próximos da manhã do que do anoitecer.

Os dois se retiraram e, chegando a seus aposentos sob a guia do capitão da Bastilha, Coppenole dizia a Guillaume Rym:

— Hum, chega desse rei que tosse! Vi Carlos de Borgonha bêbado; era menos mau do que Luís XI doente.

— Mestre Jacques — respondeu Rym —, é que para os reis o vinho é menos cruel do que as tisanas.

284. Cerca de vinte metros quadrados.
285. Cerca de 3,35 metros por 3,65 metros.
286. Trata-se do romance *à clef* de Madeleine e Georges Scudéry *Artamène ou le Grand Cyrus*, publicado entre 1649 e 1653.
287. “Sem criado de mesa, sem escanção.”
288. Encarregado do pão do rei.
289. Em 1469, Jean Balue, cardeal de Angers, foi preso em Montbazon por traição. (N. E.)
290. Aqui, antiga província situada no sudoeste da França, cuja capital era Bordeaux.
291. Gules: vermelho vivo.
292. Medida de comprimento. Varia conforme a região, mas, em geral, equivale a três palmos. (N. E.)
293. Guia das musas: alcunha de Apolo e de Hércules.
294. Rei da Hungria no século XV.
295. “Pulso acelerado, anelante, crepitante, irregular.”
296. Oficial cuja função era garantir a ordem pública dando batidas nos campos dos arredores; também se encarregava de processar vagabundos, gente sem domicílio fixo, sem senhor etc.
297. Isto é, para a força.

ESPADIM A PASSEIO

Ao sair da Bastilha, Gringoire desceu a Rue Saint-Antoine à velocidade de um cavalo fugido. Chegando à Porte Baudoyer, foi direto até a cruz de pedra que se erguia no meio dessa praça, como se fosse capaz de distinguir na escuridão a figura de um homem vestido e encapuzado de preto, que estava sentado nos degraus da cruz.

— É o senhor, mestre? — perguntou Gringoire.

O personagem de preto se levantou.

— Morte e paixão! O senhor me deixa louco, Gringoire. O homem que está na torre de Saint-Gervais acaba de gritar uma hora e meia da manhã.

— Oh! — replicou Gringoire. — Não é culpa minha, mas da ronda e do rei. Acabo de escapar por um triz! Mais uma vez, faltou pouco para eu ser enforcado. É a minha predestinação.

— Sempre lhe falta pouco — disse o outro. — Mas vamos depressa. Sabe a senha?

— Imagine, mestre, que vi o rei. Estou vindo de lá. Ele tem uma calça de fustão. É uma aventura.

— Oh, almôndega de palavras! Que me importa a sua aventura? Sabe a senha dos marginais?

— Sei. Fique tranquilo. *Espadim a passeio*.

— Ótimo. Senão, não poderíamos penetrar na igreja. Os marginais barram as ruas. Felizmente, parece que eles encontraram resistência. Talvez ainda cheguemos a tempo.

— Sim, mestre. Mas como entraremos em Notre-Dame?

— Tenho a chave das torres.

— E como sairemos?

— Nos fundos do claustro há uma portinha que dá para o Terreno e, daí, para o rio. Peguei a chave e amarrei lá uma canoa, esta manhã.

— Faltou bem pouquinho para eu ser enforcado! — repetiu Gringoire.

— Ande, depressa! — disse o outro.

Os dois desceram a passos largos em direção à Cité.

CHÂTEAUPERS EM SOCORRO!

O leitor talvez se lembre da situação crítica em que deixamos Quasímodo. O corajoso surdo, assaltado de toda parte, havia perdido, se não toda a coragem, pelo menos toda esperança de salvar, não ele (não pensava em si), mas a egípcia. Ele corria alarmado pela galeria. Notre-Dame ia ser tomada pelos marginais. De repente, um grande galope de cavalos enche as ruas vizinhas e com uma longa fila de tochas e uma densa coluna de cavaleiros, lanças abaixadas e rédeas soltas, esses barulhos furiosos desembocaram na praça como um furacão: França! França! Abatam os vilões! Châteaupers em socorro! Prebostado! Prebostado!

Os marginais, apavorados, se viraram.

Quasímodo, que não ouvia, viu as espadas nuas, as tochas, o ferro das lanças, toda aquela cavalaria à frente da qual reconheceu o capitão Phoebus; viu a confusão dos marginais, o pavor em alguns, a confusão entre os melhores, e recuperou com esse socorro inesperado tanta força que jogou da igreja os primeiros assediadores que já subiam na galeria.

De fato, eram as tropas do rei que sobreviviam.

Os marginais demonstraram bravura. Defenderam-se qual desesperados. Surpreendidos no flanco, pela Rue Saint-Pierre-aux-Boeufs, e na retaguarda, pela Rue du Parvis, encurralados contra Notre-Dame, que ainda tentavam tomar de assalto e que Quasímodo defendia, sitiados e sitiadores ao mesmo tempo, estavam na singular situação em que se encontrou mais tarde, no famoso cerco de Turim de 1640, entre o príncipe Tomás de Savoia, que sitiava, e o marquês de Leganez que o bloqueava, o conde Henri d'Harcourt, *Taurinum obsessor idem et obsessus*,²⁹⁸ como diz seu epitáfio.

A refrega foi pavorosa. A carne de lobo, dente de cão, como diz P. Mathieu. Os cavaleiros do rei, em meio aos quais Phoebus de Châteaupers, se comportavam valorosamente, não davam a menor

trégua, e o gume cuidava de quem escapava à ponta. Os marginais, mal armados, espumavam e mordiam. Homens, mulheres, crianças se atiravam nas ancas e nos peitorais dos cavalos e se agarravam neles como gatos com os dentes e as unhas dos quatro membros. Outros carimbavam com as tochas a cara dos arqueiros. Outros enfiavam ganchos de ferro no pescoço dos cavaleiros e os puxavam para si. Dilaceravam os que caíam. Viu-se um que tinha uma grande foice luzidia, que ceifou por um bom tempo as patas dos cavalos. Era pavoroso. Ele cantava uma canção anasalada, arrojava e puxava sua foice. A cada golpe, traçava ao seu redor um grande círculo de membros cortados. Avançava assim até a parte mais densa da cavalaria, com a lentidão tranquila, o balanço da cabeça e a respiração regular de um ceifador que sega um campo de trigo. Era Clopin Trouillefou. Um arcabuzado o abateu.

Enquanto isso, as janelas eram abertas. Os vizinhos, ao ouvirem os gritos de guerra da gente do rei, tinham se envolvido na refrega e de todos os andares as balas choviam sobre os marginais. O adro estava cheio de uma fumaça espessa que os disparos de mosquetão raiavam de fogo. Distinguia-se confusamente a fachada de Notre-Dame, e o Hôtel-Dieu decrépito, com alguns doentes macilentos que espiavam do alto de seu telhado escamado de lucarnas.

Enfim os marginais cederam. A lassidão, a falta de boas armas, o pavor dessa surpresa, o disparo das janelas, o corajoso embate da gente do rei, tudo os abateu. Eles forçaram a linha dos atacantes e saíram fugindo em todas as direções, deixando no adro um atravancamento de mortos.

Quando Quasímodo, que não havia cessado um só momento de combater, viu aquela debandada, caiu de joelhos e ergueu as mãos para o céu, depois, ébrio de alegria, correu, subiu com a velocidade de um passarinho até aquela cela que havia defendido com tanta intrepidez. Só tinha um pensamento agora, era se ajoelhar diante daquela que ele acabava de salvar pela segunda vez.

Quando entrou na cela, encontrou-a vazia.

LIVRO XI

O SAPATINHO

No momento em que os marginais haviam dado assalto à igreja, Esmeralda dormia.

Logo o rumor crescente em torno do edifício e o balido inquieto de sua cabra que acordara antes dela a tinham tirado desse sono. Ela sentara, ouvira, olhara; depois, apavorada com a luminosidade e com o barulho, tinha se precipitado para fora da cela e ido ver. O aspecto da praça, a visão que aí se agitava, a desordem desse ataque noturno, aquela multidão horrenda, saltitante como uma nuvem de rãs, vagamente entrevista nas trevas, o coaxar dessa rouca multidão, aquelas tochas vermelhas correndo e se cruzando nessa sombra como os fogos noturnos que riscam a superfície brumosa dos pântanos, toda essa cena lhe causou o efeito de uma misteriosa batalha travada entre os fantasmas do sabá e os monstros de pedra da igreja. Imbuída desde a infância das superstições da tribo boêmia, seu primeiro pensamento foi que ela havia surpreendido em malefício os estranhos seres da noite. Então saiu correndo assustada para se esconder em sua cela, pedindo a seu catre um pesadelo menos horrível.

No entanto, as primeiras fumaças do medo pouco a pouco se dissiparam; diante do barulho que aumentava sem parar e de vários outros sinais de realidade, ela se sentira atacada, não por espectros, mas por seres humanos. Então seu medo, sem aumentar, tinha se transformado. Ela havia pensado na possibilidade de uma revolta popular para tirá-la de seu asilo. A ideia de perder mais uma vez a vida, a esperança, Phoebus, que ela sempre entrevia em seu futuro, o profundo nada de sua fraqueza, toda e qualquer fuga impedida, nenhum apoio, seu abandono, seu isolamento, esses pensamentos e mil outros a prostraram. Ela caíra de joelhos, a cabeça na cama, as mãos juntas sobre a cabeça, cheia de ansiedade e estremecimento, e apesar de egípcia, idólatra e pagã, ela se pusera a pedir com soluços piedade ao bom Deus cristão e a orar a Nossa Senhora, sua anfitriã.

Porque, mesmo quando a gente não crê em nada, há momentos na vida em que a gente é sempre da religião do templo que tem à mão.

Ficou assim prosternada por muito tempo, tremendo, na verdade, mais do que orando, gelada ao bafo cada vez mais próximo daquela multidão furiosa, não entendendo nada daquele furor, ignorando o que aquela gente tramava, o que fazia, o que queria, mas pressentindo um desenlace terrível.

Eis que em meio a essa angústia, ela ouve passos perto de si. Vira-se. Dois homens, um dos quais trazia uma lanterna, acabavam de entrar na cela. Soltou um grito débil.

— Não tema nada — disse uma voz que não lhe era desconhecida. — Sou eu.

— Eu quem? — perguntou.

— Pierre Gringoire.

Esse nome a tranquilizou. Ela ergueu os olhos e reconheceu, de fato, o poeta. Mas havia com ele uma figura negra e velada da cabeça aos pés que a fez calar.

— Ah — prosseguiu Gringoire num tom recriminatório —, a Djali me reconheceu antes da senhora!

De fato, a cabrinha não havia esperado que Gringoire dissesse seu nome. Mal ele entrara, ela se esfregara ternamente em seus joelhos, cobrindo o poeta de carícias e de pelos brancos, porque estava na muda. Gringoire retribuía as carícias.

— Quem está aí com o senhor? — indagou a egípcia em voz baixa.

— Fique tranquila — respondeu Gringoire. — É um dos meus amigos.

Então o filósofo, pousando a lanterna no chão, agachou-se no piso de pedra e exclamou com entusiasmo, apertando Djali nos braços:

— Oh, é um bicho gracioso, sem dúvida mais considerável pela sua limpeza do que pela sua grandeza, mas engenhosa, sutil e letrada como um gramático! Vejamos, Djali, você não esqueceu nada dos bons tempos? Como faz o mestre Jacques Charmolue?

O homem de preto não o deixou terminar. Aproximou-se de Gringoire e empurrou-o rudemente pelo ombro. Gringoire se levantou.

— É verdade — disse —, esquecia que temos pressa. Não é uma razão, porém, meu mestre, para forçar as pessoas desse jeito. Minha bela criança, a sua vida está em perigo, bem como a da Djali. Querem enforcá-la de novo. Somos seus amigos e viemos salvá-la. Siga-nos.

— É verdade? — perguntou Esmeralda, consternada.

— Sim, a pura verdade. Venha depressa!

— Está bem — ela balbuciou. — Mas por que seu amigo não fala?

— Ah! — fez Gringoire. — É que o pai e a mãe dele eram pessoas bizarras que o fizeram de temperamento taciturno.

Ela teve de se contentar com essa explicação. Gringoire pegou-a pela mão; seu companheiro apanhou a lanterna e foi à frente. O medo deixava tonta a moça. Deixou-se levar. A cabra os seguia saltitando, tão feliz por rever Gringoire que o fazia tropeçar a todo instante por lhe enfiar os chifres entre as pernas.

— A vida é assim — dizia o filósofo cada vez que quase caía —, muitas vezes são os nossos melhores amigos que nos fazem ir ao chão.

Desceram rapidamente a escada das torres, atravessaram a igreja, envolta em trevas e solidão e ecoando a barulheira, o que fazia um tremendo contraste, e saíram no pátio do claustro pela porta vermelha. O claustro estava abandonado, os cônegos haviam fugido para o bispado a fim de rezar em comum; o pátio estava vazio, alguns lacaios apavorados se encolhiam em seus cantos escuros. Dirigiram-se para a portinha que dava desse pátio para o Terreno. O homem de preto abriu com uma chave que trazia consigo. Nossos leitores sabem que o Terreno é uma língua de terra cercada por muros, do lado da Cité, e pertencente ao capítulo de Notre-Dame, que terminava a ilha a oriente, atrás da igreja. Encontraram esse recinto totalmente deserto. Lá, já havia menos tumulto no ar. O rumor do assalto dos marginais lhes chegava mais confuso e menos estridente. O vento fresco que segue a corrente do rio movia as folhas da única árvore plantada na ponta do Terreno com um ruído já apreciável. Mas eles ainda estavam bem perto do perigo. Os edifícios mais próximos eram o bispado e a igreja. Havia visivelmente uma grande barafunda no interior do bispado. Sua massa tenebrosa era toda percorrida por luzes que corriam de uma janela a outra; como, quando se acaba de queimar papel, sobra um escuro edifício de cinzas onde vivas faíscas fazem mil corridas esquisitas. Ao lado, as enormes torres de Notre-Dame, assim vistas de trás com a comprida nave sobre a qual se erguem, recortadas em negro contra o clarão vermelho e vasto que enchia o adro, pareciam os dois gigantescos trasfogueiros de uma lareira de ciclospes.

O que se via de Paris de todos os lados oscilava ao olhar numa sombra mesclada de luz. Rembrandt tem esses fundos de quadro.

O homem da lanterna foi direto para a ponta do Terreno. Havia ali, na beira extrema da água, o resto carcomido de uma cerca de estacas ripadas, onde uma vinha baixa prendia alguns magros galhos estendidos como os dedos de uma mão aberta. Atrás, na sombra que essa treliça fazia, estava escondida uma pequena canoa. O homem fez a Gringoire e à companheira deste sinal para que entrassem nela. A cabra os seguiu. O homem foi o último a entrar; depois cortou a amarra da canoa, afastou-a da terra com um gancho comprido, sentou-se na frente remando com todas as suas forças rumo ao largo. O Sena é bem rápido nesse ponto e ele teve bastante dificuldade para se

afastar da ponta da ilha.

O primeiro cuidado de Gringoire ao entrar na canoa foi pôr a cabra no colo. Sentou-se atrás, e a moça, a quem o desconhecido inspirava uma inquietude indefinível, foi se sentar colando-se ao poeta.

Quando nosso filósofo sentiu a canoa se mover, bateu palmas e beijou Djali entre os chifres.

— Oh, nós quatro estamos a salvo! — disse, e acrescentou com uma cara de pensador profundo: — Somos gratos às vezes à sorte, às vezes à astúcia, pelo desenlace feliz das grandes empreitadas.

A canoa vogava lentamente para a margem direita. A moça observava com um terror secreto o desconhecido, que tapara com cuidado a luz de sua lanterna. Ela o entrevia na escuridão, na proa da canoa, como um espectro. Sua carapuça, sempre baixada, lhe fazia uma espécie de máscara; e cada vez que, ao remar, ele entreabria os braços de que pendiam largas mangas negras, como que as duas grandes asas de um morcego. De resto, ele ainda não tinha dito uma só palavra, soltado uma só bufada. Não havia na canoa outro barulho que não o vaivém do remo, misturado ao marulhar das mil pregas da água ao longo da embarcação.

— Pela minh'alma! — exclamou de repente Gringoire. — Estamos entusiasmados e alegres como borboletas! Observamos um silêncio de pitagóricos ou de peixes! Páscoa de Deus, meus amigos, eu bem que gostaria que alguém falasse comigo! A voz humana é uma música no ouvido humano. Não sou eu quem diz isso, mas Dídimo de Alexandria, e são palavras ilustres. Claro, Dídimo de Alexandria não é um filósofo qualquer... Uma palavra, minha bela criança! Diga-me, eu lhe suplico, uma palavra. Aliás, a senhora faz um pequeno muxoxo bem singular; sempre faz assim? Sabe, minha amiga, que o Parlamento tem toda jurisdição sobre os locais de asilo e que a senhora corria grande perigo no seu quartinho de Notre-Dame? Lamentavelmente, o pequeno passarinho *trochylus* faz o seu ninho na bocarra do crocodilo... Mestre, olhe, a lua reaparece. Tomara que não nos avistem. Fazemos uma coisa louvável salvando mademoiselle, e no entanto nos enforcariam, por ordem do rei, se nos pegassem. Infelizmente as ações humanas são pegadas por duas alças. Condenam em mim o que coroam em ti. Um admira César, que critica Catilina. Não é verdade, mestre? O que diz dessa filosofia? Eu possuo a filosofia instintivamente, por natureza, *ut apes geometriam*.²⁹⁹ Vamos! Ninguém me responde! Que péssimo humor vocês dois têm! Vou ter que falar sozinho. É o que, na tragédia, chamamos de monólogo. Páscoa de Deus! Aviso aos dois que acabo de ver o rei Luís XI e que retive dele essa imprecação. Páscoa de Deus, portanto! Eles sempre fazem uma tremenda gritaria na Cité! É um velho rei maldoso. Ele se enrola todo em peles. Continua a me dever o

dinheiro do meu epitalâmio, e por pouco não me fez enforcar esta noite, o que me atrapalharia muito a vida. Ele é avarento com os homens de mérito. Deveria ler os quatro livros de Salviano de Colônia, *Adversus avariciam*.³⁰⁰ É mesmo um rei estreito no seu trato com a gente de letras e que comete crueldades bárbaras. É uma esponja para sugar o dinheiro do povo. A sua poupança é o baço doente que se incha com a magreza de todos os outros membros. Assim, as queixas contra o rigor da época se tornam murmúrios contra o príncipe. No reinado desse doce sire devoto as forcas racham, de tantos enforcados, o cepo do patíbulo apodrece, de tanto sangue, as prisões estouram como ventres cheios demais. Esse rei tem uma mão que pega e uma mão que enforca. É o procurador da dama Gabela³⁰¹ e do sr. Cadafalso. Os graúdos são despojados das suas dignidades e os pequenos são incessantemente esmagados por novos gravames. É um príncipe exorbitante. Não gosto desse monarca. E o senhor, meu mestre?

O homem de preto deixava o poeta tagarela glosar. Continuava a lutar contra a correnteza violenta e densa que separa a proa da Cité da popa da ilha de Notre-Dame, que hoje chamamos de Île Saint-Louis.

— Aliás, mestre — prosseguiu Gringoire de súbito —, no momento em que chegávamos ao adro passando pelos furiosos marginais, vossa reverência percebeu aquele pequeno diabo cujo miolo o vosso surdo estava arrebetando no patamar da galeria dos reis? Tenho vista ruim e não pude reconhecê-lo. Sabe quem pode ser?

O desconhecido não respondeu uma palavra. Mas parou bruscamente de remar, seus braços fraquejaram como se quebrados, sua cabeça caiu sobre o peito, e Esmeralda ouviu-o suspirar convulsivamente. Ela estremeceu por sua vez. Já tinha ouvido aquele gênero de suspiros.

A canoa abandonada a si mesma derivou por alguns instantes ao sabor da correnteza. Mas o homem de preto se endireitou enfim, pegou os remos e pôs-se a subir novamente a corrente. Dobrou a ponta da ilha de Notre-Dame e se dirigiu para o desembarcadouro do porto do feno.

— Ah! — disse Gringoire. — Olhem ali o Logis Barbeau. Olhe, mestre, olhe: aquele grupo de tetos negros que fazem ângulos singulares, ali, abaixo daquele monte de nuvens baixas, esfiapadas, borradas e sujas, onde a lua está toda achatada e espalhada como uma gema de ovo cuja casca está quebrada. É uma bela residência. Tem uma capela coroada por uma pequena abóbada cheia de ricos ornamentos bem cortados. Acima, o senhor pode ver o campanário com os seus delicados vãos. Há também um jardim agradável, que consiste num laguinho, um viveiro de aves, um eco, uma quadra de

jogo da choca,³⁰² um labirinto, uma casa para os animais ferozes e uma enorme quantidade de aleias frondosas agradabilíssimas a Vênus. Há também um pé de árvore que chamam de *o luxurioso*, por ter servido aos prazeres de uma princesa famosa e de um condestável da França galante e espirituoso. Infelizmente nós, pobres filósofos, estamos para um condestável assim como um canteiro de repolhos e rabanetes está para o jardim do Louvre. Mas, afinal, não tem importância! A vida humana, tanto para os grandes como para nós, é uma mistura do bem e do mal. A dor está sempre junto da alegria; o espondeu, do dátilo.³⁰³ Meu mestre, preciso lhe contar essa história do Logis Barbeau. Acaba de forma trágica. Era em 1319, no reinado de Filipe V, o mais longo dos reis da França. A moral da história é que as tentações da carne são perniciosas e malignas. Não fixemos muito o olhar na mulher do vizinho, por mais suscetíveis que os nossos sentidos sejam à sua beleza. A fornicção é um pensamento bastante libertino. O adultério é uma curiosidade da volúpia alheia... Ohê, a barulheira está aumentando por lá!

De fato, o tumulto aumentava em torno de Notre-Dame. Eles apuraram os ouvidos. Ouviam-se bem claramente gritos de vitória. De repente, vários archotes que faziam os capacetes dos homens de armas cintilar se espalharam pela igreja em todas as alturas, nas torres, nas galerias, nos arcobotantes. Os archotes pareciam buscar alguma coisa; e logo clamores distantes chegaram distintamente aos fugitivos:

— A egípcia! A feiticeira! Morte à egípcia!

A infeliz deixou sua cabeça cair nas mãos, e o desconhecido se pôs a remar furiosamente para a margem. Enquanto isso, nosso filósofo refletia. Apertava a cabra nos braços e se afastava aos poucos da boêmia, que se colava cada vez mais nele, como se fosse o único asilo que lhe restasse.

É certo que Gringoire estava numa cruel perplexidade. Ele sonhava que a cabra também, “de acordo com a legislação existente”, seria enforcada se fosse recapturada; que isso seria uma enorme lástima, pobre Djali! Dois condenados, tão próximos dele assim, era demais; que, enfim, tudo o que seu companheiro queria era se encarregar da egípcia. Travava-se entre seus pensamentos um violento combate, no qual, como o Júpiter da *Ilíada*, pesava sucessivamente a egípcia e a cabra; ele olhava para uma e depois para a outra, com olhos úmidos de lágrimas, dizendo entre os dentes:

— Mas não posso salvar as duas.

Um grande sacolejo avisou-lhes enfim que a canoa abordava. O bruaá sinistro continuava enchendo a Cité. O desconhecido se levantou, veio até a egípcia e quis pegá-la pelo braço para ajudá-la a descer. Ela o repeliu e se agarrou à manga de Gringoire, que, por sua

vez, ocupado com a cabra, quase a repeliu. Então ela saltou sozinha da canoa. Estava tão perturbada que não sabia o que fazia, aonde ia. Ficou assim, por um momento, estupefata, vendo a água correr. Quando voltou um pouco a si, estava sozinha no porto com o desconhecido. Parece que Gringoire havia aproveitado do instante do desembarque para se esquivar com a cabra até o quarteirão da Rue Grenier-sur-l'Eau.

A pobre egípcia se arrepiou ao se ver a sós com aquele homem. Quis falar, gritar, chamar Gringoire; sua lágrima estava inerte na boca, e nenhum som lhe saiu dos lábios. De repente, sentiu a mão do desconhecido na dela. Era uma mão fria e forte. Seus dentes chocalharam, ela se tornou mais pálida do que o raio de lua que a clareava. O homem não disse uma palavra. Pôs-se a subir a passos largos rumo à Place de Grève, segurando-a pela mão. Nesse instante, ela sentiu vagamente que o destino é uma força irresistível. Não tinha mais energia, deixou-se levar, correndo enquanto ele andava. O cais nesse lugar era em aclave. Parecia-lhe, porém, que ela descia uma ladeira.

Ela olhou para todos os lados. Nenhum passante. O cais estava absolutamente deserto. Não ouvia um barulho, sentia os homens se movimentarem apenas na Cité tumultuosa e avermelhada, da qual só estava separada por um braço do Sena e de onde seu nome chegava misturado a gritos de morte. O resto de Paris estava espalhado a seu redor em grandes blocos de sombra.

Entretanto, o desconhecido continuava a arrastá-la com o mesmo silêncio e a mesma rapidez. Ela não encontrava na memória nenhum dos lugares por onde andava. Ao passar por uma janela iluminada, fez um esforço, se enrijeceu bruscamente e gritou:

— Socorro!

O burguês a quem pertencia a janela abriu-a, apareceu em mangas de camisa com sua lâmpada, olhou para o cais com um ar abobalhado, pronunciou algumas palavras que ela não ouviu e fechou a janela. Era a derradeira luz de esperança que se apagava.

O homem de preto não proferiu uma só sílaba, ele a segurava firme e voltou a caminhar mais depressa. Ela não resistiu mais e seguiu-o, alquebrada.

De quando em quando juntava um pouco de força e dizia com uma voz entrecortada pelos solavancos do calçamento e o cansaço da corrida:

— Quem é o senhor? Quem é o senhor? — Ele não respondia.

Chegaram assim, sempre ao longo do cais, a uma praça bem grande. Havia um pouco de luar. Era a Grève. Distinguia-se no meio uma espécie de cruz negra de pé: era a força. Ela reconheceu tudo isso

e viu onde estava.

O homem parou, virou-se para ela e levantou a carapuça.

— Oh! — gaguejou petrificada. — Eu sabia que era ele de novo!

Era o padre. Tinha a aparência do fantasma deste. É um efeito do luar, parece que nessa luz só se vê o espectro das coisas.

— Escute — ele lhe disse, e Esmeralda estremeceu ao som daquela voz funesta que ela não ouvia fazia muito tempo. Ele continuou. Articulava com essas interrupções breves e arquejantes que revelam, por seus abalos profundos, tremores internos. — Escute. Estamos aqui. Vou lhe falar. Isso é a Grève. É um ponto extremo. O destino nos entrega um ao outro. Eu vou decidir sobre a sua vida; você, sobre a minha alma. É um lugar e uma noite além das quais não se vê nada. Escute-me, portanto. Vou lhe dizer... Primeiro não me fale mais do seu Phoebus. — Dizendo isso ele ia e vinha, como um homem que não pode ficar parado, e a puxava para junto de si. — Não me fale dele. Olhe, se você pronunciar esse nome, não sei o que farei, mas será terrível.

Dito isso, como um corpo que encontra seu centro de gravidade, ficou novamente imóvel, mas suas palavras não denunciavam menos agitação. Sua voz era cada vez mais baixa.

— Não desvie a cabeça assim. Escute-me. É um assunto sério. Primeiro, saiba o que aconteceu. Não vou rir de tudo isso, juro. O que é que eu estava dizendo mesmo? Me lembre! Ah! Existe uma decisão do Parlamento que a manda para o cadafalso. Eu acabo de tirar você das mãos deles. Mas eles a perseguem. Olhe.

Estendeu o braço para a Cité. De fato, as buscas pareciam continuar. Os rumores se aproximavam; a torre da casa do tenente, situada em frente à Grève, estava cheia de barulhos e claridades; e viam-se soldados correr pelo cais do outro lado com tochas e estes gritos: “A egípcia! Onde está a egípcia? Morte! Morte!”.

— Está vendo que eles a perseguem e que eu não minto. Eu a amo. Não abra a boca, ou melhor, não fale comigo, se for para me dizer que você me odeia. Estou decidido a não ouvir mais isso. Venho salvá-la. Deixe-me terminar primeiro. Posso salvá-la. Preparei tudo. Cabe a você querer. O que você quiser, eu poderei. — Interrompeu-se violentamente. — Não, não é o que devo dizer.

E correndo e fazendo-a correr, porque não a soltava, foi direto até a forca e, apontando com o dedo: — Escolha entre os dois — disse com frieza.

Ela se soltou de suas mãos e caiu ao pé da forca abraçando esse apoio fúnebre, depois virou de lado sua bela cabeça e olhou para o padre por cima do ombro. Dir-se-ia uma santa Virgem ao pé da cruz. O padre havia ficado sem movimento, o dedo sempre erguido na

direção da força, conservando seu gesto como uma estátua.

Enfim a egípcia lhe disse:

— Ela me faz menos horror do que o senhor.

Então ele deixou seu braço cair lentamente e olhou para o chão com uma profunda prostração.

— Se estas pedras pudessem falar — murmurou —, sim, elas diriam, eis de fato um homem bem infeliz.

Ele continuou. A moça, ajoelhada diante da força e afogada em sua longa cabeleira, o deixava falar sem interrompê-lo. Ele tinha agora um tom lamurioso e doce que contrastava dolorosamente com a aspereza ativa de seus traços.

— Eu amo a senhora. Oh! Isso, apesar dos pesares, é a pura verdade. Será que não vem à tona nada desse fogo que me queima o coração? Ai, mocinha, noite e dia; sim, noite e dia, isso não merece nenhuma piedade? É um amor da noite e do dia, eu lhe digo; é uma tortura. Oh, eu soffro demais, minha pobre criança! É uma coisa digna de compaixão, eu lhe asseguro. Está vendo que lhe falo docemente. Gostaria que a senhora não tivesse esse horror de mim. Afinal, um homem que ama uma mulher, não é culpa dele! Oh, meu Deus! Como! A senhora nunca me perdoará? Sempre me odiará? Então acabou! É isso que me torna mau, entende? E horrível a mim mesmo! A senhora nem olha para mim! A senhora talvez esteja pensando em alguma coisa enquanto eu lhe falo de pé e tremendo no limite da eternidade de nós dois! Mas, acima de tudo, não me fale do oficial! O quê! Eu me lançaria aos seus joelhos; o quê! Eu beijaria os seus pés; o quê! Eu soluçaria como uma criança, arrancaria do meu peito, não palavras, mas o meu coração e as minhas entranhas para lhe dizer que a amo; tudo seria inútil, tudo! E, no entanto, na sua alma não há nada que não seja terno e clemente. A senhora irradia a mais bela doçura; a senhora é por inteiro suave, boa, misericordiosa e encantadora. Infelizmente, a senhora só tem maldade para mim! Oh, que fatalidade!

Ele escondeu o rosto nas mãos. A mocinha ouviu-o chorar. Era a primeira vez. Assim, de pé e sacudido pelos soluços, ele era mais miserável e mais suplicante do que de joelhos. Chorou assim durante um tempo.

— Bom — prosseguiu, passadas as primeiras lágrimas. — Não encontro palavras. No entanto eu havia pensado bem no que lhe diria. Agora eu tremo e me arrepio, falho no instante decisivo, sinto algo supremo que nos envolve e balbucio. Oh! Vou cair no chão se a senhora não tiver piedade de mim, piedade de si. Não condene a nós dois. Se a senhora soubesse como a amo! Que coração é o meu coração! Oh! Que deserção de toda virtude! Que abandono desesperado de mim mesmo! Doutor, eu ultrajo a ciência; fidalgo, eu

rasgo o meu nome; padre, eu faço do missal um travesseiro de luxúria, cuspo na cara do meu Deus! Tudo isso por você, enfeitadora! Para ser mais digno do seu inferno! E você não quer o danado! Oh! Que eu lhe diga tudo! Mais ainda, algo de mais horrível, oh! Mais horrível!... — Pronunciando estas últimas palavras, seu ar se tornou totalmente desvairado. Ele se calou um instante e continuou como se falasse consigo mesmo, e, com uma voz forte: — Caim, que fizeste do teu irmão? — Fez-se mais um silêncio, e ele prosseguiu: — O que fiz dele, Senhor? Eu o recolhi, eu o criei, eu o nutri, eu o amei, eu o idolatrei, eu o matei! Sim, Senhor, eis que acabam de lhe esmagar a cabeça diante de mim na pedra da vossa casa, e é por minha culpa, por causa desta mulher, por causa dela...

Seu olhar estava esgazeado. Sua voz ia se apagando; ele repetiu mais outras vezes, maquinalmente, a intervalos bem longos, como um sino que prolonga sua derradeira vibração:

— Por causa dela... Por causa dela.... — Depois sua língua não articulou mais nenhum som perceptível, mas seus lábios seguiam se mexendo. De repente, caiu sobre si mesmo, como algo que desmorona, e ficou no chão, sem movimento, a cabeça nos joelhos.

Um roçar da moça, que tirava o pé de debaixo dele, o fez voltar a si. Passou lentamente a mão por suas faces cavas e olhou por alguns instantes com estupor para seus dedos, que estavam molhados.

— O quê! — murmurou. — Eu chorei!

E, voltando-se subitamente para a egípcia com uma angústia inexprimível:

— Ai! A senhora me viu friamente chorar! Criança, sabe que essas lágrimas são lavas? Então é verdade? Do homem que alguém odeia nada comove? Se você me visse morrer, ria. Oh! Eu não quero vê-la morrer! Uma palavra! Uma só palavra de perdão! Não me diga que me ama, diga simplesmente que aceita; isso bastará, eu a salvarei. Senão... Oh! A hora passa. Eu lhe suplico por tudo o que é sagrado, não espere que eu tenha me tornado de pedra como essa força que também a reclama! Pense que tenho nas mãos os nossos dois destinos, que sou insensato, isso é terrível, que posso deixar tudo ir por água abaixo e que há aos nossos pés um abismo sem fundo, infeliz, onde a minha queda perseguirá a sua durante a eternidade! Uma palavra de bondade! Diga uma palavra! Só uma palavra!

Ela abriu a boca para responder. Ele se precipitou de joelhos diante dela para recolher com adoração a palavra, talvez enternecida, que sairia de seus lábios. Ela lhe disse:

— O senhor é um assassino!

O padre tomou-a em seus braços com furor e pôs-se a rir um riso abominável.

— Pois bem, sim! Assassino! — disse. — E você vai ser minha! Você não me quer como escravo, pois vai ter a mim como amo. Você vai ser minha! Tenho um refúgio para onde vou arrastá-la. Você me seguirá, vai ter que me seguir, ou a entrego! Ou você vai morrer, minha bela, ou vai ser minha! Ser do padre! Ser do apóstata! Ser do assassino! A partir desta noite, ouviu? Vamos, alegria, vamos, me dê um beijo, louca! A tumba ou a minha cama!

Seu olhar borbulhava de impureza e raiva. Sua boca lasciva avermelhava o pescoço da jovem. Ela se debatia em seus braços. Ele a cobria de beijos espumantes.

— Não me morda, monstro! — ela gritou. — Oh! Odioso monge infecto! Me largue! Vou arrancar os seus horrendos cabelos grisalhos e jogá-los aos punhados na sua cara!

Ele enrubesceu, ele empalideceu, depois a soltou e olhou para ela com um ar sombrio. Ela se acreditou vitoriosa e prosseguiu:

— Estou lhe dizendo que sou do meu Phoebus, que é Phoebus que eu amo, que é Phoebus que é bonito! Você, padre, você é velho! Você é feio! Vá embora!

Ele soltou um grito violento, como o miserável a que se aplica um ferro em brasa:

— Morra então! — disse através de um ranger de dentes. Ela viu seu olhar pavoroso e quis fugir. Ele a segurou, sacudiu-a, jogou-a no chão e dirigiu-se a passos rápidos para a esquina da Tour-Roland, arrastando-a no chão por suas belas mãos.

Chegando, virou-se para ela:

— Pela última vez, você quer ser minha?

Ela respondeu com firmeza:

— Não.

Então ele gritou em voz alta:

— Gudule! Gudule! A egípcia está aqui! Vingue-se!

A jovem sentiu-se bruscamente agarrada pelo cotovelo. Olhou, era um braço descarnado que saía de uma lucarna no muro e que a segurava como uma mão de ferro.

— Segure bem — disse o padre —, é a egípcia escapada. Não a solte. Vou buscar os sargentos. Você a verá ser enforcada.

Uma risada gutural respondeu do interior do muro a essas sangrentas palavras: Ha! Ha! Ha! A egípcia viu o padre se afastar correndo na direção da Pont Notre-Dame. Ouvia-se uma cavalgada desse lado.

A jovem havia reconhecido a malvada reclusa. Ofegante de terror, tentou se soltar. Contorceu-se, sacolejou-se várias vezes de agonia e desespero, mas a outra a segurava com uma força inaudita. Os dedos ossudos e magros que a machucavam se crispavam em sua carne e se

juntavam ao redor. Dir-se-ia que essa mão estava rebitada em seu braço. Era mais do que uma corrente, mais do que uma argola, mais do que um anel de ferro, era uma tenaz inteligente e viva que saía de uma parede.

Esgotada, caiu contra a muralha, e então o medo da morte se apoderou dela. Pensou na beleza da vida, na juventude, em Phoebus, em tudo o que fugia e em tudo o que se aproximava, no padre que a denunciava, no carrasco que viria, na força que ali estava. Então sentiu o pavor lhe subir até as raízes dos cabelos e ouviu o riso lúgubre da reclusa que lhe dizia baixinho:

— Ha! Ha! Ha! Você vai ser enforcada!

Ela se virou, moribunda, para a lucarna e viu a figura feroz da beata através das barras de ferro.

— O que foi que eu lhe fiz? — disse quase inanimada.

A reclusa não respondeu e pôs-se a ruminar com uma entoação cantante, irritada e zombeteira:

— Filha do Egito! Filha do Egito! Filha do Egito!

A infeliz Esmeralda deixou sua cabeça cair sob os cabelos, compreendendo que não se tratava de um ser humano.

De repente, a reclusa exclamou como se a pergunta da egípcia houvesse levado todo aquele tempo para chegar ao seu pensamento:

— O que você me fez, é? Ah! O que você me fez, egípcia! Pois bem, escute! Eu tinha uma filha, viu? Eu tinha uma filha! Uma filha, estou lhe dizendo! Uma linda filhinha! Minha Agnès — ela falou, alienada, beijando alguma coisa nas trevas. — Pois bem, sabe, filha do Egito? Pegaram a minha criança; roubaram a minha criança; comeram a minha criança. Foi o que você me fez.

A jovem respondeu como o cordeiro:

— Eu talvez nem tivesse nascido, então!³⁰⁴

— Tinha sim! — replicou a reclusa. — Você já devia ter nascido. Você tinha nascido. Ela seria da sua idade! Assim! Faz quinze anos que estou aqui; quinze anos que sofro; quinze anos que rezo; quinze anos que bato a cabeça nas quatro paredes. Foram as egípcias que a roubaram, está ouvindo? E que a comeram com os seus dentes. Você tem coração? Imagine o que é uma criança que brinca; uma criança que mama; uma criança que dorme. É tão inocente! Pois bem, isso, foi isso que me tiraram, que me mataram! O bom Deus sabe muito bem! Hoje é a minha vez; vou comer a egípcia! Oh! Eu bem que te mordida se as barras não me impedissem. Tenho a cabeça grande demais. Coitadinha! Quando ela dormia! E se elas a acordaram ao pegá-la, ela podia ter gritado à vontade, eu não estava lá! Ah! Mães egípcias, vocês comeram a minha criança! Venham ver a de vocês.

Então ela se pôs a rir ou a ranger os dentes; as duas coisas se

pareciam nessa figura furiosa. O dia começava a nascer. Um reflexo cinzento iluminava vagamente essa cena, e a força se tornava cada vez mais distinta na praça. Do outro lado, perto da Pont Notre-Dame, a pobre condenada acreditava ouvir o estrépito da cavalaria se aproximando.

— Madame! — ela gritou juntando as mãos, caída sobre os joelhos, descabelada, desnorteada, louca de medo. — Madame, tenha piedade! Eles estão vindo e eu não fiz nada. Quer me ver morrer desse modo horrível diante dos seus olhos? A senhora é piedosa, tenho certeza. É horrível demais. Deixe eu me salvar. Me solte! Piedade! Não quero morrer desse jeito.

— Devolva a minha criança! — disse a reclusa.

— Piedade! Piedade!

— Devolva a minha criança!

— Me solte, em nome do céu!

— Devolva a minha criança!

Também dessa vez a jovem caiu, esgotada, destroçada, já tendo o olhar vítreo de alguém que está na cova.

— Ai! — gaguejou —, a senhora procura a sua filha, e eu, os meus pais.

— Devolva a minha pequena Agnès! — retrucou Gudule. — Você não sabe onde ela está? Então, morra! Eu vou lhe dizer. Eu era uma mulher da vida, tinha uma criança, pegaram a minha criança. Foram as egípcias. Você está vendo que tem de morrer. Quando a sua mãe egípcia vier reclamá-la, eu lhe direi: Mãe, olhe para aquela força! Ou devolva a minha criança. Sabe onde está a minha filhinha? Olhe, vou lhe mostrar. Aqui está o seu sapatinho, tudo o que dela me resta. Sabe onde está o par dele? Se souber, me diga, e se estiver no outro extremo do mundo eu vou buscá-lo andando de joelhos.

Falando assim, com seu outro braço estendido para fora da lucarna, ela mostrava à egípcia o sapatinho bordado. O dia já estava claro o bastante para distinguir a sua forma e as suas cores.

— Me mostre esse sapato — disse a egípcia estremecendo. — Deus! Deus! — Ao mesmo tempo, com a mão livre, ela abria vivamente o saquinho ornado de bijuteria verde que trazia ao pescoço.

— Vá! Vá! — grunhia Gudule. — Remexa o seu amuleto do demônio! — De repente ela parou, tremeu com todo o corpo e gritou com uma voz que vinha do mais profundo das suas entranhas: — Minha filha!

A egípcia acabava de tirar do saquinho um sapatinho igual ao outro. Estava amarrado a esse sapato um pergaminho em que estava escrita esta fórmula mágica:

*Quando o par tu encontrares
Tua mãe os braços te estenderá.*

Em menos tempo do que o relâmpago necessita, a reclusa confrontou os dois sapatinhos, leu a inscrição do pergaminho e colou nas barras da lucarna seu rosto que irradiava uma voz celeste ao gritar:

— Minha filha! Minha filha!

— Minha mãe! — respondeu a egípcia.

Aqui renunciámos a pintar.

A parede e as barras de ferro estavam entre elas duas.

— Oh! A parede! — gritou a reclusa. — Oh! Vê-la e não beijá-la! Sua mão! Sua mão!

A moça enfiou o braço através da lucarna, a reclusa se atirou sobre essa mão e nela colou seus lábios, e assim permaneceu, abismada nesse beijo, não dando outro sinal de vida além de um soluço que levantava seus quadris ao mesmo tempo. Mas ela chorava torrencialmente, em silêncio, no escuro, como uma chuva noturna. A pobre mãe esvaziava aos jorros nessa mão adorada o negro e profundo poço de lágrimas que havia dentro dela, e em que toda a sua dor havia penetrado gota a gota nos últimos quinze anos.

De repente ela se levantou, afastou da testa seus compridos cabelos grisalhos e, sem dizer palavra, pôs-se a sacudir com as mãos as barras de seu refúgio, mais furiosamente que uma leoa. As barras aguentaram firme. Então ela foi buscar num canto da cela uma grande pedra que lhe servia de travesseiro e atirou-o contra as barras com tamanha violência que uma delas se quebrou, soltando mil faíscas. Uma segunda pedrada destruiu completamente a velha cruz de ferro que barrava a lucarna. Então, com as mãos ela acabou de arrebentar e afastar os pedaços enferrujados das barras. Há momentos em que as mãos de uma mulher têm uma força sobre-humana.

Livre a passagem, e foi preciso menos de um minuto para tanto, ela agarrou a filha pelo meio do corpo e puxou-a para a sua cela.

— Venha, vou tirá-la do abismo! — ela murmurava.

Quando a filha entrou na cela, ela a pôs suavemente no chão, depois a pegou de volta e, carregando-a nos braços como se fosse sempre sua pequena Agnès, ia e vinha no estreito cubículo, ébria, desatinada, feliz, gritando, cantando, beijando a filha, falando com ela, gargalhando, desfazendo-se em lágrimas, tudo ao mesmo tempo e com arrebatamento.

— Minha filha! Minha filha! — dizia. — Recuperarei a minha filha! Aqui está ela! O bom Deus a devolveu. Ei, vocês! Venham todos. Tem alguém aí para ver que estou com a minha filha? Senhor Jesus, como

ela é linda! O senhor me fez esperar quinze anos, meu bom Deus, mas era para devolvê-la linda. Quer dizer que as egípcias não a comeram! Quem diria! Minha filhinha! Minha filhinha! Me dê um beijo. Essas boas egípcias. Eu amo as egípcias. É bem você. Era por isso que o meu coração saltava cada vez que você passava. E eu que achava que era ódio! Me perdoe, minha Agnès, me perdoe. Você deve ter me achado bem malvada, não é? Eu a amo. Seu sinalzinho no pescoço, você ainda o tem? Vejamos. Ela tem. Oh! Você é linda! Fui eu que fiz esses olhos grandes aí, senhorita. Me dê um beijo. Eu a amo. Não me importa que as outras mães tenham filhos; rio na cara delas agora. Elas podem vir. Aqui está a minha. Olhem o seu pescoço, os seus olhos, os seus cabelos, a sua mão. Encontrem alguma coisa tão bela como esta! Chorei quinze anos a fio. Toda a minha beleza se foi, e ela veio. Me dê um beijo.

Ela lhe dizia mil outras coisas extravagantes, belas pelo tom com que as dizia, desarrumava a roupa da pobrezinha até fazê-la enrubescer, alisava seus cabelos sedosos com a mão, beijava seu pé, o joelho, a testa, os olhos, se extasiava com tudo. A jovem a deixava fazer, repetindo por intervalos, baixinho e com uma doçura infinita:

— Minha mãe!

— Está vendo, minha filhinha? — continuava a reclusa entrecortando todas as suas palavras com beijos. — Vamos sair daqui. Vamos ser bem felizes. Herdei alguma coisa em Reims, na nossa terra. Sabe, Reims? Ah, não, você não sabe, era pequena demais! Se você soubesse como você era linda com quatro meses! Pezinhos que, por curiosidade, vinham lá de Épernay, que fica a sete léguas, para ver. Teremos um campo, uma casa. Eu a deitarei na minha cama. Meu Deus! Meu Deus! Quem poderia imaginar? Recuperarei a minha filha!

— Ó, minha mãe! — disse a moça encontrando por fim em sua emoção a força de falar. — Bem que a egípcia tinha me dito. Há uma boa egípcia das nossas que morreu no ano passado e que sempre cuidou de mim como uma babá. Foi ele que pendurou este saquinho no meu pescoço. Ela sempre me dizia: — Menina, guarde bem esta joia. É um tesouro. Fará você encontrar a sua mãe. Você leva a sua mãe no pescoço. Ela tinha pressagiado, a egípcia!

A beata apertou de novo a filha em seus braços.

— Venha, deixe-me beijá-la! Você diz isso com tanta delicadeza. Quando estivermos na nossa terra, calçaremos um Menino Jesus da igreja com os seus sapatinhos. Devemos isso à boa e santa Virgem. Meu Deus, que voz linda você tem. Quando você me falava, há pouco, era uma música! Ah, meu Deus Senhor! Encontrei a minha criança! Mas dá para acreditar nessa história? A gente não morre de nada, tanto que não morri de alegria. — E tornou a bater palmas, e a rir, e a

gritar: — Vamos ser felizes!

Nesse momento ecoou no cubículo um tilintar de armas e um galope de cavalos, que parecia desembocar da Pont Notre-Dame e avançar cada vez mais pelo cais. A egípcia se lançou angustiada nos braços da beata.

— Me salve! Me salve, minha mãe! Eles estão vindo!

A reclusa empalideceu.

— Oh, céu! O que você está dizendo? Tinha esquecido! Eles a perseguem! O que você fez?

— Não sei — respondeu a infeliz —, mas estou condenada a morrer.

— Morrer! — disse Gudule cambaleando, como se atingida por um raio. — Morrer! — repetiu lentamente e olhando fixo para a filha.

— Sim, minha mãe — replicou a jovem perturbada —, eles querem me matar. É por isso que vêm me buscar. Aquela força é para mim! Me salve! Me salve! Estão chegando, me salve!

A reclusa ficou alguns instantes imóvel como uma pedra, depois meneou a cabeça em sinal de dúvida e, de repente, soltando uma gargalhada, mas daquele riso apavorante que lhe voltara:

— Ho! Ho! Não! É um sonho o que você me diz. Ah, sim! Eu a teria perdido, isso teria durado quinze anos, e depois a encontraria, e isso duraria um minuto! E a tomariam novamente de mim! E é agora que ela é bela, que é grande, que fala comigo, que me ama; é agora que eles viriam comê-la, diante dos meus olhos, os olhos da sua mãe! Oh, não! Essas coisas não são possíveis. O bom Deus não permite coisas assim.

Aqui a cavalgada pareceu parar e ouviu-se uma voz distante que dizia:

— Por aqui, *messire* Tristan! O padre disse que a encontraremos no Buraco dos Ratos. — O barulho dos cavalos começou.

A reclusa se levantou com um grito desesperado.

— Fuja! Fuja, minha filha! Me lembro de tudo. Você tem razão. É a sua morte! Horror! Maldição! Fuja!

Ela pôs a cabeça na lucarna e a retirou rapidamente.

— Fique — disse com uma voz baixa, breve e lúgubre, apertando convulsivamente a mão da egípcia, mais morta do que viva. — Fique! Não respire! Há soldados por toda parte. Você não pode sair. Está claro demais.

Os olhos dela estavam secos e ardentes. Ficou um instante sem falar; mas andava a passos largos pela cela e parava por intervalos, para arrancar punhados de cabelos grisalhos que rasgava em seguida com os dentes. Subitamente disse:

— Eles estão se aproximando. Vou falar com eles. Esconda-se

naquele canto. Eles não a verão. Direi que você escapou, que eu a soltei, pela minha fé!

Pousou a filha, porque continuava a carregá-la, num canto da cela que não se via de fora. Ela a fez ficar encolhida, arrumou-a com cuidado, de maneira que nem seu pé nem sua mão saíssem do escuro, soltou seus cabelos negros e esparramou-os sobre a túnica branca para ocultá-la, pôs em frente a ela sua jarra e sua pedra, as únicas coisas que tinha, imaginando que essa jarra e essa pedra a esconderiam. E quando acabou, mais tranquila, ela se pôs de joelhos e rezou. O dia, que apenas nascia, ainda deixava muitas trevas no Buraco dos Ratos.

Nesse instante a voz do padre, essa voz infernal, passou pertinho da cela gritando:

— Por aqui, capitão Phoebus de Châteaupers!

A esse nome, Esmeralda, escondida em seu canto, fez um movimento.

— Não se mexa — disse Gudule.

Mal acabou de falar, um tumulto de homens, espadas e cavalos parou em torno da cela. A mãe se levantou depressa e foi se postar diante da lucarna para tapá-la. Ela viu uma grande tropa de homens armados, a pé e a cavalo, enfileirada na Grève. O homem que os comandava apeou e veio em direção a ela.

— Velha — disse esse homem que tinha uma figura atroz —, estamos procurando uma feiticeira para enforcá-la: disseram que estava com você.

A pobre mãe assumiu o ar mais indiferente que pôde e respondeu:

— Não sei o que o senhor quer dizer.

O outro replicou:

— Cabeça de Deus, o que aquele arquidiácono apavorado dizia então! Onde ele está?

— Meu senhor — disse um soldado —, ele desapareceu.

— Escute, velha louca — tornou o comandante —, não minta. Te mandaram guardar uma feiticeira. O que você fez dela?

A reclusa não quis negar tudo, com medo de despertar suspeitas, e respondeu com um tom sincero e rude:

— Se está falando de uma moça grande que me puseram nas mãos faz pouco, eu lhe direi que ela me mordeu e que a soltei. Só isso. Deixem-me descansar.

O comandante fez uma careta desapontada.

— Não vá mentir para mim, velho espectro — ele retrucou. — Eu me chamo Tristan-l'Hermite e sou compadre do rei. Tristan-l'Hermite, ouviu? — E acrescentou, olhando para a Place de Grève ao seu redor: — É um nome que ecoa aqui.

— Mesmo que fosse Satan-l'Hermite — replicou Gudule, que

recobrava esperança —, eu não teria outra coisa a lhe dizer e não teria medo do senhor.

— Cabeça de Deus — disse Tristan —, que comadre! Ah, a moça feiticeira fugiu! E por onde foi?

Gudule respondeu com um tom despreocupado:

— Pela Rue du Mouton, creio.

Tristan virou a cabeça e fez sinal para a tropa se preparar para marchar. A reclusa respirou.

— Meu senhor — disse de repente um arqueiro —, pergunte à velha maga por que as barras da sua lucarna estão assim desfeitas.

Essa pergunta fez a angústia voltar ao coração da miserável mãe. Mas ela não perdeu toda a presença de espírito.

— Sempre foram assim — ela gaguejou.

— Ora! — rebateu o arqueiro —, ainda ontem elas faziam uma bela cruz negra que convidava à devoção.

Tristan lançou um olhar oblíquo à reclusa.

— Parece que a comadre está se perturbando!

A infortunada sentiu que tudo dependia da sua atitude e, aflita, se pôs a rir, zombeteira. As mães têm essa força.

— Ora! — disse ela. — Este homem está bêbado. Faz mais de um ano que a traseira de uma carroça de pedras bateu na minha lucarna e estragou a grade. Eu até xinguei o carroceiro.

— É verdade — disse outro arqueiro. — Eu estava aqui.

Sempre encontramos por toda parte gente que viu tudo. Esse testemunho inesperado do arqueiro reanimou a reclusa, a quem aquele interrogatório fazia atravessar um abismo sobre o gume de uma faca. Mas ela estava condenada a uma alternativa contínua de esperança e de alarme.

— Se foi uma carroça que fez isso — replicou o primeiro soldado —, as barras deveriam estar empurradas para dentro, mas estão para fora.

— He he! Você tem o faro de um investigador do Châtelet! — disse Tristan ao soldado. — Responda ao que ele disse, velha.

— Meu Deus! — ela exclamou desesperada, com uma voz involuntariamente cheia de lágrimas. — Eu lhe juro, meu senhor, que foi uma carroça que quebrou estas barras. O senhor ouviu que este homem viu tudo. E, depois, o que isso tem a ver com a sua egípcia?

— Hum! — resmungou Tristan.

— Diabo — rebateu o soldado, lisonjeado pelo elogio do preboste —, as marcas no ferro são recentes!

Tristan assentiu com a cabeça. Ela empalideceu.

— Faz quanto tempo, disse a senhora, sobre essa carroça?

— Um mês, quinze dias talvez, meu senhor. Não sei mais.

— Ela disse antes mais de um ano — observou o soldado.

— Esquisito — disse o preboste.

— Meu senhor — ela gritou, sempre colada diante da lucarna e temendo que a desconfiança os levasse a passar a cabeça e olhar na cela —, meu senhor, juro que foi uma carroça que quebrou essa grade. Juro pelos anjos do paraíso. Se não foi uma carroça, quero ser eternamente danada e renego Deus!

— Você põe bastante ardor nessa jura! — disse Tristan com seu olhar de inquisidor.

A pobre mulher sentia sua segurança se dissipar cada vez mais. Estava metendo os pés pelas mãos e compreendia com terror que não dizia o que deveria ter dito.

A essa altura, outro soldado chegou gritando:

— Meu senhor, a velha maga está mentindo. A feiticeira não fugiu pela Rue du Mouton. A corrente da rua ficou posta a noite inteira e o guarda não viu ninguém passar.

Tristan, cuja fisionomia ficava a cada instante mais sinistra, interpelou a reclusa:

— O que você tem a dizer sobre isso?

Ela tentou enfrentar outra vez o incidente:

— Não sei, meu senhor, posso ter me enganado. Acho que, na verdade, ela atravessou o rio.

— É do lado oposto — disse o preboste. — Mas não me parece que ela tenha querido entrar na Cité, onde era perseguida. Você está mentindo, velha!

— E depois — acrescentou o primeiro soldado —, não há barco nem de um lado nem do outro do rio.

— Deve ter atravessado a nado — replicou a reclusa, defendendo o terreno pé a pé.

— Por acaso as mulheres sabem nadar? — disse o soldado.

— Cabeça de Deus, velha! Você está mentindo! Mentindo! — interveio Tristan colérico. — Tenho vontade de deixar para lá essa feiticeira e pegar você. Um quarto de hora de tortura talvez lhe arranque a verdade da goela. Ande! Você vem conosco.

Ela se aferrou a essas palavras com avidez.”

— Como o senhor quiser, meu senhor! Isso mesmo. Isso mesmo. A tortura. Aceito. Me leve. Depressa, depressa! Partamos já.

“Enquanto isso”, ela pensava, “minha filha fugirá.”

— Morte de Deus — disse o preboste —, que apetite pelo cavalete! Não entendo esta louca.

Um velho sargento da ronda saiu da fila e, dirigindo-se ao preboste:

— Louca mesmo, meu senhor. Se ela largou a egípcia não é culpa dela, porque ela detesta as egípcias. Há quinze anos eu faço a ronda e

a escuto todas as noites amaldiçoar as boêmias com execrações sem fim. Se a que perseguimos é, como creio, a dançarinazinha da cabra, ela detesta especialmente esta.

Gudule fez um esforço e disse:

— Especialmente esta.

O testemunho unânime dos homens da ronda confirmou ao preboste as palavras do velho sargente. Tristan-l'Hermite, desistindo de tirar o que quer que fosse da reclusa, deu-lhe as costas, e ela viu com uma ansiedade inexprimível ele se dirigir lentamente para o seu cavalo.

— Vamos — dizia ele entre os dentes —, a caminho! Voltemos à nossa busca. Não dormirei enquanto a egípcia não for enforcada.

No entanto hesitou ainda um tempo antes de montar. Gudule palpitava entre a vida e a morte vendo-o passear em torno da praça aquela cara inquieta de um cão de caça que sente perto de si a toca do bicho e resiste a se afastar. Enfim sacudiu a cabeça e pulou na sela. O coração tão horivelmente comprimido de Gudule se dilatou, e ela disse em voz baixa lançando um olhar para a filha, para quem ela ainda não havia ousado olhar desde que eles estavam lá:

— Salva!

A pobre moça tinha ficado esse tempo todo em seu canto, sem respirar, sem se mexer, com a ideia da morte de pé diante dela. Não perdera nada da cena entre Gudule e Tristan, e cada uma das angústias da mãe ecoara nela. Ela havia esperado todos os rompimentos sucessivos do fio que a mantinha suspensa sobre o abismo; ela acreditara vinte vezes que ele ia se romper, e começava enfim a respirar e a sentir o pé em terra firme. Nesse momento ela ouviu uma voz que dizia ao preboste:

— Coração de boi, senhor preboste, não é assunto meu, um homem de armas, enforcar feiticeiras. A canalhada foi arrasada. Eu lhe deixo trabalhar sozinho. O senhor há de concordar com que eu vá me juntar à minha companhia, porque ela está sem capitão. — Essa voz era a de Phoebus de Châteaupers. O que aconteceu dentro de Esmeralda é inefável. Com que então seu amigo, seu protetor, seu apoio, seu asilo, seu Phoebus estava ali! Ela se levantou e, antes que sua mãe pudesse impedi-la, atirou-se contra a lucarna gritando:

— Phoebus! A mim, meu Phoebus!

Phoebus não estava mais lá. Acabava de virar a galope a esquina da Rue de la Coutellerie. Mas Tristan ainda não havia partido.

A reclusa se precipitou para sua filha com um rugido. Puxou-a violentamente para trás, enfiando-lhe as unhas no pescoço. Uma mãe tigresa não leva em conta esses detalhes. Mas era tarde demais. Tristan tinha visto.

— He he! — exclamou com um riso que exhibia todos os seus dentes e fazia sua cara parecer o focinho de um lobo. — Dois ratos na ratoeira.

— Eu bem que desconfiava — disse o soldado.

Tristan bateu nas costas deste.

— Você é um bom gato! Vamos — acrescentou —, onde está Henriet Cousin?

Um homem que não tinha nem roupa nem cara de soldado saiu da tropa. Usava um traje cinzento e marrom, cabelos achatados, mangas de couro e um rolo de corda na mão. Esse homem sempre acompanhava Tristan, que sempre acompanhava Luís XI.

— Amigo — disse Tristan-l'Hermite —, suponho que a feiticeira que procuramos está ali. Você vai enforcá-la. Está com a sua escada?

— Tem uma sob o telheiro da Casa dos Pilares — respondeu o homem. — É naquela justiça que vamos fazer a coisa? — prosseguiu, apontando para a forca de pedra.

— É.

— Ho hê! — respondeu o homem com uma grossa risada, mais bestial ainda do que a do preboste. — Não teremos que andar muito.

— Ande! — disse Tristan. — Você rirá depois.

Entretanto, desde que Tristan havia visto sua filha e que toda esperança estava perdida, a reclusa ainda não tinha dito uma palavra. Ela jogara a pobre egípcia semimorta no canto da cova e voltara a se ajeitar na lucarna, com as mãos apoiadas no canto do entablamento, como duas garras. Nessa atitude, ela passeava por todos os soldados seu olhar, que voltara a ser feroz e insensato. No momento em que Henriet Cousin se aproximou da cela, fez uma cara tão selvagem que ele recuou.

— Meu senhor — disse ele voltando ao preboste —, qual eu devo pegar?

— A moça.

— Ainda bem, porque a velha parece difícil.

— Pobre dançarinazinha da cabra! — disse o velho sargente da ronda.

Henriet Cousin se aproximou da lucarna. O olhar da mãe fez com que o seu baixasse. Ele disse timidamente:

— Senhora...

Ela o interrompeu com uma voz baixa e furiosa:

— O que você quer?

— Não é a senhora — disse ele —, é a outra.

— Que outra?

— A moça.

Ela se pôs a sacudir a cabeça gritando:

— Não tem ninguém! Não tem ninguém! Não tem ninguém!

— Tem sim! — retorquiu o carrasco. — A senhora sabe perfeitamente. Deixe eu pegar a jovem. Não quero fazer mal à senhora.

Ela disse com uma risadinha estranha:

— Ah! Você não quer fazer mal a mim!

— Me entregue a outra, senhora; é o senhor preboste que a quer.

Ela repetiu com um ar de loucura:

— Não tem ninguém.

— Eu lhe digo que tem! — replicou o carrasco. — Todos nós vimos que vocês eram duas.

— Então olhe! — disse a reclusa rindo zombeteira. — Enfie a cabeça pela lucarna.

O carrasco examinou as unhas da mãe e não ousou.

— Ande! — gritou Tristan, que acabava de dispor sua tropa em círculo em torno do Buraco dos Ratos e que permanecia a cavalo perto da forca.

Henriet voltou ao preboste mais uma vez, todo embaraçado. Ele havia largado a corda no chão e girava com um ar desajeitado seu chapéu nas mãos.

— Meu senhor — perguntou —, por onde entrar?

— Pela porta.

— Não tem porta.

— Pela janela.

— Ela é estreita demais.

— Alargue-a — disse Tristan, colérico. — Você não tem picaretas?

Do fundo de seu antro, a mãe, sempre imóvel, espiava. Não esperava mais nada, não sabia mais o que queria, mas não queria que lhe tomassem a filha.

Henriet Cousin foi buscar a caixa de ferramentas dos verdugos sob o telheiro da Casa dos Pilares. Pegou lá também a escada dupla que pôs imediatamente na forca. Cinco ou seis homens do prebostado se armaram de picaretas e alavancas, e Tristan se dirigiu com eles para a lucarna.

— Velha — disse o preboste num tom severo —, entregue-nos essa moça por bem.

Ela olhou para ele como se não entendesse.

— Cabeça de Deus! — insistiu o preboste. — Por que você não deixa essa feiticeira ser enforcada como apraz ao rei?

A miserável pôs-se a rir seu riso feroz.

— O que eu tenho com isso? É minha filha.

O tom com que pronunciou essa palavra fez até mesmo Henriet Cousin se arrepiar.

— Sinto muito — respondeu o preboste —, mas é o bom prazer do rei.

Ela gritou, redobrando seu grito terrível:

— O que é que eu tenho a ver com o seu rei? Estou lhe dizendo que é minha filha!

— Esburaque a parede — disse Tristan.

Para fazer uma abertura larga o bastante, bastava arrancar uma feira de pedras sob a lucarna. Quando a mãe ouviu as picaretas e as alavancas saparem sua fortaleza, soltou um grito pavoroso; depois desatou a correr com uma velocidade aterradora em torno da cela, costume de fera que a jaula lhe dera. Não dizia mais nada. Mas seus olhos flamejavam. Os soldados estavam gelados no fundo do coração.

De repente ela pegou sua pedra, riu, e jogou-a com as duas mãos nos trabalhadores. A pedra, mal atirada (porque suas mãos tremiam), não acertou ninguém e veio parar aos pés do cavalo de Tristan. Ela rangeu os dentes.

Enquanto isso, embora o sol ainda não tivesse se levantado, o dia estava claro; uma bela cor rosada alegrava as velhas chaminés carcomidas da Casa dos Pilares. Era a hora em que as janelas mais matinais da grande cidade se abriam alegremente para os telhados. Alguns moradores, alguns fruteiros indo ao mercado em seu burrico, começavam a atravessar a Grève; eles se detinham um momento diante daquele grupo de soldados amontoados em torno do Buraco dos Ratos, consideravam-no com um ar surpreso e seguiam.

A reclusa tinha ido sentar perto da filha, cobrindo-a com seu corpo, diante dela, o olhar fixo, ouvindo a pobre criança que não se mexia e que murmurava em voz baixa uma única palavra: Phoebus! Phoebus! À medida que o trabalho dos demolidores parecia avançar, a mãe recuava maquinalmente e apertava cada vez mais a jovem contra a parede. De repente a reclusa viu a pedra (porque estava de vigia e não tirava os olhos dela) se abalar e ouviu a voz de Tristan, incentivando os trabalhadores. Então saiu da prostração em que caíra havia alguns instantes e gritou, e enquanto ela falava, sua voz ora dilacerava os ouvidos como uma serra, ora balbuciava como se todas as maldições se tivessem premido em seus lábios para estourar ao mesmo tempo:

— Ho! Ho! Ho! Mas é horrível! Vocês são uns bandidos! Será que vão mesmo me tirar a minha filha? Estou lhes dizendo que é minha filha! Oh, covardes! Oh! Seus lacaios de carrasco! Seus miseráveis soldados assassinos! Socorro! Socorro! Fogo! Mas será que eles pegarão a minha filha assim? O que é então que chamam de bom Deus?

Depois, dirigindo-se a Tristan, espumante, olhos esgazeados, de quatro como uma pantera e toda eriçada:

— Aproxime-se um pouco para me tomar a minha filha! Será que você não entende que esta mulher aqui está lhe dizendo que é a filha dela? Sabe o que é um filho? Eh, lobão, nunca se acasalou com a sua loba? Nunca teve um lobinho? E se tem filhotes, quando eles uivam você não tem nada aí nas entranhas que fique mexido?

— Arranquem a pedra — disse Tristan —, ela já está solta.

As alavancas levantaram o pesado bloco. Era, como dissemos, o derradeiro baluarte da mãe. Ela se atirou sobre a pedra, tentou retê-la; arranhou-a com as unhas, mas o bloco maciço, posto em movimento por seis homens, lhe escapou e deslizou lentamente até o chão ao longo das alavancas de ferro.

A mãe, vendo a entrada feita, caiu de través diante da abertura, obstruindo a brecha com seu corpo, torcendo seus braços, batendo na pedra com a cabeça e gritando com uma voz rouca de cansaço que mal se ouvia:

— Socorro! Fogo! Fogo!

— Agora prendam a moça — disse Tristan, sempre impassível.

A mãe olhou para os soldados de uma maneira tão formidável que eles tinham mais vontade de recuar do que de avançar.

— Vamos — retomou o preboste. — Henriët Cousin, você!

Ninguém deu um passo.

O preboste blasfemou:

— Cabeça de Cristo! Os meus homens de guerra com medo de uma mulher!

— Meu senhor — disse Henriët —, o senhor chama isso de uma mulher?

— Ela tem uma juba de leão! — disse outro.

— Vamos! — tornou o preboste. — A abertura é larga o bastante. Entrem três de frente, como na brecha de Pontoise.³⁰⁵ Terminemos, pela morte de Maomé! O primeiro que recuar, eu parto em dois pedaços!

Postos entre o preboste e a mãe, ambos ameaçadores, os soldados hesitaram um momento, depois, decididos, avançaram para o Buraco dos Ratos.

Quando a reclusa viu isso, ela se ergueu bruscamente sobre os joelhos, afastou os cabelos do rosto, depois deixou cair suas mãos magras e esfoladas sobre as coxas. Então grossas lágrimas saíram, uma a uma, de seus olhos; elas escorriam por uma ruga ao longo de suas faces, como uma torrente pelo leito que se abriu. Ao mesmo tempo, ela se pôs a falar, mas com uma voz tão suplicante, tão doce, tão submissa e tão pungente que, em volta de Tristan, mais de um velho brutamontes que teria comido carne humana enxugava os olhos.

— Meus senhores, senhores sargentos, uma palavra! É uma coisa

que tenho de lhes dizer! Ela é a minha filha, entendem? Minha querida filhinha que eu tinha perdido! Escutem. É uma história. Saibam que conheço muito bem os senhores sargentos. Eles sempre foram bons comigo na época em que os garotos atiravam pedras em mim porque eu fazia a vida do amor. Entendem? Vocês me deixarão a minha filha quando souberem! Sou uma pobre mulher da vida. Foram as boêmias que a roubaram. Eu guardei o sapatinho dela por quinze anos. Olhem, é este. E ela tinha este pezinho. Em Reims! A Chantefleurie! Rue Folle-Peine! Vocês talvez tenham conhecido isso. Era eu. Na juventude de vocês, então, era um tempo bom, a gente passava bons momentos. Vocês terão piedade de mim, não é, meus senhores? As egípcias a roubaram, esconderam-na por quinze anos. Eu achava que ela tinha morrido. Imaginem, meus bons amigos, que eu a acreditava morta. Passei quinze anos aqui, neste porão, sem fogo no inverno. É duro isso. Pobre sapatinho querido! Gritei tanto que o bom Deus me ouviu. Esta noite ele me devolveu a minha filha. É um milagre do bom Deus. Ela não estava morta. Vocês não a tirarão de mim, tenho certeza. Se se tratasse de mim eu, eu não diria nada; mas ela, uma criança de dezesseis anos! Deixem que ela tenha tempo de ver o sol! O que ela fez a vocês? Nada. Eu também não. Se vocês soubessem que só tenho a ela, que sou velha, que é uma bênção que a santa Virgem me envia. E depois, vocês todos são tão bons! Vocês não sabiam que era minha filha; agora sabem. Oh! Eu a amo. Senhor grão-preboste, eu preferiria um buraco nas minhas entranhas a um arranhão no dedo dela! O senhor tem a aparência de um bom senhor! O que eu lhe digo lhe explica a coisa, não é? Oh! Se o senhor tem uma mãe, meu senhor! O senhor é o capitão, me deixe a minha criança! Considere que eu lhe rogo de joelhos, como se ora a Jesus Cristo! Não peço nada a ninguém; sou de Reims, meus senhores; herdei um pedacinho de terra do meu tio, Mahiet Pradon. Não sou uma mendiga. Não quero nada, mas quero a minha filha. Oh! Quero ficar com a minha criança! O bom Deus, que é o senhor, não a devolveu a mim por nada! O rei! Vocês dizem o rei! Já não lhe dará muito prazer que matem a minha filhinha! E depois o rei é bom! É minha filha! É minha filha, minha! Ela não é do rei! Ela não é de vocês! Quero ir embora daqui! Queremos ir embora! Enfim, duas mulheres que passam, uma delas é a mãe e a outra, a filha, deixem-nas passar! Deixem-nos passar! Somos de Reims. Oh! Vocês são bons, senhores sargentos! Eu amo vocês todos. Vocês não me tomarão minha cara menina, é impossível! Não é verdade que é completamente impossível? Minha filha! Minha filha!

Não procuraremos dar uma ideia de seus gestos, de seu tom de voz, das lágrimas que ela bebia ao falar, das mãos que ela juntava e depois

torcia, dos sorrisos penosos, dos olhares afogados em lágrimas, dos gemidos, dos suspiros, dos gritos miseráveis e comoventes que ela mesclava a suas palavras desordenadas, loucas e descosturadas. Quando ela se calou, Tristan-l'Hermite franziu o cenho, mas era para esconder uma lágrima que rolava em seu olho de tigre. Mas ele superou essa fraqueza e disse com um tom breve:

— O rei assim quer.

Depois se inclinou no ouvido de Henriet Cousin e lhe disse baixinho:

— Acabe depressa!

O temível preboste talvez também sentisse o coração lhe faltar.

O carrasco e os sargentos entraram no cubículo. A mãe não opôs nenhuma resistência, apenas se arrastou em direção à filha e se atirou desesperadamente sobre ela. A egípcia viu os soldados se aproximarem. O horror à morte a reanimou:

— Minha mãe — ela gritou com um inexprimível tom de desespero —, minha mãe! Eles estão vindo! Me defenda!

— Sim, meu amor, eu vou defendê-la! — respondeu a mãe com uma voz apagada e, apertando-a estreitamente em seus braços, ela a cobriu de beijos. As duas, assim no chão, a mãe em cima da filha, eram um espetáculo digno de piedade.

Henriet Cousin pegou a jovem pelo meio do corpo, sob seus belos ombros. Quando sentiu essa mão, ela fez “Aah!” e desmaiou. O carrasco, que deixava cair gota a gota grossas lágrimas nela, quis levá-la em seus braços. Tentou soltá-la da mãe, que havia por assim dizer amarrado as duas mãos em torno da cintura da filha, mas estava tão poderosamente enganchada a ela que foi impossível separá-las. Henriet Cousin então arrastou a filha para fora da cela, e com ela a mãe. A mãe também mantinha os olhos fechados.

O sol nascia nesse momento, e já havia na praça uma boa quantidade de gente que espiava à distância o que arrastavam assim pelas pedras do chão em direção à forca. Porque era a moda do preboste Tristan nas execuções. Ele tinha a mania de impedir que os curiosos se aproximassem.

Não havia ninguém nas janelas. Só se via de longe, no topo da torre de Notre-Dame que domina a Grève, dois homens, destacados em preto contra o céu claro da manhã, que pareciam olhar.

Henriet Cousin se deteve com o que arrastava ao pé da fatal escada e, mal respirando, a tal ponto aquilo lhe dava dó, passou a corda em torno do adorável pescoço da jovem. A infeliz sentiu o horrível contato do cânhamo. Ergueu as pálpebras e viu o braço descarnado da forca de pedra estendido acima de sua cabeça. Ela então se sacudiu e gritou com uma voz alta e dilacerante:

— Não! Não quero!

A mãe, cuja cabeça estava enfiada e perdida sob a roupa da filha, não disse palavra; apenas se via estremecer todo o seu corpo, e ouviram-na redobrar os beijos em sua cria. O carrasco aproveitou esse momento para soltar vivamente os braços com que ela apertava a condenada. Seja por esgotamento, seja por desespero, ela o deixou fazer. Então ele pegou a moça em seu ombro, de onde a encantadora criatura caía graciosamente, dobrada em dois sobre sua cabeça larga. Em seguida pôs o pé na escada para subir.

Nesse momento, a mãe encolhida no chão, abriu inteiramente os olhos. Sem soltar um grito, ela se levantou com uma expressão terrível; depois, como um bicho sobre sua presa, lançou-se sobre a mão do carrasco e o mordeu. Foi um relâmpago. Tiraram com dificuldade sua mão ensanguentada de entre os dentes da mãe. Ela mantinha um profundo silêncio. Repeliram-na com brutalidade e notaram que sua cabeça caía pesadamente no chão. Levantaram-na, ela se deixou novamente cair. É que estava morta.

O carrasco, que não havia largado a moça, tornou a subir a escada.

299. “Como as abelhas, a geometria.”

300. *Contra a avareza*.

301. Antigo imposto sobre o sal.

302. Antigo jogo parecido com o hóquei.

303. No sistema greco-latino de versificação, o espondeu é um verso de duas sílabas longas; o dátilo, de uma longa e duas breves.

304. La Fontaine, “O lobo e o cordeiro”. (N. E.)

305. Lugar de uma batalha ocorrida entre os ingleses e o rei da França Carlos VII. (N. E.)

*LA CREATURA BELLA BIANCO**VESTITA*³⁰⁶ — DANTE

Quando Quasímodo viu que a cela estava vazia, que a egípcia não estava mais lá, que enquanto ele a defendia tinham-na raptado, agarrou os cabelos com as duas mãos e sapateou de surpresa e dor, depois saiu correndo por toda a igreja, procurando sua boêmia, soltando gritos estranhos em todos os cantos de parede, semeando seus cabelos ruivos no chão. Era precisamente o momento em que os arqueiros do rei entravam vitoriosos em Notre-Dame, também procurando a egípcia. Quasímodo ajudou-os, sem desconfiar, pobre surdo, de suas fatais intenções; ele acreditava que os inimigos da egípcia eram os marginais. Chegou a levar Tristan-l’Hermite a todos os esconderijos possíveis, abriu-lhe todas as portas secretas, os fundos duplos dos altares, os fundos das sacristias. Se a infeliz ainda estivesse lá, ele é que a teria entregado. Quando a lassidão de não encontrar nada desanimou Tristan, que não se desanimava com facilidade, Quasímodo continuou a procurar sozinho. Deu vinte vezes, cem vezes a volta na igreja, de um lado para o outro, de cima para baixo, subindo, descendo, correndo, chamando, gritando, farejando, fuçando, revirando, enfiando a cabeça em todos os buracos, empurrando uma tocha sob todas as abóbadas, desesperado, louco. Um macho que perdeu sua fêmea não ruge mais nem é mais desvairado. Enfim, quando teve certeza, plena certeza de que ela não estava mais lá, que era fato consumado, que a tinham roubado dele, subiu lentamente a escada das torres, essa escada que ele havia escalado com tanto arroubo e triunfo no dia em que a salvara. Passou pelos mesmos lugares, cabisbaixo, sem voz, sem lágrimas, quase sem fôlego. A igreja estava deserta de novo e recaíra em seu silêncio. Os arqueiros a tinham deixado para perseguir a feiticeira na Cité. Quasímodo, ficando sozinho nessa vasta Notre-Dame, refez o caminho até a cela

onde a egípcia havia dormido tantas semanas sob sua guarda. Ao se aproximar, ele imaginava que ia talvez encontrá-la novamente lá. Quando, na virada da galeria que dá para o telhado das naves laterais, avistou o estreito quartinho com sua janelinha e sua portinha, escondida sob um grande arcobotante como um ninho de passarinho num galho, seu coração falhou, pobre homem, e ele se encostou num pilar para não cair. Imaginou que ela talvez houvesse entrado, que um gênio do bem sem dúvida a trouxera de volta, que aquele quartinho era sossegado demais, seguro demais para que ela não estivesse lá, e não ousava dar um passo à frente, com medo de quebrar sua ilusão.

— Sim — ele dizia a si mesmo —, ela talvez esteja dormindo ou rezando. Não a perturbemos.

Enfim reuniu sua coragem, avançou na ponta dos pés, olhou, entrou. Vazio! A cela continuava vazia. O desditado surdo percorreu-a em passos lentos, levantou o leito e espiou embaixo, como se ela pudesse estar escondida entre o piso e o colchão, depois sacudiu a cabeça e ficou ali, abestalhado. De súbito, apagou furiosamente sua tocha com o pé e, sem dizer uma palavra, sem dar um suspiro, atirou-se a toda a velocidade de cabeça contra a parede e caiu desmaiado no chão.

Quando voltou a si, jogou-se na cama, rolou nela, beijou com frenesi o lugar ainda quente onde a jovem havia dormido, ficou alguns minutos imóvel como se fosse expirar; depois se levantou, jorrando suor, ofegante, insensato, e pôs-se a dar de cabeça nas paredes com a assustadora regularidade do bater de seus sinos e com a decisão de um homem que a quer quebrar. Enfim, caiu uma segunda vez, esgotado; arrastou-se de joelhos para fora da cela e se encolheu em frente à porta, numa atitude de espanto. Ficou assim mais de uma hora sem fazer um movimento, olhos fixos na cela deserta, mais sombrio e mais pensativo do que uma mãe sentada entre um berço vazio e um caixão cheio. Não pronunciava uma palavra; apenas, em longos intervalos, um soluço sacudia com violência todo o seu corpo, mas um soluço sem lágrimas, como esses relâmpagos de verão que não fazem barulho.

Parece que foi então que, procurando no fundo de seu devaneio quem podia ser o sequestrador inesperado da egípcia, pensou no arquidiácono. Lembrou-se de que apenas dom Claude tinha a chave da escada que conduzia à cela; lembrou-se de seus assédios noturnos à jovem, do primeiro, a que ele, Quasímodo, havia ajudado, do segundo, que ele tinha impedido. Lembrou-se de mil detalhes e logo não duvidava mais que o arquidiácono tinha lhe tomado a egípcia. No entanto, tamanho era seu respeito pelo padre; o reconhecimento, a devoção, o amor por esse homem tinham raízes tão profundas em seu coração que elas resistiam, mesmo nesse momento, às unhas do ciúme

e do desespero.

Ele pensava que o arquidiácono havia feito aquilo, e a cólera sangrenta e mortal que ele teria sentido por qualquer outro, por se tratar de Claude Frollo, se transformava no pobre surdo em aumento da dor.

Na hora em que seu pensamento se fixava assim no padre, quando a alvorada branqueava os arcobotantes, ele viu no andar superior de Notre-Dame, no cotovelo que faz a balaustrada externa, que gira em torno da abside, uma figura caminhando. Essa figura vinha para o seu lado. Ele a reconheceu. Era o arquidiácono. Claude caminhava num passo grave e lento. Não olhava para a frente, dirigia-se para a torre setentrional, mas seu rosto estava virado de lado, para a margem direita do Sena, e ele mantinha a cabeça erguida, como se houvesse tentado enxergar alguma coisa por cima dos telhados. A coruja tem muitas vezes essa atitude ambígua. Ela voa para um ponto e olha para outro. De modo que o padre passou acima de Quasímodo sem o ver.

O surdo, que essa brusca aparição havia petrificado, o viu se meter pela porta da escada da torre setentrional. O leitor sabe que essa torre é aquela de onde se vê o Hôtel de Ville. Quasímodo se levantou e seguiu o arquidiácono.

Quasímodo subiu a escada da torre por subir, para saber por que o padre subia. De resto, o pobre sineiro não sabia o que faria, o que diria, o que queria. Estava cheio de cólera e temor. O arquidiácono e a egípcia se chocavam em seu coração.

Quando alcançou o topo da torre, antes de sair do escuro da escada e de entrar na plataforma, ele examinou com precaução onde estava o padre. O padre lhe dava as costas. Há uma balaustrada vazada que rodeia a plataforma do campanário. O padre, cujos olhos mergulhavam na cidade, estava com o peito encostado naquele dos quatro lados da balaustrada que olha para a Pont Notre-Dame.

Quasímodo, avançando pé ante pé atrás dele, foi ver o que ele olhava assim. A atenção do padre estava tão absorta em outra parte que nem ouviu o surdo andando perto dele.

Paris é um magnífico e encantador espetáculo, sobretudo a Paris de então vista do alto das torres de Notre-Dame à luz fresca de uma alvorada de verão. Podia-se estar, naquele dia, em julho. O céu era perfeitamente sereno. Algumas estrelas atrasadas nele se apagavam em diversos pontos, e havia uma, muito brilhante, a levante, na parte mais clara do céu. O sol estava a ponto de aparecer. Paris começava a se movimentar. Uma luz muito branca e pura realçava vivamente ao olhar todos os planos que seus milhares de casas apresentam a oriente. A sombra gigante dos campanários ia de tetos em tetos, de uma ponta a outra da cidade. Já havia quarteirões que falavam e que faziam

barulho. Aqui o bater de um sino, ali de um martelo, acolá o tilintar complicado de uma carroça andando. Já algumas fumaças se desprendiam aqui e ali em toda essa superfície de telhados como pelas fissuras de um imenso vulcão. O rio, que franze suas águas nos arcos de tantas pontes, na ponta de tantas ilhas, era ondulado de pregas prateadas. Em torno da cidade, fora das muralhas, a vista se perdia num grande círculo de vapores flocosos através dos quais se distinguia confusamente a linha indefinida das planícies e a graciosa elevação dos morros. Toda sorte de ruídos flutuantes se dispersava nessa cidade semidesperta. A oriente, o vento da manhã afugentava através do céu alguns brandos algodões arrancados da pelagem de bruma das colinas.

No adro, algumas mulheres, que tinham na mão seu pote de leite, mostravam com espanto umas às outras o estrago singular da porta principal de Notre-Dame, e dois riachos de chumbo congelados entre as fendas dos granitos. Era tudo o que restava do tumulto da noite. A fogueira acesa por Quasímodo entre as torres tinha se apagado. Tristan já havia desimpedido a praça e mandado jogar os mortos no Sena. Reis como Luís XI tomam o cuidado de lavar depressa o chão depois de um massacre.

Fora da balaustrada da torre, precisamente abaixo do ponto em que o padre tinha parado, havia uma dessas gárgulas de pedra fantasticamente talhadas que eriçam os edifícios góticos; e, numa fissura dessa gárgula, dois belos goiveiros em flor, sacudidos e tornados como vivos pelo sopro do ar, faziam-se cumprimentos brincalhões. Acima das torres, no alto, bem no fundo do céu, ouviam-se pequenos piados de passarinho.

Mas o padre não ouvia, não via nada disso tudo. Era desses homens para os quais não há manhãs, não há passarinhos, não há flores. Nesse imenso horizonte que adquiria tantos aspectos à sua volta, sua contemplação estava concentrada num ponto único.

Quasímodo morria de vontade de saber o que ele fizera da egípcia; mas o arquidiácono parecia nesse momento estar fora do mundo. Estava visivelmente num desses minutos violentos da vida em que não sentiria a terra ruir. Os olhos invariavelmente fixados em certo lugar permaneciam imóveis e silenciosos; e esse silêncio e essa imobilidade tinham algo de tão temível que o selvagem sineiro tremia diante dele e contra ele não ousava se chocar. Mas, e era outra maneira de interrogar o arquidiácono, ele seguiu a direção de seu campo visual e desse modo o olhar do desditado surdo bateu na Place de Grève.

Ele viu assim o que o padre espiava. A escada estava preparada perto da forca permanente. Havia alguma gente na praça e muitos soldados. Um homem arrastava no chão uma coisa branca a que uma coisa negra estava agarrada. Esse homem parou perto da forca. Aqui

aconteceu algo que Quasímodo não viu direito. Não que seu olho único não houvesse conservado seu longo alcance, mas havia um grande número de soldados que impedia distinguir tudo. Aliás, nesse instante o sol apareceu e uma torrente de luz tão forte transbordou por cima do horizonte que parecia que todas as pontas de Paris, flechas, chaminés, empenas, pegavam fogo ao mesmo tempo.

Enquanto isso, o homem começou a subir a escada. Então Quasímodo o viu distintamente. Ele carregava uma mulher no ombro, uma jovem vestida de branco; essa jovem tinha um nó no pescoço. Quasímodo a reconheceu. Era ela.

O homem chegou assim no alto da escada. Ali, arrumou o nó. Aqui o padre, para ver melhor, se pôs de joelhos na balaustrada.

De repente o homem empurrou bruscamente a escada com o calcanhar, e Quasímodo, que não respirava mais havia alguns instantes, viu balançar na ponta da corda, a duas toesas do chão, a pobre moça com o homem acorado em seus ombros. A corda girou várias vezes sobre si mesma, e Quasímodo viu horríveis convulsões correrem ao longo do corpo da egípcia. O padre, por sua vez, pescoço espichado, olhos saindo das órbitas, contemplava aquele grupo pavoroso do homem e da mocinha, da aranha e da mosca.

No momento em que a coisa era mais medonha, um riso demoníaco, um riso que só se pode dar quando não se é mais homem, se deflagrou no rosto lívido do padre. Quasímodo não escutou esse riso, mas o viu. O sineiro recuou alguns passos atrás do arquidiácono e de repente, correndo para ele com furor, empurrou-o com suas grossas mãos no abismo sobre o qual dom Claude estava debruçado.

O padre gritou:

— Danação!

E caiu.

A gárgula acima da qual ele se encontrava o deteve em sua queda. Ele se agarrou nela com mãos desesperadas e no momento em que abria a boca para soltar um segundo grito, viu passar na beira da balaustrada, acima da sua cabeça, a figura formidável e vingadora de Quasímodo. Então se calou.

O abismo estava abaixo dele. Uma queda de mais de duzentos pés, e as pedras do chão. Nessa situação terrível, o arquidiácono não disse uma palavra, não deu um gemido. Apenas se contorceu na gárgula fazendo esforços inauditos para subir; mas suas mãos não se firmavam no granito, seus pés arranhavam a muralha enegrecida, sem se prenderem. As pessoas que subiram nas torres de Notre-Dame sabem que há uma saliência da pedra imediatamente abaixo da balaustrada. É nesse ângulo reentrante que o miserável arquidiácono se esfalfava. Ele não enfrentava uma parede a pique, mas uma parede que fugia a

seus pés.

Para tirá-lo do abismo teria bastado a Quasímodo lhe estender a mão; mas Quasímodo nem olhava para ele. Olhava para a Grève. Olhava para a força. Olhava para a egípcia. O surdo estava debruçado na balaustrada no lugar em que o arqui-diácono estivera um momento antes, e aí, não tirando o olho do único objeto que havia para ele no mundo naquele momento, ficou imóvel e mudo como um homem fulminado, enquanto um comprido rio de lágrimas escorria em silêncio desse olho que até então não havia derramado mais que uma só lágrima.

Enquanto isso, o arqui-diácono ofegava. Sua testa calva suave em bicas, suas unhas sangravam na pedra, seus joelhos se esfolavam na parede. Ele ouvia sua batina, presa à gárgula, estourar e se descosturar a cada abalo que ele lhe dava. Para cúmulo da infelicidade, essa gárgula era terminada por um cano de chumbo que cedia com o peso de seu corpo. O arqui-diácono sentia o cano se dobrar lentamente. O miserável estava pensando que quando suas mãos estivessem acabadas de cansaço, quando sua batina estivesse rasgada, quando aquele chumbo estivesse dobrado, teria de cair, e o terror o agarrava pelas entranhas. Algumas vezes ele olhava com desvario para uma espécie de platibanda formada, uns dez pés abaixo, pelos acidentes das esculturas, e pedia ao céu, no fundo de sua alma em desespero, que pudesse terminar sua vida nesse espaço de dois pés quadrados, ainda que ela durasse cem anos. Uma vez ele olhou para abaixo de si, para a praça, para o abismo; a cabeça que ele levantou depois fechava os olhos e tinha os cabelos eriçados.

Era uma coisa aterradora o silêncio desses dois homens. Enquanto o arqui-diácono, a alguns pés dele, agonizava desse modo horrível, Quasímodo chorava e olhava para a Grève.

O arqui-diácono, vendo que todos os seus sobressaltos só serviam para abalar o frágil ponto de apoio que lhe restava, resolveu não se mexer mais. Ele estava ali, abraçando a gárgula, mal respirando, não se mexendo mais, não tendo outros movimentos além dessa convulsão maquinal do ventre que sentimos nos sonhos quando acreditamos cair. Seus olhos fixos estavam abertos de uma maneira doentia e surpresa. Pouco a pouco, porém, ele perdia terreno, seus dedos deslizavam na gárgula; ele sentia cada vez mais a fraqueza de seus braços e o peso de seu corpo. A curvatura do chumbo que o sustentava se inclinava a todo instante um pouco mais para o abismo. Ele via abaixo de si, coisa pavorosa, o telhado da igreja de Saint-Jean-le-Rond, pequeno como uma carta dobrada em dois. Via uma depois da outra as impassíveis esculturas da torre, suspensas como ele sobre o precipício, mas sem terror por elas nem piedade por ele. Tudo era de pedra ao seu redor:

diante de seus olhos, os monstros com suas bocarras abertas; abaixo dele, bem ao fundo, na praça, o chão; acima de sua cabeça, Quasímodo chorando.

Havia no adro alguns grupos de curiosos que procuravam tranquilamente adivinhar quem podia ser o louco que se divertia de uma maneira tão estranha. O padre os ouvia falar, porque as vozes chegavam até ele, claras e tênues:

— Ele vai quebrar o pescoço!

Quasímodo chorava.

Enfim, o arquidiácono espumando de raiva e de pavor compreendeu que era tudo inútil. Reuniu, porém, tudo o que lhe restava de forças para um derradeiro esforço. Endireitou-se em cima da gárgula, pressionou a parede com seus joelhos, se agarrou com as mãos numa fenda das pedras e conseguiu subir talvez um pé; mas essa movimentação fez o bico de chumbo em que se apoiava dobrar bruscamente. Com isso a batina se rasgou. Então, sentindo tudo lhe faltar sob os pés, não tendo mais do que suas mãos enrijecidas e fraquejantes se agarrando a algo, o infeliz fechou os olhos e soltou a gárgula. Caiu.

Quasímodo olhou-o cair.

Uma queda de tão alto raramente é perpendicular. O arquidiácono, lançado no espaço, caiu primeiro de cabeça para baixo e de mãos estendidas; depois girou várias vezes em torno de si mesmo; o vento o empurrou para o telhado de uma casa, onde o infeliz começou a se quebrar. Mas não estava morto quando chegou lá. O sineiro o viu tentar ainda se agarrar à empena com as unhas, porém o plano era demasiado inclinado, e ele já não tinha forças. Escorregou rapidamente pelo teto como uma telha que se solta e foi quicar no calçamento. Ali, não se mexeu mais.

Quasímodo então ergueu o olhar para a egípcia cujo corpo ele via, pendurado na forca, estremecer ao longe sob sua túnica branca nos derradeiros tremores da agonia, depois baixou-o para o arquidiácono, estendido ao pé da torre e não tendo mais forma humana, e disse com um soluço que levantou seu peito profundo:

— Oh! Tudo o que amei!

O CASAMENTO DE PHOEBUS

Ao anoitecer daquele mesmo dia, quando os funcionários do bispo foram buscar no chão do Parvis o cadáver destroçado do arqui-diácono, Quasímodo havia desaparecido de Notre-Dame.

Muitos boatos correram sobre essa aventura. Não se duvidava que chegaria o dia em que, pelo pacto que firmaram, Quasímodo, isto é, o diabo, devia levar Claude Frollo, isto é, o feiticeiro. Supunham que ele havia quebrado o corpo ao pegar a alma, como os macacos que quebram a casca para comer a noz.

É por isso que o arqui-diácono não foi inumado em terra santa.

Luís XI morreu um ano depois, no mês de agosto de 1483.

Quanto a Pierre Gringoire, ele conseguiu salvar a cabra e obteve sucesso na tragédia. Parece que depois de ter experimentado a astrologia, a filosofia, a arquitetura, a hermética, todas as loucuras, ele voltou à tragédia, que é a mais louca de todas. É o que ele chamava de “ter um fim trágico”. Eis, acerca de seus triunfos dramáticos, o que se lê desde 1483 nos registros da diocese: “A Jehan Marchand e Pierre Gringoire, carpinteiro e compositor, que fizeram e compuseram o mistério encenado no Châtelet de Paris quando da entrada do senhor legado, distribuíram os personagens, adereçados e vestidos estes como o dito mistério requeria; e igualmente por terem feito a carpintaria necessária; e para fazê-lo, cem libras”.

Phoebus de Châteaupers também teve um fim trágico: ele se casou.

O CASAMENTO DE QUASÍMODO

Acabamos de dizer que Quasímodo havia desaparecido de Notre-Dame no dia da morte da egípcia e do arquidiácono. De fato, nunca mais foi visto; não se soube que fim levara.

Na noite que seguiu o suplício de Esmeralda, os auxiliares do carrasco tiraram o corpo da forca e o levaram, conforme era o uso, para os porões de Montfaucon.

Montfaucon, como diz Sauval, era “o mais antigo e mais soberbo patíbulo do reino”, entre os subúrbios do Temple e de Saint-Martin. A cerca de cento e sessenta toesas das muralhas de Paris, a alguns alcances de arbalista da Courtille, via-se no alto de uma elevação suave, imperceptível, mas alta o bastante para ser avistada de algumas léguas ao redor, um edifício de forma estranha, que parecia um cromlech celta e onde se faziam também sacrifícios humanos.

Imaginem, no topo de um monte de gesso, um grande paralelepípedo de alvenaria, com quinze pés de altura, trinta de largura, quarenta de comprimento, com uma porta, uma rampa externa e uma plataforma; nessa plataforma, dezesseis enormes pilares de pedra bruta, verticais, com trinta pés de altura, dispostos em colunata em torno de três dos quatro lados do maciço que os suporta, ligados entre si no topo por fortes vigas de que pendem umas correntes, de intervalo em intervalo; em todas essas correntes, esqueletos; nos arredores, na planície, uma cruz de pedra e duas forcas secundárias que parecem brotar da principal; acima de tudo isso, no céu, um voo perpétuo de corvos; eis Montfaucon.

No fim do século xv, o formidável patíbulo, que datava de 1328, já estava bem decrépito; as vigas estavam carcomidas, as correntes enferrujadas, os pilares verdes de musgo; as bases de pedra de cantaria estavam todas fendidas em sua junção, e o mato crescia nessa plataforma que os pés não tocavam. Era um horrível perfil contra o céu, o desse monumento; principalmente de noite, quando havia um

pouco de luar nesses crânios brancos ou quando a brisa do anoitecer fazia correntes e esqueletos se chocarem e movimentava isso tudo na penumbra. Bastava esse patíbulo ali presente para fazer de todos os arredores lugares sinistros.

O maciço de pedra que servia de base à odiosa construção era oco. Havia feito um vasto porão, fechado com uma grade de ferro velha e avariada, onde eram jogados não apenas os despojos humanos que se soltavam das correntes de Montfaucon, mas também os corpos de todos os infelizes executados nas outras forcas permanentes de Paris. Nesse profundo ossário em que tantas poeiras humanas e tantos crimes apodreceram juntos, muitos grandes do mundo, muitos inocentes vieram sucessivamente trazer seus ossos, desde Enguerrand de Marigni,³⁰⁷ que estreou Montfaucon e era um justo, até o almirante de Coligni,³⁰⁸ que o encerrou e era um justo.

Quanto ao misterioso desaparecimento de Quasímodo, eis o que pudemos descobrir.

Cerca de dois anos ou dezoito meses depois dos acontecimentos que terminam esta história, quando vieram buscar no porão de Montfaucon o cadáver de Olivier, o Gamo, que havia sido enforcado dois dias antes e a quem Carlos VIII concedia a graça de ser enterrado na igreja de Saint-Laurent em melhor companhia, foram encontrados entre todas aquelas carcaças hediondas dois esqueletos, um dos quais abraçava singularmente o outro. Um desses dois esqueletos, que era de uma mulher, ainda tinha alguns farrapos de um pano que fora branco, e via-se ao seu pescoço um colar de grãos de cinamomo, com um saquinho de seda ornado de bijuteria verde, que estava aberto e vazio. Esses objetos tinham tão pouco valor que o carrasco na certa não os quis. O outro esqueleto, que abraçava estreitamente o primeiro, era de homem. Notou-se que ele tinha a coluna vertebral desviada, a cabeça entre as omoplatas e uma perna mais curta do que a outra. Quanto ao mais, não tinha nenhuma ruptura de vértebra na nuca e era evidente que não havia sido enforcado. O homem a quem ele pertencera viera pois até lá, e lá morrera. Quando quiseram soltá-lo do esqueleto que ele abraçava, desfez-se em poeira.

FIM

307. Enguerrand de Marigny (1260-1315), ministro de Filipe, o Belo. (N. E.)

308. Gaspard de Coligny (1519-72), importante líder protestante. (N. E.)

Cronologia

- 1802 Nasce em 26 de fevereiro em Besançon Victor Marie Hugo, terceiro filho do capitão Léopold Hugo e de Sophie Trébuchet.
- 1822 Casa-se com Adèle Foucher, por quem seu irmão Eugène também está apaixonado. Eugène tem um surto de loucura na noite de núpcias e é internado no fim do ano.
Publicação de *Odes e poesias diversas*.
- 1823 Lança em julho o primeiro número de *La Muse française*, revista de arte e literatura, que circulará por apenas um ano.
Publicação de *Han de Islândia*, romance influenciado pelo romance policial e por Walter Scott.
- 1824 Nasce Léopoldine, filha de Victor e Adèle Hugo, em 28 de agosto. Colhe informações sobre a colônia penal de Toulon. Publica *Le Dernier Jour d'un condamné*, violento manifesto contra a pena de morte.
Publicação das *Novas odes*.
- 1826 Em 2 de novembro nasce Charles, segundo filho do casal Hugo.
Publicação de *Bug-Jargal* (segunda versão) e *Odes e baladas*.
- 1827 Torna-se líder do movimento romântico. Começa uma amizade com Sainte-Beuve, que escreveu vários artigos sobre as *Odes e baladas* em *Le Globe*.
Publicação de *Cromwell* e seu célebre prefácio.
- 1828 Fiasco de *Amy Robsart* no teatro *Odéon*.
Nasce François Victor, em 27 de outubro, terceiro filho de Victor Hugo.
Hugo assina, com Charles Gosselin, um contrato de edição de *As orientais*, *Bug-Jargal*, *O último dia de um condenado* e de “um romance à moda de Walter Scott”, que viria a ser *O corcunda de Notre-Dame*.
- 1829 As relações com Gosselin se degradam.
- 1830 Estreia de *Hernani* na Comédie-Française, em 25 de fevereiro.
Início da Revolução de Julho, em 27 de julho.
Em 28 de julho, nasce Adèle, quarta criança do casal Hugo. Ele e sua mulher passam a dormir em quartos separados.
Em 31 de julho, o duque de Orléans se torna Luís Felipe I. Início da Monarquia de Julho.
Sainte-Beuve e Adèle, esposa de Victor Hugo, dão início a um relacionamento.
- 1831 Publicação de *O corcunda de Notre-Dame*.
- 1832 Inicia seu relacionamento com Juliette Drouet, de quem não iria mais se separar. Juliette desenha uma planta de Digne, onde inscreve o nome “Jean Tréjean”. Redige notas sobre a família de Miollis, fonte de inspiração para o

personagem do Bispo de Digne. Nelas preocupa-se mais com o General que com o irmão Bispo.

Em julho, por contrato, rompe com Gosselin, passando a publicar com Renduel.

Em 17 de dezembro, Renduel publica a nova edição de *O corcunda de Notre-Dame*, com prefácio e três capítulos “encontrados”.

Publicação de *Guerra aos demolidores!* (2ª parte), *Folhas de outono*, *O rei se diverte*.

1833 Publicação de *Lucrécia Bórgia*, *Maria Tudor*.

1834 Em Roma, um decreto põe *O corcunda de Notre-Dame* no Índice.

Publicação de *Miscelânea de literatura e filosofia*; e *Claude Gueux*, primeira obra sobre a miséria.

1835 Em 10 de janeiro, Guizot cria a “Comissão dos monumentos inéditos da literatura, da filosofia, das ciências e das artes considerados em suas relações com a história geral da França”, de que Victor Hugo será membro até 1848. A finalidade da comissão é pesquisar “todos os documentos relacionados à história moral e intelectual do país” e fazer o inventário dos monumentos a fim de organizar sua proteção.

Publicação de Ângelo, tirano de Pádua, *Cantos do crepúsculo*.

1836 Em 14 de novembro, *La Esmeralda*, ópera de Louise Bertin com libreto de Victor Hugo, é representada pela primeira vez no teatro da Academia de Música.

1837 Durante uma de suas viagens anuais com Juliette, passa por Montreuil-sur-Mer, que não chega a impressioná-los de modo especial. Visita a colônia penal de Toulon, sem dúvida a gênese do futuro *Os miseráveis*. Toma notas sobre a indústria dos vidrilhos negros que, no romance, fará a fortuna de Jean Valjean.

Publicação de *Vozes interiores*.

1838 Em 26 de janeiro, é nomeado membro da nova Comissão das artes e monumentos, de que também fazem parte Mérimée, Montalembert, Vitet, Taylor.

Publicação de *Ruy Blas*.

1841 Hugo é eleito em 7 de janeiro para a Academia Francesa, após cinco anos de esforços inúteis.

Intervem em favor de uma prostituta acusada de perturbar a ordem pública, no posto de polícia da rua Taitbout: origem de *Fantine*.

1842 Publicação de *O Reno*.

1843 Fracasso da peça *Os Burgraves*.

Em 4 de setembro, morre a filha Léopoldine Hugo, afogada no Sena com o marido, perto de Villequier. Victor Hugo toma conhecimento do ocorrido pelo jornal, três dias depois, em Rochefort.

1845 Em 13 de abril, é feito par da França por Luís Filipe.

É descoberto seu adultério com Léonie Biard. O escândalo é abafado. Ele se fecha em casa para escrever, enquanto ela é enviada à prisão, depois a um convento.

Em 17 de novembro, inicia a redação de *Os miseráveis*, intitulado ainda *Jean Tréjean*.

1846 Em 22 de fevereiro, transcreve uma cena que presenciou: um pobre que havia roubado um pão fora preso e olhara com ódio, dentro de um coche elegante, uma duquesa e seu filho.

Começa provavelmente a escrever *Melancholia*, terminado por volta de 1854, poema que figurará em *As contemplações*, livro em que ele diz estar contido o embrião de seu romance. Dedica-se todo o ano a *Os miseráveis*.

Assina contrato com os editores Renduel e Gosselin em 30 de dezembro, para a publicação da primeira parte do romance.

1848 Em 21 de fevereiro, interrompe o trabalho devido à Revolução. Chegara à “Parte IV, livro 15, capítulo 1”. Parte do material fora escrita em duas versões sucessivas, o restante passara por revisões ou sofrera acréscimos.

1849 Em 15 de maio, Hugo é eleito para a Assembleia Legislativa, dedicando-se primordialmente à atividade parlamentar e à política.
Faz um discurso intitulado *A miséria*, de conteúdo antissocialista, pregando a destruição “dessa coisa sem nome”, o que leva ao rompimento com seu partido.

1850 No Théâtre de l’Ambigu Comique, estreia de *O corcunda de Notre-Dame*, peça de Paul Foucher baseada na obra de Hugo.

1851 Golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, em 2 de dezembro.
Após tentar organizar uma resistência ao golpe, vê-se obrigado a fugir para a Bélgica. Segue-se um longo exílio de dezenove anos nas ilhas de Jersey e, depois, Guernesey. Começa a escrever *A história de um crime*.

1852 Publicação de *Napoleão, o Pequeno*, contra Napoleão III.

1853 Publicação de *Castigos*.

1855 É expulso de Jersey e parte para Guernesey. Instala-se em Hauteville-House.
Começa a escrever *Deus*.

1856 Publicação de *As contemplações*.

1857 Começa a escrever *A piedade suprema* e *L’Âne*.

1859 Napoleão III oferece anistia a Hugo, que responde: “Quando a liberdade voltar, eu voltarei”.
Publicação de *A legenda dos séculos*.

1860 Relê o manuscrito de *Os miseráveis*.
Escreve *Philosofie*, que pensa usar como prefácio. Recomeça o trabalho no romance, fazendo adições ao texto existente.

1861 Entre 22 de maio e 30 de junho, termina *Os miseráveis* perto do campo de batalha de Waterloo, em Mont-Saint-Jeam.
Em setembro, inicia a revisão geral.

Assina, em Guernesey, um contrato com o editor Lacroix, de Bruxelas: 300 mil francos por doze anos de exploração comercial da obra.

1862 Entre o envio dos manuscritos e as provas, dedica-se ao último acréscimo. “Waterloo” (parte II, livro 1), “Os cemitérios recebem o que lhes dão” (parte II, livro 8), “Parêntese” (parte II, livro 7) e “Os amigos do ABC” (parte III, livro 4).

Em 15 de julho, termina a revisão completa.

Publicação de *Os miseráveis*, feita simultaneamente em Bruxelas e Paris.

1863 Publicação de *William Shakespeare*.

1865 Publicação de *Canções das ruas e dos bosques*.

1866 Publicação de *Os trabalhadores do mar, Mil francos de recompensa, A intervenção*.

1869 Publicação de *O homem que ri*.

1870 Em 5 de setembro, após a derrota da França diante da Prússia, volta a Paris.
Fim do exílio. Começa a escrever *Religiões e religião*.

1871 É eleito deputado do departamento do Seine na assembleia de Bordeaux em 8

de fevereiro.

Pede demissão no dia 8 de março.

1874 Publicação de *O noventa e três*.

1875 Publicação de *Atos e palavras: Antes do exílio e durante o exílio*.

1876 É nomeado senador do Seine em 30 de janeiro.

Publicação de *Atos e palavras: Depois do exílio*.

1877 Publicação de *A arte de ser avô*; segunda série de *A legenda dos séculos*; primeira parte de *História de um crime*.

1879 Publicação de *A piedade suprema*.

1880 Publicação de *Religiões e religião; L'Âne*.

1883 Publicação de a terceira série de *A legenda dos séculos*.

1885 Em 22 de maio falece Victor Hugo, aos 83 anos. Será inumado no Panteão, com honras de Estado, no dia 1o de junho.

1886 Publicação póstuma de *O fim de Satanás*.

1891 Publicação póstuma de *Deus*.

Obras de Victor Hugo

ROMANCES

Han d'Islande [1823]
Bud-Jargal [1826]
Le Dernier jour d'un condamné [1829]
Notre-Dame de Paris [1831]
Claude Gueux [1834]
Les Misérables [1862]
Les Travailleurs de la mer [1866]
L'Homme qui rit [1869]
Quatrevingt-treize [1874]

POESIA

Odes et poésies diverses [1822]
Nouvelles odes [1824]
Odes et ballades [1826]
Les Orientales [1829]
Les Feuilles d'automne [1832]
Les Chants du crépuscule [1835]
Les Voix intérieures [1837]
Les Rayons et les ombres [1840]
Les Châtiments [1853]
Les Contemplations [1856]
La Légende des siècles [1859-83]
Les Chansons des rues et des bois [1865]
L'Année terrible [1872]
Actes et paroles [1875-6]
La Légende des siècles [1859-83]
L'Art d'être grand-père [1877]

Le Pape [1878]
La Pitié suprême [1879]
Religions et religion [1880]
L'Âne [1880]
Les Quatre vents de l'esprit [1881]

TEATRO

Cromwell [1828]
Hernani [1830]
Marion de Lorme [1831]
Le Roi s'amuse [1832]
Lucrèce Borgia [1833]
Marie Tudor [1833]
Angelo, tyran de Padoue [1835]
La Esmeralda [1836]
Ruy Blas [1838]
Les Burgraves [1843]
Inez de Castro [1863]
Torquemada [1882]

ENSAIO

William Shakespeare [1864]

DIÁRIO DE VIAGEM

Le Rhin [1842]

PANFLETO EM PROSA

Napoléon-le-Petit [1852]

PUBLICAÇÃO PÓSTUMA

Théâtre en liberté [1886]
La Fin de Satan [1886]
Choses vues [1887-1900]
Toute la lyre [1888-93]

Alpes et Pyrénées [1890]
Dieu [1891]
France et Belgique [1892]
Les Années funestes [1898]
Post scriptum de ma vie [1901]
Dernière Gerbe [1902]
Océan, Tas de pierres [1942]

TRADUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Os miseráveis. Trad. de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
Maria Tudor. Trad. de J. M. de Souza Lobo. São Paulo: Peixoto Neto, 2016.
O homem que ri. Trad. de Ivone Benedetti. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
O último dia de um condenado. Trad. de Joana Canedo. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
William Shakespeare. Trad. de Renata Cordeiro e Paulo Schmidt. Londrina: Campanário, 2000.
Os trabalhadores do mar. Trad. de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

Copyright © 2018 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright do prefácio © 2004 by John Sturrock

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores
dos direitos autorais do prefácio. A editora agradece qualquer
informação relativa aos titulares.

TÍTULO ORIGINAL
Notre-Dame de Paris

PREPARAÇÃO
Sílvia Massimini Felix

TRADUÇÃO DO PREFÁCIO
Débora Landsberg

REVISÃO
Angela das Neves
Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-545-1290-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br